

OS ANÉIS DO TEMPO



CHUS NEVADO





OS ANÉIS DO TEMPO

Chus Nevado



SINOPSE

“Vou ensiná-la a depender completamente de mim; de minhas carícias, de meus beijos... enfeitiçou-me, fez-me dependente de você. Converteu-se em minha droga, mas agora eu vou retribuir da mesma forma. Assim compreenderá que me fez sofrer em sua ausência e nunca, jamais, voltará a passar por sua cabeça afastar-se de mim. Vou conseguir que, como eu, seja viciada a um simples roce de minha pele.”

Depois da morte de seu noivo, Chloe perdeu a ilusão de viver e as recordações não deixam de atormentá-la. Até que um acidente a deixa inconsciente e tudo muda...

Quando desperta, seu passado tinha desaparecido: a jovem se encontra em um castelo, em pleno século XVII, onde sem querer acaba envolvida em uma trama de conspirações. Usada como instrumento para uma obscura vingança, conhecerá Cedric, um rude guerreiro cuja família foi vítima de uma terrível traição.

Ainda que odeie com toda a sua alma a este homem que a faz sofrer, a hostilidade mútua irá desaparecendo até o ponto que ele deixará de lado suas obrigações e a causa pela qual lutava, ela acabará iludindo-se com ele. E que saibam que ambos tentaram resistir, mas o fogo surgirá. Poderá o amor

triunfar sobre o destino?

*A César, o autêntico pilar de minha vida.
Amo-te, meu amor.*

Dizem que um escritor é uma alma solitária que caminha sem mais companhia que sua própria imaginação e a vontade de levar a bom término esse longo trajeto que constitui o processo de criação de um manuscrito. Em meu caso, dita informação não poderia estar mais equivocada. Durante minha viagem particular pelas letras, muito tem sido as pessoas que caminham dia a dia junto a mim, contribuindo para que esta novela viesse à luz, assim que não seria justa se deixasse passar a oportunidade de agradecer sinceramente toda a ajuda e o apoio que me prestaram.

A Carmen Cano, minha primeira leitora, por aguentar estoicamente o suplício que a fiz passar de capítulo em capítulo enquanto escrevia. Obrigada por sua paciência infinita.

A Mar Carrión, Menchu Garcerán e Ana R. Vivo, por dar-me força e o empurrão necessário para conseguir que um projeto se converte em realidade. Se *Os Anéis do Tempo* chegou a seu fim foi graças a suas insistências, igual à Puri Garcia, Cindy González e Choni Torrejón. Sempre recordarei aqueles risos enquanto falávamos contra já sabes quem... São as melhores, meninas.

A minha queridíssima Penélope González, a quem enganei vilmente, mas por uma boa causa. Obrigado por sua sinceridade.

A Juana Garat, minha leitora e primeira crítica do outro lado do rio.

A Yolanda Quiralte, porque me abriu os olhos e me fez dar os últimos ajustes ao manuscrito. Obrigado por sua positividade e por ser como és.

A Violeta Lago, Merche Diolch e Noelia Amarillo, por estarem sempre ali, para o bom e para o mal, aguentando minhas neuras e insônias.

As críticas mais ferozes e melhores corretoras: Joana Castro, que também me facilitou uma ótima tradução do gaélico, e Geni Fernandez, toda uma rachadura no intestino.

Ambas não só foram meus olhos quando já não via nada, também são as responsáveis de que esteja tão orgulhosa do resultado final.

Este livro é um pouco de todas nós, minhas amigas. Obrigado de coração.

Ao longo dos tempos, o ódio e a inveja tem sido sempre dois dos principais detonadores da maioria dos conflitos que afetaram a humanidade.

As decisões e os atos de uma única pessoa não só são capazes de alterar a vida de muitas pessoas, mas também o rumo da história. Dizem que o destino não pode mudar, que tudo está escrito em algum lugar antes inclusive de haver acontecido. Isso dizem... mas se o ódio e a inveja são sentimentos muito fortes, mais forte é a justiça. O valor do respeito. A audácia de atrever-se a modificar uma situação. Embora que a primeira

vista pareça uma utopia... acaso existe algo impossível?

PRÓLOGO

Em algum lugar ao norte da Inglaterra, vários séculos atrás.

Como se uma força superior tivesse movido alguns fios, em questão de segundos as densas nuvens que cobriam o firmamento se fizeram a um lado, deixando a visão perfeita da lua cheia. Seu reflexo se introduziu diretamente através da pequena janela e iluminou as frias e úmidas paredes daquela tétrica cela. De repente, um rosto cinza deformado por múltiplas cicatrizes se colocou entre o feixe de luz e o interior da masmorra. Observou com raiva o céu estrelado que se vislumbrava em um clarão aberto e, fixando sua vista na pálida cara da noite, murmurou algumas palavras ininteligíveis. Uma mão se aferrava as barras enferrujadas enquanto a outra, fechada em punho, se levantava desafiante ao exterior. Fechou com força as pálpebras e, durante um instante, o tempo pareceu deter-se. Até que suas palavras romperam o silêncio que reinava na escuridão.

— *An té nach mbaineann a chosa don talamh agus a eitlíonn ar nós éin seilge; an té a bhfuil nasc naofa ag a cholann leis na Daracha; té an chroí briste a bhfuil saol duairc aige dá*

bharr, dá mhéid é nach baol dó scaradh le gach aon ní; an té a thaistealós tríd na n — aoiseanna is trí spáis chun muid a scaoileadh saor, agus de bharr a ghníomhartha gheobhfaidh sé píonós cothrom ón té a ndearna feall ar a chine féin¹.

Nesse preciso momento, muito próximo dos muros, um potente raio impactou de cheio sobre o tronco seco de uma velha árvore. Então abriu de novo os olhos. Tinha-os injetados de sangue. Tentou sorrir, embora a única coisa que seus lábios puderam compor foi uma careta grotesca, no momento antes que um véu branco cobrisse suas pupilas.

Seu corpo caiu sem forças contra o chão, mas seus ensanguentados dedos seguiam fortemente fechados. Entre eles podiam se entrever algumas pedras gravadas com símbolos estranhos.

O destino estava selado.

Teriam que passar vários séculos até que o círculo se completasse, até que a profecia tivesse lugar. Ou talvez não tanto tempo...

Condado de Berwick, na atualidade.

O vento sibilava com fúria entre as árvores, agitando violentamente os ramos a seu passo. Nuvens cinza escureciam o céu e, de repente, todo vestígio de vida desapareceu.

Os pássaros deixaram de cantar, as gaivotas dispersaram-se em direção às falésias e os texugos correram para refugiarem-se em suas tocas.

O bosque ficou vazio, a exceção de uma figura solitária

que permanecia ali erguida, mortalmente quieta, imune ao açoite da tempestade.

Vestida de branco, uma roupa leve em estilo retro que chegava até os tornozelos e que, como uma serpente, enrolava-se entre suas pernas de modo implacável. As mangas do vestido não chegavam a proteger seus braços nus, cruzados com força ao redor de seu peito. Fazia tempo que o xale que cobria seus ombros tinha voado com a força do vento. Seu cabelo negro, emaranhado e repleto de folhas ocultava feições contraídas pela dor, ainda que apenas imperceptível e o incontrolável movimento de seus ombros ao chorar evidenciava esse sofrimento. Sozinha, aos pés de uma frondosa árvore ensombrada pelo céu cinza, resultava em uma aparição quase espectral. Ao seu redor, o lúgubre uivar do vento se assemelhava a uma legião de fantasmas, que procedentes do mundo inferior, voltaram a reclamar atenção dos vivos com seus lamentos rasgados.

Embora, ela só tinha em mente a imagem de um fantasma particular.

Essa manhã se tinha cumprido seis meses desde a morte de Martin. Ainda que quase já não pudesse recordar sua voz, o vazio que sentia em seu interior a seguia rasgando como no primeiro dia, desde o momento daquela maldita chamada telefônica que lhe informou sobre seu falecimento, tinha sumido em uma onda de desespero.

Ele tinha sido sua vida, sua razão de ser. Já nada tinha sentido para ela.

Todos os dias maldizia Deus por sua morte e, na mesma

hora rezava com fervor para que, ao menos, concedesse-lhe o incerto estado da demência, se isso acontecesse, poderia se entregar sem reservas a doce calma da ignorância que acompanhava os delírios da loucura. Assim esqueceria para sempre o sofrimento, a dor e a pena. Mas Deus não a escutava.

Agora só vivia, se isso podia se chamar de vida, a base de recordações. Recordações de como o conheceu, quatro anos atrás em Oxford, graças a um choque fortuito nos corredores da universidade. Ela chegava tarde à aula, como sempre. Corria carregada de livros quando, ao girar a última esquina que a separava da aula, topou-se de frente com ele. Os apontamentos saíram voando, mas ela não chegou a cair, pois fortes braços a sujeitaram antes mesmo de que pudesse piscar. Balbuciou uma tímida desculpa, seus olhos se encontraram e se prenderam. Um inocente convite à cafeteria da faculdade deu passo a outras saídas, fora do entorno acadêmico e, quando se deu conta, já estava perdidamente apaixonada. O mesmo havia acontecido a Martin.

Seu mundo agora estava centrado naqueles quatro anos, a evocação de múltiplas histórias vivenciadas junto a ele. Inconscientemente, levou uma mão até a base de seu pescoço, onde descansava a única recordação tangível que ficava dele. Tratava-se de um simples cordão de couro negro, engastado com algumas pedrinhas gravadas com estranhos símbolos. Era uma joia carente de valor material, parecia mais uma bugiganga sem valor, mas que estava dotada de um incalculável valor sentimental, ele a tinha presenteado antes de seu terrível acidente, confessando que esse colar havia passado

por sua família de geração a geração, embora ninguém soubesse explicar com certeza o porquê de sua importância. Ao que parecia o avô O'Connor tinha explicado a seu neto enquanto o entregava que era uma espécie de amuleto que protegia de todo mal quem o levasse. Grande sorte a sua!

Com seu punho apertando firmemente as contas, Chloe manteve o olhar perdido na pradaria que tinha servido de cenário para tantos encontros felizes com Martin, enquanto uma lágrima solitária descia por sua face. Outra dolorosa recordação que a acompanhava em seu interior. Naquela época do ano o campo já estava florido, completamente coalhado de primulas, papoulas e lírios sobre um manto de frescas ervas de cor verde intenso. Um mar de cores alegres que hoje se viam apagados, como se a paisagem também recordasse e a acompanhasse em sua tristeza. Ainda que Chloe não fosse capaz de ver isso.

Ela tinha a vista cravada em um ponto concreto, situado no extremo oposto, um velho carvalho para onde dirigiu seus passos como se fosse uma autômata.

Era uma árvore centenária, a última que se conservava do antigo bosque já inexistente devido ao desmatamento, em alguns meses iam começar a construir naquela região, mas esse carvalho tinha conseguido livrar-se graças à pressão de uma multidão de pessoas que o guardavam com um carinho especial. Ao longo da história, a árvore tinha sido espectadora muda do amor que se haviam professado numerosos pares de apaixonados, tal e como atestavam as profundas cicatrizes que sulcavam sua casca.

Chloe se aproximou e observou detidamente todas as marcas até que achou aquela que buscava. Com lágrimas já incontroladas fluindo por seu rosto, acariciou docemente umas letras muito conhecidas para ela: “M&C”. As imagens do dia em que foram escritas lhe chegaram como um flash.

Era um ensolarado domingo de julho. Aquela manhã tinha decidido organizar um pic-nic fora da cidade e, depois de uma pequena excursão pela região, descobriram a existência do velho carvalho. Presos pela curiosidade, começaram a ler todas a cada uma das inscrições gravadas no tronco, até que uma em concreto chamou sua atenção.

Os traços eram muito tênues e estavam parcialmente ocultos por uma capa de musgo, mas quando Martin o retirou com suas mãos, não deu crédito ao que viam seus olhos: "MDCXXI. Um amor que perdurará eternamente ao longo do tempo. D & C".

Aquela inscrição era antiquíssima, e assim indicou a Chloe. Ela, com um cuidado reverencial, passou a palma da mão sobre as marcas. Imediatamente a sacudiu um estremecimento indescritível que a fez cambalear, mas Martin a segurou forte, protegendo-a entre seus braços até que aquele estranho aturdimento desapareceu. Então a arrastou consigo para os pés da árvore, que em poucos minutos foi testemunha de seu primeiro encontro de paixão. Horas mais tarde, para selar de forma indelével aquele maravilhoso momento e fazer uma recordação para que seu amor perdurasse para sempre, como o dos dois enamorados da antiga inscrição, fizeram o que tantos outros pares haviam feito muito antes que eles:

deixaram sua própria marca.

“Até que estes amantes voltem a se encontrar no mesmo lugar. Até a eternidade”. Estas tinham sido as palavras expressadas por Martin depois que Chloe gravara no tronco suas iniciais. Rio amargamente. Que injusta era a vida! Aquela eternidade da qual Martin tinha feito menção se tornou impossível. Não voltaria a amar como havia amado a ele, já não sentiria a felicidade de um amor correspondido. Tudo isso tinha ido com ele, após sua partida, pensou abatida.

Tocou pela última vez a marca gravada no tronco e uma força invisível a atraiu novamente, fazendo com que suas mãos pousassem sobre a antiga inscrição. No momento sentiu um calafrio similar ao primeiro dia. Não pode suportá-lo mais e começou a correr, afastando-se daquele lugar repleto de dolorosas recordações.

Não sabia para onde se dirigia; só queria desaparecer dali o quanto antes.

Atravessou a pradaria correndo e, sem pensar, voltou a entrar nas profundidades do bosque. A tempestade que minutos antes se fazia anunciar desatou violentamente, ao mesmo tempo em que uma forte chuva batia contra o solo. Chloe tentou buscar abrigo, mas o bosque era uma armadilha muito fácil. Desorientada e incapaz de permanecer ali parada, correu sem rumo. Os ramos mais baixos das árvores lhe golpeavam o rosto e os ombros sem piedade, machucando-a cruelmente, e as ervas daninhas que cresciam selvagens e livres enroscavam em seu vestido, impedindo-a de avançar. Em sua ânsia de se afastar daquele lugar que gerava nela aquela

desagradável sensação de angústia, não foi consciente que se aproximava perigosamente da área que delimitava o bosque do mar. Quando se deu conta, já era muito tarde.

Tentou parar, mas algumas pedras situadas na beira do caminho se desprenderam a seus pés, fazendo que perdesse o equilíbrio e caísse sem remédio no vazio. Enquanto caía inexoravelmente para as profundezas daquela imensa massa de água, a última imagem que veio a mente foi de seu adorado Martin. Parecia afastar-se dela, olhando com muita tristeza, como se aquilo fosse um adeus definitivo entre eles. Solto um grito, mescla de medo e desespero, e logo tudo se voltou negro.

CAPITULO 1

Condado de Berwick, primeiro de maio de 1620.

Davie despertou bastante enjoado, deitado de costas, ainda bêbado pelos estragos do álcool. Sentia que estava a ponto de morrer, e não era para menos, dado seu lamentável estado. Nem mesmo se lembrava de como tinha chegado até sua cama depois da festa.

Um tênue sorriso desenhou-se em seus lábios ao relembrar, mas morreu no mesmo instante em que uma arcada ameaçou sair de sua garganta. Como se arrependida de ter bebido tanto! Parecia que seu estômago tivesse vida própria...

Inalou grandes quantidades de ar e, na intenção de buscar um bálsamo para seu mal-estar, voltou o rosto para a janela, por onde entrava ar fresco da manhã.

Não encontrou o alívio que esperava. Tinha a boca pastosa e todos os músculos do corpo doloridos, como se na noite anterior tivesse feito um intenso exercício e agora se ressentia pelo esforço realizado. Efetivamente, tanta ingestão de vinho tinha acabado por passar da conta. Ainda assim, tentou levantar-se, mas uma dolorosa pontada na cabeça acabou com

sua já pouca disposição. Acreditou que sua cabeça iria explodir, tão forte eram as palpitações que perfuravam seu cérebro. Para evitar maiores males, deu a volta na cama com deliberada lentidão até colocar-se de barriga para baixo e, enquanto cobria sua cabeça com a almofada, jurou que jamais voltaria a provar uma gota de álcool no que lhe restasse de vida.

Momentos depois, o barulho da porta pôs fim a seu precário descanso. Alguém entrou furtivamente no quarto, e mesmo o sussurro daqueles vacilantes passos bastou para tirar Davie da letargia que estava a ponto de cair novamente.

Não precisou girar para saber de quem se tratava. Mae sempre levava seu café da manhã, mas naquela ocasião bem poderia ter evitado. Ao menos teve a deferência de não tentar despertá-lo, como fazia todos os dias, e abandonou o quarto em completo silêncio, cuidando de não molestá-lo com sua intromissão. Contudo, Davie foi incapaz de conciliar novamente o sono depois da visita.

O cheiro da comida aumentou suas náuseas. Teve que tirar forças da fraqueza para se levantar, mas depois, sem mostrar nenhum tipo de remorso, afastou de um golpe a bandeja que descansava aos pés da cama e derrubou todo seu conteúdo no chão. Enquanto se lamentava por sua má sorte e de maneira confusa fazia um juramento, caminhou com passo torpe para um canto da habitação, onde por fim pode aliviar seus incontestáveis espasmos estomacais.

Uma hora mais tarde, já convenientemente asseado e bastante contrariado depois de ter aguentado com heroísmo a

monumental bronca da Mae por seu comportamento com o café da manhã, Davie saiu a dar seu passeio matutino a cavalo pela praia.

Embora a fresca brisa da manhã e a tranquilidade daquele idílico entorno convidavam a ter um momento de conforto, não pode desfrutar como em outros dias dos primeiros raios de sol da primavera. As longas mechas de cabelo negro que caíam por seu rosto não conseguiam evitar que a intensa luz do astro rei machucasse seus olhos, azuis como o mar, mas avermelhados pela ressaca. Depois de um lastimoso gemido fechou suas pálpebras, abaixou a cabeça e, soltando as rédeas, se deixou guiar por seu cavalo, um esplêndido exemplar de cor castanho e porte elegante, patas vigorosas e pescoço longo e musculoso.

O mar estava calmo, uma novidade depois de meses, assim que Davie aproveitou para esticar um pouco o passeio pela praia. Desse modo permitiria que Zar refrescasse suas patas e, ainda daria a si mesmo um descanso para sua cabeça dolorida.

Somente rasgava o silêncio, o alegre grasnido das gaivotas, que voavam livres sob um limpo céu azul, e o suave murmúrio das ondas batendo contra a orla. Todo o resto era um remanso de paz, a qual agradecia com uma muda oração.

Cavalgou sem rumo durante vários minutos, até que sentiu que o animal modificava sua velocidade ao entrar em um terreno pedregoso. Abriu os olhos e então percebeu que estavam se aproximando da enseada, muito próxima das falésias.

A julgar pela posição do sol, Davie deduziu que já passava

do meio-dia, e era hora de voltar para casa. Obrigou seu cavalo a girar, ainda não havia acabado de dar a volta quando avistou ao longe algo que chamou sua atenção. No fundo da enseada, entre os penhascos situados abaixo no precipício, pareceu ver o corpo de um homem. Esporeou Zar naquela direção, ao chegar aos pés do barranco, desmontou e descobriu que não se tratava de um homem, e sim de uma mulher.

Parecia estar em roupa interior, apesar da estranha anágua que vestia. O tecido tinha subido de forma indecente por cima dos joelhos, mostrando com toda clareza uma coxa bem torneada. O cabelo, negro como as asas de um corvo, chegava à metade das costas, ainda que a maior parte dele estivesse estendido sobre as rochas, totalmente molhado e coberto de algas. Deu-lhe a volta lentamente para não machucá-la. Encontrou-se com um rosto macilento de delicadas feições, com longos cílios que marcavam suas pálpebras fechadas.

Era uma mulher jovem e, além disso, muito bonita. Tinha os lábios machucados e a pele estava muito pálida, um mau indício a seu ver, mas ao tomá-la entre seus braços constatou que ainda estava quente. Além disso, percebeu uma leve, mas constante respiração. Seguia viva. Então buscou em seu corpo sinais de feridas graves e só encontrou uma pequena contusão na nuca coberta de sangue.

Desviou o olhar da moça para o entorno. Ao comprovar que a praia estava deserta, tomou uma rápida decisão. Levantou a jovem em seus braços, desprendeu sua capa com rapidez e a cobriu com ela. Depois, colocou o corpo inerte sobre

o lombo de Zar e ato seguido montou atrás, indicando ao animal que começasse a marcha de volta ao castelo.

Durante o regresso a moça não deu indícios de despertar. Logo que cruzou o fosso e chegaram aos portões, dois guardas armados se aproximaram de Davie curiosos para ver o que trazia seu jovem amo no lombo do cavalo. Ele os deteve com uma ordem seca.

— Rápido, que alguém busque Mae.

Ao entrar no pátio de armas, um servente se aproximou para pegar ao cavalo. Antes de entregar-lhes as rédeas, Davie solicitou sua ajuda para ajudar a baixar o corpo da jovem. Pegou-a novamente entre seus braços e depois, com passo decidido, avançou para a porta de entrada. Naquele mesmo instante, uma mulher de idade avançada, com os cabelos cinza recolhidos em um coque baixo, saiu pela porta enquanto se colocava apressadamente um xale de lã sobre os ombros.

— O que houve?

— Agora não é o momento para dar explicações. Esta mulher está ferida.

A anciã não perguntou mais nada. Limitou-se a posar uma de suas curtidas mãos sobre a testa da moça, embora a apartou de imediato, como se tivesse tocado em brasa quente.

— Santo Deus misericordioso! Está ardendo em febre. Rápido, leve-a para dentro.

Mae entrou no castelo seguida por Davie e começou a dar ordens a todos.

— Anne, corre a cozinha e traga água quente; Gretchen, busque todas as mantas que encontre; Jane, vá a meus

aposentos e traga meus unguentos. Vamos, não fiquem olhando pasmadas e façam o que digo! Urgiu com determinação.

Minutos depois, a moça descansava estendida sobre uma cama fofa, e Mae mandava Davie sair da habitação.

— Sua presença já não é útil, meu senhor, nós nos ocuparemos dela. Agora deveria ir buscar seu pai e informá-lo deste evento antes que saiba por boca de outros e suba aqui aos gritos.

Davie assentiu em silêncio e se foi. Não tinha passado mais que dois minutos quando a porta voltou a se abrir e entrou uma das serventes, carregada com uma multidão de mantas. Mae mandou que se aproximasse.

— Vem aqui, Gretchen. Vamos retirar essas roupas molhadas.

Não foi difícil despi-la, pois levava pouca roupa. Nenhuma das duas disse uma palavra, ainda que não fizesse mais que trocar contínuos olhares de confusão. Mae, com olho crítico, observava detidamente os estranhos tecidos, sua mente estava cheia de perguntas sem respostas. Como via que suas dúvidas estavam fazendo esquecer-se do motivo pelo qual estava ali, deixou de lado suas questões e continuou com sua tarefa.

Cobriram a jovem com várias mantas de lã e, em seguida limparam a sujeira que tinha enredado em seus cabelos. Gretchen olhava de lado a anciã, seu rosto mostrava uma evidente curiosidade. Morria de vontade de comentar tudo que estava passando por sua cabeça, mas, pelo visto, Mae não se tinha dado conta ou não queria fazer nenhuma alusão a

respeito. Mas chegou a um ponto que já não pode mais se conter e expressou em palavras o que ambas estavam pensando desde que começaram e calavam por precaução.

— Que moça mais estranha! Viu como sua roupa é extravagante? Jamais tinha visto algo parecido. E seu cabelo... muito curto para que seja de uma dama. Só espero que o jovem Davie não se meta em problemas por tê-la trazido até aqui.

— Cale-se tola. Não seja imprudente. — Reprovou Mae, ainda que internamente pensasse o mesmo — Isso é algo que não interessa a nenhuma de nós duas. De qualquer modo — aventurou, apesar de saber que talvez estivesse falando demais — eu acredito que sim é de nobre cunha. Viu suas feições: são muito requintadas, talvez aristocráticas. Além disso, observe suas mãos: dedos longos, finos, bem formados — mostrou as palmas para que Gretchen pudesse vê-las, e então se deu conta de um detalhe que até este momento tinha passado despercebido. Ficou em silêncio alguns segundos, para estudar com detalhes o pulso esquerdo da moça, e depois seguiu com sua dissertação — e sua pele é incrivelmente suave. Dá-me a impressão que essas mãos jamais trabalharam — afirmou com certeza, ocultando-as abaixo das mantas — o que não entendo é o que pode ter havido. Seja como seja, logo poderemos tirar nossas dúvidas. Agora nosso dever é curá-la, — fez uma breve pausa para contemplar o rosto febril da mulher e depois acrescentou: — devemos baixar a temperatura imediatamente. Vá agora mesmo à cozinha e mande que busquem na despensa algumas coisas. Escute com atenção...

Mae foi enumerando o que iria precisar, assegurando-se

que Gretchen memorizasse todas as coisas que precisava. Depois a deixou ir. Enquanto isso, pegou um pano de linho de um armário, molhou com água fresca de uma bacia e colocou na testa da jovem. Em seguida começou um exame minucioso em seu corpo, procurando possíveis lesões, até que encontrou uma grande protuberância em sua nuca. Depois de analisar minuciosamente a contusão, aproximou a cesta que Jane havia trazido, pegou seu conteúdo e sacou um pequeno pote coberto por uma folha de videira. Abriu e introduziu os dedos até lambuzá-los com uma substância pardacenta, pegajosa e bastante mal cheirosa. Colocou o emplastro no inchaço, colocou encima umas folhas de centaura, sálvia e várias pétalas de flor de espinheiro branco e sujeitou o cataplasma com uma venda enrolada ao redor de sua cabeça.

Quando Gretchen entrou no quarto, encontrou a anciã comodamente sentada na beira da cama de dossel. Notou que tinha fechado todas as janelas e venezianas e que na lareira enorme ao fundo do quarto ardia um grande fogo, alimentado por três robustos troncos de carvalho que crepitavam com avidez. Contudo, Mae não estava ociosa: com infinito cuidado, para não atingir a venda nem a ferida, penteava o lustroso e sedoso cabelo negro da moça. Uma grande quantidade de cabelo que resplandecia com as chamas que se estendiam ao longo de seu rosto, marcando-o de forma sublime.

— Parece mentira que sendo tão jovem seja tão lenta. Traga isso aqui — assinalou o pacote que Gretchen levava nas mãos — encontrou tudo que pedi?

— Sim senhora, ainda que a cozinheira precisasse me

ajudar porque desconheço algumas ervas que me pediu — murmurou contrita.

Mae, enrugando o cenho, lhe arrebatou o pacote. Depois de garantir que não faltava nada, tirou de seu cesto um pequeno vaso de madeira já bem gasto, e encheu seu interior com várias sementes de girassol, duas folhas de ulmaria e raspas de folha de salgueiro. Moeu os ingredientes com o almofariz até formar uma pasta seca a qual acrescentou um pouco de água quente, e em seguida, esvaziou o recipiente no caldeirão de cobre que fervia sobre o fogo, não sem antes lançar a água uma porção de verbena de limão. Mexeu tudo com uma grande colher de madeira até que o líquido adquiriu um tom claro de verde musgo, tomou uma pequena quantidade e a verteu em um caneco.

— Agora devemos fazer com que tome isso.

A anciã colocou o polegar sob o queixo da jovem e com os dedos indicador e médio tampou seu nariz. Desta forma abriu a boca, para depois tirar com a outra mão massageando a garganta para baixo.

— Gretchen, comprove que não a queime e começa a verter o líquido dentro de sua boca. Faça devagar! Não quero que se afogue — completou.

Quando a taça ficou vazia, Mae limpou a comissura dos lábios, acomodou as almofadas ao redor de sua cabeça e se assegurou de que estivesse convenientemente acomodada. A seguir indicou a servente que sua presença já não era necessária e esperou que saísse. Então guardou tudo dentro do cesto, incluindo as roupas empapadas que levava a moça.

Depois se dirigiu para a cama e sacou o braço esquerdo da mulher de debaixo do cobertor, deixando que a fraca luz das chamas o iluminasse. Uma simples tira plana de couro marrom estava atada com um nó e que rodeava seu pulso, se destacava ante a palidez da pele do antebraço. Devido a sua vista cansada, Mae teve que aproximar um palmo para poder ver melhor as letras que tinham sido gravadas a fogo no cordão. Depois de ler a inscrição, de seus lábios brotou uma única palavra:

— Chloe...

Davie entrou silenciosamente nos aposentos privados de lorde Lambert.

Ultimamente o Conde passava a maior parte das tardes naquele quarto, com exceção de quando se aproximava ao pequeno cemitério, situado atrás da capela do castelo, para visitar o túmulo de sua adorada esposa. Nesses momentos, seu pai se encontrava de pé junto a grande janela de arcos ovais e olhava a um ponto indeterminado do exterior.

De porte imponente, era um dos homens mais altos que Davie conhecia, tanto que suas largas costas deixavam pequenos tudo que estivesse a seu lado. Sua espessa cabeleira negra, salpicada de fios cinza, roçava seus ombros. Algumas mechas rebeldes se agitavam quando a brisa vespertina entrava pela janela.

O Conde de Berwick era há muitos anos um dos nobres de maior confiança do Rei Jacob. Pese a sua idade, ainda conservava a musculatura do grande guerreiro que fora, resultado de duro adestramento. Era o primeiro a brandir uma

espada as primeiras horas da manhã e exercitava seu corpo até a extenuação para mostrar a seus homens que não esperava deles menos do que podia lhes dar o seu senhor. Sua atitude inflexível e seu treinamento no campo de batalha o haviam levado a formar o melhor exército da Inglaterra, muito melhor que o próprio exército inglês, questão que ao Rei não havia passado despercebido. Por esta razão, anos atrás este o havia nomeado general e chefe da zona fronteira com a Escócia. Queria defender essa zona de possíveis incursões de seus vizinhos, as quais estavam na ordem do dia. Suspeitava que o principal motivo daquela decisão estivesse em que ante possíveis guerras internas, um aliado igual ao Conde, em conjunto com seu numeroso exército particular, poderia evitar qualquer tentativa de destronamento.

Lorde Lambert já não encabeçava as filas de suas tropas, tinha passado o mando a seu segundo, sir Peter Doyle, meses depois de morrer sua esposa. Ainda que fisicamente mantinha-se em perfeita forma, o estado de languidez em que havia sumido depois da morte de Lady Judith o impossibilitava de encarar como deveria uma responsabilidade assim. A dor produzida por tão funesta perda havia feito dano a sua coragem e determinação.

— Pai, poderia me atender um momento?

Se o Conde se surpreendeu com sua chegada, não o demonstrou. Nem sequer virou-se para encará-lo.

— Não te ouvi entrar, meu filho — murmurou em voz baixa.

— Que está olhando? — Davie se colocou a seu lado e desviou o olhar para onde lorde Lambert ainda mantinha sua

vista fixa.

— Nada em concreto. Só estava pensando.

Davie cravou a vista no perfil de seu pai. Fez uma careta ao notar nele um profundo cansaço. Cansaço e dor. As rugas, que fazia tempo sulcavam seu rosto se tinham intensificado, e um olhar vago e amarelado o fez pensar que outra noite, consecutiva não tinha descansado nada. Durante muitos anos, o tinham considerado um homem muito bonito, sua mandíbula proeminente e um nariz largo, fazendo par com olhos cativantes de mirada arrogante, tinham provocado multidões de suspiros entre as damas. Contudo, aqueles olhos de cor cinza chumbo, antes brilhantes e desafiantes, agora estavam apagados e sem vida.

— Precisa dormir um pouco, pai. A vigília constante não lhe faz bem.

O homem suspirou com resignação e negou com a cabeça. Oxalá fosse tão fácil...

— Moço, que queria me falar?

Davie respirou fundo e começou a narrar o acontecido. Lorde Lambert escutou com aparente desinteresse, sem mostrar sua opinião em nenhum momento, até que seu filho terminou de falar.

— Tem certeza de que não é uma camponesa da aldeia? Perguntou afinal.

— Estou seguro. Se fosse assim, com certeza a teriam reconhecido. Aliás, pelo pouco que vi, não parece em nada uma aldeã.

Lorde Lambert dirigiu a seu filho um olhar significativo. A

seus ouvidos tinham chegado muitos rumores referentes ao interesse que demonstrava Davie ante qualquer moça bonita que cruzasse seu caminho, ainda que se abstivesse de fazer comentários.

Ao fim e a cabo, ele também havia sido jovem.

— Se não é dos arredores, como poderemos averiguar sua procedência?

— Teremos que esperar até que alguém reclame ou ela mesma nos explique quando acordar, se é que isso irá ocorrer. Por enquanto, a única coisa que podemos fazer, é investigar por nossa conta.

O Conde não rebateu a proposta, mas ficou calado alguns instantes e meditou sua seguinte pergunta.

— Acredita ser prudente alojar uma desconhecida em nossa casa? Poderia ser uma espiã.

— Uma espiã? Duvido. O estado em que a encontrei, inclino-me mais a pensar que foi vítima de uma agressão.

— Acredita que se recuperará?

— Não sei. Tinha um belo golpe na cabeça e ardia em febre. De qualquer modo, não subestimemos as artes de cura de Mae.

Lorde Lambert concordou com um gesto seco, comprovando assim que confiava plenamente na capacidade de curar da velha servente.

— Quando souber de algo, me avise. De minha parte, mandarei efetuar algumas indagações pelos arredores. E se despertar, quero falar com ela imediatamente. Entendido?

— Claro pai. O mantereii informado de qualquer novidade.

Passaram três dias sem que a moça despertasse, ainda que se notasse uma melhora em seu aspecto. A febre havia cedido quase por completo e a ferida na nuca cicatrizava bem, sem mostrar sinais de infecção; mas ainda não tinha recuperado a consciência, algo que tinha a anciã muito preocupada. Mae se aproximava do quarto com frequência para trocar a vendagem da cabeça e colocar mantas para cobri-la, que a jovem em sonhos apartava de seu corpo, já que isso era a única coisa que poderia fazer por ela. Tudo o mais estava feito e agora só restava esperar.

Era quase hora do jantar quando Mae se dispôs a realizar sua visita diária a enferma. Carregava um grande cesto cheio de roupas de cama limpa que acabara de recolher das cordas. As peças de tecido, lavadas na orla do riacho de frias e limpas águas que circundava o castelo, ainda conservavam o cheiro refrescante de roupa seca a brisa, com ligeiros toques de urze. Esse era o último cesto que ficava por subir aos aposentos privados da planta superior. Decidiu que deixaria a jovem repousar tranquila durante toda a tarde, para não ter que movê-la e trocar os lençóis e perturbar seu descanso até que fosse estritamente necessário. Ao pisar no último degrau, quase se chocou com Gretchen, que nesse momento dobrava a esquina de forma precipitada com a intenção de baixar. A jovem parou de repente e começou a respirar de forma agitada pela falta de ar.

— Posso saber aonde vai tão alterada?

— Precisamente descer para buscá-la. Não vai acreditar. Acordou.

— E a deixou sozinha? — Mae apartou de um empurrão a servente e se dirigiu rápida ao dormitório — Disse alguma coisa? — perguntou sem se voltar.

— Não lhe dei tempo. Estava fechando as persianas das janelas porque já começava a refrescar, quando ouvi uma ligeira exclamação as minhas costas. Dei a volta para ver o que acontecia e a descobri me observando com os olhos abertos como pratos. Saí diretamente para te buscar.

Mae não esperou mais nada. Abriu a pesada porta de madeira e entrou. Ao virar-se para a cama, viu que a moça estava sentada e se dispunha, não sem esforço, levantar-se.

— Não se mexa! — gritou. Rapidamente deixou o cesto abandonado ao chão e correu para ela.

A jovem parou em seco ao ouvir a imperiosa ordem. Ficou olhando fixamente a anciã com uma expressão inescrutável, mas não disse nada, somente agarrou como pode a beira da cama e se apoiou de forma vacilante sobre um dos varais do dossel. Mae soube que estava a ponto de desmaiar, assim que, sem pensar, pegou-a pelos ombros para segurá-la. Depois a ajudou a reclinar-se lentamente sobre os almofadões.

— Ainda está muito fraca, — comentou — não deve se levantar ou vai ficar enjoada, como acabou de acontecer.

— Ond... onde estou? — perguntou a moça com voz quebrada.

— Chss... tranquila, está a salvo. Logo terá tempo para explicações.

— Mas...

— Não diga nada. Qualquer pequeno esforço pode ser

excessivo para você.

— Estou um pouco confusa... — a moça moveu a cabeça, claramente perturbada.

— É normal depois do que passou, mas não se preocupe, logo estará recuperada de tudo. A única coisa que deve fazer agora é ficar quieta e tentar dormir.

— Dentro de alguns momentos subirei um caldo. Necessita se alimentar.

— Tenho o estômago embrulhado... não sei se conseguirei comer algo. — respondeu em tom de queixa.

— Eu sei, mas ainda assim tentaremos.

A mulher olhou meio de lado a anciã com ceticismo e ao final disse:

— Quem é você?

A mulher esboçou um tímido sorriso.

— Chamo-me Mae Campbell. Não tente fazer mais perguntas e descanse.

Então caminhou para a porta, mas parou quando já tinha a mão na tranca. Depois de duvidar por alguns instantes, voltou-se pela última vez.

— Uma única pergunta, se me permitir. Seu nome é Chloe? Não é assim? — perguntou enquanto assinalava com um dedo a pulseira que rodeava seu pulso.

A jovem levantou a vista dos lençóis, com a confusão patente em suas feições.

Depois, passou devagar o olhar pelo rosto da servente e a seu próprio braço e somente então murmurou:

— Eu... não me recordo.

CAPITULO 2

Como podia não recordar seu próprio nome?

Quando a porta se fechou, Chloe se concentrou nas últimas palavras que havia dito a anciã. Haviam saído de sua boca sem pensar, porém agora que tentava trazer a memória, era incapaz de associar o nome com ela mesma. Olhou várias vezes para a tira de couro que trazia presa ao pulso, onde podia ler “Chloe”. Não, esse nome não lhe dizia nada. De fato, por muito que tenha pensado, por mais que tentou abrir caminho através da névoa que tinha invadido sua mente, só conseguia recordar do que ocorreu a partir do momento que despertou naquela cama. O que teria acontecido para estar assim?

O esforço para recordar algo de sua vida passada acentuou a intensa dor de cabeça que minutos atrás, quando abriu os olhos, tinha lhe dado às boas-vindas. Sentia umas surdas palpitações na base da nuca e inconscientemente levou até ali sua mão. Quando se tocou, quase desmaiou de dor. A vista se nublou e uma forte e repentina opressão nas têmporas lhe provocou um aturdimento momentâneo. Teve que esperar um bom momento para que o mal-estar passasse e então, com muito cuidado, voltou a apalpar a zona. Devido ao cheiro de

ervas medicinais que exalava ao pressionar, deduziu que tinham colocado uma vendagem para cobrir uma espécie de cataplasma. Ao que parecia, tinha dado um bom golpe na cabeça. Com certeza, aquela era a causa para que sua mente estivesse em branco. Nem mesmo sabia como poderia ter se machucado, onde ou quem a tinha encontrado... até mesmo desconhecia o lugar onde estava naquele momento. Teria que interrogar aquela anciã, Mae, quando voltasse ao quarto, mas por enquanto se dedicava a observar com interesse tudo que a rodeava.

O quarto era bem amplo. As paredes, de grandes blocos de pedra de calcário, estavam cobertas por tapeçarias de assombrosa qualidade e beleza. Ao fundo da habitação estava uma enorme lareira, cuja frente estava fabricada em uma única peça de granito, desenhada com intrincadas imagens. O fogo ardia com ímpeto, esquentando o ambiente e de vez em quando uma brasa chispava por uma corrente de ar. O chão também era de pedra, embora tivesse vários tapetes macios e algumas peles de animais espalhadas pelo lugar. Uma única janela, situada no parapeito a esquerda da cabeceira da cama, tinha as persianas fechadas, impedindo a entrada do frio e da luz, assim que não tinha como saber se era dia ou noite.

Chole contemplou com prazer a grande cama onde até a pouco repousava. As cortinas, de um pesado tecido granada que faziam jogo com a colcha, estavam amarradas por umas fitas de seda cor douradas. De modo inconsciente, suas mãos alisaram o suave lençol que cobriu seu corpo. Estava confeccionado de um finíssimo linho branco e se destacava

embaixo da grande quantidade de mantas que o tampavam.

Não só a cama era magnífica, aos pés desta, ocupando o espaço de lado a lado, estava um baú de dimensões extraordinárias, com uma tampa onde estavam incrustadas várias pedras semipreciosas. Durante um longo momento, Chloe ficou parada admirando os reflexos coloridos que as pedras desprendiam por conta das chamas.

“Este quarto está muito bem decorado” pensou para si mesma. A direita da porta, apoiada contra a parede, tinha uma cômoda enorme de dez gavetas, a sua esquerda uma mesinha com um jarro de barro decorado e um grande espelho ovalado, cuja imagem se via um pouco distorcida pela falta de mercúrio. Um pouco mais a frente, ocultando toda uma esquina, se achava um biombo de madeira trabalhada. Uma poltrona e um pequeno apoio de pés, situado entre a janela e a lareira, completavam o mobiliário.

A iluminação era muito fraca, somente o fogo e algumas velas de cera de abelha, colocadas estrategicamente em vários pontos, davam a luz ao quarto. Custava-lhe forçar a vista para observar todos os detalhes, assim que centrou sua vista no intenso crepitar das chamas.

Internamente, Chloe tinha uma infinidade de perguntas em sua cabeça que era incapaz de responder. Além disso, algo ali não se encaixava. Não sabia o que, mas a estranha sensação de que algo não ia bem era muito poderosa. Talvez fosse somente produtos de sua mente aturdida, na realidade se encontrava em uma situação bastante complicada e o fato de não recordar nada de sua vida passada lhe provocava muitas

dúvidas e temores.

Um delicioso aroma começou a invadir a habitação pouco a pouco, tirando-a de suas divagações. Seu sentido de olfato captou o inconfundível cheiro de comida e era tão embriagador que experimentou uma profunda sensação de prazer ao imaginar-se saboreando o manjar do qual provinha o cheiro. Sua boca encheu de água e seu estômago rugiu.

Começava a ser consciente de que devia estar a muito tempo sem comer. Perguntou-se quanto tempo deveria ter permanecido inconsciente. Soube que tinham sido dias, pela forma tão imprópria que clamava seu estômago. Se não estivesse enganada, aquela mulher tinha prometido que logo subiria com algo para comer. “Espero que não demore, — pensou — porque se demorar muito, acredito que vou morrer de inanição”.

Tirou a roupa de cama para o lado porque tinha calor e um perfeito “oh” se formou sem seus lábios quando viu como estava vestida. Um finíssimo camisão de linho branco há cobria até os pés, mas o motivo de sua exclamação foi comprovar a beleza e, o descaramento da peça. As mangas largas em forma de sino eram bordadas, desde o cotovelo até os pulsos, com pequenas mariposas coloridas. Ao esticar os braços, as mangas caíam, dando a impressão de que as mariposas voavam graciosamente pelo ar, tão leve era o tecido. O camisão, embora abotoado do pescoço até a bainha por uma infinidade de botões minúsculos bordados com uma minúscula rosa amarela, chegava a beira do pecado. O tecido era tão diáfano que parecia transparente, não deixando nada a imaginação. Suas

bochechas começaram a arder pela indecência da roupa, mas teve que admitir que era magnífica, e a sentia como uma segunda pele.

— E então, juvenzinha? Já está um pouco melhor?

Chloe deu um ofego pela surpresa. Estava tão absorvida contemplando essa maravilha que não tinha se dado conta de que alguém tinha entrado no quarto. Mae se aproximou com passo resolutivo e lhe dirigiu um olhar intenso.

— Está com muito melhor aspecto, mas ainda esta bem pálida. Tome, trouxe um pouco de caldo bem quente, para ver se com isto volta-lhe a cor ao rosto.

Chloe ficou olhando a mulher embasbacada. Era muito baixa, mas de modo algum aparentava debilidade. Uma costa robusta se deixava ver embaixo da túnica de sarja cinza que chegava até seus pés e, seus roliços braços seguravam com firmeza uma pesada bandeja de madeira. Encima desta estava uma caneca de barro com caldo fumegante, um copo de estanho cujo conteúdo ignorava e algo mais que estava tampado com um pano.

Mae depositou a bandeja sobre o baú e logo se dispôs a acomodar os travesseiros onde descansava as costas de Chloe, a fim de conseguir uma melhor postura para que a moça conseguisse comer melhor.

— A primeira coisa que deve tomar são seus remédios. — indicou Mae enquanto pegava o copo e o entregava.

— O que é isso? — Chloe examinou a bebida com desconfiança.

— Não é mais que uma infusão de ervas para as náuseas.

Leva três dias inconsciente, mas não posso saber com exatidão quanto tempo faz que comeu pela última vez. É normal que agora seu corpo sinta repulsa para com os alimentos. Beba. — mandou a anciã com firmeza.

Chloe deu um pequeno gole e franziu o cenho. Momentos depois, estava contendo as arcadas.

— Que diabos têm nessa bebida?

— Calada e beba tudo. Asseguro que logo estará muito melhor.

Chloe a olhou sem muita convicção, mas ainda assim bebeu tudo. Como por milagre, depois de alguns momentos as náuseas começaram a diminuir.

— Boa menina, agora tome seu caldo.

— Sabe o quanto é horrível o que me fez tomar? — perguntou Chloe enrugando o nariz enquanto cheirava o conteúdo da caneca de barro.

— Não diga bobagens, um caldo é um caldo.

Relutante, Chloe provou o caldo. Depois de saborear o líquido, seus olhos abriram como pratos.

— Isso está delicioso! O que tem aqui?

— O normal: carne de cordeiro, cravo, louro, cebola e mel. É o melhor remédio para superar a debilidade do corpo.

Chloe não parou até deixar o recipiente vazio. Depois de tomar o último gole, perguntou com certo acanhamento:

— Estava muito bom, mas ainda tenho fome. Não tem mais nada para que possa comer? Talvez mais sólido? — aventurou.

— Assim que eu gosto, que tenha apetite. Sim, trouxe um pedaço de cordeiro — completou Mae, aproximando o prato ao

mesmo tempo em que levantava o pano e mostrava seu conteúdo.

— Estou faminta, — respondeu Chloe. Seus olhos buscavam algo — acredito que comeria uma vaca inteira, mas...

— O que está buscando? Mae percebeu seu escrutínio, mas teve que transcorrer alguns segundos até descobrir o que a moça estava procurando,

— Toma, tinha me esquecido.

Chloe recolheu a adaga com mãos trêmulas e ficou olhando detalhe a detalhe. A empunhadura era preciosa, feita em madeira lavrada com incrustações de mineral e água marina. Contudo, não soube o que fazer com ela. Levantou a vista para a anciã com uma expressão de genuína confusão no rosto, mas Mae a animou com um movimento de cabeça.

— Vamos moça. Não dizia que tinha muita fome? Comece ou esfriará.

Estava dizendo para usar a faca para comer? Ao que parecia, era exatamente isso que queria, assim que com certa insegurança, agarrou com a mão e se dispôs a trincar a carne. Uma, duas, três vezes... Era incapaz de cortar com uma só mão, a carne escapava por todos os lados. Esteve entretida durante vários minutos sem conseguir pegar nem um só pedaço, até que desesperada e faminta, decidiu recapitular.

Pegou a carne entre seus dedos, levou até o fino punhal e, com um único e preciso movimento, cortou um pequeno pedaço. Depois o pegou com a ponta da adaga e o levou a boca.

Tinha conseguido. Um sorriso exultante curvou seus lábios e se sentia muito orgulhosa de sua proeza.

Mae sentiu lástima por ela ao presenciar seu estranho comportamento. Talvez o golpe na cabeça a tinha transtornado mais do que podia apreciar a simples vista. Durante um bom momento ficou olhando em silêncio a moça, havia algo em sua forma de comer que não se encaixava, mas não conseguia adivinhar o que podia ser. Logo, caiu em conta e exclamou escandalizada:

— Está comendo com a mão esquerda!

Chloe parou a adaga a meio caminho de sua boca. De forma lenta passou a vista de sua mão até o surpreso rosto da anciã, sem saber a que vinha tanto barulho,

— Claro... — titubeou — suponho que sou canhota. Porque está tão surpresa?

— Faz isso normalmente em público? — perguntou Mae de boca aberta.

— Não sei, é o mais provável, embora não possa recordar. Tem algum problema?

— Menina, isso é muito impróprio. O que não posso entender é porque razão ninguém te obrigou, quando pequena a esconder esse pequeno defeito, utilizando a outra mão.

— Eu... desconheço, não entendo porque ser canhota é um defeito. — Respondeu Chloe fazendo uma careta. Tentou disfarçar sem sucesso um bocejo colocando as mãos sobre os lábios — Perdão. Não sei o que me ocorre, mas estou morrendo de sono. — Não pode continuar falando. As pálpebras ficaram pesadas e um profundo torpor tomou conta dela. Lançou a cabeça para um lado e caiu dormida no mesmo instante.

Mae se aproximou da cama e retirou a bandeja de seu

colo. Em seguida voltou a cobrir seu corpo com as mantas, não sem antes comprovar o estado das vendagens. Certificou-se de que tinha recolhido tudo, as persianas devidamente fechadas e um bom fogo que mantivesse quente a habitação durante toda a noite. Depois, sem fazer um só ruído, partiu.

— Despertou.

Depois que saiu do quarto, Mae foi direto ao salão informar a Davie as novidades. Não tinha dito nada antes, quando foi preparar a comida, porque primeiro queria se assegurar do estado da moça.

Abaixo, todos tinham terminado de cear. Vários serventes estavam recolhendo os restos das mesas, tirando os bancos, guardando as louças e limpando o chão antes que as pessoas do castelo começassem a arrumar seus catres para dormir. Davie estava sentado em frente ao fogo e segurava uma taça de vinho. Tinha a vista fixa nas chamas, mas quando Mae se aproximou de suas costas, girou a cabeça para ela com tranquilidade, como se soubesse desde o início que a anciã estava ali.

— E então? Perguntou como chegou até aqui? De onde vem?

— Não. Ainda não esta em condições de manter uma conversa longa. Coloquei um sonífero no caldo para que voltasse a dormir. Se não o tivesse colocado, agora estaria gritando de dor.

— Se recuperará?

— Ainda está muito debilitada, assim que não me atrevo a dizer nada. Contudo, creio que o pior já passou. De qualquer

modo, duvido muito que possa responder a todas as nossas perguntas.

— Porque diz isso? — perguntou Davie surpreso.

— Acredito que o golpe na cabeça a fez perder a memória. Não lembra nem seu nome.

— Não disse que se chamava Chloe?

— Isso era o que eu pensava depois de ter lido no cordão que leva no pulso. Um objeto estranho, claro. Contudo quando despertou e perguntei, não soube responder.

— Então como poderemos averiguar sua procedência? Tem que haver alguém a buscando, você mesma me disse que, por sua aparência, sua origem não devia ser humilde. Duvido muito que uma mulher aparentemente de nobre cunha careça de uma família que vele por ela.

— Nisso tem razão, mas, agora não temos mais nada para fazer, além de seu aspecto e o cordão gravado, nem sequer sabemos se esse é realmente seu nome. Também...

— Mae, sei quando está tentando me esconder algo. — Davie a olhou com severidade.

— O que está passando por sua cabeça nesse momento?

— Algo nela me desconcerta, não são seus modos, senão sua forma de agir. Dá a impressão de que a educação que recebeu foi um tanto... extravagante.

— Extravagante? A que se refere?

— Não sei explicar. Tem um acento peculiar, ainda que não pareça estrangeira. Tanto seu vocabulário como sua dicção é impecáveis, próprios de uma educação requintada, mas a moça não segue as normas estabelecidas na forma de falar e agir. É

muito raro.

Davie ficou pensativo depois de escutar as palavras de Mae. Só depois de alguns momentos, se atreveu a romper o silêncio que havia ficado entre os dois.

— Acredita que estive equivocado ao trazê-la para o castelo?

A anciã negou com ênfase.

— Se está pensando que pode nos trazer problemas, permita-me que duvide. De qualquer forma, até que não se recupere por completo não poderemos esclarecer todas as perguntas que a rodeiam.

— Quando poderei falar com ela?

— Deveria esperar um pouco. Ainda está convalescendo.

— E quando considera que estará suficientemente preparada? Pai toda hora me pergunta por ela e já sabe a pouca paciência que tem.

— Por isso não se preocupe. Deixe que eu me encarregue de seu pai.

O dia começava muito cedo no castelo. Desde que o galo cantava, no alvorecer, o ir e vir de serventes executando suas tarefas era constante. Naquele momento, a cozinha já fervia de atividade, várias mulheres corriam de um lado a outro preparando os diferentes alimentos que serviriam durante o dia, mesclando entre si diferentes cheiros de diferentes procedências. A cozinheira, uma mulher roliça de rosto sério que levava a cabeça coberta por um lenço verde musgo, não parava de dar ordens a todos, os fornos de lenha estavam todos acesos e neles cozinhavam lentamente leitões e galinhas e a

primeira fornada de pães e uma ou outra torta.

As lavadeiras já estavam no pátio traseiro, junto a uns imensos caldeirões de cobre repletos de água fervendo. Removiam com esmero a roupa suja, sem perder de vista das crianças que brincavam e jogavam eufóricos ao redor do pátio, prontas a afastá-los se aproximassem muito.

Um moço, de rosto enxuto com remelas em seus olhos sonolentos se dispunha, desanimado, a abrir o pequeno portão do chiqueiro. Fez sair um tropel de porcos, que grunhiam de modo alto enquanto corriam para fora do recinto para dar seu pequeno passeio pelos arredores em busca de bolotas para se alimentarem. A forja localizada próxima ao portão de entrada da fortaleza funcionava a pleno vapor. O suor escorria pela frente e pelos antebraços do ferreiro, um homenzarrão com cara de poucos amigos e excesso de musculatura, devido ao duro trabalho de forjar o ferro. O som grave e profundo dos golpes acompanhados do martelo ao se chocar contra a bigorna se elevava acima de qualquer outro barulho, mas essa não foi a causa pela qual Chloe despertou. O que a despertou foi um som procedente do pátio de armas que, embora leve, era mais estridente que o interior da forja.

Chloe abriu os olhos pouco a pouco. Tinha permanecido recostada na cama durante vários minutos, escutando com inegável atenção esse som que se repetia a cada instante e que estava crispando seus nervos. Incapaz de adivinhar sua procedência, a curiosidade levou a melhor e ela se levantou. Com passo indeciso se dirigiu até a janela, tirou as travas e abriu as persianas.

Não acreditava no que via.

Uma vintena de homens, a maioria sem camisa, estavam lutando em grupo de dois. Mas não foi a luta em si que a surpreendeu, senão o que estavam usando para tal fim. A origem do ruído que a tinha despertado não era outro senão o choque de espadas, que seguravam com inegável habilidade entre suas mãos.

Chloe deu um passo para trás, claramente horrorizada e começou a tremer dos pés a cabeça.

— Que demônios é isso?

Girou sobre seus pés, lançou um rápido olhar ao quarto e, quando viu o jarro de água, correu até ele. Com ávidas mãos pegou a jarra, verteu água dentro da bacia e lavou sua cara. Esfregou tanto seu rosto que seus olhos começaram a arder e suas bochechas se tornaram carmesim, mas não parou até assegurar-se que estava realmente desperta. Então voltou a olhar pela janela.

A mesma imagem, que acreditava estar sonhando seguia ali. Aquilo não tinha nenhum sentido. Onde tinha ido parar?

Ouviu que a porta as suas costas se abriam e girou com rapidez. Mae estava no umbral, impassível, com a vista cravada em seu rosto. Chloe avançou para ela com passo firme, pegou em seus ombros e gritou enquanto a sacudia:

— Onde diabos estou? Diga-me já!

— Moça, não é necessário que blasfeme. — Mae pegou com cuidado seus pulsos para separá-la dela. Sua voz era tranquila, e transmitia segurança.

— Está no castelo de Whippledone, em Berwick. Muito

próximo da fronteira com a Escócia. Conhece o nome?

Depois de alguns momentos, Chloe respondeu com aflição:
— Não.

— Recordou alguma coisa sobre você?

— Não, embora suspeite que algo não esteja bem. É uma sensação estranha, como se tivesse ido parar no lugar errado, em um lugar onde não deveria estar...

— Esqueça esses pensamentos tão absurdos. — Para passar tranquilidade, Mae pousou uma de suas mãos sobre as de Chloe, que permaneciam unidas em um só punho sobre seu colo.

— Aqui estará a salvo.

— E esses homens? Porque estão brigando? Tem espadas!

— Não estão brigando, estão treinando.

— Treinando? Para que?

— Para uma possível batalha, é claro. Como eu já disse, estamos muito próximos da Escócia. Como esta é uma área estratégica, os enfrentamentos com nossos vizinhos são muito assíduos. O Rei Jacob ficaria indignado se a Inglaterra perdesse o controle dessa parte da fronteira, sob jurisdição do Conde de Berwick, que é o representante da Coroa. Por esse motivo, meu senhor, exige que seus homens tenham uma perfeita instrução nas artes da esgrima, entre outras muitas habilidades.

— O Rei Jacob... isso não me lembra de nada.

— Santo Deus misericordioso! Mae se benzeu. — Com certeza perdeu a memória, Jacob foi coroado Rei da Inglaterra em Londres já faz dezessete anos.

Chloe negou várias vezes com a cabeça. Naquele momento sua vida era um papel em branco e, ainda que olhasse uma e outra vez, não conseguia ter nenhuma recordação.

Como se Mae tivesse adivinhado seus pensamentos, reiterou com muita doçura:

— Não se preocupe, moça. Cedo ou tarde começará a lembrar. É melhor que não force. Agora vou mandar que subam algo para você comer.

Depois de alguns momentos, soaram ligeiros golpes na porta e ato seguido uma menina, de não mais que doze anos, colocou a cabeça e olhou para Chloe.

— Posso entrar?

A menina, de enormes olhos castanhos e um bonito cabelo cor de mogno, vestia uma túnica branca de chegava até os tornozelos e uma sobressaia marrom. Com a vista fixa na bandeja que levava entre as mãos, parecia embaraçada. Não fazia mais que apoiar todo seu peso em um ou outro pé, mas sem avançar além do umbral da porta, esperando que Chloe desse sua permissão para entrar.

— Avante. Como se chama? — Chloe sorriu abertamente para mostrar a menina que não tivesse medo.

— Christine, para servi-la. — respondeu enquanto executava uma torpe reverência.

— Christine, bonito nome. Não é muito jovem para estar servindo?

A menina abriu os olhos como pratos.

— Claro que não senhora! Tenho servido desde os oito anos, ainda que até a pouco tempo só ajudasse na cozinha.

Mas asseguro que aprendo muito rápido e que algum dia serei uma boa dama de companhia. — depois de dizer isso, levantou a cabeça com orgulho.

Chloe não soube como responder. Dama de companhia? O que era isso? Christine deixou a bandeja sobre a mesinha e esperou pacientemente com as mãos nas costas. Chloe lhe devolveu um olhar de confusão, pois não entendia seu comportamento.

— Deseja algo mais ou posso me retirar? — perguntou afinal, devido a Chloe ter emudecido de repente.

— Oh não! Obrigado, Christine. Pode ir.

A menina fez outra reverência e desapareceu tão rápido que Chloe não teve tempo nem de despedir-se. Deixando de lado a surpresa, se aproximou da cadeira e sentou-se, colocando a bandeja sobre seus joelhos. Estava faminta, assim que saciou seu apetite até que não deixou nada na bandeja. Durante esse tempo, esqueceu todas as dúvidas que a corroíam por dentro; quando terminou se deu conta que precisava aliviar-se com urgência, outras necessidades básicas.

Era evidente que na habitação não tinha mais portas além daquela do corredor, embora estivesse relutante em sair dali. Começou a mover-se pelo quarto em busca de algo que pudesse servir, inclusive se ajoelhou aos pés da cama, mas não encontrou nada. Contudo, ao levantar viu o biombo que estava ao fundo, ocultando uma boa parte do quarto. Foi até lá e olhou atrás. Definitivamente, o biombo escondia algo. Um grande bloco de pedra maciça, coberto por uma prancha de madeira tosca, saía do solo uns cinquenta centímetros, ao

levantar a madeira, Chloe viu que servia de tampa para um poço fundo, talhado no centro da pedra, de onde saía um odor desagradável. Aos pés do cubículo, um grande cesto de vime, tinha um punhado de palha seca. Intuiu que tinha encontrado o que buscava. Suspirou com resignação e, fazendo das tripas coração, sentou-se sobre a fria pedra. A necessidade era maior.

— Argg... — resmungou com uma careta de desagrado quando decidiu usar a palha que tinha amontoadada na cesta. — Minhas nádegas ficaram vermelhas.

Depois de se aliviar, colocou uma almofada macia na cadeira e a aproximou do calor da lareira. Deixou-se cair sobre ela com evidente desânimo e cobriu o rosto com ambas as mãos, tentando, sem êxito, clarear um pouco suas ideias. Analisou a situação na qual se encontrava: sem identidade, sem passado, sem lembranças, onde a deixava tudo isso? Estava em uma posição bastante embaraçosa, para não dizer difícil. No final, a única coisa que conseguiu foi se confundir ainda mais. Mas o que podia fazer? Seu instinto lhe dizia que ali tinha algo muito estranho, necessitava mais respostas, ainda que nessas quatro paredes pouco pudesse fazer.

Pensou com cuidado e chegou a única conclusão: precisava inspecionar ao redor do castelo. Mas como faria isso sem que ninguém a visse?

Decidiu esperar até a noite, quando todo mundo estivesse dormindo e pudesse se esconder com mais facilidade na escuridão. Durante horas esteve planejando um modo de sair sem ser vista, e se perdeu tanto em suas ideias que não se deu conta que o tempo havia passado e que a luz começava a

desvanecer no dormitório.

Levantou-se e caminhou até a janela para respirar um pouco de ar puro. Ao se aproximar viu que o sol tinha se posto no horizonte e que os primeiros brilhos de um céu estrelado iluminavam debilmente o firmamento. A agitada atividade feita durante o dia no exterior tinha diminuído e só se viam, iluminados pela luz das tochas, algumas silhuetas que corriam pelo pátio de um lado a outro. Olhou ao longe por cima das muralhas, mas aparte umas poucas casinhas de pedra que estavam em precário estado de conservação, não conseguiu distinguir mais que um escuro e grandioso bosque de carvalhos. Uma estranha sensação de familiaridade a embargou; ela já tinha estado ali antes, embora não conseguisse lembrar o motivo.

De repente tudo ficou mais claro; a imagem de um pequeno promontório que se levantava do outro lado do bosque, umas pedras enormes colocadas em semicírculos que protegiam a beira, o brejo que crescia desafiante contra a dura erosão provocada pelos desmoronamentos... e tinha alguém mais ao seu lado, um homem, mas não conseguiu identificá-lo. De modo inconsciente, levou a mão até o pescoço e agarrou com ênfase um pequeno cordão que até neste momento não tinha percebido que levava. Notou-o diferente, incompleto, como se faltasse algo muito importante nele. Mas o quê? Minutos depois, subiram seu jantar, embora quase não comesse nada. Sentia um nó no estômago por causa dos nervos pelo que estava a ponto de fazer, assim que tentou relaxar observando a negra paisagem, enquanto esperava que

passasse o tempo e todas as pessoas que ouvia ao longe fossem dormir.

Pouco a pouco o sono foi chegando. Lutou com brio para manter-se acordada, mas no final acabou reclinando a cabeça no respaldo da cadeira, fechando os olhos ao mundo.

Não soube quanto tempo dormiu. Despertou com um golpe de vento frio que entrou pela janela. As velas se tinham consumido, embora a luz da lua e os restos do fogo, que estava a ponto de apagar, iluminavam parcialmente a habitação, criando sombras nas paredes. Aguçou os ouvidos e comprovou que já não se ouvia nada salvo o ruído da brisa agitando os ramos das árvores e o pio de uma coruja próxima.

Levantou-se rapidamente e tateou com as mãos até que encontrou o que estava buscando. A leve bata de seda de cor creme que tinha deixado de manhã aos pés da cama e que havia caído ao chão. Recolheu-a do chão e a vestiu. Nem sequer se deu ao trabalho de abotoá-la, por que perderia um tempo valioso. Além disso, ninguém a veria, devido a ser muito tarde pela altura que estava a lua. Respirou fundo, deu-se Animo e sussurrou:

— Está na hora.

CAPITULO 3

Chloe avançou para a porta com passo resolutivo, mas quando tocou com a mão o frio botão de metal, toda sua valentia se desfez. Faria bem sair às escondidas em plena noite? Aquelas pessoas a tinham alojado com extrema cortesia ainda sem conhecê-la. E ela pagava assim?

Pensou durante alguns momentos, mas ao final decidiu que também não era grave lançar um pequeno olhar. Moveu a manivela de ferro forjado e empurrou a pesada porta de madeira maciça. Com cuidado, colocou a cabeça para o corredor para se assegurar que estava deserto. Assim era; além de escuro como a boca de um lobo. Quando seus olhos se acostumaram com a escuridão, deu-se conta de que uma luz brilhava tenuamente ao fundo do corredor. Ao se aproximar, viu que era uma esquina do corredor que continuava até o começo de uma escada em caracol. Esse pedaço estava iluminado por uma tocha colocada em um suporte metálico, cujas chamas projetavam sombras cintilantes nas paredes. Avançou para a escada e parou um momento para prestar atenção. Nem um só ruído. Perfeito.

Começou a descer os estreitos degraus, apoiando uma

mão na fria pedra que escorria umidade, enquanto com a outra agarrava com segurança uma grossa corda que fazia às vezes de corrimão. Para evitar tropeçar, manteve o olhar cravado em seus pés descalços durante todo o trajeto. Estes se encolhiam cada vez que os pousava sobre os gélidos degraus, mas isso não a impediu de seguir adiante. Por fim, ao chegar ao último degrau, levantou a vista para frente e então seus lábios emitiram uma muda exclamação. Dezenas de pessoas, vestidas todas elas com pitorescas roupas, dormiam sobre o chão.

Inclusive tinha um par de cães deitados junto à lareira, de dimensões extraordinárias, que coroava a ala norte do salão.

Quando sua surpresa se dissipou, lançou um rápido olhar pela sala; as paredes estavam cobertas por belíssimos tapetes e multidões de armas: escudos, lanças, garrotes, espadas, machados... além disso, várias armaduras, a maioria delas em perfeito estado de conservação, presidiam a entrada e as quatro esquinas do salão. O acervo brilhava lustroso pelo fulgor das chamas, conferindo as armaduras uma sensação de movimento irreal, como se na verdade estivessem vivas, custodiando tudo que as rodeava.

Sobre a lareira, descobriu, colocadas em forma de X, as duas espadas maiores e mais intimidantes que já tinha visto em sua vida. Suas empunhaduras eram magníficas; em cada uma delas tinha engastado rubis de tamanhos vergonhosamente obscenos e outras pedras preciosas. Estava contemplando-os embasbacada quando, de repente, uma lufada de vento por uma das janelas laterais moveu os dois tapetes pendurados no teto, em ambos os lados da lareira.

Então a viu: oculta a vista, protegida por cortinas, tinha uma pequena porta.

O mais prudente teria sido não se aproximar, de fato, Chloe se assombrou com sua própria audácia ao encontrar-se caminhando para lá. Teve que dar várias voltas para pular as pessoas que dormiam, quando finalmente chegou a seu destino. Com muita cautela, olhou a dois cães que se removiam em um sono agitado enquanto mostravam seus intimidantes dentes.

— Cachorros bonitos... — Sussurrou — sonhando com grandes ossos e lindas cachorrinhas, mas não acordem, por mais que queiram.

Ao que parecia, os cães fizeram caso porque deixaram de agitar-se e colocaram calmamente suas cabeças no solo.

— Graças a Deus! — exclamou, enquanto soltava o ar que esteve contendo. — Não gostaria de morrer devorada por esses animais.

A porta estava entreaberta, assim que pode acessar seu interior sem maiores eventualidades. Frente a ela estava uma habitação de grandes dimensões e outra lareira ao fundo, não tão grande como a do outro salão, mas suficientemente grande para esquentar todo o lugar. O fogo estava se consumindo e as chamas, a ponto de extinguir-se, só iluminavam em parte as paredes afastadas. Contudo, ao olhar com atenção soube com certeza que tinha entrado em uma grande biblioteca. As estantes se elevavam desde o chão até o teto e todas elas continham uma infinidade de volumes. A primeira vista, o tamanho dos livros era impressionante, nenhum deles tinha o

lombo menor que a largura da sua mão. Pareciam... manuscritos?

Ainda perplexa, Chloe centrou sua atenção no resto do mobiliário. A esquerda localizou uma grande mesa de mogno e, junto a ela um átrio de corpo inteiro que suportava um pesado volume aberto pela metade. Aproximou-se do pedestal e lançou uma olhada ao conteúdo do livro. Parecia um dicionário, mas ao não entender o idioma em que estava escrito, Chloe fechou o livro ajudada por suas duas mãos. Acariciou com reverência a suave encadernação de pele com guarnições metálicas e depois, abrindo-o de novo na primeira página, leu o que tinha em sua entrada: “Johannis Balbi de Janua... Catholicon. 1460. Johann Gutenberg”.

Desconhecia o significado desses nomes, mas porque tinha a estranha impressão de que o livro era muito valioso? Uma voz em sua cabeça dizia que estava em frente a algo importante, ainda que não conseguisse identificá-lo. Era a mesma sensação que estava experimentando uma e outra vez desde que acordou naquele lugar. Ficava mortificada ao reconhecer que aquilo já começava a converter-se em um costume.

Mais confusa a cada momento, deixou o livro de um lado e se dirigiu ao escritório. A mesa estava coberta de pergaminhos enrolados, um tinteiro enorme de prata, alabastro e dezenas de plumas de aves. Também tinha um pergaminho aberto com um texto começado a ser escrito. Ao que indicava era uma carta. Sabia que não devia fazê-lo, que estava cometendo uma imperdoável indiscrição, mas a tentação era muito forte. No

final, a curiosidade ganhou a partida e Chloe recolheu a missiva entre suas mãos. Olhou de ambos os lados para averiguar que não tinha mesmo ninguém e caminhou para a lareira. Quando esteve a uns três metros do fogo, o cabeçalho se fez completamente legível, e então pode ler em voz alta:

— Berwick, 4 de maio de 1620.

Um intenso calafrio subiu por sua espinha até a base de sua nuca, como se seu corpo estivesse reagido algo que a ela escapava.

— Interessante... vejo que sabe ler.

Chloe deu um pulo ao ser descoberta. O pergaminho caiu de suas mãos indo ao chão, aparentemente esquecido. Todos seus sentidos estavam concentrados naquela voz que acabara de escutar. Ouviu o movimento de alguém se levantando e seus olhos voaram para a poltrona situada a frente da lareira, aquela que até este momento tinha pensado que estava vazia. Ali estava uma pessoa e ela nem sequer tinha percebido sua presença. As sombras que projetavam as sombras recortavam uma silhueta alta de ombros largos, com as pernas ligeiramente abertas e as mãos apoiadas nos quadris, em uma posse genuinamente masculina. Tratava-se de um homem, disso não tinha dúvida, mas não pode ver-lhe o rosto porque estava de costas para o fogo, a contraluz.

— Quem... quem é você?

— A pergunta é: quem é você?

O homem a olhou de cima abaixo. Ela, consciente da pouca roupa que levava, tentou sem êxito ocultar a transparência do camisão, fechando a bata no pescoço.

— Eu... sou Chloe.

— Isso já sei. Seu sobrenome. — sua voz soou cortante.

— Desconheço. Nem sequer estou segura de meu próprio nome. Quem é você?

Pela segunda vez sua pergunta foi ignorada.

— Trago-a a minha casa, dou-lhe teto, comida e bons cuidados para que possa se recuperar de suas feridas e em plena noite a encontro manuseando os papéis de meu pai. É assim que paga nossa hospitalidade?

— Eu, e que...

O homem levantou uma mão de forma autoritária e a interrompeu.

— Agora não me diga que também não sabe como chegou a esta sala, nem como chegou esta carta as suas mãos. — disse assinalando o pergaminho no chão.

Chloe começou a se assustar. Por conta de sua curiosidade tinha se metido em uma boa encrenca.

— Estou esperando. — disse de modo impaciente.

O homem caminhou uns passos para ela e Chloe, por fim, pode ver suas feições. Era jovem, não aparentava mais de vinte e cinco anos. De cabelos negros e olhos claros, seu rosto expressava uma mescla de raiva e surpresa. Levava a mandíbula raspada, embora começasse a nascer uma leve barba. Sua única vestimenta consistia em uns calções de pele parda e uma camisa de linho com cordões desatados, o que proporcionou a Chloe uma nítida imagem de seu peito nu. Tragou saliva, tinha que admitir que se tratava de um homem muito bonito. Mas não, não podia deixar que seus

pensamentos tomassem aquele rumo. Estava em uma situação muito embaraçosa e o que menos convinha nesse momento era se distrair com algo tão banal.

Precisava de uma desculpa razoável para partir imediatamente dali, logo daria as respostas e explicações mais adiante. Ainda que não existisse nenhuma justificativa para sua conduta.

— Despertei no meio da noite e, como não era capaz de conciliar o sono de novo, desci para dar uma volta. Não pretendia ser desconsiderada nem bisbilhotar, só senti curiosidade em ver o castelo onde me hospedaram tão amavelmente. — Chloe adotou uma postura contrita com a qual esperava abrandar seu interlocutor. — Sinto muito, estou um pouco cansada. Não deveria ter me aventurado a sair de meu quarto até estar totalmente recuperada. Se me der licença, regressarei a meu quarto e amanhã poderemos falar com mais tranquilidade. Além disso, não estou corretamente vestida. — De modo consciente e premeditado, Chloe fechou com mais força o tecido que segurava o pescoço da bata.

— Nisso tem razão. — declarou ele, enquanto seus olhos percorriam com intensidade o corpo meio coberto da jovem. — Embora agora já não tenha muita importância: vi-a com bem menos roupa do que leva agora.

— Como?

— Quando a encontrei, estava meio desnuda.

— Oh! — exclamou Chloe envergonhada.

Ele meditou por alguns instantes e ao final respondeu.

— Está bem, esperarei até amanhã. Porém, quero que,

quando nos sentemos para conversar, não invente nenhum pretexto para fugir, como está fazendo agora mesmo. De acordo?

Chloe, aliviada por estar se salvando de um iminente interrogatório, ao menos durante aquela noite, assentiu em silêncio.

— Não se esqueça. Amanhã falaremos. Por certo...

Ela já estava a meio caminho da porta. Ao ouvi-lo parou um instante, mas não chegou a voltar-se.

— Sim?

— Meu nome é Davie. Davie Whitney.

Quando Chloe abandonou o salão, não parou para comprovar que molestou alguém em seu passo. Cruzou rapidamente o grande salão e, em sua tormentosa fuga, despertou a um dos cães. Este levantou a cabeça, emitiu um profundo grunhido e fez gesto de levantar-se, mas ao ver que a intrusa se afastava para as escadas, voltou a sua posição de descanso.

CAPITULO 4

— Bom dia, milady. Espero que hoje tenha amanhecido mais calma que ontem.

Chloe confirmou com a cabeça, mas foi algo automático. Não tinha conseguido dormir toda a noite. Na verdade, nem sequer conseguiu deitar. As luzes da aurora a encontraram sentada junto à janela, pensativa e completamente aturdida. Assim também a encontrou Mae, que se aproximou dela com algo pendurado em seu braço.

— Santo Deus misericordioso! — exclamou ao ver o rosto de Chloe — Moça, está com um aspecto deplorável. Por acaso não dormiu bem?

Chloe demorou alguns momentos para entender o que a mulher estava dizendo. Levantou-se muito devagar e, com os movimentos de uma autômata, foi até a penteadeira. Olhou-se no espelho e viu sua imagem refletida. Não era nada estranho que Mae estivesse surpresa, tinha os cabelos desordenados e profundas olheiras de cor violeta sombreando seu rosto.

— Não preguei o olho a noite toda. — confessou.

A anciã soltou um suspiro de resignação enquanto deixava um vestido sobre a cama.

— Pois devemos fazer algo imediatamente. O jovem Davie comentou faz um momento que hoje falaria com você. Embora eu tenha insistido que ainda não está totalmente restabelecida, não deu o braço a torcer. Espera-a na biblioteca, assim que não temos tempo a perder.

Depois daquilo, dois jovens entraram no quarto carregando uma grande tina de madeira. Atrás deles vieram quatro donzelas que carregavam baldes cheios de água quente. Colocaram a tina no centro da habitação e verteram a água dentro, sob o olhar atento da velha servente. Quando terminaram, Mae voltou-se para Chloe.

— Ainda está assim? Venha, moça, tire a camisola.

— Mas...

— O que ocorre?

— É necessário que tenha tantas pessoas aqui? — perguntou Chloe embaraçada.

— Não é muito usual que uma dama se asseie sem ajuda de ninguém... bom, neste caso faremos uma exceção e ficarei somente eu. — Com um gesto, ordenou as criadas que saíssem da habitação — Entre logo, jovem, porque se demorar a água esfriará.

Não muito convencida, Chloe tirou sua camisola. Contudo, à medida que ia entrando na água, foi trocando de parecer.

— Isso é maravilhoso. — sussurrou fechando os olhos.

Sentia todas as suas articulações intumescidas depois da longa vigília passada, mas a água quente, ligeiramente perfumada com lavanda, conseguiu relaxá-la pouco a pouco. Mae se aproximou por trás e começou a esfregá-la nas costas

com um pano ensaboadado.

— Precisa estar apresentável ao jovem Davie e, sobre tudo para lorde Lambert. Ele soube que Davie iria falar com você e insistiu em estar presente.

Chloe já sabia quem era Davie, e estava certa de que Mae sabia de sua pequena incursão noturna, embora a anciã não tivesse feito nenhuma referência aquele fato. Preferiu não comentar nada e focalizou no segundo homem.

— Quem é lorde Lambert?

— É o senhor do castelo e pai de Davie. Não precisa temê-lo. No começo ficará intimidada, mas mais tarde descobrirá por você mesma que cão que late não morde. Vou tirar sua vendagem para ver como esta sua ferida, assim que tente não mover muito a cabeça.

Pouco a pouco, foi tirando as longas tiras de pano até que o emplastro ficou a vista. Ao retirá-lo, observou a contusão com olho crítico. A ferida tinha fechado e a crosta que cobria tinha uma cor bem saudável.

— Dói muito?

— Não, só sinto uma pequena fisgada.

— Perfeito. Está curando melhor do que eu esperava. Agora preciso eliminar qualquer rastro de sujeira para que não infeccione. Vamos, mergulhe a cabeça que vou lavar seu cabelo. Aliás, como o leva tão curto?

Chloe franziu o cenho. A que vinha essa pergunta? Deveria responder? O melhor seria ficar calada e assim o fez. Limitou-se a encolher os ombros em sinal de desconhecimento.

— Isso não é nada, logo crescerá. — comentou a anciã,

tirando importância do assunto. Quando terminou de ensaboar seu cabelo, Mae pegou um pouco de água e jogou sem mais delonga sobre sua cabeça, fazendo que começasse a tossir sem controle.

— Uf! Poderia ter me avisado que faria isso...

— Sinto muito, — desculpou-se Mae — já terminamos. — instigou-a que saísse da água e estendeu um grande pano branco para que se secasse. Enquanto isso, ela se aproximou da cômoda, abriu uma das gavetas superior e tirou uma escova e um pente de tartaruga. — Venha sentar-se junto ao fogo, que vou desembaraçar seu cabelo.

— Posso fazer isso sozinha. — protestou Chloe.

— Bobagens, eu farei isso. Além disso, poderia fazer dano a sua ferida.

Chloe resmungou baixo, mas obedeceu. Com cada passada da escova em seus cabelos, sentia que a umidade ia desaparecendo, e ela acreditou que logo dormiria, até que sentiu que Mae começava a fazer coisas estranhas em sua cabeça.

— Que está fazendo?

— Penteando, claro. Não pensava baixar com os cabelos soltos, verdade? Vejamos o que podemos fazer com este cabelo tão curto.

Chloe não discutiu com ela, embora não estivesse muito convencida do que a anciã pretendia. Ao final de alguns minutos, Mae afirmou satisfeita:

— Acredito que não ficou tão mal, apesar das circunstâncias. Vai olhar no espelho.

Quando viu sua imagem refletida no espelho, não pode senão admirar o trabalho realizado. Preso na parte superior, todo seu cabelo estava recolhido e dividido em mechas de intrincadas formas, exceto algumas deixadas soltas que demarcavam delicadamente seu rosto.

— Está maravilhoso! Mae, tem umas mãos divinas. — assegurou.

— É só questão de prática. São muitos anos penteando lady Judith.

— Quem é lady Judith?

— A defunta esposa de lorde Lambert. Morreu há alguns anos. — murmurou Mae com pena, embora logo em seguida afastasse de sua mente memórias tão dolorosas. — E agora, vamos vesti-la.

— Mas se não tenho nada para vestir...

— Trouxe-lhe um vestido de lady Judith. É um pouco mais baixa que ela, assim tive que encurtá-lo um palmo, mas tem o mesmo tamanho. Presumo que servirá.

— Não acredito que seja correto...

— Bah! — resmungou tirando importância. — Faz muito tempo que este castelo não hospeda nenhuma jovem como ela ou como você, é uma verdadeira lástima que todas essas roupas estejam guardadas em baús, estragando com o passar do tempo.

Mae foi de novo até a cômoda e tirou uma camisa com mangas de uma das gavetas. Estendeu a Chloe e ordenou que a colocasse enquanto ela recolhia o vestido de cima da cama. Passou por sua cabeça e não a deixou se contemplar até que

terminasse de atar as cintas laterais.

O vestido era sublime. Tratava-se de uma criação em brocado cor lavanda com a saia volumosa e um decote alto, bem elaborado. As mangas, amplas e largas chegavam a roçar o chão, estavam adornadas com pontos serrilhados, igual a todo redor. Chloe passou suas mãos sob o brocado da saia admirando sua suntuosidade.

— Não tenho palavras... é maravilhoso. Mas eu não posso...

— Claro que pode, — interrompeu Mae colocou um cinturão ornamental abaixo do peito e depois assentiu, claramente orgulhosa de seu trabalho — estás belíssima. E agora, baixemos.

Chloe ficou cravada no lugar. Seus pés não respondiam, tinha pânico do iminente encontro que estava a ponto de produzir-se. O que perguntariam? E o pior de tudo, o que poderia responder?

Mae percebeu sua insegurança, e tentou insuflá-la de ânimos. Recolheu seu antebraço e, dando umas carinhosas palmadas, incitou que caminhasse até a porta.

— Não vai querer deixá-los esperando o dia todo, verdade? Vamos, não seja tímida. Além disso, não tem nada a temer.

Chloe respirou fundo e tentou convencer-se de que a anciã estava certa. Quanto antes passasse por aquilo, antes saberia o que o futuro lhe reservava. Um futuro incerto e tão desconhecido como seu passado. Porque embora ninguém tivesse dito nada, ela intuía que dessa conversa dependeria sua vida dali por diante.

Davie e seu pai estavam em pé junto à lareira da biblioteca enquanto falavam da atual situação da fronteira com a Escócia, apesar de que lorde Lambert já tinha colocado seu filho a par sobre o dia e todos os acontecimentos nos primeiros dez minutos de conversa. Desde que Mae tinha anunciado que iria ao piso superior ajudar com o asseio de Chloe, estavam esperando há quase uma hora, tempo mais que suficiente para que a moça estivesse pronta. Embora nenhum dos dois tenha feito nenhum comentário a respeito até então, dadas suas expressões sérias, dava para perceber que a paciência já estava a ponto de se acabar.

— Estão demorando. Será que aconteceu algo? Comentou Davie afinal.

Neste momento a porta se abriu e ambos os homens giraram de imediato. Sob o umbral estava somente Mae Campbell, ninguém mais. Em resposta a seus respectivos olhares de interrogação, a mulher arqueou levemente as sobrancelhas indicando as suas costas e disse:

— Não fique atrás de mim, juvenzinha que ninguém vai mordê-la nesta sala.

Atrás dela, com passo indeciso, apareceu Chloe. Ia com a cabeça baixa e as mãos apertadas em um punho sobre seu colo. Desde que saiu de sua habitação não havia dito nada, pois era incapaz de articular palavras. Para começar, o vestido que levava, embora fosse muito bonito, fazia-a se sentir muito incomoda. Era tão pesado que a impedia de caminhar com fluidez, além de que esteve a ponto de cair várias vezes devido a seu comprimento. O ruído da saia arrastando no chão

parecendo uma calda, e seus pés se enganchava continuamente à medida que avançava. Além disso, o tecido picava muito, porém lhe dava vergonha admitir. Contudo, o pior não era isso, sim os nervos que mexiam com suas entranhas. Na realidade estava morta de medo.

O que aconteceria se a mandassem embora por ter estado andando pelo castelo à noite, como um vil ladrão? Era seu maior medo. Não tinha nenhum lugar aonde ir, ao menos que ela soubesse, nem mesmo a quem recorrer. Nesse momento, essas pessoas que tão amavelmente a tinham auxiliado eram para ela o único ponto ao qual agarrar-se dentro do caos na qual sua vida estava imersa neste momento.

— Entre mulher, e deixe-me vê-la bem.

Atribulada, Chloe levantou a cabeça para a profunda voz que surgiu ao fundo do salão, mas seus pés se negaram a avançar. Seus olhos se encontraram com o olhar penetrante e azul de um homem maduro de longos cabelos, que vestia um esplêndido casaco granada sobre umas calças de cor crua. Não percebeu que outro par de olhos, similares ao anterior, contemplava-a maravilhados dos pés a cabeça, admirando sua beleza. Davie ficou uma pedra quando a viu entrar. Na noite anterior, por causa da escassa luz reinante na sala, não tinha podido apreciar com clareza as formosas feições e a silhueta volumosa da moça. Mas agora, em pleno dia, essa visão lhe produziu uma profunda impressão, tanto que o deixou sem fala. Foi seu pai quem deu início a conversa, deixando-o a um inconveniente segundo plano.

— Antes de mais nada, seja bem-vinda a Whippedone. Não

é frequente ser anfitrião de uma pessoa e conhecê-la dias depois, mas devido às circunstâncias. Sou lorde Lambert Whitney, conde de Berwick e senhor deste castelo, — antes de prosseguir com seu discurso, efetuou uma perfeita reverência — meu filho, creio que conheceu ontem à noite. — assinalou um surpresa Davie. — Espero que sua recuperação esteja sendo satisfatória. Como está? — Foi então que o homem percebeu sua situação. — Perdoe minha pouca educação. Por favor, sente-se.

Lorde Lambert indicou com as mãos a cadeira situada junto à lareira, aquela onde na noite anterior Davie tinha permanecido oculto. Chloe observou a cadeira com olhos especulativos, duvidando se seria conveniente se sentar ali. Então a voz de Mae interrompeu seus pensamentos:

— Se me desculparem, estou me retirando. Se precisar, só me chamar.

Chloe assustada, voltou-se para ela. Seu rosto alterado lhe suplicava em silêncio que não a deixasse só, a mercê desses homens a quem não conhecia, mas a servente lhe lançou um olhar carregado de ânimo e abandonou a sala. A jovem soltou um suspiro de resignação e não teve mais remédio que caminhar até a cadeira.

Tentou sentar-se com dignidade, mas o tecido da saia formou redemoinhos a seus pés e, ao enganchar-se em um dos braços da poltrona, afastando a poltrona e fazendo que Chloe caísse sobre seu respaldo de um modo pouco feminino. Com as bochechas queimando pela vergonha, ajeitou-se o melhor que pode até colocar-se na beirada do assento com a costa muito

reta. Sabia que ambos os homens tinham seus olhos cravados nela, e isso não fez mais que acentuar seu nervosismo. Contudo, não tinha esquecido que se encontrava em uma situação muito delicada, assim que teve coragem de ser a primeira a falar, a fim de esclarecer as coisas o quanto antes:

— Eu gostaria... eu... — sua voz soou fraca e vacilante, como se lhe custasse articular as palavras. Limpou a garganta várias vezes para tentar desfazer o nó que ali se instalara — rogo que me desculpe por meu comportamento de ontem.

Lorde Lambert a olhou sem compreender e depois pousou a vista em seu filho. Este simplesmente encolheu os ombros, assim que o conde animou Chloe para que se explicasse melhor.

— Não conseguia dormir, por isso sai de meu quarto para dar um passeio com a esperança de que o sono chegasse. Quando cheguei a esta biblioteca, os vi — assinalou com um dedo trêmulo aos pergaminhos que ainda estavam sobre a mesa. — senti curiosidade e... devem acreditar, não era minha intenção mexer em seus papéis. Na verdade, só cheguei a ler o cabeçalho da carta.

Cabisbaixa, Chloe aguardou o momento que, com raiva a enxotassem dali por sua indiscrição. O conde tomou seu tempo para responder, mas, quando o fez, sua voz adquiriu um matiz de surpresa e incredulidade.

— Sabe ler?

— Eu... sim. — não estava esperando aquela pergunta. — Porque não iria saber?

— E escrever? — perguntou.

— Também. — afirmou Chloe com certeza, embora ela mesma estranhasse sua segurança na resposta.

Lorde Lambert esfregou a testa e começou a passear pela habitação como um animal enjaulado. Enquanto, murmurava frases tolas como “isso troca ligeiramente as coisas... acreditava que se tratava de uma simples aldeã...” afinal, parou em frente à Chloe e olhou-a nitidamente antes de perguntar:

— Moça, é certo que não se lembra de quem seja? Nem como chegou até aqui?

Chloe assentiu com a cabeça, mas o homem não se deu por satisfeito.

— Sêrio que não se lembra de nada? Insistiu o lorde.

— A única coisa que me recordo foi de ter acordado neste castelo. Antes disso, nada.

— Visto assim, terei que ampliar minha investigação por toda a Inglaterra e notificar esta situação a corte.

— Como disse? Perguntou com estranheza.

— Quando soube de sua presença aqui, comecei a investigar por minha conta. No começo supunha que fosse uma camponesa dos arredores ou uma dama de companhia, apesar da insistência de Mae e de meu filho, por ter limitado minha busca de informação a este condado e a seus limites. Ao que parece, ninguém a conhece por estes lados, mas é evidente que os dois tinham razão: seu porte, sua forma de falar e os conhecimentos que possui não deixam dúvidas.

Chloe ficou muda. Estavam investigando sua procedência e não tinham encontrado nada? Aquilo era muito

desencorajador. Se ninguém tinha ouvido falar dela, isso significava que ninguém a estava buscando, ou sim?

— O que tenta me dizer? — perguntou Chloe — Não entendo nada.

— Quero dizer que está claro que é uma dama. Isto é algo que eu não esperava e agora mesmo não sei o que fazer, — reconheceu lorde Lambert com pesar, ao mesmo tempo em que afundava em um assento de seu escritório e levava às mãos a testa — preciso pensar.

— Senhor, não consigo entender todo o significado de suas palavras, mas lhe asseguro que não é minha intenção criar mais moléstias que as já ocasionadas. Estive meditando profundamente e cheguei à conclusão que o melhor para todos é que parta quando estiver plenamente restabelecida, se forem tão amáveis de esperar até que isso ocorra. Preciso de respostas e duvido muito que possa encontrá-la nestes muros.

Davie levantou rapidamente a cabeça e a observou como se estivesse louca.

— Mas se ainda não está totalmente recuperada!

— Encontro-me muito bem, já quase não sinto enjoo. — respondeu Chloe enquanto voltava a cabeça para ele — Não quero causar mais transtornos.

— Enjoada? E já quer partir? Aonde vai, podemos saber?

— Pois... não sei com exatidão. Ainda não tive tempo para pensar.

— Está dizendo que não sabe para onde ir, não se lembra de nada de sua vida anterior, ainda padece de enjoos e pretende que a deixemos partir nestas condições? — o tom de

Davie foi subindo à medida que falava.

— Posso esperar estar bem recuperada, mas então devo partir.

— Isto está fora de discussão! — exclamou o conde. Levantou-se com ímpeto de sua cadeira ao mesmo tempo em que assinalava com o dedo acusador. — Jovenzinha, meu filho tem razão. O que pretende fazer é uma loucura. Nós a acolhemos em nossa casa, assim que agora somos responsáveis por você. Portanto, não sairá destes domínios até que tenhamos averiguado quem é na realidade e possamos entregá-la com total segurança a sua família.

— Mas e se nunca conseguir averiguar quem sou? E se ninguém reclamar meu desaparecimento e jamais volte a recuperar a memória?

Lorde Lambert fixou a vista em Chloe e entrecerrou os olhos. Meditou durante um longo momento, pensando com atenção suas seguintes palavras antes de formulá-las em voz alta.

— Repito que agora está sob minha proteção, e assim seguirá sendo até que eu decida o contrário. Se acontecer os infortúnios que comentou, ficará em Whippledone por todo o tempo.

— Não entendo. E o que eu farei aqui esse tempo todo? Preciso retribuir de alguma forma a hospitalidade que me brindaram. Eu... poderia trabalhar como servente.

— Você, uma servente? — lorde Lambert se aproximou de Chloe em duas grandes passadas e tomou seus pulsos. — Já viu estas mãos? É evidente que jamais realizou trabalho físico

algum. São mãos de uma dama. Como pode pensar em uma estupidez dessas?

— Mas...

— Nem te ocorra discutir comigo. — fulminou-a com o olhar, com tanta intensidade que Chloe se agarrou com força aos antebraços da cadeira e se afastou, acovardada. — Afirmou que sabe ler e escrever. Por acaso também sabe somar?

— Eu... suponho que sim.

Lorde Lambert girou para a escrivadinha e sacou da gaveta esquerda um grande livro de contas com a encadernação suave de couro negro. Depois se aproximou dela e colocou em seu colo.

— Tome. Vá à primeira página, onde verá uma lista de muitos números. Tente somá-las até obter um resultado. Na hora do almoço, veremos como foi.

— Um momento. — respondeu Chloe quando abriu o livro e viu os números.

Levantou a cabeça e reparou que os homens já estavam junto à porta. — Esperem.

— O que acontece? Perguntou os dois ao mesmo tempo.

— Tenho que somar todas as cifras do livro ou só o da primeira folha?

— O livro inteiro? Demoraria vários dias, talvez até semanas, realizar uma conta de tal magnitude. Para começar, centra só no que eu disse. Presumo que isso levará toda a manhã e parte da tarde.

— Acredito que se equivoca, — contradisse Chloe — posso fazê-lo agora mesmo.

Os dois homens a olharam incrédulos. Enquanto isso ela colocou mãos a obra. Quando quiseram reagir, Chloe já tinha se levantado e, enquanto se dirigia para eles, comentou com alegria:

— Já fiz. Terminei.

— Ah, sim? E quanto dá? — o conde, cético, levantou uma sobrancelha.

— Três mil, quinhentos e vinte e cinco.

Davie escrutinou com a vista seu pai. Este não saía de seu assombro.

— Não é possível, — lorde Lambert estava assombrado — eu demoro um longo tempo para fazer uma conta dessas. Como fez isso?

— Poderia ser rapidez mental?

Não entendeu o que Chloe quis dizer, e até mesmo Chloe se surpreendeu por sua audácia. De qualquer forma, depois de digerir o fato de que aquela mulher era incrivelmente rápida em algo até então reservado somente aos homens, lorde Lambert foi até ela e, ao mesmo tempo em que tirava o livro de suas mãos, ofereceu-lhe seu braço.

— Muito bem, já temos uma tarefa para você. Nem eu nem meu filho gostamos de fazer a contabilidade desta casa, mas vendo a facilidade que tem para cálculo, a partir de agora será a encarregada deste trabalho. Porém começará em outro momento. Agora, como bom anfitrião, tenho a obrigação de mostrar-lhes meus domínios. Venha comigo moça, e mostrarei o resto do castelo. Já é hora de que conheça sua nova casa.

CAPITULO 5

Londres, Castelo de Windsor.

Embora fizesse um bom tempo que as audiências tinham terminado, a grande sala do trono ainda estava abarrotada de gente. Vários guardas ordenavam aos que assistiam, que abandonassem o salão imediatamente, mas muitos eram contrários em interromper a interessante conversa que mantinham sobre a polêmica que tinha gerado a última audiência real.

Alguns meses atrás, a notícia do prematuro e surpreendente casamento entre lorde Andrew Lenton e lady Leah Carr havia percorrido a corte como rastilho de pólvora. Os comentários maledicentes a respeito de dita união tinha servido de alimento para os esfuziantes adeptos das intrigas palacianas, que já estavam a um longo tempo sem um escândalo e fofocas recentes para saciarem suas irrefreáveis e doentias necessidades. As fofocas que circulavam pelos corredores, tinha nutrido uma multidão de opiniões disparatadas, a maioria exageradas e muito pouco verídicas, mas o verdadeiro estopim para que aquela audiência

alcançasse tal poder de convocatória, levando a um numero superior ao habitual, foram os rumores que ventilaram sobre um possível enfrentamento. E os rumores não eram equivocados. A disputa mantida dentro daquela sala teria terminado em tragédia se o próprio Rei não tivesse servido como mediador.

Andrew Lenton conheceu aquela que seria sua futura esposa, lady Leah Carr, em uma festa organizada no castelo de Windsor. Fazia menos de um mês que o pai de Andrew, Conde de Tempton, tinha falecido de uma infecção pulmonar. Seu filho, como primogênito, deveria herdar o condado, assim que teve de apresentar-se perante o Rei para tomar posse formalmente do título. Jacob I o convidou para passar alguns dias na corte para poder discutir com ele vários temas concernentes a assuntos de Estado e, em uma dessas noites, em uma velada, de que o Rei tanto gostava de organizar para seus súditos mais ilustres, viu-a pela primeira vez. Lady Leah estava acompanhada por seu pai, o visconde de Beresford, mas quando seus olhos se cravaram nela não pode pensar em outra coisa, senão em conhecê-la. Começou a fazer discretas perguntas entre os assistentes para descobrir quem era aquela dama tão encantadora, de uma beleza sem igual, e seu interesse não apaziguou nem mesmo quando soube que ela estava quase comprometida com outro homem. Sempre pendente dela, conseguiu um encontro improvisado entre ambos, em um desses escassos momentos em que seu pai a deixou sozinha para conversar com um velho conhecido, enquanto ela estava se servindo de um copo de ponche.

Quando seus olhares se cruzaram, surgiu no mesmo instante uma chispa, e já não conseguiram deixar de conversar até que lorde Robert Carr, com o cenho franzido, aproximou-se dos dois e a levou embora.

Durante os seguintes dias conseguiram se ver as escondidas, e o amor entre eles brotou como uma flor de amendoeira na primavera, com força. Entretanto, cada dia que passava estava mais próximo o momento em que teriam de dizer adeus, assim que Andrew lhe propôs uma ideia descabelada: fugirem juntos.

Aquilo foi um verdadeiro escândalo. O visconde de Beresford fez um enorme escândalo ao inteirar-se da fuga de sua filha e ordenou que se fizesse uma busca imediata. De qualquer forma, quando há encontraram uma semana depois, já se tinham convertido em marido e mulher. Lorde Robert Carr tinha chegado a um acordo referente aos esposais de sua filha, e sabia que aquela situação iria desencadear graves consequências para ele. Exigiu a anulação do enlace, mas era muito tarde. Além disso, Andrew lhe ofereceu umas vastas terras como compensação e o problema ficou aparentemente resolvido. Até que a outra parte agravada reclamou responsabilidades. O antigo prometido de lady Leah não foi tão permissivo como o pai desta e, alegando uma grave ofensa, levou uma queixa formal ao mais alto escalão do reino: A Coroa.

O assunto tinha requerido muita diplomacia por parte de sua majestade. Na realidade, não podia declarar-se a favor nem de um nem de outro, já que ambos eram pares do reino, assim

teve que tomar a melhor decisão para tentar suavizar a humilhação da qual tinha sido vítima uma das partes, sem prejudicar ao outro nobre. Ao Conde de Tempton se impôs uma exorbitante multa, que iria diretamente para as arcas do antigo prometido a modo de reparação. Lorde Andrew Lenton pagou com gosto a dita quantia, posto que para ele Leah fosse o mais importante. Porém, aquilo não evitou que se produzisse uma pequena escaramuça entre ambos os homens enquanto a audiência estava tendo lugar. Muito tarde, Jacob I entendeu que teria que ter organizado esse encontro as portas fechadas, sem público que fosse testemunha desse enfrentamento.

Depois de um árduo esforço por parte da guarda real, a sala foi finalmente esvaziada. Os últimos a sair foram os dois homens, que iam falando despreocupadamente, ignorando os cochichos que se ouviam ao seu redor e ao atento olhar que recebiam a seu passo. Um deles era o Conde de Tempton.

Seu porte altivo o distinguia como membro da nobreza. Além disso, a aparência de ambos era surpreendente, embora Andrew Lenton tivesse o cabelo loiro e o outro tinha um tom mais escuro, com matizes de cobre. Possuíam a mesma compleição física e tinham a mesma altura, com um corpo musculoso que se mostrava abaixo do tecido de seus casacos. Até suas feições eram similares, de rasgos duros e angulosos, apesar do rosto de Andrew estar suavizado por um exuberante sorriso que se estendia a seus olhos, de um suave castanho esverdeado. Ninguém podia colocar em dúvida que eram irmãos.

Cedric Lenton tinha ido a Londres para dar seu apoio ao

irmão mais velho. Mas ele, ao contrário de Andrew, não sorria. Algo o inquietava. Seus olhos verdes mostravam um leve tom de preocupação, assim que parou seus passos pouco antes de atravessar as portas da sala de audiências e enfrentou seu irmão.

— Se fosse você, cuidaria muito bem de suas costas.

— Porque diz isso, Cedric?

— Faz um momento, acreditei que esse sanguessuga iria te atravessar com sua espada diante de todo mundo. Antes que a guarda o retirasse, vi seu olhar e posso lhe assegurar que não pressagiava nada de bom.

— He, he, he... ! — Andrew riu com vontade — Sua percepção parece um pouco exagerada, irmão.

— Exagerada, você diz? — Cedric fez uma careta — Eu não vejo assim. O que você fez é uma grande ofensa para qualquer um.

— É normal que este homem se considere insultado, nisso te dou razão. Contudo, ambos tiramos benefícios deste assunto. Ele, uma importante compensação econômica que saiu de meus bolsos, mingando consideravelmente meu patrimônio; e eu, uma encantadora esposa que amo acima de todas as coisas, inclusive todas as minhas posses e meu título. O rosto de Andrew se iluminou ao mencionar sua esposa, como vinha ocorrendo desde que a conheceu. — A partir de agora, minha doce Leah poderá ir com a cabeça bem alta.

— Claro, como ela está? — perguntou Cedric.

— Tão bonita como sempre. E teimosa. Lembra muito a você. — Cedric resmungou algo, parecendo molesto pelo

comentário de Andrew, mas este respondeu com uma gargalhada e uma amistosa palmada no ombro. — Insistiu até não poder mais em vir a Londres comigo, mas fui firme e neguei até o fim.

— Não entendo, porque razão queria vir? Ela sabia que isto não seria muito agradável.

— O maldito orgulho feminino. Leah queria acabar de uma vez por todas com as más línguas que afirmam que o motivo de nossa fuga se devia a um deslize com consequências aparentes depois de nove meses.

— E não é assim? — perguntou astuto Cedric, enquanto alçava uma sobrancelha.

— Claro que não! Embora bem poderia ter acontecido... — comentou em sussurros Andrew, para que só seu irmão pudesse ouvir. Ao seu redor ainda rondavam algumas pessoas, que tinham ficado atrasadas com o único propósito de conseguir um pouco mais de fofoca para alimentar sua curiosidade. — de qualquer modo, a mim não teria importado em absoluto. — afirmou satisfeito.

— Andrew, não vai mudar nunca. — Por fim, Cedric deixou ver em seu rosto o desenho de um sorriso.

— E você, sem vergonha? — O timbre de sua voz adquiriu um tom brincalhão — Quando sentará a cabeça?

— Sentar a cabeça? Eu? Não sou homem de uma só mulher já sabe, muito menos quando posso ter uma diferente a cada noite para esquentar meu leito. — afirmou com deleite.

— Cedric, já está na hora de buscar uma esposa e deixe de saltar de cama em cama, tal como tenho observado acontecer

desde que aqui chegamos. A corte é um círculo muito mundano, existe mais liberdade para satisfazer seus instintos e mais permissividade na hora de prestar contas, mas até certo ponto. Tenho visto a impressão que causa entre as mulheres. A maioria das damas que havia nesta sala estavam te devorando com os olhos. Até sei de uma em concreto, como a marquesa de Kingston, que te presenteou em pessoa com suas amáveis atenções, sem se preocupar que seu marido se inteire. Depois de suas correrias destes últimos dias, pensei que seria você e não eu a prestar contas ao Rei.

— Irmão, subestima-me. Minha descrição tem sido exemplar, apesar de que a dama em questão tem se comportado de modo bastante feroso e descuidado na presença de outras pessoas.

— Eu só te digo que não sabe o que está perdendo. Algum dia lembrará minhas palavras e desejará ter feito caso de meus conselhos.

— Duvido muito que chegue esse dia. — alegou jocoso.

— Bom Cedric, gostaria de seguir conversando contigo, mas tenho que partir. Aqui nos despedimos. Agora que finalmente isto está finalizado, volto para Lenton house junto a minha esposa. Se deixar Gideon mais alguns dias com ela, nosso irmão pequeno acabará me odiando.

— Por quê?

— Leah é mais persistente que eu no que se refere aos assuntos do coração. Não sabe a insistência com a qual pretende lhe buscar uma esposa. Quando parti para vir a corte, faltou pouco para que Gideon me suplicasse de joelhos que

permitisse que me acompanhasse. Não o deixa nem um minuto.

— Adoraria ver isso!

— Não ria tanto. Quando Leah fixar seu objetivo em ti, estará perdido — assegurou Andrew enquanto fazia gesto de ter uma corda em volta do pescoço.

Dito isto, e depois da troca de mais algumas palavras, os irmãos se despediram com um caloroso aperto de mãos. Depois, cada um tomou uma direção diferente. Naquele mesmo instante, em uma das dependências situadas na outra ponta do castelo, outro homem lutava para manter sua ira sob controle.

A audiência tinha sido uma autêntica palhaçada. Todo mundo tinha rido dele, assinalando-o pelas costas como um cornudo, um homem sem caráter que tinha deixado que tirassem sua prometida como se fosse um menino do qual tomam o caramelo dentre as mãos. Mas aquilo não ia ficar assim. Com os punhos crispados, passeava pela habitação enquanto murmurava impropérios que só conseguiam aumentar ainda mais sua raiva. Os xingamentos saiam de sua garganta como uma torrente interminável, todos dirigidos a uma única pessoa, ao mesmo tempo em que sua mente rugia pela indignação. De repente, deteve seus passos com brusquidão frente a uma das janelas que davam para o imenso jardim, depois com infinita calma, brotou uma única palavra de seus lábios: vingança. Repetiu-a uma e outra vez, até que a palavra reverberou no ambiente como um presságio de uma tormenta que está a ponto de desencadear-se. Cedo ou tarde

conseguiria fazer pagar o conde de Tempton toda sua vergonha e sua desonra que ocasionou, nem que isso levasse grande parte de sua vida. Já sabia exatamente com quem deveria falar.

CAPITULO 6

Com o passar dos dias, Chloe foi se adaptando pouco a pouco a sua nova situação, embora isso não fosse fácil. Desde o uso da pia usada para lavar as mãos e a tina para suas necessidades, havia os odores que circulavam por todos os lugares, tudo o que a rodeava era uma inquietante novidade, como se nunca tivesse vivenciado essas pequenas coisas.

Teve que adaptar sua vista para a tênue luz das velas e, olha que isso custou um bom tempo, ao final acabou por aprender a usar a isca e a pedra para acendê-las, mas de longe, o que mais incomodava eram as vestimentas, por mais bonitos que parecessem, aqueles vestidos, que tão amavelmente lhe tinham ofertado, converteu-se em um verdadeiro incomodo vesti-los.

Às escondidas, sem que ninguém a visse, não fazia mais que esfregar seus pés para aplacar a coceira daqueles tecidos, e um estranho pressentimento lhe dizia constantemente que ali faltava alguma coisa, que aquelas vestes que lhe chegavam até os pés não conseguiam cobrir certas partes de sua anatomia, pelas quais circulava muito ar.

Os dias transcorriam acelerados para ela, sempre tinha

algo novo por descobrir, mas as noites eram outro assunto. Não tinha manhã que não despertasse completamente ensopada em suor e com o coração batendo descontroladamente, depois de sofrer inúmeros pesadelos que só conseguiam confundi-la ainda mais, ainda minavam suas forças por completo. Ela não sabia, Mae cuidou para que não lhe dissessem, mas era cotidiano ouvir seus desesperados gritos em plena madrugada, quando a quietude do castelo era total. Murmurava palavras incoerentes em seus sonhos, e só conseguia se acalmar quando a anciã subia a sua habitação e a obrigava a beber, ainda que meio adormecida, uma infusão que já deixava preparado.

Quando despertava, tentava recordar o que havia sonhado e se estava relacionado com seu passado, esse que era uma verdadeira incógnita para ela, mas as imagens se desvaneciam igual areia entre seus dedos. De vez em quando soltava alguma palavra na frente das pessoas que nem mesmo ela compreendia, como se seu cérebro fosse por um caminho e suas palavras por outro. Aquilo tudo era muito confuso, mas por mais que tentasse, era impossível achar algum significado.

Apesar de tudo, Chloe sentia muita curiosidade por tudo que a rodeava. Sua vontade de encontrar algo que a ajudasse a recordar alguma coisa, levava-a a investigar em qualquer momento ou lugar, e era assim que a cada dia descobria algo novo. Como naquela manhã, quando dava um passeio próximo às cavalariças.

Ralph, um dos jovens cavaleiros, estava sentado sobre um tronco, limpando, encerando e lustrando as selas. Alguns

dias depois de haver falado com lorde Lambert e seu filho, Chloe tinha ido conhecer pouco a pouco cada um dos serventes. Ela sempre fazia inúmeras perguntas referentes ao seu trabalho e, graças ao genuíno interesse que mostrava ao receber as respostas, havia ganhado a mais profunda simpatia por parte de todos. Escutava com atenção suas explicações, e até oferecia ajuda em suas tarefas, mas eles declinavam o oferecimento olhando-a com uma mescla de assombro e incredulidade, estranhando que uma dama como ela quisesse se rebaixar a realizar um trabalho que não lhe correspondia. Ainda assim ficavam muito agradecidos por sua sensibilidade e seu bom ânimo para com eles. Tinham começado a apreciá-la, e já eram poucos os que a olhavam com ceticismo e desconfiança.

— Bom dia, Ralph. — saudou alegremente — O que está fazendo?

— Bom dia senhora, preparando as cadeiras de montar. — respondeu o moço com um sorriso deslumbrante.

— Alguém vai sair? — Chloe se fixou na grande pilha de selas que se amontoavam de ambos os lados do rapaz.

— Não senhora, mas todas precisam estar em perfeitas condições, a qualquer momento, se for necessário sair uma guarnição.

— Posso ajudar? Não parece muito difícil.

— Mas milady, como pode ser isso? — Ralph abriu os olhos como pratos. — Isso não é tarefa para uma dama.

— Então que posso fazer? Aborreço-me demais. — queixou-se e fez um beijo com a boca.

— Gostaria de montar? Temos vários cavalos que são bem dóceis.

— Agradeço, mas... melhor não. Simplesmente irei passear pelas cavalariaças para vê-los, posso?

— Claro, milady. Estarei aqui fora se me necessitar.

Depois de entrar nas cavalariaças, parou em seco. Tudo estava muito escuro, embora ouvisse a seu redor vários relinchos. Um penetrante cheiro de feno e esterco chegou até ela e impregnou seu nariz, impedindo-a de respirar com normalidade, contudo, depois de alguns instantes começou a se acostumar. Quando sua vista se aclimatou a escuridão, observou que a construção era enorme. Dezenas de baias se alinhavam de ambos os lados do estábulo, todas elas ocupadas por cavalos. Os animais colocavam suas cabeças acima das comportas, bufando nervosos por conta da intrusa que acabava de entrar em seus domínios. Chloe caminhou pelo corredor central com cuidado de não se aproximar muito, até que chegou a uma das baias centrais, onde um dos cavalos lhe chamou poderosamente a atenção. Era completamente branco, exceto por algumas manchas cinza salpicadas no focinho e nas patas. O animal ficou olhando-a fixamente com seus grandes olhos negros. Parecia muito tranquilo. Chloe se armou de coragem antes de se aproximar.

— Olá, precioso... — sussurrou muito lentamente. Com muito receio, levou uma de suas mãos trementes até o pescoço do animal e o acariciou. — não vai me machucar, verdade?

O cavalo pareceu entender seu medo e bufou levemente, enquanto agitava os olhos. Chloe se assustou e retirou a mão,

mas o cavalo não fez nenhum outro movimento e a observou com olhos suplicantes, um pouco tristes. Isso a animou a voltar a tentar, desta vez com mais segurança.

— Bom menino. Deixe-me acariciá-lo. Assim... — o animal, feliz, roçou com seu focinho a mão que lhe oferecia Chloe e esta sorriu satisfeita.

— Parece que gostou de você.

Chloe deu um pulo ao ouvir aquela voz e voltou à cabeça para traz. Davie estava apoiado na comporta de uma das baias com os braços cruzados, olhando de cima abaixo com expressão jocosa no rosto.

— É uma égua. Vejo que não sabe muito de cavalos.

— Assustou-me. Que faz aqui?

— Vi quando entrou no estábulo. Acreditei que pensava fugir, mas vejo que não poderia chegar nem a montar em um cavalo. Tem muito medo.

— Claro, — levantou o queixo de modo irado — acaso isso é tão estranho assim?

— Não é muito normal. E deveria vencer o quanto antes esse medo estúpido. Atrever-se-ia a montá-la?

Chloe olhou devagar da égua ao homem. Não estava falando a sério. Será que não via que aquele animal era enorme? Estava maluco se pensava que ia montar. Nem mesmo poderia subir ao lombo dela sem ajuda de uma escada. Davie já estava tirando o animal de sua baia quando Chloe o interrompeu.

— Não, espere! — gritou alarmada — Não pensa que eu... posso subir aí? — assinalou com terror a égua.

— Claro que pode. Não é tão difícil, já verá.

— Mas...

— Tem coisa melhor para fazer? Já sei que terminou a contabilidade. Leva dias perambulando por todos os lados, interrompendo as pessoas em seu trabalho. Deveria buscar uma distração.

— Não atrapalho as pessoas, — suas palavras a ofenderam profundamente — só me interesse pelo que elas estão fazendo e ofereço minha ajuda.

— Realmente acredita que eles precisam da sua ajuda? — Davie negou com a cabeça, fazendo ver que estava muito equivocada. — A única coisa que consegue é importuná-los. Além disso, jamais permitiriam que fizesse o trabalho deles. Seria uma verdadeira vergonha.

— Eu não vejo assim.

— Sei que faz com a melhor das intenções, mas eles se sentem um pouco... perturbados por sua presença. Não tenha medo, eu te ensinarei a montar.

Dito isto, recolheu a égua pela correia, deu-lhe umas carinhosas palmadas em suas costelas e a tirou para o exterior. Embora Chloe não estivesse nada convencida, seguiu-o. Contudo, quando Davie virou para ela e a animou a se aproximar, ela recusou com veemência.

— Não, não e não. Isto é muito alto.

Davie riu ante seu medo irracional. Fez um sinal a Ralph, que estava observando tudo sentado no tronco, e lhe indicou que trouxesse uma cadeira de montar. O rapaz obedeceu à ordem com rapidez.

— Mas... — Chloe observou o animal com olho critico. — essa cadeira é muito estranha.

— Estranha? É uma cadeira de amazonas. As mulheres devem montar de lado.

— Pois a mim, parece muito perigoso. Prefiro montar normal.

— Impossível. É impróprio que as mulheres montem dessa forma — respondeu Davie.

— Sendo impróprio ou não, só aceitarei aprender se for deste modo. Ou toma ou deixa. — afirmou categoricamente ao mesmo tempo em que colocava as mãos nos quadris, fazendo os braços em jarras.

— Está bem, — aceitou Davie — e o que faremos com isso? — assinalou sua saia. — Assim será muito complicado.

— Dê-me umas calças.

— Que? — responderam os moços juntos.

— Uma calça, isso que colocam todos os homens nas pernas.

— Eu não... não penso deixar. Seria um escândalo. Uma mulher usando calças.

— Porque não? Parecem muito cômodas.

— Sim, mas, — Davie não sabia como responder — disse não e é não. — concluiu contundente.

Embora com relutância, Chloe não teve escolha senão desistir.

— A primeira coisa que deve fazer é ocultar seu medo. Se o animal o sente não deixará que o monte. Acaricia aqui, ao longo das costas. Eles gostam muito. — Chloe se aproximou da

égua com passo inseguro e começou a acariciá-la. Esta moveu o focinho até encostá-lo no pescoço da mulher, prazerosa das atenções que lhe estavam dispensando.

— Vê? Disse que gostava. Além disso, Princesa é uma égua muito dócil. Com ela não teria nenhum problema. Agora, sobe.

A jovem olhou a seu redor, mas não viu nenhuma escada ou algo similar.

— E como quer que faça isso?

— Eu ajudarei.

Davie encilhou Princesa com uma sela de homem. Embora aquilo não lhe parecesse adequado, ajustou as cintas e voltou-se para Chloe.

— Agora coloca seu pé esquerdo no estribo. Logo, agarre-se aqui, na costura da cadeira, para poder tomar impulso para cima e passe a perna direita por traz. Vamos tentar.

Chloe seguiu suas indicações, mas ao tomar impulso a perna direita se enredou no comprimento do vestido e seu corpo se inclinou perigosamente para trás. Teria caído ao chão se Davie não a tivesse segurado pela cintura. Contudo, não a soltou até que ela começou a limpar a garganta.

— Vejo que jamais conseguirei subir com esta saia. — respondeu contrariada.

Com relutância, Davie a separou lentamente de seu corpo e a depositou sobre a areia.

— Não é tão difícil. Pegue o anel e tente novamente.

Tentou várias vezes, mas até a décima tentativa não conseguiu. Cada vez que se lançava, sem êxito, ali estava Davie para segurá-la, olhando-a de uma forma estranha. Quando por

fim conseguiu, Chloe sorriu de orelha a orelha, muito orgulhosa de sua façanha. Em troca, ele parecia um pouco desiludido.

— Vê? Mesmo com saia, consegui meu objetivo.

— Sim, mas isto é só o começo. Agora deve fazer com que o animal caminhe.

— E como faço isso?

— Eu a guiarei.

Sem mais delongas, Davie agarrou a sela e montou atrás dela. Tomou as rédeas com uma mão, sujeitou a cintura da jovem com a outra e aproximou seu rosto ao ouvido de Chloe enquanto murmurava?

— Coloque sua mão sobre a minha e observe o movimento que faço com as pernas.

Chloe assim o fez. A mão que sujeitava com firmeza as rédeas do cavalo eram grandes e quentes, mas quando ela tocou sua pele, sentiu um estranho calafrio. Davie esporeou ligeiramente o cavalo e começaram a mover-se. Iam muito lentamente, embora Chloe não deixasse de pensar na considerável altura que havia entre ela e o chão. Tinha medo de cair, assim que, em um ato involuntário se lançou para trás. Ao apoiar seu corpo contra o peito de Davie, este emitiu um pequeno grunhido.

Chloe ouviu e girou para ele, para encontrar-se a menos de dez centímetros de seu rosto.

— Sinto muito, machuquei-te?

— Grrr, não, não é isso. Dê a volta e olhe para frente. Se não me fizer caso, jamais aprenderá.

Ao dar-se a volta de novo, uma parte do cabelo de Chloe chocou-se com o queixo de Davie. Ele, longe de retirar a mecha de seu rosto, respirou fundo e se encheu do delicioso perfume de lavanda que desprendiam deles. Isto não fez senão colocá-lo ainda mais nervoso, pelo que esporeou a égua com mais força que o normal e princesa saiu no trote.

— Por favor, vá mais devagar! — chiou assustada — Vai conseguir me fazer cair!

Abandonaram a fortaleza atravessando a ponte levadiça, que àquelas horas permanecia abaixada e se dirigiram para o bosque de carvalhos. Com o passar de alguns minutos, Chloe começou a perder o medo e relaxou. Nenhum dos dois falava, mas ao final de um momento ela decidiu que deveria conversar. Foi a primeira coisa que sugeriu.

— Perdão, Davie. Poderíamos ir ao local onde me encontrou?

— Porque quer ir ali?

— Não sei, simples curiosidade. É possível que, se o vejo, recorde algo.

— Está bem, vamos à praia. Assim você pode trotar pela orla do mar.

— Também na enseada? — perguntou esperançosa.

— De acordo. — respondeu ele.

Chloe sentiu uma grande decepção quando chegaram à pequena baía. Pensava que naquele lugar desataria em sua mente alguma recordação, mas não foi assim. Ali não havia mais que areia e pedra, nada que acendesse uma luz, mesmo que débil, na escuridão de seu passado. Elevou a vista para o

cume que se perfilava a borda do escarpado e torceu o rosto. Talvez tivesse caído dali, embora se assim fosse, teria tido muita sorte de não haver quebrado o pescoço.

— Davie, poderíamos subir?

— Nesse lugar não há nada mais que rochas. Além disso é muito perigoso. Se não recorda nada, o melhor será que nos afastemos daqui o quanto antes. Poderia acontecer uma queda de pedras e estaríamos debaixo.

Chloe travou a vista no risco e não se voltou até que estivessem bem longe do precipício. Se Davie não queria levá-la acima do precipício, ela deveria ir sozinha. Não sabia como, mas logo pensaria em algo.

Com o passar do tempo, Chloe aprendeu a montar bem, mas Davie jamais a deixou abandonar os limites do castelo sem companhia. Todos os dias saiam a cavalgar juntos, e ele foi mostrando pouco a pouco os extensos domínios de seu pai. De vez em quando competiam em uma corrida, que quase sempre quem ganhava era Chloe, embora ela estivesse quase convencida de que isso era porque ele deixava.

Entre os dois havia surgido, quase desde o início, uma confiança e uma cumplicidade fora do normal. Na realidade, haviam chegado a converter-se em muito bons amigos. Falavam de qualquer coisa, sobre tudo Davie, que com infinita paciência, ensinou Chloe tudo sobre o que ela desconhecia e deveria saber sobre a vida em um condado.

Explicou com detalhes as funções de seu pai como general e chefe fronteiriço, assim como as brigas e enfrentamentos onde deveria mediar e, caso fosse necessário evitar uma guerra

entre a Inglaterra e a Escócia. Também falou de sua Mãe, que a tinha adorado e sobre seu irmão mais velho, Damon, com quem mantinha uma estreita relação, apesar de terem vários anos de diferença. Chloe sempre o escutava com genuíno interesse, embora algo em seu interior gritasse cada vez que ele relatava alguma nova história. Ela por desgraça, tinha perdido suas próprias recordações, assim tinha muito pouco para contar. Chloe valorizava muito aquela amizade que tinha nascido do nada, apreciava Davie de verdade e estava começando a abrir um lugar em seu coração, embora em muitas ocasiões ele se comportasse de modo muito protetor em relação a ela.

Ao final de algumas semanas comentou a ideia de sair para passear sozinha, mas Davie se negou prontamente. Tinha a impressão que ele queria controlá-la a todo o momento. Ela tinha observado que quando estava rodeada por mais pessoas e se afastava um pouco de sua companhia, ele a buscava desesperadamente com os olhos e não parava até tê-la de novo a seu lado. Por essa razão, sua oportunidade não chegou até que se passaram três meses. Por conta da iminente chegada do primogênito, lorde Lambert estava organizando uma festa de boas-vindas. Aquela manhã, o conde tinha encarregado Davie de resolver vários assuntos relativos à dita celebração, assim que não poderia acompanhá-la em seu passeio matutino a cavalo. Davie se desculpou com ela, prometendo que estaria de volta antes do almoço. De qualquer modo, não partiu do castelo até assegurar-se que a jovem estivesse trabalhando em seus aposentos com uma peça de tecido que Mãe estava lhe

ensinando a bordar.

Chloe se dedicou a seu trabalho durante uma hora, mas era incapaz de dar dois pontos sem atrapalhar-se. Para maior decepção, não fazia mais que picar-se com a agulha. Muito aborrecida e bastante frustrada por sua torpeza, ao final decidiu que a costura não estava entre suas virtudes. Essa foi a desculpa que precisava para deixar de lado o bastidor e sair para tomar um pouco de ar.

Quando chegou ao pátio, viu vários homens se exercitando com suas espadas. No início pensou em aproximar-se para ver como treinavam, mas em seguida desistiu de sua ideia.

Lembrou o comentário de Davie referente aos soldados que não gostava de ter nenhum tipo de distração feminina enquanto trabalhavam, assim que se deu a volta com a intenção de passear pelo pequeno jardim que havia na parte traseira. Contudo, não tinha dado nem dois passos quando percebeu algo que até então, tinha passado por alto.

Como Davie não estava ali para vigiá-la, poderia aproveitar essa oportunidade e ir à enseada. Buscaria um caminho por onde subir ao escarpado, se chegasse a seu cume, talvez aquele lugar lhe desse alguma resposta que tanto necessitava.

Não pensou duas vezes. Recolheu com as mãos sua saia, entrou correndo no castelo e subiu de dois em dois os degraus até chegar a planta superior. Custou-lhe muito esforço tirar a roupa e recolocá-la ela mesmo, mas finalmente conseguiu. Depois de fazer uma improvisada trança, foi para a porta e saiu com uma exalação, mas não chegou muito longe porque se topou com Mae, que naquele mesmo momento tentava entrar

no quarto carregada com um cesto de roupa limpa.

— Onde pensa que vai? Perguntou a servente ao mesmo tempo em que a olhava de cima abaixo com o olhar.

— Dar uma volta de cavalo.

— Não acredito que seja conveniente.

— Mae, já sei montar muito bem. Não vai acontecer nada.

— E o jovem Davie? Não está aqui e ele sempre sai para cavalgar com você.

— Está fazendo serviços ao conde, mas chegará só na hora do almoço. Mae me aborreço muito, além disso, me acostumei tanto a esses passeios que já não posso ficar sem. Prometo-lhe que irei com cuidado. E vou pedir a Ralph que me acompanhe.

— Nunca tinha mentido a anciã, mas dizer a verdade traria muitos riscos e Chloe não estava disposta a que Mae também lhe impedisse de sair sem companhia, tal como fazia Davie constantemente.

— Só ficarei fora uma hora, o suficiente para dar uma volta. “é o tempo necessário para voltar antes de Davie e que me encontre onde, segundo ele, devo estar” pensou para si mesma.

— Não acredito que lorde Davie esteja de acordo com isto.
— respondeu.

— Asseguro-te que ficará mais tranquilo ao saber que não saí sozinha. Até logo. Sem lhe dar tempo de responder, depositou um beijo carinhoso em sua bochecha e desceu as escadas correndo enquanto cantava uma canção que Mae jamais tinha escutado.

“Essa juventude, — pensou para ela — quem lhes entende”.

Chloe foi diretamente aos estábulos e ali se encontrou com Ralph, que estava muito ocupado amansando um garanhão cinza.

— Olá Ralph, poderia me ajudar a selar Princesa?

— Claro milady, vai sair sozinha?

— Não. Lorde Davie está me esperando fora dos muros. — Depois da primeira vez, já não teve nenhum reparo em seguir mentindo — Ande logo, por favor.

O moço demorou dez longos minutos, que para ela pareceram eternos, em colocar uma sela de montar e ajustar as cintas. Quando terminou, Chloe estava tão nervosa que não perdeu nem dois segundos em montar ao animal e sair em trote.

Levou quase meia hora para localizar a enseada. Guiou princesa pela orla da praia, a uma zona suficientemente afastada do penhasco, para evitar que alguma pedra alcançasse a égua se ocorressem deslizamentos. Depois desmontou de um salto e se aproximou correndo até a base do barranco para inspecionar o lugar. Aquela era uma zona rochosa, aparentemente inacessível, mas depois de um minucioso olhar, achou o que estava buscando. Oculto entre alguns matagais que cresciam selvagens na base do penhasco, descobriu o começo de um caminho que subia até o cume.

Não duvidou nenhum minuto. Com as mãos nuas, retirou as ramas que impediam o acesso e começou a escalar sem olhar para trás. O caminho era íngreme, tanto que demorou uma hora para alcançar o topo, embora fosse a um bom passo. Chegou quase sem fôlego, assim que tomou um momento para

descansar, sentada sobre uma pedra grande. Quando se sentiu recuperada, voltou a colocar-se em pé, não sem antes lançar uma olhada a suas costas. Muito próxima dali, a escassos metros do desfiladeiro, erguia-se um espesso bosque de carvalho. Aquela imagem lhe provocou uma estranha sensação de *déjà vu* e, inconscientemente, levou sua mão até o cordão que rodeava seu pescoço, como fazia sempre que sentia um pressentimento, embora nunca chegasse a encontrar a lógica. Algo em seu interior lhe dizia que já havia estado ali antes, mas por mais voltas que lhe dava, era incapaz de recordar como ou quando havia sido.

Caminhou alguns passos em direção ao barranco e, quando chegou à borda, parou para olhar abaixo. A considerável altura que existia desde a base do precipício até onde ela estava lhe provocou uma onda de vertigem.

— Não imaginava que fosse tão alto...

Chloe estava inclinada para o precipício, a vista perdida no fundo rochoso, quando umas fortes mãos a agarraram pela cintura e a pegou com força.

— Pode-se saber que demônios está fazendo?

Chloe se viu girada com brusquidão até chocar-se com algo duro. Ao levantar a vista, encontrou-se frente a uns olhos azuis que delatavam raiva.

— Davie... que faz aqui?

— Isso mesmo eu pergunto. Como te ocorreu vir a um lugar tão perigoso?

— Eu... só estava dando um passeio.

— Como um passeio? Onde está Ralph? Não o vejo por

lado nenhum.

— Eu... vim sozinha. — respondeu cabisbaixa.

— Já sei que veio sozinha, pequena estúpida! — Davie a sacudiu até que ela voltou a olhá-lo na cara — Quando cheguei ao castelo e não te encontrei bordando, tal e como deixei quando saí, comecei a buscá-la por todos os lados. Cruzei com Mae, e foi ela quem me disse que tinha saído a passear. “com Ralph”, repetiu-me várias vezes, e ainda que tivesse sido assim, que tipo de proteção seria esse mucoso? Desci correndo aos estábulos para selar novamente Zar, e não sabe a surpresa que tive quando vi o moço ali, tão tranquilo, dando de comer aos cavalos. Sabe o que me passou pela cabeça naquele momento?

Chloe negou com a cabeça.

— Pensei que tivesse fugido, que não voltaria a vê-la nunca mais. Sabe como me senti?

Os fortes dedos de Davie se cravaram sem piedade nos braços de Chloe.

— Está me machucando.

— Machucando? Você não sabe a aflição que passei até encontrá-la. Como pode ter me desobedecido? Eu lhe disse que esse lugar era muito perigoso!

— Só queria dar uma olhada.

— É uma inconsequente! Estava na beira do precipício! Acreditei que iria cair! — Davie não conseguiu mais conter a tensão que tinha se acumulado em seu peito desde que descobriu que Chloe não estava no castelo. Sem pensar duas vezes, tomou-a pelos ombros, aproximou com rudeza de seu corpo e cobriu os lábios de Chloe com os seus. Ela não se

moveu, seus lábios apertados não participaram da voragem de sensações que acontecia na boca de Davie. Entretanto, ele colocava toda sua raiva e frustração naquele beijo raivoso durante um longo tempo desejado. Quando afinal a soltou, a jovem não conseguiu articular nenhuma palavra.

— Davie, eu...

— Chloe, escute-me, — interrompeu ele, ao mesmo tempo em que se separava um pouco dela para olhá-la nos olhos, ainda que não chegasse a soltá-la — amo-te, e que me matem se demoro um minuto mais para dizê-lo.

A cabeça de Chloe começou a dar voltas.

— Está enganado, — tentou fazê-lo raciocinar. — não pode sentir nada por mim. Eu... em nenhum momento pretendi...

— Maldita seja, Chloe! Será que não se deu conta? Sigo sem me separar de você desde que a conheci, seguindo cada passo que dá, observando como é o seu comportamento com os outros e... me apaixonei por você. É simples assim. No início pensei que seria algo passageiro, um capricho que cedo ou tarde passaria, mas... não posso viver sem você. Chloe, case-se comigo.

— O que? — Chloe se desprende dos braços de Davie e se afastou alguns passos. — Não sabe o que está dizendo. Isso é uma loucura.

— Loucura seria não pedi-la.

— Não posso me casar com você. — disse Chloe afinal.

— Porque não?

— Davie não sabe quem eu sou. Diabos, nem eu mesma sei! Como vai se casar com uma pessoa completamente

desconhecida? Uma pessoa sem passado?

— Chloe, a mim me dá igual seu passado. O que me importa é o futuro. Nosso futuro.

— Mas, e se algum dia recordar? Pode ser que em algum lugar, tenha uma família me esperando, até mesmo um esposo.

— Se tivesse alguém, já os teria encontrado. Se eu fosse essa hipotética pessoa, não teria descansado até tê-la encontrado. Reconheça Chloe, não há ninguém em sua vida.

— Davie, e o que me diz sobre o amor? Agora mesmo não sei o que sinto por você.

— A única coisa que sei é que não me é indiferente, que minha companhia não a desagrada. E mais, já notei que fica muito bem comigo, assim como eu com você. Gostamos das mesmas coisas e quase todo o tempo que estamos juntos nos fazemos rir e compartilhamos bons momentos. Isso é uma boa base para uma relação e o primeiro passo para o amor. Ensinar-te-ei a me amar tal como eu amo você. Se me aceitar, juro que jamais se arrependerá.

— Não sei o que dizer. Estou muito confusa.

— Decida se casar comigo e eu a ajudarei a dissipar pouco a pouco todas as suas dúvidas.

— Davie, tem certeza? É verdade que lhe tenho muito carinho, mas não sei se algum dia chegarei a te amar como você merece.

— Nunca estive mais seguro de nada nesta vida. Além disso, quero que saiba que não aceitarei um não como resposta.

— Fala com muita confiança. Como pode estar tão certo

disso?

Davie a obrigou a olhá-lo nos olhos e Chloe ficou espantada com o que viu. Seu rosto estava muito sério, mas o que mais a surpreendeu foi o penetrante olhar que lhe dirigia. Seus olhos azuis refletiam esperança e convicção e, ela teve a impressão de que ele faria tudo que estivesse em suas mãos para conseguir seu propósito. Não estava realmente sozinha.

— Vai se casar comigo, milady. Disso não fica dúvida.

CAPITULO 7

— Pai, preciso falar com você.

Lorde Lambert estava sentado frente a sua mesa, redigindo algumas missivas. Era outro homem desde os três últimos meses e Davie tinha apreciado a grande mudança ocorrida nele. Seu pai não tinha dito nada, mas ele sabia com certeza, que a responsável por aquela transformação tinha um nome: Chloe. Na realidade sua chegada havia sido um sopro de ar fresco para todos. Mae não demorou muito tempo em tomá-la sob suas asas, recuperando assim seu antigo brio, não parava de correr de um lado a outro da mansão, organizando tudo a fim de que ela encontrasse tudo a gosto. Até havia começado a costurar novos vestido para fazê-la parecer mais bonita do que já era. Os serventes trabalhavam com mais ânimo, fazendo o que estivesse em suas mãos e mais ainda para agradá-la, e isso se notava no ambiente, que refletia a alegria reinante. Embora, diante de Davie estava a melhor prova de todas, a mais palpável. Até pouco tempo, seu pai caminhava pelo castelo como alma penada, torturando-se com as recordações de sua finada esposa, mas isso mudou quando Chloe apareceu em suas vidas. Desde o início, exigiu que se

sentasse a seu lado na mesa para lhe fazer companhia, e ela, longe de sentir-se intimidada com seu forte caráter e seus mordazes comentários, não parou de cutucá-lo com suas respostas capciosas, até conseguir ganhar, pouco a pouco um lugar muito importante em seu maltratado coração. A essas alturas já a tratava como a uma filha, algo que nem mesmo tentava ocultar.

A moça estava sempre pendente dele e de suas necessidades, assim que o conde estava infinitamente agradecido por aquelas amostras de afeto. Como já lhe havia dito em uma ocasião, uma noite na qual ambos causaram enorme comoção quando desceram as escadas para jantar de braços dados. Logo ao entrarem no salão, os assistentes os contemplaram atônitos, com os olhos abertos como pratos, ao constatar que o som tão estranho que escutavam era o riso de seu senhor, provocado por um comentário malicioso que Chloe havia respondido depois que ele lhe fez um comentário a seu ouvido. Fazia anos que não o ouviam rir, e esse foi o motivo para que disparassem os murmúrios entre as diferentes mesas. Lorde Lambert assegurou a Chloe que a causadora de tal tumulto tinha sido ela, e quando a jovem lhe perguntou o porquê de dita afirmação, ele respondeu:

— Porque me fez reviver.

Davie sorriu ao recordar aquela noite. Na verdade, Chloe havia feito bem a todos, especialmente a seu pai e em grande medida a ele mesmo.

— Que ocorre filho?

Lorde Lambert levantou a vista do texto que estava

redigindo e, ao contemplar o rosto de Davie, deixou a pluma sobre a mesa. Intuiu que o que vinha falar era de suma importância, posto que poucas vezes o tivesse visto tão sério. Indicou com a mão que tomasse assento e depois perguntou:

— E então? O que quer me falar?

Davie não sabia como começar. Passaram alguns segundos até que colocou suas ideias em ordem.

— Como já deve ter se dado conta, no pouco tempo que Chloe está conosco, todos tomaram grande apreço por ela, inclusive o senhor... eu... eu também tomei muito carinho e... esta manhã pedi que se tornasse minha esposa.

Lorde Lambert ficou sem palavras. Lançou a seu filho um olhar penetrante e se levantou de sua cadeira. Passeou de um lado a outro com as mãos nas costas e a cabeça cabisbaixa, analisando o significado do que Davie tinha acabado de confessar.

— Está consciente de que não sabemos nada dela, verdade?

— Sim, mas...

— Não conhecemos nem mesmo sua origem, Davie. Pode ser que nem mesmo seja de nobre cunha.

— Tem toda razão, mas...

— Não me interrompa. Essa moça não tem passado, e o rei tem muito que dizer a respeito. Duvido muito que consinta tão alegremente nesses esposais. Um nobre e uma completa desconhecida. Entende o que estou dizendo?

— Pai. O rei nada tem a ver com isto. É minha decisão.

— Como não tem nada a ver? — o conde levantou uma

sobrancelha em sinal de surpresa. — Não há nada a se fazer se o rei antes não aprovar, sobre tudo no que concerne a seus nobres. Nosso monarca sempre busca uma união proveitosa entre as grandes famílias, mas neste caso não poderia tirar nenhum proveito.

Davie começou a se alterar. Ficou iludido, tinha acreditado que seu pai não se oporia a esse matrimônio; e mais, pensou que o apoiaria com todas as bênçãos.

— Está bem, — respondeu enquanto se levantava precipitadamente da cadeira. — se não quer nos ajudar, não fica mais remédio que fazer isso sozinho. Casar-me-ei com ela com seu consentimento e do rei, ou sem nenhum. Isso é tudo.

Davie já ia sair pela porta quando o conde o deteve.

— Ainda não terminamos.

— Ah não? Acredito que ficou muito claro. O senhor não está de acordo com este casamento e eu não vou tentar convencê-lo do contrário, embora seguirei adiante apesar de sua desaprovação.

— Filho, volte a se sentar e me escute com atenção.

Davie fez o que lhe pediu, mas ainda não havia sentado quando respondeu com frieza:

— De acordo pai, escutarei. De qualquer forma já tomei minha decisão e não penso voltar atrás, diga o que disser.

Lorde Lambert se assombrou ao descobrir tanta resolução na voz de seu filho. Era a primeira vez em sua vida que estava contrário a ele, mas também era a primeira vez que o via tão decidido em algo, e isso o encheu de orgulho.

— Davie, tudo o que disse é certo, mas... não sabe a alegria

que me dá ao me fazer saber de suas intenções.

— O que? — o jovem ficou de pedra. Não esperava aquela resposta.

— Como bem disse, Chloe soube ganhar um lugar em nossos corações, em especial no meu. Por esse motivo, acredita que teria alguma objeção em que essa moça maravilhosa se converta em minha nora? Cheguei a querê-la como a uma filha. Se você não tivesse tomado essa atitude, cedo ou tarde eu a proporia.

— Mas e o rei? — Davie não acreditava nas palavras de seu pai.

— Esse tema deixa comigo. Por certo... — o conde recordou algo que seu filho havia dito. — a que se referia de que faria isso com ou sem minha ajuda?

— Bem, é que ela ainda não aceitou meu pedido.

— Por quê? — lorde Lambert não saiu de seu espanto — Que problema ela vê nisso?

— Chloe pensa que não é correto que me case com alguém como ela, sem passado. Embora tenha me assegurado que me tem muito carinho, não sabe se algum dia chegará a me amar. Pai, sei que ela sente algo por mim, mas não sei como convencê-la. Talvez se o senhor falasse com ela...

— Claro que o farei, — respondeu — essa mocinha e eu teremos uma longa conversa, e não duvide nem por um momento que no final aceitará ser sua esposa.

— Mas como irá conseguir isso? É muito teimosa.

— Repito que não se preocupe, — respondeu criticamente — tenho uma carta na manga.

— Pensa bem no que vai dizer.

Chloe olhou Mae por cima do ombro e franziu o cenho. Será que não percebia que isso era uma loucura? Tinha corrido a ela acreditando que poderia ajudá-la a levar um pouco de lucidez a Davie com respeito a sua descabelada proposta, mas começava a compreender que isso era inútil.

— Mae, não me cansarei de repetir uma mil vezes: não posso me casar com Davie.

— Mas, por que não? O moço a ama e você não lhe é indiferente. Qual é o problema?

— O problema sou eu. É certo que lhe tenho carinho, como a todos vocês, mas me casar com ele...

— Jovenzinha, escute-me, — Mae a segurou pelas mãos e as apertou com força — o amor é um sentimento muito complicado. Você tem muito a oferecer, embora ainda não saiba disso. Neste momento se sente perdida e assustada, mas isso é normal. Asseguro que se pensar com atenção, verá que é a solução ideal para seus problemas. Davie é um bom homem. Saberá fazê-la muito feliz e proporcionará novas recordações que encherão esse vazio que agora existe em você.

Chloe estava para contestar, mas as palavras se perderam. Um golpe na porta as interrompeu e ambas as mulheres se voltaram ao mesmo tempo. No umbral estava lorde Lambert; que dirigindo um olhar de cumplicidade a Mae a animou a sair em silêncio para que os deixasse a sós. A mulher entendeu a ordem e se foi sem mais.

— Lorde Lambert...

— Moça, necessito muito falar com você.

— Aqui? Agora? — Chloe não sabia o porquê, mas começava a ter uma ideia bem clara do motivo pelo qual o conde queria falar com ela, assim que tentou achar uma desculpa para evitar a conversa. — Tenho muito que fazer. Não poderíamos adiar?

— Milady, não tente adiar o inevitável. Falaremos agora.

— Está bem, — suspirou com resignação — do que gostaria de falar?

Lorde Lambert se aproximou e a convidou a sentar-se em uma cadeira.

— Tenho entendido que nesta mesma manhã meu filho lhe fez uma proposta.

— Sim, mas...

— Sei que se negou a casar-se com ele, embora não entenda sua oposição.

— Milorde, realmente não consigo entender por que todos estão tão interessados em que uma mulher como eu, da qual ninguém sabe nada, case-se com seu filho.

— Chloe, sei o suficiente para estar seguro de que será uma boa esposa. Você casará com meu filho e não há mais nada a ser dito.

— Você não pode me obrigar! — Chloe se alterou tanto que, sem dar-se conta, levantou-se precipitadamente e parou frente a ele, retendo seu olhar.

— Oh sim, claro que posso!

— E posso saber como irá conseguir isso? Sou uma mulher adulta e livre. Você não é ninguém para me obrigar a fazer nada. — respondeu desafiante.

— Nisso está muito equivocada, — em seus lábios se desenhou um sorriso felino — você depende de mim, só de mim.

— Ah... e como é isso?

— Faz uma semana enviei um mensageiro à corte com uma missiva para o Rei. Nessa carta o notifiquei sobre sua situação, explicando com todos os detalhes sua chegada ao castelo e a perda de memória. Informei que não achei vestígios de seu passado e que, durante esses últimos meses, ninguém reclamou seu desaparecimento. Como agora mesmo, não há ninguém que a proteja, solicitei uma dispensa especial para converter-me em seu tutor legal.

— O que? — Chloe estava em estado de choque.

— Ontem mesmo recebi a resposta do palácio. — continuou o conde — Por ordem do rei, agora está a meu encargo. Como seu tutor, uma de minhas funções é velar por sua segurança e tomar qualquer decisão que lhe concerna, inclusive um possível matrimônio. Neste caso, estou de acordo com a proposta que fez meu filho. E assim é, aceite a ideia, casar-se-á com Davie.

Chloe ficou sem palavras ante aquilo. Como podia fazer algo assim?

— E se me nego a obedecê-lo?

— Não tem outra opção. Esta manhã, depois de falar com Davie, enviei um cavaleiro a Londres com outra carta a nosso monarca. Nela informo de minha decisão e peço sua aprovação. Mas já adianto que o rei dará sua benção a este casamento. Sua palavra é toda poderosa, ninguém pode contrariar seus desejos e mandos, e muito menos você.

— Não pode fazer isso...

— Parece que a estou mandando ao cadafalso. — lorde Lambert se aproximou de Chloe e, tomando-lhe o queixo com delicadeza, limpou as lágrimas que escorriam por sua bochecha — Cheguei a querê-la como se fosse minha própria filha, assim que serei duplamente feliz quando a veja casada com meu filho. Pense direito e entenderá que isto é o melhor para todos. É o melhor para você.

Dito isso, acariciou com ternura seu rosto, e em grandes passadas saiu da habitação, deixando-a sozinha com seus pensamentos.

Com efeito, ao cabo de seis dias chegou a resposta do palácio. Tal e como lorde Lambert havia dito, o rei dava sua benção, felicitava ao conde pela boa nova e anunciava que, quando já houvesse ocorrido os alegres esposais, o feliz casal viajasse até Londres para que assim pudesse ele também benzer essa união.

O conde estava radiante. Quando terminou de ler a missiva, mandou chamar a seu filho e informou-o do conteúdo da carta. Alguns dias atrás, havia dito a Davie tudo que havia feito, embora a princípio este não houvesse tomado muito bem a ideia de seu pai, por fim chegou à conclusão de que era a melhor solução.

— Chloe vai colocar o céu abaixo.

— Com o tempo, entenderá que é o melhor para ela.

— Pai, nunca nos perdoará.

— A vida é muito longa para que não nos perdoe. — respondeu — Agora tem que se preparar, porque amanhã,

quando Damon chegar, anunciaremos seu compromisso no jantar de boas-vindas. Deve subir e dar a notícia a sua prometida.

— Negar-se-á a me receber...

— É possível, mas adverte-a que amanhã não iremos tolerar sua ausência no jantar. A noiva deve estar presente. Além disso, deve conhecer seu irmão.

Davie saiu da biblioteca e se dirigiu ao piso superior. Não havia voltado a ver Chloe desde o pedido de matrimônio, o que fazia uma semana. Durante todo esse tempo, ela tinha permanecido fechada em seus aposentos, negando-se a ver ninguém e devolvendo a comida quase sem tocar. Ele sabia que aquela conversa não seria fácil.

Quando parou frente à porta da jovem, respirou fundo e depois de alguns momentos, golpeou com os nós dos dedos.

— Chloe sou eu, Davie.

— Vai embora. Disse que quero ficar sozinha.

— Sinto muito Chloe, mas vou entrar. Tenho algo para dizer.

Davie esperou alguns instantes e entrou na habitação. Ela estava de pé junto à janela, o olhar perdido no infinito. Seu perfil mostrava um semblante mortalmente sério, estava muito pálida e abatida, embora não tenha ficado espantada quando ele atravessou o portal.

— Chegou o mensageiro do rei. — afirmou mais que perguntou Chloe, conseguindo que Davie ficasse surpreso.

— Como sabe?

— Aqui da janela, vi aparecer o mensageiro com o emblema

da casa real em sua casaca. O rei deu seu consentimento, verdade?

— Assim é. — respondeu Davie.

Chloe ficou em silêncio. Havia estado sozinha a semana toda pensando muito até chegar a uma única conclusão. Não tinha nenhum outro lugar aonde ir, estava atada de pés e mãos e sua vida tinha passado a depender da decisão de outras pessoas. A situação não terminava por convencê-la, mas também não era tão mal assim. Afinal, tinha muito gosto naquelas pessoas e tinha a esperança de formar novas recordações para aliviar sua aflição pela falta de passado. Portanto, fazendo uso de uma calma conseguida com muitas horas de reflexão, olhou a Davie nos olhos e com voz resignada lhe disse:

— Está bem, Davie. Casar-me-ei contigo.

Damon chegou ao castelo no dia seguinte. Os vigias haviam dado o aviso minuto atrás, quando avistaram pelo caminho um destacamento de 15 homens com o estandarte dos Whitney aproximando-se a pleno galope. Assim que entraram nas muralhas, o homem que encabeçava a tropa desmontou de um grande garanhão negro de um salto e se dirigiu para o conde, que já o esperava no pátio de armas.

— Pai... — Damon tirou o chapéu, saudando a seu progenitor com uma ligeira inclinação de cabeça.

— Bem-vindo a casa, meu filho.

Lorde Lambert o recebeu com os braços abertos e ambos se abraçaram calorosamente durante alguns momentos. Damon ultrapassava alguns centímetros a seu pai e seu corpo

se equiparava ao dele. Seus cabelos ondulados, negros como as asas de um corvo, chegavam a altura dos ombros, marcando um rosto de feições similares ao conde, embora bem mais jovem. Trocaram uns olhares de reconhecimento, depois do qual Damon comentou:

— Vejo-o bem melhor que a última vez que aqui estive. A que se deve essa troca?

— Entre, Damon e descanse um pouco. Logo teremos tempo para falar. Agora necessita refrescar-se depois de uma longa viagem.

Lorde Lambert notou que seu filho mais velho também havia mudado muito. Já não era o mesmo esquelético rapaz de alguns anos atrás. Embora só vestisse um casaco ricamente bordado, e umas calças que se ajustavam as pernas como luvas, o conde pode comprovar o tamanho dos músculos que se escondiam abaixo daquela roupagem. Além disso, seu porte era mais distinto. Caminhava muito seguro de si, com decisão e aprumo e seu rosto mostrava uma expressão adulta. O então pícaro sorriso de adolescente havia desaparecido para sempre.

A primeira coisa que fez quando entraram no salão, foi servi-lo com um de seus melhores vinhos. Havia mandado subir da adega várias barricas, para celebrar tanto a chegada de seu primogênito como o compromisso de Davie. Conversaram por um longo momento, centrando-se na vida que Damon tinha levado na corte durante aqueles últimos anos.

Lorde Lambert esperou que terminasse de narrar todo o acontecido em Londres e, só então lhe deu a grande notícia.

— Esteve ausente muito tempo. Deves saber que aqui

também ocorreram muitas coisas.

— A que se refere?

— Seu irmão Davie vai se casar.

— O pequeno Davie? Com quem? — no rosto de Damon notava-se genuína surpresa.

Lorde Lambert contou então o aparecimento de Chloe com todos os detalhes. À medida que ia avançando na história, o semblante de Damon ia se convertendo em uma fria máscara de pedra.

— Pai, está certo de poder confiar nesta mulher? Como disse há alguns instantes, nada conhece de sua vida anterior. E se estiver enganando a todos desde o início? Bem pode ser que não tenha perdido a memória. E se for somente uma mulher ambiciosa e intrigante que aspira encontrar um lugar na nobreza?

— Chloe uma mentirosa? — o conde riu as gargalhadas — Damon, asseguro-te que quando a conhecer ficará encantado com ela, tal como sucedeu conosco. É uma moça encantadora, e não duvide que saberá fazer seu irmão muito feliz. De fato, apresentar-lhe-ei agora mesmo. Está entrando junto a Davie.

Damon virou o rosto para a grande arcada que coroava a entrada do salão. Seu irmão pequeno, aquele que tanto o havia mortificado quando ambos eram moleques, entrava trazendo pela mão uma bela desconhecida de cabelos negros e olhos azuis como o mar. Ambos riam por algo que o resto do mundo desconhecia.

— Damon, — exclamou Davie quando viu seu irmão — chegou!

— Assim é, pequeno trapaceiro. Vejo que não mudou nada, perambulando pelo condado como se não tivesse nada melhor para fazer. Nem sequer esteve presente para me dar às boas-vindas, embora acredito saber o motivo. — argumentou enquanto lançava um imperceptível olhar a jovem que estava junto a ele. — não nos apresenta?

Chloe tinha se mantido em um conveniente segundo plano com a cabeça baixa a espera de ser apresentada. Ao ouvir que a mencionavam, levantou o olhar e se aproximou.

— Damon, apresentou-lhe minha prometida, Chloe.

— Milady, é um prazer. — fazendo uso de seu cavalheirismo, Damon levou a mão da jovem aos lábios.

— O prazer é meu, milorde. — respondeu ela, contudo, algo no olhar daquele homem a incomodou, assim que retirou sua mão e a levou as costas, tentando desfazer o estranho formigamento que tinha sentido ao tocá-lo — Davie não fez mais que falar sobre sua chegada durante toda a manhã.

Damon assentiu com a cabeça, mas o gesto de afetação que vislumbrou em seu rosto provocou em Chloe um profundo estremecimento.

O jantar foi uma verdadeira festa. Quando estava a ponto de concluir, lorde Lambert se levantou de seu assento e, com uma adaga que mantinha na mão, deu vários golpes em seu copo para reclamar a atenção dos presentes.

— Hoje celebramos a volta ao lar de meu filho Damon. Passou muito tempo desde que nos reunimos todos pela última vez nesta sala, junto ao homem que um dia se converterá em seu novo senhor, o futuro conde de Berwick. Só este fato já é

motivo de celebração, mas a outra notícia que gostaria de participá-los neste dia tão feliz para mim. Como devem saber, lady Chloe tem convivido conosco durante os últimos meses, e todos sabem o profundo carinho que cheguei a sentir por ela. Pois bem, é para mim uma honra e uma imensa alegria anunciar que, dentro de pouco tempo, esta moça passará a pertencer por méritos próprios a nossa família. Meu filho Davie que notificou sua vontade de casar-se com ela e, eu como seu tutor legal, aceitei com muito gosto a conceder-lhe sua mão, com pleno consentimento de nosso rei. A partir de agora, com esta jovem nos unirá um vínculo muito mais forte que a amizade, pois esta união se transformará em laços de sangue. Assim, que gostaria de dedicar meu primeiro brinde tanto a meu primogênito como a este encantador par. Por meu filho Damon, pelos noivos.

Lorde Lambert levantou seu copo e uma onda de gritos eufóricos inundou a sala. Todo mundo quis aproximar-se para felicitá-los e Davie esteve apertando mãos e recebendo bênçãos até bem tarde da noite. O ambiente se tornou tão carregado que chegou um momento que Chloe sentiu-se sobrecarregada, assim que se desculpou com os presentes e se dispôs a retirar-se.

Respirava já mais tranquila frente à saída que começava na escada em caracol, quando alguém a recolheu pelo braço e a empurrou para uma alcova oculta atrás de um tapete. Chloe lutou até que descobriu de quem se tratava.

— Deseja algo, milorde? Já está tarde e estou desejando chegar a meus aposentos para descansar.

— Ainda não a felicitei como se corresponde. Ou vai se retirar sem haver se despedido de seu futuro cunhado?

— Sinto muito, não era minha intenção. Boa noite.

— O mesmo digo eu. — antes que Chloe pudesse soltar-se, Damon a tomou completamente desprevenida aproximando-a e depositando um breve beijo em seus lábios. Quando a deixou partir, seu rosto se transformou em uma estranha careta e murmurou para si — “cunhadinha”.

CAPITULO 8

Castelo de Lentonhouse, cinquenta milhas a oeste do Castelo de Whippledone.

Era noite fechada. A lua se mantinha oculta atrás de negras nuvens que prenunciavam uma eminente tormenta, e mais além da deserta esplanada que delimitava o perímetro exterior do fosso, onde um forte vento havia levantado uma densa poeira, as folhas das árvores de um bosque próximo se agitavam com extrema violência. Nas guaridas de entrada, onde os guardas encarregados de vigiar a zona cobriam os rostos com suas capas enquanto falavam entre eles, alheios a tudo que não fosse outra coisa que a conversa que estavam mantendo. Ao que parecia, confiavam que em uma noite como aquela, tão desagradável, ninguém se atreveria a sair à intempérie. De qualquer forma, eram conscientes de que a entrada da fortaleza, construída aos pés de um enorme desfiladeiro, fazia desta um bastião inexpugnável.

Mas nada era inexpugnável.

Algo parecido ao piado de uma coruja ressoou com força na escuridão e do meio dos arbustos surgiram seis homens que

atravessaram correndo a extensa planície que os separava da guarita exterior. O intenso som do vento abafou seus passos e chegaram sem serem vistos, amparados pela nuvem de poeira. Todos ao mesmo tempo, lançaram-se sobre os guardas e lhes rasgaram as gargantas antes que pudessem dar voz de alarme.

Os intrusos se lançaram as águas e se dispersaram em dois grupos; como a ponte levadiça estava içada, não tinham mais remédio que nadar em busca de outro possível acesso, cada grupo em uma direção diferente.

Os que tomaram o rumo esquerdo foram os primeiros a sair do fosso. Depois de um rápido olhar, descobriram uma pequena porta, oculta entre algumas rochas de considerável tamanho. Subiram pelos penhascos até chegar a ela, e depois de comprovar que não possuía nenhum tipo de proteção, puseram-na abaixo. Depois entraram em fila, buscando uma saída ao outro lado dos muros.

Enquanto isso, os que tomaram o caminho da direita chegaram à muralha e ali, com sigilo, começaram a escalá-la. Uma vez tendo alcançado o cume, observaram que no palanque havia uma guarda de três homens, cada um estrategicamente posicionado em cada extremo. O grupo se dividiu imediatamente. Um som estridente, parecido ao grito de uma gaivota, foi o aviso para atacarem ao mesmo tempo e os três saltaram sobre as sentinelas. Golpearam-nos com vontade na cabeça e depois terminaram, ocultando seus corpos da vista de todos.

O grupo que havia entrado pela porta secundária, apareceu por uma lateral do pátio, muito próximos da guarita

interior, que estava guardada por um único homem. Este os viu chegar, mas caiu abatido no mesmo momento, depois de ser alcançado por uma adaga que se cravou em suas costas. Os assaltantes correram para a ponte levadiça com a intenção de abrir outra via de acesso e começaram a subir o rastilho. O barulho que isso provocou foi suficiente para que os guardas que estavam nas ameias percebessem que algo estava errado e avisassem sobre o perigo, ainda que não chegassem a tempo. A ponte tinha sido abaixada e um destacamento de vinte homens a cavalo, vários deles com armas de fogo, entraram a galope na fortificação.

Então se desatou uma feroz luta. As balas voavam de um lado a outro, e o contínuo som de corpos caindo das ameias indicava que o assalto estava tendo êxito. As luzes se acenderam em diferentes lugares e os gritos dos guardiões mobilizaram seus ocupantes. Os serventes correram a pegar qualquer tipo de arma que lhes fosse útil, quer fossem lanças colocadas no grande salão ou os rústicos atiçadores de chaminés. Em qualquer caso, não lhes serviam muito; o fator surpresa do ataque, em princípio tão silencioso, e o posterior uso de armas de fogo depois de terem passado os murros, deixou-os em uma clara posição de desvantagem com respeito a seus atacantes.

Na torre da fortaleza, um casal despertou com os gritos. Ao se aproximarem de uma das janelas, foram testemunhas da carnificina que estava tendo lugar no exterior. O homem não pensou duas vezes, vestiu-se rapidamente e colocou uma adaga no cinto. Depois tomou posse de sua espada e correu

para a porta, mas a mulher se colocou em seu caminho.

— Leah, fique aqui e não te ocorra sair deste aposento.

— Não pode me deixar aqui. Por favor, Andrew, deixe-me ir junto...

— Estão invadindo meu castelo, maldita seja, e não penso ficar aqui sem fazer nada enquanto todos os meus homens morrem. Leah, se vier comigo não seria mais que um estorvo. Por favor, meu amor, faça caso e não desça por nenhum motivo. Quando eu sair tranque a porta e coloque o que for a frente.

Leah fez o que seu esposo mandou. Assim que ele saiu do dormitório, sua mulher fechou com chave, colocou uma madeira atravessando a porta e começou a arrastar até ali um enorme baú que descansava aos pés do leito. Foi incapaz de movê-lo, até que em um momento de lucidez, abriu passo através do profundo terror que sentia pelo que pudesse acontecer a todos. Quando caiu em conta, que estava cheio, esvaziou-o a toda pressa, espalhando seu conteúdo pelo chão. Depois o arrastou até a entrada do dormitório e o colocou como barreira. Nesse instante ouviu passos precipitados e umas vozes desconhecidas no corredor. Os intrusos estavam se aproximando. Acabara de fechar a tampa quando uns fortes golpes do outro lado da porta a sobressaltaram.

— Tem alguém fechado aqui dentro. — gritou uma voz.

— Pois derrube a porta, inútil! — respondeu outra voz fanhosa e desagradável.

— Está bloqueada, não consigo abri-la!

— Será que nunca irá utilizar isso que tem sobre os

ombros? Pegue seu machado e começa a derrubá-la!

Leah tremia de pânico. E agora? O que faria? Ouviu os golpes certos em suas costas, até que pouco a pouco a porta sólida de carvalho foi ficando aos pedaços. Quando dois homens transpuseram o espaço, encontraram-se com uma mulher miúda que tentava por todos os meios desaparecer em um rincão da habitação.

— Olhe o que temos aqui... — cuspiu o homem de voz anasalada. Era de constituição obesa, com um rosto gordo e pequenos olhos lascivos — se não é uma linda daminha. Porque não vem conosco, amorzinho? Aproximou-se da mulher e, com suas roliças e suarentas mãos, começou a tocá-la.

— Tire essas mãos sujas de cima de mim! — deu um tapa e com cara de repugnância, Leah separou seu corpo dos braços daquele homem. Este riu e, como única resposta, levantou-a do chão como se nada pesasse — Disse que não se aproxime de mim! — voltou a gritar ao mesmo tempo em que cravava as unhas na bochecha, repleta de marcas de varíola.

— Ahhh! Assim que já a temos, pequena cadela. Vou te ensinar o que é um verdadeiro homem, pequena zorra — balbuciou, levando uma mão a seu repulsivo rosto. Quando viu que sangrava, deu-lhe uma sonora bofetada — assim aprenderá que não deve levantar a mão ao tio Jack.

— Solte-me! Forçou-a — não me toque!

— Quando acabar contigo, puta, desejará que te siga tocando.

Enquanto isso, no piso de baixo, Andrew lutava corajosamente, uma luta desigual, contra três espadachins.

Embora estes não conseguissem desarmá-lo, Andrew não contou com a covardia e a falta de honra de seus atacantes. Um quarto homem se aproximou de suas costas e lhe deu um forte golpe na cabeça com a empunhadura de sua arma, fazendo-lhe perder as forças. Depois de cair ao chão, lançaram-se sobre ele. Ataram-nos pés e mãos e, antes de metê-lo em um saco de carregar grãos, certificaram-se de que estivesse desarmado. Um deles encontrou sua adaga e seus olhos brilharam cobiçosos ao ser consciente do valor da peça, guardou-a com rapidez em sua bota e depois lançou ao ombro o corpo inconsciente de Andrew.

Os malfeitores roubaram, destruíram e queimaram tudo que encontraram a seu passo. As mulheres que cruzaram seu caminho foram atrozmente violadas, enquanto os serventes, retidos na ponta de espada, foram mudas testemunhas de semelhante atrocidade. Um cavaleiro já entrado em anos se revoltou contra eles e a fim de defendê-las de tal ultraje, terminou passando a melhor vida. O resto dos presentes não tiveram coragem de demonstrar mais valentia, já que isso seria pôr fim a própria vida.

Os assaltantes estiveram saqueando o castelo até bem entrada a madrugada. Quando as primeiras luzes do alvorecer despontaram no horizonte, puseram fim ao assalto e partiram assim como tinham vindo.

Tiveram que passar várias horas de árduo trabalho até que os criados conseguiram apagar os diversos fogos que haviam sido disseminados pelos cantos do castelo. O incêndio que mais lhes custou apagar, foi na ala norte do castelo.

Quando já não havia mais que brasas e um penetrante odor de fumaça, entraram nas habitações localizadas nesta área e descobriram quatro corpos queimados. Embora os cadáveres estivessem irreconhecíveis, um profundo sentimento de tristeza os embargou ao comprovar que um deles se encontrava nos aposentos de Lady Cailleach, a anciã avó do lorde. A sabedoria e bondade daquela mulher era por todos conhecida, assim que os ali presentes se olharam, antecipando a imensa dor que tomaria a seu neto e a sua mulher quando os notificasse da tragédia.

Então caíram em conta de que, durante todo esse tempo, não tinham visto por nenhum lado a seus senhores. Aquilo era um mau augúrio. Correram até a torre norte e encontraram a porta destruída. Depois de alguns momentos de incerteza, o chefe dos serventes se armou de valor e atravessou o enorme orifício. No início e depois de um rápido reconhecimento, não viu sinais de movimento dentro da habitação. Já estava voltando sobre seus passos e se dispunha a sair quando um ligeiro choro o obrigou a parar. Aguçou o ouvido para detectar a origem do ruído. Debaixo da cama, feito um novelo com as vestimentas arruinadas, estava sua senhora. O servente se agachou para ajudá-la, mas ao roçar o ombro desnudo com suavidade, a mulher rechaçou selvagemente, como se seu contato a tivesse queimado. Quando o homem voltou a tocá-la, escondeu a cabeça ainda mais.

— Lady Leah, sou eu, Gavin. Minha senhora, não se preocupe, está a salvo.

Ela não respondeu. De sua boca saía um comovente

lamento enquanto seu corpo se agitava de forma compulsiva.

— Minha senhora, os assaltantes abandonaram o castelo. Não tem mais nada a temer.

O mordomo tentou fazê-la reagir, insuflando palavras carregadas de ânimo. Quando já pensava que seus esforços seriam em vão, Leah deixou de tremer e murmurou um leve sussurro:

— Onde está meu esposo?

Gavin não soube o que responder. Ela voltou a repetir:

— Onde está lorde Andrew?

— Minha senhora, eu... não sabemos nada dele. Temos buscado por todo o castelo, mas não o encontramos. Desapareceu.

Quando Leah levantou a cabeça, o servente ficou mudo de horror ao apreciar o estado em que se encontrava o rosto de sua senhora. Tinha a cara completamente inchada, com escuras manchas do lado esquerdo. O sangue ressecado cobria um feio corte em sua sobrancelha direita e seu lábio inferior estava partido e inchado.

— Milady, está bem? — perguntou o servente assustado.

— Meu esposo... desaparecido? — foi sua resposta — Lorde Andrew desceu ao salão para lutar contra os intrusos. Não está ali?

— Minha senhora, percorremos todo o castelo de cima abaixo, mas não há rastro dele.

— Como isso é possível? Tenho... — a mulher tentou levantar-se, mas teria caído ao chão se Gavin não estivesse ali para impedi-lo — tenho que ir procurá-lo.

— Milady, não está em condições de fazer nenhum tipo de esforço. Não percebe que está ferida?

O preocupado servente a segurava para que não caísse, viu que toda sua roupa estava ensanguentada e feita em tiras. Ao fixar-se um pouco mais, descobriu umas leves marcas de dedos e um fino caminho de sangue que manchava as coxas de sua senhora. Além disso, estava coberta de um líquido embranquecido. Absteve-se de fazer qualquer comentário, mas não lhe coube dúvidas de que esses selvagens tinham violado Lady Leah! Que Deus os levasse a confessar, porque quando lorde Andrew se inteirasse de semelhante monstruosidade, não pararia até acabar com eles da forma mais dolorosa e brutal!

Com muita delicadeza, tomou a lady Leah entre seus braços e a depositou sobre a cama. Sentiu-a tremer de novo, assim que imediatamente cobriu seu corpo com uma manta e abaixou a cabeça, incapaz de vê-la em um estado tão precário.

— Eu... eu me encontro bem. Devo ir procurar meu esposo.

— Minha senhora, repito que já o procuramos por todos os lados, inclusive entre os mortos, mas não conseguimos localizá-lo. Lorde Andrew não se encontra entre esses murros. Tenho a impressão que os assaltantes o levaram para longe daqui.

Leah só entendeu as primeiras palavras que saíram da boca de seu servo. Um profundo gesto de abatimento se desenhou sobre seu machucado rosto, ao compreender o que acabava de dizer.

— Mortos? — perguntou com voz sumida.

— Milady, a luta foi feroz para defender o castelo.

— Quantos mortos exatamente? — perguntou quase sem voz. Não queria sabê-lo, mas enfrentar os fatos era sua obrigação como senhora do castelo.

— Ainda não temos um número exato. Há muitos feridos e não sabemos se sobreviverão.

— Quantos, Gavin? Repetiu.

— Minha senhora, entre homens e mulheres beiram os trinta e dois.

O rosto de Leah se franziu pela incredulidade.

— Mulheres? Também mataram as mulheres?

— Milady, eu... não sei como dizê-lo. Esses desgraçados colocaram fogo em diversos quartos do castelo, entre eles os aposentos de lady Cailleach. Quando conseguimos acabar com o incêndio, encontramos seu cadáver queimado no interior. Estava irreconhecível, embora muito temo que este corpo pertença a nossa amada anciã.

— Lady Cailleach? — Leah levantou à mão a boca para sufocar um soluço. — Oh meu Deus, é horrível!

Lágrimas de impotência brotaram dos olhos do mordomo. Leah não pode vê-las porque ela mesma, ao ouvir suas palavras, fechou com força as pálpebras, negando-se a acreditar que aquilo estivesse acontecendo na realidade.

Quando conseguiu se acalmar, enxugou suas lágrimas com o dorso das mãos e, fazendo uso de uma grande força interior, decidiu tomar conta da situação. Até que seu esposo aparecesse, ela era a responsável por aquela gente. Não podia desampará-los.

— Gavin, tivemos muitos danos materiais?

— Tem algumas áreas bem afetadas pelo fogo, como a ala norte, mas além da destruição do mobiliário e o roubo de todas as peças valiosas que encontraram no caminho, o resto do castelo se encontra relativamente bem.

Leah pensou alguns instantes nas palavras do servente. Depois voltou a falar, mas desta vez em um tom autoritário e imperioso, muito diferente ao que havia utilizado a momentos antes.

— A primeira coisa que temos que fazer é atender os feridos. Além disso, precisamos enterrar nossos mortos com o respeito que merecem. Mais tarde começaremos a trabalhar para voltar a converter este castelo em um lugar habitável. Todos aqueles homens e mulheres que se encontrem em condições de trabalhar, devem colocar mãos a obra imediatamente. Precisamos cavar tumbas, curar os feridos, limpar tudo... que sei eu! Só agradeço que o Gideon não estivesse aqui. Quem sabe que sorte teria ocorrido a ele se o destino não tivesse querido que seu irmão o reclamasse durante alguns dias. Por certo, Gavin — Leah teve uma repentina ideia — ainda resta algum cavalo nos estábulos?

— Minha senhora, os malfeitores roubaram nossas melhores espécies. Os que não puderam levar, morreram queimados, já que incendiaram os estábulos com eles em seu interior. Contudo...

— O que Gavin, fale já, agora não é momento para indecisão. Devemos manter a cabeça fria. — A determinação que o servente viu nos olhos de sua senhora o fez sentir-se orgulhoso. Para ele, agora mais que nunca, servi-la constituía

uma enorme honra.

— Na zona mais afastada do estábulo, encontramos pastando duas éguas que, embora não sejam de raça pura, ainda podem nos ser útil. Milady, não pretende montar neste estado, verdade? — perguntou preocupado.

— Não, Gavin, mas precisa procurar alguém jovem e sadio e que saiba cavalgar. Terá que fazer uma viagem de dois dias em um, sem parar nem mesmo para descansar, só o tempo necessário para trocar de cavalo. Necessito enviar uma mensagem hoje mesmo a fim de que chegue a seu destino o quanto antes. É imprescindível que consigamos ajuda com urgência, não só para reconstruir o castelo, mas também para encontrar meu esposo. Quem sabe em que condições se encontra... ! — a voz de Leah se quebrou — Deus não permita que seja muito tarde. Espero que esses malfeitores o tenham mantido com vida e unicamente nos peçam um resgate por ele.

— Minha senhora, a quem deseja enviar a mensagem?

— A lorde Cedric.

CAPITULO 9

Castelo de Whippledone, dois dias depois do ataque ao Castelo de Lentonhouse.

Embora durante a última semana, os fortes ventos e as nuvens escuras não mostrassem nenhum indício de dispersar-se, naquela manhã de outono o céu amanheceu ensolarado, prenúncio dos alegres festejos que estavam por acontecer. O povoado de Berwick estava cheio há vários dias, pois para este casamento, tinha sido convidado a metade da nobreza da Inglaterra.

Tinham limpado o castelo de cima abaixo, colocando especial ênfase no grande salão; os brasões e tapetes pendurados nas paredes tinham sido baixados, para serem sacudidos e eliminar qualquer resquício de poeira e sujeira. Havia sido espalhado uma grande quantidade de almofadas pelo chão, quase todas recentemente tecidas, para dar mais calidez a sala principal. Para perfumar agradavelmente o ambiente, também haviam colocado numerosos ramalhetes de lavanda em vários pontos estratégicos. E tinha flores por todos os lados, as jarras repletas de rosas, margaridas e qualquer

outra flor silvestre que pudessem encontrar pelos arredores se achavam em cada rincão da estância.

O pátio de armas foi enfeitado com vários estandartes e guirlandas, mais que um campo de treinamento, agora parecia um jardim de recreação, mas nesse dia, ninguém se importava.

A entrada da capela, situada na parte posterior do castelo, tinham construído uma arcada de madeira, que tinha sido decorada com uma infinidade de madressilvas recolhidas de alguns lugares próximos. Abaixo delas, passariam os noivos, para depois sair da igreja convertidos em marido e mulher.

As cozinhas funcionavam dia e noite desde há alguns dias, preparando o banquete das bodas; já não existia lugar para acumular a indecente quantidade de pratos que tinham sido elaborados para tão ditosa celebração. Mataram-se dezenas de novilhos e cordeiros, e um intenso cheiro de carne assada circulava por todo o castelo. O forno de pães estava repleto de fogaças de centeio, assim como a grande mesa de madeira que coroava a cozinha, repleta de todo tipo de verduras e hortaliças para preparar caldos e guarnições. Mas, contudo, o que mais chamava a atenção era a sobremesa nupcial: uma majestosa torta de biscoito com merengue que media mais de um metro e meio de altura.

A iguaria estava constantemente vigiada por Betsy, a cozinheira principal que, com colher em mãos, afastava dali todos que se aproximavam, para evitar que alguém estragasse a maravilhosa obra de arte.

Todos os tonéis de vinho armazenados na adega foram removidos para a ocasião, e durante a última semana se esteve

fabricando tanta cerveja como para servir a um regimento inteiro. Lorde Lambert não tinha reparado nos gastos a fim de que esse casamento fosse especial, e realmente estariam falando dela durante meses por todo o reino.

Tinham contratado vários músicos e comediantes para alegrarem o salão até altas horas da madrugada.

Desde que se fez público o compromisso, as costureiras tinham estado trabalhando sem descanso no vestido da noiva. Era uma gloriosa criação de seda selvagem de cor crua, à primeira vista muito simples, carente de bordados e enfeites. Contudo, essa impressão acabou quando Chloe o provou pela primeira vez. O tamanho do vestido era ajustado até abaixo do peito e, a partir dali a saia caía graciosamente em cascata.

Uma sobressaia de organza, de um tom um pouco mais escuro, montado sobre o tecido de seda selvagem, abria-se em um corte na frente desde o peito e se estendia atrás em uma longa cauda de três metros. As mangas de cetim, bem ajustadas até o cotovelo se abriam em vários cortes, entrelaçando tiras do mesmo tecido com organza. O decote era quadrado, bem profundo, e tanto este como ao redor da saia, iam enfeitados com gumes de veludo creme.

Horas antes da boda, o aposento de Chloe se tinha convertido em um lugar abarrotado de gente. Uma dezena de olhos femininos observavam embevecidos a figura que permanecia de pé, sem mover-se, no centro da habitação.

— Minha senhora, está linda. — disse Gretchen.

— É a noiva mais bonita que já vi. — acrescentou Jane.

— Parece a rainha da Inglaterra. — aventurou-se a

pequena Christine, consciente que jamais em sua vida tinha estado presente frente a nenhum membro da casa real. Chloe estava como em uma nuvem. Desde o começo dos preparativos nupciais a tinham relegado a um segundo plano, assim que ela não sabia de nada. Mas agora, ao ver-se vestida com aquele traje tão extraordinário, teve um temor irracional.

— Não sei se estou fazendo o certo. Este casamento é muito precipitado.

— Menina, já sei o que acontece. Agora mesmo está sentindo o típico medo de toda donzela antes de contrair matrimônio. Não sabe o que a espera depois de trocar os votos com seu futuro esposo, verdade? — O sorriso de Mae se alargou enquanto piscava o olho de modo cúmplice — Compreendo perfeitamente, mas não deve temer. Eu mesma explicarei o que irá encontrar em vosso leito matrimonial.

— Eu acredito que não seja necessário.

— Ah, não? — Mae arqueou uma sobrancelha, surpresa — Devo entender que o jovem Davie e você... ?

— Não! — Chloe interrompeu no mesmo instante. Como dizer que ela sabia o que ocorria entre um homem e uma mulher, se não sabia a razão pelo qual sabia? Intuíu que aquela explicação não iria convencê-la e também não queria criar falsas suposições, assim que... — Não é o que parece. Ouvi muitos comentários pelos corredores. Das serventes, já sabe...

— Ah! — limitou-se a responder a anciã — Essas moças desbocadas.

Depois de pensar um momento, Mae deu por finalizada a conversação. O tempo corria muito rápido e, se não colocasse

pressa, essa moça chegaria tarde a seu próprio casamento. Ajudando com o vestido, obrigou-se se sentar em um tamborete e depois recolheu entre suas mãos um pente. Chloe murmurou e depois lhe disse:

— Mae, não me fará um desses penteados tão complicados, verdade? Tenho que confessar que, embora sejam lindos, acabam me fazendo ter dor de cabeça.

— Não se preocupe, moça, porque por hoje está livre de usá-los. É a tradição que as noivas cheguem ao altar com os cabelos soltos, símbolo de sua inocência. — Chloe sentiu uma revoadada no estômago ao escutar aquelas palavras — O que sim te digo, é que daqui para frente, raro será o dia que poderá mostrá-los em público sem recolhê-los. Não é bem visto que uma mulher casada saía de seus aposentos desse jeito.

Chloe enrugou o nariz em sinal de desagrado.

— E porque isso?

— Porque é uma tradição e uma norma estabelecida.

— Pois acredito que, a partir de agora, teremos que modificar essa tradição. — respondeu com convicção.

— Não se atreva! — Mae, escandalizada, separou-se um momento de Chloe para olhá-la.

— Claro que me atreverei. Existem certas coisas que, quanto antes ficarem esclarecidas, melhor é para todos. Pentear-me-ei como eu quiser, porque não penso aguentar de forma alguma uma eterna dor de cabeça.

— Logo veremos, mocinha... — grunhiu a mulher mais velha.

— Com certeza, Mae. Logo veremos.

A pequena capela não tinha espaço suficiente para acomodar a todos os participantes, pelo que teve de ser improvisado alguns bancos no exterior, reservando os do interior aos convidados mais ilustres. Ainda assim, muita gente estava de pé, posto que toda a localidade de Berwick tivesse vontade de estar presente a cerimônia.

Com nervosismo, Davie aguardava frente ao altar a chegada de sua noiva. Não fazia mais que esticar o tecido do luxuoso casaco com brocado cinza que vestia sobre umas calças de cor creme, enquanto seus olhos não se apartavam da entrada da capela. Tinha raspado completamente a barba deixando somente um pouco no queixo ao estilo que, segundo seu irmão, estava tão na moda na corte, e levava seu cabelo negro penteado minuciosamente para trás. Apesar de tudo, uma mecha rebelde lhe caía sobre o olho direito, dando-lhe uma aparência informal. Damon estava localizado a sua direita, lançando maliciosos olhares por sua atitude tão infantil.

— Tem certeza que virá? — perguntou jocoso — Talvez tenha se arrependido e esteja a caminho de Londres, fugindo de você.

— Como pode ser tão cretino? — censurou-o Davie — Sei que virá.

Naquele momento, começou a se ouvir um murmúrio de vozes provenientes do exterior que, pouco a pouco, foi aumentando até converter-se em uma algazarra.

— Lá vem a noiva! — gritou alguém.

— Oh, como esta linda! — comentaram várias pessoas.

Davie fixou sua vista nas portas abertas de par em par e logo viu uma visão feita mulher levada pelos braços de seu pai. Chloe caminhava erguida, com um véu sujeito por uma coroa de flores silvestres que lhe cobria todo o rosto. Estava deslumbrante. Davie sorriu feliz, se aquele fosse o último dia de sua vida, morreria tranquilo, já que seu sonho tinha se tornado realidade. Em poucos momentos, Chloe se converteria em sua esposa.

Pouco a pouco, a noiva e o padrinho foram se aproximando do altar. Davie só tinha olhos para ela, mas em um olhar rápido a seu pai, pode observar o orgulho paterno em seu semblante. Quando lorde Lambert chegou à altura de seus filhos, fez a entrega de braço da noiva e sorriu com uma expressão de júbilo. Davie tomou Chloe pelas mãos e só conseguiu dizer:

— Chloe, meu amor...

Pegos pelas mãos, Davie e Chloe caminharam juntos, já como marido e mulher, até chegar à entrada do castelo, seguido pelos clamores de júbilo dos convidados. A festa acabava de começar.

O brinde durou horas. Foram várias as ocasiões em que se brindou a saúde do casal, tantas que chegou um momento que Chloe começou a sentir-se enjoada. Davie percebeu a situação e propôs uma alternativa.

— Meu amor, quer dar um passeio comigo pelo bosque? Aqui faz muito calor e a brisa da tarde nos refrescará.

— É uma ótima ideia — respondeu ela, um tanto atordoada pela bebida — se continuo aqui um minuto mais, vou desmaiar.

Saíamos já.

O casal teve que atravessar o salão a base de empurrões. Algumas pessoas os olharam com expressão pícará, perguntando-se aonde iriam os pombinhos, mas ninguém comentou abertamente nem se atreveu a segui-los. Quando os protagonistas tinham saído, todos continuaram com a diversão. Todos exceto uma pessoa.

Um homem permanecia oculto atrás de uns arcos, com o olhar fixo em Davie e Chloe. Ao ver o caminho que tomaram, ficou pensativo durante alguns instantes e depois iniciou a marcha para a parte traseira dos estábulos. Perdeu-se entre as sombras, causado pelo telhado de obstáculo do canil contra o armazém para grãos, mas em um momento voltou a aparecer e movendo a cabeça de um lado a outro com o nervosismo de quem procura algo.

Já estava dando a volta, com o semblante contrariado e a intenção de regressar ao castelo quando sentiu que uma mão pousava sobre seu ombro esquerdo. Deu um salto pela surpresa e em seguida desembainhou sua espada como defesa.

— Calma homem, sou eu.

— Onde tinha se metido? Acreditei que já não viria.

— Como dei a entender em nosso último encontro, em nenhum momento deveria ser visto aqui, ou acaso esqueceu?

— Claro que não. Ninguém te seguiu, verdade?

— Tive muito cuidado para que não o fizessem.

Apesar de tudo e ante a dúvida, ambos os homens escrutinaram os arredores. Seria muito arriscado se alguém os visse juntos. Depois de confirmar que estavam sozinhos e que

ninguém podia vê-los a certa distância, relaxaram e continuaram a conversa de modo sigiloso.

Davie e Chloe entraram no bosque de mãos dadas e não pararam de caminhar até chegar a uma clareira. O sol, uma esfera perfeita de fogo alaranjado, brilhava com intensidade em sua descida no horizonte, embora sua imagem se desenhasse pelas copas das árvores mais altas. A luz outonal que se filtrava oblíqua entre os ramos mais baixos, produzia um efeito de ilusão nas folhas de cor ocre, fazendo-as parecer ouro fundido. Era um lugar idílico, respirava-se paz e tranquilidade, algo que o casal estava achando falta o dia todo. Davie guiou sua esposa até umas rochas enormes situadas no centro da clareira e, solícito a ajudou a sentar-se.

— Como você está?

— Muito melhor. O ar fresco me fez bem. — comentou Chloe ao mesmo tempo em que cruzava os braços.

— Tem frio? — perguntou Davie ao perceber seu gesto.

— Não, é só uma brisa que corre, mas te agradeço. Ali dentro quase não se podia respirar.

— Chloe, eu... — de repente seu timbre de voz adquiriu um tom indeciso, mesmo assim, olhou-a nos olhos — não sabe o presente tão grande que me concedeu ao aceitar se tornar minha esposa.

Chloe sorriu meio de lado, descruzou seus braços e tomou suas mãos.

— De todos os modos, teria sido assim, verdade? — respondeu com certo tom de reprovação — Depois da trama que me estendeu, não ficava mais opção que casar-me contigo.

— Isso é correto — confessou Davie — contudo, jamais te teria obrigado a isto se não tivesse aceitado por vontade própria. Embora também lhe digo que, cedo ou tarde teria conseguido que compreendesse seu erro. Afinal, teria sido minha de uma forma ou de outra.

— Ah sim? — perguntou ela com ironia — E se pode saber, como teria conseguido isso?

— Vem aqui...

Chloe começou a rir quando Davie se lançou sobre ela. Sem dar-lhe tempo a compor uma réplica, tomou-a pela nuca e pousou seus lábios sobre os delas com implacável resolução. Pouco a pouco se fundiram em um terno beijo carregado de promessas, sobre tudo para Davie. Desde o início, foi ele quem liderou o caminho, enquanto Chloe simplesmente se dedicou a responder a suas ardentes carícias. Ela sentia que devia fazê-lo, embora a sensação de que aquele beijo não era tão bom como deveria sentir. Faltava algo, ela sabia, mas naquele momento fez ouvidos surdos a esse sinal que seu corpo mandava, indicando que aquilo podia ser muito melhor. Decidida a vencer a passividade com que sua mente reagia, passou os braços ao redor do pescoço de seu marido e o atraiu para ela, aprofundando o beijo até que ambos perdessem a noção de tempo e espaço.

Do dia só restava uma pequena luz que ia desaparecendo no horizonte quando o casal foi consciente de que estava ficando muito tarde. Deviam regressar imediatamente ao castelo, pois logo começariam a procurá-los. Davie ajudou Chloe levantar-se da pedra onde tinham passado toda a tarde

beijando-se como um casal de adolescentes e, ao mesmo tempo em que deslizava uma mão por sua cintura para aproximá-la dele, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Estou desejoso de chegar aos nossos aposentos para...

Um ruído de passos a suas costas interrompeu o que estava a ponto de dizer. Ambos se viraram juntos e descobriram que meia dúzia de homens mascarados, todos eles vestidos de roupas esfarrapadas, mas armados até os dentes, tinha-os rodeado por vários flancos. Ao que parecia, suas intenções não eram nada amistosas, pois em poucos segundos tinham fechado o círculo ao seu redor. Davie reagiu imediatamente, lançando mão de sua espada. Horas atrás tinha pensado que seria um estorvo levá-la no dia de seu casamento, mas agora não se arrependia em absoluto.

— Quem são e o que querem conosco?

— Queremos a ela. — assinalou um deles.

Durante um breve instante, os olhares de Davie e Chloe se cruzaram. O dela incrédulo, e o dele, preocupado. Porque esses homens queriam a Chloe? Davie não estava interessado em descobrir. Naquele momento, a segurança de sua esposa era a primeira coisa.

— Não permitirei que toquem em um fio de seu cabelo. — respondeu ao mesmo tempo em que dava um passo adiante de Chloe, protegendo-a assim com seu corpo. — Antes terão que me matar.

— Como quiser. — riu o mais obeso.

Os seis mascarados se olharam entre si, e a um sinal do mais alto, começaram a avançar em direção a sua presa. Davie,

em guarda, antecipou-se a seus movimentos, lançando-se com força para o primeiro dos atacantes, que tinha mais próximo. Feriu-o nas costelas com uma estocada e, sem preocupar-se em comprovar se o tinha matado ou não, brandiu a espada para o seguinte. Chloe, petrificada alguns metros atrás, observava tudo com o rosto ofuscado pelo terror.

Davie se moveu muito rápido, cobrindo o maior espaço possível para evitar que algum dos assaltantes se aproximasse muito da sua mulher. Conseguiu desarmar a dois deles e ferir a outros tantos, mas quando se dirigiu para o mais alto com intenção de acertar-lhe um golpe mortal, um dos que estava no chão, tirou algo de sua bota e o lançou com extrema pontaria. Davie sentiu um forte impacto nas costas e depois caiu. Chloe deu um grito, ao mesmo tempo em que corria para Davie. Ajoelhou-se junto a ele e aproximou suas trementes mãos a suas costas para verificar o tamanho da ferida. A adaga estava profundamente enterrada entre as omoplatas. Seus dedos vagaram ao redor da empunhadura, pensando se seria conveniente extrair a arma.

— Oh Davie, que posso fazer?

Com o rosto crispado de dor, Davie levantou seu braço até pousar a mão sobre a bochecha de Chloe, para depois acariciá-la com infinita ternura.

— Eu... eu sinto, meu amor... eu... te... te falhei...

— Deus meu, Davie! Não! — chiou ela.

— Chloe... vai daqui, fuja...

— Não! Não penso te deixar aqui!

— Meu amor, esta ferida... esta ferida é... mortal... vai.

— Por favor, Davie. Não morra. Não pode morrer!

Chloe começou a balançá-lo, implorando uma e outra vez que não a deixasse enquanto girava a cabeça de um lado a outro pela clareira em busca de ajuda. Contudo, já era muito tarde. Quando olhou de novo em Davie, descobriu que seus olhos olhavam ao vazio, sem vida.

— Não! — gritou com um lamento desgarrado — Davie, não!

Chloe abraçou o corpo de seu esposo com todas as suas forças e rompeu a chorar. Aquilo não podia estar acontecendo. Davie morto... nem sequer tinha tido tempo de dizer que também lhe queria... porque o queria. Talvez não do jeito que ele gostaria, com paixão e intensidade com a qual ele a amava, mas afinal o queria. E agora tinha ido para sempre. Tinham-no matado.

Uma fúria incontrollável nascia do mais fundo de seu ser, tão violenta que seu corpo todo se convulsionou. Chloe não pensou, simplesmente agarrou a espada que Davie havia soltado ao cair e, apoiando-se nela, incorporou-se para enfrentar aos assassinos de seu esposo.

— Desgraçados... pagarão pelo que fizeram, bastardos.

Chloe tentou lançar-se com raiva contra seus atacantes, mas não calculou a intensidade de seu ataque e tropeçou. Esse foi o momento em que os malfeitores, que estavam sem saber o que fazer aproveitaram para lançar-se acima como aves de rapina, embora ela não tenha se deixado capturar assim tão fácil. Golpeou com os punhos, arranhou, mordeu e fez tudo que suas mãos permitiam tocar.

— Maldita cadela! Luta como um cão raivoso!

Um dos assaltantes uivou de dor quando recebeu de Chloe uma mordida na orelha. Levou as mãos ao ouvido e, ao ver que sangrava, deu-lhe uma tremenda bofetada.

— Agora saberá o que é bom...

O homem agarrou Chloe pelo cabelo e puxou para trás, enquanto lhe colocava um punhal no pescoço. Quando ela viu a arma tão próxima a seu rosto, ficou paralisada. Pensou que tinha chegado seu fim e fechou os olhos, aceitando sua derrota. Ao sentir o frio metal sobre sua garganta, tragou saliva e inspirou profundamente. Seu último fôlego de vida. Gravou em sua mente a imagem de Davie, pois queria que ele fosse o último que ocupasse seus pensamentos antes de morrer, mas em vez disso, apareceu a imagem de outro rosto desconhecido para ela. Embora não parecia ser tão desconhecido assim... o brilho daqueles olhos azuis, da mesma cor dos de Davie, mas tão diferentes, provocou-lhe um aperto no coração e a estranha sensação de que era alguém muito importante em sua vida.

O desgastado fio da navalha arranhou a pele de seu pescoço e Chloe se esqueceu de tudo. Contudo, naquele preciso instante outro homem surgiu do bosque e impediu o mortal desenlace com uma ordem seca.

— Temos ordens de mantê-la com vida, seu idiota. Nem te ocorra matá-la.

— Mas, não viu o que me fez essa bruxa? — perguntou o aludido — Deve pagar por isto.

— Deixe-me, inúteis...

O homem se aproximou pela lateral e, depois de um rápido e certeiro golpe na nuca, deixou Chloe inconsciente.

— Agora não fiquem parados. Temos que nos afastar daqui o mais rápido possível, antes que os convidados se dêem conta de sua prolongada ausência e saiam em busca deles. Amarre e amordace a mulher, não quero que desperte e não possam controlá-la, como aconteceu a alguns momentos. Depois recolham os feridos e partamos imediatamente.

— E o que faremos com o outro? — perguntou um deles.

— Esse já não nos trará nenhum problema. Porém e como precaução, escondam o corpo naqueles arbustos. Demorarão bastante tempo em encontrá-lo e, quando o façam estaremos bem longe. Andando.

CAPITULO 10

— É um completo estúpido. Não te disse que não deveria fazer nenhum dano?

— Dei ordens precisas a meus homens, mas eles não tiveram mais remédio que acabar com ele. Suas próprias vidas estavam em perigo.

— Desses miseráveis que são seus asseclas? Todas suas vidas juntas não valem a roupa que levam.

— Foi em defesa própria. Nem eu mesmo pude recriminá-los por sua atuação.

— Grr... isso muda sutilmente as coisas. Terei que pensar muito bem como levar este assunto a partir de agora. A idiotice de seus homens colocou um perfeito plano em cheque.

— Pode até ser que seja beneficiado pelo que aconteceu. — sugeriu o interlocutor.

— Talvez, mas agora mesmo não consigo pensar com clareza. Já pensarei mais adiante nos prós e contras. Agora, bem... fora este pequeno contratempo, seguirão o restante das ordens ao pé da letra? Ou seus homens cometerão outro imperdoável erro?

— Nisso está equivocado. O pacote já foi entregue.

— Não os viram quando foram deixá-lo, verdade?

— Claro que não! Cuidamos muito de fazê-lo à noite, quando os guardas estavam em ronda.

— Algo digno de menção?

— Bom, sim. Tivemos que esperar várias horas até que chegou o momento propício. As defesas do castelo foram reforçadas depois do incidente, pelo que foi mais complicado nos aproximar sem sermos vistos. Estivemos esperando muito tempo até que conseguimos aproveitar a troca de guarda, e depositamos no lugar indicado.

— Está seguro de que receberam a mensagem junto ao pacote?

— Claro. Dois de meus homens permaneceram escondidos entre os arbustos até que o recolheram. Formou-se um pequeno barulho e colocaram o castelo em alerta. Mandaram soldados para inspecionar os arredores, assim que os meninos tiveram que afastar-se um pouco para não serem descobertos. Contudo, chegou o amanhecer e ninguém voltou a sair dali. Posso assegurar que não vão soltar o presentinho tão facilmente.

— Perfeito. De qualquer forma, creio que acabo de ter uma ideia genial.

— Que ideia?

— Contarei mais adiante. Vendo como trabalhou até o momento, prefiro dar o seguinte passo eu mesmo. Assim me assegurarei de que não cometa mais nenhuma falha. Mas devo atuar rápido. Onde deixaram o corpo?

— Oculto entre as folhagens da clareira. Que pretende

fazer exatamente?

— Saberá em seu devido tempo. Tenho que organizar tudo para que meu plano seja perfeito e devo fazê-lo já. Ver-nos-emos dentro de uma semana no lugar marcado. Por hora, proceda como sempre.

— E o que supõe que devemos fazer, eu e meus homens?

— O que acabo de dizer, estúpido. Nada. Se tudo ocorreu tal e como disse, falta muito pouco para que o peixe morda o anzol. Nós já movemos nosso peão. Agora é a vez dele.

Anoitecia sobre o castelo de Lentonhouse quando um grupo de soldados atravessou a ponte levadiça e se deteve ao chegar ao pátio de armas. O homem que os encabeçava fez girar seu cavalo, fazendo uma completa circunferência, para alcançar com a vista todo o perímetro. Furioso descobriu uma grande mancha negra no chão, no mesmo lugar onde antigamente estiveram erguidos os estábulos. Soltou uma maldição ao comprovar que o moço enviado por sua cunhada não tinha exagerado em nada.

Lorde Cedric Lenton se mantinha erguido, seu enorme e musculoso corpo elevando-se imponente sobre a grande besta negra, enquanto agarrava o assento da cela com uma só mão em uma clara atitude ameaçadora. Parecia um conquistador, ali parado em meio ao pátio com uma contração severa e acusadora nos lábios. A brisa da tarde agitava ante seu rosto largas mechas de cabelo castanho com matizes em cobre, dificultando por momentos a visão de seus insondáveis olhos verdes, mas ele permanecia ferrenho frente ao açoite do vento. Seu poderoso queixo no alto em claro sinal de superioridade,

exibindo um orgulhoso nariz aristocrático perfeitamente desenhado. Aquele era um rosto de feições perfeitas, mas distorcidas por um duro olhar de extrema crueldade.

Aguardou alguns momentos, sentado em seu garanhão com a vista a frente, fixa na torre norte, a zona mais devastada pelo ataque. Quando decidiu que seu exaustivo exame estava concluído, desmontou do cavalo e se dirigiu ao interior do castelo. Gavin, o chefe dos serventes, esperava-o impaciente junto à porta.

— Milorde, graças a Deus que chegou tão rápido. Acreditávamos que demoraria mais alguns dias para chegar.

— Gavin, o que aconteceu?

— Algo terrível, meu senhor. Faz dois dias nos atacaram em plena noite e... pode ver com seus próprios olhos como deixaram o castelo.

— Onde está meu irmão? Inquietou-me muito que o mensageiro não foi enviado por ele, e sim por lady Leah.

— Meu senhor, lorde Andrew... desapareceu. Não voltamos a vê-lo desde o ataque.

— Como isso é possível? — gritou Cedric — Como pode ter desaparecido sem deixar rastro?

— Tememos que os foragidos o levaram.

— Pediram algum resgate?

— Não, milorde. Não temos nenhuma notícia a respeito.

— E como conseguiram entrar? Este castelo é um pouco menos que inexpugnável. — murmurou.

— Ainda não conseguimos entender, meu senhor. Tomaram-nos de surpresa. Mas muitos homens morreram

tentando defender os muros.

— Quantas baixas tivemos?

— Entre os que morreram essa noite e os feridos que não aguentaram as terríveis lesões que sofreram, faleceram trinta e cinco homens e duas mulheres.

— Mulheres? Também atacaram as mulheres? — o rosto de Cedric se crispou de ira.

— Milorde, isto é algo muito difícil para mim, mas sua avó.

— Cailleach? — murmurou sem poder acreditar.

— Efetivamente. Encontramos um corpo queimado em seus aposentos. E uma grande desgraça.

— Malditos, pagarão muito caro por isso...

— Isso não é tudo, — interrompeu — além dos saques e dos assassinatos... esses indesejáveis fizeram uma infinidade de violações. A metade de nossas mulheres estão seriamente traumatizadas.

Cedric cravou a vista no mordomo. Tinha que perguntar, mas...

— Lady Leah..?

— Ela também foi vítima desses vândalos, mas não sabemos com certeza o que ocorreu dentro de seus aposentos. Lady Leah não quis nos explicar nada.

— Onde está? — perguntou com impaciência.

— Em seu quarto, esperando sua chegada.

Cedric não quis ouvir mais nada. Dirigindo-se para a torre da fortaleza, começou a subir os degraus de três em três, e quando chegou à entrada do quarto de seu irmão descobriu que a porta tinha desaparecido. Entrou com rapidez e a viu;

sentada junto à janela, com o olhar perdido. A cólera surgiu ao perceber que seu rosto estava completamente machucado.

— Leah...

A mulher girou a vista rapidamente para aquela voz penetrante, uns olhos verdes, muito familiares para ela, contemplavam-na com piedade e incerteza, embora no mais profundo de seus olhos distinguisse outro sentimento muito mais forte, vingança.

— Cedric, você veio... — Leah se levantou do tamborete e correu a chorar entre seus braços.

— Tranquila... já estou aqui. Agora não precisa mais ter medo — respondeu incômodo, sem saber onde colocar suas mãos.

Cedric odiava qualquer tipo de demonstração afetiva. Indeciso fechou os musculosos braços em torno da delicada costa de Leah e a recolheu com delicadeza em seu fornido peito.

— Que vamos fazer? — perguntou Leah entre soluços dilaceradores — Não sei onde podem ter levado Andrew. Estou tão assustada...

Ele a separou bruscamente de seu corpo. Seu olhar transmitia uma feroz determinação.

— Nós vamos encontrá-lo, Leah. Disso não fique nenhuma dúvida, — Cedric fixou seus olhos no perfil de sua cunhada. Com certo temor e vacilo, aproximou sua mão até sua machucada bochecha e a acariciou com os nós dos dedos. — diga-me, o que te fizeram?

— Não quero falar deles — Leah afastou o rosto, rompendo

assim o contato dessa tênue carícia — o que importa agora é encontrar meu esposo.

— Como quiser. — respondeu ele com atitude e, sem mais, saiu da habitação. Sabia que se ficasse ali mais tempo lhe exigiria uma explicação exaustiva do sucedido, coisa que ela ainda não estava preparada. No momento, não queria pressioná-la, assim que não insistiu. Embora no mais profundo de seu ser ansiasse conhecer todos os detalhes para dizer com exatidão como matar todos aqueles que ousaram tocá-la.

A primeira coisa que fez Cedric ao abandonar o quarto de seu irmão foi organizar vários turnos de vigilância entre os guardas que ficaram disponíveis, reforçando todas as possíveis entradas com defesa dobrada. Ninguém se aproximaria a menos de duzentos pés das muralhas sem ser visto. Depois, esteve até bem avançada noite, fazendo inventário das perdas materiais e interrogando uma multidão de pessoas, quer fossem aldeãos ou serventes, para ter qualquer tipo de informação que pudesse ser de alguma utilidade. Contudo, seu esforço foi em vão: ninguém sabia de nada.

Esgotado pelo duro trajeto que tinha suportado para chegar logo a suas terras, em pleno galope, subiu as suas habitações. Precisava descansar um pouco enquanto tomava um bom copo de vinho e planejava os seguintes movimentos. No dia seguinte, com as primeiras luzes da alvorada, começaria as buscas por Andrew. Enviaria tropas de reconhecimento por um perímetro de cem milhas ao redor, mas para isso precisaria do exército que ainda não havia chegado.

Embora só quisesse relaxar um pouco, o cansaço o venceu

e, minutos depois, caiu adormecido enquanto estudava seus planos de ação.

Despertou sobressaltado ao sentir uma presença em suas costas. Instintivamente levou a mão a empunhadura de sua espada e já estava desembainhando-a quando uma voz familiar o deteve.

— Espera, Cedric. Sou eu, Alec.

— O que ocorre? Atacam-nos? — no mesmo instante se levantou do assento e aguçou os sentidos.

Um corpo impressionante de um metro e noventa e cinco de altura se erigiu em toda sua longitude, superando em alguns centímetros a altura de seu interlocutor. Na noite anterior, pouco antes de ficar adormecido, Cedric tinha tirado a camisa e as botas, assim que não levava posto mais vestuário que as calças de couro que lhe marcavam a musculatura das panturrilhas. Uns peitorais duros, potentes e perfeitamente moldados eram o prelúdio de um ventre firme e plano, cintura estreita e quadril másculo. Esse era o corpo de um experimentado guerreiro: puro músculo recoberto por uma pele bronzeada, marcada por numerosas cicatrizes, que tinham sido esculpidas durante as intermináveis horas de treinamento e o duro fragor da batalha.

— Ninguém se atreveria a invadir de novo este castelo com semelhante descaramento, — comentou Alec — contudo, alguém conseguiu se aproximar sem ser visto.

— Isso é imperdoável! — gritou Cedric com ferocidade — Diga-me que guardas estavam patrulhando e os farei serem castigados agora mesmo!

— Tranquilo, Cedric. Tudo está sob controle.

— Se está tudo sob controle, porque veio me buscar em meus aposentos? — perguntou perspicaz — Além disso, como sabe que alguém se aproximou do castelo se ninguém foi capturado?

— Porque encontramos algo junto à guarita. Será melhor que veja com seus próprios olhos. Eu não sei o que fazer com isso.

Cedric olhou seu subordinado. De que estava falando?

— Está bem, descemos. Vejamos o que te inquieta tanto.

Quando chegaram ao salão havia ali um grupo de seis soldados que tinham a vista fixa em um vulto estirado no chão. Ao aproximar-se, Cedric pode distinguir a silhueta inconfundível de uma mulher. Estava inconsciente e levava umas roupas muito sujas e rasgadas. O olhar interrogante de Cedric passou devagar daquele corpo caído para seu segundo em mando.

— Que demônios... ? Por isto me acordou? Tanto barulho por uma simples camponesa?

— Não dirá isso quando veja sua mão esquerda.

— E por que deveria... ? — o que ia dizer ficou em suspenso ao olhar a mão da moça. Reconheceu-o no mesmo instante — Como pode... ?

— É o mesmo que me perguntei quando vi. Este anel é de seu irmão, não?

Ambos os homens contemplavam hipnotizados o selo que luzia em um dos dedos na mulher; dentro de um coração sangrento, dois leões de frente entrelaçados com uma serpente.

— Claro que é, — afirmou com segurança — somente existe mais dois e ambos estão em meu poder até que o entregue a Gideon. — Não havia nenhuma dúvida, era o selo de Andrew.

Um som débil, proveniente do chão, fez que voltassem a centrar sua atenção na mulher. Estava voltando a si. Sem pensar, Cedric se ajoelhou e começou a balançá-la. Boa parte do longo cabelo da jovem cobriu sua cara, impossibilitando uma imagem clara de seu rosto.

— Onde está meu irmão? — gritou com fúria — Onde está Andrew?

— Quem... ?

— Fale já, mulher! Onde ele está? — ele insistiu sem deixar de sacudi-la.

— Não sei a que se refere. Eu...

— Não sabe do que estou falando? Como conseguiu o anel que leva em seu dedo? Quem o deu?

— Que anel? — ela, embora confusa, olhou em sua mão esquerda e emudeceu de repente.

— Diga-me como conseguiu se apoderar desta joia.

— Isto... não é meu, — respondeu entre soluços — mataram ao Davie!

— Quem é Davie? E o que tem a ver com tudo isso?

A mulher chorou durante um momento. Embora Cedric perguntasse repetidas vezes onde estava seu irmão e como tinha conseguido o selo, ela não respondeu. Estava muito ocupada em exteriorizar toda a dor que sentia pela morte de seu esposo. De qualquer modo, com o passar do tempo aquele angustioso sentimento foi se transformando em uma profunda

ira e, desafiante, levantou o queixo para Cedric. Com os olhos vidrados pelo choro, cheio de ódio e incredulidade, fulminou-o com o olhar.

— Como puderam fazer isso... ? Por que... ? Mataram-no!
— estalou. Atirou-se sobre ele de forma raivosa e o golpeou com os punhos fechados. — Você! Maldito!

— Quieta pequena harpia! — Cedric se safou de seu ataque, prendeu-a com o peso de seu próprio corpo e a imobilizou com as mãos acima da cabeça. Depois lhe lançou um olhar assassino. — Vai ficar nesta posição até que me conte de forma convincente as minhas perguntas. E só a soltarei se gostar das respostas. Para começar, tem algum nome?

— Deixe-me em paz!

— Não me faça repetir. Qual seu nome, camponesa?

— Não sou nenhuma camponesa — respondeu ela com altivez — e sim, tenho nome — respondeu enquanto tentava inutilmente soltar-se de seu predador.

— E bem? Estou esperando mulher.

— Não penso lhe dizer nada, até que me solte!

— Acredita sinceramente que neste momento está em condições de negociar comigo? — Cedric riu com uma falsa gargalhada ao mesmo tempo em que a olhava com uma expressão de profundo asco. Tinha se sentado de joelhos sobre ela, prendendo a cintura da moça com seus poderosos músculos. Como, além disso, a tinha sujeitado pelos braços, ela estava totalmente a sua mercê. Agarrou os pulsos da jovem com uma só mão e levou a outra a sua garganta, pressionando com força. — Vai me responder por bem ou por mal?

— Me... me chamo Chloe. Chloe Whitney. — Quase não podia respirar, mas de seus lábios surgiu pela primeira vez sua nova e já antiga condição de casada.

— Whitney? Que nome é esse? — Cedric, confuso, enrugou o cenho.

— Quer... quer soltar-me de uma maldita vez? Está me deixando sem fôlego.

A única concessão que fez foi deixar de apertar seu pescoço.

— Uma resposta, uma cortesia. — respondeu com burla.

A base de patadas, Chloe tentou sair debaixo daquele pesado corpo que lhe impedia de levantar-se, mas Cedric não permitiu. Pelo contrário, fechou ainda mais seus dedos ao redor dos pulsos e apertou os joelhos para evitar que continuasse a golpeá-lo.

— Solte-me, escória imunda!

— Não tente sua sorte mulher. Ainda ficam muitas perguntas por responder. Além disso, não é aconselhável que se dirija a mim deste modo... — Aproximou seu rosto ameaçadoramente até Chloe, tanto que ela sentiu seu hálito roçar-lhe a bochecha. Isso, e algo mais profundo e perigoso que lhe provocou uma estranha sensação — para sua própria segurança.

— Não entendo o que pretende conseguir com isso. — Chloe afastou o rosto para o lado. Esse homem emanava perigo por todos os poros de sua pele, perturbando-a demais.

— Agora quero saber como esse anel chegou a seu poder, era de meu irmão.

— Eu não sei! Nunca o tinha visto antes este selo. Alguém deve tê-lo colocado quando estava inconsciente.

— Não acredito.

— Dá-me igual que não acredite. É a verdade!

— Isso já veremos.

Cedric acabou soltando-a e se levantou, embora lhe indicasse com um gesto que não admitiria nenhum movimento em falso por sua parte. Chloe massageou seus doloridos pulsos, mas não se levantou do chão, temerosa do que ele poderia fazer se o contradizia.

— E bem, afirma se chamar Chloe Whitney. Não terá nenhum parentesco com o conde de Berwick, o senhor de Whippledone?

— Refere-se a lorde Lambert?

— De fato. — afirmou ele.

Chloe levantou a cabeça ao mesmo tempo em que florescia uma chama de esperança em seu interior. Se ele conhecia o conde, tinha a possibilidade de esclarecer aquele desastroso mal sucedido.

— Sou sua nora. Acabara de me casar com seu filho quando...

— Sua nora? — Cedric a interrompeu, avaliando-a inquisitivamente com o olhar.

— Não tenho nenhum conhecimento de que o desprezível do Damon tivesse uma esposa. — suas ásperas palavras destilavam ódio — Não está mentindo?

— Claro que não estou mentindo, — respondeu irada — eu não me casei com lorde Damon — enfatizou o título de “lorde” —

sim com lorde Davie, seu irmão menor. — Cedric fez uma careta de incredulidade.

— E se assim fosse, como é possível que seu flamejante esposo a tenha deixado sozinha? Um homem recém-casado não se separaria em dias de um corpo belo e bem feito de sua esposa. — Seus olhos a percorreram de cima abaixo com infinito descaramento, provocando-lhe um profundo desagrado — Além disso, uma dama jamais iria vestida assim, com farrapos e suja como uma mendiga.

Uma exclamação brotou da garganta de Chloe quando percebeu que seu traje de noiva, antes tão limpo e maravilhoso, estava completamente destruído.

— Este era... meu vestido de noiva. Ficou destruído. Meu Deus, não... Davie está morto. — a fúria voltou a se manifestar nela com renovado brio — Você... você foi o responsável por semelhante atrocidade? — fez gesto de levantar-se para saltar sobre ele como uma leoa, mas três pares de mãos a sujeitaram no lugar, impedindo-a de mover-se do chão. — O que quer de mim? Porque me sequestraram? — perguntou quase sem voz.

— Sequestramos você? Não me faça rir...

— Ah, não? E também não mataram ao Davie? Assassino!

— Que demônios está insinuando? Eu não sei de nada disso!

— E como cheguei até aqui? Também me vai dizer que apareci neste lugar por obra da magia? Você assassinou meu esposo e ordenou meu sequestro, embora ainda não entendo a razão!

— Não sei que incrível história está inventando, mas o que

tenho bem claro é que está diretamente relacionado com o desaparecimento de Andrew.

— Já disse que não conheço seu irmão. — explodiu ela — Como posso fazê-lo entender isso?

Cedric voltou o olhar para a chaminé, olhando um ponto indefinido do fogo. Depois de alguns segundos de deliberação, finalmente girou para Chloe e disse:

— Esta conversa não nos leva a nenhum lugar. Será melhor deixarmos de lado, ao menos por enquanto.

— Então vai me deixar livre? — perguntou ela desconfiada — Tenho que voltar para Whippledone, com lorde Lambert.

— Claro que não! — exclamou Cedric contrariado — Não sairá deste castelo enquanto não aparecer meu irmão. Embora ainda fiquem muitas questões para resolver, assim que até Andrew regressar e confirmar ou não sua implicação nesse desaparecimento, sob nenhum pretexto deixará estes muros. Vejamos o que ele tem a dizer em respeito à posse deste anel.

— Está insinuando que me manterá prisioneira?

— Tome como uma privação temporal de sua liberdade. — respondeu friamente.

— Você não pode fazer isso. Esse tipo de abuso é...

— Claro que posso, — interrompeu-a Cedric, para em seguida voltar-se para seus homens. Suas ordens foram curtas — leve-a para a torre Sul e assegure-se de que não se mova dali.

Dito isso, dispôs-se a sair do salão, mas antes de cruzar a porta parou em seco. Sem voltar-se para Chloe, fez um último comentário.

— E rogue a Deus que não tenha ocorrido nada, porque se assim for... nunca sairá daqui.

CAPITULO 11

O som da matilha de cães rompeu a tranquilidade do bosque. O sol já brilhava alto no horizonte, e um grande grupo de homens a cavalo estava passando palmo a palmo a área.

Quando ao anoitecer, o casal de noivos não deu sinais de vida, lorde Lambert começou a se preocupar. No início todos suspeitaram que o feliz casal tivesse escapulado do barulho da festa buscando um pouco de intimidade, embora tenha chegado a hora do último brinde e eles seguiam sem fazer ato de sua presença. A maioria das pessoas já estava ébria de álcool, muitos lançavam gritos de cumplicidade carregados de maliciosos pensamentos quanto ao suposto desaparecimento, mas ainda assim foram em sua busca. Só queriam localizá-los para fazerem as últimas brincadeiras antes que subissem ao leito nupcial. Primeiro buscaram nos aposentos do castelo e, ao não localizá-los, ampliaram a busca pelo exterior. Revistaram tudo: estábulos, jardim, horta... contudo, não encontraram nenhum indício deles.

Com a chegada da noite, começou a crescer a inquietação de todos os presentes. Tinha passado muito tempo desde a última vez que alguém os tinha visto e o temor de que tivessem

sido vítimas de algo grave aumentava com o passar das horas. O conde estava muito intranquilo, assim que decidiu por fim aos festejos do banquete e organizou um grupo de busca.

Levou grande parte da noite reunindo seus homens. Os que não tinham partido para celebrar sua própria festa particular com alguma moça na intimidade, estavam tão bêbado como barris, jogados ao chão do salão. Finalmente, duas horas antes do amanhecer, todos estavam em seus cavalos, com lorde Lambert à frente.

Dividiram-se em quatro grupos e cada um tomou uma direção diferente. Não encontraram nenhum rastro do casal até o meio dia, quando os cachorros da matilha encabeçados por Sir Peter começaram a colocarem-se nervosos e a latir com grande estrépito. Haviam chegado à entrada do bosque de carvalho, assim que sir Peter ordenou soltá-los, os cães se dirigiram diretamente ao interior do bosque.

Não demoraram muito em encontrar o corpo já sem vida de Davie. Acharam-no em uma clareira, escondido atrás de alguns arbustos, com uma grande poça de sangue a seu redor. Sir Peter não perdeu tempo e mandou três mensageiros, um em cada direção, para informar o fato ao resto do grupo. Não quis tocar no cadáver até que chegasse seu senhor. Meia hora depois, o som estridente de uns cascos indicou que o restante dos homens estavam se aproximando do local. O primeiro a chegar foi lorde Lambert, quem sem esperar a que seu cavalo parasse, desmontou com rapidez e se lançou a carreira para o corpo inerte de seu filho.

— Davie, não... meu filho... — O conde se atirou ao solo e

tomou seu filho entre seus braços, trazendo-o até seu peito — quem te fez isso? Deus meu, quem te fez isso?

Seus homens olharam entre si, sentindo-se completamente impotentes. Não entendiam o que poderia ter acontecido. Um moço como Davie, que nunca havia feito nenhum dano a ninguém, assassinado assim... ninguém desceu de seu cavalo, todos permaneceram imóveis ao redor da clareira esperando que alguém rompesse aquele sepulcral silêncio para lhes dar qualquer ordem. Alguns minutos depois, apareceu Damon com seu grupo. Este ao ver seu pai, desmontou e se aproximou lentamente dele.

— Pai...

— Damon, seu irmão...

Damon observou o cadáver sem acreditar que aquilo estivesse realmente acontecendo. Davie, morto... as lembranças de sua infância e juventude junto a ele, quando não faziam mais que jogar brincadeiras àquele pequeno raposa, passaram por sua mente em questão de segundos. Agora que finalmente tinha se convertido em homem, o destino tinha ceifado sua vida de modo tão horrendo e prematuro. Aquilo não era justo. Uma única lágrima, em memória de seu irmão, brotou de seus olhos, mas no mesmo instante a apartou com suas mãos. Já teria tempo de chorar na intimidade de seu quarto.

— Quem fez isso pagará com sua vida, mas antes sofrerá o indescritível. — sentenciou com o olhar vazio e o rosto contraído pela raiva.

Deixando de um lado a raiva que sentia, concentrou-se em averiguar o que tinha ocorrido. Das costas de Davie saía uma

adaga. Uma arma mortal. Franziu o cenho ao reconhecer o escudo gravado na empunhadura. Sem mencionar alto suas suposições, escrutinou ao redor e percebeu a espada de seu irmão atirada ao solo a escassos metros dali, com o fio manchado de sangue. Damon voltou-se para sir Peter e perguntou:

— Inspecionaram a área em busca de alguma pista?

— Não, milorde. Não nos movemos daqui até receber novas ordens.

— O que estão esperando? — exclamou — Quero este bosque vasculhado até a última pedra que encontrarem. Ponham-se em marcha!

Ao ouvir a ordem, todos os soldados giraram seus cavalos e começaram a afastar-se. Entretanto, Damon permanecia de pé, forte, vendo como seu pai se consumia de dor com o corpo de Davie entre seus braços.

— Pai, juro pela minha honra, que o assassino de meu irmão não sairá impune. Ainda que tenha que matá-lo com minhas próprias mãos. Eu juro.

Dentro em pouco se ouviu um grito entre os arbustos. Segundos depois, apareceu correndo um soldado para informar sobre um achado, e Damon o seguiu. Caminharam um bom passo entre os arbustos até que o soldado parou e fez um sinal com o braço, indicando alguns metros à frente. Apoiado contra uma árvore, estava um homem inconsciente. No centro do peito, um círculo escuro de sangue manchava sua suja camisa. Tinha a cabeça inclinada para baixo, o que impedia de ver suas feições. Damon se aproximou e de um só movimento, rasgou a

camisa. O sangue ressecado era de uma ferida de espada.

A ira se apoderou dele. Fazendo uso de sua própria espada levantou-a sem muita sutileza a cabeça caída do homem e reconheceu no mesmo instante seu rosto.

— Lorde Andrew Lenton, maldito canalha...

Agachou-se até estar a sua altura, agarrou-o sem nenhum tipo de cuidado e descarregou um fortíssimo soco em sua mandíbula, fazendo que a cabeça se chocasse contra o tronco da árvore. Depois começou a lhe dar inumeráveis golpes, até que uma débil voz as suas costas o interromperam:

— Filho, já chega.

Damon deteve seu punho fechado a meio caminho do rosto desfigurado de lorde Andrew. Voltou-se com fúria, lançando chispas pelos olhos.

— Pai, deixe-me matá-lo. Esse miserável não merece viver.

— Nisso estou de acordo, mas não podemos tomar a justiça por nossas próprias mãos. Esse insignificante, — enfatizou seu comentário com uma careta de desprezo — não é um camponês qualquer. É um conde, um par do reino e, como tal, unicamente depende do rei decidir qual será seu destino.

— Então não poderá morrer como a escória que é?

— Isso não depende de nós. Não sabe como gostaria de romper seu pescoço com minhas próprias mãos, mas neste caso devemos atuar de modo diferente.

— E o que supõe que devemos fazer com ele? Soltá-lo sem mais? — seu tom de voz se elevava à medida que falava.

— Claro que não. Levar-lhe-emos a corte e ali será julgado como dita a lei. Nosso monarca decidirá se deve ser executado

por seu crime.

— Não seria mais fácil acabar com ele aqui mesmo? — propôs Damon — Já está bastante ferido, assim que duvido muito que chegue a Londres com vida. Deixe-me terminar isso, pai.

— Eu disse que não. Mas isso não é razão para que estejamos obrigados a ter nenhum tipo de consideração com esse sujeito durante o caminho. Embora esteja gravemente ferido, será transladado até ali como o que é: um criminoso. — dito isso se voltou para Sir Peter e com um movimento de cabeça, ordenou aproximar-se — Leve-o ao castelo e encarcere-o. Não quero lhe dar nenhuma possibilidade de fuga. De sua parte, Damon — girou-se para seu filho, com o semblante cansado — reúna a teus homens e organize tudo para partir esta mesma tarde. Deve chegar a Londres o quanto antes. E mantenha-me informado: quero saber tudo que ocorre a partir de agora.

— O que disser.

— Com certeza, — disse o conde — tem alguma notícia sobre o paradeiro de lady Chloe?

— Nenhum pai. Mas eu já tinha dito que não deveríamos confiar nesta mulher...

Nesse preciso momento, ouviu-se um ruído estranho a suas costas. Os ali presentes se voltaram ao mesmo tempo e conseguiram ver, como alguém que estava escondido entre os arbustos se levantava rapidamente e começava a correr em direção oposta de onde estavam.

Não tardaram em alcançá-lo. Dois soldados o levaram na

presença do conde enquanto o mantinham sujeito pelos braços, evitando assim que tentasse escapar de novo. Quando esteve em frente à lorde Lambert, este pode apreciar que se tratava de um simples vagabundo. Suas roupas esfarrapadas e o pestilento odor que desprendia seu corpo o delatavam. Além disso, estava morto de medo.

— Eu não fiz nada, eu juro.

— Se não fez nada, por que razão começou a correr? Porque estava escondido entre os arbustos?

— Eu... de verdade, milorde, deve me acreditar. Simplesmente voltei para inspecionar os corpos e ver se podia conseguir algo de valor para trocar por um pedaço de pão. Afinal, os mortos não iam mais precisar. Mas eu não vi nada ontem, eu juro...

Damon e lorde Lambert cruzaram seus olhares e perguntaram ao mesmo tempo:

— Esteve aqui ontem?

— Eu não...

— Fale já ou a acusação de roubo será um dos muitos encargos que pesarão sobre você. O que é que viu?

O mendigo negava reiteradamente com a cabeça, mas quando Damon desembainhou sua espada e colocou a afiada ponta em sua garganta, começou a cantar como um passarinho.

— Era ele quem dava as ordens. — comentou entre balbucios ao tempo que assinalava o corpo inconsciente de lorde Andrew Lenton. — Disse a seus homens que levassem a dama enquanto se encarregava desse outro. O moço tentou

detê-lo, tentou deter a todos, mas acabou esfaqueado pelas costas. Foi ele, eu juro...

Lorde Lambert levantou as mãos impondo silêncio. Depois, olhou a seu filho com uma expressão de desolação. Agora estava seguro: Chloe tinha sido sequestrada, mas por quê?

— Meu senhor, o que vai fazer comigo? Eu disse a verdade... — atreveu-se a perguntar o mendigo.

O conde o ignorou e se dispôs a dar novas ordens.

— Damon, leve este homem com você, para que possa testemunhar o que viu. Esta será a última prova que nos faltava para incriminar ao conde de Tempton pelo assassinato de Davie. Por outro lado, sir Peter, nós devemos seguir buscando lady Chloe. Quem sabe o que podem ter feito a ela esses desalmados. Quanto a você, — respondeu finalmente ao mendigo — não deve se preocupar. Só deve acompanhar meu filho até Londres e contar as autoridades tudo o que me disse. Será amplamente recompensado por seus serviços.

O brilho de cobiça iluminou os olhos do vagabundo ao escutar as palavras do conde, o que passou despercebido a todos. Aquele homem oculto por uma capa que se aproximou dele quando perambulava pelos caminhos na noite anterior estava certo: por uma pequena mentira, receberia uma enorme recompensa. Não podia acreditar na própria sorte.

Enquanto isso, lorde Lambert tinha já dado à volta em direção à clareira e, com os ombros caídos, começava a andar enquanto não deixava de murmurar baixinho:

— Meu Deus, por quê?

Depois do interrogatório, Cedric não pode voltar a seus aposentos para seguir descansando. Passou grande parte da noite, rodeando pelo castelo, comprovando defesas e reorganizando guardas enquanto analisava meticulosamente todas e cada uma das palavras que aquela mulher havia dito. Tinha que averiguar qual era a relação com seu irmão, embora ela negasse conhecê-lo. Se assim fosse, porque tinha em sua mão o selo de Andrew? O que não entendia, era quem a tinha levado até ali. Ela afirmava ter sido sequestrada, mas isso não tinha nenhum sentido. Ou sim? Com a chegada do amanhecer, Cedric tomou uma decisão. Não esperaria o resto de seus homens chegarem para começar as buscas por Andrew. Sairia a buscá-lo ele mesmo e tinha bem claro qual seria o primeiro lugar aonde ir: ao castelo de Whipplestone. Ordenou que encilhassem seu cavalo e, sem outra companhia que a de Alec, tomou o rumo para o condado de Berwick.

Chegaram às dez da manhã e estranharam que tivesse tão poucos guardas. De fato, ninguém os deteve até chegarem ao pátio de armas. Como não encontraram nenhuma sentinela para avisar de sua intenção de ver o conde, não lhes ficou mais remédio que pedir a um dos serventes que naquele momento saia pela porta principal. Este os olhou com estranheza e lhes informou que lorde Lambert não estava ali. Cedric não acreditou em suas palavras, assim que começou a levantar a voz. Advertida pelos gritos, Mae apareceu correndo a porta, com uma mão no peito e outra nos cabelos, acreditando se tratar de alguma notícia referente ao desaparecimento dos moços, ao ver ser erro, segurou seu vestido e perguntou com

extrema cortesia:

— Meu senhor, deseja algo?

— Exijo ver imediatamente o conde de Berwick. — respondeu Cedric com frieza.

— Temo que não seja possível.

— Como não será possível? Mulher, diga-lhe que lorde Cedric Lenton está aqui e que não se moverá até que o receba.

— Repito que não será possível. O conde não está no castelo, saiu esta manhã por assuntos de extrema urgência e não sabemos quando voltará.

— Um assunto de extrema urgência?

— Seu filho e sua nora desapareceram ontem à tarde, horas depois de seu casamento. Lorde Lambert ordenou uma busca imediata, encabeçada por ele mesmo. Por acaso, não terá você nenhuma notícia deles?

Cedric pensou em sua resposta durante uma fração de segundos e depois negou com a cabeça. Por agora, não lhe convinha que ninguém soubesse que tinha a mulher em seu poder, como também não lhe convinha levantar suspeitas perguntando pelo paradeiro de Andrew, sobre tudo se não era diretamente o conde de Berwick.

— Milorde, deseja que faça chegar alguma mensagem de sua parte?

— Não.

Mae ficou muito assombrada ao ver que esses homens se afastavam dela sem trocar nenhuma só palavra mais, montaram em seus cavalos e abandonaram o castelo a pleno galope. Estavam-se interessados em falar com lorde Lambert,

porque não tinham deixado nenhuma mensagem?

Tinham a levado para um pequeno quarto situado na primeira planta da torre sul. Embora não estivesse fechada abaixo de chave, tinham colocado guardas na porta para controlá-la em todo o momento. Depois de ser deixada na solidão do quarto, lançou-se sobre a pequena cama para dar rédeas soltas a suas emoções. Apesar de que chorou até ficar sem lágrimas, com o passar das horas sua dor não diminuiu. Foi vagamente consciente de que alguém entrava, depositava uma bandeja com alguma comida sobre a mesa e depois voltava a sair, mas estava muito afetada pelo que tinha acontecido para dar importância ao pequeno detalhe da fechadura.

O cansaço acumulado e a pena que sentia pela perda de Davie fizeram que ela, finalmente caísse rendida. Contudo, seu descanso foi agitado. A cada momento, despertava tremendo, coberta de suor frio ocasionado pelos terríveis pesadelos que estava sofrendo. Todos eram iguais e não faziam mais que repetir-se uma e outra vez... nela aparecia Davie e outro homem, o mesmo que sua mente evocou quando naquela manhã a adaga a ameaçava mortalmente contra seu pescoço, via-os morrer a seu lado nas mãos de um ser fantasmagórico, sem poder fazer nada para evitar. Tentava mover-se com desespero, mas estava atada de pés e mãos a um poste situado no centro do pátio de armas, assim que só podia gritar pedindo ajuda. De repente, aquele ser fantasmagórico voltava-se para ela, transformando-se em um demônio horrível com a cara de lorde Cedric. O demônio soltava desde o mais profundo de sua

garganta um terrível grito que não podia proceder de nenhum ser humano e depois, entre as patas nas quais tinham se convertido suas mãos, tomava uma tocha que brilhava como fogo do inferno. Primeiro se aproximava perigosamente de seu rosto e logo lançava a seus pés, abaixo dos quais tinham surgido montes de lenha a modo de pira. Enquanto a madeira começava a arder, o demônio sorria com grotesca careta e repetia:

— Agora será minha... minha...

Depois de despertar do quinto pesadelo, não pode seguir dormindo nem mais um minuto. Tinha deixado passar muito tempo, sumida na dor e sem pensar em sua própria segurança, mas agora se dava conta que tinha que encontrar uma forma de sair de semelhante atoleiro. A primeira coisa era partir dali. Decidida, caminhou com sigilo até a porta, aproximou o rosto da madeira e aguçou os ouvidos.

Nada. Absolutamente nada. Não se ouvia nenhum ruído do outro lado.

Colocou uma mão na tranca e o girou com cuidado. Quando a porta se abriu, colocou a cabeça pela fresta. De seus lábios brotou uma muda maldição; em uma lateral da entrada, apoiado contra a parede, estava posicionado um guarda. Este, quando percebeu que alguém tinha aberto a porta pelo lado de dentro, colocou-se imediatamente em alerta. Ergueu seu corpo e levou a mão ao cinto, olhando a mulher com azedume. Chloe suspirou e, desalentada, voltou a fechar a porta.

— Como podem fazer isto? — perguntou-se — Eu não fiz nada para estar cativa dentro dessas quatro paredes. Não fiz

nada!

Com passo cansado, aproximou-se da única janela que tinha e inspecionou o exterior. Começava a anoitecer, assim deduziu que tinha estado dormindo a maior parte do dia.

Depois de um rápido olhar, percebeu que o castelo estava fortemente protegido, muito mais que Whippledone. Dezenas de soldados armados patrulhavam as muralhas, nas ameias... em cada ponto estratégico havia pelo menos um guarda vigiando atentamente aos arredores. Seria pouco provável conseguir escapar dali.

Afastou-se da janela e refletiu. Se não tivesse aceitado se casar com Davie, talvez ainda seguisse vivo e ela estaria segura entre os muros do castelo de Whippledone. De qualquer modo, porque a mantinham presa? Ela não tinha feito nada para encontrar-se neste aperto. Além disso, já tinha explicado àquele odioso homem que não sabia absolutamente nada de seu irmão, mas, ainda assim, não tinha querido entrar em razão. Naquele instante, sua existência dependia do tal lorde Andrew aparecer e fazer entender a todos que ela não tinha nada a ver com ele. Chloe deitou-se de costas na cama, levou as mãos aos olhos e começou a chorar de novo. Que seria dela se aquele homem não aparecesse nunca? Antes de sair do salão, aquele louco tinha feito uma ameaça velada e não parecia que estivesse brincando. Mas por quê?

Não ficava outra opção. Depois de muito pensar, levantou-se rapidamente da cama, olhou a porta fechada e com voz nervosa assegurou:

— Tenho que sair daqui. Agora.

Sem mais lamentos, abriu a porta e saiu. Nem sequer se fixou na surpresa do guarda que a olhava intrigado por seu comportamento; passou como um raio junto a ele e começou a baixar as escadas. Seu carcereiro não tentou detê-la, simplesmente se afastou da fria parede onde estava apoiado e a seguiu a certa distância.

Chloe correu ao exterior da torre até chegar ao centro de um deserto pátio de armas. Demorou vários segundos em se localizar, mas depois caminhou decidida para a saída da ponte levadiça. Viu que o rastilho estava abaixado, assim que buscou com desespero o mecanismo para subi-lo. Quando o achou, em uma lateral do arco, recolheu-o com ambas as mãos e tentou, sem êxito, acioná-lo.

Aquele pequeno inconveniente não iria detê-la em seus propósitos. Com um esforço sobre humano conseguiu acionar um pouco a alavanca. Dois soldados que até então estavam observando-a das sombras sem saber o que fazer, perplexos pelo arrojo da mulher, colocaram-se frente a ela e interceptaram seus passos.

— Milady, não pode sair destes muros.

— Deixe-me passar, estúpidos.

Ambos os homens cruzaram suas lanças diante dela a modo de barreira, mas Chloe com os nervos a flor da pele, retirou com decisão as pontas e tentou avançar de novo.

— Senhora, não queremos machucá-la, mas se nos obrigar...

— Que vão fazer? — encarou os homens — Cravar-me com suas lanças? Venham tentar, — disse furiosa e fora de si — é a

única coisa que falta para que eu os considere autênticos selvagens.

Os homens se olharam surpresos, incapazes de levar a cabo suas ameaças. A moça captou a dúvida que se via refletida nos olhos dos soldados, assim que aproveitou a oportunidade e rodeando-os, deixou-se cair na fresta que tinha aberto do rastilho. Só tinha conseguido levantar dois palmos, mas para ela era mais que suficiente. Não se importou que o chão estivesse encharcado. Subiu um pouco a saia até a altura dos joelhos e começou a rastejar para o exterior, dentro de pouco seria livre, e embora não sabia exatamente onde estava, não duvidava que conseguisse chegar de novo à segurança do castelo de Whipplestone.

Impulsionando-se sobre os cotovelos, deslizou os quadris para adiante, buscando com desespero a liberdade. Tinha já meio corpo fora, quando notou que umas garras se fechavam sobre suas pernas e rodeavam seus tornozelos. Depois de alguns instantes de inútil esforço, sentiu que de um só puxão conseguiram fazê-la retroceder para o interior novamente, arrastando-a pelo chão molhado. Tentou soltar uma imprecação, embora a única coisa que conseguiu foi tragar uma indigente quantidade de barro. Cuspiu enojada, contendo a duras penas as arcadas.

— Pode-se saber o que espera conseguir? — soou uma voz atrás dela.

Chloe tentou colocar-se de joelhos para se enfrentar àquele que havia impedido sua fuga, mas Cedric a mantinha firmemente sujeita pelos tornozelos. Embora tentasse se

levantar, as palmas de suas mãos não faziam mais que escorregar antes mesmo que pudesse controlá-las.

Dito isso soltou seus tornozelos, somente para recolhê-la pelos braços e levantá-la com brusquidão. Depois, saiu arrastando-a, obrigando a seguir seus passos. Chloe tossia de um modo incontrolável, tratando de expulsar o barro que se havia introduzido em suas fossas nasais e garganta, mas isso não fez com que Cedric reduzisse a marcha; pelo contrário, arrastou-a com mais força.

— Isto acontece por não saber ficar quieta, — recriminou-a enquanto a arrastava para o interior do castelo — mas vamos solucionar isso de uma vez por todas.

— Está... está me machucando. — Chloe lutava com renovado brio para soltar-se, embora seu esforço fosse inútil.

— E vou fazer mais dano ainda se não deixar de lutar.

— Para onde me leva?

— Onde a tenha em todo momento sob minhas vistas e não possa escapar: a meus aposentos.

— Que?

Chloe ficou cravada no lugar. Cedric se voltou para ela e a olhou com cara de poucos amigos.

— Se não deixar de me incomodar e continuar resistindo, vou ter que carregá-la comigo, vou te carregar como se fosse um saco. Você decide.

— Não penso ir com você para suas habitações.

— Ah não? E como vai evitar isso?

— Você não é um cavalheiro? — Chloe levantou o queixo de forma orgulhosa.

— Será que não sabe como tratar uma dama?

— Veja! Eu não sou um cavaleiro e nem você é uma dama. — seus olhos percorreram indolentemente pelo corpo de Chloe. Depois, sorriu com ironia — Olhe, está cheia de barro até as orelhas, e tudo por ter se arrastado pelo chão como uma vil serpente. Encontramos-lhe com esses vestidos esfarrapados, cheia de sujeira da cabeça aos pés. A teu lado, as camponesas desta aldeia, pareceriam rainhas. Não me faça perder mais tempo, mulher. Virá comigo por bem ou por mal.

Cedric tentou seguir avançando, mas Chloe não fez caso de mover-se. O homem farto de tanta bobagem, cumpriu sua ameaça. Agachou-se, pegou-a pelos joelhos e a carregou sobre seu ombro direito. Ela esmurrou com força, mas só conseguiu que seu captor aumentasse o ritmo da marcha enquanto a imobilizava pelas pernas por completo.

— Solte-me seu bárbaro! — gritou até desgastar-se — Disse para me soltar pedaço de escória! Seu bastardo... !

— Mas que vocabulário para quem se considera uma dama. — murmurou entre risadas.

Chloe não cessou de soltar impropérios até que chegaram aos aposentos de Cedric. Este estava escandalizado pelas palavras que saíam da boca daquela mulher, mais próprias de um moço de esquadra, mas não disse nada até que transpassou a porta de seu quarto, fechou a porta a pontapés e a soltou bruscamente contra o chão duro.

— A partir de agora, vai ficar calada. Se não for assim te amordaçarei.

Depois dessas palavras voltou a recolhê-la pelos braços,

levou-a a rastro até a parede e fechou ao redor de seu pulso um grilhão que saía de uma grossa corrente presa a fria parede de pedra.

— Daqui não poderá sair, mulher.

— Como se atreve a me encadear? É uma lesma desprezível, uma sanguessuga, um...

Cedric se ajoelhou frente a ela, tomou entre suas mãos um pedaço do antigo vestido de Chloe e, sem mais preâmbulos, arrancou-a de um puxão. Com um brilho de satisfação nos olhos, esfregou o pedaço de tecido adiante de seu nariz.

— Quer que te ponha isto? Está machucando meus pobres ouvidos. Esta noite vou sofrer pesadelos por todas as barbaridades que ouvi sair de sua boca.

— Arrogante filho de... hummm...

Cedric não esperou que terminasse de dizer seu último insulto. Cobriu a boca de Chloe com a tira de tecido e, passando por trás de suas orelhas, fez um nó com força na altura da nuca.

— Agora já poderei dormir com gosto. — suspirou aliviado. Como Chloe não deixava de agitar a cabeça, aproximou-se dela para se assegurar de que o nó não se soltasse, e então pode notar o cheiro que desprendia. — Isso sim, amanhã pela manhã sem falta, teremos que fazer algo para solucionar esse cheiro horrível que desprende. Não permitirei que meus aposentos fiquem cheirando como uma pocilga; dar-lhe-emos um banho, vejamos se encontro algo decente debaixo de toda essa sujeira.

Esse último comentário provocou a ira de Chloe. Aquilo era demais. Sequestrada, arrastada pela lama, presa como uma

besta e, se não fosse suficiente, ofendia-a, comparando-a com os porcos. Já não pode aguentar mais, assim que aproveitou que aquele malnascido estava desprevenido diante dela e lhe deu um forte pontapé entre as pernas.

O golpe o pegou por trás, e um gesto de dor tomou seu semblante enquanto levava às mãos a zona machucada.

— Maldita cachorra... — foi a última coisa que pode falar.

Chloe o olhou com olhos vitoriosos, embora depois reconhecesse a fúria no rosto do homem e aconchegou-se como pode contra a parede, desviando o olhar para outro lado.

— Vai se arrepender do que acabou de fazer...

Cedric caminhou mancando para ela, com cuidado de não se colocar de novo na trajetória de suas pernas. Levantou seu queixo e levantou sua outra mão. Dispunha-se a descarregá-la sobre o rosto de Chloe para esbofeteá-la, mas no último momento pensou melhor ao ver o medo em seus olhos. Então baixou a mão até a parte inferior de seu vestido, pegou em um extremo e, com um só puxão, o rasgou em dois. Chloe abriu os olhos como pratos, aterrada pelo que viria a seguir. Contudo, Cedric a surpreendeu, sujeitando ambos os joelhos para depois atá-los com o tecido.

— Assim não voltará a me agredir, pequena harpia. — replicou bastante mal-humorado — Mas advirto desde já: se voltar a tentá-lo, juro que da próxima vez não me conterei e receberá seu merecido castigo. Isto lhe ensinará que jamais deve golpear a um homem em suas apreciadas partes, pela conta que lhe traz.

Apertou tanto o nó que quase lhe cortou a circulação.

Depois de certificar-se de que aquelas pernas já não poderiam ser usadas como armas contra ele, levantou-se, avançou para a cama colocada no fundo da habitação e se deitou nela sem sequer tirar as botas.

Chloe tentou mover-se, mas no mesmo instante se deu conta de que aquele desgraçado a tinha atado com consciência. Não só não poderia escapar, mas que também não poderia descansar. Tinha a deixado em uma posição tão desconfortável que só podia apoiar as costas contra a parede e ia destroçar sua coluna vertebral. Ainda assim, colocou-se dessa forma e rezou para que o cansaço acumulado a fizesse cair rapidamente em um doce sono.

Depois de alguns momentos, quando já estava fechando os olhos de puro esgotamento, ouviu uns roncos, comprovando com consternação que o homem tinha ficado profundamente adormecido.

Aquela seria uma longa noite.

CAPITULO 12

Logo após chegar ao castelo, lorde Lambert fechou-se em sua biblioteca. Havia dado ordens de não ser molestado sob nenhum pretexto, mas também tinha deixado bem claro que não queria que o grupo que custodiava o assassino de Davie partisse para Londres até falar com seu filho. Seu único filho vivo.

Toda a sala ficou em um silêncio respeitoso quando, depois de longas horas de espera, finalmente se abriu a porta da biblioteca. Entretanto, Damon caminhava de um lado a outro com claros sinais de nervosismo, incapaz de ficar parado como o restante.

Não entendia porque seu pai havia dado a ordem para esperá-lo. Se fosse por ele, já teria feito justiça pelas próprias mãos, aplicando a esse bastardo o castigo que merecia por sua detestável ação. Além disso, estava enojado. Ao seu redor tinham começado a circular rumores referentes à que sua família estava tocada por uma maldição, embora fossem só bobagens de gente inculta e ingênua. Tudo na vida tinha uma razão de ser, e ele sabia muito bem quais tinham sido as causas da misteriosa morte de Davie. Estava a ponto de perder

completamente a paciência, quando enfim o conde se dignou a sair.

— Pai, estava esperando-o.

— Eu sei, filho. Eu sei. Não podia permitir que partisse a Londres sem isto. — Lorde Lambert estendeu sua mão e lhe deu um pergaminho torpemente enrolado, lacrado e selado com o emblema de sua família.

— É uma missiva para o rei. Desejo que entregue esta mensagem em pessoa. Antes de regressar aqui, certifique-se de que tenha lido.

Damon recolheu o pergaminho e inclinou a cabeça a modo de despedida. Não queria perder mais tempo com formalidades que não levavam a nada.

— Assim o farei. Com sua permissão...

— Damon, uma última coisa. Se acontecer que este canalha desperte durante o trajeto, quero que o interrogue sobre o paradeiro de Lady Chloe. Obrigue-o a confessar para onde a levaram. Nós continuaremos com as buscas, mas sabe Deus qual terá sido seu destino.

— Pai, não se dá conta de que esta mulher pode ter sido a responsável pelo que aconteceu a Davie? Quando apareceu no castelo faz alguns meses, ninguém pode averiguar nada de seu passado e, agora, justo neste momento, volta a desaparecer sem deixar rastro. Não acha isso estranho? E se estava envolvida com o conde de Tempton?

— Cale-se, Damon! Não quero escutar de sua boca nenhuma só palavra que possa dar a entender que Lady Chloe tenha algo a ver com a morte de Davie. Ela é uma jovem doce e

amorosa que sofreu muito por sua perda de memória. Além disso, como poderia conhecê-lo? O que disse não tem o menor sentido.

— Mas...

— Pode partir, Damon. — despediu seu pai, dando assim por concluída a conversa.

Damon soltou um juramento baixinho, mas fez o que seu pai ordenava. A comitiva partiu minutos depois rumo a Londres. Entretanto, as pessoas foram se aproximando ao redor do conde para expressarem suas condolências. Este, com gestos relutantes, rechaçou a todos e girou-se para sir Peter, mandando que o seguisse até a biblioteca. Lorde Lambert sentou-se em sua cadeira, apoiou os cotovelos sobre a mesa e começou a mexer nos cabelos.

— Por que Deus está fazendo isso? Por quê? — perguntou com voz estrangulada.

Depois levantou a vista para o outro homem, implorando uma resposta que sabia não poderia dá-la.

— Sir Peter, meu amigo, que faço agora?

— Meu senhor... , sei que este foi um duro golpe, mas você vai conseguir superá-lo.

— Acredita nisso? — o conde abriu os braços e mostrou as palmas de suas mãos.

— Já não me fica mais nada.

— Milorde ainda tem outro filho. E... lady Chloe, onde quer que esteja.

— Lady Chloe... essa moça, que terá sido dela?

— Meu senhor, não duvide que faremos o impossível para

recuperá-la.

Nesse preciso instante, Mae entrou na biblioteca e se aproximou com passo inseguro.

— Milorde, sinto interromper, mas...

— Agora não, Mae. — respondeu o conde cansado.

— Milorde, será somente um momento. Isto é algo que deveria saber o quanto antes. Esta manhã dois homens se apresentaram no castelo. Um deles era lorde Cedric Lenton, e exigiu falar imediatamente com o senhor. Disse-lhe que não estava e me ofereci a fazer chegar qualquer mensagem que quisesse, mas declinou meu oferecimento.

— Lorde Cedric Lenton? O irmão do assassino? O que queria?

De repente lorde Lambert ficou pensativo e seu rosto adquiriu uma expressão indecifrável. Como não lhe tinha ocorrido antes?

— Sir Peter, Lentonhouse está a somente cinquenta milhas daqui verdade?

— Assim é, senhor.

— Bem, quero que amanhã na primeira hora parta com todos os homens disponíveis para os domínios do conde de Tempton. Precisamos descobrir se estão com lady Chloe ali presa. Fale com a senhora do castelo, lady Leah e informe de que nesta manhã prendemos seu marido. Faça-a saber também que o levamos para Londres para que seja julgado como determina a lei pelo crime contra um par do reino. Isso lhe colocará nervosa. Se minhas suspeitas estiverem certas, não duvidará em cooperar conosco para que liberemos lorde

Andrew. De qualquer forma, ao primeiro sinal de que lady Chloe esteja entre esses muros, ataquem se for necessário, mas tragam-na de volta.

— O que pede, meu senhor.

— Agora, saíam. Precisamos descansar. Amanhã será um dia muito difícil.

O canto de um galo anunciou a chegada da aurora, fazendo que Chloe despertasse. Acreditou que nunca conseguiria dormir com semelhantes roncos, mas no final o sono e o cansaço acumulado venceram e caiu rendida, mesmo estando naquela posição tão incomoda. Entretanto, não tinha descansado nada, nem fisicamente nem psicologicamente; isso era evidenciado tanto pela dor que sentia em suas articulações como pela dilacerante dor de cabeça que a estava martelando por dentro. Tinha voltado aos mesmos pesadelos de horas atrás, quando esteve presa naquela cela, e isso tinha esgotado as poucas forças que ainda ficavam. Abriu os olhos lentamente para acostumar-se com a claridade e depois bocejou várias vezes, ao enfocar a vista, descobriu que aquele homem estava sentado na beira da cama enquanto a observava com insistência.

— Vejo que conseguiu dormir como uma pedra, — brincou ele — pensei que iria passar toda a manhã dormindo. Ficou confortável em seu confortável leito?

O olhar que lhe lançou Chloe poderia tê-lo feito arder no inferno, de onde estava segura que tinha vindo. Naquele momento chamaram a porta, com suavidade, depois de uma seca resposta da parte de Cedric, a porta se abriu, dando

passagem a vários serventes que carregavam numerosos baldes fumegantes de água. Deu a ordem para que os vertesse na grande tina de madeira, situada atrás de um biombo, enquanto olhava com intensidade a sua cativa, esperando sua reação. Uma donzela trouxe empilhada nos braços várias toalhas e um sabão e, depois de um ligeiro movimento de cabeça de Cedric, todos saíram da habitação. Chloe os seguiu com a vista até que viu a porta se fechar. Depois olhou para ele e esperou com expectativa.

— Não pensa em tomar banho primeiro, não? — riu — Não quero me sujar com toda a imundice que possa soltar, assim que permitirei que se banhe depois de mim.

Dito isto, tirou as botas e a camisa, deixando o torso descoberto. Logo seguiu desabotoando a calça, sem afastar os olhos do rosto de Chloe, até que a viu desviando o rosto para a parede.

— Então é tímida? Por acaso nunca viu um corpo de homem nu? Nem sequer de seu marido? Mas que vai! Uma raposa como você deve ter recebido inúmeros homens em seu leito.

Chloe girou a cabeça com o olhar cheio de ódio. Se não estivesse amordaçada, teria respondido como merecia, mas quando o viu frente a ela todo pensamento racional desapareceu de seu cérebro. Aquele homem estava ali como Deus o trouxe ao mundo, assim que não pode evitar contemplá-lo extasiada pelo seu glorioso corpo.

Perfeitamente proporcionado, tudo nele era um presente a vista. Os bíceps de seus braços poderiam ter o contorno de

uma de suas coxas, como também intuía que poderiam quebrar um pescoço com imensa facilidade. Seus largos ombros marcavam um peito duro, firme e trabalhado: fibra genuína e músculo em estado puro. Seguindo a linha do abdômen, descobriu um ventre plano como uma tábua. Baixou a vista além do umbigo, a partir deste começava a traçar-se a linha de finos pelos que escureciam à medida que se aprofundava em seu escrutínio. Por um breve instante apreciou a magnífica parte concreta de sua anatomia e Chloe então estremeceu. “incrível”, pensou com a boca seca. Não quis manter o olhar por mais tempo naquela zona tão embaraçosa e seguiu baixando o olhar, embora seu aturdimento tivesse alcançado cotas inusitadas. Umas pernas longas, de poderosos músculos se mantinham abertas com indolência frente a ela. Todos aqueles músculos pareciam ter sido esculpidos por um artista, e teve que admitir com relutância que aquele bárbaro tinha um corpo impressionante.

— Impressionada, não? — Ele comentou com diversão, e também um pouco surpreso pelo descaramento inegável. — Mas não tenha falsas ilusões. Jamais me rebaixaria a uma mulher como você.

As bochechas de Chloe se tornaram escarlates, embora Cedric não visse porque acabava de voltar-se em direção a tina. “por trás é tão bom quanto pela frente” pensou ela, ao se fixar em seu amplo dorso e seus perfeitos glúteos. Cedric entrou sem demora na água no mesmo tempo que emitia um sonoro ofego de satisfação. Depois de alguns instantes, girou a cabeça para sua cativa e lhe disse com tom mordaz:

— Que pena que esteja encarcerada, mulher! Agora mesmo agradeceria se me esfregasse as costas com uma toalha.

Chloe observou o biombo impassível, pensando que ele era o maior cretino com o qual tinha cruzado em sua vida. Se ao menos não estivesse amordaçada, gritaria tudo o que pensava dele, mas nem sequer se tinha molestado em afrouxar o nó. Bufou por sua impotência. Sentia um adormecimento em torno da boca devido à pressão do tecido e, rezou para que sua língua ainda estivesse intacta, porque quando a tirasse diria cobras e lagartos. Por um lado, desejava com desespero um banho, já que seu corpo e seu olfato os clamavam aos gritos, mas por outro lado tinha a estranha intuição de que aquele homem era suficientemente descarado para estar presente enquanto ela o fizesse. Para tanto, preferia manter-se suja e fedida a permitir que a visse nua.

Cedric demorou um longo tempo dentro da tina. Chloe estava começando a cabecear quando ouviu o chapisco de água e o som inconfundível de uns passos que se aproximavam. Manteve a vista baixa, embora tivesse aguçado seus sentidos a espera do seguinte movimento do homem. Uns pés descalços pararam a escassos centímetros dela e, momentos depois, começou a cair uma quantidade indecente de gotas de água sobre sua cabeça. Este imbecil a estava provocando deliberadamente, mas não era nada consciente da fúria que estava despertando em seu interior. Se o fosse, pensaria duas vezes antes de incitá-la a cometer seu primeiro assassinato na vida.

Levantou a vista para encará-lo, mas ficou hipnotizada ao

contemplar como caíam minúsculas partículas de água por seu musculoso e bronzeado peito. Graças a Deus, tinha colocado uma toalha ao redor da cintura.

— Bem, moça, — Cedric rompeu o silêncio — já terminei, é sua vez. Abaixou-se até ficar à altura de seu rosto e levantou seu queixo com o dedo indicador. A ira se refletia com clareza nos olhos de Chloe. — Vou soltar as amarras, assim que se comporte como uma boa menina e não me dê motivos para me arrepender. Até agora tenho estado muito tranquilo, sem escutar suas palavras tão doces que espero que não saiam de novo dessa sua boca, mas se me decepcionar e cometer alguma outra estupidez, ou me volte a encher a cabeça com seus ordinários comentários, não serei tão bom quanto ontem. Entendeu?

Como o olhar que ela lhe lançou teria conseguido incendiar um bosque inteiro, mas não deu prova alguma de estar em desacordo com ele. Cedric a tomou pelo cabelo e a obrigou a lançar a cabeça para trás.

— Entendeu-me, pequena trapaceira? — repetiu.

Estava machucando-a assim que, reticente, Chloe moveu a cabeça de cima abaixo, dando a entender que aceitava o acordo. Cedric assentiu com prazer. Passou as mãos por trás de sua nuca para desfazer o nó com dedos hábeis, retirando depois a mordaca. Chloe bocejou para destravar a mandíbula, enquanto ele, sem perder contato visual, começava a liberar as pernas.

— Acre... acredita que... se passaram três po... povoados.

— Perdão, o que disse? Respondeu estupefação.

— Realmente pensa que isto é forma de tratar alguém? Quase não podia respirar e minha mandíbula jamais voltará a seu lugar.

— Não exagere tanto, moça. Deixe uma mulher cinco minutos sem falar e já pensa que irá morrer.

— Sua lábia está à altura de sua desfaçatez. Como pode ser tão presunçoso? Você é um...

— Chss — colocou um dedo nos lábios, que Chloe teve vontade de morder — chegamos a um acordo. Quer que volte a amordaçá-la?

— Está bem, — resmungou — mantereí minha boca fechada ainda que morda minha língua e morra envenenada.

— kkkk — Cedric começou a gargalhar — Eu não poderia ter explicado melhor, pequena víbora.

Chloe pensou em responder, mas logo pensou melhor e simplesmente o presenteou com uma careta.

— Agora vou soltar os grilhões, assim que fique quieta e não tente nada estúpido, de acordo? Levantar-se-á muito devagar e depois entrará na água.

— Ah não! Isso é que não! — exclamou ela — Não pretende que me banhe na sua frente, verdade?

— Essa é minha intenção, mulher.

— Não, não e mil vezes não, — respondeu — isso é intolerável. Quero tomar um banho na intimidade.

— Isso não será possível. Vai saber o que planejaria se a deixasse sozinha.

— Pois não penso fazê-lo. — respondeu ela de forma taxativa.

Cedric já estava abrindo os grilhões e retrocedeu alguns passos enquanto a observava. Chloe esfregava com alívio seus doloridos pulsos ao mesmo tempo em que tentava se levantar do chão. Suas pernas fraquejaram ao colocar-se de pé, mas não quis fazer ridículo frente a ele caindo de bruços contra o chão, assim que se agarrou a corrente que saía da parede e esperou alguns instantes até recuperar a estabilidade.

— Não quer que a obrigue, verdade? Cheira como a peste e, não consigo imaginar o que pode esconder debaixo de todo esse barro que te cobre a cara. Vai tomar um banho agora mesmo e não quero mais discussão.

— Disse-lhe que não, e isso é não. — respondeu Chloe, mantendo-se firme.

— Não penso ficar nua diante de você.

— Você foi quem pediu, mulher. — Cedric se aproximou como um felino até ela — Disse que te banharia por bem ou por mal, e assim será. — tomou-a pelos joelhos e, sem mais demora, jogou-a sobre seus ombros até chegar à tina. Em seguida a lançou na água.

— Como se atreve? É um...

Cedric não esperou que terminasse de falar. Com decisão, agarrou sua cabeça e empurrou para baixo até submergi-la por completo, mantendo essa posição durante alguns intermináveis segundos. Quando por fim a soltou, Chloe emergiu tossindo enquanto lançava água pela boca.

— É um maldito miserável. Acaba de destruir meu vestido.

— Esses farrapos que leva posto, considera um vestido? — perguntou com sarcasmo. — Vamos, tire-o ou a água ficará

imunda.

— Não penso tirá-lo até que saía daqui. Além disso, não tenho outra coisa para vestir.

— Se não tirar, tiro eu. — Aproximou-se ameaçadoramente dela.

— Não se atreva a me tocar! — gritou Chloe enquanto mergulhava até o queixo. Aquele degenerado estava muito convencido de suas intenções. Buscou com desespero algo que pudesse lhe servir para afastá-lo, mas dentro da água estava totalmente desamparada. Cedric já estava se agachando para recolhê-la pelo ombro quando ela com a mão, apalpou algo duro no fundo da banheira.

— Se resistir, será pior, — comentou ele com um sorriso — é inútil que...

Com um ágil movimento, Chloe sacou o braço do interior da água, e lhe introduziu, de forma precisa, o sabão na boca. Ele o tirou com as mãos com rapidez e começou a cuspir com careta de nojo, enquanto ela tratava infrutiferamente conter as gargalhadas.

A cena parecia surrealista: um homem de quase dois metros de altura, com uma toalha como única vestimenta, não deixava de fazer confusão para se livrar do repugnante gosto de sabão na boca. Olhou rapidamente ambos os lados da habitação em busca de algo com o qual pudesse apaziguar tão desprezível sabor, até que ao final localizou uma jarra de vinho. Correu para ela e a levou a boca. O líquido roxo lhe caía pelos cantos da boca enquanto bebia com desespero, mas não parou até que tomou a última gota.

Quando acabou, deixou o recipiente sobre a mesa com um grande estrondo, limpou com o dorso da mão a boca e voltou a vista para Chloe, fulminando-a com o olhar.

— Está louca, mulher? Não sabe o que acaba de fazer. Agora mesmo vou...

Com três grandes passadas chegou até ela, disposto a fazê-la pagar muito caro seu atrevimento. Estava a ponto de agarrá-la, quando um ligeiro golpe na porta o deteve.

— Quem é? Estou ocupado! — vociferou Cedric, claramente contrariado pela interrupção.

— Sou eu, Alec.

— Agora não posso atendê-lo! — respondeu mal-humorado enquanto olhava Chloe com olhos de predador.

— Cedric, é importante. Isto não pode esperar.

Cedric soltou um bufo e, com má vontade se afastou da tina para abrir a porta. Chloe respirou aliviada, agradecida à providência por ter mandado alguém naquele momento.

— O que acontece? Perguntou quando teve seu subordinado em frente a ele.

Alec ficou mudo ao reparar em seu amigo e senhor quando este lhe abriu a porta com uma toalha ao redor da cintura como único vestuário, mas depois começou a se desculpar.

— Sinto ter te interrompido no banho, mas é que... — Alec olhou por cima do ombro de Cedric e viu a moça metida na tina, observando-os com interesse enquanto falavam — pode sair um momento?

— E o que não pode me dizer aqui mesmo?

Alec fez um levíssimo movimento de cabeça, assinalando

Chloe e negou com sigilo. Cedric percebeu o gesto, assim que saiu ao corredor e fechou a porta.

— Pode me explicar o que está acontecendo?

— Cedric, estão na entrada da paliçada um destacamento de soldados, comandados por um tal de sir Peter Doyle, que insiste em ver imediatamente a senhora do castelo.

— Quem são e para que querem ver Lady Leah? Perguntou com estranheza — Não teriam notícias de meu irmão, verdade?

— São homens do conde de Berwick.

Cedric ficou alguns momentos em silêncio, pensando no que implicava o assunto.

— Lady Leah foi informada sobre isso?

— Por enquanto não. Acreditei conveniente avisá-lo primeiro devido a... — assinalou para a porta fechada.

— Bem, não quero que lady Leah saiba que esses homens estão abaixo. Faça-os esperar um momento enquanto me visto.

— De acordo.

Cedric esperou alguns instantes antes de voltar a entrar na habitação. Entrou de cara fechada e caminhou diretamente para a arca. Retirou a toalha com a qual se cobria e com movimentos precisos, colocou umas calças de couro marrom e uma camisa limpa que tirou do interior do baú. Depois calçou as botas e ajustou as cintas de sua espada em torno de sua cintura. Então girou-se para Chloe, que durante todo esse tempo tinha permanecido dentro da tina, olhando com os olhos carregados de curiosidade e, porque não dizer, um pouco de temor.

— Tem muita sorte, mulher. Vou sair agora, mas quero

que fique bem claro que isso ainda não terminou. Entretanto nem, te ocorra fazer outra estupidez. Fecharei a porta com chave e, guardas armados estarão a todo o momento vigiando do outro lado. Não existe possibilidade de fuga, então melhor não montar nenhum numerozinho em minha ausência. Entendeu?

Em circunstâncias mais favoráveis, Chloe teria replicado que não tinha nenhuma intenção de fazer-lhe caso e que bem podia ir para o inferno se dela dependesse. Contudo, dada à situação em que estava, não ficava outra opção, assim que assentiu com relutância.

— Vejo que começa a ser razoável. Espero que esta candura dure até que eu volte.

Sem mais comentários, Cedric saiu do quarto a passos rápidos, dando uma sonora portada. Em seguida se ouviu girar a chave e Chloe confirmou que tinha sido trancada.

Eram mais de vinte, e iam fortemente armados. Não os tinham deixado transpor a ponte levadiça, assim que esperavam no pátio exterior, montados em seus cavalos, embora estes comesçassem a escoicear, ficando nervosos. Entretanto, observavam com minúcia o perímetro do edifício, buscando algum sinal de debilidade nas defesas se fosse necessário atacar; não encontraram nenhuma. As ameias estavam ocupadas por dezenas de soldados, igual à área situada do outro lado do fosso, junto às muralhas. Todos estavam parados em pontos estratégicos e apontavam para eles com mosquetes, preparados ante qualquer movimento dos visitantes.

O destacamento enviado pelo conde de Berwick levava um bom tempo esperando quando a ponte começou a baixar. Momentos depois, apareceu ante eles um homem a pé. Sem nada mais que a espada que levava presa a cintura, mas seguido por uns trinta soldados a cavalo.

Cedric ainda vestia somente umas calças e uma camisa, irradiava poder por todos os poros de sua pele. Sir Peter entendeu que seria o interlocutor e avançou alguns passos para ele com seu cavalo. Os integrantes do pequeno exército que iam atrás de Cedric desembainharam suas espadas no mesmo momento, a modo de advertência, mas ele os deteve com um simples movimento de sua mão.

— Quem são e o que desejam?

— Sou sir Peter Doyle e estou a serviço do conde de Berwick. Desejamos ver sua senhora.

— Lady Leah não está disposta, assim que não poderá atendê-los. O que precisam dizer, podem transmiti-los a mim.

— E quem é você? Temos ordens de falar única e exclusivamente com ela, não com qualquer subalterno a seu serviço.

Ante tamanha grosseria, o rosto de Cedric se crispou de ira. Levantou a voz quando voltou a falar.

— Sou lorde Cedric Lenton, cunhado de lady Leah e irmão do senhor deste castelo, lorde Andrew Lenton, conde de Tempton. Na ausência de meu irmão, é a mim e só a mim que deve se dirigir a partir de agora. Ficamos claro com isso?

Sir Peter olhou a seus homens sem saber o que fazer. Aquilo não estava em seus planos. Lorde Lambert tinha dado

instruções precisas de falar somente com lady Leah, mas não podiam voltar sem ter cumprido o encargo.

Cedric, de sua parte, limitou-se a olhá-lo com atenção enquanto esperava alguma resposta.

— Fale, sir Peter. Não podemos ficar aqui o dia todo.

— Não sei se está a par da tragédia que ocorreu nos domínios de meu senhor. Faz dois dias seu filho mais novo, lorde Davie, contraiu matrimônio. Em plena celebração nupcial, saiu com sua esposa para dar um passeio e não voltaram. Ontem pela manhã o encontramos morto em um bosque próximo, mas junto ao cadáver não tinha nenhum rastro de sua esposa, lady Chloe. Acreditamos que tenha sido sequestrada.

Cedric pensou com cuidado suas seguintes palavras. Não devia mostrar nenhum tipo de interesse, tinha que evitar que percebessem algo errado.

— E porque vem a esta casa? Aqui ninguém sabe de nada, como já disse ontem a uma de suas servas. Faça chegar ao conde nossas mais sinceras condolências, mas informei também que não sabemos sobre o paradeiro de lady Chloe. Não entendemos que relação pode ter seu desaparecimento conosco.

Sir Peter percebeu a veracidade daquela resposta. Não parecia estar mentindo, mas também não gostou do modo como tinham sido recebidos, assim que decidiu utilizar a carta que escondia na manga.

— Viemos aqui, porque próximo ao corpo de meu jovem senhor, achamos lorde Andrew Lenton. — Cedric mudou o rosto

e fez caso de falar, mas sir Peter não o permitiu. — Tudo indica que o conde de Tempton é o assassino de lorde Davie, além das provas encontradas junto a ele. E mais, acreditamos que nossa nova senhora está dentro destes murros.

— Isso é inadmissível! Como ousa fazer semelhante acusação? Vem aqui com sinais claros de hostilidade, culpa a meu irmão de um suposto delito e, além disso, se atreve a sugerir que temos cativa a sua senhora! Eu sim que deveria lhes pedir conta! Que fizeram com lorde Andrew?

— Foi levado custodiado para Londres a fim de ser julgado ante o rei pelo delito de assassinato contra o filho de um par do reino. — respondeu sir Peter com voz clara e grave.

— Como se atreveram? — Cedric gritou com crescente ira — Comunique a seu senhor que aqui não temos sua nora e, juro por Deus! Eu juro que se acontecer algo grave ao conde de Tempton, as consequências de vossos atos serão terríveis. Agora partam e, saiba que nem vocês nem a casa que representam serão mais bem-vindos neste lugar.

Cedric deu a volta e cruzou a grandes passos a ponte levadiça, dando por terminada a conversa. Depois de atravessá-la, ordenou que içassem a ponte. Depois de contemplarem impotentes como as portas da fortaleza se fechava frente a eles, sir Peter e seus homens giraram seus cavalos e tomaram o caminho de regresso a Whippledone. Entretanto, Cedric não parou de dar ordens. Deveriam se preparar imediatamente para partir para Londres. Não tinham um segundo a perder. O homem fervia de fúria: estavam tratando seu irmão como um assassino! O próprio rei teria que intervir no assunto.

Ao final de meia hora todos os soldados estavam prontos para a partida. Foi então quando Cedric resolveu fazer uma última visita a sua “convidada” antes de partir.

Aquele homem endemoniado a tinha deixado sozinha, assim que Chloe aproveitou a oportunidade e desfrutou do banho tão merecido. A primeira coisa que fez, foi tirar o vestido esfarrapado e deixou que a água morna relaxasse todos os seus músculos. Deitou por completo na tina e fechou os olhos durante um longo tempo. Tampouco poderia demorar muito, já que a qualquer momento aquele infeliz voltaria a entrar e a encontraria nua. Esticou o braço para a pastilha de sabão que tinha caído no chão depois do “percalço” que tinha sofrido aquele bárbaro e um sorriso de satisfação iluminou seu rosto. “foi bem merecido, pela impertinência e modos desagradáveis” pensou, satisfeita.

Incorporando-se, ensaboou-se rapidamente, deixando que o suave cheiro de lavanda se impregnasse em sua pele. Certificou-se ter eliminado qualquer traço de sujeira de seu corpo e depois submergiu pela última vez na água. Lavou assim seu longo cabelo negro e, sem esperar mais, saiu da tina. Então se deu conta de um problema que não tinha pensado com antecedência: não tinha nada para vestir. Se, ainda tivesse alguma toalha limpa, mas só serviriam para secar. Tomou entre suas mãos uma das maiores e passou debaixo das axilas, fechando o centro do peito com um nó.

Caminhou descalça pelo aposento em busca de algo mais adequado, até que se fixou na enorme arca onde, momentos atrás, ele tinha tirado roupas limpas. Sem nenhum tipo de

escrúpulos, abriu e buscou em seu interior. Dentro havia várias camisas de linho dobradas, assim que recolheu uma e, com determinação, passou pela cabeça. Ficava imensa; cobria-lhe grande parte das pernas, mas abaixo dos joelhos e pensou com sarcasmo que poderiam caber duas dela ali. O pescoço se abria em bico, deixando ver a curvatura de seus seios, assim que tirou as fitas. Conseguiu somente uma parte de seu propósito, já que, embora a camisa tenha se fechado, ainda se via uma grande porção de pele pálida e cremosa de seus seios. Suspirou resignada, pensando que isso era melhor que nada.

Agora precisava buscar algo para pentear os cabelos. Não encontrou mais que um pequeno pente de grossas pontas sobre a cômoda, assim que desfez os nós mais grossos com seus próprios dedos. Levou vários minutos, mas ao final pode utilizar o pente para terminar seu trabalho. Agora era só esperar o retorno daquele homem. Rezou para que se esquecesse do que lhe provocou na banheira com a pastilha de sabão, até se propôs a ser um pouco mais agradável. Desse modo, talvez pudesse raciocinar com ele e persuadi-lo para que a deixasse em liberdade.

Aproximou-se da janela, e ali foi onde Cedric a encontrou. Estava de costas para a porta, de pé junto ao arco que contornava a janela, olhando um ponto ao longe enquanto recordação dos bons momentos passados com Davie. Aquilo lhe provocou um novo ataque de tristeza e não pode evitar o choro. Por aquela razão não escutou entrar ninguém até que a porta se fechou de um golpe. Advertida pelo ruído, enxugou as lágrimas e esperou pacientemente qualquer tipo de comentário

depreciativo por parte dele. Não ouviu nada.

Passaram os minutos e o silêncio que reinava na habitação era opressivo. Dava a impressão que ninguém tinha entrado, mas Chloe sentia que não estava sozinha no quarto.

Por fim, a curiosidade venceu e ela se voltou lentamente para a porta. Cedric estava encostado contra a parede, com os braços cruzados, contemplando a moça com uma expressão de incredulidade no rosto. Esta se acentuou quando a viu girar para ele. Decididamente era muito bonita, pensou. Toda a imundice que levava acima tinha ocultado sua beleza até aquele momento. Percebeu que a mulher tinha tido o atrevimento de colocar uma de suas camisas, mas não se importou. Vê-la ali de pé, de costas para a janela, fazia seu corpo reagir de uma forma muito estranha. A luz que entrava se infiltrava pelo tecido do camisão, demarcando cada curva voluptuosa do corpo de Chloe. O tecido era muito espesso, embora não o suficiente para esconder completamente as orlas rosadas de seus seios. Naquele preciso momento, entrou pela abertura uma leve rajada de vento, fazendo que estes se elevassem, essa imagem lhe provocou uma forte pontada em seu membro, mas o que mais o surpreendeu foi a contemplação de suas pernas nuas. A pele se mostrava suave, terna e esse pensamento quase acabou com suas defesas. Entretanto se recompôs com rapidez. Adotou uma atitude inflexível e avançou para ela enquanto assinalava sua camisa com dedo acusador.

— Vejo que se apoderou de algo que me pertence. Deveria tirá-lo agora mesmo.

— Eu não tinha mais nada para colocar. — respondeu.

— Isso não é desculpa, mulher. Antes deveria ter pedido permissão.

— Como? Você não estava aqui e eu precisava de algo com o que me cobrir. — Chloe desviou o olhar para a tina repleta de água suja, onde agora flutuava, esquecido seu antigo vestido. — Estava rasgado e sujo e... como você me atirou a água com ele, molhou.

— Está bem. Afinal é só uma camisa, assim que pode ficar.

— Quanta generosidade! — exclamou ela — Terei que dar graças a sua generosidade?

— Não será necessário... neste momento, — respondeu Cedric de modo enigmático — mas agora essa não é a questão. Deve saber que vieram te buscar.

— Ah sim? — seu rosto se iluminou — Onde estão?

— Foram-se, — ela o olhou interrogativamente — disse-lhes que não sabia nada de você.

— Como pode ter feito isso? — explodiu — Que pretende conseguir com isto?

Cedric desviou o tema para algo mais importante para ele.

— Meu irmão está sendo levado perante o rei acusado de assassinar seu esposo, — quase se afogou ao dizer isso — e devo partir imediatamente para Londres.

— Ele... ele matou Davie?

— Como se atreve sequer a mencionar semelhante injúria? — gritou Cedric — Ele não é o culpado e vou demonstrá-lo.

— Mas o que será de mim, enquanto isso? — perguntou ela.

— Ficará aqui como prisioneira, até que eu volte com Andrew. Reze para que não ocorra nada de grave enquanto segue encarcerado, porque, se assim for, você, como membro da família Whitney, pagar  por todos os danos que possam ter lhe causado. E o preço será muito alto. Bem alto.

CAPITULO 13

- Deveríamos acabar com sua vida.
- Eu... não me atrevo.
- Acaso tem medo? Olhe bem: esse corpo é um dejetos humano. Quase faríamos um favor a ele.
- Ainda assim, sigo dizendo que cometeríamos um grave erro. Ouvi dizer que tem muito poder.
- Essa escória? — disse com desrespeito — Está brincando? Nem sequer consegue se manter de pé. Duvido muito que aguento mais uma semana nestas condições, com este ambiente carregado e úmido que se respira aqui. O ar está muito viciado, tudo está infestado de ratos e outros seres... mais desagradáveis ainda.
- Então, por queres acabar com a vida dele? Esperemos alguns dias e deixemos que esta masmorra faça o trabalho por nós, assim não teremos remorsos.
- Remorsos? Agora vai começar a ter princípios? Com certeza não pensava o mesmo quando deste a ordem de acabar com toda aquela gente, para não falar das outras coisinhas que fizestes.
- Isso era diferente. Vi algumas coisas, explicaram-me

outras... você deveria sabê-lo melhor que ninguém.

— Bah! Só são bobagens. Uma semana. Dou-lhe uma semana. Se para então esta cela não tiver acabado com sua mísera existência, juro-te que o farei eu mesmo com minhas próprias mãos.

Ambos os homens saíram da masmorra e a fecharam com chave. Quando o som de passos se fez inaudível, o vulto que estava em um canto da cela se moveu. No princípio tateou às escuras, mas quando seus olhos se acostumaram de novo à escuridão, os movimentos de seu corpo se fizeram mais precisos e decididos. Colocou-se de pé, aproximou-se do minúsculo buraco escavado na pedra que servia para entrada de luz e, levantando a cabeça, contemplou a lua de quarto crescente. Levantou a vista com olhar desafiante, girou a cabeça em direção à porta que pouco antes tinha passado os dois homens e falou com voz clara e autoritária:

— Ainda que me custe a vida, vermes repugnantes, não conseguirão seu objetivo. Jamais.

Cedric cavalgou sem descanso durante quatro dias. Logo que chegou a Londres pediu uma audiência com o rei. Ordenou a seus homens que levassem os cavalos aos estábulos para trocá-los por outros mais descansados enquanto esperava com impaciência que o monarca o recebesse. Nem mesmo havia perdido tempo em trocar-se: suas roupas estavam suadas e cobertas de pó pelo longo trajeto, mas decidiu que a vida de Andrew era bem mais importante que sua aparência ante o rei. A guarda real, ao vê-lo entrar no castelo de Windsor com um aspecto tão deplorável, fechou o caminho, mas Cedric disse

quem era e não tiveram mais remédio que deixá-lo passar, não sem antes despojá-lo de todas as suas armas.

Era bem cedo, e o mordomo real lhe informou que o soberano ainda não tinha saído de seus aposentos privados, assim o levaram por alguns corredores até a sala do trono. Aquele dia o rei não concederia audiências, já que era domingo e tinha que assistir a missa, pelo que passaram mais de três horas até que os lacaios anunciassem sua chegada.

Cedric não parava de caminhar de um lado a outro bastante alterado, enquanto a guarda real o vigiava a distância. Sua paciência estava chegando ao limite quando o soberano fez sua entrada na sala, custodiado por uma dezena de soldados. Com passo decidido e olhar altivo, Jacob se dirigiu ao palco. Todos inclusive Cedric, inclinaram suas cabeças em sinal de submissão quando o monarca passou a seu lado e, não a levantaram até que lhes desse a ordem para fazê-lo, depois que o rei se sentou em seu trono com graça e estudado movimento.

Jaime VI da Escócia e Rei da Inglaterra era um homem que já se aproximava do fim de seus dias. Era um apaixonado pela caça e boa comida, como atestava sua corpulenta circunferência. Sua vida dissoluta e repleta de excessos havia feito mal a ele, mostrando um rosto envelhecido com bochechas avermelhadas, sulcado de rugas e olhos aquosos, próprios de um bom bebedor. Um cavanhaque de cor castanha tentava dissimular o aspecto, sem êxito de sua mandíbula prognática², muito estreitas, que segundo se comentava o impediam de ingerir alimentos sem provocar desagradáveis ruídos. Vestia um casaco de brocados, já em desuso, um

babador bordado e uma capa de cetim forrada de pele.

O duque de Buckingham, sobre quem circulavam rumores referentes a estreita relação que mantinha com o monarca, aproximou-se de Jacob pela direita e, inclinando-se até ficar a altura do soberano, murmurou algo em seu ouvido. O rei assentiu com a cabeça, percorreu a sala com o olhar e finalmente se fixou em Cedric, fazendo-lhe um sinal para que se aproximasse.

— Lorde Cedric, aproxime-se. — O rei falava um inglês difícil, com áspero acento escocês, e sua voz soou chiante e irritante.

— Majestade, sinto-me honrado por ter aceitado me receber. — Cedric lhe rendeu cortesias com suas palavras sem levantar a vista do chão.

— Eu sei, eu sei, — tirou importância ao assunto com um pequeno movimento de mãos — de qualquer forma, estava esperando sua chegada.

— Ah sim? — Cedric levantou a cabeça e o olhou diretamente aos olhos — Nesse caso, já sabe qual o motivo de minha visita.

— Claro. Fui convenientemente informado sobre o acontecido. Lorde Cedric, tenho que dizer que os fatos que atribuem ao conde de Tempton são muito graves.

— Senhor, se me permitir falar com total franqueza...

— Adiante. Não esperava outra coisa de você.

— Todas as acusações que recaem sobre meu irmão são falsas. Este é o resultado de uma trama urdida por não sei ainda quem para acabar com ele.

— E como pode estar tão seguro disso? — o monarca elevou a voz — Tem provas que demonstrem a veracidade de suas palavras?

— Não majestade, mas estou disposto a fazer o necessário para provar sua inocência. Além disso, não sei se sabe que, dois dias antes desse sucedido, o castelo de meu irmão foi atacado em plena noite. Os assaltantes o levaram retido a um lugar desconhecido depois de efetuarem numerosas atrocidades. Não acha isso estranho?

— Lorde Cedric, jamais gostei desse tipo de situação comprometedora. Eu só tenho a informação de que o Conde de Tempton foi acusado de assassinato de um par do reino. Um par do reino, nada mais! Todas as evidências apontam sua culpabilidade.

— Isso não é correto! — exclamou Cedric ofendido — Andrew jamais poderia ter cometido semelhante crime.

— Acalme-se, lorde Cedric, ou terei que dar por terminada esta conversa.

— Desculpe senhor. — desculpou-se com humildade.

— Assim está melhor. — afirmou o rei satisfeito. — Lorde Cedric, quero lhe mostra algo. — Jaime fez um sinal ao duque de Buckingham e este se aproximou, portando algo entre suas mãos — Reconhece?

Cedric não vacilou em responder.

— Claro, esta é a adaga de meu irmão. O emblema que aparece gravado na empunhadura corresponde ao escudo do conde de Tempton. O que não entendo é: porque a tem em vosso poder?

— Lorde Davie Whitney foi encontrado morto com esta adaga cravada nas costas. Acabou de confirmar que pertence ao conde de Tempton, assim que pouco fica para declarar a seu favor. Além disso, o moço morreu brandindo sua espada e este tinha o fio manchado de sangue. Meus próprios soldados comprovaram que seu irmão tem uma profunda ferida no peito, sem dúvida feita com a ponta de uma espada. Inclusive me disseram que tem uma testemunha que afirmou ter visto como o matava, além de ter dado ordem de sequestrar sua esposa. Que tem a dizer a respeito disso?

— Isto é uma calúnia! Andrew seria incapaz de assassinar alguém pelas costas. É um homem de honra! Gostaria de falar com essa suposta testemunha.

— Isso será impossível. Informaram-me que, depois de testemunhar, viu-se envolvido em uma briga na taberna e acabou flutuando no Tamisa.

— Mas não percebe que isto é um complô para acabar com ele?

— Pode ser, mas também digo que enquanto não me apresente provas irrefutáveis que o exonerem, lorde Andrew Lenton permanecerá confinado na torre de Londres aguardando julgamento. Por desgracia, já deve saber qual será a sentença. Se no prazo de três meses não me trouxer provas, não terei mais remédio que declará-lo culpado e ordenar sua execução. Por outro lado, o resultado é que todas as suas propriedades serão confiscadas, ficando provisoriamente a disposição da coroa. Em último caso, esses bens passarão a pertencer à viúva de lorde Davie Whitney, como pagamento

pelo agravo cometido, isso se não se demonstrar a inocência do conde de Tempton. Entretanto, este decreto não poderá ser feito até que lady Chloe apareça, posto que me informaram que a dama permanece em algum lugar desconhecido.

— Isso não é justo! Estas terras pertenceram a minha família a gerações!

— Lorde Cedric, já determinei que assim fosse. De qualquer forma e em deferência a seu leal serviço à coroa durante todos esses anos, minha decisão não impede que sua família siga vivendo ali até que se transcorra o tempo acertado, como tampouco implica que possa ser molestado enquanto ali esteja.

Cedric fervia de fúria. Quem poderia estar por trás de toda aquela trama?

Removeria céus e terra até achar o culpado e, quando isso ocorresse, morreria sob suas próprias mãos.

— Majestade, gostaria de fazer um último pedido.

— Adiante, lorde Cedric. Fale.

— Gostaria de ver meu irmão. Desejo conferir se está bem e necessito saber sua versão de todos os fatos.

— Como desejar, mas deve saber que seu estado não é muito bom. Até agora tem estado inconsciente devido à gravidade de suas feridas, pelo que não pode confirmar nem mesmo desmentir as acusações que pesam sobre ele. — Cedric ia responder, mas o rei continuou falando — Antes que me diga algo mais, não posso assegurar que o conde de Tempton tenha sido tratado como corresponde a um par do reino. Por sua cela já passaram os médicos da corte e, tem sido eles que me

deixam a par de sua situação. Mas tem minha permissão para visitá-lo. Trocar palavras.

Cedric fez uma profunda reverência e abandonou a sala com passo ligeiro. Saiu do palácio, não sem antes recolher suas armas e, tomou o caminho para a torre de Londres.

Antes de entrar, inspecionou o lugar, forjando uma louca ideia em sua mente, mas a descartou quando comprovou que a edificação estava fortemente guardada. Seria impossível resgatar seu irmão dali. Desiludido, entrou na torre, onde foi recebido por dois carcereiros de tosco olhar.

— Sou lorde Cedric Lenton. Em nome do rei, exijo ver o prisioneiro, conde de Tempton.

Os guardas já deviam estar a par de sua chegada porque, sem trocar palavras, assentiram com a cabeça. O mais alto recolheu um grande chaveiro e o entregou a seu companheiro, indicando-lhe com um simples gesto que o obedecesse. Cedric e o outro homem começaram a subir pelas escadas da torre até chegar à última planta, onde pararam junto a uma porta robusta de carvalho, custodiadas por dois soldados armados com lanças que o olharam com desconfiança. O carcereiro se adiantou e manejou o chaveiro até encontrar a chave correta, que introduziu na fechadura. As dobradiças chiaram quando a porta foi aberta e o zelador indicou a Cedric que podia passar.

Quando entrou na cela, a porta se fechou de um golpe. A estadia estava na penumbra, já que a única entrada para a luz era um buraco de reduzidas dimensões, assim que precisou esperar alguns minutos até que sua vista se acostumasse à escuridão. Não se ouvia nada, salvo o sibilante som de algum

roedor que perambulava próximo de seus pés. Um cheiro acre, mescla de urina, excrementos e comida podre, inundava toda a masmorra, provocando-lhe náuseas.

— Andrew, está aqui?

Silêncio. A correia do animal, fosse o que fosse, deixou de se ouvir.

— Andrew, está me ouvindo?

Nada. “Não teriam se equivocado de cela”?

Cedric caminhou dois passos e parou quando notou como seu pé se chocava contra algo no chão. Agachou-se, tateando o escuro, até que apalpou a forma inconfundível de um braço humano.

— Andrew?

Ouviu um breve resmungo a seu lado, seguido de um ligeiro movimento.

— Andrew, é você?

— Ce... Cedric?

— Sim irmão, sou eu.

Cedric recolheu seu irmão pelos ombros e o aproximou com cuidado da luz que entrava pelo buraco da janela. Afogou uma exclamação quando viu o estado que se encontrava. Tinha a cara completamente deformada, com escuras manchas que cobriam a maior parte da pele. Seu nariz estava partido, manchado de sangue seco e inumeráveis cortes purulentos marcavam suas bochechas e sua testa. Uma barba de uma semana fazia quase irreconhecível seu rosto.

— Andrew, quem lhe fez isto?

— Leah..

— Sua esposa esta bem. Deixei meus homens cuidado do castelo em minha ausência, assim que não ocorrerá nada. Andrew, pode me dizer o que aconteceu?

— Cedric, estou... estou muito fraco. Não acredito que vou sobreviver.

— Claro que o fará! É forte, irmão. Só tem que aguentar um pouco mais para que eu consiga desbaratar esta farsa. Precisa me contar tudo para que possa te ajudar.

— Cedric... — Andrew lhe recolheu a mão com inusitado vigor e a trouxe para ele — Cedric, tem que... tem que me prometer uma coisa.

— Diga-me.

— Quero que cuide de Leah e lhe diga... que meus últimos pensamentos foram para ela...

— Andrew, não! Você não vai morrer! — assegurou Cedric com convicção.

— Cedric... quero que... me prometa! — sua voz estava se extinguindo à medida que falava.

— Juro-te por minha vida, mas agora tem que me dizer o que aconteceu. Andrew... Andrew?

Cedric sentiu que o corpo de Andrew caía em seus braços. Esteve a ponto de soltar um grito de agonia, estremecendo ao pensar que estava morto, mas ao apertá-lo junto ao peito, notou que ainda respirava. Só tinha desmaiado. Acomodou-o como pode no estreito colchão, o único móvel que havia na cela, cobriu-o com uma puída manta e avisou ao carcereiro que viesse abrir.

Foi-se dali sem dizer nenhuma palavra, cabisbaixo e

profundamente enojado. Rechaçou o oferecimento do rei de instalar-se em uma das habitações do palácio e ficou muitos dias dormindo no tempo com todo seu destacamento acampado nas orlas do Thames, próximo ao lugar onde seu irmão estava preso. Todas as manhãs, ia sem falta à torre de Londres para visitá-lo, levando consigo roupas limpas e comida. Depois, enojado pelas condições nas quais Andrew se encontrava e furioso pela impotência de não poder fazer nada, voltou uma e outra vez a pedir audiência com o rei, embora este só se dignasse a recebê-lo no final de várias semanas. Solicitou que a conversa fosse estritamente privada, a qual negaram com ferocidade todos os conselheiros do rei, mas afinal conseguiu reunir-se com ele sem mais nenhuma testemunha que o duque de Buckingham. Quatro horas mais tarde e com o semblante mortalmente sério, abandonou o castelo de Windsor.

Durante as três semanas que estava em Londres, Cedric não tinha conseguido averiguar nada. Foi um tempo absolutamente infrutífero para ele; durante o dia tentava levantar qualquer tipo de informação, enquanto pelas noites permanecia acordado até altas horas, buscando algum modo de salvar da morte a seu irmão. Entretanto, todas as investigações feitas para demonstrar a inocência de seu irmão Andrew foram estéreis, já que na corte, ninguém sabia com exatidão o que tinha acontecido. Cedric permanecia irritado de modo constante e a impotência por não poder fazer nada estava fazendo pior ainda seu caráter já difícil. Qualquer ordem que dava, era imediatamente acatada por seus subordinados ante o temor de um severo castigo, assim que seus homens

começaram a perceber a situação, o ambiente ficou ainda mais tenso.

Horas depois de sua reunião privada com o rei, já de madrugada, um solitário mensageiro a cavalo se aproximou do improvisado acampamento. Aquela manhã despontava com um céu carregado e chuvoso que não convidava a sair do coberto, embora há essas horas já houvesse movimento no exterior. Todos se colocaram em alerta quando viram aparecer ao cavaleiro, estranhando uma visita tão cedo. Mandaram parar, mas o arauto lhes comunicou que vinha dar uma notícia nova a lorde Cedric. Deixaram-no passar e, sem perdê-lo de vista, o escoltaram até o lugar onde descansava o senhor. Este, ao ouvir vozes, colocou-se imediatamente de pé.

— É lorde Cedric Lenton?

— Sim, que notícias me traz!

— Trago uma mensagem urgente do rei.

— Que está esperando? Rápido, fale.

— Meu senhor, eu... é meu dever informá-lo que esta noite, lamentavelmente, o conde de Tempton faleceu.

Cedric saiu do recinto amuralhado da torre branca conduzindo ele mesmo uma desmantelada carreta. Dentro dela, tapado com várias mantas, encontrava-se o cadáver de seu irmão. Seu rosto, normalmente sombrio e sério, mostrava-se naquele momento abatido, embora a raiva e a vingança refletissem de seus profundos olhos verdes. Os guardas que custodiavam a entrada da fortaleza permitiram sua saída sem deter a carruagem para inspecionar nem fazer nenhum tipo de pergunta. A notícia da morte do conde de Tempton se tinha

alastrado pela corte como rastilho de pólvora e ninguém queria enfrentar-se aquele feroz guerreiro que tinha lutado tanto para salvar a vida de seu irmão.

Todos tinham ouvido falar dele e ninguém estava disposto a alimentar sua ira. Conduziu a carruagem durante um longo tempo, mas antes de chegar ao acampamento se desviou para uma pequena enseada que tinha próxima as margens do rio. Deu algumas olhadas pelo perímetro para certificar-se de que estava completamente sozinho e depois se fixou na espessura das árvores. Parou a carruagem, soltou as rédeas e olhou para trás.

— Andrew, já pode sair.

Parte do vulto que tinha na parte traseira se moveu. No momento seguinte, um homem de meia idade se levantou com dificuldade enquanto retirava de seu corpo as múltiplas mantas que o cobriam, afastando sua vista da outra massa disforme que até então tinha sido seu companheiro de viagem.

— Cedric, tem certeza de que isso é o correto? — perguntou Andrew ao passar com cuidado para a frente.

— Nunca estive mais seguro de algo em toda minha vida. Não podia permitir que permanecesse por mais tempo naquele lugar imundo.

— E quanto te custou isso? — replicou Andrew de forma astuciosa. — Conseguir o que conseguiu não deve ter sido fácil.

— Será melhor que não me pergunte. — Tratar daquele tema era algo que deixava Cedric muito incomodado, assim que se mostrou mais reservado ainda. — De todos os modos, qualquer preço a pagar é ínfimo com sua liberdade.

Na reunião com o rei Jacob no dia anterior, Cedric tinha discutido com o monarca acaloradamente. Todos sabiam o péssimo estado em que estava as arcas reais, devido em partes a constante subida dos preços, como também pelos gastos e incompetência financeira da corte. Durante muitos anos o rei não tinha convocado o parlamento por conta de várias disputas, assim, ele mesmo manejava os assuntos financeiros do reino, mas como lhe faltava aprovação parlamentar para criar novos impostos, teve que buscar outros meios de financiamentos para aumentar os ingressos e sobrar mais dinheiro a coroa. Assim, tinha começado a vender novos títulos e outras dignidades, até que criou um novo título, o baronato, que qualquer um poderia acessar pela quantia de mil e oitocentas libras. Baronias, viscondados... , tudo tinha seu preço. Um condado podia se comprar por vinte mil. Cedric comprou a vida de seu irmão por cem mil libras. No início, o monarca foi contra negociar. Tinha o conde de Berwick em alta conta, tinha sido um leal vassalo durante vários anos e temia o poder de seu exército. A relação com a Escócia, embora a simples vista parecesse estável, na realidade não resultava tão boa como muitos acreditavam. A situação política e religiosa que o rei pretendia instaurar em ambos os reinos, unificando-os como um só, havia dado espaço para numerosas controvérsias, criando-se inimigos em ambos os lados. O condado de Berwick e a autoridade de seu senhor eram peças-chaves para manter aquela estabilidade e, não podia fazer vista grossa com o assassinato de seu filho menor. Entretanto, necessitava a entrada de recursos com urgência, e o trato que

lhe propunha lorde Cedric Lenton seria um forte respiro para suas arcas durante um tempo. Por esse motivo negociou com ele, embora sob suas condições: para todos os efeitos, o conde de Tempton tinha morrido na prisão, afetado por uma infecção generalizada devido as suas múltiplas feridas e havia piorado com um surto de varíola negra. Lorde Andrew Lenton teria que desaparecer, e só no caso de que se achassem provas convincentes de sua inocência, poderia retornar ao mundo dos vivos. Se isso não ocorresse, jamais recuperaria seu condado.

Só havia quatro pessoas, aparte de Cedric, que souberam a verdade: o próprio rei, o duque de Buckingham e dois carcereiros. Tinha sido tudo organizado para que parecesse que o conde tinha falecido em sua cela e assim poder tirá-lo dali sem muitas explicações. Por ordem do rei, o duque de Buckingham mandou retirar a guarda que custodiava a porta da masmorra e algumas horas mais tarde os carcereiros informaram sobre a morte ao rei. Segundo a versão original, tinham-no encontrado caído em seu colchão, totalmente rodeado de ratos que estavam fazendo um banquete com seu corpo. Por isso os médicos da corte não puderam reconhecer seu rosto. Na realidade, no intervalo que transcorreu desde que os guardas abandonaram suas posições, até que se deu o aviso, houve tempo de tirar lorde Andrew da masmorra, escondê-lo em outra parte da torre e introduzir na cela o corpo sem vida de um vagabundo que tinham encontrado morto nas ruas, vítima da peste, cuja cara estava desfigurada. O silêncio dos carcereiros custou a Cedric outras duas mil libras.

Depois de terem superado com êxito a primeira parte do

plano traçado, agora ficava a parte mais difícil: separar-se de seu irmão. Graças a seus cuidados e atenção, Andrew tinha conseguido se recuperar bem das feridas, embora ainda se encontrasse um pouco fraco.

Cedric lhe entregou uma bolsa repleta de moedas de ouro e pediu que partisse.

— Andrew, já sabe o que deve fazer. Consiga um cavalo e siga sem descanso para minhas terras. Encontrará uma pequena choça, afastada de qualquer aldeia e sem sinais de civilização, umas vinte milhas a oeste fica o castelo de Kinlochdone. Eu vou muitas vezes a este lugar quando quero ficar sozinho ou caçar. Fique ali até que eu consiga ir buscá-lo.

— Mas e se não encontrar nenhuma prova de minha inocência?

— Esteja seguro que a encontrarei irmão. Recuperará suas terras e tua honra, eu juro. — afirmou com segurança.

— E Leah? O que será dela?

— Cuidarei dela até que você possa voltar. Não poderei dizer nada sobre isso. Terei que fazê-la acreditar, como a todos, que está morto. Por isto levo este corpo do mendigo. Só espero que sua esposa não o olhe com muita atenção e descubra o engano. É muito importante que ninguém mais, exceto eu e você conheça a verdade, porque assim será muito mais fácil descobrir ao culpado escondido atrás de tudo isso.

— Irmão, não sei como lhe agradecer. — Andrew se aproximou de Cedric e ambos se fundiram em um caloroso abraço.

— Deve ir agora. — relutante Cedric se separou dele e

olhou a distância.

— Alguém poderia nos descobrir. Além disso, já passou muito tempo desde que saí do acampamento e meus homens vão começar a suspeitar que ocorreu algo.

— Tem razão. Até a vista, Cedric. E, de novo, obrigado por me salvar a vida.

— Até logo, irmão.

CAPITULO 14

Chloe já não sabia o que fazer. Estava presa ali há mais de um mês, sem que ninguém se dignasse a vê-la e, estava prestes a ficar louca. O único contato humano que tinha era com o tal de Sir Alec, que vinha vê-la todas as manhãs; entrava na habitação durante uns cinco minutos, comprovava se estava tudo normal e sem trocar nenhuma palavra voltava a sair como tinha vindo. Era quase tão alto e forte como o outro, aquele verme inútil que tinha dado ordens de mantê-la presa, mas parecia um pouco mais agradável. De cabelos ruivos como o trigo e límpidos olhos azuis, seu olhar não tinha o ódio e a crueldade que tinha visto no rosto de lorde Cedric.

Depois de todo aquele tempo, quase a olhava com lástima, como se soubesse que seu senhor tinha exagerado um pouco em castigá-la daquela maneira. Entretanto, embora ela tenha tentado falar com ele, inclusive raciocinar, da boca de Alec não saiu nenhum comentário.

Também via duas vezes ao dia, seu guardião, que custodiava a habitação do outro lado da porta, mas ele tampouco havia dito algo. Só passava para deixar a bandeja de comida no chão e depois saía sem olhar para ela. Chloe

conhecia cada canto daquele quarto, estava repleto de móveis robustos, mas não descobriu nada que pudesse lhe servir como arma.

Nenhuma adaga, nem um atizador de chaminé... nada. Tinha revirado umas dez vezes todas as gavetas da grande cômoda de nogueira, mas não encontrou nada além de roupas. O baú que descansava aos pés da cama, junto à plataforma, só continha, além de um pouco mais de roupas de homem, lençóis, peles e um pequeno saquinho de couro repleto de moedas de ouro, convenientemente escondidos em um rincão. Mas Chloe já tinha planejado sua fuga. As últimas palavras de Cedric tinham sido marcadas a fogo, e ela não pensava estar ali quando ele voltasse para cumprir sua promessa. Embora pudesse morrer na tentativa. Tinha visto que uma das janelas da habitação, dava para uma área que se encontrava fora das muralhas do castelo, em frente a um imenso bosque. O problema estava que, entre aquele murro e a liberdade, tinha um grande fosso de águas escuras que impossibilitava uma fuga fácil. Ignorava sua profundidade, mas preferia arriscar-se a morrer afogada que esperar aquele homem para fazer o serviço que só Deus sabia o que seria. Tinha tomado uma decisão e não pensava voltar atrás. Não agora, que tinha escutado os serventes cochichando atrás da porta enquanto passavam, comentavam que a chegada de lorde Cedric estava próxima. Ao que parecia, um dos soldados do destacamento se tinha adiantado para dar as ordens de recebê-lo já que, traziam uma carroça com o cadáver de lorde Andrew. E aquilo significava mais problemas para ela. Aquela mesma noite,

executaria seu plano. Tinha passado o dia todo, unindo os lençóis em um sem fim de nós, e assim poder fabricar uma improvisada escada que esperava que chegasse até a altura das águas do fosso. Esperou pacientemente que lhe servissem o jantar, não só porque o seu plano tinha que ser executado a noite, mas também, não queria fugir de estômago vazio. Temia não poder comer nada durante vários dias, assim que quando já tinha dado conta de um bom bocado, começou a preparar-se. Ninguém a molestaria até o dia seguinte, pelo que disporia de umas preciosas horas de vantagem com respeito a seus captores.

Tirou os lençóis do interior do baú, aproximou um dos extremos da enorme cômoda e, dando duas voltas ao redor do móvel, atou uma das pontas a fechadura da porta. Está se abria para o corredor, assim que, se alguém quisesse entrar, primeiro teria que ser capaz de afastar a pesada cômoda. Ela o havia tentado e não conseguiu movê-la nem um milímetro. Só esperava que ocorresse o mesmo a quem estivesse fora.

Tirou a camisa que usava pelos últimos dias e correu de novo a abrir o baú. Dali sacou umas calças de pele de alce, uma camisa de linho remendada e um casaco de cor cinza que tinha conhecido dias melhores. Todas as roupas de Cedric ficavam enormes nela, mas buscando pelo quarto, tinha encontrado aquelas velhas roupas que pareciam ser de alguém mais jovem, assim que só precisou prender as calças com uma corda, que descobriu esquecida junto à chaminé. Recolheu vários lenços e os enrolou ao redor do peito, para evitar assim que qualquer pessoa que cruzasse seu caminho pudesse

perceber uma mulher. Colocou a desgastada camisa e, passando rapidamente o colete pela cabeça, abaixou-se para calçar as botas. Esperava que ninguém olhasse para seus pés, pois senão perceberiam que calçava botas de mulher e, isso poderia fazer fracassar seu plano.

Depois se aproximou da chaminé, que estava apagada há dias, meteu as mãos entre as cinzas e esfregou em seu rosto, nos braços e nas roupas durante um bom momento. Um último olhar ao pequeno espelho situado junto à bacia, refletiu a imagem de uma mulher com longos cabelos e pele enegrecida, vestida com roupas de homem. Aquilo não a convenceu de forma alguma, assim que cortou com os dentes um pequeno pedaço da corda que fazia às vezes de cinturão e com ela fez um improvisado coque. Cobriu a cabeça com o capuz do casaco e, meteu para dentro umas mechas rebeldes, voltando a se olhar no espelho. Perfeito. Parecia um jovem escudeiro cheio de sujeira pelo trabalho, só faltava uma última coisa, abriu uma das gavetas da cômoda e, procurando em seu interior, tirou a bolsa com as moedas. Por medo de perdê-las, prendeu-a com muito cuidado a sua cintura. Já estava preparada.

Agora vinha a parte difícil. Foi para a janela que dava para o bosque e observou. Já tinha anoitecido, mas ficou alguns momentos vigiando o exterior até certificar-se de que não havia nenhum guarda ao redor. Depois pegou a improvisada corda de lençóis e a meteu dentro da chaminé para que ficasse suja e não se destacasse na escuridão. Com ela em mãos, aproximou-se de novo da janela, soltou o extremo deixando-o cair no vazio.

Deu uma última puxada a improvisada corda, assegurou-se que estava bem presa ao móvel e rezou. Rezou para não romper o pescoço ou a cabeça enquanto executava seu maluco plano de fuga.

Subiu ao parapeito auxiliada por uma banquetta, apertou com força um dos nós e retirou os pés do apoio, o peso de seu corpo, ao ficar suspenso no ar provocou que a corda balançasse, fazendo seus cotovelos e joelhos golpearem contra a dura parede, depois de intermináveis segundos, conseguiu por fim apoiar as pontas dos pés em uma das ranhuras que uniam as peças. Firmou os calcanhares contra a parede, fez força para trás e começou a descer muito lentamente. Em todo o momento agarrava com firmeza o lençol, só afrouxando de vez em quando um pouco as mãos, o suficiente para que o tecido deslizesse com certa facilidade, quando seus pés estavam já convenientemente apoiados na pedra.

Demorou vários minutos em tocar as frias águas do fosso, embora não tenha deixado de agarrar a escada mesmo estando submersa até a altura dos ombros. A água estava gelada, e uma desagradável sensação de entorpecimento percorreu todo seu corpo. Se permanecesse muito tempo ali dentro acabaria congelando, assim que começou a mover as pernas para entrar em calor, soltou a corda e nadou até a margem.

Custou-lhe muito esforço, quase mais que descer pela janela, pois à medida que passavam os segundos, todos os músculos de suas extremidades começaram a fraquejar por conta do frio. Estava a ponto de desfalecer quando se deu conta de que seu pé tocou o fundo. Então, graças unicamente a

sua força de vontade que ainda não lhe havia abandonado, e também seu desejo de sobrevivência, caminhou como pode até as pedras que bordeavam o fosso, agarrou-se nelas e começou a escalá-las, machucando dolorosamente as palmas de suas mãos no trajeto. Quando chegou a borda superior, caiu desfalecida no chão, só o tempo necessário para recuperar o fôlego. Depois se levantou com rapidez, olhou a ambos os lados para assegurar-se que ninguém havia visto-a e correu sem olhar para trás até entrar no bosque.

Tinha conseguido.

A comitiva chegou ao castelo já passada a meia noite. Encabeçando o destacamento, Cedric cavalgava com os ombros caídos e um olhar abatido no rosto. Temia o momento de encontrar-se com Leah. A essas alturas, ela já teria recebido a notícia da morte de seu esposo, e ainda não podia correr riscos. Tinha que evitar que visse o cadáver, para maior segurança. Cruzaram com lentidão a ponte levadiça e pararam no pátio de armas ao verem o local repleto de gente. Uma mulher pequena, com seu longo cabelo ruivo solto e emaranhado, abriu passo entre o grupo de serventes e, gritando a plenos pulmões correu para a carroça.

— Andrew, Andrew!

Cedric desmontou rapidamente e, em poucas passadas, situou-se ao lado do carro antes que Leah chegasse até ele. Tomou-a pelos ombros, sujeitando-a com firmeza, e lhe deu a volta, ao mesmo tempo em que acariciava seu revoltado cabelo.

— Leah, será melhor que não o veja.

— É meu esposo! — gritou histericamente — Tenho que vê-

lo.

— Não é conveniente que o faças no estado em que se encontra. Não poderia suportar.

— Não! Quero comprovar que seja mesmo ele!

— Leah, não insista... — As palavras de Cedric saíam com inusitada doçura de sua boca, embora por dentro estivesse liderando uma feroz luta consigo mesmo para ter a coragem de seguir com sua mentira. Aquilo era necessário, embora não soubesse se conseguiria aguentar, vendo-a naquele estado alterado, sem explicar-lhe toda a verdade.

— Cedric, Andrew não pode ter me deixado. Que vou fazer sem ele? Leah lutou com ímpeto para soltar-se, mas Cedric não permitiu. De repente, sentiu que o corpo de sua cunhada ficava relaxado, assim que imediatamente a carregou entre seus braços para o interior do castelo.

— Rápido, arrumem seu quarto! A senhora desmaiou! — ordenou aos serventes que ali estavam aglomerados.

— Cedric, não me deixe...

— Leah, precisa descansar.

— Não! — Leah agarrou com determinação as mãos de seu cunhado entre as suas — Tenho que dizer uma coisa.

— Melhor que seja em outro momento. Agora não está em condições de falar.

— Não, Cedric, não. É muito importante.

— Está bem, carinho. Que queres me dizer?

Leah olhou todas as pessoas que estavam reunidas ao redor de sua cama, preocupadas pelo estado de saúde de sua senhora e, com um gesto indicou a Cedric que queria falar a

sós com ele. Este captou a muda súplica e mandou que os serventes saíssem.

— Deixem-nos a sós. Agora.

Quando o último dos criados saiu e fechou a porta as suas costas, Cedric voltou-se para sua cunhada e acariciou seu rosto com os nós dos dedos.

— Querida, já estamos sozinhos. O que precisa me dizer?

Leah ficou calada durante alguns minutos, duvidando se lhe confessava o que guardava só para si mesmo. Cedric se deu conta de que ela começava a tremer, assim que tentou insuflar-lhe ânimo com ligeiros apertos de mão.

— Cedric, eu...

— Que acontece? Não precisa ter medo de falar.

— Eu... não sei o que vou fazer. Estou grávida.

Cedric a olhou com os olhos abertos como pratos. Agora entendia seu nervosismo e seu desmaio.

— Leah, Andrew já não está mais ao nosso lado, mas Deus nos compensou com um presente, dando-nos seu filho.

— Não! — a mulher soltou suas mãos e tapou a cara, soluçando desconsoladamente — Cedric, não sei se é seu ou não.

— O que? — ele a olhou perplexo — Não entendo o que está dizendo. Como pode dizer uma coisa dessas?

— Lembra-se do ataque que sofremos na noite que Andrew desapareceu? Esses homens...

Cedric ficou em pé, dominado por uma fúria primitiva. Assim que era verdade o que tinha dito Gavin, o chefe dos serventes. Não bastava que tivessem destroçado a vida de seu

irmão. Tinham violado Leah e aquilo não fez mais que incrementar sua ânsia de matar. Voltou-se para sua cunhada, que o olhava com uma expressão de vingança na cara e os olhos marejados de lágrimas.

— Você... não irá querer que fique neste castelo depois de...

— Mas, o que está dizendo, mulher? — gritou Cedric escandalizado — Você não teve nenhuma culpa do que aconteceu. Claro que não permitirei que abandone este castelo! É minha família, e como tal, quero mantê-la junto a mim. E quanto a essa criança...

— Nunca poderei ter certeza da paternidade! — comentou Leah com um profundo suspiro.

— Dá-me igual quem seja o pai. — Cedric voltou a tomá-la pelas mãos e a olhou cheio de emoções diferentes — Basta-me o suficiente saber que você é a Mae. Agora, esses bastardos...

Leah começou a chorar. Para tentar tranquilizá-la, Cedric começou a abraçá-la contra seu peito. Permaneceu um bom momento com ela, até que dormiu em seus braços. Entretanto, seu cérebro não fazia mais que trabalhar, maquinando a vingança a qual submeteria os culpados pelo que tinha acontecido. Tinha que averiguar quem estava por trás daquele complô, quem teria sido o cabeça de tão engenhosa trama. Um objetivo imediato veio a sua mente: aquela mulher... pagaria por todo o dano que tinha causado. Não estava certo de que estivesse implicada no assunto, mas seu instinto lhe dizia que não era de todo inocente.

Deixou sua cunhada descansar e, com uma meta na

cabeça, dirigiu-se a seus aposentos. Pelo caminho cruzou com Alec, que estava a ponto de fazer um comentário, mas Cedric grunhiu e ordenou que esperasse até mais tarde. Quando o guardião que estava na porta o viu se aproximar, levantou os ombros.

— A chave.

O soldado entregou rápido e veloz. Cedric a colocou na fechadura e tentou abrir. Não conseguiu fazê-lo.

— Mas que... ?

Moveu novamente o trinco da porta e só abriu um pouco. Com as duas mãos e a ira aflorando em seu semblante, empurrou com todas as suas forças, enquanto se ouvia um ruído ensurdecedor procedente do interior. Um obstáculo, mais correto um móvel, preso por alguns lençóis, impedia a entrada no quarto. Tirou uma adaga de sua bota e, com um golpe, cortou um pedaço do tecido. Depois empurrou a cômoda e passou pela lateral. Após uns segundos de inspeção, virou-se e olhou incrédulo ao guarda.

— Que demônios significa isso?

Seus aposentos estavam vazios. A moça tinha desaparecido.

— Senhor, eu...

— É um incompetente! — gritou furioso — Como uma simples mulher pode ter escapado?

Com um simples olhar descobriu o método de fuga de Chloe. Aproximou-se da janela, mas somente viu como balançavam os lençóis e se perdia no extremo interior do fosso. Muito enojado, a ponto de golpear ao inepto que tinha diante

de si, encontrou no chão um pacote, a camisa que ela tinha usado. Pegou entre suas mãos e se dirigiu até o guarda.

— Quando foi a última vez que viu a mulher?

— Faz quatro horas, meu senhor, quando trouxe o jantar, mas...

Não quis escutar mais nada. Saiu como uma exalação e desceu ao piso inferior. Encontrou-se com Alec no salão e, gritando a plena voz, vociferou:

— Rápido, que preparem meu cavalo! E tragam também os cachorros!

— Cedric, acaba de chegar. Onde pensa ir? E o que é isso que leva nas mãos?

Cedric parou em seco e olhou a seu subordinado. Um sinistro sorriso começou a desenhar-se em seu rosto. A seguir disse:

— Saímos à caça.

Chloe não parou de correr até que ficou sem fôlego. Sentia que tremiam suas pernas pelo esforço, mas obrigou a si mesma a continuar. Não podia parar. Agora não, quando já tinha conseguido passar pela parte mais difícil. A qualquer momento alguém veria os lençóis e daria a voz de alarme, assim que deveria se afastar o máximo possível ou estaria perdida.

Atravessou o denso bosque sem preocupar-se pelos estranhos ruídos que ouvia ao seu lado, pensando que qualquer animal que rondasse aquelas paragens seria preferível ao canalha que governava o castelo. O bosque estava muito escuro e não conseguia ver onde pisava, mas não se importou. Embora tropeçasse mil vezes, ainda que sentisse

correndo a seu lado uma multidão de desconhecidos seres, ainda que em alguns momentos alguns roçassem suas pernas e seus braços, não parava.

Ao longo de um momento, que se fez eterno, apareceu uma clareira que se abria a distância, assim que com firme determinação se dirigiu para aquele lugar. Algumas luzes iluminavam a área e sorriu para si. Uma aldeia. De algum modo encontraria alguém no povoado que a ajudasse em troca de umas moedas. Com forças renovadas, avançou para o edifício maior: uma construção retangular com várias janelas e anexos na parte de traz. Parecia uma pousada. Ali conseguiria abrigo.

Chamou várias vezes a porta até que uma gorda mulher se dignou a abrir. Olhou-a de cima abaixo com o cenho franzido e os braços em jarras.

— O que quer moço? — perguntou com voz estridente.

“Bem” pensou Chloe. Essa mulher tinha engolido que era um moço. Clareou a garganta e, sem levantar a cabeça, disse com a voz mais grave e profunda que pode articular:

— Preciso de alojamento.

— E também de um banho e roupa seca, garoto. — comentou divertida a mulher. Observou Chloe com desconfiança e acrescentou muito seria — Tem como pagar? — Ela assentiu com um gesto e levou à mão a cintura. Quanto menos palavras dissesse, menor seria a possibilidade de descobrirem seu engano. Sacou uma moeda de ouro e a mostrou. Os olhos da dona da pousada brilharam com cobiça.

— Todos os quartos estão ocupados, mas por este dinheiro

posso oferecer o celeiro, mantas e um glorioso jantar. Inclusive uns baldes de água quente. Que me diz?

Chloe teve a certeza de que queria enganá-la, mas, afinal não tinha outro lugar onde esconder-se, assim que aceitou a proposta. Entregou-lhe a moeda, que a mulher rapidamente levou a boca para mordê-la e comprovar se era autêntica. Um sorriso de orelha a orelha cruzou sua cara roliça e gordurosa. Indicou a direção do celeiro e pediu que esperasse alguns minutos até levar-lhe a comida e a água.

Chloe agradeceu e se dirigiu a cobertura. As paredes de madeira estavam em um estado lastimável, em alguns pontos faltavam pedaços tão grandes como seus braços, que deixavam passar com facilidade o vento frio da noite. As vigas do telhado, devoradas se mantinham em um equilíbrio precário e Chloe teve medo que o teto desabasse enquanto descansava. De fato, vários fragmentos caíram quando fechou a porta do celeiro, sobre seus ombros.

O galpão estava cheio de fardos de feno que poderiam lhe dar algum calor, algo que precisava com desespero, pois estava congelada. Foi tirando a roupa molhada e deixando em cima do feno, próxima de uma abertura por onde passava ar ao interior, enquanto rezava para que secassem. Depois pegou um grande saco de grãos vazio que estava jogado no chão, acomodou-se em um canto e se tampou com ele, esperando que a mulher logo chegasse.

Logo ficou adormecida pelo cansaço.

O ruído de uma matilha de cães a despertou. Não sabia por que, mas aquilo lhe dava calafrios na espinha. Levantou-se

rapidamente da improvisada cama e, aproximando-se com sigilo da porta do celeiro, espiou o lado de fora. O que viu a deixou em pânico: em uma porta da pousada, rodeado de cães, estava aquele maldito homem, lorde Cedric. Estava esperando que abrissem. Chloe não pensou duas vezes e apressou-se a vestir-se. Não tinha dado tempo para as roupas secarem, mas naquele momento lhe dava igual. Não podia sair dali nua.

Voltou a olhar com cuidado e viu Cedric falando com a dona da pousada. Esta fez uma torpe reverência e, depois de alguns minutos de conversa, assinalou com o braço para o celeiro. Aquela bruxa a tinha delatado! Tinha que partir dali o quanto antes. Abriu a porta de par em par e começou a correr em direção ao bosque como se o próprio diabo a estivesse perseguindo.

O galpão estava afastado uns duzentos metros da pousada, e a meio caminho das árvores, assim que correu com todas as suas forças esperando que não a tivessem visto. Se conseguisse chegar até ali, o bosque serviria de esconderijo e seria muito mais difícil localizá-la. Mas não foi assim.

Alguns segundos depois de sair do edifício, os latidos dos cães retumbaram na quietude da noite e soube que iriam atrás dela. Conseguiu internar-se no bosque, embora não melhorou muito. Corria sem ver por onde pisava, tentando afastar-se o máximo possível, protegendo com os braços seu rosto das ramas das árvores que a machucavam. Esteve a ponto de cair ao tropeçar com um tronco enorme, mas conseguiu manter o equilíbrio. Não pensava parar, apesar de sentir que seu peito iria estourar a qualquer momento.

À medida que passava o tempo, os latidos ficavam mais audíveis, e um gosto amargo de bÍlis subiu por sua garganta. “Vão me alcançar” pensou aterrorizada.

Por este motivo, desviou-se para uns arbustos mais espessos com a esperança de que os animais não pudessem atravessá-lo.

Essa foi sua perdição.

Passou por um arbusto espesso sem notar os espinhos que produziam machucados em sua pele. Quando já acreditava ter despistado, um de seus pés se enganchou com uma raiz que sobressaía no terreno. Caiu de bruços sob o chão e não pode evitar golpear duramente o joelho direito. Retorceu-se de dor e, instintivamente levou às mãos a área machucada. As lágrimas caíam descontroladas por seu rosto. Quando a dor começou a passar, levantou a vista e se encontrou, a escassos metros dela, com olhares assassinos, quatro cães.

Tinham as bocas abertas mostrando os intimidantes e afiados dentes por entre os quais caíam grandes quantidades de saliva. Ainda assim, o que a assustou de verdade foram seus diminutos olhos injetados de sangue. Chloe tentou mover-se, mas a dor dilacerante que sentia no joelho e os grunhidos dos cães a fizeram reconsiderar a possibilidade de levantar-se. Estava presa. Um movimento em falso e aquelas bestas a destroçariam em segundos.

Ficou mortalmente quieta, sem desviar o olhar dos cães. Estes permaneciam imóveis, expectantes, observando sua presa. Mas não avançaram mais.

Aquele foi um duelo de vontades. Até que uma das partes

não fizesse um movimento, a outra permaneceria quieta, observando-se mutuamente para perceber a menor troca de atitude. Chloe quase se esqueceu de respirar, diferente dos cães que bufavam de modo ostensivo.

Não podia seguir assim, cedo ou tarde os animais decidiriam que já era suficiente e se lançariam com ferocidade para ela. Tinha que fazer alguma coisa, ainda que fosse uma loucura. Seus dedos agarravam com fervor umas ervas que cresciam selvagens sobre o solo, mas os soltou e começou a tatear a seu redor. Impulsionando-se com as palmas, levantou seu corpo com muito cuidado e andou para traz, o mais devagar que conseguiu para que os cães não se alterassem. Estes grunhiram ao perceber seu retrocesso, mas não se moveram do lugar.

Bem. Chloe retrocedeu um pouco mais, até que suas costas se chocaram contra o tronco de uma arvore. “Merda”, pensou contrariada. Teria de lançar-se lateralmente para rodeá-lo. Assim o fez, avançando com muita precaução e quando calculou que já tinha desviado do obstáculo, voltou a recuar. Outro tronco. “Merda, merda, merda”, repetiu. Vai, se aquilo era um bosque, mas “essas arvores cresciam como setas?” tentou transpassá-lo de novo indo para o lado. Antes de retroceder novamente, quis assegurar-se que não havia nenhuma outra árvore que a impedisse. Passou as mãos por trás de suas costas e comprovou que o caminho estava livre. Agora sim. Apoiou as palmas na terra, impulsionou-se para trás e chocou-se com outro tronco. “que diabos... ?”

Então se deu conta de algo. Desde quando as árvores

eram quentes? Se era noite e fazia frio que poderia até congelar o inferno! Embora tivesse o casaco molhado, o tecido era muito fino, assim que pode sentir como passava um ligeiro calor até sua pele. Aquilo não era normal. Levou suas mãos para trás e tocou algo duro. Melhor dito, tocou duas coisas duras. Esse tato era muito estranho. Isso não era troncos. Era...

Apalpou um pouco mais e afogou uma exclamação. Eram pernas! Girou a cabeça, olhou acima e se encontrou com o penetrante olhar daquele bastardo.

— Gosta do que toca? — perguntou Cedric com burla.

Agora sim que estava perdida. Com os cachorros na frente e Cedric logo atrás, não tinha escapatória. Não sabia o que podia ser pior, se morrer devorada por aquelas bestas ou exalar seu último suspiro nas mãos daquela outra fera que estava as suas costas. E porque não? Se tivesse que morrer, preferia fazê-lo com dignidade, não se deixando capturar por aquele energúmeno. Ao menos os animais atuavam por instintos primários, enquanto que os homens podiam ser muito cruéis na hora de planejar uma tortura. E não queria descobrir o que estava passando por sua cabeça naquele momento, depois de todos os contratempos que tinha causado.

Estava decidido. Tinha a arma para seu suicídio diante dela. Levantou-se do chão com energia e correu para um lado, tentando evitar a barreira que formavam os cães. Em dois segundos sentiu que se lançavam, contra ela, imobilizavam-na com as patas e aproximavam, os dentes de sua jugular. Fechou os olhos e rezou para que sua morte fosse rápida.

Um enérgico silvo as suas costas os paralisaram. Os cães

não se moveram de onde estavam, mas também não a atacaram.

— Fora! Ordenou Cedric.

Com profundos granidos, os cães soltaram seu troféu e se afastaram alguns metros. Cedric se ajoelhou, agarrou Chloe pelo casaco e a levantou.

— Está louca mulher? Gritou a escassos centímetros de seu rosto — Tem tanta vontade assim de morrer?

Ela não disse nada, só lançou um olhar assassino a ele.

— Muito bem. Quer ser presa de meus cães, conseguiu. Será tratada como igual.

Em seguida, pegou uma corda que levava ao ombro, depositou Chloe com dureza no chão e atou seus pés e mãos como se fosse um javali. Ela forçou, mas não serviu de nada. As mãos de Cedric eram tenazes sobre seu corpo, assim que a reduziu com muita facilidade. Depois a carregou como se fosse um fardo e começou a andar entre as árvores com grandes passadas, seguido pelos cães, até que saiu do bosque.

— Solte-me seu bruto! Não tem nenhum direito de me tratar assim! Escória imunda, bastardo, verme sujo... !

Cedric fez ouvidos surdos aos inumeráveis nomes ofensivos que saíram da boca da mulher. Que se desafoasse agora, porque quando a tivesse de novo em seu castelo... se retrataria imediatamente de tudo que disse anteriormente.

Chloe não podia se mexer, mas fez algo que acabou com a paciência de Cedric: mordeu-o com vontade no braço. Fincou os dentes no duro bíceps e apertou com desespero até fazê-lo sangrar. Ele soltou um grito feroz e a lançou sem mais contra o

chão, enquanto levava à mão a ferida.

— Pequena cachorra... acaso não me dei conta e meus sabujos a morderam, transmitindo a raiva? — sem mais, recolheu outro pedaço de corda, meteu em sua boca e deu três voltas em sua cabeça atando-a em sua nuca — Agora morde outra vez para ver se gosta mais, cadela raivosa...

Chloe chorava de impotência. Tinha tocado a ansiada liberdade com a ponta dos dedos e tinha escapado de suas mãos como uma gota livre de manancial. Porque tinha que estar acontecendo aquilo com ela? Que tinha feito para merecer isso?

Quando Cedric chegou à pousada foi diretamente a seu cavalo, que permanecia atado a um poste junto à entrada. A dona da pousada estava escondida olhando por um estreito da porta entreaberta, observando tudo sem dizer nada. Cedric colocou sua carga atravessada no lombo do animal e, sem olhar atrás, arrancou a bolsa da cintura de Chloe para lançá-la aos pés da mulher.

— O pagamento por seus leais serviços, Lorraine. — foi o único que disse.

— Obrigado, meu senhor! — exclamou a mulher com ênfase. Recolheu a bolsa a uma velocidade vertiginosa e fechou a porta, satisfeita pela boa fortuna que tinha ganhado essa noite.

Cedric montou de um salto, desatou o animal e empreendeu a marcha de volta ao castelo. Assim que saiu da aldeia, reclinou sobre sua prisioneira e murmurou ao ouvido:

— Seu atrevimento não só me custou perda de tempo

valioso, mas uma boa quantidade de ouro. Esteja certa de que irá me pagar com juros.

CAPITULO 15

Cedric cavalgou em silêncio a maior parte do trajeto. Aquela pequena mulher estava provocando muitas dores de cabeça, mas na verdade não sabia com quem estava jogando. Sua paciência tinha limites e ela já tinha ultrapassado fazia tempo.

Ao menos agora, poderia ficar um pouco mais tranquilo, com ela atada e amordaçada. Se essa era a única forma em que poderia tê-la completamente controlada, assim seria. Mas não, até mesmo naquelas condições podia continuar sendo uma moléstia. Chloe não fazia mais que agitar-se no cavalo, deixando-o nervoso e ele já não sabia o que mais fazer para mantê-la quieta. Pousou uma de suas enormes mãos sobre ela e apertou com força.

— Fique quieta, mulher, ou terei que golpeá-la até deixá-la desmaiada.

Chloe longe de conter-se, moveu-se ainda mais. O muito atrevido estava tocando sua bunda com todo o descaramento do mundo.

— Mmmmm... ! — queixou-se com energia.

Cedric não percebeu, mas quando se deu conta para

reagir, já era tarde. Fixou a vista onde tinha apoiada a mão e seu membro cobrou vida. A curvatura daquelas nádegas que se sentiam abaixo das puídas calças era o mais delicioso que tinha tocado há muito tempo. Afrouxou um pouco a pressão de seus dedos e tateou a carne, marrom e exuberante. Como seria o contato direto com aquela pele que se ocultava abaixo do tecido? Então recordou aquele dia, quando a viu parada junto à janela, vestida somente com sua camisa. Aquelas longas pernas, o contorno de seus seios na luz... todo seu corpo se colocou em tensão ao lembrar semelhante imagem. A moça era muito formosa, não podia negá-lo, mas aquilo só podia trazer ainda mais problemas. Embora a tentação fosse muito forte para deixá-la passar sem mais.

Deveria esquecer imediatamente todo o pensamento relacionado àquele corpo e àquela mulher, porque essas imagens luxuriosas não o deixavam pensar com clareza. Estava muito incômodo em seu cavalo, e os bruscos movimentos de sua prisioneira não ajudavam o mínimo. Tinha que fazer algo para esquecer aquela tortura e conseguir também que não seguisse provocando-o ainda mais com seu molejo.

Só restava uma opção, e ela tinha mais que merecido isso. Levantou a mão aberta e depois, sem nenhum escrúpulo, deixou cair com força sobre o traseiro dela.

— Mmmm... !!!!

Não teve piedade com ela. Além disso, aquilo serviu para esfriar o ardor que estava sentindo entre as pernas. Entretanto, Chloe não deixou de se mexer até depois da sexta palmada.

— Bem, já estava na hora que entrasse em razão. Espero

que tenha aprendido a lição.

Chloe não voltou a mover-se até que chegaram a Lentonhouse. O sol acabava de sair no horizonte, mas já tinha algumas pessoas trabalhando no pátio de armas. Depois de chegar ao castelo à meia noite, cansado da viagem a Londres, Cedric teve que sair novamente em busca daquela tihosa mulher para trazê-la de volta. Tinha levado o resto da noite para encontrá-la e capturá-la, mas lhe faria pagar bem caro todas as dificuldades que tinha ocasionado.

Parou o garanhão no meio do pátio, apeou de um salto e recolheu Chloe a depositando no chão. Ela tropeçou ao ter os pés atados e só não caiu de bruços porque Cedric a manteve sujeita pelo ombro. Levantou o rosto e lançou um olhar as pessoas que tinham se aglomerado ao redor, suplicando com o olhar que fizessem algo para ajudá-la, mas foi em vão.

Logo, se ouviu um ruído seco a suas costas, seguido de um longo lamento. Chloe voltou à cabeça para a origem do som e ficou petrificada. Ali fora, diante de todo mundo, estavam açoitando alguém com o torso nu. Seus olhos se abriram como pratos ao identificar o homem que estava sendo açoitado: era o guardião que custodiava seu quarto onde tinha estado presa.

Voltou à vista para o rosto de Cedric com um gesto de interrogação em seu semblante.

— Estranha? — perguntou ele enquanto levantava uma sobrancelha — Pois saiba que a culpa por este homem estar sendo açoitado é sua e de mais ninguém. Seu dever era vigiá-la para que não tramasse nada, muito menos uma escapada, mas não desempenhou bem seu trabalho. É o mínimo que merece

por sua incompetência.

— Mm... !! — Chloe gesticulou com a cabeça, indicando alternadamente a Cedric e ao soldado.

— Quer falar algo?

— Mm... !! — repetiu ela.

— Não entendo, quer falar?

Ela assentiu de forma efusiva.

— Bem, pois veremos o que deseja dizer. Tenho curiosidade para saber o que opina.

Cedric sacou sua adaga e cortou a mordaca da boca de Chloe. Ela não esperou para replicar.

— Bárbaro insensível! Como pode castigá-lo desse modo? Ele não teve culpa de minha fuga, porco miserável.

— Ah não? — Cedric esqueceu os insultos que ela tinha lançado e se centrou no resto de suas palavras. — Então de quem é a culpa?

— Sua! — espetou — Se não tivesse me tratado de forma tão ruim, talvez tivéssemos chegado a um acordo razoável. — O estalar do chicote estava alterando seus nervos até cotas insuportáveis — Ordene que parem já com isso! — gritou descomposta.

— Acaso prefere ficar no lugar dele?

— Sim se for necessário, mas não lhe faça mais danos!

— Não, não, não. — Negou com a cabeça- É muito nobre de sua parte esse oferecimento tão altruísta, mas ele mesmo pediu para ser castigado por sua irresponsabilidade. Além disso, far-lhe-ia mal a colocando em seu lugar. Todos iriam fazer piada dele e isso só aumentaria a vergonha que colocou sobre suas

costas. Mas não se preocupe, que não sairá livre de seu próprio castigo. Asseguro que estará a altura das circunstâncias. Agora, vamos entrar.

Cedric voltou a carregá-la sobre os ombros e, com passo resoluto, entrou no castelo. Subia as escadas e foi direto a seus aposentos, levando seu peso como se fosse uma pluma. Embora não tinha voltado a colocar-lhe a mordaça, Chloe não disse uma só palavra até que chegaram à habitação. Estava aterrorizada pensando qual seria o castigo que ele lhe daria. Pelo que viu no pátio, duvidava que fosse muito permissivo, mas o que mais poderia fazer-lhe?

Cedric entrou e fechou a porta de um pontapé. Avançou para a cama, soltou sobre esta o pacote animado que levava nos ombros e tirou a adaga. Logo se lançou sobre Chloe.

— Nãooooo! — gritou ela.

Como pode, Chloe se encolheu sobre si mesma a fim de proteger-se, acreditando que ele se dispunha a matá-la. Entretanto, não a tocou com a arma. Somente se limitou a cortar as marras que lhe imobilizavam as mãos e os pés. Depois deu um passo atrás e colocou os braços em jarras. Ela o olhou com ceticismo e desconfiança.

— Agora tire essa roupa. — ordenou.

— O que?!

— Ouviu-me. Essa roupa não é sua. Devolva-me.

— Mas...

— Por acaso esta surda? Esta noite me tirou várias coisas, entre elas essas roupas. Tenho a intenção de recuperar tudo que é meu e, para começar, quero que me devolva o que está

vestindo. Já.

— E o que vou colocar? — perguntou Chloe — Não tenho nada.

— Pensasse nisso antes de se apropriar de algo que não te pertence.

— E a camisa que me emprestou?

— Esqueceu-se dela. Perdeu o direito de usá-la. Vamos, não me faça perder mais tempo. Tira isso.

— Não! — levantou Chloe contra ele — Não penso ficar nua diante de você. Terá que me tirar as roupas a força.

— Ah sim? — Cedric alçou uma sobrancelha em sinal de surpresa — Muito bem, se é o que você quer...

— Não, espere! — Chloe o deteve quando estava a ponto de tocá-la. — Está bem, eu tirarei, mas antes saía da habitação.

— Não.

— Mas...

— Eu disse que não.

— Não pode fazer isso... — A determinação na voz de Cedric fez com que ela buscasse uma solução alternativa — ao menos, pode dar a volta enquanto o faço.

— Não. Respondeu ele taxativo.

— Como pode ser tão desconsiderado? Degenerado, filho da puta! — espetou-lhe na cara.

— Já é suficiente. — A paciência de Cedric chegou ao fim. Lançou-se sobre ela como ave de rapina e, sem lhe dar tempo de reagir, arrancou o casaco de um só golpe. Fez o mesmo com o calção, enquanto Chloe resistia com todo o ímpeto, proporcionando-lhe vários chutes e socos, que pareciam não

lhe causar nenhum tipo de dano. Tinha já presa entre seus dedos o tecido da camisa quando ela deixou de lutar, fez-se um novilho e começou a chorar sobre os lençóis.

— Por favor, não o faça. Por favor, eu te imploro...

Cedric ficou quieto, com um pedaço da camisa em sua mão fechada. Não foi capaz de arrancar-lhe aquele último tecido, não quando finalmente tinha ouvido brotar de seus lábios uma súplica verdadeira em vez de maldições e xingos contra sua pessoa.

— Perdão, o que disse? — Tinha ouvido perfeitamente, mas a obrigou a repeti-lo. Queria desfrutar deste momento e não ocultou, a julgar pelo sorriso malicioso que aflorou em seu rosto. Ele fez que ia tirar-lhe, como se a desafiasse.

— Por favor...

— Assim que eu gosto. Vejo que, depois de tudo, não carece de modos. — Demorou uns segundos mais que o necessário, mas, afinal, soltou-a e se colocou de pé, olhando com intensidade para ela. Uma ideia estranha estava se formando em sua mente e se conteve para não soltar uma sonora gargalhada pela genial ideia. — Suponho que não seria muito correto passear por todo o quarto sem nada em cima, tendo em conta que os dias começaram a esfriar. Não gostaria de estar com uma prisioneira insolente, que, além disso, estivesse doente. Não quero nem imaginar como me comportaria neste caso; se já é impossível agora...

Chloe não soube o que responder. Por um lado, ficaria encantada de mandá-lo a merda pela enésima vez, mas não era tão tola, sabia que provoca-lo consciente e reiteradamente seria

pior para si mesma. Decidiu fazer ouvidos surdos para sua impertinência e não lhe dar o gosto de encontrar outra desculpa para seguir martirizando-a.

— Como já te disse antes, — continuou Cedric, profundamente surpreso dela não tê-lo interrompido — tenho a intenção de recuperar tudo que me roubou. Não deve esquecer que esta noite me custou uma grande quantia de moedas de ouro, e esse pagamento não penso esquecer.

— Já recuperou seu dinheiro. — respondeu ela — Foi sua decisão entregar à bolsa a mulher da pousada.

— Isso é certo, — Concedeu Cedric — mas tenha em mente que se não tivesse escapado, o ouro nunca teria ido parar nas mãos daquela mulher. Além disso, foi você quem cometeu um roubo. Portanto é a culpada de que agora eu seja um pouco menos rico que antes. — respondeu com certo tom de burla.

— Eu não o roubei! — exclamou ofendida — Só peguei emprestado. De qualquer forma o devolverei. Neste momento não tenho dinheiro, mas se permitir entrar em contato com o conde de Berwick...

— Não, não, não. — Cedric assinalou com o dedo acusador — Não me acha tão idiota para cair numa cilada assim, verdade? Se você falasse com lorde Lambert sobre sua dívida, em duas horas teríamos todo um exército às portas deste castelo. Não mulher, as coisas não funcionam assim. Vai me devolver esse valor das moedas de outro jeito.

Ela não quis perguntar qual seria o jeito. Estava certa o que iria lhe dizer e que não iria gostar, entretanto ele não disse. Limitou-se a sentar em um banquinho e estirar as pernas de

um modo insolente.

— Venha aqui, Chloe.

— Que... o que pretende? — Chloe olhou com apreensão.

— Será que não me ouviu? Disse que venha até aqui.

Ela se aproximou com reservas. Quando estava a dois passos de distância do assento, parou.

— Mais próximo.

A jovem caminhou mais um passo. Só um.

— Mais próxima.

— Mas... — se desse outro passo mais, estaria entre suas pernas.

— Aqui — com efeito, ele lhe indicou exatamente este lugar.

Chloe não obedeceu. O temor pelo que lhe estava passando pela cabeça fez tirar forças para contradizer seu pedido. Ao mirá-la nos olhos, aqueles preciosos e límpidos olhos azuis que estavam começando a cativá-lo, Cedric soube que sua negativa seria absoluta, assim que não lhe deu tempo para reagir. Pegou-a pelo braço, colocando-a entre suas pernas e lhe deu a volta, colocando-a de costa para ele.

— Assim que pensa recuperar seu dinheiro? Vai abusar de mim? — perguntou ela com voz trêmula. Estava morta de medo.

— Violar-te? — Cedric começou a rir. Ainda segurava o braço da moça com a mão, pelo que pode sentir o intenso tremor que a tomou — Moça, eu não uso essas táticas sujas para vingar-me de uma mulher. Se quiser fazer alguma coisa, tenho outros meios mais infalíveis. — baixou o tom até falar quase em um sussurro, escuro e sensual — Posso te assegurar que, se me propuser, não seria eu a dar o primeiro passo, cedo

ou tarde seria você que me imploraria para que a tocasse, que a percorresse com minhas mãos e minha boca por todo seu corpo, que te fizesse minha. Quer comprová-lo?

As pernas de Chloe ficaram frouxas ao escutar aquelas palavras. Aquele homem a estava incitando com sua voz erótica, quase pecaminosa. Já não a estava segurando pelo braço com força, mas tinha baixado a mão e a acariciava no contorno de seu pulso de forma instintiva, um contato tão leve como o passar de uma pluma. Ele tinha fechado um pouco as pernas e ela podia sentir o suave roçar do couro sobre a pele nua de suas coxas, estimulando-a de uma forma que não gostava.

Definitivamente a estava provocando e o pior de tudo é que ela era incapaz de permanecer impassível. Se com algumas simples palavras tinha conseguido abrir uma brecha em suas defesas, o que não faria se de verdade se propusesse a isso? Não desejava descobrir.

— Então, o que quer? — Chloe não deu a volta para perguntar, tinha a vista fixa em seus próprios pés.

— Tire minhas botas.

Aquelas palavras caíram como um balde de água fria sobre sua cabeça, varrendo de imediato todas as sensações e pensamentos absurdos que a estavam aguilhoando por dentro.

— As botas? Perguntou incrédula.

— A partir de agora, será meu assistente pessoal para retribuir com seu trabalho o que me deve. Digamos que será algo assim como um laçaio.

— Isso é intolerável. Chloe girou para Cedric, até que seu

rosto crispado ficasse frente ao dele, divertido — Está se divertindo enquanto está me torturando, verdade?

— Tortura? Talvez devesse lhe mostrar no que consiste a verdadeira tortura, mas duvido muito que esta pele tão delicada pudesse suportá-lo: não foi feita para ser machucada.

— Cedric passou uma de suas mãos sobre as pernas nuas de Chloe, aproveitando para fazer o que desejava desde que a viu próximo a janela, sentindo enfim a delicadeza de sua pele.

Era muito melhor do que tinha imaginado. Muito melhor.

— Tão desonroso parece-te ajudar a um homem?

— Ajudar? Isso não é ajudar! Isso se chama escravidão! — protestou ela — E não me toque! Retirou sua mão com um empurrão.

— Depende da forma como se olha. Se tomar desse modo, considerar-te-ei uma escrava a meu serviço, a qual, já que o menciona, tocarei quando quiser. — seu olhar se escureceu — E agora, tire de uma vez minhas botas, mulher. Estou cansado depois de uma longa noite que me fez passar, quero descansar um pouco. Não me faça perder mais tempo. — ficou em silêncio durante alguns segundos e depois continuou: — Logo voltaremos ao tema de meu irmão. Não acredite que tenha me esquecido.

Chloe bufou de uma forma pouco feminina. Uma simples criada? Pois muito bem, o teria, mas isso não significava que seria a mais leal e servil dos pajens. Sobre isso não tinha especificado nada. E quanto a tocá-la... por conta do que a fazia sentir, já se encarregaria de não ter nenhum contato direto com ele. Contra isso Chloe não tinha nenhum antídoto,

assim que o melhor seria manter distância. Com essa ideia, afastou-se alguns passos e, colocando-se de joelhos, levantou com brusquidão um de seus pés. Tentou tirar o calçado sem êxito. Confusa, tentou novamente, mas a única coisa que conseguiu foi cair ao chão de bunda e Cedric soltasse uma estrondosa gargalhada.

— Assim pensa tirar minhas botas? Podemos passar toda a manhã tentando e não conseguiria. Venha, coloque-se de costas entre minhas pernas e tire o calçado.

— Arrogante... murmurou entre dentes.

— Perdão, o que disse?

— Nada. — ela deu a volta e se dispôs a fazer como aquele fanfarrão havia explicado.

Quando Chloe se inclinou, ele pode contemplar a vista panorâmica e muito interessante de seu encantador traseiro. Pequeno e arrebitado, foi incapaz de desviar o olhar para o outro lado. Suas mãos cobraram vida própria e se aproximaram a escassos centímetros daquela zona tão sugestiva. Em sua imaginação, brincou com a ideia de tocar aquela pele leitosa que se adivinhava embaixo da saia de sua camisa, acariciar-lhe as nádegas lentamente com as gemas dos dedos e adaptar aquelas curvas suaves a seu corpo. Na realidade, não chegou a tocá-la. “Cada coisa há seu tempo” pensou, surpreso pela própria audácia. Simplesmente se limitou a olhar extasiado aquele presente que se brindava aos seus olhos.

De um só golpe, Chloe tirou sua bota, para depois lançá-la com rapidez para um lado, como se a repugnasse a ideia de

mantê-la durante muito tempo entre suas mãos. Fez o mesmo com a outra perna e, quando terminou, afastou-se tudo que pode de Cedric.

— Pronto! Deseja algo mais meu senhor? Perguntou com sarcasmo.

Aquelas palavras conseguiram que, de forma repentina, Cedric saísse de seu transe. Levantou-se do banco e, com movimentos precisos, tirou a camisa, deixando seu torso descoberto. Logo lançou a veste aos pés de Chloe.

— Quando despertar, farei que tragam um balde de água e me banhará. Oh não... — Cedric pensou melhor — melhor que sejam vários baldes. Também limpará tudo que tenha sujado. — acrescentou enquanto assinalava com o braço o monte de lençóis empilhados juntos a janela — Por enquanto, dedicar-se-á a desfazer os nós. Isso te levará um bom tempo.

Dito isso caminho até Chloe, pegou seu pulso e a arrastou até a corrente que caía da parede. Fechou o grilhete em sua mão esquerda deixando livre a direita e levou até ela o fardo de roupas de cama.

— Nem te ocorra fazer um só ruído enquanto estou dormindo, entendeu? Vou confiar em ti e não te amordaçarei, mas se incomodar meu descanso... — pegou o extremo de um dos lençóis e colocou sobre sua boca, mostrando o que faria se não cumprisse com seus desejos.

Chloe não respondeu por que tinha ficado horrorizada ao descobrir a ferida aberta que tinha no braço. Horrorizada ao saber que ela tinha causado aquilo, levou de forma automática a mão livre até a profunda mordida, passou um dedo pelo

contorno e levantou a vista com um sincero olhar de arrependimento.

— Eu... lamento muito ter feito isso, — murmurou com voz sentida — está doendo?

O contato daqueles dedos sobre sua pele provocou em Cedric uma intensa descarga que lhe percorreu o corpo todo. Ficou mudo, sem saber como reagir. Estava tocando-o por vontade própria e não precisamente para provocar dor.

Depois de alguns momentos incertos, afinal pode articular palavra. Uma única palavra.

— Não.

— A ferida parece profunda e poderia infeccionar. Deveria fazer um curativo.

— Isto? — Cedric não acreditava no que estava ouvindo. Estava interessada em sua saúde? Aquilo sim que era uma novidade — Não é mais que um machucado sem importância. Ao longo de minha vida sofri inúmeras feridas bem mais graves que esta. De qualquer forma, — sua boca se tornou maliciosa — obrigado por me recordar. Isto me ensinará a ser mais precavido contigo a partir de agora. Agradeço que não seja necessário costurá-lo, porque se assim fosse, você seria a encarregada de fazê-lo e tremo só em pensar no que seria capaz de fazer com uma agulha próxima a mim.

O estômago de Chloe deu a volta. Costurar a ferida? Só de pensar nisso, suas tripas se revolviam.

— Bom, moça. Acabaram as bobagens — ela se sobressaltou ante a brusquidão de sua voz e ficou esmagada por seu semblante sério e olhar mortal — ontem à noite, trouxe

meu irmão para casa. Morto. Isso é algo que não te beneficia em nada. Por seu bem, será melhor que comece a dizer-me tudo que sabe.

— Repito que não sei de nada. Em um momento estava no bosque com meu marido, justo antes de nos atacarem, e no seguinte despertei aqui. Tanto lhe custa me acreditar?

— E como chegou o anel em suas mãos? É uma joia muito apreciada, pelo que duvido muito que os agressores a tenham entregue. Como caiu em seu poder?

— Eu não sei. Jamais o tinha visto. Sêrio, estou dizendo a verdade...

Chloe não sabia como fazê-lo acreditar em sua inocência. Esse homem, além de odioso e impertinente, era muito teimoso.

— O que você disser. Cedo ou tarde averiguarei, assim que se tiver algo a dizer será melhor que confesse o quanto antes.

Ele não seguiu com o tema, dando por concluída a conversação. Foi para a grande cama, e caiu com os braços atrás da cabeça e fechou os olhos.

Ela acreditou que tinha dormido assim que se deitou, já que ficou um bom tempo observando-o do chão e não o viu mover nem um só músculo. Estava pensando como faria para desfazer os nós com uma só mão, quando a profunda voz de Cedric a sobressaltou.

— Mais te vale que execute seu trabalho no mais completo silêncio e o acabe antes que desperte, porque disso dependerá que tenha o direito de seguir vestindo essa camisa.

A notícia da morte na prisão do conde de Tempton se

alastrou como rastilho de pólvora. Um dia depois da chegada de Cedric com o cadáver de seu irmão, os rumores já tinham chegado a Berwick.

Os sentimentos de lorde Lambert eram contraditórios; por um lado se alegrava de que aquele bastardo tivesse morrido, embora em seu coração ele tivesse desejado que seu fim tivesse sido outro. Teria entregado a metade de suas posses para estar presente no momento que o conde fosse sentenciado a morte e, para ter visto com seus próprios olhos sua execução, como o vil criminoso que era.

Por outro lado, ficava a incerteza de não saber o que tinha ocorrido à lady Chloe. Quando o destacamento que enviou para Lentonhouse retornou a Whippledone, o conde de Berwick interrogou a sir Peter exaustivamente, mas não conseguiu tirar nada sobre o desaparecimento da mulher. Seu subordinado explicou, com luxo de detalhes, a conversa mantida com lorde Cedric, assim como o estado de sítio que se encontrava o castelo, protegido fortemente frente a qualquer ataque. Dita informação chamou muito a atenção, interpretando que talvez ela estivesse retida entre aqueles muros e essa fosse a razão de formidável defesa com as quais tinham sido recebidos. Entretanto todas as suas esperanças vieram abaixo, quando sir Peter relatou o motivo real de tanta segurança. Depois do encontro com lorde Cedric, tinham ficado com a mesma impressão que mostrava naquele momento o conde, assim que perguntaram pelos arredores pelo acontecido. Todos os aldeões com os quais falaram deram a mesma versão dos fatos: a causa de tantos meios para proteger a fortificação devia-se ao terrível

ataque ao castelo, acontecido uma semana atrás. Até lorde Lambert teve que admitir que atuasse da mesma forma em uma situação parecida.

Mas, onde estava lady Chloe? Era como se a terra a tivesse tragado. E também não tinham pedido nenhum resgate por ela. E se... ? Não, não podia conceber que ela também estivesse morta. Deviam tê-la presa em algum lugar, mas onde? E o pior de tudo, por quê? Ainda assim, nem que fosse a última coisa que fizesse em sua vida, não descansaria até encontrá-la.

Chloe tinha os dedos dormentes por haver estado desmanchando nós durante toda a manhã. Não recordava ter apertado tanto, como também não lembrava que tivesse tantos lençóis. Com certeza aquele homem, para cansá-la, tinha conseguido um pouco mais de roupas e tinha se dedicado a reforçar os nós para que fosse impossível desfazê-los. Maldito fosse! Enquanto ele estava ali, dormindo gostoso em sua macia cama, ela estava estirada no chão frio, imobilizada por uma mão e com o resto do corpo dolorido por tão incomoda posição.

O som de seu estômago rugindo de fome e se mesclou com um sonoro suspiro de satisfação quando terminou de desatar o último nó. Como pode, estirou-se o que pode para que seus quadris descansassem e lançou um olhar pela janela que ficava mais próxima. O sol estava bem alto, seria mais de meio-dia, talvez a hora da comida, a julgar pelos sons que vinham de suas tripas. Entretanto, aquele bárbaro continuava dormindo, pelo que podia ir esquecendo-se de comer algo. Ficou o consolo de haver finalizado a tarefa, de modo que, pelo menos poderia descansar um pouco.

Não tinha feito mais que fechar os olhos, quando sentiu que lhe davam um pontapé no joelho.

— Levante-se, folgada! Não pensa ficar ociosa o dia todo, verdade?

Chloe estreitou os olhos e lançou um olhar cáustico. Definitivamente, aquele homem era um ser desprezível.

— Já acabei o trabalho que me deu. Será que não vai me deixar em paz nenhum momento? Não tem mais nada a fazer do que me amargar a vida?

— A verdade é que desfruto bastante fazendo isso, mas desgraçadamente devo ocupar-me de outros assuntos que requerem minha presença imediata. Vou deixá-la aqui enquanto soluciono o que tenho pendente, mas não acredite que estará ociosa. Enquanto desço e como algo, ordenarei que subam baldes para que lave toda essa roupa. E já sabe, espero que quando volte esta noite, tenha terminado seu trabalho.

Cedric colocou as botas e a camisa, recolheu sua espada e caminhou para a porta quando a voz de Chloe o deteve.

— Espera! Não pensa me soltar? Perguntou enquanto assinalava o grilhete.

— Soltá-la enquanto estou fora? Nem louco faria isso! Não quero me arriscar a ter que ir buscá-la de novo. Passará muito tempo até que possas caminhar livre por estes aposentos. Até que possa confiar em você.

Chloe não saía de seu assombro. Ela ficaria presa a vida toda?

— E como quer que lave a roupa com uma só mão?

— Isso é um problema seu. Faça como possas.

Minutos depois que Cedric tivesse saído, vários criados entraram carregando um grande cesta de vime, vários baldes de água e um pedaço de sabão.

Depositaram tudo junto a ela, sem trocar uma palavra, abandonaram a habitação. Chloe tinha vontade de gritar até ficar sem voz, mas sabia que não serviria de nada. Estava muito claro que ali todos acatavam as ordens daquele homem sem dúvida, assim para que se esforçar?

Com raiva, recolheu um dos lençóis e o introduziu em um balde. À medida que lavava uma peça, jogava na cesta, enquanto os ruídos produzidos por seu estômago iam aumentando de forma paulatina. Estava faminta, mas não daria o gosto a ele de confessar sua necessidade. Antes preferia morrer de fome. Quando terminou de lavar tudo estava realmente faminta, embora se obrigasse a não pensar em comida e se recostou contra a parede.

Dormiu ao menos duas horas, porque quando abriu os olhos a lua brilhava no céu estrelado, escuro como um veludo negro cheio de pérolas, os baldes de água suja e a roupa limpa já não estavam ali, assim deduziu que alguém tinha entrado no quarto durante seu descanso. Também tinham acendido o fogo da chaminé e algumas velas que iluminavam o aposento. Chloe se esticou tentando aliviar os músculos e olhou para a cama. Ele estava ali.

Deitado de barriga para cima, com os braços atrás da cabeça e o rosto virado em sua direção, olhava-a intensamente. Seus olhos não mostravam nem ódio nem burla, só curiosidade.

— Tem fome?

Aquela pergunta a surpreendeu.

— Não. — Mentiu.

— Não acredito. Estou aqui há um bom momento e não consegui dormir por conta dos ruídos que produzem suas tripas. Faz quanto tempo que não come?

— Desde ontem à noite.

— Não pensava dizer nada?

— Se espera que suplique, não perca seu tempo. Respondeu Chloe orgulhosa.

— Estou certo de que sua teimosia não permitiria isso, mas esse não é o caso. Uma coisa é que seja minha prisioneira, e outra bem diferente é que queira matá-la de fome. Além disso, ganhou o alimento de hoje. A sua direita tem algo para comer. Chloe olhou onde tinha indicado e descobriu um pedaço de carne seca, pão, um pedaço de queijo além de um copo de estanho cheio de vinho. Reagindo, esticou o braço e levou a boca o pedaço de carne. Não queria parecer desesperada, mas na realidade estava morta de fome.

Comeu com toda a dignidade que a corrente presa em sua mão permitiu, embora naqueles instantes não importasse outra coisa que não saciar a fome que sentia. Não levantou o olhar para Cedric nenhuma só vez, como também não lhe agradeceu pela comida. Quando terminou, espremeu-se o quanto pode no chão, de costas para a cama e se dispôs a dormir. Nem mesmo tinha uma pequena manta, mas pelo menos teria o calor da chaminé. Esperava que já não a molestasse mais até o dia seguinte, pois estava esgotada e não tinha ânimos para brigar

com ele.

Cedric a observou em silêncio durante longo tempo. Essa mulher tinha caráter e muito amor próprio, mas ele estava disposto a dobrar sua vontade. A curiosidade que lhe provocava era imensa e tomou como pessoal conseguir que comesse na palma de sua mão, não usaria de violência, sim de outros ardis mais sutis e Chloe terminaria caindo em seus braços mesmo sem querer. Essa seria a melhor vingança.

CAPITULO 16

Os dias transcorriam e Chloe começou a ser consciente de que passaria muito tempo antes de poder abandonar aquele lugar onde estava cativa. Todas as manhãs, ao raiar do dia, era despertada com uns ligeiros golpes no ombro e uma tarefa diferente esperando para ser executada com presteza. Invariavelmente, a primeira coisa que ouvia sair da boca de Cedric era a mesma pergunta que levava fazendo desde o primeiro dia que chegou ali, e a repetia de novo pelas noites, momentos antes de conciliar o sono. Queria tirar dela uma informação que ela desconhecia, assim que a resposta eram as mesmas. Chloe chegou a tomar como um costume, e já não lhe importava o cenho franzido nem seu olhar irritado com o qual, em silêncio, censurava sua resposta quando ela negava de forma sistemática conhecer algo sobre o que tinha acontecido a seu irmão. Tinha a estranha impressão de que ele já se tinha dado por vencido, mas seguia insistindo somente para incomodá-la, posto que ela se sentisse nervosa com aquele interrogatório estúpido e, a bem da verdade, estéril.

Ao dia seguinte de quando fora novamente capturada, Cedric lhe fez uma única concessão. Ordenou substituir a

corrente por uma maior, permitindo-lhe assim melhor liberdade de movimentos. Não era muito longa como para chegar até a porta, mas ao menos dispunha de uma relativa autonomia. Aquilo lhe proporcionava uma certa intimidade na hora de atender suas necessidades físicas, embora tivesse que esperar que ele abandonasse os aposentos para desfrutar desses pequenos momentos de privacidade. Sentia-se muito incomoda em sua presença, pelo que evitava chamar sua atenção; quanto menos estivesse aquele bruto no quarto, melhor para ela.

As tarefas a serem feitas dentro daquelas quatro paredes eram escassas, limitavam-se a manter o quarto ordenado, lavar e preparar a roupa (tinha desejado ter em mãos um bom punhado de urtiga para escondê-las entre os tecidos... como teria desfrutado ver sua reação), ajudá-lo a tirar as botas, deixá-las lustrosas e mais algumas coisas.

Mas o pior, com certeza, era assisti-lo em seu asseio diário. Cedric tinha ficado obcecado de que ela mesma o assistisse e isso Chloe aceitava muito mal. Embora todos os dias os serventes subissem água quente e toalhas limpas, era ela quem tinha que preparar a tina. No começo, sofreu por carregar os pesados baldes que deixavam abandonados no meio da habitação, mas depois de um tempo foi acostumando-se ao trabalho duro. A primeira vez que ordenou realizar dita tarefa, Chloe xingou baixo ao dar-se conta de sua mesquinhez. Bem poderia ter dito aos criados que aproximassem os baldes da tina, mas não, com um malévolos sorriso nos lábios os incentivou que deixasse onde ela pudesse alcança-los, que já se

ocuparia sua serva de derrubar a água dentro da tina.

E não só estava obrigada a fazer isso. Arrumar o banho não era o suficiente, também deveria lavá-lo com suas próprias mãos. O suplício de vê-lo desnudando-se em seu nariz, somava-se a vergonhosa tarefa de tocá-lo. Opôs-se com firmeza, embora seus repetidos protestos não servissem de nada. Cedric ameaçou colocá-la na tina a força se negasse fazer o que mandava, assim que não ficou mais remédio que aceitar.

A primeira vez foi uma verdadeira tortura para ela. Fechou os olhos e, com duas rápidas passadas de pano, indicou que tinha terminado. Ele não ficou satisfeito e mandou que seguisse esfregando. Ela, escandalizada por seu descaramento, abriu de novo os olhos. Então as viu: diversas cicatrizes marcavam suas bronzeadas costas. O pano caiu de entre seus dedos no fundo da tina. Os lábios de Chloe afogaram uma exclamação ao contemplar a área machucada e sua mão criou vida própria, aproximando-se vacilante para as marcas. Por estranho que parecesse, não sentiu repulsa ao tocá-lo, só aflição. Aquilo a surpreendeu. Acreditava que poderia odiá-lo intensamente, mas aquelas feridas falavam de um passado cruel e então compreendeu que devia ter sofrido muito, talvez sua atitude déspota e prepotente fosse resultado de uma terrível vivência. Explorou com cuidado os contornos da delicada pele até que sentiu um profundo estremecimento em seu interior, algo que a turvou tanto que retirou a mão violentamente. “Estou começando a enlouquecer, isso é o que está acontecendo — pensou com nervosismo. O melhor será acabar com isto o quanto antes e lembrar que este homem me

mantém cativa contra minha vontade. Não é uma pessoa por quem devo sentir compaixão, pelo contrário.”

Cedric notou como os dedos de Chloe percorriam lentamente suas costas. Ela não podia vê-lo, mas teria ficado furiosa se tivesse visto o exultante e irônico sorriso que naquele momento desenhava-se em seu rosto. Só durou alguns segundos; depois sua boca se crispou em uma careta de desgosto. Deixou-se tocar sem mover um só músculo, apesar da enorme e dolorosa ereção que estava produzindo aquele suave contato, sua primeira reação teria sido dar a volta, pegá-la pela cintura e lançá-la no interior da tina, colocá-la por cima, atacar sua boca com um imperioso beijo e penetrá-la com vontade.

Em vez disso ficou paralisado, aguentando com estoicismo as ânsias de tomá-la ali mesmo. Ainda era muito cedo. Logo teria tempo para aplacar seus instintos. Antes, ela teria que cair rendida de forma incondicional, rogando-lhe que a fizesse sua. Porque o faria, disso tinha certeza.

Com o passar dos dias, a conduta de Cedric foi ficando mais ousada. Já não só a obrigava a esfregar suas costas, como também tinha que esfregar suas pernas, seus braços e seu cabelo... estava provocando-a deliberadamente porque sabia que aquilo a fazia sentir-se muito incomoda. Somente sua presença a perturbava, ter que percorrer com suas mãos aquele corpo tão bem formado a desarmava por completo, embora não entendia a razão de tal desassossego. Quando estava dentro do quarto, ele não perdia a oportunidade de passear com frequência diante dela como Deus o mandou ao

mundo e Chloe tinha que fazer um esforço sobre humano para apartar a vista de seus músculos e impressionante físico. Mas isso não era tudo: Cedric era cada vez mais atrevido e menos respeitoso com sua intimidade. Ela teve que aprender a assear-se com rapidez, aproveitando o momento em que ele descia ao salão para tomar o café. A água de seu banho ficava dentro da tina a espera que os serventes a levassem, assim que ela, com uma velocidade surpreendente, a utilizava para seu próprio asseio diário. No começo, nada aconteceu, mas quando Cedric se deu conta de que ao subir novamente ela estava com o cabelo ainda úmido e cheirando a perfume de lavanda de sabão, começou a diminuir o tempo de suas ausências.

Uma manhã a pegou desprevenida quando saía da tina. De costas para a porta, estava completamente nua, enquanto esticava o braço para pegar uma toalha disponível. Suspeitava que ele estivesse sabendo de seus banhos matutinos, porque o número de toalhas que subiam os serventes tinha começado a reduzir, chegando a uma só. Depois de secar-se com ela, Cedric a lançava ao chão, e a Chloe não ficava mais remédio que usá-la assim mesmo molhada.

Ele tinha ficado cravado no chão ante a visão de seu corpo nu, abestalhado ao comprovar que aquela mulher era pura lascívia para os olhos, as sinuosas curvas que se vislumbravam abaixo da simples camisa que levava durante o dia não faziam justiça ao que realmente permanecia escondido atrás do leve tecido. O longo cabelo molhado da moça caía em cascatas abaixo das omoplatas, roçando suas costas cremosa e imaculada. As voluptuosas curvas que começavam na estreita

cintura até as torneadas pernas foram um completo presente a vista, provocando uma enorme e fortíssima sacudida entre suas pernas. Tinha que ser sua, custasse o que custasse.

Ela, por sua parte, tinha levado um susto fenomenal, transformando-se no mesmo instante, soltando uma maldição quando olhou por cima do ombro e o viu ali plantado. Parecia que não tinha nenhuma intenção de se mover. Grande atrevimento o seu! E pior, o cretino estava devorando-a com os olhos sem nenhum pudor.

— Será que não tem um mínimo de decência? — perguntou irada enquanto se tapava rapidamente com a úmida toalha. — Sua Mae não o ensinou a respeitar a intimidade dos outros, arrogante obtuso sem moral? Deixe de me olhar e saia imediatamente daqui!

— Respeitar a intimidade? Mulher aqui você não tem direito algum. — ele tinha fixado o olhar no pequeno pedaço de tecido que cobria a duras penas o corpo de Chloe, e sua ereção se intensificou até cotas inusitadas. O linho úmido deixava ver através da transparência as aureolas rosadas dos seios e o pelo úmido de seu sexo — Quando entenderá que não tem nenhum direito a exigir nada de mim? Posso fazer o que quiser, quando quiser... — assinalou com um incisivo comentário, seus olhos brilhando cobiçosos ante a expectativa de ganhar.

Como não estava disposta a lhe dar o gosto, Chloe não rebateu tão absurda confirmação. Limitou-se a recolher sua camisa e caminhou decidida até o biombo antes que ele pudesse aproximar-se mais.

A partir de então, teve muito cuidado para não demorar no

asseio, mesmo assim, teve dias nos quais Cedric a encontrava ainda dentro da água. Estava segura de que o fazia com premeditação, apesar de ele não deixar de dar estúpidas desculpas por seu regresso. Argumentava ter esquecido algo, embora seu tom jocoso desmentisse tais afirmações. A única solução que ficou foi ficar mais precavida ainda. Quase sempre se lavava por partes, vestida com a camisa (se é que estar só com a camisa poderia ser considerado estar vestida), mas quando decidia banhar-se, fazia-o com tal rapidez que chegou a esquecer do prazer que era desfrutar de um bom banho. Se algum dia conseguisse voltar a ser livre, faria o que estivesse em suas mãos para devolver a ele com acréscimo, tudo que a tinha feito passar em seu cativeiro.

Pouco a pouco, os dias outonais foram fazendo ato de sua presença e, com eles, chegou o mal tempo. Quando Cedric não estava na habitação, Chloe passava longo tempo olhando pela janela, recordando tristemente os meses passados junto a Davie. Ele havia dado novas recordações, poucas, mas muito valiosas, e as entesourava em seu interior com carinho muito especial. O período de dor havia concluído, embora ela seguisse chorando-o, apesar de que sua morte já não lhe doía como ao princípio. O sentimento de perda se entrelaçava com o estado de sua precária situação, que a fazia evocar uma e outra vez a época que era livre. Liberdade! Como tinha chegado a valorizar essa palavra.

Apoiada no frio peitoril de pedra, observava com muita inveja qualquer movimento que acontecia no exterior. A troca de guarda (desde que ela escapou, Cedric tinha destacado uma

vigilância permanente na zona situada entre a margem de pedra que delimitava o fosso e o começo do bosque), um ou outro animal que se aproximava timidamente até a clareira, mas fugia desvairadamente quando avistava os sentinelas, as lebres que saíam de suas tocas para buscar comida, os pássaros que riscavam os céus quando ouviam algum barulho suspeito... todos os seres vivos que ali habitavam eram livres, todos exceto ela.

Foi testemunha constante de cada uma das transformações que implicavam a troca de estação. O forte vento que entrava pela janela, o tom violáceo que adquiria o céu durante as horas de luz, a queda das folhas... as árvores foram perdendo pouco a pouco sua folhagem até que os ramos ficaram completamente desnudos, e as aves que se animavam nelas, ao sentir-se desprotegidos, partiram em voos atrás de climas mais quentes onde passar o os meses mais frios. A imagem que seus olhos conseguiam alcançar foi convertendo-se dia a dia em uma estampa invernal, tão seca e vazia como ela sentia-se por dentro.

O único contato humano que mantinha era com Cedric, a exceção dos criados que todas as manhãs apareciam com os utensílios para preparar o banho e as contadas ocasiões em que seu segundo com comando, Alec, aparecia em seus aposentos para tratar de algum assunto com ele, ninguém falava com ela; Chloe tinha certeza que Cedric tinha dado ordens a todos de não dirigissem a palavra a ela, assim que planejou seriamente começar a ter longas conversas com seu captor. Era uma ideia que não agradava em absoluto, dado o

caráter irascível daquele homem, mas quase preferia manter um diálogo com ele a acabar caindo em um triste ostracismo. Uma fria e chuvosa manhã, dois meses depois de ter sido capturada, aconteceu algo imprevisto. Já não se surpreendia quando Cedric entrava sem avisar, esperava pacientemente sentada em uma banquetta, até que ele se apresentasse novamente para martirizá-la com seu diálogo sarcástico ou alguma de suas absurdas petições, por isso lhe chamou tanto a atenção que naquele dia, depois que a porta foi aberta, alguém a quem nunca tinha visto antes, irrompeu como um tornado.

— Irmão, voltei... quem é você? — perguntou o desconhecido.

Chloe o olhou com curiosidade mal disfarçada. O homem, um pouco mais de vinte anos, mostrava uma grande semelhança com Cedric, apesar de ser um pouco mais baixo e menos corpulento. Não tinha dúvidas do parentesco que os unia: ambos tinham a mesma cor de cabelo e olhos e, no conjunto, seus traços eram parecidos, embora as feições do primeiro não fossem tão angulosas como no outro.

Ela se assombrou ao reconhecer um brilho de incredulidade no olhar franco que lhe dirigia quando descobriu a corrente que aprisionava sua mão. Aquele moço não sabia quem ela era, como também desconhecia que estava presa naquela habitação contra sua vontade.

— Sou Chloe Whitney. Lady Chloe Whitney.

— Lady Chloe? — perguntou surpreso. Contemplou com atenção o corpo da mulher, coberto somente com a camisa, e rapidamente desviou o olhar para o lado, envergonhado por

sua indiscrição — Desculpe meu atrevimento, mas que faz uma dama como você vestida de modo tão impróprio, e acorrentada na parede, nos aposentos de meu irmão?

— É minha prisioneira. — Reverberou uma profunda voz as suas costas.

— Cedric! — o moço deu a volta e, ao ver seu irmão, aproximou-se em dois passos dele e deu-lhe um afetuoso abraço. — Precisa me explicar...

— Gideon, que faz aqui? Pensei que estaria em Dundes. Porque regressou sem avisar?

— Porque até ali chegaram as notícias do que aconteceu com Andrew. Não podia acreditar, assim que decidi voltar imediatamente para assegurar-me de que esses rumores eram infundados. O que aconteceu? O que esta mulher está fazendo em seu quarto?

— Vamos para descer que te explicarei tudo. — Cedric passou um braço pelo ombro de Gideon, colocando-o para fora da habitação.

— Milady... — Gideon lançou uma última olhada ao interior e se despediu de Chloe que observava estupefata aos dois homens. Cedric ao ouvir o tratamento com o qual seu irmão se dirigia a ela, soltou uma sonora gargalhada.

— Gideon, não se deixe enganar pelas aparências... — ouviu Chloe ele dizendo enquanto fechava a porta.

Cedric esteve ausente o resto do dia. Permaneceu longas horas no salão.

Junto a Gideon e algumas jarras de vinho, explicou com luxo de detalhes o acontecido nos últimos dois meses.

Descreveu o estado que encontrou o castelo e seus habitantes quando chegou, respondendo a urgente e sucinta mensagem de Leah, a inesperada e estranha aparição de sua prisioneira, as notícias do aprisionamento de Andrew, sua infrutuosa visita à corte... . escondeu de forma conveniente o acordo que tinha chegado com o rei Jacob, relatou a morte de Andrew com remorsos na consciência pela flagrante mentira inventada, que já tinha se espelhado por todo o país, até chegar a seus ouvidos. Nem mesmo Gideon podia conhecer aquela informação: era de vital importância que ninguém soubesse que seu irmão estava vivo, porque só assim poderia investigar por sua conta, sem levantar suspeitas, até achar o culpado por tal escarcéu a sua família e fazê-lo pagar toda a dor e agravos que lhes tinha ocasionado.

Gideon se sentiu aniquilado ao comprovar que os rumores que tinha ouvido eram certos. Culpou-se sem clemência por não ter estado presente naquelas amargas horas, por não ter estado ali quando aconteceu o vil assalto ao castelo, por não ter podido ajudar seu irmão mais velho, impedindo que o capturassem e que morresse na prisão. Estava destroçado pela angústia daquela tragédia, que os tinham golpeado selvagememente, e sentia uma grande impotência por não ter feito nada. Cedric tentou convencê-lo que ele não poderia ter evitado nada do que aconteceu. Durante longo tempo estiveram analisando o mínimo detalhe do ocorrido, mas como aconteceu com Cedric, Gideon foi incapaz de tirar alguma conclusão a respeito. Quando chegou a hora de falar sobre sua prisioneira, Cedric ficou surpreso com a inflexibilidade demonstrada pelo

tom de voz de seu irmão ao rebater seus argumentos.

— Cedric, não acredito que seja correto. Que pretende conseguir mantendo-a cativa aqui? Não é uma simples camponesa e sabes disso. Se o conde de Berwick chegar, a saber, que a tem retida, toda sua fúria e força caíram sobre nós.

— Gideon, estou convencido que essa mulher é uma peça chave em tudo isso. Já te expliquei o selo, mas ainda tenho um palpite. Não pergunte por que, mas eu sei.

— Mas é necessário que a tenha nessas condições? Cedric esta meio nua e presa como um animal... por muito que tenha a ver com o sucedido, esta situação toda é indigna a uma dama. — disse Gideon, claramente escandalizado.

— Irmão, esse é seu castigo por ter tentado fugir. Não questione minhas decisões. Sei o que tenho que fazer. — afirmou Cedric taxativo.

— Deveria ser cuidado. Isso pode se voltar contra você se descobrirem que a mantém cativa, porque suponho que não tem muitas pessoas que sabem de sua existência, verdade?

— Todos os meus homens estão informados, dado o barulho que provocou sua fuga. Não quero que isso volte a se repetir. Na realidade, a exceção de Leah, quase todo mundo do castelo sabe que a tenho encerrada, porque me viram quando a trouxe de volta. Entretanto, confio nessa gente, sei que são leais e não diriam nada.

— Não sei Cedric, não sei...

Cedric ficou impressionado pela maturidade que mostrava seu irmão menor. Nunca teria imaginado, mas ao longo do

tempo passado longe de sua família o tinha convertido em um homem. Ainda assim, ele tinha suas próprias ideias sobre como manejar o assunto.

Não se deixaria convencer por um moço mais jovem que ele. Apesar de tudo, aquela conversa lhe deu o que pensar.

Talvez tivesse extrapolado um pouco ao acorrentá-la durante tanto tempo, dada a segurança que reinava ali agora. Embora andasse livre pelo castelo, jamais voltaria a escapar como fez anteriormente. Tinha dobrado as defesas e já não ficava nem um só ponto débil por onde ela encontrar um caminho para fugir. A área situada abaixo de sua janela estava controlada dia e noite por guardas permanentes, a mesma coisa que na porta de seus aposentos. Não tinha nenhuma via de escape.

Por outro lado, estava o tema de sua vestimenta. Era certo que sua decisão de tê-la vestida com um simples camisão raiava ao imoral, mas tinha se acostumado vê-la assim e desfrutava enormemente com suas constantes raivas. Divertia-se com o fato de pilhá-la desprevenida quando estava se asseando, a vergonha e o pudor que mostrava seu rosto ao ser descoberta era muito succulento para passar sem. Além disso, dava-lhe um poder sobre ela que era muito conveniente. Não ia acontecer nada se prolongasse aquela situação por mais um tempo. Tinha um objetivo em mente e estava disposto a consegui-lo fosse como fosse.

Quando Cedric subiu para seus aposentos já era quase meia noite. Depois da longa conversa mantida com Gideon, a qual tinha sido muito dura por ter que enganá-lo, só queria

liberar a frustração que sentia contra alguém e Chloe era o objetivo mais claro. Tinha vontade de incomodar um pouco sua prisioneira, embora só fosse para tirar o amargo sabor que tinha ficado depois da conversa. Tentaria irritá-la um pouco mais que o normal, para ver se respondia como o fazia nos primeiros dias que a teve ali. Na realidade, acreditava que tinha perdido essas trocas dialéticas desde que ela não se alterava tanto para usar aquela linguagem vulgar, tão imprópria a uma dama, que tanto o tinha surpreendido no início, mas que lhe fazia muita graça.

Aproveitava seus furiosos arrebatamentos para aproximar-se dela e tocá-la, com a desculpa de provocar danos físico se seguisse insultando-o, deixando cair como uma ameaça velada carregada de intenções. Era então, quando se estabelecia um contato real entre eles, quando ela se punha mais nervosa. Embora quisesse ocultá-lo com uma máscara de fria indiferença, as respostas que emitia seu corpo não mentiam. Começava a tremer como uma folha e de sua boca só saía incompreensíveis balbucios. Depois, toda sua vontade consistia em afastar-se o mais rápido possível dele. Sua proximidade a afetava, estava seguro disso, e isso no fundo o satisfazia enormemente.

Sentiu um frio brutal quando entrou no quarto, ainda que o fogo da chaminé levasse horas aceso. Um vento gélido soprava do exterior, entrando de maneira persistente pelas janelas. Depois de um rápido olhar, descobriu Chloe deitada aos pés da cama, feito um novelo. Fez uma careta; tinha pegado uma das peles que serviam como almofada para cobrir-

se. Aproximou-se dela com a intenção de reprovar sua insensatez por não ter tapado as janelas, mas viu que estava profundamente adormecida e algo em seu interior o impediu de acordá-la. Assim quieta, com as feições relaxadas e a respiração pausada, parecia uma inocente e tranquila jovem, não a megera que era quando estava acordada. Ele mesmo colocou umas peles nos buracos das janelas, enquanto anotava mentalmente que no dia seguinte deveria admoestá-la por sua insensatez. Depois tirou as botas e se meteu na cama, ficando dormido no mesmo instante.

Como era habitual, Cedric acordou antes de Chloe. Os troncos que tinha colocado na chaminé no dia anterior já tinham quase se consumido todo, assim que a primeira coisa que fez foi lançar uns troncos de madeira para avivar a chama. Agitou as brasas com o atizador e o fogo voltou a crepitar vivamente. Depois se levantou e dirigiu seus passos para a jovem.

— Desperta, mulher. Já é dia.

Chloe não se moveu. Estava deitada de lado, com o rosto virado para a cama e o corpo coberto com a pele.

— Não seja folgada. Levante-se.

Cedric lhe deu um, ligeiro pontapé, mas ela permaneceu imóvel.

— Será possível... ? Agachou-se para sacudi-la com vontade, mas quando deu a volta, viu que Chloe mantinha os olhos fechados e sua pele estava muito pálida. O rosto de Cedric mudou ao agarrá-la pelo braço e sentir como uma queimação atravessava o tecido até a gema de seus dedos.

Levou sua enorme mão até a testa da moça e constatou que estava ardendo em febre.

Aquilo era um imprevisto que não tinha calculado. Tinha ficado tão obcecado em mantê-la ali só de camisã, para torturá-la e deleitar a vista com seu apetitoso corpo, que não tinha sido consciência que se aproximava o inverno e, com ele, o frio. Ele era o responsável por ela estar enferma. E agora? Como enfrentaria essa situação?

Demorou menos de dez segundo em decidir-se. Pegou a chave do grilhete que sempre levava ao pescoço para que Chloe não tivesse oportunidade de escapar, abriu a fechadura e liberou sua mão. Sentiu um leve remorso ao reparar nas marcas roxas que o metal tinha causado na pele imaculada de seu pulso, mas em seguida a tomou nos braços e a depositou sobre a cama, tapando-a com o cobertor.

Depois se aproximou da bacia com água e molhou um pequeno pedaço de pano, escorregou bem a água, dobrou em quatro partes e, depois de sentar na beira da cama, colocou em sua testa. Então olhou fixamente o rosto de Chloe; seus olhos estavam rodeados de profundas olheiras e a boca tinha um inquietante tom azulado. De modo inconsciente passou um dedo por seus carnudos lábios, notando que a fina pele desta área estava seca e enrugada.

Levantou-se de um salto. O que tinha que fazer agora? A febre de Chloe aumentava à medida que o dia avançava. Não ficou mais remédio a Cedric que avisar Leah, pois ela era a única pessoa ali que conhecia alguma coisa de enfermidades e curas. Tinha preferido não ter que informá-la da presença de

sua “convidada”, mas a situação tinha chegado a um ponto que necessitava medidas urgentes.

Desde que se inteirou da morte de Andrew, Leah tinha ficado reclusa de forma permanente em seus aposentos. Todas as noites, depois de resolver os numerosos problemas que surgiam diariamente no castelo, Cedric ia até a torre para lhe fazer uma breve visita. Não sabia como tratá-la em seu estado, assim que se limitava a cruzar umas quantas palavras corteses com ela e depois voltava a deixá-la só com seu sofrimento.

Em várias ocasiões esteve a ponto de confessar-lhe a verdade, dada a apatia e aflição que tinham se apoderado dela, mas quando isso ocorria, obrigava-se a ser inflexível em sua decisão para não sucumbir a tentação.

Cedric ficou parado durante uns momentos diante da porta. Ignorava qual seria a reação de Leah ao inteirar-se que mantinha ali uma prisioneira, em seu próprio quarto, uma mulher que acreditava que tinha muito a ver com o acontecido a Andrew. Afinal se decidiu. Já veria como encarar a situação. Bateu duas vezes com os dedos e esperou uma resposta. De dentro veio a voz de Leah.

— Entre.

Cedric abriu a porta lentamente e entrou. Sua cunhada estava sentada junto à janela, vestida com um longo camisão e uma bata. O cabelo lhe caía solto por trás da banquetta, roçando as almofadas que tinha a seus pés. Leah sujeitava algo entre as mãos, mas seu olhar permanecia ausente em um ponto indefinido do outro lado da habitação. Quando se aproximou, viu sobre seu colo uma velha e desbotada capa.

Agarrava-a com tanta força que seus dedos tinham um tom embranquecido.

— Leah...

— Ainda conserva seu cheiro. — ela enterrou seu rosto no vestuário e inalou profundamente. — Cedric, não posso aceitar a ideia de que já não esteja ao meu lado. Como poderei viver sem ele?

Outra mentira. Odiava essas ocasiões que precisava mentir para lhe dar ânimo, sabendo na realidade que não era necessário. Entretanto, não ficava mais remédio que manter aquela farsa.

— Aprenderá a sobreviver pouco a pouco. A vida dá muitas voltas, Leah. Não desmorone.

A mulher ficou calada. Às vezes não entendia que Cedric queria dizer com suas palavras; era como se soubesse algo que ela desconhecia. Mas não, tudo devia ser produto de sua imaginação.

— Gideon veio me ver. Pobre moço... gostava tanto de Andrew! Estava desolado depois de saber do sucedido.

— Eu sei, mas precisamos ser fortes e seguirmos adiante. Sei que não é o melhor momento, mas eu... venho te pedir um favor.

— Do que se trata? — Leah se voltou para ele, surpresa de que solicitasse sua ajuda para algo.

— Preciso que venha ver alguém que está doente. Sei que você saberá o que precisa fazer.

Meia hora depois, Leah se encontrava já, impecavelmente vestida, nos aposentos de seu cunhado. Quando se inteirou do

estado de cativo da jovem, pois a gritar ao céu, apesar de que Cedric argumentou os motivos que tinha para fazê-lo. Sua raiva foi monumental ao descobrir que tinham ocultado sua presença durante tanto tempo, assim como as razões pelas quais estava ali. Incitou-o a explicar tudo que sabia e até então tinha escondido dela. Ele o fez, mas deixou de fora detalhes referentes a Andrew.

Leah permaneceu um bom momento junto à moça. Ficou escandalizada ao saber que levava mais de dois meses vestindo uma única camisa de homem, pelo que não duvidou em recriminar Cedric por sua atitude intolerante e primitiva. Ordenou a um servente que trouxesse uma de suas camisolas, enquanto ela se dedicava a baixar a febre aplicando cataplasmas de água fria por todo o corpo. Cedric a observava trabalhar de um canto do quarto, apoiado contra a parede e com o olhar fixo na cama, embora sua expressão fosse inescrutável. Parecia como se, de uma vez, tivesse desaparecido a desconsolo de sua cunhada, que se arrastava há semanas, e toda essa tristeza tivesse se convertido em firme determinação.

Como a febre de Chloe não diminuía, Leah mandou trazer vários baldes de água fria para encher a tina; depois pediu a duas serventes que ficassem com ela e em seguida, indicou a Cedric que saísse imediatamente. Ele se negou, embora não pode vencer a enorme resolução da mulher. Alegou que este era seu quarto e Chloe sua prisioneira, que ele mandava ali, mas Leah fez caso omissos de seus protestos. Chamou-o de bárbaro, insensível e irresponsável, e ele começou a rir, recordando as mesmas palavras utilizadas pela jovem, dias atrás. Entretanto,

não ficou mais remédio que aceitar e sair quando ela ameaçou golpeá-lo na cabeça com o atizador de chaminé, para ver se assim recuperava a sanidade.

Com a ajuda das criadas, meteram Chloe na banheira e a mantiveram ali durante vários minutos. Quando a moça entrou em contato com a água fria se agitou, mas não a ponto de acordar. Depois, secaram-na cuidadosamente e lhe puseram a camisola que tinha sido trazida a toda pressa pelo próprio Gavin, surpreso de que lady Leah tivesse saído de seus aposentos. Queria ver por si mesmo o motivo pelo qual saiu de sua letargia e voltava a repartir ordens. Ao final de uma hora, Leah abriu a porta e encontrou Cedric esperando junto ao guarda que custodiava a entrada. Ambos os homens permaneciam no mais absoluto silêncio.

— Vejamos se o banho consegue abaixar a temperatura. Agora está descansando na cama, bem abrigada com várias mantas. — o olhar de censura que lhe deu foi óbvio. — Cedric, como pode atuar de forma tão irresponsável? — lhe reprovou.

— Leah, não questione minhas decisões. Fiz o que acreditava ser necessário.

— Ah sim? Pois eu acredito que atuou de forma estúpida e infantil. Por Deus, essa jovem é uma dama! Não quero nem imaginar a vergonha que deve ter passado. Além disso, não se deu conta de que já estamos às portas do inverno?

— Olhe, Leah, não vou discutir com você. Agradeço-lhe que tenha me ajudado, mas não penso consentir que se intrometa em meus assuntos. Sei o que estou fazendo.

— Não pretende que a moça continue aqui, verdade? Isso é

muito inadequado além de indecoroso. Ordenarei que a transladem a outro quarto imediatamente.

— Não fará tal coisa! — exclamou ele — Ela permanecerá onde está, onde possa tê-la constantemente controlada. Assim que fica aqui.

— Mas, Cedric. Como se atreve?

— Leah, nisso não entra discussão. Farei assim e ponto. — afirmou categórico.

— Isso é inadmissível!

— Dá-me igual o que pense. É minha prisioneira e eu sei como manejá-la.

— Mas é uma dama! E está doente.

— Graças a seus cuidados, essa situação logo estará resolvida. — o tom de Cedric suavizou um pouco — Será que não entende que quero descobrir o que aconteceu realmente com Andrew? Ela tem a chave e não pararei até tirar dela tudo o que sabe.

Custou-lhe esforço convencê-la de que Chloe não ia a nenhum outro lugar que não fosse sua habitação. Leah discutiu acaloradamente, mas Cedric se manteve firme e inflexível. Como não conseguiu convencê-lo, deu-lhe as costas de forma irada e se afastou dali com toda a dignidade que uma dama como ela podia mostrar.

Entretanto, à medida que sua imagem se perdia pelas escadas, o som de uma sequência de grosserias nada femininas ia dirigido a todos os homens e mais ainda a Cedric, em particular, chegando até seus ouvidos.

CAPITULO 17

Durante a noite, Chloe esteve delirando.

Como ela ocupava sua cama (embora não nas agradáveis circunstâncias que ele teria gostado) Cedric não ficou mais opção que dormir sentado na poltrona. Tinha descansado em lugares piores, inclusive ao ar livre, sobre o mais frio e duro solo, assim que não lhe importou ter que utilizar o assento. Ao menos, estava no coberto.

Entretanto, não podia dormir.

Parecia estranho, mas até que a moça não melhorasse, não conseguiria respirar tranquilo. E a ele o que importava se vivia ou não? Afinal era sua prisioneira, alguém em quem não podia confiar e a quem mantinha cativa porque estava relacionada com os trágicos acontecidos com sua família. Ainda assim, algo em seu interior dizia que não tinha sido justo com ela.

“Maldição. Não posso estar abrandando” pensou contrariado.

Cedric mudou pela enésima vez a posição das pernas e bocejou. Tinha sono, as pálpebras pesavam como chumbo e seu corpo pedia aos gritos para descansar, mas era incapaz de

dormir. Ainda que a respiração irregular de Chloe fosse tênue, esse débil som martelava em sua cabeça como se fosse um estrondo. Aquilo era exasperante. Não conseguia aguentar por mais tempo e se colocou de pé, avançando para a cama enquanto tentava não fazer ruído. Tinha que comprovar que não tinha piorado.

Ela se mexia desconfortavelmente sob os lençóis. A luz na habitação era escassa, só brilhavam algumas velas acesas e o fogo da chaminé, mas Cedric percebeu a testa da jovem salpicada de suor. Por culpa dos movimentos involuntários produzidos em seu delírio, algumas mantas tinham ido parar no chão, assim que as recolheu e voltou a colocá-las em seu lugar, sobre o corpo quente de Chloe. Ao subir uma delas até seu pescoço, percebeu que estava tiritando de frio.

“ Merda. Eu não gosto disto.”

Cedric a cobriu bem com tudo que encontrou e avivou o fogo até que o ambiente se tornou quase irrespirável, mas mesmo assim ela seguia tremendo. Só ficava uma coisa a fazer. Meteu-se na cama com ela.

O colchão de plumas cedeu sob seu peso. A seu lado, ela parecia frágil, insignificante. Com cuidado passou um braço por suas costas e a aproximou de seu peito, abraçando-a com seu corpo para dar-lhe mais calor. A camisola estava empapada de suor e se pegava ao corpo como uma segunda pele. Ele se arrepiou ao sentir o contato do tecido molhado e, mesmo sabendo que não era uma boa ideia, não duvidou em tirá-la.

Aquela foi a pior noite da vida de Cedric.

As vivas chamas que ardiam na chaminé criavam um jogo de luzes e sombras no quarto, gerando um entorno íntimo e sensual. Quando retirou os lençóis para retirar a camisola, não pode evitar olhar a esplêndida imagem daquele corpo voluptuoso e úmido, cuja pele brilhava como se tivesse sido banhado em azeite e se recreou em sua contemplação por um longo tempo.

Havia crescido junto a várias mulheres, mas a excitação que sentiu ao ter nua entre seus braços aquela jovem, era diferente de tudo que já tinha vivido até então. Seu corpo se acendeu, desejoso de explorar cada um de seus mais ocultos segredos, percorrer com as mãos e a boca o delicioso bocado que se mostrava ante seus olhos. Uma loucura transitória o levou a pousar os dedos sobre a curvatura que formava o gracioso pescoço de Chloe com as costas, baixando lentamente pela coluna vertebral até chegar a esbelta cintura e, depois voltou sobre seus próprios passos, com lentidão, de novo subindo até a base do crânio.

Cedric sentia um tortuoso desejo insatisfeito e sua temperatura corporal se equiparou a dela. Morria por seguir investigando, por aprender de memória cada côncavo, cada curva, cada porção daquela sedosa pele. Queria prová-la, conhecer seu sabor e deleitar-se com aquela carne jovem, tão apetitosa e tentadora. Sua boca ficou ressecada imaginando os prazeres que poderia descobrir ao unir-se com ela em um frenesi de luxúria.

Roçou com sua mão a clavícula dela e sua virilha palpitou, gritando por internar-se naquele caminho maravilhoso que o

levaria até a culminação de seus mais ensandecidos apetites. O sangue corria furioso por suas veias, incitando-o a iniciar o cerco daquele terreno ainda proibido para ele.

Entretanto, a sanidade venceu suas escuras paixões e Cedric aguentou com estoicismo os fortes estímulos que gritavam por desencadear uma explosão em seu interior, retirando a mão antes de cometer uma insensatez. Fechou os dedos em punho e suspirou com resignação. Não ajudou o fato de que Chloe, sob os efeitos da febre, movesse-se entre seus braços e apoiasse a cabeça e as mãos em seu peito, agarrando-se a ele como se fosse sua única tábua de salvação. O corpo de Cedric ficou tenso como uma corda de arco e sua boca se converteu em uma linha dura, com dificuldade refreou seus mais baixos instintos. As seguintes horas seriam para ele uma verdadeira tortura.

Cedric velou o agitado sono de Chloe durante toda a noite, até que as primeiras luzes do amanhecer o encontraram exausto, vencido pela luta de vontades que seu corpo e sua mente tinham mantido entre si. Necessitava entrar no corpo quente de uma mulher urgente, porque se não fosse assim, estava seguro que ficaria louco. Tinha que encontrar alguém que saciasse urgente sua necessidade mais primária, que sufocasse o fogo que tinha começado a arder de um modo tão violento em seu íntimo. Qualquer uma das serventes do castelo o serviria, disse a si mesmo.

Levantou-se lentamente do leito, com cuidado para não fazer movimentos bruscos e calçou suas botas de cano alto, decidido a colocar remédio na ânsia que o atormentava entre

suas pernas. Entretanto, um rápido olhar a sua cama e a mulher que repousava placidamente nela, já tranquila depois da longa noite, estalou a língua com desagrado. Reconheceu com amargura e irritação que ela era a única que poderia aliviar sua insatisfação.

Saiu do quarto batendo a porta, sem importar-se que os ruídos que produziam seus passos alterassem o descanso de Chloe. A única coisa que pensava naquele momento era na fera que habitava dentro dele, teria que se conter de um modo ou outro se não quisesse que escapasse, fazendo estragos em tudo que estivesse ao seu redor.

Quando Chloe voltou a si, já era meio da tarde, tentou abrir os olhos, mas a luz que se filtrava através da janela fez-lhe dano, assim que levou a mão a frente para cobrir-se. Seus olhos eram duas finas aberturas que pouco a pouco se foram ampliando, até que pode aclimatar-se a luminosidade que reinava na habitação.

Ao descobrir que estava deitada na cama de seu captor, franziu o cenho. Como tinha ido parar ali? E o que era mais estranho: porque não estava presa?

Percorreu com a vista a habitação até que se fixou na silhueta que permanecia sentada, com as pernas estiradas e os braços cruzados, na poltrona situada junto à chaminé. Juraria que em um primeiro momento vislumbrou alívio nos olhos de Cedric, mas imediatamente seu olhar trocou para uma fria indiferença.

— Vejo que afinal despertou.

— Que... que aconteceu? Perguntou ela debilmente.

— Ficou doente. Deve ser uma mulher muito frágil para não poder suportar a troca de estação. — comentou Cedric com desdém — Desde ontem se apropriou de minha cama, mas agora já poderei dormir nela com tranquilidade, sem necessidade de suportar suas contínuas cotoveladas.

— O que? Dormiu comigo na mesma cama? — Gritou Chloe enervada.

— Claro! Não pensa que ficaria a noite toda nesta poltrona, dispondo de um leito em meus próprios aposentos, verdade?

Chloe o olhou com ódio e começou a levantar-se. Não queria ser agradecida em nada com aquele homem bruto. Retirou as mantas de seu corpo, mas voltou a se cobrir com rapidez depois de comprovar, escandalizada, que estava completamente nua. Entretanto, Cedric já tinha saltado da cadeira com uma mola.

— Nem te ocorra se levantar! — em duas passadas chegou até o enorme leito e a empurrou sem cuidado contra as almofadas — Ainda não está recuperada de tudo. — Cedric se contradisse com suas palavras, mas Chloe não percebeu este pequeno detalhe.

Um alarme tinha acendido em sua cabeça ao descobrir que ele tinha dormido junto a ela. E estando ela nua!

— Você... — disse com um ligeiro tremor na voz, enquanto se tapava até o pescoço com o lençol de linho — que aconteceu ontem? Não se atreveria... ? — A dúvida se refletiu em seus amedrontados olhos azuis.

— Você teria gostado, pequena raposa! — riu entre dentes — Mas não, teu corpo segue sendo uma incógnita para mim...

ainda. — agregou em um murmúrio.

Aliviada pela resposta, Chloe deixou escapar um suspiro. Teria sido degradante se tivesse ocorrido algo entre eles dois, embora uma pequena faísca de decepção picou-a de forma inesperada. Em que demônios estava pensando? “Nunca poderia ter algo a ver com esse homem” disse com firmeza para convencer-se de tal afirmação, molesta consigo mesma por ter pensado durante um instante, tamanha loucura.

Cedric que a observava com atenção enquanto ela se debatia em sua própria luta interior, agachou-se, recolheu do chão o camisão que tinha tirado horas atrás e o lançou a cara.

— Toma, coloque isso. Não acredito que queira me tentar sem necessidade ou sim? — levantou uma sobrancelha esperando sua resposta.

— Antes disso teria que ter perdido todo o juízo. — bufou Chloe contrariada, sem ser consciente de suas estranhas palavras.

Às vezes não entendia nada do que ela falava, mas mesmo assim, um sinistro sorriso se formou em sua boca, enquanto ele caminhava até a poltrona e sentava de novo. “Antes do que pensa, moça” disse para si mesmo com convicção.

Ela se meteu embaixo dos lençóis e, não sem certo esforço, passou o camisolão pela cabeça. De repente, se deu conta de uma coisa e voltou a emergir de entre a roupa de cama.

— Onde esta minha camisa? — perguntou com receio.

— Quer dizer minha camisa, — corrigiu ele — já não está. Agora tem “isso” que te tampa mais, — o tom de sua voz adquiriu um matiz de decepção — acaso quer recuperá-la?

— O que me pergunto é: quem a tirou e me deixou desnuda? — perguntou ela.

— E se te digo que fui eu? — respondeu ele divertido, já sabendo que aquela pequena mentira escondia uma grande verdade.

— Não sei por que pergunto. Você... você é um descarado insuportável. Vá para o inferno! — Chloe deu meia volta e tapou a cara com as almofadas.

Durante vários minutos nenhum dos dois disse nada. Ela não queria olhá-lo, teria cuspidido se o fizesse, porém ele não lhe tirou os olhos de cima. O silêncio que reinou na habitação se fez opressivo até que Cedric o rompeu, atrevendo-se a fazer a pergunta que estava rondando sua mente desde a noite anterior.

— Quem é Martin?

Aquilo a pegou de surpresa. Chloe levantou a cabeça e cravou os olhos nele. Seu rosto era uma máscara indecifrável que não expressava nenhum tipo de emoção e, a sua, ao contrário, mostrava tudo, desde a expectativa até a ira ferreamente controlada.

— Porque pergunta isso? — disse com voz precavida.

— Enquanto delirava, ouvi gritar esse nome várias vezes. Quem é? — insistiu.

— Não sei. — respondeu ela com sinceridade.

— Era seu amante? Não será o homem que levou a ofensa a meu irmão? Exijo que me responda imediatamente! — Cedric pôs as mãos nos antebraços da poltrona com a clara intenção de levantar-se e lançar-se sobre ela. Parecia um predador que

tinha avistado sua presa e estivesse a ponto de saltar em sua jugular. Com dificuldade conteve-se, sua testa estava crispada, seu queixo endurecido e seus dedos aferravam com brutalidade o assento, o que não era um bom augúrio.

— Você não está bem da cabeça... como pode seguir uma e outra vez com a mesma história? Não sei quem é esse? Martin!

— Ah não? Então porque não fazia mais que repetir esse nome em seus sonhos?

— Eu repito que não sei! Eu... não lembro nada do meu passado. Tem certeza de que eu dizia isso?

— A que se refere de que não lembra nada de seu passado?
— perguntou Cedric com espanto.

Chloe não estava nada convencida de como tomaria a explicação, dado o pouco crédito que ele tinha dado a ela com relação a tudo. De qualquer forma, explicou.

— Toda minha vida é um enigma para mim. Não tenho nenhuma só recordação que vá além de uns quatro meses. Meu esposo, lorde Davie Whitney, encontrou-me inconsciente na praia e me levou até seu castelo. Quando acordei, dei-me conta de que não sabia quem eu era. Tenho tentado recordar algo, mas até agora, a única coisa que minha mente pode trazer foi uma imagem borrada de um homem que não conheço. Talvez seja esse homem a quem chamava, Martin, era dele esse nome...

— Mulher, acaso pensa que nasci ontem? Esta é a história mais inverossímil que ouvi em toda minha vida!

— Estou dizendo a verdade! — respondeu Chloe.

— Está me dizendo que o filho de um conde se encontrou

com uma desconhecida e alguns meses depois se casou com ela, embora sem saber nada de seu passado? Esse argumento não tem pé nem cabeça, embora reconheça que é uma boa desculpa para caçar alguém, sobre tudo, um membro da nobreza.

— De que demônios está falando? Eu não cacei Davie. Tinha-lhe muito carinho, queria-o como a um irmão, mas nunca tive a intenção de que se apaixonasse por mim e, muito menos, amarrei-o.

Cedric entornou os olhos, intrigado. Não acreditava em uma só palavra do que dizia, mas lhe seguiu o jogo esperando para ver até onde chegava com suas mentiras.

— Supondo que o que está dizendo é certo. Então, porque se casou com ele?

— Foi seu pai, o conde de Berwick, quem conseguiu a base de seus jogos sujos. Logo que se converteu em meu tutor legal, utilizou-se desse ardil para me impor o casamento com Davie.

— Essa suposta perda de memória foi muito conveniente para você, verdade?

O que não me explicou como conseguiu enganar a todos.
— espetou Cedric com desdém.

— Será que não escutou nada do que eu disse?

Chloe fervia de fúria por dentro, mas só o manifestou com um ligeiro tremor de seu lábio inferior. Aquele homem era um completo teimoso!

— Deve ter uns excelentes encantos ocultos para fazê-lo com que ficasse tão louco por você que até lhe pediu em matrimônio. Que artimanha usou para que caísse em sua

rede? — tinha uma pergunta que estava lhe queimando a língua, assim a soltou de supetão — Deitou-se com ele?

Perdendo toda a resistência, Chloe se lançou para Cedric com a intenção de golpeá-lo. Ele se levantou com rapidez e a segurou pelos punhos quando esses já estavam a escassos centímetros de seu rosto.

— Impertinente! Ignorante! Como se atreve? Isso a você não importa!

— Deitou-se com ele? — resmungou entre dentes.

— Não! — gritou Chloe encolerizada — assassinaram-no no dia de nosso casamento! Como pode ser tão ruim? — ela lutou quanto pode, movia a cabeça de um lado a outro, como um cão raivoso. Por essa razão não pode apreciar os olhos de Cedric se escurecendo até converter-se em dois carvões.

Naquele momento soaram uns golpes na porta e, em seguida, está se abriu. Cedric apartou Chloe de um empurrão e se deu a volta. Quando descobriu quem era a pessoa que teve a ousadia de entrar em seu quarto sem esperar aprovação de sua parte, grunhiu baixo. Depois deixou o quarto sem dizer uma palavra, ante o atônito olhar de Leah.

Com a raiva desenhada em seu semblante, Chloe ficou olhando a mulher que se aproximava dela. Tinha o cabelo loiro como o trigo, recolhido em uma longa trança que caía sobre seus ombros e uns grandes e expressivos olhos cor de mel marcando uma face de belas feições. Era pequena, de aspecto frágil, mas depois de olhar por alguns instantes o vão vazio da porta de olhos bem abertos pela surpresa, aproximou-se com uma determinação similar a de um guerreiro.

— Como se encontra? — antes que Chloe dissesse algo, Leah colocou a mão em sua testa. Assentiu com satisfação ao comprovar que já não tinha febre e lhe passou uma mecha de cabelos atrás da orelha, como se fosse uma menina pequena, o gesto agradou profundamente Chloe que sentiu uma afinidade imediata com ela — Como passou a noite?

— Quem é você?

— Oh perdoe minha falta de educação! Meu nome é Leah e sou a senhora dessa casa.

— A... a esposa de lorde Cedric? — perguntou com cautela.

— Claro que não! — riu Leah — Ele é irmão de meu falecido marido, lorde Andrew. — seus olhos se entristeceram ao recordar seu amado esposo, mas tragou saliva e seguiu falando — Faz dois meses que enviuei, uns dias depois que você chegou aqui, embora somente ontem fosse informada de sua presença.

— Eu... não sei o que lhe contaram sobre mim, mas de verdade lamento muito sua perda. Sei perfeitamente o que sente.

Leah a olhou com atenção. Cedric tinha explicado que o esposo de Chloe tinha sido morto horas depois do casamento, embora não tenha lhe dado mais detalhes. Apoiou uma mão sobre seus ombros e apertou com delicadeza, fazendo-a ver que entendia sua dor.

— O destino nos reservou uma carga pesada. Ainda assim precisamos ser fortes e aguentar tão duras cargas. — afirmou Leah triste — Por certo, falando de contrariedades... esse moço insensível que tenho por cunhado não te causou muitos

problemas, verdade?

Chloe se assombrou da audácia de Leah ao falar de Cedric. Definitivamente aquela mulher lhe caía bem. Muito bem.

— Suponho que tenha se comportado como sempre faz, mas não, não me deu mais trabalho que os ocasionados durante estes últimos dias.

A expressão de Leah suavizou, dando a entender que lhe tinha muito carinho, embora não aprovasse de forma alguma suas ações.

— Cedric é um bruto intransigente, mas não é má pessoa. Embora não me tenha explicado como a tem retida há tanto tempo aqui sem me falar de sua presença. Não se preocupe, porque a partir de agora isso vai mudar de forma radical.

Chloe elevou uma prece aos céus pela chegada de Leah. Afinal poderia ser livre!

— Quando avisarão a lorde Lambert para que venha me buscar? — atreveu-se a perguntar. A ilusão e a impaciência embargavam sua voz.

Leah a olhou com lástima. Odiava ter que contrariá-la e minar seu otimismo que podia se ver em seus olhos esperançosos.

— Oh, acredito que interpretou mal minhas palavras! — respondeu contrariada enquanto negava com a cabeça — Embora não goste do que fez Cedric contigo, não posso contradizer suas ordens. Como me deixou bem claro, é sua prisioneira, assim que não posso fazer nada. Até que ele decida liberá-la, não poderá sair deste castelo.

Com efeito, a decepção tomou conta de Chloe.

— Precisa me ajudar, por favor! Ninguém sabe que estou aqui presa. Lorde Lambert deve estar desesperado ao desconhecer meu paradeiro. Eu rogo, faça algo!

— Lamento muito. — Leah tomou sua mão entre as suas e as apertou em um gesto afetuosos — Asseguro-te, que se dependesse de mim, agora mesmo já não estaria mais aqui. Por isso peço que diga a Cedric tudo que ele queira saber. Quanto antes o fizer, antes te deixará livre.

Chloe soltou as mãos da mulher e levantou os braços em sinal de rendição.

— Eu disse o que sabia! Será que ninguém me acredita? — lágrimas de impotência umedeceram seus olhos — Por favor, eu suplico! Ajude-me!

Leah se compadeceu por ela. Estava claro que dizia a verdade, mas sabia como era Cedric e seu jeito para certas coisas. Enquanto seu cunhado não acreditasse na inocência de Chloe, não teriam nada a fazer.

— Por hora, o único que posso fazer é tentar convencê-lo de que te deixe sair desta habitação. Não é bom que passes aqui o dia todo. Também não é correto que esteja no dormitório de um homem, mas contra isso não posso fazer nada. Meu cunhado foi inflexível neste aspecto. Espero, que ao menos, comporte-se como cavalheiro. — deu a volta para ela e seu tom de voz endureceu — Chloe, não permita que Cedric te diminua. Não aumente sua ira, mas também não permita que pise em você. E se tentar algo mais contigo, faça-me sabê-lo imediatamente.

— Mas, como vou fazer isso? Estou presa entre essas quatro paredes e as poucas pessoas que entram aqui, fazem como se eu não existisse. — explicou com uma expressão de derrota.

— Virei vê-la sempre que possa e vou insistir com Cedric para que deixe você tomar as refeições conosco. Agora que me dei conta... — Leah ficou pensativa durante uns instantes — necessita alguma roupa. É inadmissível que ande na frente de um homem que não seja seu esposo em roupas de dormir. E se, além disso, conseguirmos que saia deste quarto, será imprescindível conseguir algo mais adequado. Farei com que tragam alguns vestidos meus.

Chloe ficou de pedra ao escutá-la.

— Esse camisã é seu?

— Sim, é meu. Mandei trazê-lo ontem quando Cedric me chamou para solicitar minha ajuda. Estava ardendo em febre, moça, assim que tive que tirar a indecorosa camisa que levava, dei-lhe um banho de água fria e logo coloquei este camisã.

Chloe se enfureceu por uns momentos. Porque esse homem tinha mentido ao afirmar que tinha sido ele quem tinha colocado aquele camisã nela? Com certeza o tinha feito, para fatigá-la. Arghhhh!

— Agradeço muito seus cuidados, lady Leah. — disse com sinceridade.

— Não tem nada a agradecer. E por favor, só Leah. Não vejo necessidade de tanta formalidade. — na bondade que destilavam suas palavras foram como um sopro de ar fresco para Chloe.

— De acordo, Leah. É uma maravilha poder conversar com alguém sem precisar gritar o tempo todo.

— Cedric grita como um urso, verdade? — Leah piscou um olho — Quando fica assim, não lhe faça caso. É uma boa forma de irritá-lo sem que possa fazer nada contra.

— Nisso estamos de acordo! — Chloe riu as gargalhadas. Ficou surpresa, pois já tinha mais de dois meses que não se sentia tão bem, desde que estava com Davie em Whippledone. Davie... o riso deu lugar a tristeza. Não merecia este fim!

— Bem, Chloe! Creio que vou deixá-la descansar. Não é conveniente que se distraia tanto enquanto está convalescendo. Agora volte a cama. Espero que se reponha com rapidez, porque agora mesmo vou falar com aquele rufião que tenho por cunhado para convencê-lo que deixe abandonar esta habitação.

— Obrigada. — foi a única coisa que pode responder.

Chloe teve mais visitas àquela tarde do que em todo o tempo que levava presa. Leah acabava de sair quando a porta se abriu de novo. Como tinha voltado à cama, atendendo ao conselho dado por Leah do que a ordem de Cedric, ninguém tinha acendido velas, assim que as luzes do crepúsculo conferiam as paredes um tom púrpura, escurecendo os cantos mais afastados do quarto. O mobiliário começava a sumir diante de seus olhos, e a porta era um simples retângulo difuso. A primeira impressão de Chloe ao ver aquela silhueta borrada no vão era de que Cedric tinha voltado, mas a modulada e agradável voz que provinha dali a tirou de seu erro.

— Permite-me entrar, milady?

Pouco a pouco o contorno indeterminado da figura foi

criando forma, até que ela se deu conta de que era o irmão mais novo, Gideon.

— Se me desculpa, lady Chloe, vim ver como se encontra. Ontem soube por meu irmão que tinha caído enferma, mas acabo de cruzar com lady Leah na galeria e ela me informou que, parece já estar bem melhor. Precisa de algo?

“Sim, necessito sair daqui o quanto antes.”

— Agradeço seu interesse, mas não preciso de nada. Obrigada.

— Nem mesmo um pouco de companhia? — perguntou ele com cortesia — Suponha que na qualidade de prisioneira, não receba muitas visitas. Equivoco-me?

— Em absoluto. Será maravilhoso desfrutar de uma agradável conversa, se a você não importar.

— Milady, para mim será todo um prazer. — Gideon se sentiu exultante de alegria — Meu irmão está te tratando bem?

“Esse não trataria bem nem sua Mae moribunda”, pensou Chloe com raiva.

— O melhor que se possa tratar alguém que seja prisioneiro. — respondeu com diplomacia.

— Quero que saiba que tive uma longa conversa a respeito de você com ele, reprovei seu imperdoável comportamento. Isto não é forma de tratar uma dama tão encantadora como você.

Chloe corou com aquele doce comentário.

— Suponho que ele fez caso omissso de seus protestos, verdade?

— Vejo que pouco a pouco vai conhecendo-o. Tem toda a razão: foi inflexível em sua decisão, embora não sou um

homem que se renda com facilidade. Desde que nasci tive que brigar com seu forte e impulsivo caráter, e sei que com paciência, astúcia e insistência, dará seu braço a torcer.

Que bem lhe caía àquela família! Bom, todos exceto Cedric. Se Gideon não se parecesse tanto a seu irmão, teria jurado que este primeiro tinha sido adotado, recolhido diretamente de uma toca de furões.

Estiveram falando um longo momento. Chloe ficou muito assombrada ao descobrir que Gideon era um homem de letras, extremamente culto. Gostava de música, pintura e as artes em geral, mas tinha aceitado as contínuas petições de seus dois irmãos para que se instruisse nas artes no combate. Ele não gostava nada daquele mundo, mas não teve mais remédio que acatar suas ordens. “Outra coisinha mais em sua lista de defeitos sem salvação”, apontou ela mentalmente.

Cada dia que passava aumentava sua antipatia por aquele desagradável homem.

Chloe foi muito simples em suas explicações quando Gideon perguntou sobre seu passado. Não queria que a chamasse de mentirosa, como tinha feito Cedric. À medida que podia, ela tentou direcionar a conversa, avassalando-o com diversas perguntas sobre seus gostos ocultos.

A noite caiu como um pesado veludo negro e Cedric os encontrou ali enquanto riam divertidos, alheios ao resto do mundo. Tinha tido uma grande discussão com Leah, na qual ela se mostrou taxativa na hora de fazê-lo ver o que pensava sobre seu comportamento. Finalmente Cedric tinha terminado por aceitar, embora fosse só para deixar de ouvir suas

contínuas acusações e reprovações. Que Deus o ajudasse, porque ele jamais pensava atar-se a uma mulher em sua vida! Se todas forem como sua cunhada, preferia morrer atravessado por mil espadas antes de cair nas redes de uma exasperante e permanente penitência como aquela.

Leah o tinha pressionado sem compaixão, até o ponto que Cedric sofria de uma aguda e persistente dor de cabeça quando por fim deu seu consentimento para que Chloe pudesse descer nas refeições. Entretanto, só o faria quando ele estivesse presente, já que não confiava naquela pequena harpia.

Quando estava chegando ao alto das escadas, seus instintos de guerreiro o puseram imediatamente sobre aviso. Na distância apreciou que no fundo do corredor, onde ficavam seus aposentos, a porta estava encostada. No primeiro momento não viu ao guarda, assim que acelerou o passo até que o encontrou apoiado na esquina da porta do dormitório contíguo ao seu, com os olhos fixos no quarto. Isso o tranquilizou, embora o recriminasse com o olhar por conta da porta não estar fechada. Imediatamente soube o porquê: tinha mais alguém ali dentro.

Aproximou-se como um felino e aguçou os ouvidos. Comentários hilariantes. Exclamações de assombro e incredulidade. Risos. Com certeza, risos de uma mulher.

Aquele som se assemelhou a música celestial em seus ouvidos. Durante o longo tempo que tinha passado com Chloe, jamais tinha ouvido brotar de seus lábios semelhante cadência. Aquilo lhe mordeu as entranhas, embora não soube explicar o motivo. Então empurrou a porta com o ombro e, com seu

enorme corpo, invadiu o espaço. O riso se suspendeu no ato.

— Interrompo algo? — perguntou com sarcasmo.

Pelo susto, Chloe se lançou para trás e golpeou a cabeça no encosto da cama. Sua expressão foi de raiva contida, porque sabia que a diversão tinha chegado ao fim.

— Ah Cedric, por fim chegou! Estava contando para Chloe a anedota de quando tinha quinze anos, aquela que tentou pegar um leitão, caiu de cheio sobre o esterco da pocilga e os animais te pisotearam.

Cedric cravou o olhar em seu irmão.

— Saia daqui.

— mas...

— Disse que saia, Gideon. Já.

O moço se desculpou com Chloe e abandonou o quarto, não sem antes fazer uma careta de brincadeira às costas de seu irmão que não chegou a ver, mas ela sim, cujos lábios começaram a curvar-se em um esplendoroso sorriso. Sua radiante expressão se congelou a meio caminho quando se fixou no semblante contrariado de Cedric.

CAPITULO 18

— Acaso acredita que é uma convidada neste castelo?

Chloe dedicou a Cedric uma careta de desprezo, mas não respondeu a sua mal-intencionada pergunta.

— Pode-se saber o que faz a todos? É como se estivessem comendo em suas mãos? Não seria uma bruxa, verdade?

Chloe o olhou sem compreender. “O que está insinuando agora?”

— Leah, Gideon... parece que minha própria família se voltou contra mim. E a culpa é sua! — Cedric a assinalou com o dedo acusador — Desde que souberam de sua presença aqui não pude desfrutar de nenhum momento de paz!

— Talvez seja porque despertaram a voz de sua consciência, e os remorsos são o que não te deixa viver. — atacou ela.

— Não seja insolente! Minha consciência está muito tranquila, moça. É você quem deveria meditar sobre seus atos.

— Eu? Mas se eu não fiz nada! — exclamou Chloe ofendida.

— Esse é o problema: não disse nada! Você é a única responsável pela situação atual, não eu, tal como minha família está empenhada em me fazer ver.

— Não será porque eles são mais conscientes que você?

O rosto crispado de Cedric a impressionou de tal modo que Chloe decidiu parar de provocá-lo. Seus olhos brilhavam com fúria mal contida e sua poderosa mandíbula estava endurecida em uma careta cruel.

— Mulher, está jogando com fogo e vai se queimar. É a ultima vez que te aviso.

Em seguida caminhou para a parede de onde caía a corrente, recolheu o extremo com o grilhete e se aproximou da cama. Chloe se revolveu entre os lençóis para evitar que capturasse seu braço, mas ele a imobilizou em segundos e fechou o frio metal sobre o frágil pulso.

— Porque voltou a me prender? Perguntou.

— Tua língua viperina voltou a normalidade, assim acredito que já está suficientemente recuperada. Não quero me arriscar a que tente escapar durante a noite, enquanto durmo tranquilo em minha cama.

Aquilo era demais. Pretendia seriamente dormir junto a ela e ainda mais acorrentada? Isso que não permitiria.

Chloe afastou os lençóis com violência e de um salto, saiu da cama.

— Posso saber o que está fazendo? — perguntou ele — Volte agora mesmo para a cama! — Ordenou.

— De jeito nenhum, — Chloe ergueu o queixo de forma desafiante — não penso ficar neste quarto a menos de dois passos de você, e me dá igual o que diga.

— Sua impertinente... — em dois segundo o corpo de Cedric se abateu sobre o dela e a levantou do chão como se

fosse uma pluma, levando-a de novo para o leito — Fará o que lhe mando e ponto.

Acabava de soltá-la sobre o macio colchão quando os pés de Chloe voltaram a tocar o chão.

— Eu disse que não! — respondeu ela com raiva, cruzando os braços em sinal de insubordinação.

— Pode tirar do sério até o santo mais paciente... — lhe recriminou Cedric com dureza — Entra na cama de uma maldita vez!

— Não! — gritou ela a plenos pulmões. Afastou-se dele tudo o que a corrente permitia e, agachando-se a um canto, cobriu a cabeça com as pernas e os braços.

Cedric estava a ponto de submetê-la mediante a força bruta, atando seus pés e mãos na estrutura da cama se fosse necessário, mas logo pensou melhor. Se queria voltar a dormir no chão frio, que fosse. Isso não era um problema seu. Sentou-se sobre o leito, ignorando-a e começou a tirar as botas e a camisa. Quando terminou de despir-se, caiu na cama enquanto soprava a vela que brilhava junto à cama.

— Muito bem. Se quiser ter uma recaída, isso será um justo castigo por sua teimosia. Mas não pense que serei tão tolo para cometer duas vezes o mesmo erro. A próxima vez não serei tão considerado contigo e deixarei que congeles no chão.

Chloe levantou a cabeça em sinal de triunfo. Tinha-se imposto a esse bárbaro!

Como pode, acomodou seu corpo sobre a fria pedra e fechou os olhos. Ao cabo de um momento dormiu, embora não antes de ter se reprovado um milhão de vezes por seu estúpido

orgulho. Era uma néscia. Se tivesse engolido sua soberba, agora mesmo estaria descansando placidamente naquela confortável cama. Durante toda a tarde, tinha ficado deitada nela, assim que falava com conhecimento de causa, ao afirmar que tinha se equivocado de plano quando se negou a acatar as ordens do homem.

Cedric esperou com paciência até que a respiração dela se voltou regular. Passou mais de uma hora, na qual no mais absoluto silêncio, maldisse todos os impropérios aprendidos ao longo de sua vida. Mas ao fim tinha dormido, assim que se levantou, foi até ela. Com cuidado para não acordá-la, passou um braço por debaixo dos joelhos flexionados e outro pelas costas e a levantou do chão. Depois se encaminhou ao leito e a depositou com delicadeza extrema onde antes tinha estado deitado, na área onde conservava seu calor. Cobriu-a com os lençóis e mantas e depois se deitou muito próximo a ela.

A chuva castigava o exterior, repicando com força contra as paredes de pedra. As peles que cobriam as janelas ondeavam com a fúria do vento selvagem, mostrando parte do céu cinza escuro e triste, que indicava os momentos prévios ao amanhecer.

O som de um trovão ao longe despertou Chloe. Sobressaltada, emitiu um pequeno grito e abriu os olhos, observando o que tinha a seu redor. A última coisa que lembrava era ficar dormida no chão frio, xingando sua teimosia.

Contudo, não era frio o que sentia naquele momento, sim um agradável calor que envolvia todo seu corpo. Estava

perplexa, pois não entendia como podia ter se acostumado tanto a descansar em tão penosas condições, que chegava a acreditar estar em uma posição cômoda. Até que se deu conta, onde estava.

O calor que a rodeava de forma tão prazerosa não provinha do fogo que ardia na chaminé, nem ela, por estranho que parecesse tinha se habituado a dureza do solo.

Não, estava em cima de uma cama e a seu lado, muito próximo a ela, alguém dormia profundamente, aprisionando-a com seus fortes braços.

Chloe deu um salto ao comprovar que esta pessoa era Cedric. Instintivamente lutou para se soltar do abraço. Tentou levantar aquele peso morto que a mantinha cativa, mas ele a tinha muito bem presa. Exalou um suspiro de resignação. Também não queria montar um escândalo e dar-lhe mais razão para brigar ainda mais por tê-lo acordado. Decidiu esperar que ele mesmo acordasse e levantasse, não faria um só movimento, para que ele acreditasse que ela estava dormindo, alheia a sua proximidade. Fechou os olhos, mas a curiosidade foi maior que ela e, ao cabo de alguns minutos, voltou a abri-los. Não pode evitar se fixar no viril homem que tinha a escassos centímetros dela, o lençol de linho cobria até sua cintura, pelo que pode apreciar a linha dos músculos de seu torso. Seu potente peito subia e descia em uma cadência regular, lenta e pausada que a hipnotizou por completo durante longo momento. Sua mão morria por tocar aqueles peitorais, firmes e poderosos, mas sua mente proibiu tal atrevimento. Com relutância, teve que reconhecer que era um espécime incrível.

Pouco a pouco foi subindo seu escrutínio, com a cabeça para trás, descansando nos travesseiros, os fortes tendões de seu pescoço foram destacados. Que fácil teria sido naquele momento, fatiar seu pescoço se tivesse uma faca! Mas não, estava totalmente a sua mercê. Embora... a chave que fechava o grilhete repousava ali, presa em seu pescoço por uma tira de couro. Se fosse com cuidado, talvez pudesse pegá-la. Não, era muito perigoso. Poderia despertá-lo e, ainda que isso não acontecesse, logo perceberia que a chave tinha desaparecido.

Decepcionada, esqueceu aquela ideia suicida e voltou a centrar-se em Cedric. Seu rosto sério precisava urgente de uma navalha, embora isso só o fizesse parecer mais varonil do que já era. E mais perigoso. Até dormindo, emanava perigo por todos os poros de sua pele. No centro do queixo tinha um buraco que em outra pessoa teria sido adorável, mas nele só marcava ainda mais a dureza de sua mandíbula e sua marcada teimosia.

Ao subir mais, ficou subjugada pela visão de sua boca. Perfeitamente desenhada, lábios carnudos e tentadores. Chloe se perguntou o que sentiria se o beijasse. Um calafrio percorreu sua espinha dorsal e algo escuro e quente se avivou em seu interior. Desejo. Contra ela e suas convicções, ela desejava Cedric.

A dura realidade se fez presente como um forte e imprevisto soco. A atração que sentia por aquele bárbaro era evidente, mesmo que sua mente insistisse que só deveria sentir um profundo rechaço por ele.

Se fosse sincera, tinha que reconhecer que Cedric

tampouco a tinha tratado tão mal. Dadas as circunstâncias, se tivesse caído em outras mãos a essas alturas já poderia ter sido brutalmente violada ou, o que era ainda pior, poderia ter acabado com sua vida. Sendo bem franca, ela estava em uma situação bem delicada, onde tudo apontava que ela tinha algo a ver com o que aconteceu àquela família. Entretanto, Cedric se tinha limitado a fazê-la sua prisioneira. Era certo que a tinha acorrentado e amordaçado, além de humilhá-la uma e outra vez, mas não a tinha machucado fisicamente (exceto quando lhe deu aqueles açoites no lombo do cavalo depois de capturá-la no bosque, e essa ela tinha provocado), assim que a conclusão que tirou disso foi que, na realidade, tinha muita sorte de cair em suas mãos e não de alguém pior.

Mas o que estava pensando? Como podia justificar tudo o que ele tinha feito? Estava começando a pensar coisas sem sentido, devia estar ficando louca por conta de seu prolongado cativeiro. Aquilo não tinha outra explicação. Voltou a pousar o olhar nos lábios de Cedric. Tinha-os ligeiramente abertos e por eles exalava a respiração de uma forma sugestiva, quase lasciva. Ficou hipnotizada observando aquela boca que a atraía como um ímã, tanto que quase se esqueceu de sua própria respiração.

— Quer prová-los? Asseguro-te que, com eles, tocará o céu.

Chloe despertou do encantamento que estava imersa logo ao ouvir aquelas palavras. Ficou tensa no mesmo instante e levantou a vista para encontrar o olhar penetrante de Cedric. Seus olhos, verdes como jade, estavam devorando-a com uma intensidade que raiava o obsceno.

— Afaste seu braço de mim! Defendeu-se, empurrando-o com as mãos. Precisava romper o contato imediatamente com o corpo daquele homem que prendia o seu.

— Vá, vá! — ele não permitiu que movesse o braço de onde estava — Assim que a pequena harpia tem tentações ocultas...

— Como se atreve? Solte-me agora mesmo!

— Porque você mente e nega o que seu corpo deseja?

— Desejo que me solte! — espetou ela — agora!

— Está bem. — murmurou ele aparentemente resignado.

Com deliberada lentidão, Cedric levantou o braço e afastou dela. Chloe se incorporou como movida por uma mola e se dispôs a abandonar a cama a toda pressa. Entretanto, algo a deteve antes de conseguir e, ficou parada a meio caminho do chão.

— O que você é... ?

Lançou a vista atrás enquanto o riso de Cedric ressoava por todo o quarto. O que a impedia de levantar-se era a corrente que prendia o grilhete em seu pulso, o qual estava aprisionada embaixo do enorme corpo daquele homem.

— Será burro! — chiou ela. — Deixe-me descer! — gritou enquanto empurrava com afinco e puxava a corrente. — Levante-se!

— Moça, agora mesmo não tenho nenhuma intenção de me levantar desta cama. Ainda é muito cedo, nem terminou de amanhecer. Acaso quer que comece mal o meu dia?

Os trovões que se ouviam no exterior, aproximando-se cada vez mais do castelo, não eram nada comparado aos trovões que ressoavam no interior de Chloe. Maldito

imprestável! Estava brincando como um menino pequeno com uma bolinha entre as mãos! Estava burlando dela na sua cara!

Cedric desfrutava enormemente vendo como aquela mulher o encarava de um modo tão apaixonado. Ali, de joelhos encima da cama, com o cabelo revoltado caindo selvagem ao redor de seu formoso rosto e aquele olhar azul furioso, parecia uma leoa presa pronta para saltar sobre sua presa. Simplesmente a ajudou a levar a cabo seu propósito. Puxou com força a pesada corrente, atraindo-a para ele, e a Chloe não ficou mais remédio que abraçar-se de forma involuntária a seu corpo.

Naquele preciso momento, um raio caiu muito próximo dali, sacudindo as fundações, mas eles fizeram caso omissa da reverberação. Chloe tinha apoiado as mãos no peito de Cedric, e seus rostos estavam separados por poucos centímetros, tão próximos um do outro que suas respirações ofegantes, cálidas e aceleradas, se uniram em uma só. O peito dela subia e descia agitado, seu coração batia com ímpeto que parecia que sairia pela boca. Com ele passava o mesmo. Olhava a boca de Chloe com intensidade feroz, decidido a acabar com a escassa distância que os separava e mostrar a essa pequena harpia que o dito a poucos momentos atrás era correto.

Segurando-a pelos braços com os dedos firmes, atraiu-a para si, justo antes que seus lábios se tocassem, ouviu-se uma voz que o chamava a distância e a magia desapareceu.

— Meu senhor, precisa baixar agora mesmo!

Alguém batia na porta de forma insistente e Chloe se lançou para trás, rompendo a nebulosa que tinha preso a ambos. Cedric soltou um profundo grunhido de insatisfação.

— Posso saber o que acontece? — perguntou contrariado.

— Milorde, caiu um raio a poucos metros das cavalariças e os cavalos estão assustados. Devemos tirá-los dali o quanto antes ou sofrerão grandes danos. Meu senhor, todos foram ali, mas não conseguimos controlar todos os animais. Precisamos de ajuda.

Cedric levantou-se de um salto, bufando. Enquanto passava uma camisa pela cabeça, seus olhos não deixaram de observar com evidente lasciva a Chloe, quem se tinha coberto com a manta, envergonhada de si mesma pelo que acabava de acontecer entre seus braços. Não conseguia olhá-lo na cara, mas antes que saísse do quarto o ouviu dizer com clareza:

— Você e eu terminaremos mais tarde o que começamos nesta cama.

Ela se sentiu desfalecer.

Leah apareceu ao meio dia, com um sorriso deslumbrante, seguida de duas donzelas que levavam nas mãos uma boa quantidade de roupas. Chloe não tinha se movido da cama desde que Cedric abandonou os aposentos. Estava em estado de choque, ainda escandalizada por seu horrível comportamento de horas atrás. Se não os tivessem interrompido com aquela chamada, agora estaria em seus braços, descobrindo o que se sentiria ao ser possuída por aquele homem. Não, realmente não queria sabê-lo, mentiu para si mesma.

— Chloe ocorreu algo? — perguntou Leah com a preocupação impressa na voz.

— Não... não!

— Olha o que trouxe. Acredito que te servirá.

— Ah, sim... claro. — Chloe falou como uma autômata, sem nem mesmo olhar aos vestidos que as servas tinham colocado sobre a cama.

— Não se alegra de poder se vestir como Deus manda? Venha, vamos escolher o que vai colocar para descer hoje no jantar. Qual prefere?

— Tanto faz. Eu... o que disse? — de repente Chloe foi consciente do que implicava as palavras de Leah — Vou poder sair daqui?

— Claro. Embora tenha me custado muito esforço, ontem consegui convencer Cedric de que permitisse que descesse ao salão. Não fica feliz com essa decisão? — Leah fez uma careta com expressão de dúvida.

Chloe tinha ficado sem fala. Tinha aberto bem os olhos e olhava a outra mulher com ceticismo.

— Claro que sim... — afinal reagiu — São notícias maravilhosas. Obrigada, Leah.

— Pois para serem tão boas notícias, não te vejo tão entusiasmada — acrescentou — Certeza que esta bem? — Leah se aproximou de Chloe e colocou a mão em sua testa — Não, já não tem febre...

— Desculpe, mas é que me pegou de surpresa. Está bem, vamos escolher o que vou vestir. Estou desejando vestir algo um pouco mais elaborado que este camisolão. — proclamou enquanto baixava a vista para sua camisola.

Leah assentiu satisfeita e a instigou a se aproximar dos vestidos.

— Existe um pequeno problema... — comentou Chloe de repente.

— A que se refere?

— Como vou provar algo com isto? — com expressão derrotada, assinalou a corrente em sua mão.

— Oh, tinha me esquecido completamente! — exclamou ela. Levou à mão a cintura, onde carregava um pequeno molho de chaves. Ela, como senhora do castelo, tinha que levá-las sempre para poder entrar em todas as habitações — Fui ver Cedric agora a pouco, não gostou em absoluto que o importunasse enquanto estava ocupado, mas me deu igual. Exigi que me entregasse a chave porque já imaginava que tinha voltado a prendê-la. Estava um pouco reticente em fazê-lo, mas consegui meter em sua dura cabeça que se não te liberasse, não poderia se vestir. Este homem... — Agitou a cabeça em gesto de exasperação.

Depois de olhar todas as chaves, pegou uma das menores e, em seguida, começou a abrir o grilhete. Depois de liberada, Chloe agitou energicamente as mãos e massageou o pulso com firmeza e depois presenteou Leah com um franco sorriso de gratidão.

As mulheres passaram o resto da manhã falando de temas sem importância, enquanto Chloe provava um a um os vestidos. Pouco a pouco a conversa foi adquirindo um tom mais pessoal, até que Leah confessou, um tanto envergonhada, que se encontrava em estado de boa esperança.

— Isso é maravilhoso! — disse Chloe com sinceridade.

— Depende de como o veja... — respondeu Leah em um

murmúrio.

— Não está contente? Leah, o que ocorre?

Seu lábio inferior começou a tremer até que se rompeu em um pranto desconsolado. Chloe não sabia o que fazer para consolá-la, assim que se limitou a abraçá-la com força.

— Chss, calma...

Depois de alguns minutos de pranto, Leah pode enfim se tranquilizar. Sorveu pelo nariz, respirou fundo e explicou o porquê de sua tristeza e sua falta de ilusão com respeito àquela gravidez. O rosto de Chloe foi escurecendo à medida que a mulher narrava a agressão tão brutal que tinha sofrido tempo atrás, até que quase não pode respirar por conta do nó que se formou em sua garganta ao escutar história tão horrível.

— Leah, sinto muitíssimo... mas por favor, procure se acalmar. Isso não será nada bom ao bebe nem a você. Você quer tê-lo, verdade?

Ela levantou a vista e a olhou com olhos aflitos.

— Na verdade, não sei. Por um lado, gostaria de apagar de uma vez a recordação daquele sofrimento, mas por outro lado... e se a criança for de Andrew? Sempre terei essa dúvida.

Chloe não soube como aconselhá-la. Se ela estivesse na mesma situação, também não saberia o que fazer, assim que não pode fazer outra coisa além de compreender a tortura que estava suportando e insuflar-lhe ânimo para poder chegar a uma decisão sensata, fosse qual fosse.

As mulheres permaneceram juntas o dia todo, sem que ninguém fosse incomodá-las, pouco a pouco foi se criando um vínculo entre as duas e, quando Leah informou de que já era

hora de retirar-se e preparar-se para o jantar, Chloe se sentiu decepcionada, embora não tenha dito nada.

— Fiquei tão feliz com sua visita... — estreitou suas mãos com efusividade — Por favor, venha me ver mais vezes.

— Vemo-nos daqui a pouco! — riu Leah.

— Não tenho tanta certeza...

— Claro que sim. — afirmou convencida — Se Cedric não descer com você esta noite, eu mesma subirei para buscá-la e lhe darei um bom pescoção por privar-me de sua agradável companhia.

Depois de tanto tempo, Chloe sentia-se um pouco mais feliz. Ao menos já não estaria tão sozinha. Agora não mais, quando tinha feito amizade com aquela mulher, mesmo na incomum circunstância na qual ela se encontrava.

Chloe tinha se convencido de que, definitivamente, já não iria sair do quarto. Estava já de noite e Cedric ainda não tinha chegado. “Com certeza está jantando lá embaixo, vangloriando-se do poder que tem sobre todos” pensou contrariada. Ficou com vontade de gritar, mas se conteve. Aquela não era a solução. Tinha que aceitar de uma vez por todas que ele não iria dar o braço a torcer, nem sequer um pouquinho. Frustrada, estava a ponto de tirar o precioso vestido que tinha usado a tarde toda para colocar novamente o triste camisolão, quando ouviu que alguém entrava.

Cedric ficou como uma pedra quando a viu. Sabia que Chloe era bonita, tinha conhecimento desde o momento que se desfez da imundice que a cobria no dia seguinte ao chegar ao castelo. Entretanto, a mulher que tinha a sua frente, vestida

com aquele traje que deixava ver seus tornozelos, com a gloriosa cabeleira negra caindo por suas costas, destacava-se em sua habitação como uma preciosa joia.

Imediatamente ficou tenso entre suas pernas, recordando o sucedido de horas atrás. Sentiu um enorme aborrecimento por ter sido importunado naquela hora, quando estava a ponto de conseguir seu propósito, mas o dever o chamava. Tinham demorado toda a manhã para conter os animais que se agitavam nervosos no estábulo, assustados pela tormenta que açoitava o exterior. A chuva caía a cântaros e quando conseguiram levar todos os cavalos ao pátio, receberam o aviso de que várias casas de uma das aldeias próximas tinham sido destruídas pela força da tempestade. Cedric, juntou vários de seus homens, tinham corrido a socorrer aquela gente. Passaram o resto da tarde reconstruindo parte do que tinham perdido, o mais fundamental para restaurar a habitação daquelas humildes construções. Ao menos, os donos e suas famílias poderiam dormir embaixo de um teto coberto ao chegar da noite.

Como esteve todo o tempo ocupado, tinha se esquecido da mulher e o que havia sentido quando a teve a sua mercê. Mas agora, nem suas roupas molhadas podiam esfriar o calor que o percorria por dentro ao contemplá-la.

— Vejo que Leah passou por aqui. — comentou assinalando seu vestido — Suponho que lhe disse que conseguiu um certo benefício para você, verdade? Está noite descera ao salão para cear.

Ela confirmou com a cabeça. Não se viu com forças para

dizer nada, não queria arriscar a aumentar sua fúria e, em última instância, fazê-lo trocar de opinião.

— Vou trocar de roupa e depois descemos. — informou enquanto caminhava até o baú para tirar roupas limpas.

Chloe desviou a vista do corpo de Cedric quando este começou a desnudar-se. Sentou-se em um banco e esperou com a cabeça baixa até que notou que ele se colocava a sua altura.

— Vamos, levante-se, — ordenou — já estou pronto.

Ela se colocou de pé e Cedric a pegou pelo pulso, abriu-lhe o grilhete e a liberou.

— Espero que não cometa nenhuma bobagem agora que não está presa. — advertiu com voz dura — Comporte-se e não terei que mandar fabricar uma corrente para poder levá-la a todos os lados. Prometi a minha cunhada que te deixaria descer, mas não especifiquei em que condições. Entendeu?

Chloe voltou a mover a cabeça afirmativamente.

— Assim que eu gosto, mulher.

Como se fosse uma garra, Cedric passou os dedos ao redor de seu antebraço e a levou pela porta. Chloe seguiu seus passos com dificuldade, as passadas do homem eram enormes, mas se concentrou para não perder o ritmo. Por fim iria sair dali, embora fosse somente por alguns momentos!

Caminhavam muito depressa pela galeria, mas ela teve tempo de fixar-se em cada pequeno detalhe. Embora fosse muito parecida a Whippledone, aqui havia soldados postados a cada esquina. Na entrada do quarto, aos pés da escadaria, em cada nicho...

Sentiu um forte arrepio, já que não imaginava que aquele lugar estivesse tão bem protegido. As paredes estavam repletas de tochas acesas, assim que não existia nenhum ponto escuro onde esconder-se. Definitivamente, seria impossível voltar a escapar.

Quando terminaram de descer as escadas e entraram no salão, no mesmo instante fez-se silêncio. A sala estava cheia de gente, em sua maioria homens, que deixaram as jarras onde estavam bebendo a meio caminho da boca para observar com atenção a mulher que caminhava junto a Cedric, fortemente presa por sua forte mão.

Havia duas longas mesas, uma a cada lado formando um corredor central que acabava no palanque elevado ao fundo, diante da chaminé, onde também ficava outra mesa, colocada perpendicularmente às outras duas. Cedric se dirigiu para lá.

Chloe reconheceu Leah, que estava sentada em uma das cadeiras centrais sem falar com ninguém. Quando a viu, depois de levantar a vista devido ao estranho silêncio, seu rosto sério se transformou em um esplendoroso sorriso. A moça sentia os olhares penetrantes da multidão de olhos cravando-se nela, mas não se deixou amedrontar e caminhou até o palanque com a cabeça erguida, desafiante.

Os constantes murmúrios que ouvia ao passar ao lado das mesas estavam colocando-a nervosa, porque sabia que ela era a protagonista de tais murmúrios, mas adotou uma atitude pétrea e fez ouvidos surdos aos comentários até que chegou junto a Leah.

— Cedric cumpriu sua palavra. — disse sua cunhada ao

tempo que fazia com a cabeça um gesto de aprovação.

— Eu sempre cumprio o que prometo. — respondeu ele, olhando Chloe intencionalmente — Mulher, você se senta aqui. — falou enquanto indicava uma cadeira situada à esquerda de Leah. Ele se sentou entre as mulheres. Naquele momento, as grandes portas cravejadas da entrada do castelo se abriram e por elas apareceu Gideon, que ficou muito surpreso ao reparar que a prisioneira de seu irmão iria jantar com eles. Sorriu abertamente e caminhou de modo resolutivo para a mesa. Primeiro saudou a Leah com uma inclinação de cabeça e logo se situou junto a Chloe.

— Milady é um prazer poder compartilhar esta noite com você. — Tomou sua mão e a levou aos lábios. Depois se sentou na cadeira que ficava livre a esquerda e se serviu de um copo de vinho.

O rosto de Cedric se endureceu ao ver como atuava seu irmão junto a ela.

— Gideon deixa de lisonjas tolas, — reprovou — chegou tarde.

— Sinto muito, começamos?

O jantar transcorreu com relativa tranquilidade. Cedric falou muito pouco, lançando de forma permanente um olhar duro, em contraste com Leah e Gideon que mostravam um semblante amistoso e não deixaram de conversar com sua “convidada”. No início Chloe respondia com monossílabos as perguntas que faziam, temerosa de importuná-los com sua tagarelice, mas pouco a pouco o ambiente foi ficando mais relaxado. Seguia notando que muitos olhos expectantes a

observavam de longe, mas já não se importou nem se incomodou com o exaustivo escrutínio. Tinha percebido que os homens que se sentavam nas mesas que tinha diante dela eram muito diferentes entre eles. Os da esquerda a olhavam com verdadeira curiosidade, sem nenhuma desconfiança, enquanto os da direita, de corpos mais desenvolvidos que os anteriores e em geral um palmo maior a examinavam com receio. Supôs que estes últimos eram homens de Cedric. Quando chegou a hora da sobremesa, o gesto de Cedric revelava já uma profunda irritação, assim que se levantou de seu assento sem nem mesmo pedir desculpa ao resto dos comensais. Aproximou-se de Alec, que estava sentado na mesa da direita e, como movidos por uma mola, o resto dos homens que permaneciam sentados ao seu redor, colocaram-se de pé, entrando em uma acalorada conversação.

Embora prestasse atenção à conversa, não perdeu de vista nem por um momento a Chloe. Suas feições tinham relaxado um pouco, mas não deixava de vigiá-la com atenção. Viu que Gideon dizia algo e ela sorria feliz e imediatamente seu rosto novamente tornou-se sombrio.

Os criados retiraram as mesas e a música começou a tocar. Entre gritos e algazarras, todo mundo na sala começou a mover-se ao som dos acordes. Naquele momento, Leah se desculpou com Gideon e Chloe, comentando que se retirava a seus aposentos.

— Acredito que seja hora de me retirar. Ainda não me encontro em condições de desfrutar uma noite tão festiva. Espero que me perdoem.

Chloe se despediu dela com um forte abraço e olhou a Cedric. Ele tinha percebido a partida de Leah, mas não se aproximou para levá-la de volta a sua prisão, assim que relaxou e começou a desfrutar de tudo que pudesse naquele momento de liberdade.

Olhava extasiada como os homens recolhiam as mulheres pela cintura e começavam um complicado baile que a ela parecia impossível, até que Gideon disse algo em seu ouvido e ela se negou de forma terminante. Ainda assim, tirou-a para dançar uma contradança. Ele explicou os passos fundamentais, mas ela era incapaz de segui-los. Acabava-se de rir cada vez que se equivocava e pisava no pé de alguém, enquanto passava alegremente de mão em mão. Ninguém a recriminou por sua falta de experiência com a dança, e sim a animavam a prosseguir tentando. Deu voltas e mais voltas sem ser consciente de que uns profundos e desapiedados olhos verdes a miravam de forma grave desde a outra ponta do salão, recriminando sua atitude e a todos os homens que ali tinham se reunido, os quais a estavam devorando com os olhos.

Começaram a soar os primeiros acordes de uma galharda e Gideon se aproximou de Chloe por trás. Recolheu-a pela cintura, deu-lhe a volta colocando-a de frente a ele e começou a seguir o compasso com ela nos braços, quando a mulher se habituou aos movimentos sincronizados de seu acompanhante, este a soltou, fez um giro e executou uma perfeita reverência. Animou-a dançar deixando-se levar, e assim ela fez. Mas nem bem tinha conseguido efetuar todos os passos que compunham a dança, quando Gideon realizou um passo especial que não

tinha mostrado em seu ensaio. Executou uma volta, que consistia em aproximar-se de seu par, um passo considerado muito escandaloso para a época. Elevou Chloe no ar e ambos rodaram duzentos e setenta graus dentro de um período de seis tempos.

O semblante sério de Cedric se transformou em ira, em uma neblina roxa que não lhe deixou ver nada mais, diminuiu a distância que o separava daqueles dois, e de um puxão arrebatou Chloe dos braços de Gideon.

— Já chega de diversão. É hora de voltar para sua prisão.
— murmurou.

A Gideon não deu tempo de responder. Quando quis dar-se conta, Chloe e seu irmão tinham desaparecido pela escada em caracol.

Cedric não abriu a boca até que fechou a porta com um pontapé tão forte que fez saltar as dobradiças. Só então a soltou e dirigiu sua desmedida fúria contra a atônita mulher, que não entendia o que teria acontecido para alterá-lo tanto assim.

— Posso saber o que pretende atuando assim?

— Eu? — respondeu ela — Não fiz nada!

— Que não fez nada? Parece-lhe pouco seu reprovável comportamento ali embaixo? — gritou irado — Esteve provocando a todos e cada um desses homens até conseguir que não fizessem mais que lhe despir com o olhar!

— Mas o que está dizendo? Está louco? Eu só estava dançando!

— A isso chama dançar? Estavam babando como

cachorros por conta de seus desavergonhados movimentos! Se tivesse te deixado mais alguns minutos ali, teria passado de um a outro como uma vulgar prostituta!

— Isso é o cúmulo! Como se atreve a me ofender assim? Simplesmente estava sendo amável com eles.

— Mulher, a única coisa que faltou fazer foi abrir as pernas para que esses descarados sem cérebros se lançassem sobre você... — respondeu Cedric com voz venenosa.

— Esses descarados sem cérebro, como acaba de chamá-los, tem toda a educação que lhe falta, — respondeu ela com arrogância — qualquer homem que estava ali embaixo é mais homem do que um dia você será. Nem tem nem ideia de como tratar a uma mulher...

Cedric não a deixou terminar a frase. Em duas passadas aproximou seu corpo de Chloe, agarrou fortemente seus ombros e, com uma voracidade nascida do mais fundo de seus instintos outrora reprimidos, tomou selvagememente posse de sua boca.

CAPITULO 19

— As coisas não estão saindo segundo meus planos e, para cúmulo, venho aqui e me encontro com este dejetto humano ainda vivo? Que tem a dizer sobre isso?

— Eu... fui incapaz de fazê-lo.

— Tão difícil é acabar com sua vida? Vou ter que fazê-lo eu mesmo? — olhou com repugnância através da janelinha o vulto agachado no fundo da cela — Mas se está quase as portas da morte!

— Por isso mesmo. Prefiro esperar que a natureza siga seu curso. Deixemos passar mais alguns dias e o destino se encarregará.

— É um completo incompetente! E tem medo! — acusou com uma careta de burla.

— Claro que sim, para que o negar. Eu já disse.

— Bah! Bobagem... mas te farei caso. Não quero sujar minhas mãos com este despojo.

— É o melhor que pode fazer. — o outro sujeito respirou aliviado, enquanto lançava um olhar ao interior da masmorra.

— Venha, não podemos perder mais tempo aqui. Este lugar me enoja.

Os dois homens se afastaram enquanto discutiam acaloradamente como levar a cabo suas pérfidas intenções. Dentro, a pessoa que permanecia encolhida em um canto apoiou a mão na úmida parede de pedra e, com muito esforço, se levantou lentamente. O chão estava escorregadio, e não só por conta das infiltrações de água, mas também por conta da imundice acumulada ao longo do tempo e de muitos restos fechados entre aquelas quatro paredes, mas conseguiu se levantar sem mais contratempos. Tinha escutado tudo. Seus planos, os feitos que tinham levado a cabo nos últimos meses, as razões de seu virulento ódio...

Já era hora de fazer alguma coisa. Não poderia consentir que seguissem infligindo mais dor a pessoas inocentes por causa das ideias equivocadas de uma mente doentia. Não, se pudesse evitar. Tinha chegado o momento.

Caminhou mancando até o pequeno buraco que proporcionava à única e escassa ventilação daquele lugar empestando e fixou sua vista ao exterior. Durante todo o dia, o céu tinha estado coberto por espessas nuvens, impedindo o passar da claridade ao interior da cela e a intensa chuva tinha provocado umas correntes subterrâneas que transpassaram as espessas paredes e inundaram o solo mais de um palmo. Não ficava muito tempo. Se permanecesse mais alguns dias no interior daquele buraco, iria morrer invariavelmente, tal como tinham dito aqueles desalmados. Não sabia se morreria por conta do ambiente tão nocivo que se respirava ali, ou de inanição pela falta de comida. De vez em quando um moço assustado, de não mais que dez anos, lhe trazia sobras de

comida, mais próprias para um cachorro sarnento que um humano, mas aquilo não era suficiente para subsistir. Tinha tentado caçar algum rato, embora fossem muito escorregadios. Cada certo tempo, quando a fome apertava muito, não ficava mais remédio que lançar mão dos insetos que rastejavam pela fria pedra. Apesar de ser repulsivo, devia resistir de alguma maneira. Tinha que fazê-lo já.

Segundo seus cálculos, aquela era a noite propícia, embora bem poderia estar equivocado. Tantos dias ali dentro poderiam ter alterado sua percepção do tempo. Entretanto, quando levantou a vista para o escuro céu, foi com se uma força oculta lhe ajudasse em seu propósito, as densas nuvens saíram ao lado mostrando o branco astro da noite. A perfeição de sua circunferência não deixava nenhuma dúvida: era lua cheia. O momento ideal.

Extraiu de seu pescoço uma pequena bolsa de pele de cervo que levava ali, abriu com dedos trementes e derrubou seu conteúdo nas mãos. As estranhas pedras, todas gravadas exceto uma, estavam unidas por um tosco cordão. Desatou o nó com cuidado, depois as aproximou da vista para não se equivocar, separando oito delas. Partiu um pedaço de tira do couro que carregava o pequeno pacote e com ela voltou a uni-las formando uma espécie de colar. Guardou o resto das pedras na bolsa e, com a mão direita, segurou firmemente a composição que tinha feito. Levantou seu braço em direção à lua, fechou os olhos e começou a recitar o conjuro:

— “perth”, com ela invoco o mais oculto para que comece o longo caminho que “Thurisaz”, “raidha” e “ehwaz” abram para

permitir a chegada de “eihwaz”, quem proporcionará defesa e, junto à “tyr”, o poderoso guerreiro, nos levará a vitória. A runa em branco simbolizava o desconhecido, pois só assim poderia unir-se com “alguiz”, que o protegeria em seu longo caminho para conseguir o êxito em sua tarefa.

Fez uma longa pausa antes de prosseguir. Fechou com força o punho que segurava as runas, tanto que as pedras machucaram sua carne. O sangue caiu deslizando por entre seus dedos, mas continuou falando, desta vez em um dialeto antigo gaélico, com voz firme e decidida:

— *Na té nach mbaineann a chosa don talamh agus a eitlioni ar nós ein seilge, na te a bhfuil nasc mheid e nach baol so scaradh le gach aon ní; na te a thaistealos tríd na n — aoiseanna is trí spais chun muid a scaoileadh saor, agus de bharr a ghníomhartha gheobhfaidh se pionos cothrom on te a ndearna feall ar a chine fein.*³

No mesmo instante que acabou de falar, um intenso fogaréu de um forte relâmpago iluminou a escura noite como se tivesse de repente virado dia. O raio caiu tão próximo dali que tremeram até os alicerces daquela fortaleza, e o velho carvalho situado no exterior, junto ao pequeno buraco da masmorra, começou a arder sem controle. Nem mesmo a impressionante cortina de água que abatia com força os campos conseguiu extinguir o incêndio provocado até muitas horas depois. Entretanto, a pessoa responsável pela obra não se deu conta de nada, já que havia caído aos pés da janela completamente sem sentidos.

Horas mais tarde, quando depois de uma longa noite de

tempestade, os intensos raios de sol se abriram através das espessas nuvens que cobriam o céu cinza, a luz da manhã entrou na minúscula cela, incidindo diretamente sobre o corpo que ainda estava inerte no solo. Ainda segurava o seu punho fechado, manchado de sangue ressecado, as pedras utilizadas para o conjuro.

Com um estrépito se ouviu abrir o ferrolho da porta e, momentos depois, esta se abriu. Uma pequena cabeça loira assomou com timidez e temor em seu jovem semblante, mas quando comprovou que a pessoa ali reclusa estava profundamente dormida, empurrou a porta com o ombro e entrou levando nas mãos um pequeno prato de madeira com algo indecifrável e malcheiroso em seu interior. Com cuidado de não fazer ruído, depositou o prato no centro da habitação e se dispôs a abandonar a masmorra o mais rápido possível, mas no momento que iria sair, uma voz débil as suas costas o deteve.

— Moço, espera... por favor.

O menino virou para trás e viu que aquela pessoa, a que acreditava estar dormindo, estava levantando-se do chão com muito esforço. Algo indefinido, uma espécie de força invisível, impeliu-o a ficar ali parado, a espera de saber o que queria dele.

— Queria agradecer o detalhe de me ter trazido comida de vez em quando.

— Não... não é muito... , mas... é a única coisa que me permitem lhe dar. — murmurou de modo formal.

— Por isso mesmo te agradeço. Não tenho nada, mas

gostaria de retribuir a gentileza que teve comigo de algum modo especial. Venha.

O menino duvidou. Essa pessoa não parecia perigosa, mas a vida lhe tinha ensinado a ser precavido. Sua deficiência verbal sempre tinha sido alvo de cruéis brincadeiras, tanto dos adultos como das crianças de sua idade, convertendo-o em uma pessoa retraída e desconfiada.

— Não vou machucá-lo, sério. Só quero lhe entregar isso.

O moço se aproximou com passo inseguro. A outra pessoa estendeu seu braço até ele e o incitou a abrir a mão. Ele assim o fez e no mesmo instante sentiu como depositava algo duro e quente em sua palma, embora não pode ver o que era porque o cobriu com uma mão manchada de sangue.

— A partir de agora, levará isto sempre com você, pois te protegerá de tudo aquilo que possa lhe fazer dano. Quando chegar ao seu fim, entregue-o a alguém de sua total confiança e diga-lhe as mesmas palavras que eu estou dizendo agora. Faça passar de geração em geração, pois embora sejam somente simples pedras, o poder que emanam é muito poderoso e são a chave da esperança. Da tua, da minha, de todos.

Ele acreditou e com gesto sério e formal, afirmou lentamente com a cabeça. Então o soltou. Caminhou para a porta sem afastar a vista da outra pessoa, que o olhava com um estranho brilho nos olhos e sorria de modo sincero. Ninguém havia sorrido para ele nunca. Antes de sair, ouviu que lhe fazia uma última pergunta.

— Moço, como se chama?

— O'... O'Connor. Mar... Martin O'Connor.

A paixão que se desatou entre ambos foi mais forte que a tormenta que açoitava o exterior. Cedric invadiu a boca de Chloe como se estivesse sitiando a praça mais importante de sua vida. Com ânsia, com temor, com fúria, com desespero... e com inegável ardor. Queria deixar bem claro, sem que lhe coubesse nenhuma dúvida, que ele e só ele podia desfrutar de tão carnudos lábios. De seu furioso olhar. De seu corpo repleto de curvas insinuantes. Dela toda.

A crueldade daquele beijo duro, possessivo, destruiu de modo sem salvação as defesas que ela tinha erguido a seu redor. Destruiu sua capacidade de raciocínio e sua aversão para aquele homem. Simplesmente, esqueceu-se de tudo, exceto dele. Os lábios de Cedric, apressados e exigentes, obrigaram-na a abrir os seus, a lhe permitir a entrada no interior daquele quente e úmido lugar. Sua língua entrou na boca da mulher explorando, colonizando, dominando a cada passo. No começo foi ele quem levou o ritmo, ela era uma mera receptora passiva, frente às incessantes investidas que não tinham outra finalidade senão dobrar seu orgulho e suas reticências para com ele. Conseguiu seu propósito.

Chloe caiu rendida as vorazes sensações que experimentou ao ser beijada. Suas pernas tremiam de maneira insidiosa, perdendo todo o controle sobre elas. Ele a segurou no refúgio férreo de seu abraço quando ela acreditou que fosse cair, desmanchando-se como uma boneca de trapo.

Cedric saboreou a textura de sua boca, mordiscou reiteradas vezes seus lábios, lambeu com frisson o contorno de seus dentes até que ao final agarrou em uma luta perdida por

ela, a língua de Chloe. Então a tempestade estalou.

Como acionada por uma mola, Chloe tomou parte ativa e respondeu de um modo selvagem, devolvendo com juros a impetuosidade que momentos atrás tinha recebido. Agarrou-o pelo cabelo, puxou como se fosse afastá-lo dela e aprofundou o beijo. Enlaçou sua língua com a dele e começou a ser ela quem definia o curso, a que diria sem palavras como e quanto intenso teria que ser aquele momento. Quis ser ela a dominante e convertê-lo em seu dominado.

Um rouco grunhido de satisfação surgiu na garganta de Cedric e se extinguiu no ponto de união entre suas bocas. O doce sabor da vitória se fundiu com a intensidade de um incrível descobrimento: a inesperada fogosidade daquela ferinha.

O beijo foi demolidor. Não teve suavidade nem delicadeza, somente uma cega loucura próxima ao paroxismo. Mais que uma troca de fluídos, converteu-se em uma luta de vontades, em que ninguém sairia vencedor nem vencido. Cedric devorou sua boca como se fosse o último alimento que se permitisse provar na vida, bebeu dela provando cada investida como se fosse o mais precioso néctar que existisse no universo. O mesmo ocorria a ela.

Suas mãos relaxaram sobre os ombros de Chloe, desceram exigentes pelas costas, roçando fugazmente com os polegares a curva dos seios até deter-se na estreita cintura, medindo sua estreiteza. Depois voltaram a subir seguindo o mesmo caminho e se internaram abaixo do tecido que cobria seus ombros. Com deliberada lentidão, enquanto os dedos se dedicavam a

investigar aquele terreno desconhecido, foi baixando o vestido até que caiu ao chão em um monte de tecidos.

Chloe ficou ali sem mais roupas que sua fina camisola bordada. Não sentiu pudor por sua seminudez, já que Cedric a tinha visto com bem menos roupa; mas ele, farto das camisas e camisolas que o tentavam mais do que se estivesse completamente nua, com um só estirão a mandou também para o chão.

Ela se assustou e tentou retirar-se apoiando as mãos no peito dele, mas ele não permitiu. Em troca, pegou seus pulsos com uma só mão, elevou-as acima da cabeça e, sem romper o contato com seus lábios, foi empurrando-a para trás até um dos postes da cama. Então sim que abandonou o refúgio de sua boca e a olhou atentamente.

Os olhos de Cedric estavam escurecidos pelo desejo, suas pupilas dilatadas que a íris esmeralda era apenas um círculo apagado. Sua respiração era agitada e sua mandíbula um pedaço de granito. Por fim a tinha diante de si, indefesa, com um olhar inequívoco de excitação ante a posição erótica que estava. Disposta para ele.

Pousou de novo sua boca sobre a dela e, ajudado pela mão que tinha livre, percorreu com languidez seu corpo. Apalpou com deleite suas formas de mulher, arrancando dela roucos ofegos. A pele clara de Chloe, terna e suave como o cabelo de um anjo, vibrou abaixo daquele tênue contato. Os dedos de Cedric não a tocavam, voavam fugazmente sobre ela, roçando como asas de uma mariposa.

Começou em seu pescoço, traçando uma linha de infames

carícias desde ali até o vale de seus seios. Traçou a curvatura de ambos os seios e, sem tentar alcançar o cume daqueles montículos, continuou descendo até chegar a concavidade de seu ventre. Rodeou a depressão de seu umbigo uma e outra vez, enquanto Chloe lutava com renovado frenesi para conter os gritos que tentavam sair de sua garganta.

Ela já não respirava, bloqueada como se todo o ar a seu redor não mais existisse. Cedric continuou sua erótica descida e levou as mãos a seus quadris, com firme decisão, até que parou finalmente nas costas. Firmou-se ali e com ímpeto trouxe Chloe até ele. Imediatamente, ela sentiu-se chocar contra seu abdômen a dura protuberância que se escondia entre as pernas do homem e afogou um grito. Seu membro tencionava o tecido das calças que foi plenamente consciente da excitação que despertava nele, como também soube que Cedric queria lhe mostrar até que ponto seu próprio corpo respondia as carícias que fazia.

Com o dedo seguiu o caminho da coluna para cima, para logo baixar de novo um pouco além da curva que formava sua cintura. Subiu e baixou repetidamente e a cada nova passada de mão avançava mais longe em seu enervante passeio, até que chegou ao desfiladeiro entre os glúteos. Ali parou e apalpou uma das nádegas, apertando suavemente os dedos destros. Apertou a suave carne com firmeza e afastou sua boca da de Chloe para olhar seu rosto.

Ela tinha a nuca apoiada no poste, com a cabeça de lado, as pálpebras fechadas e os lábios, rubros e inchados pelo feroz beijo, ligeiramente abertos. Suas bochechas estavam vermelhas

e sua testa coberta de suor. Seu rosto expressava puro êxtase.

— Já chega... — conseguiu dizer em um murmúrio silencioso, entre suspiros descontrolados.

— Nem em sonhos. Não fizemos mais que começar. — respondeu ele com voz rouca.

Dito isso abaixou a cabeça com decisão e se perdeu no oco de sua garganta. Traçou com a língua o mesmo caminho que antes tinha seguido sua mão, acariciando com a boca sua clavícula, lambendo a delicada pele aquecida, saboreando com gulodice seus seios, levando-a pouco a pouco ao delírio. Introduziu em sua boca um dos lindos e rosados seios e o labéu e chupou e mordiscou até que Chloe gemeu desfalecida.

— Não, não, por favor... — choramingou ela.

— Sim. — ouviu-se dizer com voz profunda além da nebulosidade que tinha embotado sua mente.

— Não deveríamos... — Chloe se afogou com suas próprias palavras.

Cedric levantou a cabeça, arrastando lentamente seus dentes da ponta inflamada do seio até que o soltou. Deu uma última passada com a língua e elevou para ela seus olhos verdes. Fulminou-a com um olhar turvo, brutalmente carnal. Sabia o que estava passando por sua cabeça: a escura sombra da vacilação tinha florescido em seu rosto, mas ele não estava disposto a permitir que a sanidade vencesse os ocultos desejos dessa mulher. Se parasse agora, a frustração acabaria com ela. E com ele.

— Muito tarde, Chloe. Chegamos a um ponto sem retorno...

A úmida carícia se estendeu mais além do nascimento dos seios, continuando seu implacável avanço, percorrendo com descaramento o tenso ventre. As pernas de Chloe fraquejaram sem remédio, convertendo-se em gelatina. Sem soltar a prisão de seu pulso, Cedric a levantou pelas nádegas enquanto, que com a língua, traçava insinuantes círculos ao redor do umbigo, até colocar seu corpo maleável sobre o confortável colchão. Levou sua mão livre até as coxas femininas e uma, duas, infinitas vezes as acariciou com veemência. Chloe se agitou sobre os lençóis, mas isto só serviu para que a boca e a mão de Cedric ficassem mais ousadas. Enquanto a experiente língua do homem desenhava no começo de seu sexo, os dedos se internaram entre as coxas e roçaram o centro de sua feminilidade.

Estava quente, úmida e preparada.

A enorme mão se colocou ao redor da púbis, buscando com o polegar o ponto sensível que a levaria a perder o controle e a vergonha. Encontrou o inflamado botão e o pressionou com fricção, enquanto o resto dos dedos jogava alegremente na entrada de sua vulva.

Quando introduziu um deles dentro de seu corpo, Chloe se esticou. Quando introduziu dois, ela acreditou que iria morrer.

Acariciou-a com ênfase, entrando e saindo repetidamente, descobrindo cada pequena porção de carne até que ela não aguentou mais. Arqueou-se sobre si mesma, apoiou os calcanhares sobre a cama e elevou os quadris para receber a chegada de um orgasmo demolidor que a deixou exausta.

Cedric liberou os pulsos de Chloe, separou as coxas e fundiu sua cabeça entre elas, lambendo de modo selvagem a liberação de sua mulher. Embriagou-se de seu aroma, absorveu com a boca as violentas contrações que escapavam de seu corpo sem controle.

Ficou quieto alguns instantes com sua boca pega ao excitado sexo feminino, inspirando e expulsando contra ele seu hálito quente. Chloe se levantou e o agarrou pelo cabelo enquanto deixava cair o pescoço para trás, presa de um incrível arrebatamento. Obrigou-o a aproximar-se ainda mais de seu prazeroso sofrimento e Cedric recebeu a ordem com muita alegria. Sua língua abriu passo entre as ternas pregas, separando com enérgicas lambidas, e se perdeu em seu interior com uma certa investida.

Fez-lhe amor com a boca apaixonadamente, levando-a uma e outra vez ao cume do prazer até que ela caiu rendida entre os lençóis. Tinha os olhos fechados e o rosto relaxado, uma imagem clara de pura satisfação sexual, mas para ele não era o suficiente.

Não pensava dar-lhe nenhuma trégua.

Aproveitou o momento para tirar suas próprias roupas. Tudo lhe atrapalhava: a camisa, as botas... quando de um puxão tirou as calças, seu membro saltou livre, ereto como um mastro de um barco, reclamando afundar-se onde minutos antes esteve sua língua e seus dedos, até chegar ao mais profundo das entranhas daquela mulher, fazê-la vibrar até a extenuação.

Chloe abriu os olhos e contemplou com admiração a

enorme ereção. Seus olhos olharam com cobiça semelhante envergadura e uma pontada de lascívia incitou-a no baixo ventre. De forma inconsciente passou a língua pelos lábios, de um modo tão erótico que subjugou por completo a Cedric, fazendo que a boca deste se crispasse e seu pênis palpitasse.

Aproximou-se e a cobriu com seu enorme corpo. Pele com pele, suas fortes mãos voaram desde os frágeis ombros até suas costas, abraçando com toscas carícias, enlouquecido com seu lânguido escrutínio. Quando chegou aos seus quadris parou, segurou-a firmemente e levantou-a para ele, convidando-a a viagem que estava a ponto de começar.

Chloe sentiu a dura protuberância pressionar contra seu abdômen. O inchado e inquieto membro insinuava-se até entrar em seus cachos escuro, instigando-a com deliberados roces que não chegavam a alcançar seu objetivo. Que ainda não queria alcançar tal objetivo.

Aquilo era mais do que Chloe conseguia aguentar, Cedric a estava torturando deliberadamente, tinha provocado nela uma excitação que raiava a dor e parecia não ter intenção de acabar com seu suplício. Com o olhar desfocado e os olhos turvos de paixão, agarrou-se a seus amplos ombros e o atraiu com fervor para ela.

— Por favor... — implorou.

— Por favor, o que? — o lábio inferior da boca de Chloe tremeu e Cedric se lançou sobre ele, mordiscando reiteradamente enquanto seus quadris não deixavam de atormentá-la.

— Por favor, agora não... não pare. — a voz de Chloe soou

distante.

— Não te ouvi. — o olhar ardente que aflorou em seus olhos desmentia suas palavras, mas queria voltar a ouvir. Queria escutar de seus lábios, tal e como ele prometeu semanas atrás, o pedido que ambos ansiavam. Queria que fosse ela quem desse o último empurrão que os separava de cair no precipício.

— Faça... faça-me amor... já.

Ele não se fez de rogado. Um sorriso exultante e ladino mostrou sua perfeita arcada um segundo antes de capturar a boca de Chloe em um beijo abrasador, e movendo-se ligeiramente para acomodar-se entre suas pernas, penetrou-a com uma única e certa investida.

No mesmo instante ela cravou as unhas nas costas de Cedric e seu corpo se estremeceu pelo prazer da invasão, surgindo do mais profundo de sua garganta um grito que se diluiu entre a união das bocas. Cedric não sabia se tinha lhe causado dor, pelo que se manteve quieto a espera de uma resposta dela. Ela não era virgem, entretanto talvez não estivesse acostumada a tal envergadura, assim que lhe deu alguns momentos para que se habituassem a seu tamanho.

Mas Chloe não queria esperar. O que desejava com fervor era que se movesse sobre ela, que a liberasse daquela atroz agonia que estava sofrendo. Ambos se olharam aos olhos, um com uma expressão de expectativa e o outro em uma muda súplica que revelava desejo insatisfeito.

Foi ela quem deu o seguinte passo. Entrelaçou as pernas em torno da cintura dele e o instou a continuar levantando seus quadris para conseguir assim aprofundar a penetração.

Ele, gratamente encantado por aquele mostra de audácia, recompensou-a como se merecia. Chloe surpresa, sentiu a enorme ereção crescer ainda mais e engrossar dentro de sua vagina, levando-a por completo, avivando sua excitação a níveis impensáveis que foram superados e muito quando ele começou a mover-se em seu interior. O orgasmo chegou rápido, de uma forma tão intensa e atroz que a deixou extenuada, mas ele não se conformou. Estava disposto a oferecer mais, queria chegar ainda mais alto, para esquecer-se de tudo que tinha sentido até então.

Dali em diante o que ocorreu dentro daquele quarto superou qualquer expectativa dos dois. Cedric deu um giro radical na atitude que iniciou seu assédio, deixando a um lado sua primitiva agressividade e se converteu em um amante entregue, cujo único fim era proporcionar o máximo prazer a sua companheira. Seus movimentos eram precisos e compassados, suas incessantes arremetidas conseguiam levar Chloe uma e outra vez à crista do prazer. As mãos masculinas percorriam todo seu corpo feminino, aprendendo de memória como se fosse um cego, guardando esses conhecimentos recém-descobertos no mais profundo de sua memória. Ela, de sua parte, já tinha perdido todo o sentido da realidade. Tinha entrado em uma espiral de sensações indescritíveis, um espiral vertiginoso que a mantinha presa por completo.

Sem separar-se nenhum milímetro, com sua boca, suas mãos e com seu membro, Cedric conduzia Chloe por um tortuoso e insinuante caminho que levava ao prazer mais intenso. Ela respondia com ímpeto a seus enérgicos convites,

correspondendo com uma fogosidade que o subjugou de forma indelével e o excitou até o delírio. Em um momento de lucidez, a única coisa que sua mente pode pensar foi que sua pequena prisioneira era puro fogo, tanto na guerra como no sexo. E ele gostava. Em ambos os sentidos.

Aquela genuína dança erótica se transformou pouco a pouco em algo mais selvagem, mais urgente até que Cedric foi consciente que sua própria liberação estava muito próxima. Suas investidas se tornaram selvagens, desaforadas e a cadência de seus movimentos aumentando vários pontos, arrancando de Chloe apaixonados gemidos enquanto seu cáldo corpo o recebia com fervor.

O impressionante orgasmo do homem chegou de forma brutal. Cedric notou crescer em seu interior algo até então desconhecido para ele, algo que o transportou para outra dimensão elevada e suprema. A vibração de intensos espasmos o percorreu de cima abaixo, contagiando a mulher com suas veementes sacudidas, fazendo que ambos se convulsionassem como um vulcão em erupção ao sentir os espasmos da culminação final. Seu enorme e musculoso corpo ficou tenso, apertou com ímpeto os quadris de Chloe e, em uma última e violenta investida, derramou-se em seu interior, enquanto os impressionantes gritos de exaltação que surgiam de ambos se fundiam em um só, rasgando o silêncio da noite.

CAPITULO 20

Tinha cometido um erro. Um tremendo erro. O maior erro da sua vida.

Quando despertou na manhã seguinte, a primeira coisa que veio a mente de Chloe foram as recordações da noite anterior. Totalmente claros, nítidos e claros! Santo Deus, tinha se deitado com aquele homem. O que estava pensando para fazer tamanha estupidez?

Estava sozinha na enorme cama, mas, depois de um olhar lançado aos lençóis revoltos e a sua nudez, não restou nenhuma dúvida do que tinha ocorrido ali tinha sido bem real. Um profundo calafrio subiu por sua espinha dorsal ao lembrar o acontecido. Como a tinha tocado. Tudo o que tinham feito. “Uf, isso não pode ser sadio”, pensou com nervosismo ao notar como seu corpo reagia só de pensar nele. E agora, o que ia acontecer? Seria incapaz de olhá-lo na cara. Com certeza, naquele momento estava rindo dela e comemorando sua vitória. Porque tinha razão: afinal tinha sido ela a suplicar que fizessem amor.

“Merda, merda, merda” — repetiu “como pude ser tão idiota?”.

Enrolou um lençol ao redor do corpo e desceu da cama de um salto. Devia vestir-se antes que ele aparecesse, porque uma coisa tinha certeza: o que tinha acontecido à noite anterior, não poderia voltar a se repetir. Nunca mais. Chloe começou a caminhar com nervosismo pelo quarto, rodeando o peito com os braços enquanto sacudia a cabeça, como se assim pudesse apagar facilmente a apreensão que a estava atormentando por dentro.

“Ai meu Deus, no que fui me meter?”

Cedric estava sentado no grande salão com uma jarra de vinho vazia a seu lado, o semblante fechado e olhar turvo. Negros pensamentos o aguilhoavam por dentro uma e outra vez, impedindo concentrar-se em outra coisa que não fosse a mulher que estava naquele momento em sua cama. Dormindo placidamente. Graciosamente nua. Sexualmente satisfeita.

Durante toda aquela semana tinha desejado muito que acontecesse exatamente como foi na noite anterior, para assim poder tirá-la da cabeça de uma maldita vez. Vivia obcecado por ela, como provar seu sabor, como seria tê-la em seus braços. Precisava uma boa queda com ela para tirá-la de uma vez por todas da cabeça e esquecer tudo isso, mas agora quando enfim tinha acontecido, dava-se conta que tinha estado muito equivocado em suas suposições. Aquilo não tinha saciado seu apetite de forma alguma, sim o tinha aumentado. Queria mais. Muito mais.

Quando despertou, muito antes de amanhecer, obrigou a si mesmo a abandonar o cômodo leito, com aquela suave mulher a seu lado e descer para espairecer um pouco, do

contrário a tomaria novamente. Sua simples presença o incitava mais do que estava disposto a admitir. E ali estava ele agora, meio bêbado e sem deixar de pensar nela. A única coisa que conseguiria, se continuasse assim, seria uma bela ressaca. Levantou-se da cadeira com tanta força que esta caiu para trás, golpeando o chão de modo estridente. Os dois galgos que permaneciam deitados próximos a seus pés, sobressaltaram-se pelo barulho, mas momentos depois voltaram a abaixar as cabeças, ignorando ao homem que, com enérgicas passadas, se dirigia a saída.

Cedric saiu ao pátio e caminhou com passo decidido até os estábulos. Foi até a baia de seu garanhão, Beast e o selou ele mesmo. Não podia esperar que algum moço da cavalaria fizesse seu trabalho. Além disso, era um cavalo muito selvagem que não deixava ninguém se aproximar e só ficava mais ou menos tranquilo com ele. Entretanto, quando o tirou da baia se revolveu inquieto, bufando sempre e só a mão firme de seu amo conseguiu tranquilizá-lo.

— Você também precisa de espaço, verdade? Aos dois viria bem uma boa corrida. — Cedric montou de um salto e o acariciou nos flancos com uma mão ao mesmo tempo em que tomava as rédeas com a outra. Esporeou-o com brio e, instantes depois, cavalo e cavaleiro cruzavam a ponte levadiça a pleno galope, levantando uma nuvem de poeira a seu passo.

Leah cumpriu sua promessa de visitá-la quando pudesse. Quando entrou na habitação, Chloe já estava perfeitamente refeita, com o vestido mais recatado de todos que tinha levado na tarde anterior. Queria evitar por todos os meios incitar de

novo a luxúria de Cedric, assim decidiu que a primeira coisa que faria seria não lhe dar nenhum motivo para que se fixasse nela de forma especial. Elegeu um vestido simples de cor pêssego com pescoço alto, coberto por uma capa de gaze e mangas amplas. Depois trançou os cabelos e deixou que caísse por cima de um de seus ombros. Para finalizar, colocou em cima um manto de lã cinza. O outono estava sendo muito cruel e as temperaturas tinham baixado muito no exterior, mas ela o fez única e exclusivamente para ocultar seu corpo dos olhares de Cedric. Quanto menos mostrasse, melhor seria.

Deu tempo de arrumar o quarto e apagar qualquer prova visual que recordasse o momento de paixão que ambos tinham compartilhado, mas quando terminou, foi incapaz de sentar-se um momento. Ao ouvir abrir a porta, sobressaltou-se e conteve a respiração, negando-se a girar a vista para ali, pensando que Cedric tinha voltado. Solto um suspiro de alívio quando comprovou que se tratava de Leah.

No início não queria lhe olhar na cara, porque intuía que se daria conta do que tinha acontecido na noite anterior com seu cunhado. Embora tivesse arrumado a cama, estava certa de que seu rosto a delataria, assim que fez todo o possível para evitar seu olhar. Enquanto Leah falava, ela passeava inquieta pela habitação executando ridículas tarefas: colocava uma jarra junto à janela e em seguida a retirava, limpava a inexistente poeira da superfície da cômoda... qualquer coisa como tal de não se enfrentar a ela.

— Bom dia, Chloe.

— Ho... olá, Leah.

— Sinto ter me retirado cedo ontem a noite. — desculpou-se.

— Não se preocupe, entendo que não goste de ficar no salão depois de jantar.

Chloe não conseguia deixar as mãos paradas. Com movimentos torpes, dedicava-se a dobrar e desdobrar uma e outra vez a roupa que tinha emprestado. Parecia que não lhe satisfazia como ficavam colocadas as roupas. Leah percebeu que ali tinha alguma coisa errada.

— Chloe você está bem?

— Claro, por que pergunta? — sua voz revelava um nervosismo mal dissimulado.

— Você está ausente e não faz mais que mover-se de um lado a outro sem concentrar-se em nada. Além disso, parece que foge ao meu olhar. Está escondendo algo?

— Eu escondendo algo? Claro que não! — Chloe olhou pela primeira vez para Leah e tentou parecer tranquila, mas seus olhos a delataram, era incapaz de manter o olhar por dois segundos seguidos.

— Chloe, aconteceu alguma coisa ontem à noite? — perguntou com astúcia.

Tinha dado direto na veia. Aquela pergunta a colocou tão nervosa que as roupas que levava nos braços caíram no chão, esparramando-se ao redor do quarto. Rapidamente se agachou para recolhê-las e Leah se aproximou dela com pressa para ajudá-la. Quando pegou entre suas mãos uma camisola branca, franziu o cenho e observou a moça com ar suspeito.

— Chloe me responda. — disse tão seria que a frase soou

como uma ordem.

— Que quer que te diga? Não entendo a que vem tanta insistência, de verdade.

— Então, o que significa isso? — Leah levantou a destroçada camisola que tinha entre suas mãos, a mesma que à tarde anterior tinha lhe entregado para que a vestisse debaixo do vestido, antes de descer ao salão. Chloe já não pode mais fugir ao tema.

— Não sei... o tecido devia estar velho. Quando tirei ontem, fiz um movimento estranho e rasgou. Eu sinto muito, Leah, tentarei consertá-la. — tirou a camisola de um puxão e a enrugou entre seus dedos, fazendo uma bola com ela.

— Chloe...

— O que? — respondeu quase gritando.

— Diga-me a verdade! — seu tom era enganosamente calmo.

— Não há nada a explicar. — Chloe se levantou e lhe deu as costas. Agarrava com tanta força o pedaço de tecido que seus dedos ficaram brancos.

O silêncio que se fez na habitação foi muito revelador. Leah se levantou lentamente do chão e, colocando uma mão com delicadeza no ombro da outra mulher falou.

— Cedric... — não sabia como perguntar — forçou a você?

“Oxalá tivesse sido assim” disse Chloe a si mesma sem pensar na insensatez que era aquela ideia. Mas não, as coisas não tinham acontecido assim. Ela tinha participado com gosto do que ocorreu entre ambos, inclusive desfrutou. E muito. Entretanto como poderia explicar isso?

— Olhe, Leah... — as palavras começaram a brotar de seus lábios como dardos disparados com vontade. Quando começou já não podia parar até chegar ao fim — não posso continuar neste quarto com ele. Eu sei, sou sua prisioneira e não tenho nenhum direito a pedir nada, mas te rogo que faça alguma coisa para me tirar daqui. Faça-o já. Prometo que não tentarei escapar, mas deve convencê-lo para que me prenda em outro lugar. Tanto faz onde seja, posso ir às masmorras presa de mãos e pés; juro que irei e não me queixarei. Aceitarei qualquer coisa, menos isto. Não posso ficar aqui por mais tempo, simplesmente, não posso.

Leah estava escandalizada. Cedric teria sido capaz de... ? No fundo de seu coração não acreditava que seria capaz de semelhante ato, mas a moça estava muito alterada. Por que ela iria preferir ficar presa em uma cela a continuar naquele quarto?

— Chloe, me explique o que se passou.

— Leah, isso é irrelevante. Dá igual o que tenha acontecido, mas não estou disposta de que volte a acontecer. Por favor, eu rogo a você, faça algo...

— Moça...

— Por favor, não insista! De verdade, Leah deixemos de dar volta ao assunto. — a olhou com olhos suplicantes — Simplesmente, me ajude!

— Está bem. — Leah se deu por vencida. Não conseguiria tirar mais informações no estado de nervos no qual se encontrava, assim que decidiu mudar de tema, ao menos, pelo momento — Chloe não te prometo nada, — levantou seu queixo

com um dedo e lhe sorriu com muita ternura, como se Chloe fosse uma menina pequena que queria consolar — mas posso assegurar que tentarei. E seja como for o que Cedric tenha feito, vai me ouvir. — acrescentou taxativa — Todos neste castelo irão me ouvir.

Por fim desfrutava de um momento de paz. Tinha açulado tanto Beast em sua louca corrida que o pobre animal acabou soltando espuma pela boca. Ambos estavam esgotados, mas também satisfeitos. Suas ânsias tinham sido aplacadas com o intenso galope e, naquele momento, cavaleiro e cavalo descansavam a beira de um lago de águas límpidas situado a algumas milhas do castelo. O cavalo pastava tranquilamente no prado circundante, feliz por ter se exercitado junto a seu amo, enquanto Cedric, com o peito descoberto, estava apoiado em umas rochas. O mergulho que tinha dado naquelas águas gélidas o tinha revitalizado, mas sobre tudo tinha servido para aliviar seus aquecidos instintos. Agora já podia pensar com clareza. Ou não.

Se Chloe continuasse no seu quarto, tão próximo a ele, voltaria a repetir-se a noite anterior. E muito além do que se pudesse imaginar. Era incapaz de tirá-la da cabeça. Sua recordação rondava sua mente o tempo todo e o torturava uma e outra vez.

Aquilo não era bom. Estava começando a distrair-se do que realmente importava, antepondo seus lascivos instintos ante suas responsabilidades. Tinha que cortar aquele mau pela raiz, mas como? Quem sabe, se desfrutasse daquele corpo tão apetecível somente mais uma vez, talvez conseguisse esquecê-

la e retomar seus assuntos.

Estava enganando a si mesmo. Essa não era a solução e ele sabia. O que tinha que fazer era afastá-la de sua vista o quanto antes. Entretanto, estava fora de discussão o fato de deixá-la em liberdade. Embora, já não tivesse tentado mais escapar, ainda não confiava nela o suficiente para deixá-la vagar com toda liberdade pelos corredores. Ainda precisava mantê-la estritamente vigiada e onde melhor do que sua habitação?

Regressou ao castelo sem ter tomado nenhuma decisão. Quando chegou ao pátio de armas, Leah o estava esperando ali de pé com os braços em jarras e o olhar irado.

— Cedric Lenton. Você e eu temos que falar. Agora.

— Não pode esperar que eu desmonte e cuide de meu cavalo? — respondeu ele com acidez. Desceu do garanhão, entregou as rédeas a um jovem da cavalaria que tinha corrido até ele e girou-se para sua cunhada, mas esta já tinha dado a volta e caminhava orgulhosa para o interior da fortaleza.

— Espero-te no salão, — disse com desdém — não demore.

Cedric ia a dois passos atrás dela. Ela era consciente do homem que a seguia, mas não queria armar nenhum escândalo diante de todo mundo, assim que esperou até chegar ao salão. Iria se formar um verdadeiro escândalo quando lhe dissesse algumas verdades.

Assim que entrou no salão, a mulher fez um gesto com a cabeça aos serventes que estavam preparando as mesas da comida e, em silêncio, ordenou que saíssem dali. Quando estes obedeceram, Leah girou para Cedric para encará-lo e

sussurrou com fúria contida.

— E bem? Posso saber o que fizeste com lady Chloe ontem à noite?

Cedric olhou sua cunhada sem compreender.

— Não se faça de inocente. Quero que me diga agora mesmo o que fizeste a essa pobre moça que está tão alterada.

— Mas, do que está falando? — Cedric não entendia nada.

— Falo o que se passou em seu quarto ontem à noite. — disse ela, fulminando com o olhar.

— Leah, não acredito que isso seja da sua conta.

— Claro que é da minha conta! — exclamou acalorada — Eu sou a senhora deste castelo e não penso consentir que ninguém desonre uma mulher abaixo do meu teto, mesmo que ele seja irmão de meu falecido esposo.

Desonrar a uma mulher? Mas que demônios havia dito Chloe a Leah? Ele jamais tinha saído falando aos quatro ventos suas aventuras amorosas com as mulheres com as quais se deitava, mas também não estava disposto a permitir que o acusassem de algo assim, sobretudo quando existiu mútuo consentimento.

— Leah, está muito equivocada...

— Equivocada? Você não sabe o estado de ansiedade que tem essa moça agora mesmo. Quando fui vê-la há um minuto, estava tão alterada que até me rogou que a levasse presa às masmorras, mas que não a deixasse nem um minuto a mais dentro daquele quarto. Você acredita que alguém que esteja em seu perfeito juízo, preferisse a tortura das masmorras se não tivesse sofrido torturas maiores? Como se atreveu a violá-la?

— Eu não a violei! — explodiu ele.

— Ah, não! Então porque encontrei no seu quarto a camisola que vestia totalmente rasgada? Porque lady Chloe tem tanto medo de você?

— Olhe, Leah... — Cedric mexeu nos cabelos nervoso — não sei o que te falou esta mulher a respeito do que houve ontem, mas posso te assegurar que não me aproveitei dela.

— Essa é precisamente a questão. Ela não quis me dizer nada! Tem tanto medo de ficar ali que prefere que a tenhamos em piores condições e se nega a explicar a razão.

— Leah, eu não abusei dela. — tentou dialogar.

— Quer dizer que seu medo é irracional? Que não a tocou?

— Bom... — Cedric baixou a vista para o chão e começou a dar golpes com a ponta da bota — pode-se dizer que tivemos contato, mas foi por vontade própria.

— Vontade própria? — Leah aumentou várias oitavas a voz. — a dela ou a sua?

— A de ambos. — respondeu aos gritos.

— Aí, Cedric, o que você fez? — reprovou tristemente.

— Eu não fiz nada! Quer que fale com clareza? Pois muito bem, assim o farei. Sim, ontem Chloe e eu nos deitamos em meu leito, mas ambos desfrutamos daquele momento. Ambos estivemos de acordo!

— Cedric, não sabe o que isso implica, verdade? Acredito que não seja consciente do que provocou. Já é muito grave manter a moça cativa aqui, mas, além disso, utilizá-la como uma simples camponesa... quando sua família souber do que aconteceu, vai exigir responsabilidade.

— Isso não vai acontecer! Ninguém vai saber disso.

— Ah não? Pensa mantê-la encerrada pelo resto da vida neste castelo? — recriminou.

— Ainda não sei o que fazer com ela... , mas não penso deixá-la em liberdade. — assegurou Cedric.

— Bem, pois se você não sabe, eu sei. O primeiro que deve fazer é tirá-la do seu quarto e instalá-la em outro lugar. Imediatamente.

— Impossível! — gritou ele — Como te ocorre ideia tão estúpida? Ela é uma prisioneira, não uma simples convidada. Acredita que vou deixá-la passear por todos os lados sem vigiar? Em meu quarto está muito bem vigiada.

— Cedric, em seu quarto, está “muito” controlada. — respondeu com intenção.

— Não penso tirá-la dali.

— Ah não? Pois vou lhe dizer uma coisa: ou esta mesma noite ela está fora de seu quarto, ou amanhã sem falta enviarei um mensageiro a Whippledone para informar a seu senhor que lady Chloe está retida aqui.

— Não se atreveria. — exclamou ele exaltado.

— Claro que me atverei, — afirmou Leah — não me tente.

Cedric andava pelo salão como um cão enjaulado, raivoso por encontrar-se entre a espada e a parede. Como pode chegar a esta situação? Ele sabia que Leah seria capaz de cumprir sua ameaça. Não podia arriscar-se, assim que não ficou mais opção que aceitar os termos. Estava tão aborrecido que esteve tentado a dizer a sua cunhada que se Chloe preferia a masmorra, então ali a levaria, mas logo se deu conta que ele não poderia dormir

tranquilo se tomasse uma decisão tão drástica.

— Está bem, — respondeu com voz derrotada — será como você disser. Ordenarei que preparem o quarto contíguo ao meu e colocarei um guarda na porta, tal e como venho fazendo até agora. Antes de instalá-la ali me assegurarei pessoalmente de que não exista nada naquele quarto que possa ajudá-la a fugir. Mas não penso permitir que esteja mais longe, e nisto te asseguro que serei inflexível.

Leah tentou sem êxito ocultar a satisfação em seu jovem rosto. Seus lábios se curvaram perigosamente para cima, assim que deu as costas a seu cunhado para evitar que visse que estava rindo de orelha a orelha pela vitória conseguida. Na verdade, não tinha muitas esperanças de que Cedric desse o braço a torcer; aquilo tinha saído muito melhor do que tinha imaginado, mas isso ele não precisava saber.

— Fico feliz que comece a ser razoável, — Leah aprovou sua decisão com uma leve inclinação de cabeça — só espero que isto não seja somente uma concessão eventual.

Cedric ia responder, mas quando as palavras quiseram sair de sua boca Leah já tinha partido, deixando-o confuso e muito irritado.

Chloe ouviu vozes mal-humoradas e vários ruídos procedentes do outro lado da parede. Estava certa de que os gritos que ouvia por cima de qualquer outro barulho eram de Cedric e isso a deixou muito assustada. Ele já teria conversado com Leah? O que teria respondido?

A espera estava sendo eterna. Temia o momento em que ele voltasse a entrar na habitação, mas também desejava com

todas as suas forças saber se Leah tinha conseguido seu propósito. O que ela faria se Cedric não aceitasse tirá-la dali? Sabia que não tinha força de vontade suficiente para ser forte e manter-se fria se Cedric tentasse se aproximar novamente. Não podia controlar as reações de seu próprio corpo, não seria capaz de permanecer imune a seu contato se ele voltasse a tocá-la. Por isso a única solução possível seria afastar-se dele o máximo que pudesse.

Passou toda à tarde em agonia. Cada vez que ouvia vozes se aproximar da porta, ficava tensa e começa a tremer incontrolavelmente. E o que mais a deixava irritada era não saber se tremia de medo ou de expectativa.

Ninguém tinha ido buscá-la para comer, como também não tinham levado nada durante todo o dia, embora nem se importasse. Tinha um nó no estômago por conta da ansiedade, assim que teria sido incapaz de comer alguma coisa. Chegou a hora do jantar e aquela irritante sensação ainda não tinha desaparecido, mas teve que deixá-la de lado quando Gideon entrou no quarto e a informou de que o tinham enviado para levá-la ao salão. Chloe esfregou os pulsos com nervosismo e tentou se desculpar, alegando uma terrível dor de cabeça, mas o moço, com um sorriso compreensível lhe explicou que não tinha outra opção. Tinha ordens expressas de seu irmão de fazê-la descer por bem ou por mal. Tinha expressado dessa forma e assim ele transmitiu o recado. Chloe entendeu que seria por bem descer com Gideon, enquanto que por mal seria Cedric quem a buscaria. Ela aceitou o braço que Gideon estendia com amabilidade e ambos saíram do quarto.

— Está bem lady Chloe? Noto que está nervosa.

— Não é nada Gideon, mas obrigado por seu interesse.

— Ontem meu irmão se comportou como um néscio ao tirá-la daquela maneira do salão. Não ocasionou mais dano depois que subiram verdade?

Será que todo mundo tinha decidido perguntar exatamente isso? Claro que tinha feito mais dano, infinitos danos, mas ela mesma os tinha provocados.

— Não houve nada. — mentiu com descaramento.

— Pois hoje está com um humor de cão. A única coisa que consegui entender cada vez que resmunga é que todas as mulheres são um incômodo e que Deus o salve de ter que aguentá-las por mais de cinco minutos.

Chloe não disse nada, simplesmente encolheu os ombros e seguiu caminhando a seu lado.

Logo que entrou ao salão, o viu. Estava de pé, com o braço apoiado na chaminé, enquanto mantinha uma conversa privada com sir Alec. A escassa força que tinha desapareceu no mesmo instante e hesitou em virar-se para voltar por onde tinha vindo, mas Gideon não permitiu. Ao notar sua vacilação apertou seu antebraço firme, mas educadamente, para encorajá-la a continuar. Chloe rendida, abaixou a vista para o chão, respirou fundo e prosseguiu a marcha.

Embora não tenha levantado a vista em nenhum momento, sentia que era observada com intensidade. Quando chegou ao tablado, sentou-se onde Gideon indicou e apoiou as mãos sobre seu colo, abaixando o rosto, desejando que aquilo terminasse logo.

Como no dia anterior, Gideon tomou assento a sua esquerda, o lugar a sua direita estava vazio, embora Chloe não tivesse dúvida de quem o ocuparia. Instantes depois de que Cedric se sentou, o ar tornou-se opressivo ao seu redor e ela soube com segurança que a ceia iria fazer-lhe mal.

Os criados começaram a desfilar com diferentes bandejas repletas de apetitosos manjares. Entretanto, Chloe comeu bem pouco. Estava muito incomodada pela situação e a proximidade daquele homem não ajudava o mínimo. Leah situada à direita de Cedric tentou conversar, mas Chloe era incapaz de responder além de monossílabos, assim terminou desistindo e se concentrou em uma animada conversa com seu cunhado mais novo.

Chloe passou um bom tempo do jantar brincando com um pedaço de pão de centeio, esmigalhando-o sobre seu prato sem nem mesmo prová-lo, entretanto notava o penetrante olhar verde que não lhe tirava de cima. Cedric também economizou em palavras com todos os comensais e a ela em concreto só lhe dirigiu uma única palavra:

— Come.

Não tinha nenhum apetite, mas não quis contrariá-lo, assim que imediatamente pegou um pedaço de frango da bandeja que tinha a sua frente. Fez tão precipitadamente que seu braço entrou na trajetória de outra mão que naquele momento fazia o mesmo, com a má sorte de pousar sobre a dela. Ambos sentiram a descarga ao mesmo tempo, Chloe deu um pulo ao notar aquela pele quente sobre a sua e os dedos de Cedric se crisparam pelo imprevisto contato, embora só tenha

sido por um instante antes de retirar e permitir que ela recolhesse o pedaço de carne.

Podia sentir a tensão no ar. Leah e Gideon cruzavam olhares surpresos entre eles, assombrados pelo que seus olhos viam. O que estava ocorrendo na mesa superava sua compreensão, mas não quiseram fazer nenhum comentário a respeito. Estava claro que entre Cedric e Chloe tinha acontecido alguma coisa, mas cada um tirou suas próprias conclusões e as guardaram para si mesmo.

O jantar chegou a seu fim e como se acionado por uma mola, Cedric se levantou. Essa noite não teria sobremesa.

— Vamos. Está na hora de nos retirar. — ouviu Chloe a suas costas. Aquelas palavras iam dirigidas a ela.

Bem, o momento que tanto temera finalmente chegou. Agora já não podia ser evitado. Quando chegassem à habitação, não ficaria mais remédio que fazer-lhe frente, mas como?

Chloe acatou a ordem e se preparou para o pior. O rosto de Cedric era uma máscara de fria indiferença, mas sua aparente calma não a enganou. Sabia que ele estava esperando que estivessem a sós para exteriorizar o que tinha matutado o dia todo.

— Leah, Gideon, boa noite.

— Cedric... — aquela única palavra de Leah foi um aviso, como também o olhar carregado de reprovação que o presenteou.

Ele fez caso omissso da advertência de sua cunhada. Tomou Chloe pelo braço e começou a se afastar com ela em direção as escadas, enquanto Leah e Gideon permaneciam

sentados na mesa sem saber o que fazer.

Nenhum dos dois disse nada durante o ocorrido. Cedric levava Chloe firmemente pelo braço, assim ela teve que adequar seus passos às longas passadas dele. O som de seus passos era a única coisa que se ouvia no corredor, até que pararam em frente à porta dos aposentos de Cedric. O guarda que tinha parado ali foi despedido com uma ordem seca.

— Vai.

Quando a silhueta do soldado se perdeu ao fundo da galeria, Cedric jogou seu corpo sobre Chloe e a aprisionou contra a parede, apoiando ambas as mãos na pedra encima de sua cabeça.

— Do que tem tanto medo? — perguntou com brusquidão.

Silêncio. Ela não disse nada. Mantinha a vista fixa na ponta de suas botas sem atrever-se a fazer um só movimento.

— Responde. Porque tem tanto medo?

Ainda que quisesse, Chloe não conseguia dizer nada. Cedric estava tão próximo a ela que podia sentir com clareza sua respiração agitando algumas mechas de seu cabelo, como seu hálito quente que roçava a pele de seu pescoço, provocando uma estranha e enervante inquietude. Definitivamente, aquele homem a desarmava, fazia-a se sentir vulnerável e sua proximidade a anulava por completo.

— Olhe para mim.

Não podia levantar o olhar, simplesmente não podia.

— Olhe para mim. — repetiu Cedric, desta vez com um pouco mais de cortesia.

Ficou alguns instantes esperando uma reação da parte

dela. Como esta nunca chegou, tomou com delicadeza seu queixo e levantou seu rosto, obrigando-a que o olhasse. Chloe começou a tremer como uma folha. Cedric era muito maior que ela, mas tinha abaixado um pouco a cabeça e o penetrante olhar que lhe dirigia a abalou até a mais profunda de suas entranhas.

— Mulher, não entendo seu comportamento. Porque está tremendo? Acaso te machuquei ontem à noite? Acaso não desfrutou tanto como eu? — sua voz adquiriu um tom extremamente sensual e com os nós dos dedos traçou seu queixo enquanto fixava sua vista em sua boca, naqueles carnudos lábios que já tinha saboreado, mas que o incitava até o limite — Não gostaria de repetir?

— Não, por favor, não... — murmurou Chloe em um sussurro.

Cedric sorriu por dentro. Por fim tinha descoberto sua debilidade. Todas aquelas semanas havia querido dobrá-la física e mentalmente, mas agora era quando se dava conta de que na realidade, o que Chloe mais temia não era dor, nem as ameaças, nem os castigos: eram seus próprios desejos. Tinha medo de si mesma, de se deixar levar por seus impulsos e sucumbir à tentação. Sabia com certeza de que ela tinha gozado de cada momento vivido a noite anterior. Tinha-a sentido vibrar junto a ele, tinha sentido sua paixão e sua entrega. Porque negá-lo agora?

Esteve tentado a tomá-la de novo em seus braços, capturar aquela desejosa boca com a sua e voltar a levá-la a sua cama para arrancar-lhe uma vez e outra aqueles sublimes

gemidos de paixão que tanto o tinham excitado. Queria mostrar que não tinha nada a temer, que para vencer seus medos deveria enfrentá-los não dar as costas a seus mais escuros instintos, mas se conteve. Se Deus soubesse o quanto lhe custou, mas se conteve.

Aquela noite não iria acontecer nada entre eles, embora Cedric tivesse certeza que derrubaria facilmente suas defesas. Entretanto, agora que sabia seu ponto débil, o utilizaria a seu favor para manejá-la quando quisesse. Seria argila maleável entre suas mãos. E depois, cedo ou tarde, quando ela tivesse afastados seus irracionais temores de lado e voltasse a se entregar a ele, ambos tirariam proveito da situação. Cedric deu um passo atrás e, um tanto reticente, separou-se de Chloe. Abriu a porta do quarto contíguo ao seu e a mandou entrar. Ela o olhou com expressão interrogante.

— A partir de hoje dormirá aqui. Mandei colocar uma corrente na parede similar a de meus aposentos, mas no momento não a usarei contigo. Confio que aprecie está grande concessão que te faço e não me decepcione fazendo alguma besteira. A porta seguirá fechada enquanto estiver dentro, embora também tenha um guarda aqui guardando-a. Poderá receber visita de lady Leah, mas não sairá deste quarto se não for comigo. Descerá ao salão na hora na comida e se teu comportamento futuro for de meu agrado, de vez em quando poderá sair ao exterior. Boa noite, Chloe.

Cedric pegou a uma surpresa Chloe pelo braço e, com um ligeiro empurrão, introduziu-a no quarto. Depois fechou a porta, fechou com chave e apoiando a testa na madeira,

respirou com frustração. Como ele poderia controlar seus próprios impulsos? Aquela seria uma tarefa árdua.

CAPITULO 21

O outono chegou a seu fim e os gélidos dias invernais trouxeram consigo inúmeras chuvas. Tinha passado mais de uma semana desde que Chloe foi acomodada em outra habitação e durante esse tempo não fez outra coisa mais que chover dia e noite, sem descanso. Caiu tão grande quantidade de água que o fosso estava a ponto de transbordar e para evitar que o castelo fosse inundado, tiveram que escavar no terreno pedregoso um canal que conduzisse as águas até as margens do desfiladeiro. Como o mal tempo não parecia que fosse melhorar, todos os homens disponíveis se organizaram para a construção de um dique de contenção na cabeceira do rio, já que existia um grande perigo do mesmo transbordar também. Ao longo de vários dias se dedicaram exclusivamente a reunir pedras de tamanhos grandes que pudessem encontrar, quer fossem as já previstas para futuras construções que iriam fazer dentro das muralhas ou as que achavam ao redor, e com elas levantaram pouco a pouco os muros de contenção. Nem mesmo dava tempo de colocá-las junto à orla, o nível de água voltava a subir ainda mais, fato pelo qual simplesmente colocavam umas sobre as outras, prestando atenção para que

as que iam se sobrepondo fossem ainda maiores que a anterior. Enquanto isso, no interior do castelo também tinha grande movimento. As mulheres e os anciões que se encontravam a disposição de trabalhar não paravam de recolher água do piso inferior, a chuva caía com força e aproveitava qualquer fenda para infiltrar-se no chão. Na planta superior, devido ao bom estado do telhado, apenas se produziam poucas goteiras, exceto uma maior na torre norte, mas como ainda estava desabitada depois do incêndio que tinha se produzido durante o assalto, decidiram-se a trabalhar nela somente quando as chuvas passassem.

Cedric supervisionava os trabalhos exteriores ajudado por seu irmão Gideon, enquanto Leah era a encarregada, junto com Gavin, de manter seco o interior. As cozinhas funcionavam a pleno vapor para alimentar os trabalhadores, que comiam por turnos até que se acabassem as obras. Todo mundo estava muito atarefado esses dias e as horas de descanso de Cedric foram escassas, apenas dormia três horas, porque não queria desatender a organização de todas as tarefas. Desde que se levantava, muito antes do amanhecer, até que caía rendido na cama as altas horas da noite, depois de um dia esgotante, mantinha-se constantemente ocupado, sem parar para descansar nem quando a fome chegava. Comia qualquer coisa que levassem onde estava e em seguida retornava as suas responsabilidades, sem pensar em nada que não fosse impedir que se produzisse uma catástrofe devido as fortes chuvas.

Aquilo serviu para esquecer um pouco de Chloe, embora não pudesse evitar de parar em frente à porta de seu quarto

cada vez que entrava ou saía de seus aposentos. Sempre o fazia em horas intempestivas, mas uma força superior o impelia a permanecer durante alguns instantes apoiado na parede, com o olhar fixo na porta e seus pensamentos dirigidos exclusivamente à mulher que ocupava a dita habitação. Desejava vê-la, tê-la próxima a ele e poder sentir seu cheiro embriagador e contemplar com prazer seu corpo. Então sua mente recordava uma e outra vez aquela noite de paixão desenfreada e o desejo retornava furioso as suas entranhas, então se afastava antes de cometer uma loucura e irromper ali dentro. Se o fizesse, provavelmente a despertaria e a assustaria. Além disso, pensava que aquilo seria uma distração de suas obrigações, pois se entrasse não sairia dentro de várias horas.

O que Cedric não sabia era que, cada vez que chegava ou partia, Chloe estava esperando de pé do outro lado da porta. Escutava-o parar a escassos metros dela, separados somente pela porta e aguardava. Não sabia o que, mas aguardava. Sentia que ele estava ali, escutava sua agitada respiração e com o coração em punho batendo deslocado, esperava seu seguinte movimento. Uns passos firmes e decididos que se afastavam pelo corredor até o som de uma porta se fechando, e depois nada. Então voltava para a cama e tentava dormir durante algumas horas.

Chloe descobriu a presença oculta de Cedric no corredor em uma noite de insônia. Não podia conciliar o sono devido a forte tormenta que estava caindo do lado de fora, assim que se sentou na cama, cobrindo os ombros com um xale, enquanto

tentava colocar em ordem seus pensamentos.

No começo quando Cedric a levou àquele quarto e fechou a porta as suas costas, ela não soube o que tinha acontecido realmente. Com os nervos a flor da pele depois de ter estado tão próxima a ele, tinha sido incapaz de pensar com clareza. Depois de alguns minutos começou a ser consciente de sua nova situação, quando as batidas de seu coração começaram a se tranquilizar. O nervosismo deu lugar a surpresa e entendeu que Leah tinha conseguido cumprir sua promessa de tirá-la dos aposentos de Cedric, embora desconhecesse como tinha conseguido isso.

Leah tinha ido visitá-la no dia seguinte a troca de quarto para explicar que não poderia descer ao salão porque o castelo estava em situação de alerta por conta das chuvas. O fosso tinha transbordado e temiam que ocorresse o mesmo com o rio próximo, assim que tinha se organizado urgentemente para evitar maiores estragos. Cedric estaria muito ocupado para ir buscá-la e, como tinha proibido que saísse da habitação sem ele estar junto, ela precisava ficar ali até segunda ordem. Aquilo a aliviou, já que assim poderia evitar sua inquietante e perturbadora presença, mas com o passar dos dias tinha começado a trocar de opinião. Não chegava a entender a razão, mas no fundo de seu ser, desejava voltar a vê-lo.

Com as pernas cruzadas em cima da cama, cercada pelo calor do manto que a cobria e com sua mente posta em Cedric, ouviu-o chegar. Sabia que era ele porque ninguém mais podia transitar por aquele corredor dando passadas tão enérgicas nas horas tão impróprias. Notou como parava quando chegava à

porta de seu quarto, e a surpreendeu não ouvir o som da porta ao lado abrir ou fechar. Com cuidado para não fazer ruído, descruzou as pernas, levantou da cama e caminhou descalça sobre o frio chão até chegar à porta. Aguçou os ouvidos e assim pode perceber do outro lado o débil som de uma respiração inquieta que permanecia estática, sem mover-se do lugar. Depois de alguns momentos, o causante de ditos sons se afastou e o estrondo da porta fechou de forma definitiva o capítulo de alterações da normalidade daquela noite. A partir de então, Chloe trocou seus hábitos de descanso. Esperava sua chegada altas horas, mas depois não podia conciliar o sono. Cochilava alguns momentos, em um contínuo despertar, até que ouvia ruídos do outro lado da parede. Sabia que Cedric tinha se levantado de novo, embora ainda não tivesse amanhecido. Calculou que não dormia nem três horas por noite e isso a fez trocar um pouco seu parecer com respeito a ele.

Na verdade, preocupava-se com sua gente, em visitados muitos dias que esteve sem descansar corretamente, mas o que mais a surpreendeu foi descobrir que, no fundo, agradava-lhe que sempre parasse junto a sua porta durante um momento quando chegava ou quando partia. E aquilo lhe deu muito em que pensar.

Finalmente o mal tempo deu uma trégua. O sol invernal brilhava no alto de céu, alegrando o coração e os ânimos daquelas pessoas que, durante duas longas semanas, tinham centrados seus esforços e preocupações em conter os estragos que pudessem ter causado as fortes chuvas. Passado o perigo,

todos os que tinham estado trabalhando sem descanso puderam respirar tranquilos. Muitos caíram rendidos em seus colchões, entre eles Cedric.

Como já vinha sendo habitual, Chloe o ouviu chegar altas horas da noite, embora não tenha ouvido sair pela manhã. Durante todo o dia não escutou nenhum ruído do outro lado da parede, assim pensou que talvez tivesse saído enquanto ela ainda dormia, vencida pelo cansaço. Com certeza não tinha realizado nenhum trabalho físico naquelas semanas, mas a falta de sono a tinha deixado esgotada e quando terminou de comer o que lhe tinham levado, caiu em um profundo sono que não foi interrompido até altas horas, quando o ferrolho da porta foi aberto e uma silhueta entrou sem fazer barulho, até postar-se diante da cama.

Chloe despertou com a sensação de que alguém a observava. Deu a volta entre os lençóis, abriu os olhos e levou um susto monumental ao encontrar-se diante do olhar de Cedric. Não sabia quanto tempo estava ali, mas vê-lo de pé perto dela apagou na hora os restos de sono que ainda pudessem ficar.

— Que faz aqui? — Chloe se tampou até o queixo e o olhou na cara.

Cedric não disse nada, só se limitou a olhá-la. Tinha o cabelo revoltado, como se tivesse acabado de se levantar e uma barba de vários dias cobriam sua mandíbula. Chloe pode observar profundas olheiras que envolviam seus olhos, proporcionando um olhar ainda mais vívido aos seus inquietantes olhos verde e fazendo que se destacassem ainda

mais em seu rosto escurecido.

— O que faz aqui? — repetiu ela, recuperando-se da surpresa e adotando um novo tom formal que lhe permitia manter distância dele. Cedric piscou várias vezes, como se de repente tivesse saído de um transe.

— Pensei que gostaria de descer para o jantar, — comentou com voz profunda — não imaginei que estivesse dormindo.

— Que horas são?

— Faz um bom tempo que anoiteceu. Moça, você está bem? Não é normal que esteja dormindo a essas horas. — caminhou um pouco mais até ela e fez gesto de aproximar a mão de sua testa, mas na metade do caminho parou e retrocedeu como se tivesse descoberto que aquilo não seria uma boa ideia.

Chloe pensou ter percebido um leve tom de preocupação em sua voz. Não o entendia na verdade. Que estava acontecendo?

— Não, eu... estava muito cansada, nada mais.

— Cansada de não fazer nada? — o tom que utilizou foi de censura. Talvez tivesse imaginado tudo. Já voltava a ser o mesmo impertinente de sempre — Quer descer ou não? — perguntou impaciente.

— Sim, claro — respondeu — dar-me-ia um momento? — Chloe estava desejando sair do quarto, embora primeiro devesse se vestir e não tinha nenhuma intenção de fazê-lo enquanto ele estivesse ali.

Cedric resmungou. Ela acreditou entender que disse algo assim como “não, não lhe permito”, mas no mesmo instante

deu meia volta e saiu do quarto.

— Meia hora. Dou-te meia hora, não demoro em me preparar e assear um pouco. Se não estiver pronta até lá, ficará aqui dentro.

Chloe não perdeu tempo. Quando a porta se fechou, saiu depressa da cama, refrescou o rosto na jarra e passou pela cabeça o primeiro vestido que achou, com uma rapidez surpreendente, embora tenha lhe custado vários minutos para atar todas as fitas.

Penteou seus cabelos fazendo uma trança solta e colocou um manto sobre os ombros para se resguardar do frio. Não queria perder a oportunidade de poder interagir com outras pessoas, depois de ter permanecido reclusa tanto tempo.

Entretanto, foi ela quem teve que esperar por ele. Quando Cedric voltou a entrar, como sempre sem bater antes, ficou surpreso ao vê-la pronta. Aquela mulher não se dava conta de seu próprio atrativo, porque ainda que levasse um simples vestido de cor lavanda e seus cabelos estivesse recolhidos em uma simples trança, sua beleza natural destacava-se como se estivesse com suntuosos tecidos. Definitivamente, cada vez que a via ansiava com mais ímpeto voltar a tê-la entre seus braços.

— Vamos? Estou faminto. — argumento enquanto esperava que ela se aproximasse.

Cedric tinha trocado de roupa, já não vestia a camisa enrugada de um momento, tinha penteado seus cabelos molhados para trás e tinha feito a barba. Chloe percebeu que seu queixo tinha um pequeno corte, que tinha feito ao se barbear e de onde saíam algumas gotas de sangue. De modo

inconsciente, sem saber o que a tinha levado a fazer, levou a manga de seu vestido e o limpou.

— O que faz? — ele voltou para trás, afastando-se dela. Aquele simples gesto tinha provocado um intenso calor que o percorreu pela espinha dorsal, deixando-o em fogo.

— Só tentava evitar que manchasse a camisa, — se justificou ela orgulhosa levantando o queixo — desculpe-me. — acrescentou.

Depois de lhe lançar um olhar cáustico, passou a seu lado e esperou que ele iniciasse a marcha. Ele demorou alguns segundos em reagir: a estranha conduta daquela mulher o tinha pegado totalmente desprevenido.

Quando desceram ao salão, tanto Leah quanto Gideon se alegraram muito de vê-la. O jantar transcorreu com normalidade e Cedric até permitiu saborear um pouco da sobremesa com seu irmão e sua cunhada enquanto falava com seus homens. Chloe teve muito cuidado em não chamar demais a atenção frente ao resto dos comensais porque notava que, apesar de que já a conhecessem, ainda a olhavam com certa cautela e desconfiança.

Foi uma noite tranquila que serviu a todos para relaxar depois dos dias passados. Era quase meia noite quando Cedric se aproximou e lhe informou que já era hora de voltar a subir. Desta vez não houve maus modos nem palavras agressivas. Limitou-se a lhe fazer um gesto com a cabeça, indicando-lhe a parte superior e ela acatou suas ordens sem reclamar. Cedric teve a cortesia de não agarrá-la pelo braço como se fosse uma boneca; de fato, nem a tocou. Caminhava dois passos atrás de

Chloe, com o olhar fixo no suave contorno de seus quadris enquanto subia as escadas. Aquilo o manteve completamente hipnotizado, seguia-a como um autômato, até que se deu conta que ela tinha parado em frente a sua habitação.

— Boa noite, milorde! — despediu-se. Essas foram as primeiras palavras que tinham falado desde que tinham descido ao salão. Abriu a porta e começou a entrar.

— Chloe... — o ouviu dizendo. Uma pequena voz de advertência surgiu em sua cabeça. Depois de tudo, estragaria a noite com um comentário maldoso.

— Sim? — perguntou Chloe, sem atrever-se a dar-se a volta e encará-lo.

Cedric demorou alguns momentos em responder, tempo suficiente para que ela ficasse muito nervosa.

— Amanhã daremos umas voltas pelos arredores. Suponho que gostara de sair um pouco fora destes muros. Boa noite.

Cedric cumpriu o prometido. Na manhã seguinte a chamou cedo a sua porta, desceram para tomar o café e depois saíram ao pátio. Embora fosse um típico dia invernal o frio obrigava a abrigar-se convenientemente, o sol brilhava no céu sem uma só nuvem. Quando Chloe pisou no chão de pedra, ainda úmido pelas incessantes chuvas e sentiu os cálidos raios de sol incidir sobre seu rosto, aspirou profundamente o ar fresco que tanto lhe tinha feito falta. Deixou que a brisa das manhãs acariciasse suas bochechas, enquanto cruzava os braços em torno de seu peito e girava sobre si mesma com um sorriso deslumbrante nos lábios. Sentiu uma imensa alegria por estar novamente ao ar livre, já que acreditava que nunca

mais a deixariam sair.

Cedric a observava com atenção. Era a primeira vez que a via tão relaxada, sem a tensão que mostrava sempre que se aproximava dela, deixou que a moça desfrutasse um pouco da novidade e depois indicou que o seguisse.

— Vamos, o passeio será curto, somente iremos até o rio para comprovar que o dique que construímos aguentou bem, assim que não tenha falsas esperanças. Em poucos minutos voltará a seus aposentos.

Naquele momento, Chloe não se importou. Estava fora e aquilo a fez sentir-se mais viva do que nunca.

Por precaução, Cedric caminhou junto a ela durante um momento. De vez em quando lhe lançava um olhar rápido para se certificar de que ela não tinha intenções de fugir, mas a única coisa que ela fazia era contemplar maravilhada tudo que a rodeava. Quando saíram das muralhas do castelo, entraram em um caminho que se abria entre as árvores já despidas das folhas. O terreno estava molhado e escorregadio, assim que tiveram de diminuir o ritmo da marcha para evitar caírem. Ao menos foi o que fez Cedric, porque ela não prestava atenção ao perigo, só a vasta paisagem que se apresentava diante de seus surpreendidos olhos.

Se não fosse os reflexos agudos daquele homem, Chloe teria caído de cara ao chão. Como não via onde pisava, a suave sola de couro de suas botas patinou com a úmida folhagem e seu corpo se inclinou perigosamente para trás. Levantou os braços para tentar recobrar o equilíbrio perdido, embora o único que conseguiu foi que o manto caísse de seus ombros

para seu rosto e lhe impossibilitasse a visão. Sabia que o golpe seria duro, mas não chegou a sofrê-lo. Quando se deu conta, estava apoiada no peito de Cedric, firmemente sujeita por uns braços fortes.

— Deveria olhar onde pisa. — recriminou.

Chloe ofegou, presa da adrenalina surgida daquele perigo eminente. Levantou a vista para agradecer sua ajuda, mas seus lábios não chegaram a articular palavra. Ficou abobada contemplando aqueles poços de águas verdes, turbulentas que a olhavam com um brilho estranho. O rosto de Cedric foi mudando à medida que as emoções se transformavam em seu interior: a careta de desdém que tinha feito para a atitude torpe dela se converteu em outra de desagrado pela situação, porque apesar de tudo o que lhe enervava essa mulher, era incapaz de sufocar o brilho que o abrasava por dentro quando a tinha a seu lado.

Ela reagiu de repente. Não podia continuar tão próxima a ele, se não estaria perdida. Saiu como pode daquele abraço, recompôs seu vestuário e recolocou uns grampos que tinham soltado de seu penteado. Logo se afastou dois passos e evitou olhá-lo no rosto.

— Obrigado por não me deixar cair. Na próxima terei mais cuidado.

O resto do passeio aconteceu sem mais eventualidades, embora o semblante sombrio dele e a intranquilidade dela fizeram inviável que a saída culminasse de forma satisfatória. Chegaram até a ribeira do rio, Cedric verificou que o dique tinha aguentado a cheia e depois retornaram ao castelo e, com

eles de volta a rotina.

A partir de então, foi permitido a Chloe sair durante um momento ao exterior, mas sempre em companhia de Cedric. Às vezes, o passeio era somente uma visita ao curtidor, ao ferreiro ou alguma outra oficina porque ele precisava falar com eles, mas em outras ocasiões abandonavam o refúgio das muralhas e davam longas caminhadas pelas terras próximas. Normalmente nenhum dos dois falava, o silêncio era pesado, cada um imerso em seus próprios pensamentos e rara era a ocasião em que conversavam sobre algo. Embora a primeira vista a tensão entre eles tivesse diminuído, na realidade isso era só aparência, eles sabiam e por isso tentavam evitar um enfrentamento desnecessário. Se não fosse assim, o vulcão já teria explodido com certeza.

Esse inverno seria muito frio. Chloe levantou uma manhã de dezembro e, ao chegar à janela, constatou que tudo o que via seus olhos estavam cobertos de neve. “vou passar um natal muito, muito estranho” pensou com melancolia. Era véspera de natal, e a noite anterior, enquanto dormiam, tinha caído uma grande nevasca.

Fez um rápido cálculo de quanto tempo estava presa. Estava a ponto de cumprir três meses desde que alguém a sequestrou e acabou sendo prisioneira de um homem que a alterava, em todos os sentidos das palavras, como ninguém tinha feito até então.

Embora no início as coisas fossem ruins para ela, com o passar do tempo tudo tinha se suavizando, exceto as estranhas emoções que sentia quando estava com ele. Se não tivesse

conhecimento de que sua estada ali era forçada, teria se sentido uma convidada. Também não era que pudesse se mover com liberdade, mas se algum dia Cedric não podia acompanhá-la por conta de algo que precisava sua atenção, permitia que perambulasse pelo interior da fortaleza custodiada por dois guardas que sempre seguiam todos os seus passos. Sua privacidade era limitada, embora afinal gozasse de uma relativa autonomia.

Ficava encantada com a neve, assim que quando viu uns pequenos jogando-se na neve para fazerem figuras e atirar bolas entre eles, não pensou duas vezes e decidiu que ela também queria desfrutar um momento. Lançou sobre os ombros uma grossa capa que a tinha presenteado Leah para seus passeios matutinos há alguns dias e saiu do quarto. Os guardas que vigiavam sua porta se esticaram quando a viram passar como um vendaval e, em seguida, seguiram-na a uma distância prudente. Embora Chloe não soubesse, Cedric os tinha prevenidos para que não a afligisse com sua presença, mas que tampouco a perdessem de vista. Se por algum motivo tentasse escapar novamente, tinham ordem de imobilizá-la até que ele chegasse, mas em nenhum caso deveriam machucá-la.

Chloe baixou os degraus das escadas de três em três. Nem mesmo parou no salão para tomar o café da manhã, comeria alguma coisa mais tarde. Saiu ao exterior e correu direto para as crianças. Cedric estava nas cavaliças, controlando as condições em que descansavam os cavalos. Estava a um bom momento ouvindo a algazarra dos meninos no pátio e uma veia infantil, que acreditava estar esquecida, surgiu na superfície.

Fazia anos que não jogava com a neve, assim que terminou de revisar rapidamente as baías e os lotes de feno e água e saiu fora.

Nem bem pisou no exterior, uma grande bola de neve impactou em sua orelha esquerda. Olhou na direção de onde tinha chegado o projétil, mas só conseguiu ouvir risos apagados provenientes do interior de uma carroça e algumas exclamações infantis a seu redor. Dois segundos depois, outra bola acertava seu ombro. Com um sorriso ladino, agachou-se, recolheu entre suas mãos uma boa quantidade de neve e, quando estava amassando a bola... zaz! outro impacto dessa vez na boca.

— Quando eu os pegar, pequenos pirralhos, vão saber o que é bom. — respondeu meio contrariado, meio divertido, enquanto pegava mais gelo.

Uma, duas, três... várias bolas voavam pelo ar vindas do carro com um único objetivo, ele. Aqueles meninos eram muito atrevidos. Atrevidos demais.

— Agora chega, pequenos pirralhos, falarei com suas Mães para que lhes dêem uma boa esfrega! Gritou já sem nenhum sinal de diversão na voz.

Ao ouvir a ameaça, os meninos saltaram de seus esconderijos e fugiram apavorados.

Cedric levantou do chão com um exultante sorriso de vitória nos lábios e... zaz! outra bola, desta vez na parte de sua anatomia um tanto delicada. E tinha sido lançada com vontade.

— Será possível! Moço, quando te pegar vou deixar seu

traseiro mais quente que fogo que arde na chaminé do salão.

Como todos os projéteis, aquele também foi atirado do interior da carroça. Cedric dirigiu seus passos para ali, certo de dar caça ao inconsequente que tinha ousado agredi-lo de forma tão rasteira. Quando o tivesse em suas mãos, o faria pagar com acréscimo semelhante atrevimento.

Quando chegou a parte traseira, pode apreciar a esbelta silhueta tampada com uma capa, embaixo da qual se ouviam risos contidos. Subiu ao carro de um salto, lançando-se sobre o vulto e sem mais, deu-lhe a volta.

— Você? — exclamou surpreso.

Seu atacante estava rindo as gargalhadas.

— Tinha que ter imaginado. Má influência incitadora...

Chloe não conseguia parar de rir. Tinha passado por um grande momento enquanto o agredia sem que ele pudesse vê-la. Embora não como ela teria gostado, mas tinha se vingado um pouco de Cedric e pelo que era mais sagrado, sentia-se cheia de alegria.

— Assim que você gosta de jogar, não? Muito bem, pois já veremos como ficará depois que eu acabar contigo.

Chloe tentou tirá-lo de cima e fugir, mas Cedric a carregou sobre seus ombros como um saco de batatas e tirou-a dali.

— Que... que vai fazer? Solte-me!

— Nem em sonhos, pequena harpia, — murmurou entre dentes — agora verá como é minha forma de jogar isso.

Cedric caminhou com passo resolutivo para as cavalariças, mas não chegou a entrar. Parou junto às portas e, num único movimento, soltou sua carga dentro do bebedouro que tinha na

lateral. Tinha o enchido de água uns dias atrás, mas, depois da tormenta, estava cheio de neve.

— Argh! — gritou Chloe quando caiu. Tinha os braços e as pernas fora do cubículo, mas a neve estava tão endurecida que não era capaz de se mover — Isso é trapaça! — exclamou em meio aos risos — Tire-me daqui!

Agora era Cedric quem ria. A posição que ela tinha adotado ao cair era, pelo pouco, muito graciosa. Agitava várias vezes os braços e pernas, mas cada vez que tentava levantar, a pressão da capa de neve que tinha no interior a impedia.

— Disse que me tire daqui!

— E perder a diversão de vê-la assim? Claro que não! — respondeu ele de forma resoluta enquanto punha as mãos nos quadris.

Cedric ficou um bom momento ali, até que decidiu que já era o suficiente. Se ficasse mais tempo no interior do bebedouro, poderia voltar a ficar doente, assim que a recolheu pelos pulsos, tirou ela e a ajudou a levantar-se. Deixou-a de pé dentro do bebedouro de cavalos enquanto sacudia a neve que tinha grudado na capa e nos cabelos.

Depois olhou seu rosto, tinha neve nas bochechas e na ponta do nariz, e esteve tentado a retirá-las, mas naquele momento Chloe agitou a cabeça para tirá-las por seus próprios meios. Logo ela mesma tentava descer, mas ele foi mais rápido e a levantou pela cintura. Antes de depositá-la no chão, aproximou-a de seu corpo e começou a deslizá-la lentamente, com muita tranquilidade e um claro convite, mostrando sem palavras do que ela poderia desfrutar se quisesse. O contato

era tão íntimo que Chloe podia perceber com nitidez a fortaleza de seu peito, seu firme ventre, a protuberância de seu membro... os hipnotizadores olhos de Cedric ardiam fixos nos dela, que tinha a boca aberta pela surpresa. Estava fascinada. Inconscientemente, lambeu o contorno dos lábios. “Deus, o magnetismo sexual daquele homem era incrível!”

Quando por fim seus pés tocaram o chão, estava tão agitada e confusa que não conseguiu dizer nada. Nem sequer conseguia pensar.

— Sobe ao teu quarto para trocar de roupa ou ficará doente. — ordenou com voz neutra.

Ela ficou parada no meio do pátio enquanto ele dava a volta e se afastava a bom passo. Se ficasse mais um momento junto a Chloe, depois da forma erótica pela qual passou a língua pelos lábios, a teria tomado nos braços, quisesse ela ou não e teria subido até seu quarto para fundir-se a ela, até que desmaiasse.

Chloe escolheu para o jantar, o vestido mais bonito que Leah tinha lhe emprestado, um de cor púrpura com um profundo decote e dos punhos de meia manga revestidos de pele de ovelha. Penteou exaustivamente os cabelos até que o brilho dos reflexos das chamas pudesse ser visto, mas não o recolheu em uma trança, aquela noite queria levá-lo solto, sentir sua queda natural sobre suas costas.

Quando Cedric foi buscá-la, ela estava pronta junto à chaminé, com a vista fixa no crepitar do fogo. Suas bochechas estavam coradas pelo calor e tinha os olhos brilhantes por olhar com tanta intensidade as chamas. Ele demorou alguns

instantes em contemplá-la e sua garganta ressecou. Aquela noite estava esplêndida.

— Descemos? — conseguiu dizer ao cabo de uns minutos.

Ficou muito surpresa quando Cedric lhe ofereceu o braço. Era a primeira vez que a tratava com respeito, sem lhe dar ordens e isso a agradou. Não quis ser descortês, assim que aceitou com um lindo sorriso e saíram da habitação.

Chloe ficou muda de assombro quando entrou no salão. Jamais tinha visto uma decoração natalina similar: as paredes tinham sido enfeitadas com uma grande quantidade de fitas vermelhas feitas de seda, e em todos os lugares guirlandas de azevinho recém-cortado: nos arcos das janelas, sobre o parapeito da chaminé, caindo do teto junto aos tapetes... as mesas também estavam repletas de guirlandas e no centro de cada uma delas tinham colocado uma pilha de pinhas e maçãs envolvidas por mais azevinhos. Se isso fosse pouco, a direita do lugar, estava um enorme pinheiro, de mais de dois metros de altura, do qual pendiam pequenas velas de cera acesas e vários laços de seda vermelha.

Mas o melhor era o ambiente que se respirava; todo mundo ria e cantava hinos, enquanto os meninos corriam pelo salão, gritando eufóricos de alegria, com uma quantidade indecente de doces entre suas pequenas mãos.

O jantar se tornou uma festa, além de leitões, das cozinhas saíram vários perus e aves cheias de ervas, todos eles acompanhados de diferentes guarnições, embora predominasse o molho de mirtilo e groselha. Batatas assadas, cremes de castanhas, pastéis recheados, queijos... e o típico pudim de

frutas flambado com licor. A boca de Chloe se enchia de água cada vez que via sair um novo prato, assim que não deixou de provar nenhum. Entretanto, quando o jantar estava chegando a seu fim, sentiu o estômago pesadíssimo pela enorme quantidade de comida e bebida que tinha ingerido.

A música se fez importante naquele salão tão animado e cheio de gente bailando. Até Leah estava dançando com Gideon, mas Chloe não se levantou de seu assento, embora seus pés se movessem ao som das alegres melodias, mas tinha medo de que Cedric se ofendesse como já tinha acontecido anteriormente. Ele estava brindando e rindo com seus homens, afastado da algazarra reinante, mas muito relaxado. Ainda assim, de vez em quando lançava um olhar ao redor, e em um desses olhares percebeu o olhar de Chloe para os casais que dançavam, em sua cadeira, sem se juntar a eles. Era a única pessoa naquela sala que estava sentada e sozinha e seu rosto tinha uma enorme tristeza.

Uma pontada de culpa o acertou no peito, mas desta vez não quis fazer ouvidos surdos. Desculpou-se com seus homens e caminhou para ela com passo decidido. Chloe não o viu chegar até que o teve de frente, impedindo a vista de tudo que tinha adiante. Fez uma careta de resignação e o olhou no rosto com tristeza. A festa tinha terminado para ela.

— Dança?

Chloe não deu crédito ao que ouvia. Estava convidando-a para dançar? Não era possível... o que tinham lhe dado para comer esta noite? Com certeza entre todos os frutos utilizados para preparar o jantar, a cozinheira tinha colocado algum

alucinógeno ou podia ser que ela tivesse bebido muito vinho.

— Chloe?

Com certeza, estava convidando-a para dançar. Tinha a mão direita estendida para ela e esperava pacientemente que se levantasse. Com timidez e certo receio, aceitou a mão que lhe oferecia e levantou-se do assento.

— Eu... já sabe que não sei dançar muito bem.

— Bobagens. Só precisa se mover ao ritmo da música. Vamos.

— Tem certeza?

Cedric a olhou nos olhos e colocou uma expressão contrariada. Depois falou, mas não para responder a sua última pergunta.

— Chloe, quando demônios vai me chamar pelo nome? A estas alturas não acredito ser necessário um tratamento tão formal.

— Desculpe... digo, desculpa.

Ele se sentiu satisfeito pela resposta. Na realidade, só uma vez a tinha ouvido tratá-lo dessa forma, aquela noite que não conseguia esquecer, quando ela estava tão entregue a paixão. E queria voltar a ouvi-la.

Chloe dançou durante horas e não só com ele. Passou de mão em mão, rindo como uma criança, desfrutando sem reservas como fazia tempo que não acontecia. Aqueles bailes tão intensos lhe provocaram tanta sede que se permitiu tomar alguns copos de vinho, talvez muitos, embora o verdadeiro entusiasmo que sentia não a fez dar-se conta disso até que a música parou por alguns instantes e seu último acompanhante

a soltou. Então notou que estava um pouco embriagada e fez menção de sentar-se, mas Cedric a tomou pelo braço e indicou que era hora de se retirar.

Tinha estado observando-a e percebeu que Chloe tinha bebido além da conta. Porém não queria estragar a festa, mas naquelas condições poderia cometer alguma insensatez e ele não estava disposto a consentir. De qualquer forma poderia se aproveitar de seu estado, meio ébria e desinibida, para tentar uma aproximação mais íntima, pois bem sabia Deus que a desejava como a nenhuma outra coisa neste mundo. Mas melhor seria não fazê-lo, não podia agir de um modo tão ruim na manhã seguinte por conta de seus atos. A subiria até seus aposentos, dar-lhe-ia boa noite e iria afogar sua frustração com um pouco mais de álcool.

Os dois se despediram de Leah e de Gideon e caminharam de braços em direção as escadas. Quando estavam passando debaixo do arco da entrada, Chloe perdeu o equilíbrio ao pisar em uma pinha que estava no chão, e Cedric tendo bons reflexos a segurou com firmeza. Isto os fez parar uns instantes, o suficiente para que o restante dos assistentes vissem a cena e começassem a gritar:

— Hei, olhem para cima!

— Vamos, é a tradição!

— Não podem se mover até que o façam!

Confusos, Cedric e Chloe cruzaram seus olhares. O que aquelas pessoas estavam gritando?

Pouco a pouco levantaram a vista para cima e descobriram a causa de tantos gritos. A confusão deu passo à

incredulidade. No meio do marco, justo acima de suas cabeças, coroando as guirlandas de azevinho que o adornavam, tinha um pequeno ramo de visco.

— Vamos, não sejam tímidos!

Ele não queria dar o primeiro passo, assim que deixou a decisão nas mãos de Chloe. Ela com um brilho malicioso e brincalhão nos olhos, negava com a cabeça, mas mesmo assim disse:

— É a tradição, não? — levantou os ombros em sinal de rendição — Suponho que não temos outra opção.

Sem dar-lhe tempo de reagir, levou sua mão até a nuca do homem e o obrigou a baixar a cabeça para ela. Pousou seus lábios fechados sobre os de Cedric e lhe deu um rápido beijo. Entretanto, quando quis se separar ele não permitiu. Tomou a cabeça de Chloe entre suas mãos e lhe demonstrou como era um verdadeiro beijo embaixo do visco: intenso, profundo e carnal.

Ela estremeceu ante as múltiplas sensações que estava experimentando, mas não retirou sua boca. Em troca, devolveu o beijo com a mesma paixão e fogueira que estava demonstrando Cedric, arremessando sua língua em uma dança úmida e ardente. Fundiram-se em um arrebatamento irracional que os fez esquecer-se dos expectadores que contemplavam atônitos a cena, mudos pela surpresa de que seus insistentes pedidos tinham dado frutos.

Depois de um bom momento se separaram, contemplando-se mutuamente entre ofegos entrecortados, ambos tremendo de pura excitação. Cedric a olhou com

intensidade, ensandecido até o limite e enquanto mexia com força nos cabelos, resmungou com voz rouca.

— Ao diabo com todos.

Levantou Chloe sem rodeios, estreitou-a com força contra seu peito e com muita decisão, começou a subir as escadas direto para seu quarto, onde daria rédeas soltas a queimação que o estava matando. Que estava matando a ambos.

CAPITULO 22

Cedric pensou tratá-la com suavidade, mas Chloe não permitiu. Assim que passaram o umbral e ele a depositou no chão, ela arrancou sua camisa de um puxão e se lançou faminta a devorar seu peito nu.

— Espera, ferazinha... — sussurrou ele com a boca em sua testa, tentando tranquilizá-la e a si mesmo — não tenha tanta pressa.

— Não, agora não quero esperar — respondeu Chloe com voz decidida, antes de abaixar a cabeça e pegar com os lábios um dos peitos de Cedric para introduzi-lo em sua boca com uma urgência terrível.

Levava tanto tempo se contendo, lutando para não sucumbir às pecaminosas tentações que representava esse homem, que já não podia esperar nem um minuto mais. Talvez tivesse sido o excesso de vinho que a tinha levado a deixar de lado o pudor, esquecer seus medos e lançar-se como uma loba no cio sobre ele, embora também tivesse muito a ver com a forma com que Cedric a tinha excitado durante os últimos dias com aquelas insinuantes e torturantes aproximações tão íntimas. Tinha estado provocando-a deliberadamente para que

estalasse, tinha-a martirizado uma e outra vez com as expectativas de uma deleitosa entrega, assim que tinha chegado a um ponto que não mais podia aguentar-se. Queria sentir em sua pele aquelas experiências tão sublimes que ele a convidava a participar de um modo tão óbvio.

Chloe sugou o pequeno peito e depois traçou círculos ao redor, ao mesmo tempo em que suas mãos vagavam livres por todas as partes. Percorreu suas costas com as palmas das mãos abertas e logo passou a seus fornidos braços, massageando os duros bíceps e modelando a seu gosto.

Desde que viu Cedric pela primeira vez sem camisa tinha querido fazer isso, comprovar por si mesma que esses potentes músculos eram reais, apalpar sua dureza e sentir através dos dedos o imenso poder que emanavam. Não pensava desistir agora, ainda não, assim que se entregou por completo a seu escuro propósito.

Quando esteve satisfeita com seu ousado escrutínio, levou às mãos a robusta costa de Cedric e, com inusitado ímpeto, atraiu-o para ela fundindo os dedos em seu musculoso torso, enquanto a língua lambia a pele escura dos peitorais em uma correria maluca.

Cedric se deixou tocar com um sorriso safado desenhado em seus lábios. Sentir essas pequenas mãos e essa boca úmida e carnuda sobre seu corpo era maravilhoso e um presente prazeroso que não pensava desperdiçar. Levou suas mãos a cabeleira de Chloe e as internou entre o emaranhado de cachos que caíam livres sobre suas costas, massageando o couro cabeludo enquanto a incitava a não se afastar, atraindo-a

ainda mais para ele.

O tato daquele cabelo sedoso entre seus longos dedos provocou um formigamento em seu baixo ventre, assim como também lhe provocavam as numerosas e lascivas carícias que estava recebendo dela. Seu membro palpitava furioso, preso dentro do cárcere de suas calças, reclamando ser liberado. Cedric pegou Chloe pelos ombros e a colou nele, fundindo seus quadris contra o estômago da mulher, para que ela descobrisse o que tinha conseguido.

Ela, longe de se assustar diante de uma exibição tão explícita, começou a baixar com sua boca, percorrendo a linha de pelos que saía de seu umbigo. Lambeu seu ventre liso e depois continuou descendo, enquanto suas mãos, apoiadas sobre aqueles masculinos ombros, passeavam por suas costas com uma lentidão perniciososa, marcando o caminho percorrido com as unhas até alcançar a cintura das calças. Com mãos torpes e nervosas, desatou os cordões e puxou energicamente para baixo, liberando de sua prisão aquele glorioso apêndice que, ereto e triunfante, surgiu diante de seus olhos. Chloe olhou para cima, descobrindo o rosto de alegre incredulidade de Cedric, para em seguida, ajoelhar no chão e capturar o inflamado membro com os lábios.

Adotando uma expressão gulosa, sua língua jogou com a ponta rosada da glândula. Apalpou o tronco de cima abaixo com firmeza, e depois de modo certo, o introduziu em sua quente boca, brincando com prazer em ele. De vez em quando levantava o olhar para contemplar o rosto exausto e desganhado de Cedric, que respirava de modo entrecortado,

seus olhos fechados e uma máscara de excitação genuína. Chloe o estava deixando louco. Como podia ser tão ousada? Estava atônito pela manifestada desinibição e desejo que ela estava demonstrando possuir. Nunca outra mulher tinha sido tão atrevida ao estar entre seus braços e isso o fascinou.

A gata selvagem na qual tinha se convertido não se parecia em nada com a tímida moça de semanas atrás, a que num simples roçar de mãos se afastava dele, tremendo como uma folha. Não, esta era uma mulher diferente. Por fim tinha deixado de lutar contra si mesma e estava tirando a luz seus instintos reprimidos. Entretanto, se continuasse por esse caminho, Cedric não poderia controlar-se por mais tempo e explodiria.

— Basta já... — disse ele, levantando-a pelas axilas até que ficou em sua altura. Inclinou a cabeça para ela e a presenteou com um beijo abrasador, saboreando dos lábios de Chloe sua própria essência — basta já, agora é a minha vez.

Com mãos rápidas tirou o vestido em poucos segundos e a camisola, tomou-a pela cintura e a colocou de costas contra a parede. A moça era leve como uma pluma, assim que Cedric pode sustentá-la em uma posição tão precária e vulnerável, apoiada contra a fria pedra sem que seus pés tocassem o chão, enquanto a beijava loucamente e preparava seu corpo para recebê-lo em seu interior.

Cedric aproximou sua virilha até juntá-la ao suave abdômen da mulher, fazendo que sentisse sobre sua pele quente aquilo que dentro de poucos minutos a inundaria em seu lugar mais secreto. Com os joelhos separou as coxas e

balançou seus quadris em um movimento de vai e vem tortuoso, prelúdio para a continuação do que viria, deslizando uma e outra vez seu membro ao redor da entrada dessa úmida caverna. Excitou-a tanto que ela, com uma determinação surpreendente, impulsionou-se apoiando as mãos sobre os ombros masculinos e enroscando as pernas ao redor de sua cintura, dizendo sem palavras que era ali onde definitivamente queria estar. Dizendo que queria mais.

Cedric queria deixá-la louca como fizera com ele, queria levá-la até o limite, mas quando a sentiu tão próxima, tão disposta e entregue, com os olhos turvos de desejo implorando uma culminação não pode esperar mais tempo e, com uma acometida certa, enterrou-se nela até o fundo.

Chloe ofegou ante a selvagem investida, mas esboçou um sorriso de puro êxtase quando se sentiu cheia por completo. Ofegava sem controle, lançando uma pequena exclamação quando Cedric saía dela, somente para enterrar-se com mais intensidade.

Enquanto ele a penetrava uma e outra vez, não deixava de observar seu extasiado rosto, transformado pelo delírio desse frenesi tão profundo. Vê-la assim, com aquela expressão de genuíno gozo sexual em seu semblante, só conseguia deixá-lo ainda mais louco e o tamanho de seu membro aumentou e engrossou até o ponto que Chloe acreditou que morreria ali mesmo.

O movimento impudico de seus corpos se converteu em uma dança alucinada. Davam e tomavam com ímpeto e paixão, entregando-se um ao outro sem nenhum tipo de reservas,

deleitando-se com as asperezas e magnitudes daquele contato carnal tão primitivo como a vida em si mesma, mas que os conduzia inexoravelmente para um abismo de prazer sem fim.

O orgasmo de Chloe chegou de modo brutal, sua vagina se contraiu, envolvendo e aprisionando em sua suave fenda de seda úmida a origem de seu doce suplício, e estalou em mil pedaços, seu corpo trêmulo vibrando com inúmeros espasmos que a levaram a uma dimensão desconhecida.

Cedric sentiu que a culminação da mulher derrubava todas as suas defesas. Quando Chloe cravou as unhas em suas costas com vontade, incapaz de suportar tão doce sofrimento, ele acelerou o ritmo de suas investidas até que ela perdeu toda a sensação de realidade, caindo satisfeita sobre seu peito. Enquanto a acolhia amorosamente em seus braços, Cedric também se deixou levar por aquela prazerosa sensação e, com uma última e definitiva investida que lhe arrancou roucos gemidos, liberou-se em seu interior em uma corrente ardente de lava branca.

Horas depois, enquanto seus corpos nus e suados repousavam tranquilos sobre a grande cama, saciados por completo depois de uma noite repleta de luxúria e paixão, a realidade os golpeou de repente como o estalar de um chicote. Assim que despertou, Chloe se viu abraçada a Cedric e no mesmo instante odiou-se por ter sido tão fraca. A primeira coisa que viu foram seus penetrantes olhos verdes, que estavam fixos nela. Desviou o olhar, envergonhada ao recordar o que tinha feito na noite anterior.

— Eu... isto não deveria ter voltado a acontecer — disse ao

se levantar precipitadamente e envolvendo seu corpo nu com um lençol que cheirava a sexo em seu estado mais puro.

— Onde pensa que vai?

— Volto para meu quarto. — respondeu ela quase em um murmúrio.

— Venha aqui, — Cedric levantou, pegou-a pela mão e puxou-a até estar contra seu duro peito outra vez — isto é algo que ambos desejamos que voltasse a ocorrer faz muito tempo. Chloe já não há volta atrás. — agregou com voz sensual.

— Eu sei, mas isso não significa que precisa se repetir. — Chloe apoiou as palmas de suas mãos sobre os peitorais do homem e tentou de novo se levantar.

— E porque não? — Cedric não permitiu que se movimentasse.

— Mas, será que está maluco? — disse ela — Esta situação é muito irregular. Por Deus, sou tua prisioneira!

— Bom, acredito que depois do que aconteceu é mais que isso, não? Parece-me que o trato que estou lhe dispensando é muito diferente do que corresponde a um prisioneiro.

— Ah, sim? E no que supõe que isso me converta? Em sua amante cativa? — suas palavras tinham amargura e desprezo.

— Tanto te desagradaria? — Cedric acariciou com ternura seu esbelto pescoço e a aproximou ainda mais, para assim poder aspirar melhor o embriagador aroma de sua pele — Essa seria uma posição muito privilegiada.

— Privilegiada para quem? Para você? Porque está bem claro que a mim não compensaria em absoluto. Porque não me deixa partir? Já conseguiu tudo que podia conseguir de mim.

Que mais quer?

Deixá-la partir? Não estava disposto a permitir tal coisa, agora menos ainda. Se ela pensava que por conta do que tinha acontecido entre eles, ele a deixaria em liberdade, estava muito enganada. De fato, essa era a razão mais importante pela qual não permitiria isso, embora Chloe não precisasse sabê-lo. Desconhecia o motivo, mas o desagradava muito a ideia de afastá-la dele, agora que a tinha provado.

— Chloe não penso te liberar, ainda não.

— Mas, por quê? Depois de todos esses meses está plenamente consciente de que não vai me tirar nenhum tipo de informação, mesmo porque eu não tenho nenhuma para lhe dar. Por desgraça seu irmão morreu e ele era o único que poderia ter resolvido este terrível mal-entendido. Não vai conseguir nada me mantendo presa aqui. Porque insiste nisso uma e outra vez?

— Tenho minhas razões. — respondeu.

— Então, até que descubra por si mesmo que eu não sou de nenhuma utilidade, vai me manter aqui presa? Vendo o teimoso que é, isso pode levar anos até que se de conta da verdade, se é que isso possa acontecer algum dia. Entretanto, que farei eu? Esquentar sua cama todas as noites até que te canse de mim, como uma vulgar rameira?

— Não é uma...

— Você mesmo disse, — Chloe não o deixou terminar de falar — ou acaso já se esqueceu? — espetou com irritação. Seus olhos destilavam fogo ao recordar aquelas palavras tão feias e ofensivas.

Touché. Cedric não estava muito orgulhoso do que havia dito naquela noite, mas as palavras tinham brotado sozinhas de sua boca depois que uma fúria primitiva o cegara. Tornou-se louco ao ver a luxúria com a qual a olhavam os homens do salão e aquilo o levou a falar sem pensar.

— Não pretendia...

— É muito tarde para os arrependimentos, — cortou ela — e agora, deixe-me voltar para meu quarto. Quero estar sozinha. — Chloe tentou sem êxito levantar-se, mas as mãos de Cedric a retinham com firmeza.

— Espera um momento. Acredita de verdade que vou permitir que faça ouvidos surdos a isto? Vai atuar como se nunca tivesse ocorrido o que ocorreu entre nós?

— Exatamente. O melhor será que nos esqueçamos do que aconteceu, como se nunca tivesse acontecido. Afinal, tudo segue igual, não? Você não tem intenção de me soltar e eu não tenho intenção de continuar com esta loucura. Até que esta situação chegue a seu fim, o mais razoável será que nos comportemos de forma civilizada, para o bem de ambos.

As palavras de Chloe foram como um jarro de água fria. Como podia pedir que ele se esquecesse de tudo? Como ela podia agir de uma forma tão diferente? Estava certo de que aquilo era uma fachada, embora não permitiria que saísse com a sua.

— Sério que pensa que vou aceitar de bom grado tua frieza, quando sei perfeitamente que, não é assim? — Chloe permanecia encima de Cedric, mas este rodou sobre si mesmo, levando-a consigo enquanto a segurava pelos ombros para

impedir que se afastasse dele. Colocou-a debaixo, prendendo-a com seu corpo — De verdade é capaz de negar a atração mútua que sentimos? — sussurrou em seu ouvido. O roçar daquele hálito quente a fez estremecer — Como podem seus lábios afirmarem algo e teu corpo me demonstrar o contrário? Sei que me desejas tanto quanto eu a você. Porque quer negar o óbvio?

— Solte-me. — disse Chloe sem muita convicção. Tinha que se afastar dele o quanto antes porque não queria lhe dar razão. Não podia responder. Ele estava certo, não sabia até que ponto estava, mas se negava a dar-lhe a satisfação.

Como resposta e contrariando seu pedido, Cedric pousou sua boca sobre a orelha de Chloe. Seus dentes jogaram com o suave lóbulo até arrancar dela um suspiro e logo seus lábios percorreram a fina linha de sua mandíbula. Mordiscando com mimo o delicado queixo, depositou fugazes, mais inumeráveis beijos sobre sua sedosa pele da garganta e depois parou para olhar em seus olhos.

— Diga-me que não sente nada e vou parar. Demonstra que estou errado e não mais voltarei a te tocar. — assegurou muito sério.

Ela tentou lutar desesperadamente contra aqueles estímulos que ele lhe provocava, mas seu corpo a traiu. Aquela simples carícia a estava excitando tanto que girou a cabeça para o lado para permitir um melhor acesso a seu pescoço, em um mudo convite.

Cedric não deixou um só milímetro daquela pele sem provar. Ela não o tinha rechaçado, mas para ele não era o suficiente. Necessitava uma prova final que comprovasse o que

já intuía: que Chloe tentava esconder por todos os meios o inequívoco desejo que sentia por ele.

A boca de Cedric subiu lentamente para seu rosto e quando parou junto à comissura dos lábios de Chloe, ela os separou de forma inconsciente. A língua de Cedric desenhou o contorno repetidas vezes e depois, com um apetite voraz, entrou nas profundezas de sua boca enquanto a beijava, apacando a sede que sentia com ganância e paixão.

Ela respondeu ao beijo de forma imediata. Sabia que não devia fazê-lo, mas era frágil o fio que sustentava sua escassa força de vontade, rompendo-se de forma irremediável. Já não tinha solução. Contra todo o raciocínio lógico, desejava aquele homem muito além do que tinha desejado alguém. Por muito que lutasse contra si mesma, aquela era uma guerra perdida para ela. Acabava de meter-se na boca do lobo e, embora fosse consciente de que não sairia ilesa, de que essa decisão ocasionaria mais mal do que bem, não pode evitar atirar-se de cabeça e assumir que, afinal, já não havia como voltar atrás.

A partir daquela manhã, em uma data tão festiva como o dia de natal, sua relação se consolidou. Cedric não permitiu que Chloe saísse de sua cama durante todo o dia e só a deixou voltar a seu quarto pela noite para recolher os escassos pertences que Leah tinha lhe emprestado. Queria-a em seu quarto, em sua cama, junto a ele, e embora ela tenha sido contra, não teve mais remédio que ceder. Realmente era como argila em suas mãos. Cedric podia ser muito persuasivo e nem mesmo lhe valeram as desculpas que argumentou referente ao que podia opinar sua família e o resto dos habitantes do castelo

sobre sua estadia nas habitações de um homem. A ele não importava o mínimo que julgassem, como tão pouco deu relevância ao que pudessem pensar dela. Na falta de Andrew, era o senhor ali e, portanto, suas decisões estavam fora de toda e qualquer discussão. Ninguém se atreveria a reprová-lo em nada.

Entretanto, ela vivia envergonhada, precisamente por este mesmo motivo. Notava os olhares de censura que lhe dirigiam cada vez que descia ao salão nos braços de Cedric e, embora nem Leah nem Gideon houvessem dito nada, sabia que ambos reprovavam sua atitude. Era inadmissível para eles que uma dama como Chloe tivesse caído tão baixo ao permitir uma situação semelhante com o homem que a tinha reclusa contra sua vontade, como também não tinham esperado isso de Cedric.

Ela quisesse ou não, tinha se convertido em sua amante. Uma e outra vez repetia a si mesma que aquilo não podia continuar, que pisava em areias movediças e que pouco a pouco estava afundando nelas. Porém, toda vez que Cedric a tocava se esquecia de todo seu firme propósito que se tinha auto imposto para não cair em tentação, deixando-se levar pelo momento. Depois se arrependia de seus atos, por ser tão débil e render-se sempre a ele, mas não conseguia evitar.

Tinha se apaixonado por seu captor.

Que Deus a recolhesse confessada, porque apesar de tudo que tinha feito e como a tinha tratado, estava enamorada por Cedric.

Aquela revelação lhe veio sem aviso, pegando-a

completamente desprevenida.

Durante o mês seguinte, Chloe desfrutou de uma liberdade até então desconhecida. Cedric não permitia que saísse sozinha do castelo por medo de que escapasse, mas todos os dias buscava um momento em suas responsabilidades para desfrutar de alguns minutos junto a ela. Passeavam pelos arredores, quer fosse a pé ou a cavalo e, embora ela tenha estado um pouco reticente, Cedric a introduziu na fascinante arte da falcoaria. Isso lhe serviu para conhecê-lo um pouco mais e se surpreendeu ao descobrir que ele podia ser uma pessoa muito diferente quando estava com aqueles animais. Cedric tratava aos falcões com mão de ferro, mas também com paciência e carinho e essa paciência passou para ela na hora de ensinar as noções básicas do adestramento.

Mostrou como era a primeira fase do amansamento, quando é necessário encapuzar ao falcão e deixá-lo preso durante vários dias sem comer, para assim cansá-lo e conquistá-lo. Escolheu para ela uma fêmea ainda sem domesticar, uma cria de falcão peregrino de suave plumagem cinza azulado com a parte inferior branca com manchas escuras.

Chloe que nunca tinha visto uma ave tão de perto, ficou fascinada por sua beleza, mas não se atreveu sequer a se aproximar por medo de que a atacasse, embora a fêmea tivesse a cabeça coberta pelo capuz e estava presa ao poleiro no poste.

Alguns dias depois, Cedric a obrigou a colocar uma luva e a ensinou como aproximar-se do animal para tocá-lo nas patas com comida enquanto efetuava um barulho com a língua.

Chloe estava aterrada, mas ele, fazendo uso de uma paciência infinita a convenceu de que não aconteceria nada. Explicou que com o passar do tempo, a fêmea se acostumaria com o som e o relacionaria com comida, até que estivesse suficientemente preparada para tirar seu capuz. Assim, todos os dias passavam um bom momento no interior da falcoaria para que a ave se acostumassem aos novos sons e ao aroma de seu amo.

Entretanto, até que o raptor pudesse se acostumar e lhe permitissem sair ao exterior pelo braço para fazê-lo voar com a ajuda de seu amo, Cedric mostrou a Chloe os resultados desse conhecimento com outro falcão já adestrado. Propôs sair à caça, embora ela estivesse um tanto cética. Era pleno inverno, ao que duvidava muito que tivesse alguma presa que se atrevesse a sair de seu esconderijo com aquele tempo tão adverso.

O falcão que tinha escolhido, um gerifalte de cor branca que duplicava em tamanho e força ao peregrino que estava adestrando ela, tinha um porte soberbo. Em proporção com a outra fêmea, as asas do macho eram mais curtas, embora a cauda fosse mais longa. O pântano onde foram a cavalo estava coberto de neve, assim que Chloe ficou muito surpresa quando Cedric informou que iam caçar arminhos. Esse predador era de cor parda durante a época do verão, mas no inverno sua pelagem tornava-se branca para se confundir com a neve. Seria quase impossível caçar um animal que se misturava com o entorno. Quando Chloe fez o comentário a Cedric, ele começou a rir.

— Tem certeza de que o falcão poderá caçar alguma coisa

aqui?

— Claro que consegue, que me oferece em troca? — perguntou Cedric com, mas intenções.

— Sei bem que não tenho nada. — respondeu ela ofendida.

— Permita-me discordar... — Os olhos de Cedric percorreram com luxúria o corpo da mulher e sorriu de maneira enigmática — quem tiver razão, esta noite poderá fazer o que quiser com o outro.

— Ah sim? — um arrepio tomou conta de Chloe ao escutar aquela proposta tão ousada, que a enervou a antecipação do que isso poderia supor. Já estava esfregando as mãos, imaginando o prazer que sentiria ao ganhar aquela aposta e poder prendê-lo a parede como ele tinha feito com ela. Dar-lhe-ia um pouco de seu próprio veneno.

— Trato feito. — respondeu de forma zombeteira.

— Que assim seja. — sentenciou ele com a vista fixa em sua boca.

Cedric acariciou durante um bom momento a plumagem do falcão enquanto lhe sussurrava com suavidade e muita doçura umas palavras incompreensíveis para ela, até que o animal deixou de bater as asas e relaxou com a voz modulada de seu amo. Depois soltou as amarras, tirou o capuz e o lançou ao ar com um forte movimento do braço. O gerifalte se elevou em grandes alturas e planou em círculos sob o límpido céu azul, seus movimentos eram tão sincronizados, de uma perfeição e elegância tão sublimes que deixaram Chloe perplexa.

De repente modificou seu voo e se lançou como uma

flecha para a neve, ao que parecia tinha avistado algo. Ela o perdeu de vista durante um instante, mas momentos depois voltou a vê-lo.

Regressava junto a seu amo com uma presa entre suas garras.

Com certeza, tinha capturado um arminho. Tinha-o pego com um certo golpe de seu comprido bico no pescoço, assim que a suave e apreciada pele do animal estava intacta.

Quando a ave sobrevoou suas cabeças, Cedric pegou o troféu com a mão livre e o depositou nas alforges de seu garanhão. Em seguida ofereceu ao falcão sua mão enluvada e este pousou nela com um suave bater de asas. Como recompensa, o homem lhe entregou um pedaço de carne que sacou da mochila e depois de tê-lo alimentado, voltou a soltá-lo para que fosse em busca de outra presa.

No transcorrer da manhã, o falcão capturou outras cinco peças parecidas, pelo que Chloe teve que retratar-se de suas palavras e aceitar com frustração que sua pequena vingança não poderia ser levada a cabo.

Aquela noite, quando subiram a seus aposentos depois do jantar, Cedric informou a Chloe que no dia seguinte partiria para suas terras. Fazia mais de quatro meses que não ia até lá e estava preocupado por tê-las deixado tanto tempo desatendidas.

Estaria fora por aproximadamente duas semanas, o suficiente para comprovar que tudo corria bem e regressar de novo a Lentonhouse. Não queria partir, mas sabia que essa era sua obrigação e não podia deixar de lado suas

responsabilidades.

Chloe não disse nada, mas sentiu uma opressão no peito ao saber de sua partida. Tanto lhe importava que Cedric partisse? Aquela notícia deveria ser um grande alívio para ela, mas não foi assim, pelo contrário. E a razão era muito simples: doía-se tanto era porque o amava. Deus! Como tinha chegado a esse ponto? Agora sim que estava perdida mesmo. Sabia que não podia falar sobre seus sentimentos com ele, pois o mesmo só os utilizaria para burlar dela e ter ainda mais controle do que já tinha. Chloe estava certa de que Cedric sentia uma forte atração por ela, isso era inegável, mas também não podia ter falsas ilusões esperando algo mais profundo da parte dele. Era ciente de que aquele amor não era mútuo, assim que nunca o confessaria: guardaria para si mesma e aprenderia a superá-los o melhor possível. Talvez, depois de algum tempo, descobriria que aquilo tinha sido somente um doce capricho passageiro. Ao menos era o que esperava para seu próprio bem.

Nesta noite fizeram amor de uma forma apaixonada, como se ambos soubessem que passariam um longo tempo até que voltassem a encontrar-se novamente, como se não fosse apenas duas semanas que ficariam separados. Cedric a manteve acordada até que Chloe caiu exausta e satisfeita entre seus braços. Ela tinha correspondido com inegável ardor, e ele estava muito feliz, e surpreso pela efusividade demonstrada por ela. Mais que paixão, as respostas da mulher tinham algo parecido a raiva e frustração.

— Esta noite se comportou como uma gata selvagem, — comentou Cedric enquanto acariciava com reverência seus

quadris — as marcas que suas unhas deixaram sobre minha pele vão demorar semanas em desaparecer. — recriminou-a com ternura.

“E as marcas invisíveis que deixou dentro de mim não se apagaram jamais.” pensou ela aflita.

Cedric tinha pedido a Gideon que, em sua ausência, mantivesse Chloe distraída. Deu-lhe permissão para saírem a passear, sempre e quando fossem acompanhados por uma escolta. Não queria que escapasse, agora mais que nunca, mas também não era capaz de trancá-la dentro das muralhas até sua volta. Sabia que Chloe valorizava sua liberdade acima de tudo, via em seu olhar cada vez que saíam ao exterior, apesar de que ela não dissesse nada e algo em seu interior o levou a tomar essa decisão.

Confiava que ficaria agradecida por sua generosa concessão, embora não tinha nem ideia do porque o fazia.

Durante uma semana, Chloe desfrutou de agradáveis passeios em companhia de Gideon. A diferença de seu irmão, Gideon não era tão reservado, pois lhe contou muitas coisas da família, falou da cumplicidade que sempre teve entre os três irmãos, como se tinham defendido e apoiado apesar de que Cedric e ele mesmo não eram filhos da mesma Mae de Andrew.

— Meu pai se casou com a Mae de Andrew quando ainda eram muito jovens, mas lady Johanna morreu no parto. Aquilo fez meu pai sofrer muito, já que estava apaixonado por ela, mas necessitava uma mulher que dirigisse seu castelo e uma Mae para seu filho primogênito. Dois anos depois contraiu matrimônio com uma rica herdeira escocesa, lady Kyleen

Duncan, nossa Mae, embora este fosse um casamento arranjado. Entretanto, foi uma boa Mae para os três e uma esposa melhor para meu pai. — o semblante de Gideon se escureceu de repente — Faleceu faz quatro anos por conta de uma febre.

— Sinto muito... — ela aproximou seu cavalo e colocou uma mão em seu jovem ombro. Na verdade, não tinha mais o que dizer, entendia perfeitamente sua dor e sabia que qualquer palavra de consolo seria em vão. O que precisava agora era trocar de assunto, falar de coisas mais leves e divertidas.

— Conte-me, — a voz alegre de Chloe se elevou acima do ambiente denso que tinha caído entre ambos, perguntando com muito interesse — como se conheceram seu irmão Andrew e Leah?

— Foi em Londres, na corte do rei Jaime, faz menos de um ano.

— Tão pouco tempo? — perguntou Chloe surpresa.

— Sim, na verdade foi tudo muito rápido. Andrew estava ali para tratar de alguns assuntos com sua majestade e, quando a viu, ficou preso no mesmo instante. Não se importou em absoluto que ela estivesse comprometida com outro homem. Em poucos dias depois de conhecê-la e vendo que Leah também se sentia atraída por ele, tomou uma decisão drástica e a convenceu para que fugissem juntos. Quando a família dela os encontrou, ao final de uma semana, já estavam casados.

— Oh, que romântico! — exclamou Chloe de forma risonha — E o que disse a família de Leah sobre tudo isso?

— Lorde Robert Carr, o pai de Leah, ficou indignado porque o acordo ao qual tinha chegado com a tal importante família do homem que iria se casar com sua filha já não teria efeito. De qualquer forma, quando se inteirou de que seu novo genro era um conde, tudo trocou. O visconde de Beresford sempre se caracterizou por ser uma pessoa muito ambiciosa e pode tirar benefício da situação. Em vez de ter que pagar um dote pelo matrimônio de Leah, conseguiu umas vastas terras que faziam fronteira com as suas. Quando Andrew as ofereceu para por fim ao agravo, lorde Robert bendisse ao alto a união.

— O que aconteceu com o outro pretendente? Suponho que não tenha achado muita graça...

— Lorde Damon Whitney levou uma queixa até o rei, solicitando uma compensação econômica, mas Andrew pagou com gosto.

— Lorde Damon Whitney? — Chloe não acreditava no que acabava de ouvir. Tinha que ser outra pessoa — O filho de lorde Lambert Whitney?

— O mesmo, — confirmou Gideon — acreditava que ao ser sua cunhada, você sabia disso.

— Não, eu... não tinha nem ideia.

— Desde então, lorde Damon não deixou de dizer em público seu desprezo por meu irmão. Depois do que ocorreu, sentiu que era o bobo da corte, acreditou que todo mundo ria a suas costas. Todos conhecem seu ódio por ele, e isto acabou quando o levou prisioneiro até o rei, acusando-o da morte de lorde Davie, seu defunto esposo. Tentou por todos os meios que o executassem de imediato, mas nosso monarca não permitiu.

Desgraçadamente, o que não conseguiu esse bastardo, conseguiu a prisão onde Andrew estava recluso. — murmurou Gideon entre dentes.

Chloe ficou muda pela notícia. Aquilo era algo que ela desconhecia.

— Não contente de propiciar a morte de meu irmão neste lugar imundo, — as palavras de Gideon destilavam ódio — lorde Damon não cessou em seu empenho até que conseguiu destruir tudo que rodeava Andrew. Conseguiu tirar do rei a ordem de confiscar essas terras para que passassem a ser de propriedade de sua família.

Chloe começava a compreender. Agora entendia o porquê da atitude tão despótica de Cedric. Entretanto, tinha algo que lhe escapava.

— Se tudo isso é propriedade dos Whitney, porque seguem vivendo em Lentonhouse? Acaso o conde de Berwick não permitiu que lhes arrebatassem? — perguntou ela com interesse. Devia ser isso, pelo pouco que conhecia lorde Lambert, estava segura de que não seria capaz de expulsá-los de sua própria casa.

— Na realidade foi nosso monarca que nos permitiu ficar aqui. Os bens de meu irmão estão à disposição da coroa até que a viúva de lorde Davie Whitney, ou seja, você, compareça ante o rei. A partir de então, tudo passara a ser seu.

— O que? — chiou Chloe.

Gideon a olhou de forma estranha.

— Também não sabia disso? Pensei que Cedric tinha explicado. — de repente Gideon se deu conta de que tinha

falado muito. Quando seu irmão soubesse que tinha sido sua língua grande, se poria furioso.

Chloe se esqueceu de respirar. Seu coração começou a bater deslucado e uma forte decepção a embargou, fazendo-a tremer de forma involuntária. Agora entendia tudo, aquela era a razão pela qual Cedric ainda a mantinha prisioneira. Sabia que não a amava, que era uma simples distração para ele, ainda que por este mesmo motivo acreditasse que queria mantê-la um pouco mais a seu lado, até se cansar dela. Mas não, a realidade era bem diferente. Esse homem não tinha intenção de liberá-la jamais, pois perderiam todos os seus bens.

“Maldito cachorro insensível”, foi a única coisa que sua mente conseguiu uivar. As lágrimas brotaram de seus olhos como uma torrente e a dor que sentiu no peito anulou qualquer outro sentimento. A raiva, a frustração, o despeito... tudo ficou em segundo plano ao ser consciente da magnitude daquela revelação. Cedric tinha pisoteado seu orgulho, brincado com sua dignidade e tinha se aproveitado dela da pior forma possível.

Jamais poderia perdoar aquela baixeza.

Naquele mesmo momento, ouviram-se cascos de um cavalo a se aproximar de onde ambos estavam passeando, mas Chloe nem mesmo o ouviu. Estava tão desconcertada por sua descoberta que Gideon teve que perguntar algo três vezes até que ela conseguiu reagir.

— Milady...

— Sim. — respondeu ela.

— Importar-se-ia de esperar aqui um momento? Tenho que tratar de alguns assuntos com um dos homens de meu irmão.

— assinalou para o alto da colina, onde um cavaleiro o esperava pacientemente.

— Sim, claro.

— Serão só alguns minutos. Desculpe-me.

Dito isto, Gideon açulou sua montaria e se afastou em direção a colina. Só então Chloe pode dar rédea solta a profunda dor que sentia. Saber assim da crua realidade foi mais do que podia suportar. Chorou de forma desconsolada até que ficou sem lágrimas e foi então que decidiu que precisava fazer alguma coisa. A partir desse momento, seu único propósito seria devolver a Cedric todo o dano que lhe tinha causado. Sabia que o tempo nunca curaria a ferida, mas a vingança ajudaria a beber aquele trago amargo.

Entretanto, quando com raiva contida limpou o rosto como dorso de sua mão e retirou as lágrimas que nublavam sua visão, observou algo que lhe tinha passado despercebido até então. Gideon estava a mais de duzentos metros dela, meio oculto por alguns arbustos, enquanto falava com o outro homem. Ambos de costas para ela e parecia que a conversa iria se prolongar um bom momento. Além disso, essa manhã, tinham saído sem escolta porque tinham requerido a guarda para um trabalho urgente na aldeia.

Tinham-na deixado sozinha, em meio à pradaria, no lombo de um cavalo.

Não pensou duas vezes, aquela seria sua única oportunidade. Segurou as rédeas com firmeza, fez girar o

cavalo cento e oitenta graus e inclinando-se para frente colocou-se em posição, tal e como Davie tinha ensinado meses atrás, esporeou seu cavalo até que este saiu a galope no sentido contrário onde estavam as únicas pessoas que poderiam detê-la. Para sua liberdade.

CAPITULO 23

Embora Chloe não estivesse acostumada a cavalgar a tal velocidade, esporeou os flancos com se fosse perseguida pelo próprio diabo. Não olhou nem uma só vez para trás a fim de comprovar se a estavam seguindo, pois, todo seu empenho estava em afastar-se rapidamente dali para que não fosse alcançada.

Nem mesmo sabia se o rumo que tinha tomado era o correto, entrou no bosque, atravessou riachos e evitou as aldeias próximas. Não queria que ninguém a visse e pudesse dar uma pista sobre sua localização. Durante mais de uma hora cavalgou sem descanso, embora as lágrimas que corriam por suas bochechas não lhe permitissem ver com clareza o que tinha a seu redor. Simplesmente açulava seu cavalo para avançar longe de onde tinha ficado tanto tempo retida. Longe dele.

Depois de algumas horas seu corpo começou a dar mostras de cansaço. Doíam todas as articulações e seu traseiro fazia um bom tempo que pedia por um descanso, mas ela se obrigou a seguir. Quanto maior a distância entre Lentonhouse e ela, menor seria a possibilidade de a encontrarem.

De repente percebeu um pequeno detalhe, tudo que a rodeava, pântanos, encostas e bosque, estavam cobertos de neve. As patas do cavalo sobre o elemento branco seria uma pista fácil de ser rastreada. A única solução consistia em buscar um caminho alternativo onde as patas do seu animal não deixassem nenhuma marca.

Ao longe descobriu um pequeno curso de água. O riacho bordeava um extenso bosque de pinheiros e se perdia muito além de onde a vista podia alcançar, assim que se dirigiu para lá. Reduziu o passo a um leve trote antes de meter-se no rio, embora não pode evitar que a água salpicasse suas roupas. De qualquer modo, não se importou, logo teria tempo de trocar quando estivesse a salvo.

Com cuidado de não entrar muito por conta do temor de que o rio fosse profundo e seu cavalo não conseguisse atravessá-lo, avançou pela orla durante alguns minutos, o suficiente para que seus músculos descansassem um pouco depois da intensa cavalgada e o rastro que ficava atrás se perdesse.

Embora aquela manhã fosse clara e o céu estava limpo, sentia como se o frio chegasse até os ossos por baixo das saias molhadas de seu vestido. O tecido sobre as pernas pesava uma barbaridade, e as câimbras que percorriam desde a ponta dos pés até os joelhos impossibilitava que pudesse guiar ao cavalo com precisão. Entretanto, fazendo um enorme esforço, tentou seguir adiante. Agora, mais que nunca, não podia desistir.

Quando esteve segura de que tinha avançado um bom trecho, procurou um lugar mais raso para atravessar o rio.

Sabia que iriam atrás dela; quando achassem a trilha deixada na neve junto ao ribeirão, inspecionariam os dois lados para encontrar o caminho que tinha tomado, assim que precisava pensar em um modo de confundi-los. Em poucos minutos encontrou a sua esquerda um ponto onde se via claramente o fundo do leito e, sem duvidá-lo, avançou com o animal naquela direção.

Não tinha imaginado que fosse tão fundo. A água que os circulava era tão clara que, a simples vista, parecia que o fundo estivesse a escassos centímetros da superfície, embora tenha mudado de opinião quando chegou a parte central. A água cobria quase por completo o lombo do animal e este teve que levantar bem a cabeça para poder continuar a marcha. Chloe sentia violentas pontadas nas panturrilhas, mas tentou concentrar suas forças para não desistir. A correnteza os empurrava com força, impedindo o avanço, assim que precisou esporear rudemente a seu cavalo para que não se deixasse impulsionar para trás por conta da força da água.

Depois de muito esforço, conseguiram. Tinham cruzado até a outra margem.

Embora estivesse molhada, obrigou-se a seguir pelo interior do rio, próxima da margem, até que alguns quilômetros adiante encontrou um lugar ideal por onde sair. Avançava contra a corrente e se até então o caminho percorrido tinha sido plano, chegou a um ponto em que começou a ficar mais íngreme, chegando à base de um pequeno promontório. Ali o terreno mudava, com inúmeras falésias de ambos os lados do rio.

Chloe decidiu entrar novamente no bosque por dois motivos: primeiro, porque não se atrevia a cruzar novamente o rio e segundo, porque ali as rochas não estavam cobertas de neve, por conta das frondosas árvores que as impediam de chegar até o chão. Deste modo, poderia continuar sem risco de deixar pistas.

Chloe atirou as rédeas para que o cavalo desviasse o trajeto. O animal agradecido não se fez de rogado. Saltou com brio para a zona rochosa e seu cavaleiro lhe indicou o caminho por onde seguir. A jovem o guiou por uma área pedregosa que continuava até a borda do bosque e, pouco a pouco avançaram até que o som das águas se perdeu na distância.

O tempo passava muito rápido. Quando saiu do frondoso bosque, o sol já estava baixo no horizonte. Até então tinha estado protegido pelas árvores, mas ao abandonar sua proteção, o forte e gélido vento que se tinha levantado a golpeou com força. Chloe se enrolou na capa, pensou por alguns momentos qual caminho tomar e depois colocou o cavalo de novo a galope. Não tinha nem ideia de onde estava, seu senso de direção deixava muito a desejar, mas ficou pensando até que decidiu que o melhor seria afastar-se do bosque.

Cavalgou por mais uma hora, até que o céu crepuscular se converteu em uma mescla de tons violáceos e alaranjados. Percebeu uma pequena aldeia ao longe, embora desta vez não a evitasse. Em algum momento teria que perguntar a alguém onde estava e quanto seria a distância até o castelo de Whippedone e este momento era tão bom quanto qualquer

outro.

Deteve seu cavalo em frente à primeira casa que percebeu habitada. Era uma construção de grossos muros de pedra com pequenas janelas que não deixavam ver se tinha alguém dentro, mas Chloe sabia que tinha por conta da chaminé de onde saía fumaça cinza.

Quando apeou de seu cavalo e tomou contato com o chão, suas pernas fraquejaram. Levava tanto tempo montada que teve que esperar vários minutos até que recuperou por completo a mobilidade delas. Então caminhou até a cabana e golpeou a porta com insistência. Depois de alguns minutos, esta se abriu e Chloe ficou cara a cara com um rosto enrugado e magro de um ancião que se apoiava sobre uma grossa vara de madeira a modo de bastão. Ele a observou com cara assombrada, muito surpreso ao descobrir que quem chamava a sua porta, há essas horas tão impróprias era uma mulher.

— Desculpe o incômodo. Só preciso de uma informação.

— Moça, está molhada. — argumentou o óbvio.

— Sim eu sei, mas isso agora não importa. Esta manhã sai a cavalgar e me perdi. Poderia me indicar se o castelo de Whippledone fica muito longe daqui?

O velho a olhou com o cenho franzido. Aquela jovem não parecia uma simples camponesa, a julgar pela qualidade da capa que levava aos ombros. Mas como tinha ocorrido sair para cavalgar sem companhia?

— Não. Está relativamente perto, somente a dez milhas daqui. Se continuar reto por ali chegará a uma grande colina, — assinalou com o bastão para o final da aldeia — do outro lado

da colina verá, ao longe, os murros do castelo. Mas moça, não quer entrar e sentar-se um pouco perto do fogo? Tenho muito pouco, mas posso lhe oferecer um prato de caldo quente para esquentar o corpo.

Chloe esteve a ponto de beijá-lo nos lábios tal foi sua alegria por saber estar tão próxima de sua liberdade. Nem podia acreditar.

— Agradeço muito, mas todos estão me esperando, preocupados por minha ausência.

— Permita que insista, jovem. Está tremendo.

Chloe aceitou o oferecimento porque na realidade estava morrendo de frio e não sabia se poderia subir novamente no cavalo naquelas condições. Porém não queria perder muito de seu valioso tempo que tinha ganhado com sua tática de despistamento no rio, assim que se limitou a tomar o caldo enquanto entrava em calor, o suficiente para ser capaz de percorrer a última parte do trajeto. Alguns minutos mais tarde estava fora da casa outra vez, depois de agradecer ao ancião sua hospitalidade, correu para seu cavalo ao mesmo tempo em que agitava a mão em sinal de despedida sem olhar para trás. Com energias renovadas, direcionou o animal para a direção apontada pelo senhor e se afastou da aldeia a galope.

Quando chegou a colina, parou uns instantes e observou a escuridão da noite que tinha a sua frente. Tal e como tinha dito o ancião, ao longe visualizou o tilintar de luzes que iluminavam o que, com certeza, seriam as torres de um castelo. O castelo de Whippledone.

— Vamos, estamos quase chegando e poderá descansar

como merece. — Chloe acariciou o cavalo o animando a prosseguir — Só nos resta uma última carreira.

À medida que se aproximava, as majestosas formas do castelo começaram a materializar-se frente a seus olhos. Já não só via luzes, mas sim que percebia a perfeição das torres, as muralhas, a ponte levadiça... e os soldados que guardavam a guarita. Estava livre! Estava livre!

Um mar de lágrimas desceu por seu rosto de surpresa. Lágrimas de alegria e de dor, de sentimentos totalmente contraditórios, mas que ela podia distinguir com facilidade. Alegria, porque depois de tanto tempo, tinha recuperado sua tão preciosa liberdade e, dor porque tinha deixado para trás os pedaços de seu coração.

Lorde Lambert não acreditava no que escutava seus ouvidos, quando um dos guardas entrou no salão informando entre ofegos de que lady Chloe acabava de cruzar as muralhas, levantou-se de seu assento como impulsionado por uma mola.

— Onde está? — perguntou com voz rasgada — Está bem?

— Milorde, ainda não saiu dos estábulos. Escutei-a dizer que queria estar segura de deixar em boas mãos o cavalo que montava ao entrar.

O conde caminhou com passo apressado para as cavalariças, mas quando chegou ao pátio de armas, parou. Lágrimas vieram a seus olhos ao vê-la de novo. Ela estava ali, com um sorriso tímido e as mãos no regaço.

— Moça... — O homem abriu seus braços para acolhê-la entre eles e Chloe se lançou, sem pensar, ao abrigo daquele carinhoso abraço.

— Lorde Lambert, quanto senti sua falta!

— Não tanto como eu, — acariciou seus cabelos e depois há separou um pouco dele pelos ombros — o que aconteceu? Onde estava durante todo esse tempo? Quem a sequestrou? Fizeram-lhe algum dano? — seu rosto ficou sombrio enquanto a inspecionava com atenção em busca de sinais de abuso ou agressão.

— Milorde, logo lhe darei as explicações. Agora estou ensopada e faminta, mas, no geral estou muito bem. Pode esperar um momento? Depois responderei, uma a uma todas as suas perguntas.

— Mas...

Nesse momento uma figura miúda envolvida em um xale de lã apareceu correndo de dentro do castelo, agitando os braços no frio ar da noite enquanto seu rosto tinha uma alegria e surpresa inusitada.

— Lady Chloe!

— Mae!

Ambas as mulheres se perderam em um caloroso abraço que durou vários minutos, até que a anciã se deu conta de que a moça levava roupas molhadas.

— Precisa trocar de roupa o quanto antes. Ordenarei que subam algo para comer e, enquanto isso, falaremos. Vamos, moça. — Mae tomou Chloe pelo braço e puxou para que a seguisse.

— Lady Chloe, — o conde as interrompeu quando já estavam atravessando o umbral da porta — se estiver bem, será melhor que falemos amanhã, com mais tranquilidade. Tem

muito que me explicar desses últimos quatro meses. Necessito saber se isso irá terminar em uma guerra.

“Necessito saber se isso irá terminar em uma guerra”.

As palavras de lorde Lambert não faziam mais que rondar a cabeça de Chloe uma e outra vez, remoendo-lhe a consciência. Agora que estava a salvo entre os muros, não estava certa de poder explicar toda a verdade. Se confessasse que tinha estado cativa contra sua vontade em Lentonhouse, far-se-ia imediatamente uma guerra entre as duas famílias. E ambas já tinham sofrido muito.

Aquela ideia não a deixou dormir a noite toda. Tentou conciliar o sono, mas cada momento, vinha-lhe a cabeça imagens de Leah, Gideon e Cedric, as recordações que tinha com eles em sua passagem ali. A cada momento ficava mais confusa e já não sabia o que fazer.

Só tinha palavras de agradecimento a Leah por tudo que tinha feito por ela enquanto esteve retida ali. Graças aquela mulher, as coisas mudaram muito em seus primeiros dias de confinamento. Se não fosse por ela, talvez tudo tivesse sido diferente. Ela enfrentou Cedric, lutou para melhorar suas condições de prisioneira, e isso jamais poderia pagar-lhe. Mas tinha algo mais, muito mais importante que tudo aquilo: considerava-a uma boa amiga. Como ela seria capaz de lhe arrebatara o pouco que ficava, se dissesse a verdade? Simplesmente não podia fazê-lo.

Gideon, aquele pobre moço não tinha culpa de nada... muito pouco ele podia fazer. Tinha se portado muito bem com ela, tinha a tratado com amabilidade, mesmo quando a sombra

da dúvida com respeito à relação que todos acreditavam que ela tinha com a morte de seu irmão pesava como uma pedra sobre sua cabeça.

E quanto a Cedric... com ele era mais complicado. Quando, essa mesma manhã, Chloe soube pela boca de Gideon a verdadeira razão de seu cativeiro, a ira que experimentou afastou de um golpe tudo que pudesse sentir por ele. Por um lado, queria vê-lo sofrer e fazê-lo pagar todo o dano que tinha causado com sua atitude tão interessada. Mas por outro lado, não conseguia tirá-lo da cabeça. Ele se tinha metido sob sua pele e, acreditava que nem mesmo a arrancando em tiras poderia apagar seus sentimentos. Definitivamente estava diante de uma complicada disputa. No dia seguinte, lorde Lambert exigiria explicações, mas estas, só serviriam para causar mais dor, assim que pouco a pouco foi forjando em seu interior uma férrea determinação de não revelar jamais onde tinha estado durante aquele tempo.

Chloe se levantou abatida e com o coração dividido. Não tinha nenhuma vontade de enfrentar ao conde, mas sabia que não tinha outra opção. Quando desceu ao salão ainda era cedo, mas ele já estava ali esperando.

— Lady Chloe, dormiu bem? Não está com boa cara.

— Não passei uma boa noite, isso é tudo.

— Diga-me querida. — lorde Lambert ofereceu um assento e cravou sua vista nela.

— Que aconteceu naquele trágico dia em que meu filho morreu e você desapareceu da face da terra? Estivemos procurando-a sem êxito, durante semanas. Acreditei que

jamais voltaria a vê-la.

Chloe recordou claramente aquela tarde, quando assassinaram Davie diante dela e seu estômago revirou.

— Milorde, foi horrível. Como sabe, Davie e eu saímos um momento da festa para tomar ar. Estivemos passeando e falando com tranquilidade, mas quando estávamos voltando, pelo temor de que as pessoas comesçassem a se preocupar com nossa ausência, vários homens apareceram dentre as árvores e nos atacaram.

— Quem eram? Poderia reconhecê-los?

— Não. Seus rostos estavam ocultos. A única coisa que disseram foi que me queriam e quando Davie enfrentou a eles para me proteger... — Chloe começou a chorar — vi como o matavam com meus próprios olhos. — conseguiu dizer com voz abafada.

— Chss... calma. — o conde a acolheu entre os braços e tentou consolá-la — Sei que dói recordar aquele momento. Eu não consigo tirar da mente o momento em que o vi ali, caído ao chão, com uma adaga cravada nas costas. Morto.

Homem e mulher ficaram um bom momento abraçados, desafogando a dor que durante tanto tempo os tinham carcomido por dentro. Quando enfim se acalmaram, lorde Lambert continuou o interrogatório.

— Moça, o que aconteceu depois?

Chloe limpou as lágrimas e tentou desfazer o nó que tinha na garganta.

— Lancei-me sobre aqueles indesejáveis como uma louca. Peguei a espada de Davie entre minhas mãos e os ataquei com

todas as minhas forças, mas não consegui evitar que me capturassem. Eram muitos e bem mais fortes que eu. Alguém me golpeou na cabeça e desmaiei.

— Oh, meu Deus! Como pode ser tão inconsequente em enfrentá-los? Poderiam tê-la matado... — recriminou lorde Lambert.

— Naquele momento não teria me importado morrer, milorde. Eu só queria vingar a morte de Davie. A raiva me consumia, por isso atuei de modo tão imprudente. E voltaria a fazê-lo. — afirmou Chloe convencida.

Lorde Lambert a olhava e assentiu em silêncio. Comprovou com admiração como aquela mulher tinha coragem, teria sido uma maravilhosa esposa para seu filho se o destino não o tivesse tirado. Depois, com o semblante sério fez a pergunta que ela tanto temia ouvir.

— Lady Chloe, que fizeram com você? Onde esteve desde então?

Ela respirou fundo e se preparou para o inevitável. Sabia que aquilo iria enfurecê-lo, mas não ficava outra opção. Enfrentou seu olhar e respondeu de forma ousada.

— Milorde, não posso dizê-lo.

— Como não pode me dizer? Lady Chloe...

— Lorde Lambert, confie em mim. Sei que quer saber onde estive para tentar buscar uma explicação para o que ocorreu com Davie, mas posso assegurar que, embora eu contasse, isso não resolverá nenhuma de suas dúvidas. Em troca, se o disser, só faria sofrer muita gente. Deixemos assim, por favor.

— Mas como pretende que faça ouvidos surdos a isso? —

disse o conde incrédulo elevando os braços para o alto — Esteve desaparecida quatro meses! Desde o momento que assassinaram meu filho em sua presença. Isso não é motivo suficiente para querer saber qual foi seu paradeiro desde então? Exijo uma resposta imediatamente!

— Sinto, mas não posso dizê-lo. Acredite, é o melhor para todos. — murmurou Chloe abaixando a cabeça.

— Moça, a quem se refere quando diz ser o melhor para todos? A quem está tentando encobrir? — perguntou lorde Lambert com astúcia.

— Milorde, de verdade que não estou encobrindo ninguém. Sei que lhe enfurece meu silêncio, mas lhe asseguro que com ele estou evitando muitos males.

O conde passeou por toda a habitação com semblante sério. Não podia acreditar no que estava acontecendo. Aquilo era intolerável! Tinha que tirar uma resposta, mas como? Intuíra que ela não estava disposta a repensar sob nenhum pretexto, ainda que... de repente, deixou de andar e a encarou com um estranho brilho nos olhos.

— Assim que não tem intenção de me contar, verdade?

— Não, milorde. — Chloe enfatizou sua resposta negando energicamente com a cabeça.

— Nem mesmo se ameaçar lançá-la daqui?

Chloe levantou o olhar para ele, surpresa e doía pela ameaça.

— Lorde Lambert, lançar-me-ia fora daqui? — perguntou em um fio de voz.

— Isso depende unicamente de você. — respondeu muito

sério.

Ela não tinha nenhum outro lugar aonde ir e, aquela advertência era muito explícita. Pensou com atenção na possibilidade de contar, tanto pelo medo que sentiu ao imaginar o que aconteceria se o fazia, fazendo-a tremer dos pés a cabeça. Foi quando descobriu que temia mais o dano que poderia sofrer essas pessoas, que tudo que pudesse acontecer com ela mesma se a obrigasse a partir. Finalmente tomou uma drástica decisão.

— Se assim o deseja, partirei agora mesmo, mas não posso explicar mais nada. Sinto muito.

Chloe, derrotada, ergueu os ombros e suspirou. Já estava dito. Levantou-se do tamborete, olhou pela última vez ao conde e com infinita tristeza começou a caminhar para a saída. Procuraria Mae para se despedir e depois iria. Não tinha nem ideia para onde, mas logo pensaria em algo.

— Espera!

Ela parou, mas não deu a volta. Queria evitar que ele visse as lágrimas. Aquilo já era muito difícil para que, além disso, ele visse a mostra de debilidade em seu rosto.

— Tem valor. Não pensei que manteria sua firme negativa depois que te forçasse a tomar uma decisão tão delicada. Não entendo o porquê, mas se insiste tanto em não falar, deve ter suas razões. — o conde esperou alguns momentos para lutar contra seus próprios pensamentos e depois continuou falando: — Lady Chloe, não quero que partas. Como lhe ocorreu que realmente poderia mandá-la embora? Damon e você são as únicas coisas que me restam nesta vida. Nunca deixaria que se

afastasse de mim, ainda menos por este motivo.

Ela começou a chorar. As palavras de lorde Lambert a tinham emocionado. Estava salva.

Cedric estava uma fera. Gideon nunca o tinha visto daquela maneira, tão encolerizado. O moço teve que aguentar estoicamente a ira desatada de seu irmão, quando, uma semana depois que Chloe tinha fugido, o mesmo lhe informou do acontecido.

— Uma mulher! Uma simples mulher! — gritou Cedric — Como pode escapar?

Não fazia mais que passear de um lado a outro do salão, apertando os punhos e falando uma série de palavrões. Porque era seu irmão, se não fosse isso, já o teria matado por ter cometido semelhante descuido.

— Sinto muito, Cedric. Eu... a perdi de vista um momento e, quando me dei conta, tinha desaparecido.

— Dei-te ordens expressas de que a tivesse a todo o momento vigiada. Tão difícil é entender isso? — perguntou gritando.

— Estava falando com um de seus homens e ela aproveitou para fugir a cavalo.

— E não seguiu sua pista, pedaço de inepto?

— Claro que sim. Quando notei que não estava, eu mesmo rastreei as pegadas que tinha deixado na neve, além disso, ordenei a seu homem que buscasse reforços. Estivemos buscando por toda a área até chegar a um riacho a vinte milhas daqui próximo de Kelso, mas ali perdemos seu rastro.

Kelso estava na fronteira com a Escócia, mas também a

meio caminho para o castelo de Whippledone, em Berwick. Poderia ter tomado qualquer caminho, embora Cedric sabia com segurança que tinha ido para lá, a casa de seu falecido marido. O que não conseguia explicar era, que após uma semana, não tivesse ainda nenhuma notícia do conde. Assim que lorde Lambert há tinha visto aparecer e ela explicado onde tinha estado presa este tempo todo, nem mesmo o rei poderia ter evitado uma ofensiva contra Lentonhouse. Manter cativo a um membro de sua família durante tantos meses era uma grave ofensa que não deixaria passar por alto. Porque então ninguém os tinha atacado? Teria ocorrido algo a Chloe antes de chegar a Berwick? Tinha que verificar com seus próprios olhos que ela estava bem.

“Demônios, — pensou contrariado — que estou pensando? Como me ocorre pensar nela agora?”

Cedo ou tarde receberiam notícias do rei, ordenando-lhes que deixassem o castelo e entregasse todas as posses de Andrew aos Whitney. Aquele era o menor de seus problemas, precisamente esteve as duas últimas semanas em suas propriedades, organizando tudo, para o caso do monarca mudar de opinião a respeito do desaparecimento da viúva de lorde Davie Whitney e tivesse que mudar de modo urgente sua família para lá. Além disso, tinha certeza de que a qualquer momento, chegaria o exército do conde de Berwick. Talvez estivessem preparando uma estratégia de ataque. Frente a isso, estaria preparado. Mas para o que não estava preparado era para o desassossego que sentia crescer pouco a pouco em seu interior, minando suas defesas e lançando-o em uma angústia

opressiva que o preocupava mais do que qualquer outra coisa, ela o tinha abandonado.

Tinha passado uma semana desde que Chloe voltou à segurança dos muros de Whippledone. Deveria se sentir feliz por esse motivo, mas não era assim. Era incapaz de dormir as noites, tinha perdido o apetite e do nada começava a chorar sem motivo aparente. Na realidade sabia o motivo, mas ela se negava a aceitá-lo. Não queria pensar nele. Tentava por todos os meios entreter-se com qualquer coisa para evitar que a recordação de Cedric invadisse sua mente, mas uma e outra vez estava ali, essa dor surda e persistente em seu coração, essa angústia que a impedia de respirar com normalidade e esse forte sentimento de perda que não a deixava um só instante tranquila, como se lhe tivessem tirado algo vital.

Rara era a ocasião que saía de seu quarto. Só o fazia quando chegava a hora da comida, ainda que descesse não porque tivesse fome, mas sim para fazer companhia a lorde Lambert. Desde a manhã em que ela se negou a explicar onde esteve durante todo esse tempo, ele não voltou a mencionar o assunto, apesar de que Chloe suspeitava que o tema, cedo ou tarde, voltaria a sair. Supôs que isso ocorreria quando Damon chegasse, que segundo tinha informado Mae, tinha partido fazia uma semana para a corte inglesa por motivos que a mulher não sabia. Pelo pouco que o conhecia e pelo muito que tinha ouvido falar dele, intuiu que seu cunhado não seria tão permissivo com ela como tinha sido seu pai o conde.

Chloe permanecia encostada a janela de seu quarto com a mente distante dali. No meio da tarde, o céu estava nublado e

uma densa bruma começava a levantar-se desde os bosques próximos, além das muralhas. Estava tão absorta em seus próprios pensamentos que, a princípio não deu importância a uma figura solitária montada a cavalo, meio oculto entre as árvores. Pensou que seria um dos soldados fazendo a ronda, mas quando depois de um tempo, percebeu que não tinha se movido, prestou mais atenção. A espessa neblina cobria o lombo da besta, embora ainda pudesse distinguir a cor de sua pelagem: era negro como a noite. Teve um forte pressentimento, fazendo que todos seus instintos ficassem em alerta. O cavaleiro permanecia imóvel sobre o cavalo, mostrando uma altivez e uma arrogância imprópria a um soldado raso. Aquele corpo tão esplêndido que se deixava ver abaixo da capa que usava lhe foi suspeitamente conhecido, mas quando continuou com sua inspeção e observou o rosto do homem, deu-lhe uma volta o coração. Então já não tinha nenhuma dúvida sobre sua identidade. Era Cedric.

Embora a tão longa distância, Chloe pode perceber que tinha o olhar fixo nela. Tinha visto-a. Seu semblante não demonstrava nenhuma emoção, via-se frio como um pedaço de gelo, mas a moça sentiu a intensidade de sua fúria chegando até ela, arrasando suas defesas.

Saiu rapidamente da janela, abafando uma exclamação, levou uma mão ao peito. Apoiou as costas contra os grossos muros de pedra e tentou colocar em ordem seus pensamentos atribulados. “Meu Deus, que faz ali?” perguntou-se desconcertada.

Depois de alguns minutos se atreveu a aparecer de novo.

A bruma tinha invadido o pântano e impedia apreciar o começo do bosque. Olhou uma e outra vez para o mesmo lugar, mas não conseguiu ver nada. Tinha sido produto de sua imaginação?

Bastou só um dia para comprovar que aquilo não tinha sido alucinação provocada por sua mente ofuscada. O que tinha visto era real, porque na tarde seguinte Cedric estava ali de novo, parado junto às árvores sobre seu enorme garanhão, observando com atenção a janela onde ela estava.

Um dia, após o outro, sempre na mesma hora da tarde, repetia-se a mesma situação. Ela o via sair de entre as árvores e parar seu cavalo, um pouco afastado das muralhas. Nunca fazia nada, não movia um só músculo durante o tempo que permanecia ali, quieto. Só olhava em sua direção durante uns momentos e depois, rodeado pelo mesmo mistério com o que aparecia, voltava a desaparecer até o dia seguinte.

Chloe deixou de aparecer na janela abertamente e se dedicava a espiar pela lateral, onde tinha uma boa vista da área. Não queria que ele a visse olhando, embora intuísse que Cedric sabia com certeza que ela se escondia atrás dos muros. O sangue palpitava frenético pelas veias ao vê-lo aparecer e não deixava de retumbar furioso até vê-lo afastar-se em silêncio. Chegou a ansiar tanto suas furtivas visitas vespertinas que, durante o resto do dia, não podia centrar-se em outra coisa que não nele. Comendo, passeando, dormindo... sempre estava em seus pensamentos. Odiava-o com todas as suas forças por ter mudado irremediavelmente sua existência e sua paz interior, mas também o levava metido abaixo de sua pele e aquele

sentimento tão profundo eclipsava todo o resto.

Durante todo o mês fez um frio glacial, soprava um forte vento e chovia muito, não houve nem um só dia que Cedric não tivesse feito ato de sua presença. Entretanto, em uma ensolarada tarde do mês de março já não voltou. Chloe esperou na expectativa, com impaciência incontida, até que o céu ficou escuro e a noite caiu sobre os campos, que pouco a pouco começava a florescer com a chegada da primavera. Mas ele não apareceu. Nem esse dia nem nos demais.

Embora não quisesse reconhecer, preocupou-se. Será que alguém o tinha visto pelos arredores? Se fosse assim, isso seria desastroso. Esteve pendente de qualquer novidade que mencionasse nas comidas referentes à segurança do castelo, mas a simples vista não tinha acontecido nada digno de ser mencionado em muito tempo, desde que ela retornou a Whippledone.

Finalmente, com o passar dos dias, teve que reconhecer com pesar que Cedric já não mais voltaria. Aquelas estranhas visitas tinham parecido para ela, durante um breve período de tempo, uma pequena esperança no fundo de seu maltratado coração, mas agora se dava conta de que aquilo tinha sido uma vã ilusão.

Pela última vez, chegou à janela esperando algo que nunca chegaria. Depois, com uma determinação nascida das brasas de suas ilusões perdidas, deu-lhe as costas a janela e, com aquele silencioso movimento, também deu as costas a todas as recordações que deixava atrás. A partir deste momento, só olharia para a frente e se esqueceria de todo mal que tinha

acontecido até então. Não se permitiria esmorecer, porque ela era a única pessoa que podia lutar com unhas e dentes por sua própria vida. E pela de seu futuro filho.

CAPITULO 24

Londres, castelo de Windsor. Três meses depois.

Aquele dia dava começo a época de verão e, para celebrá-lo, o rei decidiu organizar grandes festejos na corte, que durariam vários dias e aos quais tinha convidado a toda a nobreza dos mais distantes lugares da Escócia e Inglaterra. No entanto, aquilo tinha uma intenção oculta: o monarca queria reunir a todos, nobres ingleses e chefes de clãs escoceses, em um mesmo lugar, entretê-los convenientemente e conseguir o apoio necessário para uma união mais firme entre os dois países.

Até esta data, Escócia e Inglaterra tinham atuado como dois estados independentes, embora compartilhassem o mesmo rei. Jaime VI da Escócia e da Inglaterra tinha ambição desde sempre em converter ambos os países em um reino unificado sob um único monarca, um parlamento e uma lei comum, mas nunca pode levar a cabo suas intenções dado a forte oposição que encontrou de ambas as partes. Em 1604 falou diante do Parlamento, em uma das raras ocasiões em que os tinham convocado sob seu reinado, e solicitou a união, embora não

tenha tido o apoio desejado. Os comuns rechaçaram em termos legais sua petição para intitular-se “Rei da Grã Bretanha”, mas ele não parou em seu empenho e, em outubro do mesmo ano, assumiu o título por proclamação, em lugar de por lei. Entretanto, sir Francis Bacon lhe afirmou que não poderia utilizá-lo “em nenhum procedimento legal ou instrumento de proclamação”, assim que a combinação só se produziu pela união pessoal do rei. Ainda assim, ele seguiu tentando por outros meios constitucionais e protocolares, como naquela ocasião.

Para tal celebração, o soberano elegeu o castelo de Windsor porque adorava aquele lugar. Passava longas temporadas ali devido a sua estratégica localização; a majestosa fortaleza, situada sobre uma colina pertencente à vila de Windsor, no condado de Berkshire, a quinze milhas de Londres, tinha uma vista espetacular. De qualquer modo, a verdadeira razão de sua escolha pelo castelo se encontrava na zona de caça acima do rio Tamisa, esporte que o rei adorava. Além disso, os formosos e monumentais jardins que havia na propriedade, de mais de cinco mil hectares de extensão, eram o lugar propício para organizar os numerosos jogos que estavam previstos como distração nas horas diurnas para todo aquele que não quisesse ir à caça.

Durante a semana anterior, o castelo foi enchendo-se pouco a pouco até converter-se em um lugar cheio de gente: lordes, condes, duques, chefes de clã escoceses... tiveram que preparar inúmeros aposentos que até então não tinham sido utilizados, para alojar a todos, e ainda assim, teve que dar-se

prioridade a mais alta nobreza em detrimento das classes inferiores.

O conde de Berwick, junto com seu filho e sua nora, chegaram no mesmo dia que começavam os festejos. Lorde Lambert tinha atrasado a viagem à corte até o último instante, apesar da insistência do rei para que chegassem alguns dias antes, por precaução ao delicado estado de Lady Chloe. A moça não tinha gozado de boa saúde durante o último mês; tinha passado a maior parte do tempo reclusa em seus aposentos, sem deixar-se ver em público, argumentando inúmeras moléstias com sua gravidez. Lorde Lambert suspeitava que aquilo fosse uma desculpa dela para fugir ao convite do monarca, já que era perfeitamente conhecedora do que seria aquela visita. Afinal, teve que deixar bem claro que não permitiria um não como resposta: iriam a Windsor, quisesse ela ou não.

Chloe tinha tentado evitar por todos os meios ir à corte, mas não tinha servido para nada. Nem mesmo argumentando um falso mal-estar por conta de seu estado, tinha conseguido dissuadir o conde. E as razões que lhe deu foram de peso.

Dois meses antes, quando os sintomas da gravidez começaram a ser evidentes, Chloe ficou em pânico. Quando soubessem que estava esperando um filho, a relativa calma que até então tinha imperado com relação a seu desaparecimento acabaria. Fariam uma relação e chegariam a conclusão de que aquele menino tinha sido produzido durante seu cativeiro, pela qual não teria mais desculpas: exigiriam revelar imediatamente onde havia estado e quem era o responsável.

Mae já estava com a pulga atrás da orelha; embora Chloe evitasse vestir-se diante dela e de qualquer outra pessoa, a anciã se mostrava muito curiosa por que as roupas tinham de ser ajustadas a cada dia, apesar de comer como um passarinho. Mae não tinha comentado nada de suas suspeitas, mas os contínuos olhares a seu ventre diziam tudo. Ela sabia.

Chloe decidiu ser ela mesma quem desse a notícia e, não esperar até que alguém mais se desse conta. Uma tarde na qual lorde Lambert e ela estavam sozinhos na biblioteca jogando uma partida de xadrez, atreveu-se a dar um passo, embora por dentro estivesse aterrorizada. Não sabia como reagiria ao saber da gravidez, como também desconhecia o que diria depois, quando lhe pedisse explicações. Porque sabia que ele as pediria. Entretanto, apesar de tudo, Chloe seguia sendo da mesma opinião: por nada no mundo lhe diria a verdade.

Chloe tinha acabado de perder sua rainha e lorde Lambert a olhou com semblante contrariado.

— Lady Chloe, não está no jogo. Em circunstâncias normais, não deixaria isto acontecer. — assinalou o conde para o tabuleiro — Ocorre alguma coisa?

— Milorde, eu... tenho que lhe contar uma coisa, — Chloe se levantou da cadeira e se colocou de costas para ele. Não queria ver seu rosto quando contasse a verdade — eu... eu estou esperando um filho.

Não recebeu uma resposta imediata. Chloe esperava que lorde Lambert começasse a gritar, que esbravejasse, exigisse uma explicação, mas não estava preparada para o que ouviu de seus lábios ao final de alguns minutos.

— É de lorde Cedric Lenton, verdade? — afirmou mais que perguntou.

Chloe deu a volta e olhou seu rosto com incredulidade. Como ele sabia... ?

— Seu silêncio e seu olhar de surpresa agora mesmo confirmam minhas suspeitas, — disse lorde Lambert com falsa tranquilidade — deve estar se perguntando como descobri, verdade?

A jovem só foi capaz de fazer um gesto afirmativo com a cabeça. Estava tão surpresa que não se deu conta de que, ao confirmar o que lorde Lambert acabava de lhe perguntar, tinha revelado o segredo que tinha mantido com tanto cuidado.

— No dia seguinte que retornou ao castelo, depois de falar com você e comprovar que não me diria nada, fui aos estábulos para inspecionar o animal que tinha utilizado. Como já imaginava, estava marcado, mas para maior surpresa quando reconheci a marca: aquele cavalo pertencia aos Lenton. Não fiz nada até então por respeito a você, além do que não tinha muita certeza de minhas conclusões. Não entanto, faz um mês, meus soldados me informaram que todos os dias aparecia uma pessoa a cavalo rodeando os arredores do castelo. Ao saber que se tratava de lorde Cedric Lenton, relatei tudo. Entretanto, esse bastardo percebeu que o tínhamos descoberto e deixou de vir. Estive meditando profundamente e cheguei à conclusão que o motivo de suas visitas não era outro, senão você. Como vê, não foi difícil juntar as peças.

Chloe estava muito perturbada ao escutá-lo. Ela tinha estado bem tranquila pensando que seu segredo estivesse bem

guardado, que ninguém saberia jamais do que tinha acontecido, mas nesse momento foi consciente de que não tinha sido assim. O medo pelo destino do que poderia ocorrer aos Lenton agora que lorde Lambert sabia de tudo, a fez ser imprudente e falar mais do que devia.

— Milorde, então agora poderá compreender o porquê de meu silêncio. Eu não queria dizer nada para evitar mais guerras. No fundo, não me trataram tão mal, era quase uma convidada para eles.

— Como pode se preocupar com essa escória depois do que um deles fez a meu filho Davie? — gritou ele — Pelo que é mais sagrado, mataram a seu esposo e a sequestraram!

— Lorde Lambert, toda esta história está muito confusa. É certo que alguém me sequestrou, mas não foi nenhum deles. Os sequestradores me levaram até as portas de Lentonhouse e ali me abandonaram a própria sorte, com o selo do conde de Tempton em meu dedo como prova incriminatória. Queriam que essa família pensasse que eu tinha algo a ver com tudo que tinha acontecido, razão pela qual me retiveram ali contra minha vontade.

— E Davie? O desprezível do lorde Andrew Lenton o assassinou! — o conde se levantou e começou a caminhar por toda a habitação com um cão enjaulado.

— Disso eu não tenho certeza. As mesmas pessoas que me sequestraram foram as que acabaram com a vida de Davie e começo a pensar que alguém tinha um motivo oculto para fazer o que fez, para que houvesse um enfrentamento entre as duas famílias. Estou quase convencida de que, tanto os Lenton como

nós, fomos meros peões em um sinistro jogo maquinado por uma mente doentia.

Lorde Lambert murmurou umas palavras incompreensíveis. Na realidade, a ele também parecia muito estranho, tinham muitos detalhes que não se encaixavam em toda aquela história, mas não podia deixar passar assim mais um agravo. Entendia que a moça não quisesse mais lutas, mas sua honra não o permitia fazer vista grossa para aquela ofensa.

— E o que me diz do menino que espera? Este homem a desonrou enquanto esteve em seu poder ou se entregou de boa vontade?

Chloe baixou o olhar e respondeu com sinceridade.

— Entreguei-me a ele por vontade própria.

— Eu imaginava... — o ancião agitou a cabeça, derrotado — você sentia algo por lorde Cedric, por isso não queria dizer nada. Mas ele deve ser responsável por seus atos! Tem que saber que está esperando um filho seu e, se for um homem de honra, coisa que duvido, ver-se-á na obrigação de emendar o que fez.

— Não! — exclamou ela com medo na voz — Ele não pode saber de nada disto. Lorde Lambert, por favor, não quero que Cedric saiba jamais que este filho é dele.

— Mas, o que está dizendo moça? — o conde a olhou com horror.

— Porque quer esconder isso?

Chloe não pensava dizer que o fazia por seu orgulho ferido. Cedric lhe tinha feito muito mal e, se alguma vez soubesse que aquele filho era seu, tinha certeza de que faria

muito mais.

— Milorde, tenho a intenção de criar a esta criança sozinha. Se ele soubesse de sua existência, tirar-me-ia e isso não estou disposta a consentir. — afirmou categórica.

— Você sabe o que está me pedindo? Dá-se conta do que isto significaria? Lady Chloe todos pensariam que é uma qualquer e seu filho seria considerado um bastardo. Não posso permanecer impassível vendo como arruína sua vida e mancha a honra desta respeitável família.

— Lorde Lambert, eu imploro. — Chloe não sabia como convencê-lo, mas tinha que conseguir de algum jeito. Tentou pensar com rapidez e só veio uma ideia maluca em sua mente — Sei que o que vou dizer vai enfurecê-lo ainda mais do que já está, mas também poderia ser a solução para este problema.

Aquilo captou toda a atenção do conde. Deixou de caminhar pela habitação e girou-se para ela para escutar o que tinha a dizer.

— E se dissermos a todos que esta criança é do Davie? — soltou Chloe a queima-roupa.

— O que?

— Milorde, pense bem, essa poderia ser a solução. — lorde Lambert estava roxo e um tique se fez visível em seu olho esquerdo, assim que Chloe começou a falar atropeladamente. Aquela foi a única forma que encontrou para que ele escutasse tudo antes de ter uma apoplexia — Como quase não saio de meus aposentos, tenho sido vista por poucas pessoas desde que regressei. Alegaria que a causa é uma avançada e problemática gravidez e até poderia viajar por alguns meses,

até que de a luz. Quando voltasse ninguém saberia a verdade e assim a reputação desta família ficaria intacta.

Ele olhou a Chloe como se, de repente lhe tivesse nascido chifres. Como essa moça tinha tanta imaginação? O que propunha era uma loucura, uma completa loucura. Manchar a recordação de seu amado filho daquela forma? Nunca o permitiria!

Não disse nada durante um bom momento. Com gesto seco, assinalou uma cadeira e fixou a vista em um ponto indefinido da habitação. Seu rosto seguia sério, mas não efetuou um só movimento até que Chloe, preocupada com ele, saiu de seu assento e ajoelhou-se a seus pés.

— Lorde Lambert, sei que o que peço é muito para você. E sinto muito por isso. Não quero ser a causa de nenhum escândalo que possa afetar esta família, por isso lhe expus essa ideia maluca. Entretanto, entendo que não queira ser cúmplice em algo assim. Por favor, esqueça o que eu disse.

Chloe se levantou para partir, mas o conde a tomou pelo pulso com força, impedindo-a de se mover.

— Moça, aceitarei sua proposta com uma condição.

Aquilo não podia ser possível. Estava dizendo que aceitava sua ideia?

— Farei o que deseja. — respondeu ela depressa. Talvez depois de tudo, tinha convencido ao conde. Com um olhar melancólico esperou que ele explicasse qual era a condição.

— Embora para todos a criança seja filha de Davie, como poderá compreender, no futuro não poderei lhe deixar nenhuma de minhas posses. Isso não seria justo para meu

herdeiro. Damon.

— Milorde, eu não quero nada. — apressou a dizer ela.

— Deixe-me terminar. — interrompeu-a o conde — É certo que não poderei deixar nada, mas também não deixaria que alguém que levasse meu nome ficasse a mercê. O sobrenome Whitney sempre foi ligado ao poder e nesta ocasião não poderia ser diferente. Lady Chloe, para que eu aceite suas condições, terá que ir frente ao rei e reclamar o que por direito te pertence e até agora tem evitado aceitar: as posses de lorde Andrew Lenton, o conde de Tempton.

Já não tinha escapatória. Aquela noite, depois que o rei a recebesse em uma audiência privada, despojaria os Lenton de tudo que lhes pertencia. O gosto de bÍlis que sentia na boca não era nada em comparação com o desagradável nó que tinha na garganta pela magnitude do que estava a ponto de fazer. Estava enojada consigo mesma, mas não tinha outra opção.

Os nervos a estavam matando. Deixando de lado sua presença ali, também lhe aterrava tudo aquilo que significava para ela. Até onde Chloe sabia, nunca tinha estado diante da realeza, assim que não tinha a mínima ideia de como se comportar. E se fazia alguma coisa errada?

Aconselhada por Mae, tinha colocado um vestido que evidenciava claramente seu avançado estado de gravidez. Na verdade, estava só de seis meses, embora para um olho menos esperto, bem poderia parecer que estava a ponto de dar a luz. Esse era precisamente o propósito que queriam conseguir, que as pessoas acreditassem que a gravidez estivesse bem mais adiantada, embora ela se sentisse muito incomodada por ter

que representar aquela farsa.

Quando entrou na sala de banquetes de braço com o conde de Berwick, suspeitou que todo mundo ali reunido desviada a vista para um único lugar: ela. A grande sala estava repleta, mas sentiu que era o centro de todos os olhares e comentários que começavam a formar-se.

Agarrou com força o braço do ancião, como se sua presença pudesse insuflar coragem que não tinha naquele momento. Arrependia-se de não ter dito a Mae que lhe preparasse, antes de sair do quarto, a poção que lhe dava de vez em quando para controlar seus nervos, porque agora a necessitava mais que nunca. Entretanto, ele percebendo seu nervosismo, tentou tranquilizá-la.

— Não se preocupe. Sei que isto é muito, mas você saberá estar à altura dos acontecimentos. — animou com um aperto de mão.

Lorde Lambert lhe apresentou uma infinidade de pessoas, mas ela estava tão nervosa que não foi capaz de fixar nenhum nome ou título. Sentia a seu redor uma presença perturbadora que não a deixava se concentrar em nada, mas creditou essa impressão por estar naquele lugar, com pessoas tão importantes. Só queria terminar o quanto antes aquela estúpida representação e confinar-se de novo em seus aposentos, que tinha sido designado, no piso inferior do terraço norte, até que retornassem ao castelo de Whippledone.

— Lady Chloe, pode me desculpar um momento? — perguntou lorde Lambert — O duque de Buckingham me chamou para tratarmos de pormenores da audiência que nos

concederá o rei nesta noite. Como compreende, não posso fazê-lo esperar, — ele percorreu com a vista toda a sala e franziu o cenho — agora mesmo não consigo achar Damon, busque-o e permaneça junto a ele até que eu volte. Serão apenas alguns minutos.

Sem querer, Chloe ficou só, no meio daquela enorme sala cheia de gente. Começava a agoniar-se com o ambiente tão carregado que reinava ali dentro, assim que decidiu deixar para mais tarde a busca de seu cunhado, com quem não tinha muita vontade de falar e, se dirigiu a um dos terraços que rodeavam a magnífica habitação. Lá fora poderia respirar um pouco de ar fresco e tentar apaziguar o inquietante mal-estar que não deixava de sentir.

Quando saiu ao exterior, a fresca brisa noturna golpeou implacável seu rosto, o que ela recebeu como um bálsamo para seus nervos. Olhou de ambos os lados para comprovar que não tinha ninguém, já que buscava um pouco de tranquilidade sem ser o centro das atenções e depois de comprovar que o terraço estava vazio, aproximou-se da balaústra.

Era uma noite clara de junho, o céu estava limpo e milhões de estrelas brilhavam no firmamento. Chegou até ela o embriagador aroma dos roseirais, o cheiro dos narcisos, dos jacintos e das madressilvas que cresciam nos esplêndidos jardins do palácio.

Chloe aspirou profundamente e deixou que aquela mescla de odores inundasse suas fossas nasais, deleitando-se com a paz que respirava ali fora, livre do barulho que alguns metros mais atrás viviam dentro do palácio. “oxalá pudesse sentir-se

assim sempre” pensou consigo mesma.

Logo, notou uma presença as suas costas. Alguém tinha saído ao terraço e estava bem atrás dela. Fosse quem fosse, nem mesmo o tinha ouvido chegar, mas não quis dar a volta. Talvez, se não lhe prestasse atenção, partiria em alguns instantes por onde tinha vindo. Entretanto, quando sentiu um cálido hálito que lhe roçava a pele do pescoço, os pelos da nuca ficaram eriçados. Seu corpo ficou tenso e já estava preparada para virar-se e recriminar aquela pessoa por sua insolência, quando uma voz muito conhecida para ela, uma que pensava que jamais voltaria a ouvir, sussurrou em seu ouvido com aparente tranquilidade:

— Voltamos a nos encontrar, minha pequena harpia.

Seu coração deu um salto. O que Cedric fazia ali?

Tinha sido um enorme erro sair ao terraço. Deveria sair imediatamente, antes que ele percebesse seu estado, mas como fazer isso? Primeiro teria que dar a volta e encará-lo. As mãos começaram a tremer e um suor frio de instalou em sua testa devido à inquietude. Tentou pensar rapidamente. Naquele momento não podia se deixar levar pelo pânico, não podia deixar que ele a visse assim, tão alterada, porque então, perceberia que lhe ocultava algo. Devia atuar com naturalidade, seguindo, agora mais que nunca, a farsa que tinha montado em torno de seu estado.

Com toda a dignidade que foi capaz, girou seu corpo para ele e levantou o queixo com gesto desafiante. Sentia-se incapaz de enfrentar seu olhar, assim que fixou a vista em um ponto indefinido além do ombro masculino. Entretanto, não pode

evitar lhe lançar um rápido olhar: estava como o recordava, só seu cabelo, um pouco mais comprido, permanecia preso por uma cinta de couro. As roupas caras que vestia não eram como as que utilizava enquanto ela esteve em Lentonhouse. Ali usava camisa de linho e calças de pele como único vestuário, ainda que Chloe achasse que lhe ficavam esplêndidas. Entretanto, teve que reconhecer que a jaqueta e o, sobretudo profundamente adornado que levava lhe conferia um ar mais distinto.

— Boa noite, não pensei que o encontraria aqui. — Chloe tentou dar as suas palavras um tom neutro, mas ao falar, notou um leve tremor na inflexão de sua voz.

— Pois pensaste mal. Acredita que não estaria presente quando tirasse de minha família tudo que lhe pertence? — perguntou Cedric.

A vergonha que sentiu ao ouvir aquela acusação tão direta, fez arder suas bochechas. Abaixou o rosto para que ele não visse que tinha ficado vermelha. A culpa pelo que estava a ponto de fazer estava matando-a, mas não tinha outra opção.

Não queria ser mal-educada, assim que antes de partir tentou desviar a conversa para outro tema menos delicado.

— Como esta lady Leah?

— Agora se preocupa com ela? Como se atreve a perguntar por seu estado quando dentro de poucos minutos arrebatará tudo que possui? É uma hipócrita... — murmurou Cedric entre dentes, enquanto aproximava perigosamente seu rosto do dela.

Chloe não estava disposta a aguentar nem mais um minuto aquela situação. Se pretendia intimidá-la, tinha

conseguido, mas não deixaria que percebesse isso.

— Tenho que ir, me permite? — Chloe fez caso de afastar-se para o lado, mas ele se moveu como uma mola na direção que ela queria tomar.

— Não tão depressa, — Cedric estendeu seus braços em ambos os lados da mulher e apoiou as mãos sobre o parapeito, prendendo-a contra a balaústra — ainda temos muito que falar.

— Deixe-me sair. — exigiu Chloe. Ele tinha invadido seu espaço vital e ela notou que começava a faltar o ar.

Cedric, longe de se afastar, aproximou-se um pouco mais. Quando seu corpo se chocou contra o dela, baixou a vista e passou o olhar pelo inchado ventre. Embora estivessem em um canto pouco iluminado, Chloe pode perceber o preciso momento em que Cedric percebeu seu estado. Seus olhos desprendiam fogo e uma ira crescente começou a se manifestar em seu rosto, mudando suas mãos que, crispadas, agarraram com força a balaústra. Se esta não fosse de pedra, teria sido destroçada até virar pó.

— Para sua informação, embora não acredite que realmente te importe, Leah deu a luz uma menina faz duas semanas, — comentou seriamente — de qualquer jeito, pelo que vejo, você vai pelo mesmo caminho. Não perdeu tempo desde a última vez que nos vimos. Instintivamente Chloe levou uma mão ao ventre. Ia lhe responder quando ele a interrompeu:

— Logo arrumou algo melhor, né? Suponho que este bastardo seja de Damon. Quanto tempo demorou a entregar-se a ele? Uma semana? Talvez duas? — Cedric a agarrou pelos antebraços e começou a balançá-la com violência.

— Deixe-me em paz! — disse ela, tentando escapar de suas garras.

— Com certeza não grita com ele como gritava quando estávamos juntos. Fez tudo que fizeste a mim? — sussurrou Cedric muito próximo de sua orelha com voz perigosa — Não quis ficar a meu lado porque te considerava uma rameira, mas com essa atitude demonstrou ser uma autêntica raposa.

— Agora chega! — chiou Chloe. Revolveu-se entre seus braços, presa de uma fúria incipiente, até que conseguiu se soltar apoiando as mãos contra ele e empurrando-o para trás. Depois, sem pensar, o esbofeteou repetidamente — Como se atreve a me caluniar desta forma? Você é o menos indicado para me recriminar. Você se aproveitou de mim de todas as formas possíveis quando estava indefesa e a tua mercê, — censurou com atitude — quem acha que é? Não é ninguém. Ouviu-me? Ninguém! Mas deixa-me dizer uma coisa, Lenton e que fique muito claro porque não consentirei que volte a tratar-me assim jamais: esta criança que levo em meu ventre, — sentiu um nó na garganta pela mentira que estava a ponto de soltar ainda que, com férreo esforço o tragou como pode para continuar falando — não é de Damon, sim de Davie, meu falecido esposo. Nunca mais volte a chamá-lo de bastardo! Gritou enquanto cravava seu dedo indicador no peito de Cedric.

Dito isto, Chloe recolheu suas saias e, com todo aprumo que pode reunir, apesar de estar a ponto de começar a chorar, passou a seu lado a uma velocidade surpreendente para seu estado e se perdeu no interior da sala de banquetes.

Cedric tinha ficado de boca aberta. A imagem que mostrava, ali parado, sozinho no meio do balcão, era de uma pessoa que estava perdida, que não sabia o que fazer. Seus olhos, fixos na porta por onde instantes antes tinha desaparecido Chloe, mostravam uma notável incredulidade. Depois de alguns momentos de genuína perplexidade, percebeu que estava fazendo papel ridículo: todos que estavam próximos ao terraço o observavam com interesse e cochichando entre eles, assim que não esperou mais e entrou a grandes passadas no lotado salão.

Buscou com o olhar qualquer rastro de Chloe. Finalmente a achou, no fundo do salão, enquanto dizia algo a lorde Lambert, que acabara de voltar da conversa com o duque de Buckingham. Estava muito alterada, parecia que estava discutindo com o conde, embora do lugar onde estava só conseguiu captar algumas palavras desconexas. Aparentemente estava informando que queria partir dali que não estava nada bem, mas não conseguiu ouvir mais nada devido ao intenso ruído que tinha a seu redor. Várias mulheres de idade avançada, todas elas ricamente vestidas, falavam como cotovias a seu lado, com certeza sobre algum jubiloso escândalo da corte.

Suas vozes elevaram-se acima das outras, impossibilitando concentrar-se em outra coisa que não fosse suas incessantes conversas.

No começo Cedric não prestou nenhuma atenção, tão concentrado estava em contemplar a mulher que tinha abalado toda sua existência. Entretanto, ao final de um momento, algo

que ouviu daquelas velhas harpias o fez aguçar os ouvidos e prestar atenção na animada conversação que estavam mantendo.

— Aquela ali é lady Chloe Whitney, não é assim Gertrud? — perguntou a mais velha.

— Sim, lady Adeline, é ela. Pobre moça... ficou viúva no mesmo dia de seu casamento.

— Mas lady Gertrud... está grávida!

— Gravidíssima. É uma pena, o menino nunca chegará a conhecer o pai. Tenho entendido que lorde Davie Whitney era muito bonito, embora não tanto como seu irmão mais velho, lorde Damon. Este último é o vivo retrato de seu pai, lorde Lambert, quando tinha sua idade. Verdade, lady Daphne? — lady Gertrud virou-se para sua amiga para confirmar sua afirmação — Os suspiros que levantava aquele homem entre todas as damas, incluindo nós! — com agitados movimentos de seu leque, a matrona se deu ar para acalmar os calores que lhe provocava a recordação do jovem conde.

— Mas então, de quem é o filho que está esperando?

— De seu finado marido, o jovem lorde Davie.

— Isso é impossível! — respondeu lady Daphne.

— Nem tanto, minha querida amiga. O casamento foi no princípio de outubro e, fazendo os cálculos, a moça deve estar a ponto de dar à luz. Não viu sua barriga enorme? As más línguas dizem que já estava grávida no casamento. — cochichou lady Gertrud, mas não tanto para que quem estivesse ao lado não conseguisse escutá-la.

Lady Adeline, que até aquele momento tinha ficado em

silêncio escutando enquanto não deixava de observar o ventre de Chloe com o cenho franzido, girou-se para elas para rebater seus comentários.

— Senhoras, estão equivocadas. Essa moça não está grávida há mais de seis meses.

— Que está dizendo, lady Adeline? — disseram ambas as mulheres juntas.

— O que ouviram. O vestido que leva faz aparentar mais meses de gestação, mas posso assegurar que, de modo algum, ela está a ponto de parir. Devem ficar uns três meses, pelo menos. — explicou com convicção.

Lady Daphne e lady Gertrud emitiram um risinho baixo. Voltaram à vista para lady Chloe, que naquele momento abandonava o salão pelos braços de lorde Lambert e, se aproximaram da anciã para fechar o grupo que formavam e poder falar com um pouco mais de privacidade.

— Talvez a família Whitney queira evitar um escândalo... — riu lady Gertrud como uma juvenzinha que está desfrutando de um suculento segredo — de quem será a criança? Do irmão mais velho?

Cedric tinha os punhos cerrados, mal contendo a raiva que o estava consumindo por dentro. Assim que a muito safada o tinha enganado. Esse menino não era de Davie, sim de Damon. Agora lembrava com clareza as palavras que ela disse uma vez, logo depois de ficar doente. Quando ele perguntou se tinha deitado com Davie, Chloe ficou ofendida, dizendo que ele jamais a tinha tocado. Maldita raposa mentirosa! Tinha sido tão convincente ali, naquele terraço, quando se enfrentou a ele

por recriminá-la com suas duras palavras, que tinha acreditado em suas mentiras.

Quando a tinha encurralado contra a balaústra, indefesa ante ele, esteve muito tentado de trocar a pedra que apertava em suas mãos por seu delicado pescoço. Poderia tê-lo quebrado ali mesmo. Agora se arrependia por não tê-lo feito. Saber que o infame Damon a tinha provado, que ela tinha sido tocada por ele, quase o deixou louco.

De repente, Cedric ficou petrificado ao lembrar algo que tinha dito a mulher mais velha “essa moça não estava grávida a mais de seis meses... devem ficar uns três meses, não menos...” uma ideia descabelada começou a tomar forma em sua cabeça.

Fez um rápido cálculo mental: seis meses atrás, no natal, Chloe ainda permanecia em Lentonhouse. Não escapou até meados de fevereiro.

A fúria que continha em seu interior ameaçou estalar. Uma veia palpitou em sua testa, sua mandíbula se crispou de modo impossível e seus olhos se converteram em duas fendas que destilavam fogo verde.

O filho que Chloe esperava era seu!

CAPITULO 25

Em seu coração, Cedric era um vespeiro de emoções contraditórias. Por um lado, saber que aquela criança era sua, que o indesejável do Damon não tinha tocado em Chloe, produziu uma incompreensível, porém exultante alegria, no entanto, levou-o até limites insuspeitáveis ter sabido dessa forma. Sentia-se um verdadeiro estúpido por ter se deixado enganar por ela, mas o pior de tudo, o que mais lhe doía na alma, foi dar-se conta de que, se não tivesse escutado aquelas velhas matronas jamais teria sabido da verdade. A intenção de Chloe não era outro senão ocultar por todos os meios de que nunca soubesse que tinha um filho, aquilo o golpeou nas entranhas como um duro golpe. Não poderia permitir que aquilo continuasse por mais tempo. Tinha que ir buscá-la e recriminar sua atitude, exigir que lhe dissesse a verdade por sua própria boca e explicasse que demônios pretendia, negando-lhe o direito que lhe correspondia, embora naquele momento a única coisa que gostaria era retorcer seu pescoço.

Decidido a por fim ali mesmo em toda aquela farsa, com a ira desfigurando seu bonito rosto, iniciou o caminho até o lugar onde tinha desaparecido Chloe. Não iria permitir que ela saísse

com a sua. Agora já não.

Abriu passo entre as pessoas que abarrotava a sala como um tornado, mas quando estava chegando à saída uma férrea mão sobre seu ombro o deteve em seu lugar.

— Lenton, deixe-a em paz.

Cedric grunhiu. Quem se atrevia a interceptá-lo assim, e ainda mais lhe dar uma ordem como aquela? Girou lentamente para enfrentar quem tinha ousado interrompê-lo e seu rosto se transformou em uma máscara de incredulidade quando reconheceu a pessoa.

— Damon Whitney, retire sua asquerosa mão do meu ombro agora mesmo. — disse perigosamente.

Cedric se safou dele com um enérgico movimento e deu a volta para continuar seu caminho, mas instantes depois Damon voltou a detê-lo da mesma forma.

— Disse para deixá-la em paz. Acaso não me ouviu?

A ponto de explodir, Cedric encarou o homem com olhar irado. Aproximou seu musculoso corpo ao outro homem, erguendo-se em toda sua estatura e o fulminou com um olhar carregado de ódio.

— E quem você acredita que é para me dar alguma ordem?

— Na falta de seu falecido marido, meu irmão, meu pai e eu somos os responsáveis pela segurança de lady Chloe. Não penso permitir que volte a se aproximar dela. Nunca mais.

— Ah não? — Cedric alçou uma sobrancelha, simulando surpresa — E como pensa evitar isso, posso saber?

— Não quer fazer um escândalo diante de todos, verdade? Embora a mim, pessoalmente não me importaria nada. —

respondeu Damon com impaciência.

— Nem você, nem ninguém, nem mesmo o rei, vai conseguir me impedir de ir atrás dessa mulher. Espero que tenha uma boa explicação para ter ocultado a paternidade do filho que leva em seu ventre, embora não exista suficiente desculpa que possa acalmar o rancor que me produziu, saber disso através de umas velhas fofoqueiras.

— Assim que já ficou sabendo, não? — Damon sorriu de modo grosseiro. Sabia que não devia dizer nada, mas o ódio que sentia pelos Lenton era maior que a lealdade que estava obrigado a dispensar aos seus.

— Desfruta com isso, verdade? — disse depreciativamente — Não deveria celebrar tão cedo uma vitória. Ainda tenho muito que dizer sobre isso.

— No fundo, deveríamos nos alegrar de que isto tenha acontecido assim, — Damon quis dar-lhe onde mais doía e, com suas próximas palavras, conseguiu — afinal, as posses de seu falecido irmão seguirá pertencendo a alguém da família Lenton, embora este nunca seja reconhecido como tal. Pode estar certo de que nunca conhecerá seu filho, e não só por que lady Chloe se nega a que assim seja, mas porque meu pai e eu faremos tudo que esteja em nossas mãos para evitar que se aproxime dele.

Com efeito, aquilo causou em Cedric tal efeito esperado por Damon. Algo se quebrou em seu interior quando escutou da boca daquele malnascido a informação de que Chloe não queria saber nada dele. A ira correu por suas veias como uma corrente incontrollável ao compreender que estavam dispostos a

tudo para evitar que conhecesse seu filho. Sem poder se conter, agarrou a Damon pela frente de seu casado forrado de pele e o aproximou até que seus rostos estavam a escassos centímetros de se tocarem.

— Você e sua família são ratos imundos, — falou com veneno — mas terão que me matar para conseguir seu repugnante propósito. Só a morte impedirá que me aproxime de meu filho.

— Quem sabe? — rio Damon em sua cara — Quem sabe o destino não joga outra de suas caprichosas cartas e a criança não sobreviva. Isso acontece muito.

A besta que tentava conter dificilmente escapou sem remédio. Cedric ficou cego ao perceber a ameaça velada que ocultava aquelas palavras. Esses indesejáveis careciam de escrúpulos, tanto como utilizariam seu filho como instrumento de vingança pessoal. Aquilo foi a gota que transbordou o copo.

Todos ali presentes haviam feito um círculo ao redor ao ouvir as vozes iradas que trocavam entre si. Os murmúrios se levantaram sobre o impróprio enfrentamento dentro das dependências reais, em uma festa organizada pelo rei, circulavam como rastilho de pólvora. Entretanto, isso não evitou que Cedric descarregasse sua fúria contra Damon em forma de um potente golpe na mandíbula, conseguindo arrancar dos expectadores numerosas exclamações de assombro. A força do golpe lançou Damon contra o chão. Mas Cedric não se deteve e se lançou sobre ele para seguir golpeando-o com os punhos. Damon tentou se defender e ambos rodaram pelo chão, em uma feroz luta para ver quem

sairia vitorioso.

Ninguém tentou separá-los, estavam tão assombrados que a única coisa que conseguiam fazer era contemplar, destemidos, a peleja que estava acontecendo diante de seus olhos. Durante vários minutos se agrediram mutuamente como se suas vidas dependessem disso, tanto Damon como Cedric tinham o rosto coberto de sangue, e suas roupas, outrora intocadas, estavam em completo desalinho agora.

Em algum momento o círculo que se tinha formado se abriu e por ele avançou, com expressão cansada e bastante mal-humorada, um homem que até então não tinha feito ato de presença no salão. Todos se afastaram para a passagem do rei Jaime.

— Posso saber o que está acontecendo aqui? — perguntou com a autoridade própria de alguém da realeza, muito acostumado a dar ordens que são acatadas imediatamente.

Como ninguém lhe respondeu e os dois que estavam brigando fizeram caso omissos de suas palavras, o monarca fez um sinal imperceptível com a mão. No mesmo instante, um homem de uns trinta anos, ricamente vestido, com cabelo castanho que caía em ondas até a altura dos ombros e uma barba perfeitamente recortada, caminhou com passo decidido até ele. — Que minha guarda pessoal separe esses dois e os levem a minha presença. Quero vê-los agora mesmo na sala de audiências. — ordenou ao Duque de Buckingham justo antes de dar a volta e abandonar a cena com rosto contrariado.

Os rostos de Cedric e Damon estavam cheios de machucados, mas o que mais chamava a atenção era o intenso

ódio que se via nos olhares que lançavam entre eles. Cada um estava seguro firmemente pelos ombros por um guarda real, enquanto outros dois guardas cruzavam suas lanças diante de seus corpos para evitar que voltassem a lançar-se um sobre o outro. Já tinham tentado por três vezes na presença do monarca, para sua consternação e desgosto.

— E bem cavalheiros, o que acham que devo fazer agora? Com vossos imperdoáveis comportamentos, colocaram a perder os festejos reais, embora isso seja o que menos me preocupa no momento. O que é inadmissível são os motivos pelos quais chegaram a organizar esse espetáculo tão horroroso e impróprio do caráter de vocês. Sinto-me muito decepcionado, mas acredito que chegou a hora de tomar as rédeas desse assunto.

Enquanto os homens compareciam ante o rei, este os interrogou de modo implacável. Exigiu conhecer as causas que tinham terminado nesse enfrentamento e Damon foi o primeiro em falar. Explicou tudo.

Acusou Cedric de ter mantido sua cunhada durante quatro meses. Argumentou que aquela prisão tinha como único fim evitar que a mulher comparecesse ante o rei para reclamar as posses do conde de Tempton e afirmou ao monarca, que se ela não tivesse escapado, o assunto da troca de propriedades teria ficado sem conclusão indefinidamente, algo que muito favorecia aos Lenton. Inclusive chegou a insinuar que, durante todo esse tempo, não contente em privar lady Chloe de sua liberdade, esse canalha tinha manchado sua honra e de sua família, tomando-a contra sua vontade.

O rei estava escandalizado. Entretanto, seu dever como mediador consistia em escutar a outra versão dos fatos para depois tirar suas próprias conclusões, assim que ordenou a Cedric que tomasse a palavra e se defendesse, se tinha alguma defesa contra aquelas terríveis acusações.

Cedric não negou ter mantido Chloe retida no castelo de seu irmão. Expôs ao monarca os motivos pelos quais o fez, as circunstâncias tão estranhas de como ela foi parar em suas mãos e as suspeitas fundadas de que tudo aquilo tinha relação com algum plano maquinado por alguém para desprestigiar e acabar com o bom nome de seu irmão e, por consequência, de toda a família Lenton.

Acusou diretamente Damon de ser o responsável por tudo aquilo, assinalou-o como o culpado pela morte de seu irmão e depois explicou com luxo de detalhes a vingança que a família Whitney tinha urdido contra ele, usando seu futuro filho como meio para conseguir seus propósitos.

Depois de escutar ambas as partes, o rei Jaime se lançou para trás em seu assento e, apoiando o cotovelo nos braços da mesma, levou à mão a testa com gesto de preocupação. Essa era exatamente o tipo de disputas entre seus vassalos que pretendia evitar por todos os meios e agora se apresentava uma grande confusão. Pensou em silêncio durante longo momento, meditando seriamente sobre a decisão que deveria tomar. Quando afinal falou, fez com tom autoritário e censura próprio a seu cargo.

— Estou muito indignado. Jamais pensei que me encontraria com uma situação parecida, mas dado que tive a

duvidosa honra de ver-me envolvido no meio dessa disputa, não fica mais remédio que tentar resolvê-lo da melhor maneira possível. Estamos tratando de um assunto muito delicado que pode ter numerosas repercussões futuras, assim que antes de tomar qualquer decisão, terei que escutar outras versões que comprovem ou desmintam as terríveis acusações que levantaram aqui esta noite. George, — dirigiu-se expressamente ao duque de Buckingham e ordenou com voz nasal — traga a minha presença ao conde de Berwick e sua nora, lady Chloe Whitney.

Alguns minutos depois, dois lacaios abriram de par em par as portas de acesso e por elas entraram lorde Lambert e lady Chloe. A primeira coisa que a mulher viu ao entrar na sala foi o terrível olhar de Cedric cravado nela. Sentiu um estranho pressentimento, muito maior quando percebeu que ele estava sendo contido por um guarda, igual a Damon, parado a poucos metros dele. Ambos tinham as roupas rasgadas e o rosto coberto de contusões, como se estivessem brigando. Chloe, com gesto duvidoso, olhou ao conde. Ele tinha em seu rosto a mesma expressão de incredulidade.

— Lorde Lambert, aproximem-se. Deixe-me ver de perto a pessoa que motivou essa disputa.

Chloe não entendia nada. Como “a pessoa que motivou essa disputa?”.

Pelo que ela tinha entendido, tinham-nos chamado a comparecer ante o rei para tratar da troca de posses.

Caminhou com passo vacilante até o soberano, até que ficou de frente aonde estava sentado. Rezou para que suas

pernas não falhassem e poder assim executar, sem fazer ridículo, a reverência que tanto tinha praticado em seus aposentos. Não era fácil, com os olhares dos presentes fixos nela, em especial um que estava marcando-a com a intensidade de um raio. Entretanto, ela não se deixou amedrontar e fez muito bem.

— Majestade. — inclinou-se para ele, rendendo respeito com a mais correta reverência.

— Fiz chamá-los porque me encontro ante um grande dilema. Esta noite foram feitas terríveis acusações, mas não posso estar seguro de tomá-las em conta sem ouvir sua versão dos fatos. Lorde Lambert, é verdade que lady Chloe esteve desaparecida durante mais de quatro meses e que todas as suspeitas recaem sobre lorde Cedric Lenton?

— Sim majestade. — respondeu o ancião com voz profunda.

— Lady Chloe, foi lorde Cedric Lenton quem a manteve cativa contra sua vontade durante todo esse tempo? — perguntou à moça.

Chloe não sabia o que responder. Olhou de modo imperceptível ao conde e este assentiu levemente com a cabeça. Estava-a animando para dizer a verdade.

— Sim, foi ele. Manteve-me prisioneira em seu castelo durante mais de quatro meses em Lentonhouse, até que consegui escapar. No entanto...

— Um momento. — interrompeu o monarca — Como temia, estamos tratando de um tema muito perigoso aqui. Lorde Cedric, — dirigiu seu olhar para o homem e o assinalou com dedo acusador — neste caso, todas as versões coincidem no

mesmo, inclusive a sua. O delito que cometeu é muito grave. O sequestro e a privação da liberdade de um membro da nobreza implicam conotações muito relevantes. Se estivéssemos falando de alguém do povoado, isto derivaria em uma grave sanção, até uma sentença de prisão durante longos anos, mas vocês são nobres de alto escalão. Assim, não posso evitar conceder à família Whitney uma satisfação pelo ultraje. Deste modo, condeno-o a permanecer recluso na torre de Londres durante o mesmo período de tempo que esta moça esteve prisioneira sob seu poder. Além disso, deverá indenizar aos agravados uma quantidade de cinquenta mil libras e — acrescentou interessado — devido aos contratempos causados no dia de hoje, terá que depositar nas arcas da coroa um valor similar.

Cedric não fez mais que assinalar com uma profunda inclinação de cabeça, aceitando estoicamente o castigo que recebia. Um murmúrio de vozes se levantou na sala quando apontou que a reunião tinha chegado a seu fim, mas o rei elevou a mão para pedir silêncio.

— Ainda não terminei. Lady Chloe, tenho outra pergunta a fazer. Quem é o pai da criança que leva em seu ventre?

Chloe ficou perplexa. Porque fazia aquela pergunta tão comprometedora na frente de todos? Ainda assim, estava disposta a chegar até o fim. Olhou por um instante a Cedric, que mantinha sua vista fixa nela. Seus olhos queimavam como brasas acesas, queimando a mulher com seu escrutínio enquanto esperava a resposta.

Ela rompeu este efêmero contato visual, ergueu o queixo com orgulho e respondeu com segurança.

— O pai de meu filho é lorde Davie Whitney, meu falecido esposo.

— Isso é mentira, — gritou Cedric. Já não ficava parado em seu lugar, sim que tentava se livrar de todos os meios do guarda que o mantinha preso para lançar-se como um animal contra a mulher que estava mentindo diante de seus narizes. — esse filho é meu.

Chloe estava realmente assustada. Como podia ter chegado a esta conclusão? Como demônios tinha descoberto? Quando olhou a Damon, no mesmo instante teve a resposta: este sorria de modo irônico enquanto contemplava com cara de ódio e satisfação a violenta reação do outro homem.

Tiveram que vir mais dois guardas para conter Cedric, que já quase tinha alcançado Chloe, que de forma inconsciente, lançou-se para trás para se afastar, pois temia de que a qualquer momento se lançasse contra ela. Estava louco; retorcia-se entre dois homens que o seguravam com firmeza por ambos os braços e seus olhos lançavam dardos envenenados contra Chloe, enquanto vociferava a plenos pulmões que o soltassem. Apesar de tudo, ela se manteve firme.

— A criança é de lorde Davie Whitney. — repetiu com convicção.

— Já chega. — lorde Lambert deu dois passos a frente e caminhou para o rei — Majestade, nosso primeiro propósito havia sido ocultar para evitar um escândalo, mas para você não podemos mentir. Se lady Chloe não lhe disse a verdade, eu a direi. Lorde Cedric Lenton tem razão: esse filho é dele.

Chloe virou para o conde com a boca aberta pelo assombro. Como podia ter feito isso? O medo pela reação de Cedric depois da confirmação de lorde Lambert começou a machucar suas entranhas, mas ainda assim, olhou para Cedric, que tinha deixado de lutar, embora o olhar que lhe dirigia seguia sendo o mesmo. Não, isso não era verdade. Chloe viu nesses olhos algo mais: presunção e determinação.

— Então confessa que pensava utilizar este assunto como meio de vingança contra lorde Cedric?

— Majestade, não era essa nossa intenção, embora Deus saiba que este homem merece pagar tudo o que fez. Só queríamos proteger lady Chloe que já sofreu demais.

— Entendo... — murmurou o rei. Meditou durante alguns instantes sobre toda a informação que tinha recebido e, finalmente emitiu seu veredito.

— Lorde Cedric, mais uma acusação que recaem sobre suas costas. Não só manteve prisioneira a esta mulher, como ainda manchou a honra da família Whitney, tomando-a durante seu cativeiro. Alto! — exclamou ao ver que Cedric ia responder.

— A estas alturas é irrelevante saber se foi ou não contra sua vontade. O resultado é o mesmo. O assunto exige uma urgente reparação e eu, como soberano, não vejo outra solução para resolver esta disputa. Lorde Cedric, terá que se casar imediatamente com lady Chloe.

Para não interromper os festejos, o monarca tinha determinado que o casamento fosse celebrado quando este se acabasse, ou seja, após quatro dias. Enquanto isso, o resto das

atividades teria lugar tal e qual tinha sido previstas desde o começo. Lorde Cedric Lenton não estaria na prisão até o dia seguinte a seu casamento, mas, até então, o rei ordenou expressamente mantê-lo abaixo de vigilância no interior de suas habitações. Jaime deixou bem claro que não queria que o que foi dito na sala de audiências saísse daqueles muros, assim que expressou seu desejo de que lorde Damon abandonasse a corte imediatamente. Tinha feito muito barulho na sala de banquetes para se arriscar a voltar a acontecer um novo enfrentamento. O único que foi permitido ficar no palácio foi o conde de Berwick e só porque tinha ao ancião em alta estima.

Durante todo esse tempo, embora seguisse sendo uma convidada, Chloe permaneceu confinada em seus aposentos. Não queria falar com ninguém, estava muito alterada pelo que estava a ponto de ocorrer para fazê-lo. A dor que sentia pela traição de lorde Lambert a tinha afetado muito, mas nem tanto pelo fato de que em poucos dias passaria nas mãos de Cedric.

Tinha visto seus olhos antes de sair da sala de audiências, olhava-a com uma exultante antecipação, como dando a entender que já não lhe ficava nenhuma escapatória, que quando estivesse sob seu poder a faria pagar muito caro por tudo que tinha provocado. Inclusive tinha esboçado um sorriso burlão ao ouvir do monarca a ordem para levar a cabo a dita união no término de quatro dias.

A cerimônia seria na capela de Saint George e seria oficializada pelo arcebispo de Canterbury. Uma cerimônia íntima onde só assistiriam os contraentes, lorde Lambert, uma

testemunha eleita por Cedric e o próprio rei, acompanhado por seu conselheiro o duque de Buckingham. O soberano queria comprovar com seus próprios olhos quer não acontecesse nenhuma outra eventualidade que pudesse afetar, mais do que já estava, os ânimos entre seus súditos.

Chloe teve um ataque de pânico na hora do casamento. Quando lorde Lambert chegou a seus aposentos pouco antes do meio dia, encontrou-a passeando como uma louca de um lado a outro, apertando as mãos com gesto nervoso enquanto murmurava palavras incompreensíveis. Mae já não sabia o que fazer com ela. Fazia um bom momento que a anciã tinha preparado uma de suas poções para tentar relaxá-la, mas teve que admitir com consternação que a infusão não tinha servido de nada.

Mae e o conde se olharam, impotentes. Se dependesse deles impediriam aquela cerimônia, mas não podiam contrariar as ordens impostas pelo rei.

— Moça, já está na hora, — informou lorde Lambert com a maior suavidade que pode — precisamos ir.

Chloe ficou paralisada em meio ao quarto e rogou com olhos suplicantes.

— Por favor, não me obrigue a isso. Não posso me casar com ele.

— Lady Chloe, não sou eu quem está te obrigando, esta é uma decisão de nosso monarca. Sabes tão bem como eu que não podemos nos negar a acatá-la, sob a pena de delito muito grave por desobediência.

— Se você não tivesse dito a verdade não teríamos chegado

a este extremo. — gritou Chloe, lançando em sua cara.

— Não entende... — o ancião meneou a cabeça, derrotado — tenho servido fielmente a sua majestade durante longos anos, jurei obediência e vassalagem em todos os aspectos. Para mim, uma promessa assim é sagrada, minha consciência não me permitiria cometer um ato tão ruim como mentir a ele. Sei que não posso convencê-la de minhas razões, mas o faço por minha honra e de toda a família Whitney.

— E eu? Agora Cedric sabe que escondi conscientemente sua paternidade. Deve estar furioso! Com este casamento, a única coisa que conseguirá oferecer-lhe será sua vingança servida em bandeja de prata. Vi como me olhava quando o rei emitiu seu veredito! Não quero nem imaginar o que fará quando me tiver em seu poder.

— Moça, não tenha tanto medo. Recorda que ele, a partir de amanhã ficará preso na torre de Londres durante quatro meses.

— E depois, o que? Quatro meses são mais que suficientes para planejar uma vingança ainda maior. Quando ele sair, não haverá ninguém que poderá me resguardar de sua ira. E posso assegurar que ela estará lá. — afirmou ela.

— Não acredito que isso chegue a acontecer. O rei deixou bem claro que não deseja mais conflitos e fazer algo contra você implicaria diretamente contra seus desejos. Além disso, será a Mãe de seu filho, algo mais a se ter em conta.

Chloe não estava nada convencida. Durante os meses que esteve prisioneira em Lentonhouse, tinha chegado há conhecer um pouco o temperamento tempestuoso e irascível do caráter

de Cedric. Sabia com certeza que nunca esquecia uma afronta e muito menos uma de tal magnitude. Só era uma questão de tempo para tomar represálias.

Lorde Lambert ofereceu seu braço a jovem e ela, reticente, aceitou. Por mais que suplicasse, não podia evitar levar aquilo até o final. Quando saíram do quarto rumo à capela, dois guardas abandonaram sua posição junto à porta e começaram a seguir seus passos a alguns metros de distância. O rei queria estar seguro de que não ocorresse nenhum outro problema, assim que tinha colocado uma vigilância permanente na entrada da habitação.

A capela real de Saint George no pavilhão inferior do castelo, próximo a torre de Queda. Era uma construção que representava a transição do estilo gótico ao Tudor, levantada a partir de 1348 por ordem de Eduardo III. A entrada era simples: seu panorama principal estava ocupado por uma gigantesca abertura subdividia em várias janelas, com uma pequena porta de acesso localizada entre os torreões poligonais e ameias coroadas. Nesta capela só se celebravam cerimônias privados da família real, mas o rei Jaime tinha insistido pessoalmente que o casamento ocorresse ali.

Ao entrar no templo, Chloe olhou ao redor. Ficou impressionada devido à amplitude e magnificência do lugar; muito maior do que se via do exterior, parecia uma catedral em miniatura. A abóbada do interior era ricamente decorada com fantasias de nervuras que separavam uma infinidade de panos, embora percebesse que ainda não estava terminada. A ornamentação dos corais também era gloriosa, acima dos

assentos caíam várias espadas, escudos e bandeiras, todos pertencentes à Ordem da Jarreteira. Além disso, de ambos os lados da nave central abriam-se várias capelas laterais, e um grande candelabro de vivas cores, composto por setenta e cinco luzes, coroando a ala oeste do edifício.

A poção que Mae lhe tinha dado, começava a fazer efeito e Chloe começou a sentir-se como se estivesse em uma nuvem. Seu estado de relaxamento era tanto, sua cabeça estava tão aérea que por um instante acreditou que dormiria de pé, ali mesmo, enquanto caminhava de braços com lorde Lambert até o altar. Até que o viu.

Cedric tinha a vista fixa nela. Seu rosto não expressava emoção alguma exceto seus olhos, cujas pupilas verdes brilhavam com intensidade estranha, e a dura linha de sua mandíbula, que refletia uma profunda determinação.

A cerimônia foi breve. O rei, que neste caso tinha decidido não utilizar o posto de soberano, lugar privilegiado situado em um balcão muito próximo do altar principal, de onde normalmente ouvia o serviço religioso, ficou de pé junto ao altar. Serviu como testemunha da união, assim como o duque de Buckingham, enquanto sir Alec fez as funções de padrinho do noivo.

Chloe estava tão aturdida que não prestava atenção a nada do que dizia o arcebispo, nem mesmo na parte que pronunciou por completo o nome de seu futuro esposo. De fato, só captou escutar o momento em que, com voz grave e com toda a segurança que a ela faltava, Cedric formulou seus votos. Foi incapaz de reagir mesmo quando chegou sua vez de falar,

assim que precisou ser ajudada por lorde Lambert, quem sussurrou o que devia responder.

Só se tocaram uma única vez. Foi quando Cedric colocou em seu dedo seu novo anel de casada. Chloe aproximou sua mão temerosa e ele, agarrando-a com firmeza pelo pulso, colocou o anel em seu dedo anelar com o selo que acabava de tirar do bolso.

Murmurou algo em latim que ela não conseguiu entender enquanto mantinha o olhar e, em seguida a soltou como se não aguentasse aquele contato.

Já não voltou a se aproximar dela, nem mesmo a olhá-la, durante o resto da cerimônia.

Chloe aguardava na antecâmara de Cedric com os nervos a flor da pele. Depois de trocar os votos e assinar os documentos que os uniam em matrimônio, ele tinha partido com o resto dos assistentes para tratar de assuntos que a ela não diziam respeito. Ou isso havia dito. Tinha ficado somente com a companhia de sir Alec, o qual, seguindo ordens impostas por Cedric, tinha a escoltado até seus aposentos.

Ela tinha solicitado a presença de Mae, mas aquele homem pareceu não ter ouvido seu pedido. Introduziu-a no quarto sem trocar palavras e depois fechou a porta atrás dela.

O tempo de espera foi eterno, embora lhe desse tempo de pensar nos detalhes que aconteceriam quando Cedric aparecesse ali. Que faria? Durante toda a cerimônia não tinha parado de observá-la com semblante sério, lançando numerosos olhares que antecipavam a fúria que ele mal tentava ocultar. Quando chegasse, com certeza se desataria um

inferno, mas ela estava preparada. Não pensava se deixar aniquilar por ele. Além disso, só teria que aguentar sua ira durante aquela noite, porque na manhã seguinte ele entraria na prisão e não voltaria a vê-la antes de quatro meses.

Algumas horas antes, lorde Lambert tinha passado por ali para se despedir e Chloe tentou convencê-lo de que a levasse com ele de volta ao castelo de Whippledone. Entretanto, o conde disse que o rei Jaime tinha ordenado que ela ficasse na corte até que Cedric fosse libertado, assim que este era o momento em que seus caminhos se separavam. O homem permitiu que Mae ficasse junto a ela, embora tenha deixado bem claro que aquilo não era um adeus definitivo. Insistiu muito que fosse lhe visitar logo e advertiu que se alguma vez seu esposo não a tratasse como merecia, se colocasse em contato com ele imediatamente. Também disse que depois de abandonarem a capela depois da cerimônia, tinha falado com Cedric seriamente, onde o tinha exortado a que se portasse com dignidade, já que se não o fizesse, ver-se-ia com ele. Ainda assim, isso não a tranquilizou em nada.

Chloe não fazia mais que girar em seu dedo o selo que Cedric tinha colocado em seu dedo horas atrás. Ficava enorme, embora essa não fosse a razão pela qual o tirou, sim porque não queria lhe dar o gosto de ver que o levava. Decidida, tirou de seu dedo para depois lançá-lo com força contra a parede. O maldito anel rebateu e foi cair junto a seus pés, como dando a entender que, por muito que quisesse, nunca poderia separar-se dele.

Deixou-o ali abandonado e tentou pensar em outra coisa,

mas, minutos depois, arrependida pelo que tinha feito, recolheu o anel do chão. Então pode observá-lo com mais atenção. A princípio acreditou que era o selo da família Lenton, embora em seguida se desse conta que estava equivocada. Neste anel, tinha um escudo de cor vermelho sangue com três lobos de prata em seu interior e, rodeando a imagem, aparecia uma serpente e uma pomba. Mas o que mais chamou sua atenção não foi o emblema em si, senão algo gravado embaixo do escudo: *Dsice Pati*. Então lembrou as palavras que Cedric tinha murmurado enquanto colocava o anel em seu dedo. Eram as mesmas.

Chloe começou a tremer quando traduziu a frase do latim. Significava “aprende a sofrer”.

Quando Cedric finalmente chegou, encontrou Chloe sentada em uma poltrona. Com o tempo, seu corpo tinha sido relaxado, mas voltou a ficar tenso quando ouviu o ruído da porta. Não quis lhe dar o gosto de vê-la débil e desamparada, assim que ficou muito reta no respaldo, tanto que acreditou que quebraria a coluna. Levantou o queixo de forma desafiante e esperou sua reação. Dissesse o que dissesse, não pensava lhe dirigir a palavra.

Ele a observou durante um bom momento em silêncio. Seguia sendo a mesma mulher soberba de sempre, embora a gravidez tivesse conseguido que sua pele resplandecesse e amolecesse suas feições: nunca a tinha visto tão bela quanto neste momento. E agora lhe pertencia por completo. Ansiava aproximar-se dela, tocá-la, fazer-lhe amor até apagar de seu rosto aquele semblante de arrogância que tanto o exasperava,

mas sabia que devia conter-se. Tinha evitado se aproximar da habitação durante horas para acalmar sua fúria e, embora tivesse melhorado, não se achava capaz de dominar seus instintos se ela o provocasse.

No estado em que se encontrava, ainda muito chateado por suas mentiras, poderia chegar a cometer alguma estupidez e não queria lhe fazer dano, nem a ela nem a seu filho. Respirou fundo antes de se aproximar. Depois quando esteve a sua altura, ordenou com voz grave:

— Levante-se.

Ela fez ouvidos surdos a ordem.

— Disse que se levante.

Chloe não se moveu nem um ápice, para indignação de Cedric. Um músculo em sua mandíbula começou a tremer de modo incontrollável. Estava a ponto de explodir, mas se obrigou a acalmar-se.

— Mulher, é exasperante. — tomou-a pelos ombros e, com bastante rudeza a levantou do assento, aproximando seu rosto a escassos centímetros do seu.

— Ainda acredita poder atuar de forma tão ativa? Com seu engano, perdeste todos os seus direitos. A partir de agora, não permitirei nem um só de seus caprichos. A partir de agora, fará tudo quanto eu te diga sem reclamar. Entendeu?

Os olhos de Chloe pareciam um mar revolto quando levantou a vista para ele. Tinha decidido não lhe dirigir a palavra, mas sua boca falou como se tivesse vida própria.

— Se acredita que o fato de estarmos casados muda as coisas, está muito enganado. Jamais aceitarei submeter-me a

você por vontade própria.

— O que aceita ou deixe de aceitar é irrelevante para mim, — respondeu Cedric com insolência — claro que mudou as coisas, só não é consciente disso, ainda. — em seguida, baixou sua mão até pousá-la no volumoso ventre de Chloe, acariciando-lhe com inusitada reverência enquanto a fulminava com o olhar — Como pode ter me escondido que estava esperando um filho meu? De verdade achou que eu não saberia? — murmurou.

— Não me toque, — Chloe se afastou dele com um forte empurrão — não quero que suas mãos sujas toquem meu corpo, nem agora, nem nunca. — acrescentou com uma careta de nojo. Essas palavras golpearam Cedric como um soco direto no plexo solar, mas não permitiu que ela visse o quanto o tinha afetado.

— Não se preocupe, esta noite não te tocarei. Se o fizesse, e sabe Deus que eu quero mais do que qualquer outra coisa neste mundo, eu arrancaria suas roupas e a tomaria de todas as formas selvagens que conheço, por merecer pelo que fez. Castigaria seu corpo até que me implorasse perdão, mas ainda assim, isso não me deteria. Entretanto, não duvide que o faça, embora não seja agora. Não te tocarei até que me tenha dado meu filho, porque se o fizesse, poderia machucá-lo. E é só a você que quero machucar. Aproveitarei o tempo que vou estar preso para pensar em mil formas diferentes para fazê-la pagar o engano.

— Esses quatro meses serão o paraíso para mim. Oxalá apodreça na prisão e não saia nunca. — disse Chloe com fúria.

Cedric sorriu para si ao ouvir aquelas palavras. Depois de muitas negociações e o pagamento de uma quantidade exorbitante a coroa, tinha conseguido rebaixar sua condenação para somente um mês de duração, mas ela não tinha porque saber disso até chegar o momento.

— Isso é o que você gostaria, mas não penso te dar esse gosto. Desfruta do tempo que fica de tranquilidade, porque quando sair, nada nem ninguém poderá evitar que faça contigo tudo que quiser. Agora me pertence e nem você nem ninguém pode mudar isso.

— Nunca vou te perdoar. Odeio-te!

— Pois terá que aprender a viver o resto de sua vida com esse ódio. — respondeu ele. — Disce Pati.

— Poderá possuir meu corpo, mas jamais irá possuir minha alma. Odeio-te com todo meu coração. — repetiu Chloe com voz venenosa.

Aquilo lhe machucou mais do que se tivesse jogado sal em uma ferida aberta. Doído no orgulho, não pensou nas seguintes palavras antes que surgissem de sua boca.

— Dá-me igual não possuir tua alma nem teu coração, porque é seu corpo o único que quero possuir. O único. — respondeu em tom neutro que contrastava com o nervosismo que fervia em seu interior.

Sem dar-lhe tempo de reagir, Cedric tomou possessivamente Chloe pela cintura e a atraiu para ele. Desceu seu rosto sobre o dela e a beijou com fúria, invadindo sua boca com uma violência nascida do desespero. Machucou a suave pele de seus lábios, mostrando-lhe com esse beijo cruel, o dano

que suas palavras tinham causado. Toda a frustração que tinha acumulado durante longo tempo que esteve afastado dela por fim saiu à superfície e embora Chloe tentasse resistir, ele não a soltou, até que ela, exausta de lutar se rendeu em seus braços.

Quando teve aplacado sua ira, Cedric a afastou dele de modo brusco e caminhou para a porta. Antes de sair, parou um instante e, dando a volta, disse algo que realmente não pensava realizar, ainda que com isso quisesse fazê-la pagar por suas palavras.

— Saiba que cumprirei minha promessa. Depois que meu filho nascer, eu te possuirei de todas as formas que se possa possuir uma mulher. Far-lhe-ei amor todas as vezes que queira, como e quando queira, mas quando me cansar de você, afastar-lhe-ei do meu lado. E do lado de meu filho. Nunca mais voltará a vê-lo.

Se Cedric tivesse percebido o que aquelas palavras iriam ocasionar, jamais as teria deixado sair de sua boca.

CAPITULO 26

Fortingall, condado de Peth, Escócia. Cinco meses depois.

Chloe se levantou rapidamente do colchão, nem bem havia amanhecido, quando ouviu o choro de seu filho. Ao retirar as mantas, encolheu-se de frio, o fogo do lugar tinha se apagado durante a noite, assim que demoraria uns minutos em acendê-lo novamente para aquecer o leite, mas primeiro deveria tranquilizar Sean. Lançou um desgastado xale sobre os ombros e foi até o berço do pequeno. Entretanto, surpreendeu-se ao ver que o menino não estava em sua caminha, e que um enorme tronco começava a arder dentro da chaminé. Olhou a seu redor e, junto à janela encontrou Mae. Estava sentada em um tamborete com o menino no colo enquanto tentava dar-lhe a mamadeira. Chloe sorriu para si. Outro dia e a anciã tinha se adiantado.

— Bom dia, Mae.

— Bom dia, minha senhora — respondeu a anciã com um esplêndido sorriso que iluminava sua pele cheia de rugas.

— Disse-lhe repetidas vezes que não precisa fazer isso. — recriminou Chloe com carinho, enquanto assinalava a vasilha

de cerâmica com boquinha que, a modo de mamadeira, servia para alimentar Sean — Esse é meu trabalho, não seu. Sabe que me sinto terrivelmente mal por não conseguir amamentá-lo, assim que ao menos é meu dever dar-lhe de comer, ainda que seja leite de cabra.

— Lady Chloe, não é sua culpa. Não se atormente desnecessariamente, contudo deveria ter me escutado. No povoado poderíamos ter encontrado uma boa ama de cria para Sean, com certeza tem várias mulheres que, em troca de algumas moedas, teriam realizado este trabalho com gosto.

— Não! — negou Chloe com autoridade. Já tinha falado sobre isso várias vezes durante a última semana, mas ela seguia sendo da mesma opinião, não queria que nenhum desconhecido soubesse da existência de seu filho, embora estivesse em um lugar tão distante quanto aquele.

Chloe olhou para trás, como fazia sempre, quando discutia com a anciã o tema, recordando de novo tudo o que tinha acontecido.

Cinco meses atrás, no mesmo instante que Cedric disse aquelas terríveis palavras, ela tinha tomado uma decisão drástica: desapareceria dali, custasse o que custasse, para nunca mais ser encontrada.

Quando, no dia seguinte, Mae entrou nos aposentos para onde tinham levado Chloe depois da cerimônia, encontrou-a com profundas olheiras que lhe cobriam os olhos e os mesmos mostravam claros indícios de choro por um longo tempo, com certeza essa moça não tinha dormido a noite toda, mas seu rosto aflito lhe dizia que tinha acontecido algo mais. Assustada,

perguntou o que tinha ocorrido, Chloe rompeu a chorar de novo. A anciã, sem pensar duas vezes, correu para seu lado e a abraçou com força enquanto, com muita cautela, buscava sinais de maus tratos físicos. Se a tinha machucado, pagaria muito caro.

Entretanto, Chloe só conseguia dizer que devia desaparecer o quanto antes. Repetia uma e outra vez como uma litania, até que sua voz saiu rouca e distorcida de sua irritada garganta. Implorou por sua ajuda, por ela e pela criança que estava a ponto de nascer, até que não ficou mais opção para Mae que aceitar. A servente sugeriu voltar ao castelo de Whippledone e explicar tudo que tinha acontecido a lorde Lambert para ter seu apoio, mas ela se negou. Não queria ir ali porque estava certa que seria o primeiro lugar onde Cedric a buscaria. Tinha que ir para mais longe, muito mais longe, um lugar onde ninguém a conhecesse e jamais tivesse ouvido falar dela.

Depois de pensar muito, Mae deu a solução. Tinha décadas que não pisava em sua terra natal, mas por lady Chloe, estava disposta a tragar seu orgulho e retornar ao lugar que a viu nascer. E a família que a repudiou por ter jurado lealdade a uma inglesa. Sim, voltaria a Fortingall, nos montes Grampianos, próximo da fronteira com as highlanders, na Escócia. As terras dos Campbell. Tinha uma pequena casa, duas milhas ao norte da aldeia, que sempre vivia desocupada. Só podia abrigar três pessoas, e isso, para um clã tão grande, era muito inviável. Aquele seria o lugar ideal; suficientemente perto do povoado para o caso de precisarem de algo, mas bem

afastado da civilização. Um lugar idôneo para que duas mulheres passassem despercebidas, sempre e quando avisasse antes a seu irmão, Angus Campbell, senhor de Fortingall. Só esperava que ele não lhe desse as costas quando a visse aparecer.

Demoraram duas semanas para planejar a fuga. Sir Alec estava sempre alerta, com certeza a mando de Cedric, rondando os lugares onde elas frequentavam. Porém, com o passar dos dias, ao ver que as mulheres não apresentavam nenhum perigo, o homem tinha começado a ficar confiante e deixou de segui-las há certas horas, como quando iam à missa.

Na verdade, aquilo não tinha sido mais que um plano. Quando comprovaram que sir Alec já não as acompanhava em suas visitas diárias ao templo, decidiram atuar. Valeram-se do proeminente ventre de Chloe para esconder as roupas que Mae que tinha comprado por um punhado de piniques de um mendigo que pedia esmolas na porta da igreja, as quais usariam para escapar sem serem reconhecidas. Utilizaram para trocar-se o confessionário que estava vazio e, antes que terminasse o serviço religioso, já tinham abandonado o recinto. Como imaginavam, não viam sir Alec por lado algum, mas, longe de confiar, caminharam com passo decidido na direção da porta de Henrique VIII, a entrada principal do castelo. Uniram-se a um grupo de comerciantes que atravessavam as muralhas naquele momento e, algumas milhas depois desviaram do trajeto que tomava a caravana.

Depois de cruzar a fronteira com a Escócia, Chloe pode respirar aliviada. Tinha que agradecer a lorde Lambert que,

antes de partir para Berwick, tinha entregado a Mae uma boa quantidade de dinheiro por seus serviços. Aquilo lhes serviu para poder fazer a viagem e fazer possível aquela fuga que as conduziriam a uma nova vida.

Logo que chegaram a Fortingall, Mae solicitou falar com seu irmão, embora não sabia como reagiria ao tê-la diante de si. Tinha ficado muito impressionada ao ver que o ancião a recebia com os olhos mareados e uma calidez que contrastava com seu tosco caráter de anos atrás, quando a enxotou sem piedade de suas terras. Ao que parece, estava muito arrependido por seus atos e dava graças por ter conseguido reencontrar-se com ela antes que chegasse sua hora.

Angus Campbell sugeriu que ficassem em sua casa. Elas, embora agradecidas, recusaram o oferecimento. Mae não deu muitos detalhes, mas argumentou que queriam passar despercebidas o máximo possível porque sua senhora estava fugindo de um tirano, um homem horrível que queria escravizá-la. Ele não disse nada a respeito, ainda que tenha ficado olhando o ventre avantajado de Chloe e tirou suas próprias conclusões.

Com relutância, já que segundo ele estariam melhor protegidas sob o amparo de seus muros, permitiu que tomassem posse da pequena choupana fora da aldeia e ordenou a alguns de seus homens que se encarregassem de que o interior estivesse habitável para quando elas chegassem no dia seguinte. Insistiu que nesta primeira noite passassem ali, em sua casa, o que elas não puderam negar.

A cabana, de reduzidas dimensões, não tinha mais

mobílias que uma arca, uma tosca mesa de madeira de pinho com quatro cadeiras e dois colchões. Notava-se que acabara de ser limpa, porque não tinha rastro de poeira, nem teias de aranha e os juncos espalhados pelo chão estavam recém-cortados, mas o cheiro de lugar fechado ainda não tinha se dispersado por completo, apesar de que as duas únicas janelas que existiam estavam abertas de par em par.

Todas as semanas, Mae se aproximava do povoado em busca de provisões. De vez em quando aparecia um homem, mandado por seu irmão com uma peça de carne e vários odres de vinho. Também aproveitava essas visitas para cortar uma boa quantidade de lenha para que as servisse nos meses mais frios. Esse foi o único contato que teve Chloe com alguém que não fosse a serva durante seu primeiro mês ali.

Embora já se sentisse bem pesada devido a seu adiantado estado de gestação, Chloe tinha sido incapaz de permanecer durante todo o dia no interior da cabana, enquanto Mae tecia um monte de roupas para o futuro bebê. Na realidade se aborrecia como uma ostra, assim que tinha começado a dar longos passeios pelos arredores, apesar da completa desaprovação da anciã.

Foi em um desses passeios que se encontrou pela primeira vez com Jonas.

Normalmente, Chloe limitava seu passeio pelo caminho que circundava a cabana, evitando chegar até os bosques de carvalho por expressa petição de Mae. Embora o período para o nascimento ainda não estivesse próximo, ela não queria que Chloe entrasse sozinha naquelas vastas matas por medo de

algum animal de grande tamanho pudesse pegá-la desprevenida e indefesa.

Chloe sempre passeava pela beira do rio Lyon, observando o que o rodeava com olhar extasiado. Estava maravilhada pela beleza daquelas terras tão agrestes: seus verdes campos, coalhados de brejos e urzes, onde os coelhos e lebres faziam suas tocas, aquele caudaloso rio e seus afluentes, onde se viam com perfeição aos salmões que povoavam suas águas cristalinas, as águias reais que cruzavam majestosas aquele céu tão azul, os ramos que cobriam tudo como um tapete verde, ocre e violeta os pés das colinas e, mais além, as espetaculares montanhas que compunham os Montes Grampianos... , tudo que seus olhos viam era uma paisagem idílica que a tinha encantado por completo.

Uma tarde, estava caminhando por aqueles campos quando viu correr um arminho de pelagem parda muito próximo de onde se encontrava. Ao que parecia, pretendia caçar um rato do campo que tinha fugido. No mesmo instante, as recordações voltaram a sua mente: um campo nevado, arminhos brancos... e ele. Sempre ele. Não tinha dia em que não pensasse em Cedric, nesse sentimento tão profundo que não conseguia arrancar do peito, nem noite em que não sonhava com ele, levantando-se pela manhã com uma opressiva sensação de perda. Todos os dias se perguntava se tinha feito o certo, se talvez não tivesse fugido, mas logo se recordava do último dito de Cedric antes de abandonar o quarto do palácio naquela noite, quando a ameaçou afastá-la de seu filho e qualquer dúvida que tivesse desaparecia. “nunca

mais voltarás a vê-lo”

Jamais poderia esquecer aquelas palavras.

Ela tão distraída em seus pensamentos que, quando percebeu, estava a poucos passos de entrar no bosque. Esteve tentada a voltar para a cabana, mas então viu uns esquilos vermelhos que trepavam nos troncos indo para a copa das árvores, assustados com sua repentina presença e decidiu demorar seu retorno um pouco mais.

Ao final de alguns minutos, vislumbrou ao longe um cervo que pastava tranquilamente em uma clareira. O animal, ao ouvir seus passos, levantou a cabeça em sua direção. Chloe pode apreciar que se tratava de um esplêndido exemplar de pelo liso, pernas finas e um impressionante par de chifres. O cervo a olhou com seus pequenos olhos e em seguida se afastou correndo.

— Poderia ter feito menos ruído! Espantou minha comida das próximas duas semanas.

Chloe deu um pulo ao ouvir aquela voz as suas costas. Com uma mão no ventre e a outra na adaga que levava na cintura, lentamente se virou.

— Quem está aí? Assustou-me.

— E você, moça, assustou minha presa.

Do meio das árvores surgiu um homem de meia idade, com uma enorme barba e o cabelo da cor do trigo, recolhido na nuca. Levava uma bolsa no ombro e, nesse instante, a expressão que tinha no rosto não era muito amigável.

— Desculpe. Não pretendia... não sabia que estava caçando.

Quando chegou a seu lado, o homem abaixou a vista para seu ventre e seu cenho franzido relaxou.

— Que vamos fazer. Logo outro aparece, não? — seus lábios se curvaram em um sorriso e seus olhos, de uma cor castanho esverdeado, brilharam pícaros em um cálido olhar — De qualquer forma, não deveria passear por aqui em seu estado — acrescentou assinalando seu ventre — poderia se machucar.

— Isso que me disse Mae — sorriu ela.

— Suponho que deveríamos nos apresentar, ou vamos seguir esta conversa como dois desconhecidos? — perguntou ele piscando um olho — Sou Jonas Donnachaidh.

— Eu... me chamo Chloe. Chloe... Campbell.

— Espero que não seja da família do senhor de Fortingall, Angus Campbell, porque senão teria que explicar o que faço caçando em seus domínios sem sua permissão. — comentou Jonas envergonhado.

— Oh, não se preocupe! Na realidade, é um parentesco longe e não falo muito com ele. Seu segredo estará bem guardado comigo. — não sabia por que, mas, à primeira vista este homem lhe agradava muito, e não parecia nada perigoso.

— Então agradeço. Ouvi que o velho tem um mau gênio e não gostaria de ter que retorcer seu pescoço. — sua boca se torceu em uma careta trágica enquanto passava o dedo pelo pescoço, mas depois começou a rir.

Seu sorriso era contagiante, tanto que ela acabou seguindo segundos mais tarde.

Aquele foi o início de uma sincera amizade entre os dois.

Sem querer, Chloe tinha feito um amigo naquele lugar tão inóspito e isso lhe produziu uma enorme satisfação, porque assim já não se sentia tão sozinha. Queria e apreciava muito a Mae, mas precisava com desespero falar com alguém mais, ou chegaria um momento no qual ficaria louca.

Com o passar dos dias, Jonas tinha contado que vivia sozinho, umas dez milhas ao norte dali, sem mais companhia que seu cavalo e um velho burro que tinha encontrado vagando pelos bosques. Por trás de sua aparente alegria se escondia uma grande tristeza, que Chloe podia ver com clareza se olhasse com atenção a seus olhos. Ele confessou que tinha perdido sua mulher há pouco tempo, afundando-se em um poço negro no qual estava finalmente começando a sair.

De sua parte, Chloe lhe contou uma pequena mentira referente a sua vida. Disse que seu esposo também tinha morrido há pouco tempo, mas tinha o consolo de saber que em poucos dias teria em seus braços a uma criança que lhe recordaria para sempre seu amor perdido. E, na realidade, não mentia com aquelas palavras. Entendia a dor e pena de Jonas com perfeição, posto que ela mesma sentisse em seu coração um vazio impossível de encher, depois de tudo que tinha feito, ainda seguia amando Cedric, e suspeitava que jamais deixaria de amá-lo.

A inusitada amizade que tinha surgido entre os dois, duas almas feridas que compartilharam o mesmo sentimento, levou-os a se ajudar mutuamente para conseguir superar os duros reveses que a vida tinha dado.

Uma tarde, no final de setembro, Chloe entrou em

trabalho de parto estando com ele. Jonas a ajudou a chegar até a cabana, para surpresa de Mae ao vê-los aparecer, visto que ela desconhecia a existência daquele homem. Entretanto, as explicações tiveram que esperar, dada a situação. Ele insistia em ir até a aldeia e avisar a parteira, mas ambas as mulheres negaram com convicção. A servente sabia o que tinha que fazer, ela mesma tinha atendido lady Judith quando trouxe ao mundo seus dois filhos, Damon e Davie, assim que a presença ali de uma desconhecida era desnecessária.

O parto demorou várias horas, mas durante todo aquele tempo, Jonas não saiu dos arredores da cabana. Ao longo do último mês tinha chegado a apreciar muito a moça, a qual, embora a primeira vista parecesse feliz, escondia em seu interior uma profunda dor, igual a ele.

Quando ao anoitecer ouviu o inconfundível choro de uma criança, caminhou apressado até a porta, esperando notícias da anciã. Uns minutos mais tarde, Mae saiu para informá-lo, com um sorriso deslumbrante, que Chloe tinha dado a luz um menino são e robusto e que ambos, Mae e filho, estavam bem. Jonas respirou tranquilo e foi então que explicou como a tinha conhecido no bosque.

Enquanto isso, no interior da cabana, Chloe balançava entre seus braços ao pequeno Sean, olhando-o com adoração ao mesmo tempo em que uma solitária lágrima descia por sua bochecha.

Tinha se comportado como um verdadeiro néscio. Jamais poderia perdoar a si mesmo por sua estupidez.

Nos últimos cinco meses, Cedric tinha passado por

numerosos estados de ânimos, mas, naquele momento, apoiado em uma das ameias do seu castelo, enquanto mantinha o olhar perdido em um ponto indefinido do horizonte, só tinha uma palavra que pudesse definir o que sentia: consternação.

Quando estava preso e Alec foi à torre de Londres para informá-lo que Chloe e sua serva tinham desaparecido, teve um acesso de fúria incontrollável. Se não estivesse preso a parede, teria estrangulado com suas próprias mãos por sua incompetência. Não conseguia acreditar que aquela mulher tinha voltado a escapar. Será que estava rodeado por completos estúpidos?

Tinha despedido Alec com gritos e, quando ele saiu da cela, Cedric pagou sua frustração com a única coisa que tinha disponível: ele mesmo. Depois de voltar ao estreito e mal cheiroso catre com uma violenta volta, estralou com força o punho contra a parede de pedra. Uma, duas, três... , inumeráveis vezes, até que a dor que sentiu em seus destroçados dedos, deu passo a um período de reflexão. Tinha que planejar como fazer algo. Entretanto, preso como estava, era incapaz de coordenar uma partida de busca que fosse efetiva, apesar de que Alec, antes de partir, tinha explicado que ele já tinha se encarregado de organizar tudo. Ainda lhe restavam duas longas semanas de reclusão e isso só conseguiu aumentar ainda mais sua ira.

Aquela noite não pode pregar o olho pensando em Chloe e em sua fuga. Na realidade, a partir desse dia já não voltou a dormir bem. Aquela mulher o trazia pela rua da amargura,

maldita fosse, desde o momento em que a conheceu, não tinha deixado de lhe dar problemas, mas Cedric prometeu a si mesmo que, quando a tivesse de novo a sua mercê, encarregar-se-ia de que nunca mais voltasse a atuar de modo tão impulsivo e irrefletido. Por bem ou por mal, submeteria aquela ferazinha. Ensinar-lhe-ia de uma vez por todas quem mandava e o que aconteceria se despertasse sua ira.

As duas últimas semanas na prisão foram as mais longas de sua vida. Todos os dias, Alec ia visitá-lo, mas nunca recebeu de seu subordinado nem uma só notícia satisfatória de sua busca. Não existiam pistas que pudessem ajudá-los a localizar o paradeiro de Chloe. Ao que parecia, ambas as mulheres tinham sumido de Londres como por arte de magia.

Tinha se sentido completamente impotente ali dentro, preso a uma parede fria sem poder fazer nada. Foi então que começou a ser consciente de que Chloe tinha padecido do mesmo quando ele a teve presa em seus aposentos; o desânimo e a agonia de ser privado de liberdade e da indignação que era ficar obrigado aos desejos e exigências de terceiros que se acreditavam poderosos para controlar a vontade dos outros. Sempre tinha justificado suas ações, mas naquele momento tão adverso para ele, compreendeu que tinha passado e muito dos limites com ela.

De qualquer forma, aquilo não a desculpava. Saber que Chloe tinha tentado enganá-lo, negando sua paternidade ante o próprio rei, fazia-o ferver de fúria. E depois de ser descoberta em sua mentira, não contente com isso, tinha voltado a fugir, ridicularizando-o diante de todos. Com seu execrável

abandono, tinha desdenhado do sagrado vínculo que agora os unia e o estava privando do inviolável direito de conhecer seu filho, sangue de seu sangue. Se pretendia se vingar dele, tinha conseguido seu propósito com acréscimo.

Quando por fim saiu da Torre de Londres, a primeira coisa que fez foi tomar rumo para o castelo de Whipplestone, acompanhado por um grande exército de homens. Tinha suposto que aquela teimosa mulher voltaria ao único lugar onde acreditava estar protegida, mas errou em sua hipótese. Estranhou muito que, sem nenhum tipo de reservas, tinham-lhe permitido o acesso à fortaleza, ainda mais estranho quando lorde Lambert Whitney saiu para recebê-lo em pessoa e viu em seu rosto sinais de genuína surpresa ao ver que lady Chloe não o acompanhava. Ainda assim, exigiu que o conde dissesse imediatamente o paradeiro de sua esposa, mas lorde Lambert não soube o que responder. E mais, colocou o céu a gritos quando soube de seu desaparecimento e de novo o acusou de ter ocasionado essa fuga por algum comportamento impróprio na noite em que contraiu matrimônio. Não acreditou no ancião quando lhe repetiu pela terceira vez que ela não estava em seus domínios, mas teve que retratar-se em suas palavras ao assumir que havia dito a verdade depois que lorde Lambert lhe permitiu vasculhar o castelo. Ainda que tenha olhado pedra sobre pedra, não achou rastros de Chloe.

Com o passar dos dias, a ira de Cedric tinha se transformado em preocupação e ao final de um mês já estava desesperado. Tinha percorrido toda a Inglaterra em sua busca, desde as zonas costeiras até as comarcas do interior. Ninguém

tinha conseguido dar-lhe uma pista, por pequena que fosse, de seu paradeiro, salvo em uma pequena aldeia próxima a Dover, onde afinal localizou a caravana que tinha saído do palácio de Windsor no dia de seu desaparecimento. Entretanto, a única informação que tinha obtido daquelas pessoas foi que um par de vagabundas tinha se unido a expedição justo antes de atravessarem a porta de saída. De toda a forma, o rastro se perdia ali, já que separaram seus caminhos algumas milhas adiante. Depois disso, nada. Tinham desaparecido da face da terra.

Para sua consternação, pela primeira vez tinha que admitir que talvez nunca mais voltasse a vê-la. E aquilo quase o deixou louco. Aquela mulher teimosa, impertinente, língua afiada e insofrível tinha pegado muito fundo nele. Não entendia como isso tinha acontecido, mas era esse o caso. Desde que a conheceu, não tinha feito mais que dar-lhe dor de cabeça. Depois, a atração que sentia por ela, começou a ser evidente, igual seu interesse desmedido que não se afastasse dele, mas não quis saber as respostas. Ainda pensava que ela tinha algo a ver com o que ocorreu com Andrew, razão pela qual tinha se negado a libertá-la.

Mas a quem queria enganar? Fazia muito tempo que essas deixaram de serem as razões para ele. Tinha utilizado aquela estúpida desculpa para mantê-la a seu lado, mas não porque desejava chegar ao fundo da questão e tirar a verdade do acontecido, sim por outros motivos menos altruístas. Tinha-o feito, única e exclusivamente por egoísmo, porque a queria para ele.

Foi então quando se deu conta do que tinha tentado por todos os meios esconder em seu subconsciente. Tinha estado negando a si mesmo durante muito tempo, mas saber que existia a possibilidade de não encontrá-la jamais, saber que talvez nunca mais a veria ou a teria em seus braços, o fez abrir os olhos para a realidade.

Amava-a com desespero. E a tinha perdido.

Dita revelação o deixou devastado. Deus todo poderoso, como se arrependia daquelas duras e cruéis palavras! Se estivesse em suas mãos retroceder no tempo, jamais teriam saído de sua boca. Seu estúpido orgulho ferido tinha sido o único causador para que Chloe tivesse fugido. Se naquela noite não a tivesse tratado daquela forma tão cruel e sem piedade, se tivesse tentado compreender suas razões para fazer o que tinha feito em vez de atacá-la e humilhá-la com suas vãs palavras, talvez agora ela estivesse junto a ele.

A partir de então, Cedric tinha mergulhado em um profundo e tenebroso abismo. No final de três meses soube com segurança que jamais voltaria a vê-la. Nem a ela, nem a seu filho. Entretanto tinha sido contrário em abandonar as buscas, pese as continuas, mas comedidas insinuações de Alec quanto a que todo esforço estava sendo em vão. Já tinha passado muito tempo, algo do qual era plenamente consciente, mas nem por isso conseguia deixar de tentar.

Durante uma temporada, o whisky se tornou seu melhor amigo. Ao longo dos dias, viajando de aldeia em aldeia, tentando achar alguma pista, as noites derrotado e incapaz de dormir por conta das recordações de Chloe, afogava suas

mágoas no álcool. Não tinha um momento no qual não pensava nela e em seu filho que nunca conheceria, convertendo aquilo em uma verdadeira obsessão.

Uma manhã de outubro, Alec com muita cautela, comentou que o ambiente que se vivia entre os homens estava tenso. Todos queriam ajudá-lo, mas estavam há muito tempo longe de suas terras e de sua casa. Embora compreendessem o desespero de Cedric, sentiam falta de suas famílias e queriam voltar para eles. Com muita sutileza, também deixou cair que há muito tempo tinha desassistido suas obrigações, algo que nunca tinha feito. Pelo bem de todos, o melhor seria desistir, ao menos durante um tempo. Cedric negou, mas aquela noite, antes que o whisky nublasse seu entendimento e matasse a dor que o comia por dentro até a chegada de um novo dia, pensou com atenção e chegou à conclusão que Alec tinha razão. Tinham que voltar.

O vento gélido de novembro açoitou com força o rosto de Cedric. Seus longos cabelos se agitavam com violência para trás e sua camisa ondeava pela forte brisa, mas ele permanecia impassível enquanto contemplava, desde o alto das ameias da torre de vigia, a enorme extensão de sua propriedade. Tudo o que lhe rodeava lhe pertencia, suas posses se estendiam além do que os olhos podiam ver, mas ele se sentia vazio por dentro. Com gosto, teria trocado tudo aquilo para voltar a vê-la só mais uma vez.

Se pudesse tê-la diante de si, faria o que estivesse em suas mãos para que o perdoasse, para convencê-la de que a partir desse momento as coisas seriam diferentes entre eles.

Entretanto, aquilo era um sonho. Tinha estragado tudo.

— Berra igual seu pai.

Chloe passeava de um lado a outro pelo interior da cabana, balançando Sean entre seus braços. O menino tinha despertado pouco antes do amanhecer e, desde então, não tinha maneira de fazê-lo se calar. Embora tenha tomado todo o leite com uma fome voraz e depois de trocado sua fralda, ela não entendia porque o menino continuava chorando. Já não sabia o que mais fazer para acalmá-lo.

— Mae, não sei se é boa ideia ir com Jonas até a aldeia de Foss, estando o Sean assim, — comentou com preocupação — talvez esteja doente.

— Vamos moça, dê-me aqui, — Mae tirou o menino dos braços e colocou sua mão sobre a pequena cabecinha — não tem febre e seu apetite segue sendo o mesmo de sempre. Com certeza deve ser apenas cólica.

— Mas...

— Preparei uma poção com raízes para que passe. Você não deve mudar seus planos.

— Poderia dizer a Jonas que iremos outro dia...

— Não, lady Chloe, porque a feira de gado termina amanhã. Você mesma disse que não queria seguir dependendo da cortesia de meu irmão Angus, assim que se quer comprar uma vaca e algumas galinhas para este inverno, este é o momento para fazê-lo. Jonas te ajudará a escolher alguns animais bons, disso pode estar segura. Eu ficarei aqui cuidando de Sean. Quando voltar esta tarde, verá que o menino está bem.

Chloe confiava no bom julgamento de Mae, mas, ainda assim, algo em seu interior lhe dizia que não deveria se separar de Sean. Talvez fosse só temor de Mae de primeira viagem, como tinha dito a anciã, mas seguia sem estar convencida. E se piorasse quando estivesse fora?

Tinha decidido ir até Foss porque essa aldeia, a somente dez milhas de Fortingall, estava nas terras do clã Stewart, onde ninguém a conhecia. Já tinha se arriscado demais ao se aproximar uma vez ou outra até Fortingall. Não queria que aquilo virasse costume porque, cedo ou tarde, aquelas pessoas começariam a fazer perguntas referentes à sua presença ali. E isso era a última coisa que queria.

Por este motivo, quando Jonas comentou que nessa semana teria a feira de gado na aldeia, Chloe o convenceu para que fossem em sua carroça e a ajudasse a escolher, posto que ela não tivesse nem ideia e não queria trazer gato por lebre. O cruel inverno estava a ponto de chegar, assim que necessitariam de alguns animais que os provessem dos alimentos básicos que não podiam faltar na pequena cabana, como leite e ovos. Se em algum momento, ficassem incomunicáveis, ao menos teriam com o que se alimentar.

Depois do nascimento de Sean, Jonas tinha ido todos os dias a cabana para construir um cercado e um pequeno coberto. Foi ele quem deu a ideia a Chloe de comprar uma vaca e algumas galinhas, sugestão que Mae estava de acordo. Entretanto, não tinham nenhum lugar onde colocar os animais e deixá-los dentro da cabana estava fora de questão, assim que o mesmo se ofereceu para construí-lo.

Enquanto esperava que Jonas chegasse, Chloe sorriu consigo mesma. Tinha sido uma benção do céu encontrar esse bom homem aquele dia no bosque. Não só as tinham presenteado com sua sincera amizade, mas sim que também as tinha ajudado muito, tanto a Mae quanto a ela, em tudo que fosse necessário na cabana. Até mesmo tinha feito um pequeno berço de madeira para Sean, ao qual queria com loucura. Nunca seria suficientemente agradecida.

Quando ouviu o som da carreta se aproximando, Chloe lançou aos ombros uma leve capa de lã que tinha comprado dias antes em Fortingall, deu um amoroso beijo na testa de seu filho e outro na bochecha de Mae e se despediu dos dois.

— Vemo-nos esta tarde. Não o mimes demais, verdade? — advertiu Chloe com um piscar de olhos.

— Nisso não posso prometer, lady Chloe — riu a anciã — até logo, moça. Que Deus te guarde.

Depois de sair ao exterior, uma intensa chuva a obrigou a tapar-se convenientemente com a capa e lançar o capuz sobre a cabeça. Nunca se acostumaria com esse tempo nas highlanders. Desde que chegou ali no início de julho, poucos tinha sido os dias durante o verão que não caísse um aguaceiro, mas a partir do mês de setembro a chuva tinha se tornado uma constante. Agora compreendia porque aquelas paisagens eram tão verdes.

Saudou Jonas com a mão, que a esperava no alto da carroça e caminhou com cuidado pelo solo enlameado. O homem desceu de um salto, bordeou a carroça e a ajudou a subir na boleia.

— Bom dia, Chloe. Preparada para escolher bons exemplares? — sorriu abertamente.

— Com sua inestimável ajuda, com certeza. Bom dia, Jonas.

— Acredito que vamos nos molhar um pouco no caminho. Toma, coloque isso sobre as pernas. — disse enquanto tirava uma manta do saco que levava na parte de trás.

— Obrigado.

Durante todo o trajeto até Foss, não pararam de conversar. Por sorte, uns minutos depois que tomaram rumo à aldeia, parou de chover e o céu coberto de nuvens foi abrindo pouco a pouco até que o sol fez presença. Quando chegaram ao povoado, estavam completamente secos.

— Afinal teremos um bom dia, — comentou Jonas olhando para cima — acreditei que teríamos que escolher a toda pressa os animais para voltarmos o quanto antes a cabana. Mas, bom, isso muda tudo. Que te parece se vou dar uma volta sozinho para inspecionar a mercadoria? Assim fica com tempo para comprar mais alguma coisa.

— Oh Jonas, agradeço muito! Mae me encarregou algumas peças de tecido para fazer algum vestido, assim poderei buscar o que preciso enquanto você se encarrega dos animais.

— Então está decidido, encontrar-nos-emos junto a este arco dentro de duas horas. Parece bem? — perguntou assinalando uma das entradas da praça.

— De acordo. — respondeu Chloe.

Quando se despediram, ela se dirigiu a algumas barracas de tecidos, enquanto ele se encaminhou para a parte mais

afastada do mercado, onde estava localizado o gado para venda.

O lugar estava cheio de gente. Como a chuva tinha parado, multidão de pessoas abarrotava a praça, desejosas de comprar os múltiplos e variados produtos que ofereciam os comerciantes ali reunidos. Durante mais de meia hora, Chloe esteve observando atentamente todos e cada uma das barracas, sem adquirir nada além de umas fitas coloridas, embora a princípio se tratasse de uma feira de gado, aquele na verdade era um mercado completo. Tinha ourives, artesãos, barracas de hortaliças, curtidos, teares... qualquer coisa que pudesse precisar, ali se achava com facilidade.

Chloe estava em uma barraca de jogos talhados em madeira quando, de repente, apareceu um movimento estranho ao longe. Ao levantar a vista das mercadorias, viu como as pessoas se afastavam com rapidez para deixar passar um grupo de homens a cavalo, todos eles vestidos com tartans, de cores e tecidos diferentes. Ficou surpresa de ver pela primeira vez alguém vestido daquela forma.

— Dêem passagem aos senhores. — gritava uma guarda avançada.

— É o senhor de Foss. — exclamaram alguns.

— E vem acompanhado de lorde Duncan. — responderam outros.

Sem querer, Chloe se aproximou um pouco para poder observar com mais atenção àquela cena tão pitoresca para ela. Ficou esquecida, contemplando aquelas musculosas pernas descobertas que conduziam, com incrível segurança e maestria,

os enormes cavalos de batalha. Entretanto teve um cavalo em particular que lhe chamou a atenção. Era negro como a noite e bem maior que os outros que seguiam a seu lado. De repente um pressentimento se apoderou dela.

Pouco a pouco foi levantando a vista para o cavaleiro. Aquele corpo imponente que se via sobre o xadrez de quadros verdes e azuis e filigranas vermelhas e brancas lhe era suspeitosamente familiar. Aquele porte orgulhoso, aquelas mãos que seguravam com força as rédeas... era impossível. Devia estar equivocada. No entanto, uma força invisível a impelia seguir subindo lentamente em seu escrutínio. Quando seu olhar se deteve no rosto do homem, Chloe levou uma mão à garganta e afogou um gemido. A primeira coisa que viu foram os olhos verdes, muito conhecidos para ela, que a olhavam fixamente.

Agora estava segura.

Era Cedric.

CAPITULO 27

Quando pousou a vista em seu rosto, soube que ele também a tinha reconhecido. Seus olhos verdes como os campos da Escócia, tinham-se aberto inusitadamente, manifestando de forma clara sua incredulidade e sua boca tinha endurecido até formar uma linha fina. Depois de alguns momentos de desconcerto, Cedric transformou sua cara, mostrando uma expressão férrea de determinação. Parou seu cavalo com um enérgico puxão das rédeas e, em seguida o girou para a direção onde ela estava.

Este foi o momento em que Chloe reagiu e começou a correr. Deu a volta e, a empurrões começou a abrir passo através das pessoas que inundavam a praça, em uma intenção desesperada por se afastar dali o quanto antes. Não perdeu tempo em comprovar se Cedric a seguiria: estava certa de que o faria.

Cedric não conseguia acreditar em sua boa sorte. Depois de procurá-la durante tantos meses por toda a Inglaterra, já tinha perdido a esperança de voltar a vê-la. E tinha achado sua esposa no único lugar onde jamais imaginaria que estivesse: a escassas milhas de suas terras.

Sua esposa. Enfim a tinha encontrado. Aquele pensamento lhe deu forças e açulou seu cavalo até que este se colocou em duas patas. Agora não podia deixar que escapasse de novo, não quando a tinha nas mãos.

Lançou-se em uma perseguição que provocou um alvoroço ao redor. Os aldeões, assustados, afastavam-se rapidamente de seu caminho para evitar ser pisoteados pelas patas do garanhão que, fiel a seu amo, avançava decidido em direção a Chloe. Várias barracas de mercadorias sofreram os resultados de sua louca corrida, os comerciantes, impotentes, levavam às mãos a cabeça ao se darem conta de que parte de sua mercadoria tinha ficado destruída.

Ainda que Chloe corresse tudo que suas pernas permitiam, cada momento escutava os cascos do cavalo mais próximos dela. Não tinha nem ideia de onde ir, só sabia que devia fugir desse lugar, porque Cedric com certeza a alcançaria, e então estaria perdida. Tinha visto seu olhar determinado.

Chloe atravessou uma das portas que rodeavam a praça e viu ao longe a área onde se reuniam os mercadores de animais. Se conseguisse chegar até ali e localizasse Jonas, talvez tivesse uma oportunidade. Não tinha dúvidas de que o homem a ajudaria, como também não permitiria que Cedric a machucasse. Entretanto, nem bem havia deixado o arco para trás quando sentiu que um enorme braço a rodeava pela cintura e a elevava no ar. Nem sequer lhe deu tempo de emitir um grito de alerta. A força do abraço cortou sua respiração e notou um gosto de bÍlis que subia pela garganta ao ser alçada com tanta brusquidão. Seu traseiro foi parar no lombo do

garanhão com um súbito golpe, provocando uma intensa dor na coxa que fez suas costas dobrarem em dois. Ela acreditou que cairia irremediavelmente para adiante, já que não tinha onde se segurar, mas o homem a segurou com firmeza. Depois de parar o cavalo, pegou-a pelas axilas e a girou até que ficaram cara a cara.

— Sabe que é muito escorregadia? Começo a pensar que tem alma de fugitiva, sempre fugindo.

— Solta-me, — gritou ela quando o ar voltou a entrar em seus pulmões — solte-me agora mesmo.

— Nem em sonhos, esposa minha. Não penso permitir que volte a escapar nunca mais.

Cedric atraiu seu corpo até que seu torso se chocou em seu peito. Seus rostos estavam tão próximos um do outro que suas respirações se fundiram em uma só: a dele, quente e pausada, roçando sua bochecha com uma sutil carícia, enquanto que a dela, irregular e agitada mostrava sinais de fadiga pela correria.

O intenso e implacável olhar do homem produziu um efeito hipnótico que a manteve paralisada durante alguns instantes, mas finalmente se recuperou da impressão que lhe tinha causado contemplar aqueles olhos verdes que tempos atrás lhe tinham cativado e reagiu.

— Não me chame assim! Não sou sua esposa, bastardo! Só sou mais uma de suas posses preciosas, ou ao menos é o que acredita. Não te quero perto de mim!

— Muito tarde. Parece-me que agora mesmo você e eu estamos muito próximos, embora não tanto como eu gostaria.

— respondeu com um sorriso diabólico.

— É um maldito bastardo! Já disse que me solte!

Como resposta, Cedric levou uma mão às rédeas enquanto seu outro braço rodeava firmemente a cintura de Chloe, impossibilitando qualquer movimento. Voltou o cavalo para onde estava o grupo de homens, que com surpresa estampada em seus rostos, tinham contemplado de longe a assombrosa perseguição. Chloe não deixava de golpear com os punhos cerrados o peito de Cedric, mas ele, impassível, atuou como se não sentisse nada até que chegou a altura da comitiva.

Um dos integrantes do grupo fez que seu cavalo avançasse alguns passos. De cabelos avermelhados e uma espessa barba que lhe cobria todo o rosto, era um homem enorme, de uns cinquenta anos, já entrado como evidenciava a enorme barriga que se destacava de seu manto de quadros vermelhos e verdes, completamente diferente do tartan que vestia Cedric. Entretanto, parecia muito seguro de si mesmo enquanto se aproximava dele.

— Lorde Duncan, que ocorre aqui? — perguntou a viva voz — Todo esse barulho por uma simples camponesa? — seus olhos azuis, pequenos e vivazes, bailavam divertidos — Se tivesse me dito, pequeno rufião eu teria conseguido uma moça mais volumosa e complacente para desafogar, não esse raivoso saco de ossos que capturou! — rompeu em gargalhadas, fazendo que o resto dos homens que os rodeavam seguissem o jogo e rissem com ele — Ainda que no fundo, — prosseguiu o gigante, lançando-se mais a frente para poder olhar melhor para Chloe — entendo seu interesse nela, moço. Claro que

entendo, valha-me o céu. É muito bonita e, se se comporta com essa mesma impetuosidade na cama, também eu vou querer desfrutar de sua companhia quando tiver acabado com ela. Claro serás convenientemente recompensada por seus serviços. — acrescentou olhando a Chloe e fazendo um gesto de cumplicidade.

— Collum Stewart, ela não é uma simples camponesa, — respondeu sério e visivelmente irritado. Apertou Chloe contra ele de forma possessiva, dando a entender com aquele gesto que não pensava compartilhá-la com ninguém — esta mulher é minha esposa. E se voltar a fazer alguma insinuação parecida a respeito dela, juro que despedaçarei membro a membro esse asqueroso saco de sebo que tem por corpo com sua própria espada, e depois oferecerei os pedaços aos cães sarnentos que mantêm mortos de fome em seu castelo.

O sorriso do homem ficou congelado.

— Sua esposa? — perguntou incrédulo.

— Sim, minha esposa, a quem desde que conheço tem gostado de jogar de gato e rato comigo. Mas acredito que esse gato já está farto de tanto jogo. — acrescentou lançando a Chloe um olhar muito significativo.

Chloe tinha deixado de golpear o peito de Cedric e contemplava a cena com incredulidade. Acabava de ameaçar de morte aquele imenso gigante por ela? A ira que se via em suas feições assim o atestava, mas...

— Lady Chloe!

Estava estupefata, embora não o suficiente para não reconhecer aquela voz.

Girou a vista para o lugar de onde provinha dita exclamação e trocou um tímido sorriso.

— Gideon, graças a Deus que está aqui! Precisa me ajudar...

— Onde se meteu todo este tempo? Estamos procurando-a durante meses. Meu irmão estava...

— Gideon, fecha a boca. — cortou Cedric.

— Mas...

— Eu disse para se calar. Já.

O moço acatou imediatamente a ordem seca de seu irmão, mas isso não evitou que sorrisse a Chloe com verdadeira alegria. Ela o agradeceu em silêncio.

— Stewart, temo que teremos que deixar nossa reunião para outro momento. — Cedric se dirigia ao homenzarrão, que tinha ficado mudo frente à ameaça que acabara de lançar o lorde.

— Faz meses que minha esposa e eu não nos vemos e, como deve compreender, devemos colocar os assuntos em dia.

— Duncan, — reagiu o senhor de Foss — prometeu-me que hoje sem falta fecharíamos o trato referente a troca de reses. Não podemos demorar por mais tempo, ou cairá o inverno e seremos incapazes de levar isso a cabo.

Cedric emitiu um protesto. O homem tinha razão. Não podia desatender aquele assunto, tinha dado sua palavra e ele sempre cumpria suas promessas, custasse o que custasse. Entretanto, se dependesse dele, tê-lo-ia mandado ao inferno. O que queria na verdade era ver-se cara a cara, a sós, com sua recém-achada esposa. Resmungou uma imprecação e depois

assentiu com a cabeça.

— Que assim seja. De qualquer forma, dê-me alguns minutos. Em poucos momentos nos encontraremos em seu castelo. Primeiro tenho que resolver um problema pessoal.

Collum Stewart sorriu satisfeito e indicou a seus homens que emprendessem caminho até sua fortaleza. Momentos depois, o amontoado que se tinha formado no meio da praça se dissolveu e ficaram somente Cedric, Gideon, Alec e uma assustada Chloe.

— Odeio ter que deixá-la agora, querida, mas não fica outro remédio. Vai pensando em uma explicação convincente para me dar, porque quando voltarmos a nos ver já não terá mais desculpas. — advertiu — Aliás, onde está nosso filho?

Desde o momento que foi capturada por Cedric, Chloe soube que aquela pergunta logo viria. Era bem certo que ela não poderia fugir dele, mas sob nenhum conceito permitiria que seu filho sofresse o mesmo destino. Se dissesse onde estava, sabia que o perderia irremediavelmente.

— O menino... Sean... morreu logo após nascer. — quase se afogou em sua própria mentira.

Ao ouvir aquilo, Cedric apertou tanto o corpo de Chloe contra ele que esteve a ponto de quebrar-lhe as costelas. Seu filho... morto, tinha tido um menino, um varão e não tinha chegado a conhecê-lo. Nunca poderia tê-lo em seus braços. Uma pontada de pura dor atravessou seu peito, fazendo que de sua garganta surgisse um rouco e lastimoso gemido.

— Mulher, por sua culpa não pude conhecê-lo. Entende o que fez? — tomou-a pelos ombros e começou a chacoalhá-la

com violência — entende, sua maldita? Era meu filho! Meu filho!

As lágrimas caíam descontroladas pelo rosto de Chloe. Cedric a estava machucando com as mãos, mas sabia que ela tinha feito um maior dano a ele com suas palavras. Via o desespero em seus olhos, a dor e a angústia em suas feições. Entretanto, não podia dizer a verdade, não podia dizer que seu filho estava vivo porque o separaria dela para sempre.

— Cedric, acalme-se, — aconselhou Gideon — está machucando-a.

Cedric observou o semblante sofrido de sua esposa e se deu conta de que seu irmão tinha razão. Lentamente, afrouxou os dedos que apertavam com força os ombros de Chloe e, de um só movimento, levantou o corpo da mulher por cima de seu cavalo, passando-o com rapidez a Gideon. Ele a acolheu entre seus braços com muita delicadeza e olhou a Cedric sem compreender.

— Quero que a leve imediatamente ao castelo de Kinlochdone e a feche em meus aposentos até meu regresso. Se for necessário, prenda-a, mas não permita que tenha nenhuma possibilidade de fuga. Alec, vai com ele para certificar-se de que não tente escapar pelo caminho. E mais vale aos dois que quando chegue ela esteja ali, porque se não for assim, juro por Deus que colocarei suas cabeças no alto da torre.

Quando Cedric regressou de noite a seu castelo em Kinloch Rannoch, esgotado por um duro dia de negociações, mas desejoso de voltar a ver Chloe, Gideon estava esperando-o na entrada do salão. No caminho de volta tinha tido tempo

para pensar longamente. Em um primeiro momento, tinha se sentido muito doído e desgostoso com ela ao se inteirar que, por sua culpa, não tinha conseguido conhecer seu filho. O rancor e a ira que com o passar dos meses foram diluindo-se pouco a pouco em seu interior ressurgiram outra vez com força surpreendente, mas depois de meditar com atenção, tinha chegado à conclusão que não tinha sentido ficar remoendo aquele delicado assunto nem lhe dar mais voltas. Ela, afinal, também sofria por aquela perda, tanto ou mais que ele, ao menos assim acreditava.

— Algum problema, Gideon?

— Nenhum Cedric. Mas...

— Deixou-a presa em meus aposentos, tal como lhe disse.

Não é assim?

— Sim, mas...

— Bem! -disse Cedric com prazer, deixando seu irmão com a palavra na boca. — Já é hora de que ela e eu tenhamos uma pequena conversa.

Cedric começou a subir as escadas com ar decidido, mas Gideon foi atrás dele e o deteve no meio do caminho.

— Espera, irmão. Preciso falar com você.

— O que quer agora? Tenho pressa. Minha esposa e eu temos muito que conversar.

— Precisamente disso se trata. Não acredita que já sofreram demais? De verdade, duvido que seja um bom momento para que a veja, depois dessa manhã. De a ela e a você um pouco de tempo para que as coisas se acalmem. Não é bom que discutam agora, estando tudo tão recente.

— Gideon, sei perfeitamente o que preciso fazer. Deixe-me passar. — Cedric tentou afastá-lo das escadas, mas ele não permitiu.

— Lady Chloe está muito assustada. Não quis me dizer nada no trajeto de volta, mas vi em seus olhos. Seu rosto era uma máscara de autêntico terror, sei que tem muito medo de tua reação quando se encontrar com ela.

— Medo? — Cedric levantou uma sobrancelha surpresa — Essa mulher não teve, medo de nada em toda sua vida, mas faz bem em senti-lo. Já é hora de que vá se dando conta de que não pode jogar assim comigo e sair ilesa. Toda ação tem suas consequências. E agora, deixe-me passar de uma vez. — espetou molesto por sua intromissão.

Gideon não pode fazer mais nada para detê-lo. Tentar raciocinar com seu irmão era como dar cabeçadas contra a parede, assim que, derrotado, ficou de lado e permitiu que subisse as escadas.

Quando Cedric chegou até seus aposentos, encontrou Alec com as costas apoiadas na parede de frente e os braços cruzados, guardando a entrada. Cedric não disse nada, mas fez um gesto de assentimento com a cabeça, aprovando sua atitude.

Sabendo que o trabalho encarregado por seu senhor tinha chegado ao fim, Alec se retirou dali sem dizer uma palavra. Cedric esperou alguns segundos, inspirou profundamente e depois abriu a porta.

A habitação estava na penumbra, mas ele soube que ela continuava ali. Mais que saber, ele sentia embora não pudesse

vê-la. Caminhou até a chaminé, lançou uns troncos em seu interior e os acendeu com a isca e a pedra que sempre estava sob o aparador. Esperou alguns momentos até que a chama pegou e, então deu a volta para localizar Chloe. Estava sentada no chão, em um canto, com as pernas encolhidas e os olhos fechados, embora ele soubesse que não dormia: sua respiração e a tensão que mostravam seus músculos do rosto a delatavam.

— O que faz no chão? Vai pegar friagem. Vamos, levante-se.

Cedric se aproximou dela e ofereceu a mão. Entretanto, Chloe recusou e se levantou por seus próprios meios. A seguir se ergueu frente a ele e o olhou diretamente aos olhos, com uma mescla de medo e integridade.

Durante toda à tarde, Chloe não tinha feito mais que dar voltas à cabeça sobre aquela situação. Estava assustada, mas também surpresa. Como era possível que o encontrasse naquele lugar tão inóspito? Precisamente tinha eleito aquele lugar nas highlanders, tão longe da Inglaterra, para evitar que aquilo ocorresse. Mas tinha acontecido. O destino e a má sorte tinham jogado outra mão pesada.

Quando a levaram ao castelo, ela pensou que iria na qualidade de convidada. Nada mais longe da realidade. Assim que entraram na fortaleza, antes que a subissem para as habitações, Gideon tinha informado aos serventes de que ela era a nova senhora, lady Chloe Duncan. A flamejante esposa do lorde. Lorde? Duncan? Mas se seu nome era Cedric Lenton! Quem era aquele homem, do qual parecia não saber nada?

Todos se desfizeram em elogios para ela, algo que não compreendia em absoluto. Poderia ter perguntado a Gideon, mas naquele momento estava tão chateada consigo mesmo por ter se deixado capturar que se negou a lhe dirigir a palavra. De qualquer modo, tampouco tinha muito interesse em averiguá-lo. O que Chloe realmente queria era sair dali, que a deixassem em paz de uma vez por todas. Tinha feito uma nova vida, não sem esforço, tinha se desfeito pouco a pouco das ilusões e sofrimentos e a dor que Cedric tinha causado, e agora parecia que tudo desmoronava como um frágil castelo de cartas.

O melhor seria deixar as coisas claras o quanto antes, assim que foi direto ao ponto. Ergueu o queixo com gesto arrogante e enfrentou-se a ele, cara a cara, com a decisão pintada no rosto, embora em seu interior estivesse tremendo de medo.

— O que quer de mim? Vingança? Está bem. Bate, faça-me pagar todas as mentiras que disse, mas por favor, que isto acabe o quanto antes.

Cedric ficou perplexo ao ouvi-la. Abriu e fechou a boca várias vezes, incapaz de articular uma palavra. Mas que estava dizendo aquela mulher? Como podia pensar que iria agredi-la? Tão bárbaro e impiedoso o acreditava? Sentiu-se o pior ser do universo, ao dar-se conta de que Chloe o tinha em tão baixa estima. Pouco a pouco, o quarto foi iluminando-se com as chamas e Cedric apreciou a coragem e a força que mostrava Chloe em seu olhar. Estava realmente formosa, ali de pé, rodeada dessa aura de dignidade que a fazia parecer uma verdadeira amazona.

Lentamente, levou sua mão até o queixo de Chloe para acariciá-la. Doeu-lhe na alma ver que fechava os olhos com força, assumindo que iria golpeá-la, embora não fez nenhum movimento para se afastar. Aceitava a situação com força, como se a estivesse levando ao cadafalso, mas não quis se rebaixar pedindo clemência. Naquele momento Cedric teve um imenso orgulho da fortaleza de sua esposa. Orgulho e tristeza, porque não queria que o visse como um ogro.

— Chloe seu engano foi muito grave, mas não pretendo machucá-la. Não sabe o quanto me arrependo do que disse. Faz muito tempo que o desejo de vingança me abandonou. Só quero esquecer tudo e começar de novo.

Chloe levantou as pálpebras, incrédula pela que acabava de ouvir. Não queria se vingar dela? Não queria lhe fazer dano? Aquilo a deixou muito confusa, mas a sombra da dúvida seguia martelando em sua cabeça. Não podia acreditar, depois de tanto tempo e tantas ameaças, era incapaz de fazê-lo.

— Então, deixe-me partir. Sem a criança, já não há nenhuma desculpa para que possamos ficar casados. Quero a anulação. — exigiu com voz fraca.

— Nunca! — aquela única palavra brotou de seus lábios com segurança brutal. Jamais lhe daria aquele desejo — Não penso deixá-la partir, nem agora nem nunca. Entendeu-me?

Cedric deu um passo para adiante, tomou entre suas mãos o rosto de Chloe e inclinando a cabeça, pousou sua boca nos lábios entreabertos da mulher. Aquele não foi um beijo duro e cruel, mas sim possessivo. Com ele queria dizer sem palavras que não desejava passar o resto de sua vida

perseguiu-a e sim a amando, e lhe fez ver que não estava disposto a deixá-la partir. Jamais. Beijou-a apaixonadamente, colocou todo seu empenho nisso, para não deixar nenhuma dúvida sobre suas intenções. Queria apagar da mente de Chloe aquela ideia absurda de abandoná-lo e não lhe deu trégua até que conseguiu dela uma leve resposta.

Desejava seduzi-la, fazer brotar de novo aquela chama que tempos atrás tinha ardido com tanta intensidade entre os dois. Quando Chloe relaxou entre seus braços e deixou que Cedric a guiasse por uma tortuosa dança de línguas, úmida e sensual, ele soube que aquela chama não tinha se apagado de todo, que ainda restava uma pequena brasa de esperança. Entretanto, aquele fogo pareceu esfriar tão rápido quanto tinha sido aceso quando ela, em um gesto de sanidade, colocou suas mãos sobre o peito masculino e o separou dela.

— Não, não, não... — repetia uma e outra vez — isto não pode voltar a acontecer Cedric. — disse-lhe com o semblante sério, em um intento desesperado por aparentar integridade, embora o tremor em sua voz a traísse.

— Você e eu nos machucamos durante muito tempo. Houve muitos contratempos e confusões entre nós como para esquecê-los assim. Não pode ser. Isto é uma loucura.

— Você quer me deixar louco. Cale-se e volte a me beijar, mulher. — respondeu Cedric antes de invadir novamente sua boca com ímpeto e ferosidade. Agarrou sua cintura com ambas as mãos e começou a retroceder muito lentamente, até que suas pernas se chocaram contra algo duro, uma cadeira. Apertando a cintura de Chloe, Cedric se deixou cair no assento,

levando-a com ele. Tinha voltado a fazê-lo. Ignorava o que tinha esse homem, mas quando a beijava daquela forma Chloe se esquecia de tudo, inclusive do medo que podia chegar a sentir. Só sabia que, embora com o risco de destruir-se a si mesma, não podia esquecer que o amava com toda sua alma. Tinha tentado desesperadamente arrancar aquele sentimento danoso, enterrá-lo no mais profundo de seu coração, mas não tinha conseguido. Jamais o conseguiria.

Cedric a olhou nos olhos e, nas profundezas dessas duas águas marinhas, viu uma luz que nunca tinha apreciado. Algo tinha mudado nela, pois seu olhar já não mostrava o ódio de antes. Não pode menos que sorrir em seu interior. Imperturbável, aproximou sua mão do pescoço de Chloe e, de forma sutil, roçou com as gemas dos dedos. A maciez daquela pele sedosa tinha estado a ponto de acabar com ele, mas tudo aquilo já tinha terminado. Estava ali e era sua. Sua esposa.

Cedric tinha Chloe sentada de lado em seu colo, como se fosse uma menina pequena. Com dedos hábeis, foi desabotoando pouco a pouco o vestido, até que este deslizou por seus ombros e ficou preso a cintura. Depois, introduziu sua mão por baixo da saia e a levou até o delicado tornozelo, só para ir subindo em uma lenta carícia, ao mesmo tempo em que levantava o tecido com pernicioso lentidão. Quando as pernas ficaram descobertas, levou sua outra mão a cintura da mulher e, com um único movimento, levantou-a no ar para colocá-la de joelhos sobre ele.

Ela deu um gemido de protesto ante tal impetuosidade.

— Que... que está fazendo?

— Acredito que seja óbvio. Levo meses esperando nossa noite de núpcias e não estou disposto a deixar passar nenhum minuto mais. Não sabe como desejei este momento. Ao baixar a vista, Chloe percebeu que ele falava sério.

Embora as coxas masculinas estivessem cobertas pelo tartan, pode apreciar com clareza a intensa ereção que, abaixo do tecido grosso, se levantava desafiante frente a ela. Em um intento desesperado para ganhar algum tempo e desviar a atenção de seu corpo, fez uma pergunta carregada de inocência e curiosidade.

— Quem é você realmente? Aqui todos te chamam de Duncan, mas eu até agora só tinha ouvido o sobrenome Lenton. — perguntou confusa.

— Lenton, era o nome de meu pai, o Conde de Tempton e assim que me conhecem na Inglaterra. Porém, minha Mae era uma Duncan e eu, ao ser seu primogênito, herdei suas terras e seus títulos. Por direito de nascimento sou o lorde do clã e, para todos os efeitos, o duque de Atholl. Meu tio-avô, Robert Stewart, morreu sem descendência direta, embora o direito de sucessão ainda esteja pendente da decisão do rei. — como ela tinha ficado com a boca aberta pela surpresa, Cedric esboçou um sorriso presunçoso — Ninguém te disse? Acaso não prestou atenção no casamento? — Chloe lhe deu uma olhada envenenada.

— Então como supõe que devo lhe chamar? Lorde Lenton? Lorde Duncan? Duque? — enumerou todas as possibilidades com evidente sarcasmo.

— De nenhuma dessas formas, — respondeu ele

contrariado ao notar na voz de Chloe animosidade — sou um Lenton e um Duncan, mas, antes de tudo, sou seu esposo. Chama-me esposo. — respondeu enquanto cravava os dedos em seu antebraço e a aproximava dele com autoridade.

— Não penso chamá-lo assim. Não quero saber nada de você e gostaria que essa condição mudasse o quanto antes.

Cedric olhou fixamente os seios que vislumbra debaixo de sua camisola e sorriu com satisfação.

— Mentirosa. Se não quer saber nada de mim, porque conserva isso? — perguntou enquanto levava a mão até seu pescoço.

Do momento que tinha abaixado o vestido, tinha visto o cordão que carregava oculto sob o tecido. Sem permitir que ela se afastasse, tomou o colar entre suas mãos e o tirou. Chloe levava preso a seu peito, próximo de seu coração, o selo que ele tinha entregado quando eles trocaram os votos no dia de seu casamento.

— Isto?... pensei que era uma joia valiosa e que algum dia poderia precisar. Para mim, não tem mais significado que um objeto de valor estritamente material.

— Não acredito. Conserva-o porque não conseguiu me esquecer. — respondeu ele com presunção.

— Esquecer? Claro que não consegui esquecê-lo, mas não pelo que pensa. Como poderia valorizar alguém que me tratou com tanto desprezo? As palavras que estavam gravadas no anel implicam toda a ameaça velada contra mim. Disce Pati, o que é o mesmo que “aprende a sofrer”. Queria que fosse plenamente consciente de teu ódio, que temesse dia e noite tua vingança.

Não é certo? Levei-o em meu pescoço todo esse tempo, para recordar a mim mesma que os únicos sentimentos que tem para comigo são ressentimento e animosidade.

— Está muito equivocada... disce pati é o lema do clã Duncan, não uma alusão pessoal contra você. Embora agora mesmo saiba que poderia aplicar nosso grito de guerra: *Garg n uair dhuisgear*⁴. Não sabe o que está provocando ao despertar a fera que levo dentro de mim. — murmurou Cedric com um sorriso luxurioso.

Aproximou sua boca da garganta de Chloe e começou a percorrer com os lábios a delicada pele do pescoço, deixando a seu passo uma fileira de úmidos e ardentes beijos. Enquanto, suas mãos apertavam os seios da mulher por cima do fino tecido da camisola, acariciando-os com veemência e amoldando-os no oco de suas mãos. Não se lembrava de que tivesse seios tão cheios da última vez que fizeram amor, e então lhe veio à mente uma lembrança dolorosa que lhe obscureceu o rosto. Ela tinha fugido dele, castigando-o com a separação e condenando-o a não conhecer jamais a seu filho. Aquilo lhe provocou um repentino acesso de fúria, mas afinal chegou à conclusão de que já não tinha volta atrás. Entendeu que ela também deve ter sofrido, tanto ou mais até que ele pela perda da criança, assim que esqueceu sua raiva e se centrou em provocar-lhe até o delírio com o mais profundo dos desejos. Seu único castigo seria a tortura, de agora em diante, com seus beijos e carícias.

Cobriu os lábios de Chloe com os seus e um beijo puramente carnal, cheio de expectativas e intenções. Estava

faminto dela, queria devorá-la inteira. Mordiscou com desejos seu lábio inferior, acariciou a suave pele com determinação e ganância até que Chloe, rendida, entreabriu os lábios. Cedric introduziu a língua e buscou com desespero a sua, até que ambas se entrelaçaram em uma luta completamente íntima e sensual.

Pretendia saciar-se dela e que ela se saciasse dele. Então, baixou as tiras da única veste que cobria sua parte superior e deixou exposto a vista aqueles peitos que tanto tinha desejado voltar a ver. Tremendo e excitada, Chloe se separou um instante dele e de sua boca surgiu um débil murmúrio.

— Cedric...

— Cala meu amor. Deixe-me redescobri-la.

Enterrou seu rosto nos seios de Chloe e se perdeu neles, embriagando-se com seu aroma. Cheirava a sabão de rosas e algo mais, algo que nunca antes tinha apreciado nela, um tênue cheiro de inocência e ternura que lhe provocou uma volta ao coração. Suas mãos percorriam as costas da mulher em um roçar preguiçoso, mas implacável, massageando com reverência àquela pele aveludada que tanto o fascinava e que o deixava louco. Seu membro palpitou furioso ante o ataque de excitação que sentiu ao tê-la entre seus braços, meio nua, respondendo de forma inconsciente seus atrevidos avanços. O desejo de possuí-la já nublava qualquer entendimento que pudesse ter até então, mas, com um grande esforço, obrigou a si mesmo a controlar sua própria luxúria e centrar-se em proporcionar a ela o maior dos prazeres.

Ante aquela sensual carícia, o corpo de Chloe se rebelou.

Era como sempre: cada vez que ele a tocava, embora ela não quisesse, desfazia-se por dentro. Simplesmente não podia evitar. Atravessou-lhe uma ardente onda de desejo e, agarrando-o pelo cabelo, enroscou seus dedos lançando a cabeça para traz para deixar que Cedric se fartasse dela.

De repente ele se afastou e olhando seu rosto, descobriu que tinha os olhos turvos de paixão. Isso o encheu de prazer, mas ocultou sua satisfação falando com uma voz grossa e rouca.

— Vou te ensinar a depender por completo de mim; de minhas carícias, de meus beijos... me enfeitiçou, fez-me dependente de ti. Converteu-se em minha droga, mas agora eu vou retribuir da mesma forma. Assim compreenderás o que me fez sofrer em tua ausência, e que nunca, jamais volte a passar pela sua cabeça afastar-se de mim. Vou conseguir que, como eu, sejas viciada a um simples roçar de pele contra pele.

Cedric levou sua mão até o interior do vestido de Chloe, subindo com perversa lentidão por suas pernas até chegar aos glúteos. Acariciou-os uma e outra vez, enquanto seu nariz e boca exploravam, ansiosos e vorazes, os seios de Chloe, fazendo-a vibrar sob seu contato, castigando-a com um doce tormento que parecia não ter fim.

Delineou com grande veneração as sinuosas curvas até que todos os músculos de seu corpo se tencionaram pela vontade que tinha de possuí-la de novo. Seus dedos, cobiçosos chegaram ao ponto exato onde Chloe ardia em chamas, só para assegurar-se que estava úmida e preparada. Ela se esticou ao sentir que a atravessava uma intensa pontada de desejo e esse

foi o momento em que Cedric soube que já não podia esperar mais. Rodeou sua cintura com seu forte braço e a levantou no ar como se fosse uma pluma. Em seguida, retirou o tartan, que ocultava sua enorme e inflamada ereção, deu-lhe um último beijo carregado de promessas e desceu os quadris de Chloe até que os dois corpos se fundiram em um só.

Aquela união se converteu em uma explosão de prazer.

Ela se aferrou com força aos ombros de Cedric e arqueou as costas para trás, depois de um leve instante de incerteza em que ambos se mantiveram completamente quietos, familiarizando-se outra vez com aquela sensação tão prazerosa enquanto seus olhares ardentes se cruzavam em uma conexão total, começou a mover-se sobre ele. Chloe foi quem marcou o ritmo, quem dirigiu a cadência daquele baile tão erótico e primitivo. Seus movimentos eram pausados, endemoniadamente lentos e sugestivos e Cedric permitiu que ela levasse até que não mais aguentou.

Chloe cavalgava sobre ele como uma *expert* amazona, recebendo em seu interior o ensandecido membro com suas ânsias e uma entrega até então desconhecidas para ela.

Cedric queria fazê-la chegar ao mais alto, levá-la pela mão a uma satisfação tão intensa que jamais tivesse conhecido antes, mas era ela quem o estava guiando por um luxurioso caminho sem retorno. Todo seu ser clamava para que ele tomasse o controle, assim que a agarrou pelos quadris e a lançou para cima, separando-a dele, somente para voltar a baixá-la e introduzir-se em seu interior com um profundo golpe que a fez chiar de paixão.

A partir desse momento, foi ele quem controlou a situação. Aproximou sua mão ao ponto de união entre os dois corpos e traçou seu clitóris com suaves e implacáveis círculos, estimulando aquele tenro botão, fazendo-a cair presa de um frenesi exasperante enquanto ela gritava uma e outra vez seu nome entre ofegos incontrolláveis. Levou-a até acima do delírio, acariciando aquele ponto tão sensível e arremetendo com inegável ardor até que todo o corpo de Chloe se tencionou, abandonando-a aos violentos espasmos de prazer.

Depois de cair sobre seu peito, exausta e satisfeita, sua boca formulou uma simples frase que quase o fez perder o ar, tão débil e apagada soou, mas Cedric pode captá-la com clareza.

— Amo-te...

A euforia que o tomou depois de escutar aquelas duas únicas palavras desbancou o acúmulo de sensações que estava manifestando ao notar que sua liberação também era iminente. Abraçou Chloe com possessividade, invadiu sua boca em um arresto de exaltação, produzindo um beijo febril e apaixonado e se derramou em seu interior enquanto seu peito se elevava, cheio de gozo, por aquela maravilhosa revelação.

Mantiveram-se pegos um ao outro durante longo momento, seus corpos suados depois daquela memorável e tórrida experiência, até que Chloe se removeu entre seus braços para tentar se separar dele. Cedric não permitiu, mas a aferrou ainda mais e a acomodou contra seu duro peito enquanto sua respiração se regularizava.

— Cedric, eu...

— Meu amor, repete o que me disse faz uns instantes. — murmurou ele contra seu cabelo.

— Eu não disse nada. — mentiu ela.

— Sim que o disse. Repete-o.

Chloe se negava a fazê-lo. Tinha escapado em um momento de alienação, mas não estava disposta a reconhecer de novo, em voz alta, que o amava. Não quando ele, em vez de fazer o mesmo, tinha se calado. Já tinha cometido o erro de confessá-lo e que Cedric tivesse escutado, mas não iria repetir dita afirmação para que ele pudesse utilizá-la contra ela. Era muito tarde para se retratar, embora ainda lhe ficasse a pequena esperança de que ele correspondesse aos seus sentimentos. Tinha-a chamado “meu amor”, assim que talvez sentisse por ela algo mais que desejo.

Entretanto e para seu pesar, ele não disse nada disso. Limitou-se a contemplá-la fixamente, devorando-a com o olhar ao mesmo tempo em que traçava um lento percurso desde a garganta de Chloe até seu umbigo.

— Antes que esta noite termine, voltará a repeti-lo. — declarou com segurança.

Ela abriu muito os olhos quando notou que o membro de Cedric, ainda em seu interior, despertava de novo, engrossando mais, até enchê-la por completo. Seu corpo respondeu imediatamente ante aquela prazerosa invasão e de sua boca surgiu um rouco gemido que não conseguiu apagar.

— Surpresa? Carinho, ainda posso te surpreender, ainda mais.

Pese as reticências de Chloe, Cedric a agarrou pelos

quadris e se levantou da cadeira. Tirou pela cabeça o amassado vestido que ainda rodeava sua cintura e depois, com uma só mão, ele se despiu do montão e da camisa que vestia. Tirou as botas de um puxão e, com cuidado de que seus corpos não se separassem, levou-a até a cama, depositando-a delicadamente sobre o cobertor enquanto a cobria com seu musculoso torso. Antes de se apoderar de sua boca e iniciar um novo assédio para demonstrar que sua promessa de surpreendê-la não era meras palavras, antes que Chloe caísse em um doce abandono e deixasse de lado tudo que não fosse ele. Cedric a olhou por um instante e, com os dentes apertados e um sorriso, murmurou:

— Agora já é muito tarde meu amor. Vamos esquecer a anulação.

CAPITULO 28

Quando Chloe acordou na manhã seguinte, encontrou o vazio do outro lado da cama. Esticou a mão para o lugar onde tinha estado deitado Cedric e sentiu que já estava frio, devia ter abandonado o leito há horas. Girou sobre si mesmo e ocupou o dito lugar, enquanto aproximava o nariz dos lençóis e aspirava o aroma que ainda persistia neles: seu cheiro. Notou um arrepio no baixo ventre ao recordar a noite passada, tudo que ele tinha feito. Na verdade, tinha-a surpreendido.

Sorriu para si mesma, jamais imaginou que aquela recordação seria tão satisfatória. Até este momento, tinha acreditado que Cedric se vingaria dela por ter-lhe mentido, e ainda escapado dele, a castigaria de mil maneiras diferentes, tal como tinha anunciado meses atrás.

Entretanto, a única maneira que a tinha castigado foi fazendo-a sofrer uma agonia excitante entre aqueles lençóis, levando-a ao clímax uma e outra vez até que sentiu que morreria de prazer.

Sabia que não a amava, mas ao menos não a odiava. Esse era um grande passo.

Cedric tinha deixado bem claro na noite anterior que não

estava disposto, sob nenhum conceito, deixá-la partir. Algo tinha que significar isso, não? Ao menos queria mantê-la a seu lado. Assim o tinha repetido uma e outra vez enquanto fazia amor daquela forma apaixonada. O medo que tinha dele tomar represálias tinha desaparecido por completo, mas ainda sentia um pequeno desassossego em seu interior que a impedia de respirar aliviada. Não tinha dito toda a verdade: ele ainda acreditava que seu filho tinha morrido, e ainda cedo ou tarde acabaria por saber a verdade. Tinha que dizer o quanto antes.

Além disso, tanto Mae como Jonas deveriam estar muito preocupados com ela: quando Jonas tivesse visto que não apareceria na praça da aldeia de Foss, no lugar onde tinham marcado, ficaria a procurá-la feito um louco. Ninguém a conhecia ali, assim que não poderia averiguar que o barulho que houve na praça quando Cedric a capturou estava relacionado com ela. E Sean... só tinha estado separada dele por algumas horas e já estava agoniada. Definitivamente, quando Cedric chegasse, teria que falar com ele. Sabia que ficaria bravo com essa nova mentira, mas esperava que no final compreendesse.

Cheia de ânimo, levantou-se da cama e, tapando sua nudez com um dos lençóis, buscou pelo chão sua roupa. Estava enrugada, mas era a única que tinha para colocar. Queria sair daquele quarto e dar uma volta pelo castelo, na tarde anterior o medo e a raiva por ter sido capturada não lhe permitiram observar tudo que tinha a seu redor. Sabia que era grande, dado o longo trajeto que fizeram desde que entraram na fortaleza até que Gideon a deixou em seu quarto, mas

naquele momento estava tão cega pela raiva que sentia que não prestou atenção a nada. Só esperava que Cedric não a tivesse encarcerado ali porque, se tivesse feito, não ficaria nada surpresa, dado seu impetuoso caráter.

Depois de ter jogado um pouco de água fria que encontrou na jarra da pia e tivesse colocado a camisola e o vestido, foi até a porta com passo inseguro.

Ainda não confiava nele. “a porta estaria fechada?”, perguntou-se. Se assim fosse, não ficaria mais remédio que esperar a volta de Cedric, embora não gostasse de saber que estava presa. Nunca tinha gostado e jamais se acostumaria.

Não demorou em averiguar. Quando colocou a mão na manivela e empurrou para baixo, a porta fez um sonoro click e abriu. Além disso, não tinha ninguém guardando a entrada, como sempre tinha acontecido quando esteve em Lentonhouse. Aquilo era um bom sinal.

Saiu ao corredor e olhou em ambos os lados. Ninguém. O corredor estava deserto. Porém, ouviam-se algumas vozes distantes, procedentes do lado esquerdo, assim que caminhou até ali. Chegou ao topo de uma escada de pedra, bem estreita, que saía da parede e recordou que no dia anterior tinha subido por ali. Começou a descer lentamente, agarrando-se ao precário passa mãos feito de uma grossa corda e preso com argolas a pedra, enquanto fixava a vista no piso inferior. Aquele não era um castelo como os da Inglaterra porque, diferente de Whipplestone ou Lentonhouse, a escada acabava diretamente no salão.

Quando chegou ao último degrau, o som que antes tinha

ouvido cessou. Levantou o olhar e encontrou uma boa quantidade de pessoas que a observavam fixamente, metade surpresos, metade maravilhados por sua presença.

— Esta é a senhora! — gritou um.

— A nova lady Duncan! — exclamaram mais duas pessoas.

Um murmúrio de vozes se levantou atrás do silêncio posterior a sua chegada, até que todos os presentes, com alegria nos olhos, inclinaram a cabeça frente a ela em sinal de respeito.

— Lady Chloe! — ouviu alguém dizer ao fundo do salão — Que alegria ver que desceu ao salão para que todos a conheçam!

Chloe seguiu o som daquela voz e descobriu que provinha de Gideon, o qual, com uma jarra na mão, levantando-se de seu assento e caminhava até ela para saudá-la. Estava muito desconfortável, ali de pé, parada, enquanto dezenas de pares de olhos não desviavam seus olhares, assim que foi a seu encontro com um tímido sorriso nos lábios.

Todos se afastaram a seu passo ao mesmo tempo em que executavam uma reverência, dirigido a ela e isso a deixou ainda mais incomoda.

— Gideon, por Deus... o que se passa com toda essa gente? — perguntou encabulada.

— Milady, faz anos que neste castelo não há uma lady Duncan, desde que minha Mae se casou com meu pai. É normal que estejam assim alvoroçados. Você é sua nova senhora e estão lhe rendendo homenagens. Além disso, acreditavam, que não desceria até que Cedric chegasse. Antes

de partir, meu irmão lhes prometeu que esta noite a apresentaria formalmente como a nova lady Duncan. Como é lógico, sentiram-se gratamente surpresos ao vê-la.

— Isto é muito embaraçoso para mim. — murmurou Chloe enquanto apertava as mãos.

— Compreendo seu embaraço, mas deve passar por isto. De qualquer modo pode ficar tranquila: ao que parece, aceitaram-na muito bem.

— Gideon, poderíamos sair um pouco? — propôs ela — Aqui me sinto um pouco coibida...

— Claro milady, quer dar um passeio pelos arredores do castelo e assim lhe mostro sua nova casa? Acredito que ontem não pode apreciá-lo como se merece...

Chloe afirmou com a cabeça e, em resposta, Gideon ofereceu com galanteria seu braço.

— Depois de mostrar o exterior, poderíamos passear a cavalo até a aldeia. Parece-lhe bem?

— Ficaria encantada — respondeu Chloe — e te prometo que não fugirei. — acrescentou com um ligeiro rubor nas faces ao recordar o último passeio que deram juntos, quando ela escapou de Lentonhouse.

— Assim espero, milady. — respondeu ele, com semblante sério — Cedric me mataria se isto voltasse a ocorrer.

— Pode confiar em mim, Gideon. — assegurou ela.

— Lady Chloe, vai sair assim? — parou de repente, olhando de cima abaixo com o cenho franzido — Lá fora faz bastante frio e o clima da Escócia é muito traiçoeiro, a qualquer momento pode começar um dilúvio. Quer que suba para buscar sua

capa? Suponha que esteja no quarto de Cedric... perdão, agora também seus aposentos.

— Sim Gideon, está acima, mas não se preocupe, eu subirei por ela.

Na realidade, Chloe queria ir ela mesma porque não queria ficar sozinha com toda aquela gente. Não demorou nada em subir e descer. Tomou novamente o braço que oferecia Gideon e, com um gesto, indicou a grande porta cravejada que ficava do outro lado do salão.

— Por ali, verdade?

— Sim milady. Vejo que já está se familiarizando com seu novo lar, — disse Gideon sorrindo de modo satisfeito — adiante.

Cedric estava transbordando de felicidade.

Ela o amava. Não só a tinha ouvido uma única vez, mas sim disse repetidas vezes. De fato, todas as vezes que lhe tinha feito amor, quando estava a ponto de estalar entre seus braços, tinha-a obrigado a repetir aquelas palavras para assim estar certo de que não era produto de sua mente.

Naquele momento ele não quis lhe responder que também a amava porque tinha medo de que aquilo não fosse realidade, que sua imaginação estivesse pregando uma peça. Quando Chloe dormiu em seus braços, saciada e exausta depois da noite de paixão que tinham compartilhado, sim que lhe tinha murmurado ao ouvido, mas agora se dava conta de que não era o suficiente. Queria lhe dizer quando estivesse acordada, queria olhá-la nos olhos, esses preciosos olhos azuis que o tinham completamente enfeitiçado e murmurar umas mil vezes que a amava, que apesar de tudo que tinha acontecido entre

eles, estava irremediavelmente apaixonado por ela. A única coisa que desejava era chegar o quanto antes ao castelo, buscá-la, estreitá-la contra seu peito e demonstrar com palavras e com fatos que a amava, que seu único propósito era passar o resto de sua vida junto a ela, começar de novo e esquecer o passado.

Tinha sido muito duro ter que se levantar pela manhã e deixá-la ali, profundamente adormecida, enquanto partia para cumprir com suas obrigações. Antes de vestir-se e abandonar o quarto, tinha ficado mais de uma hora na cama, observando-a em silêncio, acariciando sua pele, lutando contra a vontade de despertá-la e fazer amor novamente. Foi contrário a partir, mas tinha que resolver um assunto que não podia esperar. Agora já estava solucionado, assim que nada o impedia de regressar a sua casa, junto a sua esposa.

Se fosse por ele, não sairiam daquele quarto por dias, mas tinha prometido a seu clã que nessa mesma noite apresentaria oficialmente sua nova senhora. Cedric sorriu para si mesmo, seu clã não sabia o que se avizinhava.

Quando no dia anterior, antes de entrar no castelo, informou-lhes que acabava de chegar sua esposa, a nova lady Duncan, todos romperam em exclamações de júbilo, embora sua alegria acabasse quando descobrissem o difícil caráter daquela ferazinha. Entretanto, tinha certeza de que se sentiriam orgulhosos de sua natureza impulsiva e apaixonada, própria de uma merecida esposa de lorde. Ele não tinha pressa, embora tivesse que ensinar a essa mulher a obedecê-lo e respeitá-lo em público. Não podia permitir que Chloe o

enfrentasse, ou desafiasse suas ordens e questionasse sua autoridade diante de todo o clã Duncan. Embora na intimidade de seu quarto... ali a deixaria fazer o que tivesse vontade. Nunca lhe diria, claro, mas lhe encantavam aqueles explosivos e formidáveis enfrentamentos dialéticos entre ambos, sobre tudo se terminavam como na noite anterior.

Tinha traçado muitos planos para o futuro. Quando tivesse se saciado dela, se é que isso seria possível algum dia, abandonariam o refúgio de seus aposentos e, durante o dia lhe mostraria a vasta extensão de suas terras, aquelas que algum dia herdaria seus filhos. Não tinha chegado a conhecer seu primogênito, mas se encarregaria de que Chloe o ressarcisse da perda, dando-lhe outros filhos que o encheriam de alegria.

Queria levá-la até o lago Tummel, mostrar-lhe aquela maravilhosa paisagem onde a lagoa seguia majestosamente entre as montanhas, dominadas pela silhueta cônica de Schiehallion, enquanto o horizonte se perfilava acima de Glen Coe. Ficaria maravilhada contemplando aquela vista tão gloriosa, que inclusive nele provocava calafrios quando soprava o vento e o céu se carregava de nuvens. Depois a levaria até Killiecrankie Pass, o desfiladeiro cheio de árvores e ponto estratégico onde se uniam as terras altas com as terras baixas. Passariam longas temporadas no imponente castelo branco de Blair, residência do Duque de Atholl e, portanto de sua propriedade, situado aos pés de altas colinas arborizadas, somente para caminhar pelo bosque de Hermitage e visitar as cascatas de Bruar, onde se banhariam nus ao mesmo tempo em que admirariam a maravilhosa paisagem de altos montes e

belos bosques que se estendia frente a eles.

E todas as noites, depois de lhe ter mostrado aquelas idílicas paisagens, dariam rédea solta a sua paixão até acabarem desfalecidos e satisfeitos.

Com essa ideia em mente, Cedric enviou seu cavalo para o castelo de Kinlochdone. No transcurso do último dia, seu humor tinha melhorado tanto que até Alec lhe tinha visto a mudança acontecida enquanto ambos saíam de novo até Foss para fechar o acordo de troca de reses com Collum Stewart. Depois de passar os últimos meses com um semblante sombrio, a novidade de sua transformação tinha sido motivo de alegria e satisfação entre seus homens, que já podiam respirar tranquilos depois de comprovar que seu senhor voltava a ser o mesmo de antes.

De improviso, Alec disse algo que tirou Cedric de seus pensamentos.

— Meu senhor, aproxima-se um cavaleiro. Parece ferido.

Os homens detiveram seus cavalos e aguçaram a vista. Parecia um varão, e ia deitado no lombo do cavalo em uma posição precária, segurando como podia as rédeas. Efetivamente, parecia que estava ferido.

Esperaram até que o cavalo estivesse a alguns metros deles e então puderam ver de perto. O rosto de Cedric ficou uma careta de horror e, descendo precipitadamente de seu garanhão, gritou alto:

— É Gideon!

Demorou menos de cinco segundos em chegar até seu irmão. Tinha o lábio partido e um feio corte na sobrancelha que

sangrava bastante, mas Cedric não viu mais feridas que essas. Seu casaco, apesar de estar sujo, não mostrava sinais de sangue.

— Cedric... — gemeu.

— Irmão, que aconteceu? — Cedric tomou Gideon pelos ombros e o desmontou com muito cuidado, para depois deitá-lo ao chão.

— Lady Chloe...

— Que aconteceu com Chloe? Gideon, conte-me. — preso do temor que estava começando a atiçá-lo por dentro, levantou seu irmão mais forte do que pretendia e o moço emitiu um leve gemido.

— Lady Chloe... Damon Whitney a levou.

Depois de verificar que não tinha sido ferido com gravidade, Cedric montou Gideon em seu próprio cavalo e cavalgou o mais rápido que pode até o castelo de Kinlochdone. Assim que passou os muros da fortaleza, deixou-o a cargo de alguns serventes que saíram rapidamente ao ouvir a voz de seu senhor e, em seguida, ordenou a Alec que organizasse rapidamente a todos os homens disponíveis para a batalha.

Em menos de meia hora, um pequeno exército de ferozes escoceses avançavam a pleno galope rumo à Inglaterra.

Aquele malnascido tinha levado Chloe contra sua vontade, mas por quê? Dava igual a razão, o mataria com suas próprias mãos. Já tinha provocado muitos danos a sua família, mas parecia que não tinha sido o suficiente. Entretanto, desta vez seria diferente. Não permitiria que Damon Whitney infringisse mais danos aos seus. Esse mesmo dia tudo terminaria, porque

o exterminaria como a uma sanguessuga.

Cedric estava lívido de fúria. Esporeou cruelmente a Beast e exigiu aos demais que fizessem o mesmo, porque não podia perder nem um só minuto. Ainda não sabia exatamente quanto tinha de vantagem, confiava que o cavalo de Damon, ao levar o dobro de carga, não conseguisse avançar com tanta rapidez como seus enormes cavalos de batalha.

Gideon tinha dito que Damon estava sozinho, mas Cedric suspeitava que levasse mais apoio, ainda que seu irmão não tivesse visto. Além disso, se não conseguisse lhe dar alcance no caminho, quando chegassem a Whippledone seriam recebidos por todo um contingente frente ao conde de Berwick. Por essa razão tinha ordenado a Alec organizar todos os homens disponíveis. Não queria ter falsas esperanças, aquilo iria terminar em guerra.

Como temeu, no caminho não viram nenhum destacamento que os precedesse. A pleno galope, demoraram seis longas horas em chegar até Berwick. Não fizeram nenhum descanso, Cedric não permitiu que parassem nem mesmo para descansar os cavalos, assim que os animais, quando ao cair da noite, pararam exaustos frente ao castelo de Whippledone, tinham uma fina capa de suor enquanto estavam espumando pela boca.

Cedric fez avançar seu garanhão pelo caminho pedregoso que levava até a guarita exterior. Tinha dado ordens a seus homens que permanecessem afastados das muralhas, à espera dos próximos acontecimentos. No início, tentaria resolver a situação da forma mais civilizada possível, com um simples

corpo a corpo com Damon e ele. Porém, Alec estava informado, ao menor movimento atrás dos muros que revelassem uma ofensiva generalizada, não deveriam duvidar em lançar-se ao ataque.

Fazia tempo que se tinha dado a voz de alerta dentro do castelo, mas isso não evitou que as duas sentinelas que permaneciam ali não ficassem assombrados ao contemplar todos aqueles escoceses vestidos para a batalha e, sobre tudo ao homem que se aproximava deles com gesto insolente e sombria determinação. Seu feroz olhar não deixava dúvidas: aquela não era uma visita de cortesia.

— Exijo ver imediatamente a lorde Damon Whitney. — anunciou com arrogância.

— Milorde, não acredito que queira recebê-lo.

— Damon Whitney, asqueroso animal, — chiou com fúria desmedida ao tempo que guiava seu cavalo até a ponte levadiça, que estava içada — sei que está aí dentro, miserável covarde! Saía agora mesmo e venha me enfrentar!

Cedric não deixou de reclamar uma resposta por parte de Damon, gritando a plenos pulmões, enquanto sua ira ia chegando a limites insuspeitáveis. Passado alguns minutos, seu pedido foi escutado. Lorde Damon Whitney atravessou a passarela a pé, sozinho, sem mais apoio que a espada que levava na mão direita. Parou a alguns metros do cavalo de Cedric e, com gesto de desprezo, observou com atenção a posição ofensiva que tinha adotado sobre o animal. Depois elevou a vista até seu rosto.

— Cedric Lenton... ou devo chamá-lo Cedric Duncan, por

causa da vestimenta tão pitoresca que usa? — perguntou com burla — O que quer de mim? Estou muito cansado de você e de sua família. Como se atreve a vir até aqui com esse pequeno exército, de forma tão hostil e provocando-me publicamente? Esta é uma ofensa que não posso deixar passar. Veio com óbvias intenções de começar uma guerra e a terá.

— Quero que me devolva imediatamente minha esposa. Depois, terminaremos isto de uma vez por todas. Você e eu sozinhos, sem envolver mais ninguém. Isso, se te atreves. — espetou Cedric com uma nota de ironia na voz.

— Já recuperou lady Chloe? — os olhos de lorde Damon bailaram com um riso malicioso — E já volta a perdê-la? Ai, amigo, acredito que as mulheres não se levam bem contigo. Fogem de você como a peste. — disse com sarcasmo.

— É uma escória imunda... — declarou Cedric — foi até minhas terras e, depois de agredir meu irmão, levou minha esposa contra sua vontade. Essa afronta sim que não ficará impune. Reze tudo que saiba, se é que acredita em algo mais que em você mesmo, porque esta noite vou te ajudar a ir para o inferno, de onde nunca deveria ter saído.

Damon levantou uma sobrancelha surpreso e continuou ante o atônito olhar de Cedric, rompeu em gargalhadas.

— Não sabe o quanto desejei que chegasse este dia. Já me dá igual um irmão ou outro, a única coisa que quero neste mundo é acabar com a repugnante estirpe dos Lenton. Será você quem encontrará nosso criador esta noite. Começemos de uma vez, aceito seu desafio.

Cedric desmontou de um salto e deu uma palmada em

Beast nos flancos para que se afastasse dali. O cavalo se afastou imediatamente em meio a uma nuvem de poeira. Em seguida, Cedric brandiu sua espada e caminhou com passo decidido até Damon.

Quando estiveram um em frente ao outro, mediram-se com o olhar em uma clara atitude agressiva. Os dois homens eram enormes guerreiros, ambos tinham sido treinados durante anos aos enfrentamentos corpo a corpo e sabiam perfeitamente que seu adversário estava preparado para a luta. Damon não levava a armadura requerida para a batalha e Cedric só vestia o manto dos Duncan, mas os dois eram conscientes que aquele seria um combate de morte.

Cedric foi o primeiro a atacar.

Lançou-se contra Damon enquanto de sua garganta brotava o terrível e profundo grito de guerra do clã Duncan. Sua enorme espada brilhou com intensidade, iluminada pelas tochas que portavam os soldados que tinham chegado às muralhas, enquanto formava um perfeito arco que ia dirigido, com extrema violência ao peito descoberto de Damon. Entretanto, este parou o golpe com facilidade surpreendente. Depois foi ele quem arremeteu contra Cedric.

Tanto um como o outro eram muito bons com a espada. Brigaram sem descanso, sem dar nenhum só respiro a seu adversário, até que o suor e o pó levantado do solo pedregoso por seus incessantes e agressivos movimentos, sujaram seus corpos e seus rostos.

A lua cheia incidia diretamente em seus rostos, distorcidos pela fúria, mostrando uma imagem demoníaca nos

semblantes daqueles homens que lutavam até a morte com implacável ferocidade.

Na quietude da noite, só se ouvia o assustador som do entrechocar das espadas e os roucos ofegos que tanto Cedric como Damon emitiam pelo esforço da luta. O estrondoso chiado do metal contra metal produzia um efeito hipnótico entre os soldados que, fascinados, contemplavam aquela formidável cena das ameias do castelo e da colina que se levantava frente à fortaleza. Ninguém se atreveu a dizer nada, ninguém quis apoiar com gritos de ânimo a seus respectivos senhores, pois sabiam que qualquer distração de sua parte, por menor que fosse, poderia implicar que a balança se inclinasse de um lado ou de outro.

Ambos os homens deram de tudo naquele enfrentamento e embora os sinais de cansaço comesçassem a aparecer, não deixaram de atacar com a força que seus vigorosos braços permitiam. O combate estava muito igualado, porque tanto um como o outro sabiam que, a qualquer momento, o adversário cometeria um erro que terminaria em um sangrento final.

Todos os ali presentes, incluindo Cedric, surpreenderam-se quando Damon deu uns passos para traz, baixou sua espada até cravá-la no solo e, apoiando-se nela, inclinou seu corpo para adiante para controlar melhor sua respiração. Olhou a seu adversário com um sorriso de meio lado, inspirou profundamente várias vezes e levantou a voz para se fazer ouvir.

— Podemos lutar por horas e ao final um dos dois sairá vitorioso e o outro morto, mas acredito que, antes disso,

deveria saber algo. Eu não tenho lady Chloe. Não fui eu quem a levou.

Cedric, aproveitando a desvantagem que tinha presenteado ao baixar suas defesas, lançou-se contra ele, para acertar-lhe uma estocada direto ao coração. Entretanto, ao escutar aquelas palavras, um instante antes que tocasse o peito do outro homem, desviou a trajetória de sua espada e olhou a Damon com incredulidade.

— Então, quem demônios a tem? — perguntou.

Damon sorriu perfidamente antes de responder.

— Pergunte ao bastardo de seu irmão. Pergunte a Gideon.

CAPITULO 29

Quando Chloe despertou sentiu uma forte dor de cabeça que a fez fechar os olhos com brusquidão. No mesmo momento soube que a tinham golpeado para fazê-la perder a consciência. Quando ao final de alguns momentos abriu os olhos novamente, avaliou com atenção o lugar onde estava. Um simples olhar ao redor fez dar-se conta de que estava em uma masmorra. Tinha as mãos atadas nas costas, estava com frio e, sobretudo estava morta de medo. A última coisa que se lembrava era da proposta de Gideon, tinha saído para passear a cavalo com ele depois de terem percorrido a pé os exteriores do castelo. Tinha entrado em uma frondosa alameda e, depois de chegar a beira de uma lagoa natural, tinham desmontado de seus cavalos para caminhar pela área. Tinha estado falando de Cedric até que, em um dado momento, quando lhe deu as costas para observar com interesse as plácidas águas daquela pequena lagoa, algo a golpeou por trás.

Tinha sido Gideon quem a tinha agredido? Mas, por quê?

Naquele preciso momento, a porta da cela se abriu e por ela entrou Gideon. Seu semblante já não mostrava a atitude amável e risonha que ela tinha visto desde que o conheceu. Não

era o mesmo; agora sua expressão era fria e cruel, seus olhos e sua boca se fechavam em uma, linha dura e fina que demonstrava um ódio enorme.

— Porque me sequestrou? Que pretende conseguir com isto?

Gideon que segurava uma adaga entre as mãos, sorriu maliciosamente.

— Surpresa, verdade? Suponho que Cedric ficará da mesma forma quando souber, se é que chegará a saber.

— Não entendo...

— Não se preocupe. Antes de morrer, saberá. Todos saberão. Já estou farto de seguir com este teatro, assim devo colocar um ponto final nessa história.

Chloe o olhou sem compreender, assim que Gideon se dispôs a explicar seus motivos.

— Desde que nasci, tenho sido o último em tudo — comentou com rancor — o menor, a quem tinham que proteger, embora pouco importasse que não ficasse nada... a partir de agora, isso mudará.

— Sigo sem entender ao que se refere...

— Meus irmãos sempre tiveram tudo que desejaram: poder, riqueza, títulos... entretanto eu, ao ser o caçula, estava condenado a ficar sem nada. De um lado, Andrew: ao ser o primogênito, seu destino era herdar o condado de nosso pai, tal como ocorreu depois de sua morte. E logo, Cedric. Nossa Mae, a segunda esposa de meu pai, era filha única, a última descendente direta de um lorde da Escócia. Claro, Andrew não poderia ser seu herdeiro, dado que não era seu filho, assim que

o título e as posses passariam a Cedric. Entretanto, para mim não tinha nada. À medida que crescia, fui me dando conta de que eles seriam poderosos e eu sempre estaria em sua sombra, pelo que meu ódio aumentou de forma considerável. Sempre me trataram como um estúpido, o irmão menor que teriam que cuidar porque não poderia valer-se por si mesmo. Mas eu não queria sua lástima, nem suas migalhas: eu queria tudo. E ao final poderei ter. Já acabei com a vida de Andrew e agora farei o mesmo com Cedric.

— Você... como você pode matar seu irmão? Não morreu na prisão?

— Bom, tecnicamente não o matei, mas fui o promotor de sua morte. Tudo foi orquestrado por mim para chegar até aqui. E é onde você entra em cena.

— Eu? Que tenho eu a ver com tudo isto? Espera...

— Sim, lady Chloe, é o que está pensando. Tinha que fazê-lo de tal modo que ninguém me relacionasse com sua morte, assim que vi a chance quando, faz pouco mais de um ano, reencontrei-me na Inglaterra com um velho conhecido: lorde Damon Whitney. Explicou-me que seu irmão menor iria se casar com uma completa desconhecida, você, e seu temor de que fosse perigosa o fez aliar-se comigo. Damon odiava Andrew tanto como eu, não podia esquecer que, por sua culpa, tinha perdido a mulher com quem iria se casar e nunca perdoaria a humilhação pública a que isto o condenou. Simplesmente, aproveitei-me desse profundo ressentimento para levar a cabo meus planos. Propus-me fazê-la desaparecer e, em troca, ele me ajudaria a acabar com meus irmãos. Assim nós dois

sairíamos ganhando. De minha parte, eu me encarregaria do assalto a Lentonhouse, faria de tal forma que parecesse um ataque para roubar e, entretanto, faria desaparecer a Andrew. Especifiquei que o deixassem machucado porque queria matá-lo com minhas próprias mãos. Logo a sequestraria e deixaria uma pista para que Cedric a relacionasse com meu irmão maior.

— O anel... — murmurou Chloe.

— De fato. Sabia que Cedric acudiria a Lentonhouse quando o avisassem da tragédia. Minha ideia era entregá-la a ele para que fizesse a ligação e assim ocorreu. Pensei que meu plano era perfeito, que Cedric acreditaria que você estava envolvida e se vingaria, até a mataria ou pediria um resgate e se desataria uma guerra. Aí é onde entraria Damon. Como deve saber, o exército do conde de Berwick é o mais poderoso da Inglaterra, assim que, quando lorde Lambert Whitney soubesse que estava sob o poder de meu irmão, ou que tinha sido morta por sua causa, não duvidaria em clamar vingança. E Damon o convenceria a atacar com todo seu exército. Embora Cedric tenha seu próprio exército, não poderia contra essa força armada. Claro, Damon se comprometeu a matá-lo durante a luta. Assim me recompensaria por meus serviços e, morto meus dois irmãos, eu passaria a ser o herdeiro de todos os seus bens e títulos.

— Mas não saiu como você pensava...

— Não, tudo se torceu. Alguns foragidos contratados por mim estiveram seguindo seus passos desde então, mas não puderam capturá-la já que, desde que se anunciou seu

compromisso, jamais a deixaram sozinha. Ainda assim, Damon e eu decidimos não cessar nosso empenho porque cedo ou tarde, teria que sair do castelo sem companhia.

— Entretanto, chegou o dia de seu casamento e, como isso não tinha acontecido, quando vimos que você e seu flamejante esposo se afastavam para o bosque, decidimos não perder mais tempo e levamos a cabo seu sequestro. Foi muito precipitado, meus homens atacaram sem pensar. Embora a princípio não estivesse previsto mais que raptá-los, mas a esses incompetentes não ficou mais remédio que matar a lorde Davie.

— Meu Deus! — exclamou Chloe, tampando o rosto com uma mão.

— Horas depois, quando soube do que tinha acontecido com lorde Davie, soube com certeza que tinha perdido o apoio de Damon. Ele queria a seu irmão e sabia que eu era o responsável por sua morte. Apesar do contratempo, continuei com meus planos, embora ligeiramente modificado. Aproveitei que tinha Andrew machucado e o coloquei junto ao cadáver de seu esposo, para que assim parecesse que tinha sido ele quem o assassinou. Inclusive me dei ao luxo de pagar a um vagabundo que atuou como suposta testemunha dos fatos, incriminando com um falso testemunho contra ele. Deste modo se desataria a guerra, além de que meu irmão morreria, se não por suas graves feridas, porque os Whitney o matariam. Não ocorreu exatamente assim, morreu na prisão, mas o resultado foi o mesmo.

— Mas... se Damon sabia, porque não contou a verdade?

— Tem razão. Poderia ter falado e desbaratar por completo

meu plano, mas eu o conheço e soube que não diria nada. Afinal, Damon é um homem de honra e a vergonha pelo que tinha feito o deteria na hora de contar tudo. Se ele tivesse confessado sua aliança comigo, lorde Lambert o teria acusado de ser cúmplice involuntário no assassinato de seu irmão. Isso não podia permitir sob nenhum conceito, já que a culpa, somada ao desprezo de seu pai, não o deixariam viver. Entretanto, também sabia que ele não deixaria passar sem mais a morte de lorde Davie. Estava certo de que não pararia até dar comigo e fazer-me pagar. Por este motivo, tenho estado este último ano de um lado para o outro, tentando não levantar suspeitas em Cedric. Tinha Damon constantemente vigiado, controlava todos os seus passos e, quando sabia que ele estava próximo, mudava de lugar. Quando soube que se aproximava de Dundee, este pequeno castelo de propriedade de minha família materna, onde eu estou esperando qualquer notícia de Cedric, decidi regressar a Lentonhouse. Além disso, veria com meus próprios olhos o que tinha acontecido para que meu irmão não desse a conhecer sua captura. Estive ali alguns meses e foi então que a conheci em pessoa e pude comprovar que meus planos tinham voltado a falhar. Ninguém exceto Damon sabia que estava em Lentonhouse, assim que preferi não fazer nada até que chegasse o momento propício. Então, como não pude convencer Cedric de que a libertasse e você mesma desse a voz de alarme, aproveitei um descuido e propicieei sua fuga.

— Você me deixou escapar... — A mulher estava admirada.

— Claro. Acredita mesmo que se tivesse querido, não lhe

teria dado alcance? Quando me afastei para falar com um de meus homens, e não com um dos meus irmãos tais e como lhe disse, o fiz com a intenção de que se veria sozinha e tentasse sua fuga. E naquele momento não me desapontou. Você fez isso depois, quando passaram os dias e ninguém veio pedir responsabilidade a Cedric por seu cárcere. Porque não disse onde esteve todo este tempo? — perguntou Gideon com interesse.

Chloe ficou calada. Ela sabia por que o tinha feito. No fundo de seu coração já amava Cedric e, embora estivesse muito assustada, não queria ser a responsável por desatar uma guerra.

— Desde então não pude fazer mais nada, — prosseguiu Gideon — simplesmente tenho me dedicado a me esquivar de Damon e deixando acalmar as águas, embora minha paciência tenha limites. Entretanto, quando faz uns dias fui visitar meu irmão, não podia nem imaginar que estivesse próxima. Ontem, ao vê-la em Foss, fui incapaz de ocultar minha surpresa. Observei que Cedric tinha se apaixonado por você, assim que executei minha última e desesperada cartada. Golpeei-a e a escondi entre os arbustos, depois me feri e disse a meu irmão que Damon a tinha levado de volta a Inglaterra, que eu lutei para impedi-lo, mas que foi impossível detê-lo. Agora com sorte, ele irá buscar Damon e se matarão entre si. Mas, se isso não acontecer, qualquer um que vença atará os cabos e virá aqui, em Dundee, seja Cedric para buscá-la ou Damon para buscar a mim. E se algum dos dois aparecer aqui neste lugar, cairá em uma emboscada e por fim poderei ser dono de tudo.

— Isso é muito torcido... — Chloe, escandalizada, sentiu uma onda de repugnância — mas não pensou em um pequeno detalhe. Como está tão seguro de que Cedric virá me buscar, arriscando um enfrentamento com seu próprio irmão? Eu não lhe importo um nada.

— Nisso está equivocada. Cedric a ama e nos deixará que parta. Sempre foi muito possessivo com tudo que lhe pertence. Jamais permitirá que se afaste dele. Além disso, sei que foi buscá-lo. Como imaginava, quando disse que Damon a tinha sequestrado, entrou em cólera e partiu imediatamente para a Inglaterra. Agora só nos resta esperar. Pelo que venha, de uma forma ou de outra, ele morrerá e eu serei o único herdeiro.

Chloe, embora estivesse assustada, sentiu uma volta no coração ao ouvir da boca de Gideon que Cedric a amava. Ainda assim, tentou que ele não desse conta de sua reação.

— Sinto muito, Gideon, mas está muito equivocado. Se Cedric morrer, você não será o único herdeiro.

— Que quer dizer? A quem se refere? — seu rosto se transformou em uma máscara de maldade.

— A meu filho. O filho de Cedric. Nosso filho.

— mas...

— Você não é o único que guarda segredos. Meu filho não morreu. Ontem enganei Cedric porque temia que lhe tirasse de mim, mas o menino está em boas mãos que sabem de quem é filho. Ainda que mate a mim também, a verdade sairá à luz.

— Não esteja tão segura. Acabar com a vida de uma criança não é tão difícil, sobre tudo se não tem quem o proteja. Tenho intenção de fazer isso com o bastardo de Leah, já que

não posso me arriscar que ocupe o lugar de Andrew. Outra morte a mais em minhas costas não será nenhum inconveniente.

— Está doente... como pode ter tanto ódio em seu coração? Como pode fazer isto a sua própria família? — perguntou Chloe antes que Gideon abandonasse aquela masmorra com um deslumbrante sorriso no rosto.

Cedric não conseguia acreditar que isto estava realmente acontecendo. Seu irmão pequeno... Gideon... era o responsável por aquela barbárie: o assalto a Lentonhouse e o que tinha acontecido a Andrew, o assassinato de lorde Davie Whitney, o sequestro de Chloe... Chloe, a quem culpou por muito tempo sem razão. Tinha que encontrá-la fosse como fosse e suplicar um milhão de perdões por todo o dano que causou “Deus meu — disse a si mesmo — o que Gideon fez com ela?”.

No início, quando Damon terminou de contar tudo, não lhe deu crédito a suas palavras. Era incapaz de acreditar nessa canalhice, embora no final tivesse que reconhecer que a história era bastante plausível. Além disso, se não fosse certa, porque teria se autointitulado cúmplice de Gideon?

Agora Cedric encontrava-se em uma situação complexa. Acabara de chegar a Kinlochdone, mas seus homens lhe tinham informado de que na tarde anterior Gideon tinha partido rumo a Dundee. Não tinha dado nenhum tipo de explicação, simplesmente pegou um cavalo e partiu. Mas então, onde estava Chloe? Por um lado, desejava ir imediatamente buscá-la, mas não podia se esquecer de Andrew. Seu irmão merecia saber a verdade o quanto antes. Tinha permanecido

escondido durante mais de um ano, sem poder aparecer próximo a suas terras, pois todos o acreditavam morto. Se esperasse mais tempo para lhe dizer, Andrew não o perdoaria.

Depois de pensar com muita atenção, deixando Beats a cargo de um moço do estábulo e montando um cavalo descansado, Cedric tomou uma decisão. O lugar onde Andrew estava escondido era caminho para onde ele deveria partir, assim que não seria necessário se desviar. Iria procurá-lo, explicaria tudo e depois partiria a galope até Dundee. Se galopasse forte, em pouco mais de três horas chegaria ali.

Quando chegou a pequena cabana que servia como esconderijo a seu irmão, situado a poucas milhas do castelo de Kinlochdone, parou seu cavalo e inspecionou a área. Ao que parecia, Andrew estava em casa, pois seu cavalo de cor parda estava amarrado na parte traseira e da chaminé saíam pequenas marcas de fumaça.

— Andrew? Está em casa? Sou eu Cedric. — gritou quando estava desmontando.

Assim que parou a frente da porta, antes mesmo de bater esta se abriu de repente.

— Cedric, meu irmão... quanto tempo sem te ver! — ambos se fundiram em um caloroso abraço e depois Andrew se separou — Parece que tínhamos um acordo, agora mesmo ia...

— Espera, — interrompeu Cedric — tenho que te dizer algo muito importante. Já sei quem está por trás de tudo. Não precisa mais se esconder. Agora mesmo poderá voltar a Lentonhouse, junto a Leah.

— Como? Está falando sério? — aquelas eram as melhores

notícias que tinha ouvido em um longo tempo. Aquele inferno tinha chegado a seu fim. Depois de ficar escondido mais de um ano, poderia enfim regressar a Inglaterra. A seu lugar, junto a sua esposa. Porém, antes tinha que saber quem tinha sido o culpado por toda aquela agonia. Precisava saber.

— Quem foi o responsável, Cedric? Como conseguiu descobrir?

Cedric não tinha imaginado como isso seria difícil. Reconhecer que seu próprio irmão, seu próprio sangue, tinha-os traído e tinha sido o causador de tanto sofrimento... as palavras ficaram presas na garganta.

— Por Deus, fale logo! — exclamou Andrew com impaciência.

— Foi Gideon, nosso irmão. — concluiu Cedric.

— Gideon? — perguntou Andrew incrédulo — Eu não entendo... tem certeza? — um simples olhar ao rosto desolado de Cedric lhe deu a resposta — Mas... por quê?

Cedric explicou com poucas palavras. Aquele não era o momento certo para falar dos pormenores. Precisava buscar sua esposa. Não sabia o porquê, mas intuía que devia chegar o quanto antes a Dundee. Entretanto, à medida que ia relatando os detalhes mais importantes, Andrew não deixou de fazer perguntas e mais perguntas. Como Cedric tinha temido, assim como aconteceu com ele quando Damon contou, no início, Andrew não acreditou na história, mas pouco a pouco foi assimilando o fato de que seu próprio irmão se tinha voltado contra eles. A alegria inicial de saber que poderia voltar para casa, para sua esposa de quem tanto sentia saudade, foi se

diluindo quando percebeu a magnitude daquela revelação.

Tinha chegado a hora da verdade. Desde que o enviara aquela cabana, fazia mais de um ano, só tinha ido visitá-lo uma única vez, quando Chloe escapou de Lentonhouse. Naquela ocasião, como era lógico, Andrew lhe tinha perguntado por Leah e, Cedric ocultou sua gravidez e as dúvidas que ela tinha sobre a paternidade de seu filho. Se tivesse chegado a contar, ninguém teria evitado que seu irmão voltasse imediatamente a suas terras, desbaratando todos os planos. Mas não podia perder mais tempo. Tinha que dizer agora, antes de partir para Dundee e antes que Andrew descobrisse por si mesmo.

— Andrew, devo lhe dizer uma última coisa. É referente à Leah...

— Leah? O que aconteceu? Ela está bem?

Tal e como Cedric imaginou, quando explicou que Leah tinha dado a luz a uma menina, seu irmão ficou muito irritado. Estava tão bravo com seu irmão por ter lhe ocultado aquilo que só faltou lhe bater. Depois, a fúria de Andrew deu passo a desolação e a raiva quando soube da brutal agressão que ela tinha sofrido naquela horripilante noite.

— Meu Deus, minha doce Leah...

Cedric lhe disse que ela tinha se recuperado bem da agressão, mas estava desesperada porque sempre ficaria a dúvida sobre a paternidade de seu filho. Pediu a Andrew que fosse delicado com ela quando a visse e este o olhou como se estivesse maluco.

— Mas o que está dizendo? Sério que pensa que posso

culpá-la pelo ocorrido? — seu semblante expressou o horror que produziam as palavras de Cedric — Acredita que vou mudar o profundo amor que sinto por ela? Leah foi uma vítima inocente daqueles bastardos imundos, por todos os infernos! Aceitarei a menina como minha filha, embora nunca saiba realmente se sou seu pai. Não só amo Leah, mas sim amo tudo que ela ama. Saber que é sua filha, um pedaço de seu ser, é o suficiente para mim. — respondeu com convicção.

Aquela resposta tão sincera tranquilizou Cedric. Temia que Andrew, ao saber do que tinha acontecido, repudiasse sua mulher, e que Leah não merecia sofrer.

Agora que tudo estava esclarecido, não ficava mais que ir buscar sua própria esposa.

— Irmão, já não posso mais perder tempo, — disse Cedric enquanto colocava suas mãos sobre os ombros de Andrew e os apertava com cordialidade — Gideon tem minha esposa e vou a Dundee agora mesmo.

— Sua esposa? — Andrew estava realmente confuso — Quando se casou? Quem é ela? Quantas coisas mais está me escondendo? — recriminou — Cedric...

— Agora não posso explicar. — respondeu Cedric com pressa. Estava perdendo um valioso tempo ali, enquanto desconhecia o que Gideon poderia ter feito a Chloe naquelas últimas horas. Sem nem mesmo se despedir, deu a volta e caminhou decidido a seu cavalo, deixando Andrew parado junto à porta, atônito pelo que acabara de escutar.

— Espera! — gritou as suas costas quando já estava montando e se dispunha a partir — Vou com você.

Cedric o olhou.

— O que está dizendo? Como virá comigo?

— Preciso que Gideon me de respostas. Não posso ir a Lentonhouse ser ter olhado em sua cara e confirmar por mim mesmo todo o ódio que carrega contra nós. Além disso, não é conveniente que vá sozinho. Se estiver certo o que me disse dele, deve estar te esperando com uma armadilha pronta.

— Acredita nisso? Não tinha pensado nessa possibilidade. Por isso vou sozinho, sem a companhia de nenhum de meus homens. Andrew, embora Gideon nos tenha traído, é nosso irmão. Não quero nenhuma briga e, que no meio disso saía ferido. Nem ele, nem minha esposa.

— Ainda assim, penso em te acompanhar. Isso precisa terminar de uma vez por todas. — respondeu Andrew com determinação.

Cedric e Andrew cavalgaram sem descanso, tão rápido quanto seus cavalos permitiram, até que chegaram a poucas milhas de Dundee. Acabavam de deixar para trás a aldeia de Campmuir e nesse momento atravessavam os bosques de Sidlaw. Tinham reduzido a marcha porque esse era o lugar ideal para fazer uma emboscada, algo que ambos temiam que Gideon tivesse planejado. Não queriam se arriscar e colocaram os cavalos a passo lento, prestando atenção a qualquer ruído estranho que se ouvisse ao redor. Uma milha depois, em uma área especialmente densa, cheia de arbustos espinhosos que cobriam boa parte dos limites do caminho, descobriram que suas suspeitas tinham fundamento.

Cedric sabia que o caminho estreito bifurcava em duas

partes, mas o cruzamento que formavam ambos os caminhos ficavam oculto atrás de uma curva fechada. Ao girar seus cavalos para tomar a rota que os levaria até Dundee, ficaram frente a uma cena que, imediatamente os fez segurar com força as rédeas dos animais. Eles se olharam mutuamente com expressões sérias de incredulidade, mas não emitiram uma só palavra.

Ali tinha acontecido um massacre. A poucos metros de onde estavam, os corpos de uma vintena de homens, todos eles vestido com roupas esfarrapadas, permaneciam caídos ao solo em posição antinatural. Não cabia dúvida de que estavam mortos e, a julgar pelo sangue que ainda brotava das horrendas feridas, aquele ataque tinha acontecido há muito pouco tempo.

Cedric aproximou seu cavalo até o lugar onde estavam dois cadáveres para inspecionar a região com mais atenção. Fez uma careta de nojo quando percebeu que as patas de seu animal pisavam, sem poder evitar, os charcos formados pelo espesso e abundante líquido vermelho que minutos antes tinha saído das veias daquelas pessoas. Tudo indicava que ali tinha sido feita uma emboscada, mas tinha um detalhe concreto que chamava muito a atenção. As vítimas não tinha pinta de assaltados, muito pelo contrário: pareciam os assaltantes. Quem em sã consciência, planejaria um ataque contra um punhado de homens mau vestidos? Saltava a vista que não eram ricos. Até suas armas, simples adagas e machados elaborados de modo rudimentar, evidenciavam suas suposições.

Depois de um breve e exaustivo exame pelos arredores, Cedric descobriu várias pegadas recente atrás dos arbustos, que poderiam ser desses homens. Para piorar a situação, a terra do caminho aparecia marcada pelas patas de um bom número de cavalos. E seu destino era sem dúvida Dundee.

Aquilo não tinha sentido.

Já era noite quando Chloe ouviu movimento fora do castelo. De um salto, levantou-se do chão frio da masmorra e levantou o rosto para o pequeno buraco que se comunicava com o exterior. Agarrando com força os oxidados barrotes que impossibilitavam uma fuga pelo buraco feito na pedra arenosa e vermelha, impulsionou para cima seu corpo, mas não conseguiu ver nada. Espessas nuvens que ameaçavam com uma tormenta, tinham coberto todo o céu e a luz da lua, a única coisa que poderia iluminar aquela noite tão escura, brilhava por sua ausência.

Ao que parecia, neste momento estava sendo travada uma luta do outro lado dos muros. Ouvia com clareza os gritos de agonia e o retumbar do que, com certeza, eram cascos de vários cavalos. Aqueles barulhos conseguiram que lhe arrepiasse os pelos da nuca, mas ficou ainda mais nervosa quando a porta de sua cela se abriu e por ela entrou Gideon, portando em suas mãos uma pistola.

— Vamos, levante-se, — ordenou — chegou a hora.

— Cedric está aqui? — perguntou Chloe com medo.

— Não sei. Quando ouvi que chegavam vários homens a cavalo, desci para buscá-la. Ainda que esteja quase certo de que seja meu irmão. O que não consigo entender é como pode

evitar a emboscada que tinha preparado no bosque.

— Não penso deixar que me use para levar a cabo seus propósitos. — respondeu ela desafiante — Não vou com você a nenhum lugar.

— Agora vai ser valente? Que honorável de sua parte! — respondeu Gideon com fingida ingenuidade — Dá-me igual o que diga, virá comigo por bem ou por mal. — acrescentou em um tom macabro.

Dito isto, agarrou-a cruelmente pelo braço e a puxou com brusquidão. Chloe fez todo o possível para não se mover de onde estava, firmando os calcanhares no chão, mas Gideon a arrastou sem piedade até que conseguiu tirá-la da cela.

Homem e mulher saíram em uma câmara em forma hexagonal, de teto abobado. Cinco das seis paredes tinham uma porta pequena que dava entrada a cada uma das celas da masmorra, enquanto do outro lado era um buraco por aonde chegava às escadas.

Entretanto, para surpresa e confusão de Chloe, Gideon parou no meio da sala e, com forte puxão, trouxe-a para seu peito enquanto colocava o cano da pistola próximo a seu corpo.

— Vamos esperar aqui; quem quer que seja que tenha vindo, não demorará a descer. Prefiro matá-lo aqui embaixo, sem testemunhas que possam me incriminar. Depois, chegará sua vez. — como Chloe forçou para se libertar, Gideon cravou o cano da pistola em suas costas até provocar uma tremenda dor. Depois sussurrou ameaçador em seu ouvido — Fique quietinha. A arma esta carregada e o pavio aceso. Não quer que meu dedo aperte o gatilho antes do tempo, verdade?

— Não poderá sair com a sua, — atreveu-se a dizer ela — se conseguiram chegar até o castelo, passando pela emboscada do bosque, acredita que somente você será capaz de acabar com todos eles?

— Outra vez esta equivocada. Tanto se for Damon que veio como se for Cedric, ambos iram descer sozinhos. Damon não deseja mais que enfrentar-se comigo cara a cara, sem mais ajuda que sua própria espada, enquanto que meu irmão, pelo contrário, a última coisa que quer é lutar contra mim. Afinal, somos do mesmo sangue; por muito que eu tenha feito contra ele, sei com certeza que ele jamais me mataria. Seu ridículo senso de honra e lealdade a família o impediria. Além disso, tenho você. É a isca perfeita para que Cedric caísse na armadilha.

Nem bem tinha dito isso, escutaram enérgicas passadas no piso de cima. As masmorras estavam na parte mais baixa da torre principal e a elas se tinha acesso através de uma desgastada escada, lavrada na mesma pedra que compunham os grossos muros das paredes. Depois de intermináveis segundos de angustiosa espera para Chloe e exultante antecipação para Gideon, viram aparecer uma silhueta pelo vão da escada.

— Cedric, não... !

— Chloe, — o homem respirou, claramente aliviado, ao comprovar que sua esposa seguia viva. Entretanto, seu rosto ficou escuro quando viu Gideon apontando uma arma — afaste-se dela, — disse com uma voz suave e tranquila — será melhor que a solte e falemos com tranquilidade. Não deveria...

— Estou farto que me diga o que tenho que fazer. Nunca mais voltará a me dar ordens.

— Gideon, por favor...

Cedric soltou a espada que levava presa a cintura e esta caiu esquecida no chão, gerando um barulho quando metal chocou-se contra a pedra. Depois, com extrema lentidão, foi se aproximando de seu irmão enquanto levantava as mãos em sinal evidente de rendição. Sob nenhum conceito faria algo que colocasse em perigo a vida de Chloe.

— Gideon, precisa me escutar...

Seus olhos estavam fixos em seu irmão. Todos seus sentidos estavam concentrados nele, em cada um de seus gestos. Qualquer movimento em falso de sua parte poderia gerar uma reação completamente inesperada e impulsiva de Gideon e isso era o último que desejava. Porém, tinha que fazê-lo entrar em razão antes que fosse muito tarde.

— Cedric, não tenho nenhuma intenção de te escutar. A única coisa que desejo é acabar de uma vez e que tudo seja meu. E desta vez não vou cometer erros. Ninguém ficará em meu caminho. Depois de matar aos dois, farei o mesmo com seu filho.

— Meu filho? — perguntou Cedric sem entender.

— Lady Chloe ainda não te disse? Que interessante! — a maquiavélica gargalhada que soltou de repente, retumbou nas paredes frias de forma sinistra — Seu filho está vivo, estúpido! Ela mesma me confessou esta manhã, que lhe tinha ocultado sua existência. Porque será?

Cedric olhou para Chloe, esperando uma resposta.

Quando viu a vergonha refletida nos olhos da mulher, esqueceu-se de tudo, centrado somente na fúria que aflorava de seu interior com uma intensidade brutal. A dor que sentiu ao descobrir aquela última mentira por parte de sua esposa o golpeou de tal modo que ficou completamente imóvel, incapaz de mover um só músculo.

Gideon aproveitou esse momento de vacilação para separar a arma do corpo de Chloe e apontar para Cedric. Não pensou duas vezes e disparou, mas Chloe atuou com rapidez e se lançou sobre ele, empurrando-o o suficiente para que errasse o tiro. Muito irado por sua intromissão, Gideon agarrou Chloe pelos ombros e a lançou com brutalidade para o lado, fazendo que golpeasse as costas contra uma das portas. Em seguida, desembainhou sua espada e se lançou sobre Cedric com a intenção de acertar uma mortal estocada. Ele tentou afastar-se, embora não pode evitar receber um ligeiro corte nas costelas.

— Cedric, não! — gritou Chloe.

Gideon investiu para acabar com ele com um frio sorriso nos lábios, mas, no último instante, Chloe se interpôs em seu caminho. A espada, que ia dirigida ao coração de Cedric, afundou limpamente no ombro da mulher. Ele estendeu seus braços para segurá-la e evitar que caísse ao chão. Confuso, depois de trazê-la a seu peito, seus olhos produziam puro terror ao ver o alcance da ferida.

— Meu Deus, Chloe!

Gideon riu com prazer ao ver aquela cena tão terna, mas seu sorriso ficou congelado na cara quando, vindo de uma das

celas, ouviu-se uma escura oração.

— ... e, graças a seus atos, receberá justa penitência quem traiu o seu próprio sangue...

— Cale-se bruxa! — gritou Gideon.

— Então, o que tinha ido voltará de entre os mortos para evitar que se cometa tão vil crime. E ele que traiu seu próprio sangue, arderá no inferno.

— Cailleach, vaca velha, já disse para se calar! Tinha que ter acabado contigo assim que soube que estava aqui e não tinha morrido no incêndio. Você será a seguinte em morrer!

Nervoso e impaciente, desejoso de acabar com o que tinha começado, Gideon voltou a levantar a espada para seu objetivo original. Tinha esperado muito tempo, demais, mas afinal seria dono de tudo. Agora ninguém podia impedi-lo. Estava a ponto de baixar a arma e cravá-la em Cedric até atravessá-lo, quando naquele momento ouviu uma voz potente a suas costas que o deixou paralisado.

— Gideon, pare.

Era uma voz que vinha do inferno. Não era possível. Lentamente, deu-se a volta para encontrar-se com o rosto de Andrew, um rosto que estava bem morto e enterrado.

Gideon empalideceu. Aquela velha bruxa, com seus poderes de druida, tinha evocado o espírito de seu irmão e agora vinha por ele. Gideon era capaz de lutar contra os vivos, mas não contra os mortos, assim fez a única coisa que conseguiu; correu escadas acima, fugindo daquela aparição como alma que leva o diabo.

Andrew tentou detê-lo, mas ele evitou qualquer contato

com aquele espectro surgido do nada. Perdeu-se na escuridão das escadas em uma velocidade surpreendente, tão rápido que seu irmão mais velho não achou nem rastro dele quando chegou ao exterior da torre. Nesse instante, Andrew soube com pesar que Gideon fosse encontrar-se com sua própria morte e ele não podia fazer nada para evitar.

Com os ombros caídos em gesto de derrota, abaixou a cabeça e suspirou profundamente, expressando uma mescla de tristeza e resignação. Depois deu a volta e, com passo decidido, pegou novamente o caminho para baixo, nas masmorras. Ao chegar à câmara, encontrou Cedric de joelhos, com a pele lívida e a camisa empapada em sangue, enquanto embalava docemente uma mulher entre seus braços. Inclinou-se a seu lado para inspecionar a ferida que Gideon tinha feito, mas seu irmão o afastou com um gesto brusco e não deixou que a tocasse.

— Agora não, Andrew... agora não. Está morrendo, se morrer... — Murmurou com a voz cheia de dor.

Andrew desviou a vista para o pequeno corpo que Cedric segurava de uma forma tão protetora. Nesse instante, de sua garganta brotou uma profunda exclamação ao reconhecer o rosto daquela mulher.

— Chloe!

No meio da neblina que o cegava, Cedric olhou seu irmão sem compreender.

— Conhece-a?

— sim... o meu Deus, sim!

De repente, ela abriu os olhos. Parecia que tinha o olhar

perdido, mas seus lábios formaram um terno sorriso quando identificou ao homem que acabara de chegar. Estendeu os braços para ele e de sua boca saiu um débil murmúrio.

— Jonas,... Jonas, leve Cedric até seu filho. Diga-lhe onde está Sean. — balbuciou momentos antes de fechar os olhos e sumir na inconsciência.

CAPITULO 30

Foi necessário a ajuda de Cailleach para conseguir que Cedric reagisse. O homem apertava Chloe contra seu peito com tanta força que Andrew foi incapaz de separá-lo dela, por mais que insistisse que deviam fazer alguma coisa o quanto antes. De sua cela, a anciã falou sem parar a seu neto mais velho para que a libertasse, assim que Andrew levantou-se de um salto e olhou pela câmara em busca das chaves. Não demorou em encontrá-las, na parede situada junto ao espaço das escadas, presa em uma argola, tinha um molho de chaves que, com certeza, pertenceriam as diferentes portas das celas. Quando abriu a porta, Cailleach passou a seu lado a uma velocidade surpreendente para uma pessoa de sua idade e foi diretamente a Cedric.

— Moço, afaste-se e me deixe ver a ferida. — ordenou com voz autoritária.

— Avó, não... — se Cedric estava surpreso por ver sua avó com vida, não o demonstrou em absoluto. Naquele momento, seus únicos pensamentos estavam dirigidos à mulher que jazia inconsciente em seu colo. Sua mulher.

— Disse que me deixe. Acaso quer que sangre até a morte

entre seus braços? Agora não podemos perder tempo com sensibilidades. Ainda está viva, mas se não fizermos algo imediatamente, sua esposa morrerá.

Cedric, por fim reagiu. Separou com cuidado o corpo de Chloe de seu peito, o suficiente para que a anciã pudesse com mão firme, retirar o tecido ensanguentado que cobria o ombro da mulher e visse o alcance da ferida. Cailleach não fez um exame demorado. Depois de observar o profundo talho aberto junto à clavícula, pediu a Andrew que tirasse sua camisa e rasgasse em tiras. A primeira coisa era deter a hemorragia.

Depois de fazer uma vendagem improvisada, informou a seus dois netos que aquele não era um bom lugar para continuar com os cuidados que a jovem precisava com urgência. Tinham que levá-la a um lugar onde pudesse ficar cômoda e intuiu que este castelo não estava preparado para isso. Embora não estivesse de todo abandonado, dado que ali ainda viviam alguns servos, poucas eram as vezes que alguém da família Duncan fazia uso de suas instalações, assim que as habitações dos senhores não estariam em boas condições para uma visita prolongada.

— Vamos levá-la a Kinlochdone, — sugeriu Andrew — ali será bem atendida.

— Eu acredito que essa é a melhor solução. — afirmou Cailleach.

Cedric olhou seu irmão e sua avó com a dúvida refletida em seu rosto. Seria muito perigoso mover Chloe nesse estado, era um grande risco que ele não estava disposto a correr.

A viagem até o castelo seria longa e penosa e não sabia se

sua esposa poderia suportá-lo. Entretanto, a anciã insistiu que ali não poderia fazer nada por ela. Se quisessem salvar-lhe a vida, não ficava outra opção.

Embora Cedric tivesse uma ferida nas costelas, não permitiu que Andrew carregasse Chloe. Teve-a entre seus braços o tempo todo, desde que saíram das masmorras até que esteve preparada a carroça que os levaria para Kinlochdone. Era muito estranho, que ao subirem as escadas da torre principal, não tivesse movimento no exterior. Momentos antes, quando eles tinham descido em busca de Chloe, aquilo tinha estado uma verdadeira batalha campal.

Descobriram a razão ao abandonarem o lugar. Nas portas do castelo, jogadas sobre o chão de terra, estava o corpo sem vida de Gideon. Tinha uma ferida de espada que o tinha atravessado limpamente no coração e seus olhos abertos, vazios e apagados, expressavam um gesto de puro terror, o mesmo que mostrou quando esteve frente a frente com Andrew na câmara das masmorras. Finalmente, Damon tinha se encontrado com ele e havia cumprido sua vingança.

Cedric e Andrew souberam que os soldados da emboscada feita no bosque eram homens do conde de Berwick quando chegaram ao castelo de Dundee. Na noite anterior, depois que Cedric tivesse lutado contra Damon e este último contasse toda a verdade, o homem tinha deixado a Inglaterra sem pensar que talvez seu oponente o seguisse até a Escócia. Assim tinha sido, o tempo que perdeu Cedric em informar Andrew tinha bastado para que o exército encabeçado por lorde Damon Whitney tirasse vantagem suficiente para chegar até Dundee antes que

eles. Tinham evitado que Damon chegasse até seu irmão, mas quando Gideon fugiu das masmorras, preso do horror de se acreditar diante de uma aparição vinda diretamente do mundo dos mortos, encontrou-se cara a cara com sua própria morte. Tinha tido um final trágico e seus irmãos se lamentaram por não terem feito nada mais por ele.

Andrew, que conduzia a carroça, desceu dela, recolheu o corpo de Gideon e o montou no lombo de seu cavalo, que ia atado na parte traseira. Levá-lo-iam com eles, ao menos lhe dariam uma sepultura digna. Ambos os irmãos olharam ao cadáver com lástima e pena em seus corações, mas Cailleach, que ia junto a Chloe, pendente de seu estado, não se incomodou em olhar nem uma só vez. Para ela, seu neto tinha morrido no mesmo instante em que se voltou contra sua própria família.

O trajeto de volta, que na ida os irmãos tinham feito em escassas três horas, durou mais que um dia. Não podiam ir muito rápido por medo de que Chloe não suportasse a dura viagem, embora Cailleach insistisse que deveriam chegar o quanto antes. Cedric cavalgava em todo o momento ao lado da carroça, observando qualquer mudança, por mínimo que fosse, que pudesse ocorrer em sua esposa. Seu semblante era mortalmente sombrio e foram poucas as ocasiões em que dirigiu palavra a seus outros companheiros de viagem.

Durante todo esse tempo, Chloe não deu nenhum indício de melhora, mas o contrário. Ao final de algumas horas, quando já estavam na metade do caminho, a febre começou a subir de forma alarmante. Tiveram que parar no caminho,

próximo de um riacho, para recolher água para refrescá-la enquanto Cailleach recolhia algumas ervas dos arredores. Entretanto, Chloe em nenhum momento despertou, para consternação de todos.

Por fim, quase dois dias depois de terem saído de Dundee, chegaram ao castelo de Kinlochdone. Cedric não esperou que trouxessem uma maca com a qual levar Chloe para seus aposentos. Assim que atravessaram a ponte levadiça, apeou do cavalo e subiu na carroça, inclusive antes que Andrew parasse de tudo, para tomar em seus braços com muito cuidado, o corpo relaxado de sua esposa. Levou-a acima enquanto Andrew e Cailleach se encarregavam de dar ordens aos serventes e desde então não se moveu de seu lado nem um só instante.

Andrew se encarregaria de ir até Fortingall para avisar Mae sobre o acontecido e a levaria imediatamente ao castelo junto com Sean. Teria que dar muitas explicações, embora não estava seguro de que acreditasse quando contasse todos os detalhes daquela incrível história. Durante todo o trajeto até a cabana, não deixou de pensar, uma e outra vez, a melhor maneira de dizer. Entretanto, depois de muito pensar, concluiu que não tinha nenhum modo fácil de explicar os fatos. Simplesmente lhe diria a verdade e pediria que o acompanhasse até Kinloch Rannoch.

À tarde em que Chloe tinha desaparecido em Foss tinha sido a última vez que Andrew viu Mae. Depois de várias horas de buscas infrutíferas, nas quais foi incapaz de encontrá-la, teve que voltar a Fortingall e confessar à anciã que sua senhora não vinha com ele. Naquele momento lhe tinha prometido que

faria tudo que estivesse em suas mãos para encontrá-la, até mesmo pediria ajuda de seu irmão, um poderoso lorde escocês. Aquilo foi duro, sobre tudo o fato de não poder explicar com detalhes o que faria para tentar localizar Chloe, mas não tanto como na situação que estava a ponto de enfrentar nesse momento. Como diria que tinha achado Chloe, mas que a moça estava às portas da morte?

Mae saiu para recebê-lo com a preocupação estampada no rosto. Levava ao pequeno Sean entre seus braços e tentava apaziguar o insistente choro do menino, que não tinha cessado desde que sua Mae desaparecera alguns dias atrás. Quando escutou a carroça se aproximando da cabana, soube que era Jonas com notícias de Chloe, inclusive com a ajuda de Deus, talvez viesse acompanhado por ela, mas depois de sair ao exterior e observar o semblante sério e retraído do homem, soube no mesmo instante, que algo andava mal. Muito mal.

Mae não acreditou em suas palavras quando lhe disse que não se chamava Jonas Donnachaidh e sim Andrew Lenton. Ficou muito nervosa ao descobrir que era o irmão mais velho de lorde Cedric Lenton, mas em última instância acreditou que ficaria louca quando disse que Chloe estava machucada. Andrew contou tudo que tinha acontecido naqueles últimos dias; como Cedric tinha dado com ela na aldeia de Foss, o motivo pelo qual Gideon tinha sequestrado Chloe e, por último, como tinham tentado acabar com a vida de seu irmão e, também, com a da mulher. Mae fez muito esforço para assimilar toda aquela informação, mas quando o fez, deixou Sean a cargo de seu tio durante alguns momentos e correu até

o interior da cabana em busca de seus escassos pertences e do menino. Ainda que Andrew lhe dissesse que estava sendo bem atendida, a anciã não pode deixar de levar consigo suas ervas e unguentos, apesar dos protestos de Andrew.

Quando recolheu tudo, subiu a carroça, arrebatou o menino dos braços de Andrew para voltar a colocá-lo em seu colo e o instigou a partirem imediatamente para o castelo de Kinlochdone. Tinha que ir junto a sua senhora o quanto antes.

Nunca em toda sua vida Cedric teve tanto medo.

Não tinha se separado do lado de Chloe desde que chegaram ao castelo, mas já tinha passado quatro longos dias desde que Gideon a feriu e não se via nenhuma mudança em seu estado. Dia e noite permanecia sentado a seu lado, segurando sua mão, pendente do mínimo gesto de sua esposa. Entretanto, em todo esse tempo ela não despertou nem um só momento. Sua respiração era muito fraca e entrecortada. E sua pele, cinza e apagada, fazendo aparecer ainda mais seus olhos fundos, rodeados por escuras olheiras de alarmante cor violeta.

Agora sim que acreditava que a perderia para sempre.

A consternação que sentiu quando Chloe desapareceu durante aqueles meses não foi nada em comparação com o tormento que estava vivendo neste momento. Ele, que sempre tinha se considerado um grande lutador, que não caía frente a ninguém, sabia desde o começo que nesta guerra não tinha nada a fazer.

Tinha assistido a infindáveis e cruéis batalhas onde todos os fatos pareciam ser contrários, mas no final, com sua teimosia e grande força, tinha saído vitorioso. Era capaz de

lutar contra o desprezo e ressentimento que ela pudesse chegar a sentir por ele, até mesmo podia lutar contra a separação que Chloe o tinha condenado uma e outra vez, mas não tinha armas suficientes para vencer a própria morte, essa dama gelada que se aproximava das sombras, ao redor daquele leito onde jazia sua esposa. Se Chloe morresse, levaria com ela todas as suas esperanças e seu coração destroçado. Levaria toda sua vida. O destino era muito caprichoso. Tinha querido que, tempos atrás e fruto da casualidade, seus caminhos se encontrassem em um mesmo ponto, embora que naquele momento nenhum dos dois tinha sentido mais que uma forte animosidade e desprezo um com o outro. O longo trajeto que ambos tinham percorrido resultou extremamente difícil e tortuoso, mas afinal tinham conseguido chegar a um entendimento, as portas de um futuro promissor que se abria frente a eles, onde poderiam deixar de lado aqueles maus momentos vividos anteriormente e centrar-se no profundo amor que começava a aflorar em seus corações. Entretanto, tudo tinha trocado naqueles últimos dias.

Cedric estava desolado. Agora via tudo tão claro... agora, quando talvez já fosse muito tarde. Negros pensamentos o aguilhoavam constantemente, espantosas imagens de toda sua vida sem ela, sofrendo uma infinita agonia de ter perdido a mulher a quem, pese a tudo, amava com loucura. Isso não poderia suportar. Ela tinha salvado sua vida ao se interpor entre seu corpo e aquela espada, mas também o tinha arrebatado com esse inesperado gesto que mostrava seu amor e lealdade para com ele. Porque se Chloe morria por sua culpa,

ele não poderia seguir vivendo.

Ao longe, derrubando as barreiras que tinha criado em torno de seu desespero, pode ouvir o inconfundível choro de uma criança. Seu filho.

Assim que chegou ao castelo, Andrew tinha partido imediatamente em busca de Mae. Tinha explicado que antes de voltar a Lentonhouse, junto a sua amada Leah, tinha que fazer uma última coisa por ele. Cedric lhe tinha devolvido a vida, tinha lutado por ele e o tinha ajudado não só a sair da prisão onde o tinham preso, mas também a esconder-se do mundo até que a verdade saísse à luz, essa dolorosa verdade que implicava diretamente seu irmão menor como o responsável por todas as suas penúrias. Agora estava na obrigação de pagar como merecia, e a única forma que poderia retribuir sua inestimável ajuda era recuperar seu filho.

Cedric ainda não podia acreditar que seu irmão mais velho tinha vivido os últimos meses tão próximo de sua esposa e que nenhum dos dois soubesse a verdadeira identidade do outro até alguns dias atrás. Quando Andrew colocou o pequeno Sean entre seus braços, Cedric teve um profundo sentimento de ternura e proteção incondicional. Desde o momento em que o teve frente a si, soube que já o amava com todo seu ser. Era uma parte de Chloe, um presente de incalculável valor que sua esposa tinha lhe dado. Durante longo tempo abraçou seu filho com devoção, aprendendo de memória suas feições e seus gestos, até que Mae, que não tinha saído do lado de sua senhora desde que tinha chegado, informou-lhe que devia levá-lo para dar-lhe de comer.

Tinha que lutar por esta criança, mas não se via com forças se Chloe não estivesse junto dele. Enquanto ouvia no fundo o desconsolado choro de Sean, Cedric tomou as mãos de sua mulher e as levou a seu peito e, enxugando uma lágrima que deslizava por seu triste rosto, murmurou com voz apagada.

— Chloe, não nos abandone... não pode deixar nosso filho sem Mae... não pode me deixar sem você.

— Sean, Sean... !

Cedric ficou alerta no mesmo instante, quando escutou aqueles desgarrados gritos. Um simples olhar para a pele com febril e para os olhos vermelhos e vitrificados de sua esposa indicou que estava delirando. Chloe se agitava entre espasmos nos lençóis revoltos, assim que a recolheu entre seus braços. Tentando transmitir alguma calma, embora ele mesmo estivesse tremendo de pânico. “precisamos ser forte meu amor, precisamos ser fortes... ” repetia uma e outra vez para si mesmo.

Momentos depois, a porta se abriu precipitadamente e por ela entraram Mae e Cailleach. Ambas as mulheres tinham jogado sobre os ombros, de forma descuidada, suas mantas de lã, seus rostos adormecidos refletiam que elas também tinham acordado por conta dos gritos. Desde suas habitações tinham ouvido aqueles lamentos, por isso não duvidaram em aproximar-se correndo para ver o que acontecia.

No início, não puderam fazer nada, dado que Cedric a estreitava com força Chloe contra seu peito. Depois de grande esforço, conseguiram separá-lo dela e assim controlar o estado em que se encontrava. Deitaram-na de novo contra os

travesseiros e, em seguida, Cailleach a tampou com as mantas até o queixo, ao mesmo tempo em que Mae colocava panos molhados em sua testa. Estiveram trabalhando juntas durante um bom momento, sem trocar palavras, mas entendendo a perfeição o que deviam fazer só em olhar o rosto uma da outra. Entretanto, Cedric, desesperado, não deixava de dar voltas por toda a habitação. O desassossego e a agonia ameaçavam deixá-lo louco, visto que se sentia completamente impotente e não sabia o que estava ocorrendo. Jamais tinha rezado, mas esta noite elevou uma sincera e fervorosa prece, nascida desde o mais profundo de seu coração, suplicando a Deus que permitisse mantê-la a seu lado. Não podia perdê-la.

Cedric não sabia dizer se tinham passado somente alguns minutos ou horas, mas finalmente viu com alívio como Chloe repousava tranquila no meio da grande cama. Sua respiração, acelerada e descontínua, pouco a pouco tinha se regularizado até se transformar em suaves ofegos, pausados e erráticos e seu semblante não parecia tão distorcido pelos devastadores efeitos da febre. A asfixiante incerteza que Cedric tinha sofrido durante aquele período angustiante de tempo e o medo de que se desencadeasse um terrível e iminente desenlace se dissipou quando as mulheres o informaram que o pior tinha passado.

Quatro dias atrás, quando chegou ao castelo junto com Sean, Mae quis tomar conta de Chloe de um modo exclusivo, sem precisar de ajuda externa, algo que Cailleach não aceitou nada bem. A avó de Cedric não confiava na capacidade e competência da serva, e qualquer coisa que fazia, por mínima que fosse, colocava-a em dúvida sem nenhum tipo de pudor,

inspecionando o trabalho de Mae com olhos expectantes e incrédulos. Porém, com o passar dos dias, ambas reconheceram que sua atitude não era correta. Nenhuma das duas queria ceder uma parcela de terreno à outra, mas chegaram a um acordo tácito no qual fariam todo o possível para salvar a moça que estava prostrada naquela cama. Essa seria sua prioridade, deixando de lado qualquer animosidade entre ambas.

Depois de sair dos aposentos de Cedric, Mae e Cailleach se olharam durante longo tempo sem dizer nada. As duas assentiram com a cabeça em um gesto de aceitação, e depois, conhecedoras de que as palavras estavam demais, decidiram voltar a seus respectivos quartos.

Mae foi a primeira a dar a volta, mas quando já estava se afastando pelo corredor a profunda voz de Cailleach a parou no meio do caminho.

— Fez bem em dar-lhe de vez em quando uma infusão de melissa, mas deve saber que seus efeitos não são permanentes. Com o tempo, perderá suas propriedades e já não fará efeito, por mais que siga tomando.

— Como sabe... ? — Mae não se voltou ao formular aquela pergunta, que ficou suspensa no ar.

— Como sei que está utilizando as propriedades dessa erva para evitar que se lembre? — terminou a frase — Conheço muito bem o significado e as aplicações de todas as ervas conhecidas, inclusive de algumas que já não existem. Quando a vi alguns dias, preparando aquela poção, soube desde o primeiro momento porque o fazia. Quanto tempo leva administrando a

erva do esquecimento?

— Desde que a conheci, mais de um ano.

— E o que sabe a moça?

Mae se enfrentou a outra anciã. Já não tinha motivo para ocultar a verdade, ao menos parte da verdade que ela estava tentando esconder. Cailleach sabia mais do que aparentava. Com suas perguntas, simplesmente a estava sondando.

— Na realidade, muito pouco. Quando a encontramos, nem ela mesma recordava quem era, teve um golpe forte na cabeça, com certeza a causa de sua perda de memória. Mas ouvi seus sonhos e me assustei com o que escutei, por isso comecei a dar-lhe a infusão. Só posso afirmar com segurança que essa moça vem de um lugar muito longe, embora tenha medo de expressar em voz alta minhas suposições. Seria algo muito louco.

— Não tem por que. O que a simples vista pode nos parecer ilógico e incrível talvez esconda uma grande verdade. Tem razão ela vem de um lugar muito distante, de um lugar onde a mente racional jamais imaginaria que pudesse existir. Por essa razão é necessário conseguir que esqueça definitivamente seu passado; por seu próprio bem e pelo de todos que a rodeiam. Além disso, se não fizermos nada, a qualquer momento poderia começar a recordar. Precisamos evitar que isso aconteça.

Mae não estava segura de querer perguntar, mas as palavras surgiram de sua boca como uma torrente.

— Você teve alguma coisa a ver com o aparecimento de lady Chloe?

Cailleach não respondeu. Limitou-se a observar com intensidade a outra anciã e a sabedoria que se refletia em seus olhos deu a Mae a resposta que esperava.

— Para fazê-la esquecer de qualquer recordação passada e evitar assim que coloque em perigo sua vida e a dos demais, devemos trabalhar de outra forma. Mae Campbell, — perguntou Cailleach com voz solene — estaria disposta a me ajudar, agora que temos tempo?

Mae moveu a cabeça afirmativamente e Cailleach sorriu.

— Bem, faremos esta mesma noite. Só preciso de algum objeto de sua propriedade que tenha vindo desse passado que queremos que ela esqueça. Teria algum pertence dela que corresponda a essa descrição?

Mae pensou durante alguns momentos e depois assentiu.

— Não sei se servirá, mas ainda tenho as estranhas roupas que levava quando o jovem Davie a encontrou.

— Servirão. Traga-me e fecharemos para sempre essa porta que a une a seu passado. Espero-te em meus aposentos.

Alguns minutos depois, Mae entrou no quarto de Cailleach levando entre as mãos umas peças de tecidos enrugadas. A habitação estava na penumbra e no ar tinha um penetrante odor de incenso que lhe provocou uma profunda cócega no nariz. A anciã estava sentada frente a uma mesa onde havia seis velas, três de cor branca e três pintadas de negro, colocadas em forma de triângulos opostos, formando a estrela de David. No centro da estrela tinha disposto uma tigela de estanho de grandes dimensões.

Sem dizer nada, Cailleach estendeu as mãos para que Mae

fizesse a entrega das roupas. Em seguida, começou o ritual. Primeiro acendeu as velas brancas e, em seguida, fez o mesmo com as negras. Depois com muito cuidado, passou as roupas de Chloe por cima de uma vela branca e outra negra, conseguindo assim que a chama pegasse no tecido. Quando isto ocorreu, deixou as roupas no interior do recipiente, lançou uns espinhos de rosas no fogo que tinha criado e começou a falar.

— Espinhos do passado apaguem velhas recordações. Espinhos do passado, jogue-os ao esquecimento. Que a partir de agora, o proprietário destes objetos seja vítima do esquecimento, aquelas recordações que precederam sua chegada até nós. Que a nova vida que forjou aqui floresça como uma bela rosa, que o passado desapareça neste momento. Assim será, pois esta é minha vontade e essa, a realidade.

Em completo silêncio, as mulheres esperaram até que as velas se consumissem de tudo. Cailleach permanecia com os olhos fechados, como se estivesse em transe, meditando e enfocando suas energias naquele ritual. Tempos depois, quando tudo tinha acabado, abaixou a cabeça e murmurou com satisfação.

— Está feito. Agora, seu passado deixou de existir para sempre.

A intensa dor que Chloe sentiu em seu ombro era brutal, mas o que a despertou foi a tênue pressão de uma mão grande e quente que repousava suavemente sobre um de seus antebraços. Não precisou abrir os olhos para saber que Cedric estava ali, junto dela, guardando seu descanso. Podia notar

sua presença.

Recordava que Gideon a tinha ferido com gravidade. Recordou o instante que aquela afiada espada atravessou sua pele e sua carne, a dilacerante dor que a levou a cair em um estado de semiconsciência, onde deixou de sentir seu próprio corpo para encontrar-se flutuando em uma nebulosa densa e opressiva, na qual podia ouvir tudo que se dizia a seu redor, mas era incapaz de reagir. Entretanto, durante um breve espaço de tempo, pode reconhecer o rosto de Jonas. Não sabia se tinha sido uma alucinação, produto de seu deplorável estado de saúde, mas teve força suficiente para dizer a ele que levasse Cedric até seu filho. Estava certa de que iria morrer e não queria partir sem reparar o mal que ela tinha ocasionado com sua última mentira. Tinha que fazer Cedric recuperar seu filho, isso lhe devia depois de todas as mentiras que tinha tecido a seu redor.

Agora que já não acreditava mais que iria morrer, entrou em um mar de dúvidas. Tinha recuperado Cedric finalmente a Sean ou, pelo contrário, aquela imagem não tinha sido real e tinha imaginado tudo? Neste caso teria que avisar Mae o quanto antes.

Desconhecia quanto tempo estava deitada naquela cama e se ninguém tinha informado de seu estado à anciã, estaria morta de preocupação. Porém, acreditava tê-la reconhecido na noite anterior, em meio a seus delírios, junto à outra anciã cuja identidade desconhecia, enquanto trabalhavam para acalmá-la e aplacar seu sofrimento.

Também temia a reação de Cedric. Saber pela boca de

Gideon que seu filho estava vivo o fez baixar suas defesas e, aquela foi à causa que levou seu irmão a feri-la. Não conseguia tirar da cabeça o olhar de reprovação com que Cedric a fulminou, ela pode observar toda a dor e aflição por ter sido enganado mais uma vez. Duvidava que a perdoasse depois daquilo.

Estava muito assustada, mas não podia esperar mais por este último enfrentamento. Abriu lentamente as pálpebras, até que seus olhos se acostumaram com a intensa luz que entrava pela janela. Quando enfocou a vista a frente, a primeira coisa que viu foi o rosto de Cedric que, maravilhado, a contemplava com seus maravilhosos olhos verdes, abertos de par em par. Ainda que neste momento o homem mostrasse um imenso alívio e sua expressão era relaxada, em seu semblante tinha sinais de preocupação, igual seu desalinhado aspecto. Seu cabelo amassado, no rosto uma barba de vários dias e sua enrugada camisa evidenciavam várias noites de vigília. Ao que parecia, não tinha saído do seu lado por muito tempo.

— Chloe, meu amor... — disse com voz quebrada.

— Cedric... — ela aproximou sua mão até o queixo áspero de Cedric e ele se apoiou reverencialmente sobre sua palma, com uma expressão de infinito amor.

— Acreditei que tinha te perdido... acreditei que... oh, louvado seja o senhor! — Cedric teve que refrear o irresistível impulso de abraçá-la contra seu peito e demonstrar sua felicidade, ao saber que finalmente, ela viveria. Não queria causar danos a sua ferida tão recente. De qualquer modo, não pode evitar pegar suas mãos — Chloe, tenho que falar contigo.

Não posso deixar passar essa última oportunidade que Deus me concedeu. Preciso que me escute.

— Onde está Sean? — antes de mais nada, tinha que confirmar que seu filho não corria perigo. Desconhecia qual tinha sido o destino de Gideon, mas podia lembrar sua ameaça de fazê-lo desaparecer quando ela lhe disse que ele estava vivo. Teve um calafrio por todo o corpo só em pensar que esse lunático poderia tocá-lo — Cedric, foi buscá-lo? Esta bem? Responde-me. — Chloe estava tão preocupada que se aferrou com força a camisa do homem, exigindo uma resposta imediata.

— Sim, meu amor, o menino está bem. Faz quatro dias que o trouxeram aqui e pude por fim conhecê-lo. É perfeito, um autêntico presente do céu e se parece tanto contigo... — comentou com os olhos risonhos — agora mesmo deve estar com Mae, assim que não se preocupe com ele. Chloe temos que falar...

— Eu... preciso ir agora mesmo... — Fez gesto de se levantar, mas Cedric não permitiu.

— Espera Chloe, por favor. — suplicou.

— Não, preciso ir...

Seus maiores temores tinham se feito realidade. Chloe queria sair de seu lado, mas ele devia tentá-lo uma vez mais. Não podia deixá-la ir sem confessar tudo que sentia. O medo de perdê-la foi tão forte que quase o deixou sem respirar, mas obrigou a si mesmo a fazer um último esforço de valentia. De seus lábios saiu uma sincera e humilde súplica nascida do mais profundo de seu coração.

— Chloe, não me deixe. Por favor, meu amor, dá-me uma última oportunidade. Sei que não tenho direito a pedir isso, não depois de tudo que te fiz sofrer, mas ainda assim, eu peço; por favor, fica comigo.

— Cedric, não...

— Deixe-me terminar de falar, porque se me interromper para dizer que não quer mais nada comigo, embora seja o certo, vou morrer sob o peso de seu rechaço.

Cedric pousou com delicadeza um de seus dedos sobre os lábios de Chloe, implorando-lhe deste modo silêncio — Tenho que te pedir perdão por muitas coisas, tantas que vou precisar toda uma vida para fazê-lo. Desde que te conheci, comportei-me como um completo néscio. Não só te acusei injustamente de algo que era totalmente inocente, ainda fui mais além e tentei por todos os meios te dobrar e anular seu caráter. Não parei ante nada, não tive nenhum escrúpulo na hora de te castigar com aquilo que você mais tinha medo. Aproveitei-me de você, utilizei seus mais escuros desejos para meu próprio benefício e, não contente com isso, depois te tratei de um modo execrável quando descobri que estava grávida e tinha me ocultado a paternidade de meu filho. Naquele momento estava louco de ciúmes e profundamente ressentido por seu abandono, e isso foi o que fez com que agisse de forma tão ruim. Sei que meu comportamento é imperdoável, sei que não tenho nenhuma justificativa, mas me permita levar a cabo a penitência de implorar mil vezes perdão todos os dias que me restarem de vida, pois o farei com gosto se estiver ao meu lado, se me permitir, de agora em diante, me dedicarei única e

exclusivamente a compensá-la por todo o dano que te causei e te demonstrarei que você é a única coisa que me importa nesta vida.

Chloe não conseguia acreditar que Cedric estivesse ali, diante dela, suplicando perdão. Não entendia a mudança que tinha operado nele, embora a encheu de satisfação descobrir que não estava bravo com ela por ter mentido sobre Sean. Nem por essa razão nem por nenhuma outra. Limitava-se a expressar seu profundo pesar por todo o ocorrido, desculpando-se com ela e rogando, com uma humildade até então desconhecida nele, que o perdoasse.

De qualquer modo, intuía que ele queria dizer mais alguma coisa, algo muito importante que ela estava a algum tempo esperando escutar, mas desejava ouvi-lo dizer de sua própria boca.

Precisava escutá-lo para se convencer de que não eram só tolas suposições estúpidas de uma tonta apaixonada como ela, embora tivesse a reveladora certeza de que, com essas palavras, Cedric estava lhe abrindo de par em par todas as portas de seu coração.

— Cedric, porque faz isso? Que pretende conseguir com essas palavras? Porque agora, depois de tudo que aconteceu entre nós, reconhece afinal que se equivocou?

Um músculo de seu queixo tremeu de modo incessante quando Cedric se fixou na expressão severa e incrédula que ela tinha, mas ainda assim, respondeu com profunda segurança:

— Porque te amo, maldita seja. Amo-te com tal intensidade que todas as fibras de minha pele estremecem ante um simples

roçar de sua mão e meu peito bate deslucado cada vez que meu nome saí de seus lábios. Sua lembrança me persegue dia e noite, sem me deixar nenhum só momento de descanso quando não te tenho próxima a mim. Meu coração esteve morto quando acreditei que te apagavas para sempre, mas voltou à vida no mesmo instante em que seus olhos abriram de novo e me vi refletido em seu insondável oceano. É minha vida, minha força e sem você me sinto vazio. Nunca pensei que a razão para minha existência poderia depender de ser merecedor do seu amor, mas já não encontro sentido em nada se você não me corresponder da mesma forma. Minha alma sangra só em pensar que pode se afastar de mim outra vez, que me abandone para sempre, porque o mais longe que quero estar de você é a seu lado. Se partir, me destruirá.

Chloe não cabia em si de tanta felicidade. Jamais acreditou que chegaria esse dia, mas, afortunadamente para ela, tinha se equivocado. Cedric acabava de confessar seu amor de uma forma tão sincera a apaixonada que seu coração deu um salto de puro júbilo, e suas faces se inundaram com uma torrente de lágrimas descontroladas, lágrimas de imensa alegria. Amava-a! Sentiu uma enorme vontade de gritar aos quatro ventos para que todo mundo soubesse, mas em vez disso, limitou-se a sorrir e devolver um olhar saudosos.

— Chloe, agora que te disse, não posso parar de repetir. Amo-te tanto... só sua presença consegue que meu mundo se encha de otimismo e minha alma rejuvenesça. — Cedric levantou a vista para o rosto da mulher e se sentiu cheio de alegria quando viu sua expressão risonha — E, se me sorri

como está fazendo agora mesmo, meu coração estala em mil pedaços de felicidades.

— Cedric... — ela não pode mais se conter e se lançou para ele, chorando como uma menina pequena. Cedric a acolheu em seus braços com uma ânsia demolidora, enquanto sua boca impaciente buscava a de Chloe para fundirem-se em um beijo carregado de amor e de esperanças renovadas. Aquele beijo simbolizava o começo de uma nova etapa em suas vidas, ele fechou definitivamente uma porta que tempos atrás teria que ter sido trancada.

Cedric enxugou as lágrimas de Chloe com os dedos e os lábios até que seu rosto não ficou traços de umidade. Saboreou com a língua o gosto salgado de sua pele, porque queria apagar para sempre de seu rosto, qualquer vestígio de amargura ou sofrimento. A partir de agora, em seu mundo só teria risos, não queria voltar a ver um gesto de tristeza e pesar em seu semblante, neste rosto que tanto amava.

Estiveram se beijando, acariciando-se e redescobrendo-se mutuamente até que ficaram sem ar. Uma e outra vez expressaram com palavras tudo que sentiam, repetindo até a saciedade o amor que professavam e tão estupidamente tinham ocultado.

Tempos depois, quando a paixão do momento deu lugar a uma sublime calma e seus corpos abraçados confirmaram a culminação dessa terna reconciliação, Chloe aproximou seus lábios ao ouvido de Cedric e ronronou com voz insinuante:

— Bom... suponho que não será ruim se for um pouco mais tarde. Depois de tantos dias, acredito que poderá esperar

uns minutos mais.

— Bem, — murmurou ele com satisfação. Entretanto, no instante seguinte reagiu como se movido por uma mola e, alarmado, elevou o tom de voz — um momento, aonde você irá? A quem se refere com isso de que poderia esperar alguns momentos a mais?

— Queria ver Sean, meu filho... nosso filho. — arrumou — Faz muito tempo que não o tenho entre meus braços. Onde pensava que eu iria? — perguntou com malícia.

— Acreditei que... eu... vem aqui, minha pequena e pérfida esposa. Eu farei com que tragam nosso filho. Não vou permitir que saía desta habitação durante dias. Que digo, dias! Durante meses... — disse — vou tê-la aqui dentro, fazendo amor uma e outra vez, até que compreendas tudo que me fez sofrer em sua ausência. Então, e só então, talvez se tiver esquecido o motivo pelo qual penso em não deixá-la sair. De qualquer forma, quando chegar esse momento inventarei outro motivo para continuar mantendo-a fechada, porque me nego a deixar de desfrutar de você a qualquer hora do dia ou da noite.

— Cedric Duncan, isso é uma ordem? — perguntou Chloe com o cenho franzido.

— Não, meu amor, — os lábios de Cedric se curvaram em um sorriso petulante — é uma promessa.

EPILOGO

— Cedric.

— Sean.

— Cedric.

— O menino se chama Sean, e me dá igual o que diga. Como se todos seus antepassados tenham se chamado assim. Não penso trocar o nome por mais que insista. — declarou com decisão.

— Mulher, é exasperante... não vê que amanhã é o batizado e ainda não nos colocamos em acordo?

— Não tenho porque me por de acordo contigo nisto. É assim simples.

— Olha como é teimosa, — resmungou ele — esta bem, será como você diz, embora ainda não entendo porque o chamou assim.

— A você parece melhor que chamem ao menino Cedriquito? A mim, como a todos, esse diminutivo provoca risos. Não quero que as outras crianças burlem dele.

— Qual o problema com esse diminutivo? — perguntou Cedric, claramente ofendido.

— Não acho nada estranho. Além disso, meu filho saberá

se defender de qualquer um que pretenda ridicularizá-lo. — assegurou com orgulho.

— Espera... — Chloe observou a expressão contrariada do rosto de seu esposo e seus lábios começaram a formar um tímido sorriso que, pouco a pouco foi aumentando — quando era pequeno, chamavam-lhe assim, verdade? — afirmou mais que perguntou.

Como resposta, ele soltou um sonoro bufo e lhe deu as costas, completamente emburrado. Chloe não conseguiu mais se segurar e rompeu em gargalhadas para maior vergonha de Cedric, que pagou sua frustração socando um forte golpe em um tronco que tinha no caminho.

— Agora entendo muitas coisas, — comentou ela divertida. Estava rindo tanto que teve que se dobrar para aguentar as pontadas que sentia na boca do estômago — não estranho que seu humor seja tão ruim e desagradável se os meninos zombavam de seu nome. Foi aí que começou a prática de torturas? Amordaçava-os e os encadeava como vingança por conta das zombarias?

Cedric girou para ela e a fulminou com um olhar de advertência.

— Está bem, está bem... — ela levantou as palmas da mão em sinal de rendição, embora ainda não tivesse deixado de rir — olha, vamos fazer uma coisa — propôs, dialogando — amanhã, no batizado, colocaremos no menino esses dois nomes, Sean Cedric, mas precisa me prometer que sempre o chamaremos de Sean. Como pode ver, posso ser bem tolerante, “Cedriquito”...

— É uma víbora... — Cedric se lançou sobre Chloe com uma expressão de férrea determinação e a carregou nos ombros com a clara intenção de fazê-la pagar muito caro pela zombaria. Estava disposto a lhe dar alguns açoites por sua ousadia, mas nem bem a tinha recolhido pelas nádegas, seus dedos se perderam nas sinuosas curvas e seu genuíno enfado ficou esquecido em segundo plano. Cada vez que lhe punha as mãos encima, esquecia-se de tudo, exceto desse corpo quente e voluptuoso que o deixava louco.

Fazia uma semana que tinham abandonado a Escócia para passar o natal com Andrew e Leah no castelo de Lentonhouse, na Inglaterra. Ela teria gostado de ir antes, mas Cedric não lhe permitiu sair de seus aposentos privados durante três longas semanas e tiveram que passar outras tantas para convencê-lo que estava em perfeito estado para viajar.

Quando Chloe soube que seu amigo Jonas era na verdade Andrew, o irmão mais velho de Cedric, ficou impressionada. No começo não acreditou no seu esposo, mas este, com infinita paciência, explicou todas as circunstâncias que o tinha levado a tecer aquela grande mentira. Chloe teve que reconhecer que tinham agido com muita inteligência. Entretanto, não pode evitar lançar a cara que não era a única que sabia mentir ali e o recriminou por tê-la acusado de vários enganos, quando ele não ficava nada atrás.

Ao chegar a Lentonhouse, foram recebidos com muita alegria. Nem bem tinham desmontado de seus cavalos, Andrew impaciente, arrastou-os ao interior do castelo para apresentar-

lhês, com claro orgulho paterno, sua filha Alyssa. Porque era sua filha. Um simples olhar a esse rosto redondo com olhos castanhos verdosos não deixava a mínima dúvida sobre a paternidade da menina. Além disso, com um sorriso exultante, Leah revelou que a menina tinha nas costas a mesma marca de nascimento como forma de lua que tinha seu esposo. Aquela notícia os deixou plenos de felicidade, embora Andrew deixasse bem claro que, de qualquer modo, para ele era sua filha desde o momento em que Leah era sua Mãe.

Durante esta última semana tiveram muito tempo para colocar os assuntos em dia. Cedric informou seu irmão, que fazia uma semana tinha enviado uma missiva urgente à corte do rei Jaime, onde explicava como todos os detalhes o acontecido com Gideon. Além disso, incluiu um aparte com a renúncia expressa por parte de Chloe das posses pertencentes ao conde de Tempton e solicitava que fossem devolvidas imediatamente a seu legítimo dono. Leah, com lágrimas nos olhos, agradeceu profundamente aquele gesto tão altruísta e lhe deu um forte abraço. Ambos os casais tinham decidido batizar seus filhos no mesmo dia, dois dias antes do natal. Quando Andrew e Leah pediram a Cedric e Chloe que fossem os padrinhos da pequena Alyssa, estes, visivelmente agradecidos por seu oferecimento aceitaram com gosto. No caso de Sean, os padrinhos seriam Mãe e lorde Lambert, embora Chloe tivesse dúvidas de que o ancião aceitasse o convite.

Na verdade, o Conde não só tinha aceitado, mas sim que se sentiu profundamente honrado. Estava muito feliz por sua visita, apesar de que seu semblante revelava um grande

sofrimento. Tinha Tinha chegado nele os rumores verdadeiros do complô perpetrado por Gideon, o qual teve a participação de Damon. Foi muito duro saber que seu filho mais velho tinha sido responsável involuntário da morte de Davie, mas o que mais lhe doía era não ter notícias suas desde a noite na qual Cedric foi reclamar sua esposa. Tinha desaparecido da face da terra, e ainda que lorde Lambert não pudesse esquecer aquela traição por parte de Damon, também não lhe guardava rancor.

Estava certo que seu filho tinha se afastado dele por medo das represálias, além da vergonha que tinha por seus atos. De qualquer forma, não queria morrer sem tê-lo visto uma vez mais. Precisava dizer que o tinha perdoado, que seu erro tinha sido enorme, mas que, antes de tudo, era seu filho e o amava acima de qualquer outra coisa.

Estiveram conversando até bem avançada à manhã, embora o menino fosse quem mais recebeu a atenção do ancião. Lorde Lambert não parou de brincar com o pequeno em seus braços, enquanto seus pais não faziam mais que lhe recordar que tinham que regressar a Lentonhouse até a hora do almoço. O conde se negava reiteradamente de que fossem tão rápido, apesar de Chloe ter explicado várias vezes que no dia seguinte voltaria a ver Sean no batizado. Afinal, o casal não teve mais remédio que deixar o menino aos cuidados dele enquanto davam uma volta pelos arredores.

O vento gelado de finais de dezembro soprava com força na ladeira próxima ao castelo, mas Chloe era imune ao frio. Levava sobre seus ombros uma capa feita com pele de arminho que Cedric a tinha presenteado na tarde anterior, e não pode

menos que sorrir ao passar as mãos por aquela pele tão macia e recordar como seu esposo a tinha conseguido meses atrás. Naquela época, ela não sabia, mas ele tinha ordenado confeccionar com os arminhos que tinham caçado em sua última saída com os falcões. Tinham estado guardadas durante meses em Lentonhouse, até que Cedric se lembrou de sua existência e a entregou.

Homem e mulher passeavam de mãos dadas, em completo silêncio, sem necessidade de palavras. Os gestos de cumplicidade que tinham entre eles diziam tudo. Quando chegaram à entrada do bosque, decidiram entrar na mata, longe dos olhares indiscretos dos guardas que guardavam as muralhas, para assim terem um pouco de privacidade.

Caminharam por aquelas paragens tão tranquilas até que Chloe, com um sorriso pícaro, puxou o braço de seu esposo, indicando que queria descansar um pouco aos pés de um carvalho.

Ele não se fez de rogado. Sentou-se no chão, apoiou suas costas na árvore e acolheu o corpo da mulher entre seus braços enquanto pousava seus lábios nos dela, com um terno beijo carregado de intenções. A ternura se converteu em paixão, mas, para surpresa de Cedric, Chloe se afastou dele e começou a procurar algo entre as pregas de sua capa.

— O que está fazendo? — resmungou por aquela interrupção.

— Procuro minha adaga.

— Mulher, agora não te provoquei, assim que não vejo necessidade de me ameaçar com sua arma.

— Cale-se e espera. — ordenou Chloe com voz autoritária. Como Cedric a olhou com gesto contrariado, começou a explicar — Não sei por que razão desconhecida, agora mesmo sinto a necessidade de fechar um ciclo, de unir os anéis do tempo que faltavam. Agora verá.

Cedric observou intrigado o que sua esposa se dispunha a fazer. Chloe saiu para o lado, cavou durante alguns instantes e depois começou a traçar umas marcas no tronco da árvore. Quando terminou, voltou a se apoiar no peito de seu marido e afirmou com voz satisfeita:

— Está feito.

Cedric deu a volta e examinou com olho crítico o trabalho realizado. Sobre o tronco do carvalho podia se ler com clareza “MDCXXI. Um amor que perdurará eternamente ao longo do tempo. D & C”.

— D? Porque escreveu “D”? — perguntou.

— Acaso não é a primeira letra de seu nome? — respondeu ela com fingida inocência.

Chloe viu a expressão tosca de seu esposo ao escutar essa forma de nomeá-lo, e uma borbulhante gargalhada brotou de sua garganta — Lorde Duncan, fico encantada de ver sua cara quando o chamo assim.

— Pequena víbora... — Cedric grunhiu enquanto a tombava sobre a erva fresca — como gosta de me provocar! Muito bem, você pediu por isto. Vou fazer amor tantas vezes e de tantas formas diferentes que vai esquecer qualquer outro nome que não seja o meu. Far-lhe-ei gritá-lo uma e outra vez até que fique gravado a fogo em sua dura cabeça. Quero ouvir dizer

meu nome acordada, quando fizermos amor e minhas mãos estiveram percorrendo seu corpo até a exaustão. Mas, sobretudo, quero ouvi-la dizer quando estiver dormindo, porque então saberei que todos seus pensamentos, até os mais escondidos em sua mente, estão dirigidos única e exclusivamente a minha pessoa. Vou te amar até que fique sem ar, mas seu último ar será para mim. E assim ele cumpriu.



Notas

[←1]

Aquele cujos pés não toque o chão e voe como ave de rapina, aquele que em seu corpo leve o sagrado vínculo com os carvalhos; aquele cujo coração rasgado tenha conseguido que sua vida seja estéril, tanto que não se importe em romper com tudo; aquele que virá liberar-nos através do tempo e do espaço, e graças a seus atos, receberá justa penitência quem traiu o seu próprio sangue.

[←2]

Mandíbula prognáticas: mandíbulas salientes. O prognatismo é uma deformação da mandíbula a qual, na parte superior e na parte inferior, sobressai dos lados do rosto (N. de la A.)

[←3]

“aquele cujo pé não toque o solo e voe como ave de rapina, aquele que em seu corpo leve o sagrado vínculo com o carvalho, aquele cujo coração rasgado tenha conseguido que sua vida seja estéril, tanto que não se importe em romper com tudo, aquele que vira liberar-nos através do tempo e do espaço, e graças a seus atos, recebera justa penitencia quem traiu o seu próprio sangue”.

[←4]

Em gaélico: “feroz quando despertava” (N. de lá A.)